

Agustín Bernaldo Palatchi

O ANEL DO MAGNÍFICO



UMA JOIA RARA E MISTERIOSA

UMA SOCIEDADE SECRETA DE FANÁTICOS RELIGIOSOS

UM SEGREDO MILENAR QUE PODE MUDAR O MUNDO,
A VIDA DOS HOMENS E O DESTINO DOS ANJOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O ANEL DO MAGNÍFICO

Agustín Bernaldo Palatchi

O ANEL DO MAGNÍFICO

Uma Joia Rara e Misteriosa Uma Sociedade Secreta de Fanáticos Religiosos Um
Segredo Milenar que Pode Mudar o Mundo, a Vida dos Homens e o Destino dos
Anjos

Tradução

Gilson César Cardoso de Sousa



JANGADA

Título do original: *La Alianza del Converso*.

Copyright © 2010 Agustín Bernaldo Palatchi.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiará Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Estela A. Minas

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Nilza Agua e Yociko Oikawa

Produção de ebook: S2Books

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P181a

Palatchi, Agustín Bernaldo

O anel do magnífico: uma joia rara e misteriosa; uma sociedade secreta de fanáticos religiosos; um segredo milenar que pode mudar o mundo, a vida dos homens e o destino dos anjos / Agustín Bernaldo Palatchi; tradução Gilson César Cardoso de Sousa. – 1. ed. – São Paulo: Jangada, 2013.

Tradução de: *La Alianza del Converso*

ISBN 978-85-64850-47-7

1. Ficção espanhola. I Sousa, Gilson César Cardoso de. II. Título.

13-02123

CDD-863

CDU: 821.134.2-3

1º edição digital - 2013
ISBN: 978-85-64850-50-7

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

A Raquel. Graças à sua inspiração, o romance
soube encontrar seu caminho.

A minha mãe. Sem ela, nada teria sido possível.

A Francesc, um homem tão generoso
que dele só se pode esperar o melhor.

Lista de personagens

Lorenzo de Médici

Dotado de extraordinário carisma e múltiplos talentos, governou a república de Florença com autoridade maior que a de um rei. Poeta admirado pela sofisticação de seus versos, ele fomentou o comércio em vez da espada e foi protetor dos artistas mais brilhantes da época.

Leonardo da Vinci

Criador e gênio universal renascentista muito adiante de seu tempo, as asas de sua mente planaram com o mesmo entusiasmo sobre as artes e as ciências. Pintor, engenheiro, músico, inventor e muito mais. Suas obras são o reflexo mais notável de seu pensamento brilhante e eclético.

Marsílio Ficino

Sacerdote, médico, filósofo e a alma da Academia Platônica, onde se reuniam as mentes mais ilustres de Florença. Traduziu o *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto e os *Diálogos* de Platão. Reintroduziu a antiga sabedoria no universo cristão.

Pico della Mirandola

Prodigioso erudito de berço nobre e pioneiro na defesa da liberdade humana, ousou desafiar Roma proclamando que as grandes religiões – egípcia, judaica, grega e cristã – compartilhavam as mesmas verdades fundamentais.

Girolamo Savonarola

Frade asceta e visionário, impôs sua vontade a Florença. Seu ódio pela vaidade feminina, pelos sábios da Antiguidade, pela música festiva, pelo luxo fútil e pelos corpos desnudos exibidos em esculturas e quadros transformou a cidade por completo.

Cristóvão Colombo

Um dos personagens mais conhecidos e estudados da História. Apesar disso, persistem numerosas incógnitas sobre sua vida pelo fato de o grande navegador ter ocultado suas origens e os verdadeiros motivos que nortearam suas ações.

Abraão Abulafia

Influente cabalista aragonês do século XIII, viajou pela Galileia, Sicília e Grécia antes de se estabelecer em Barcelona. Manteve proveitosos contatos com as tradições orientais, inclusive a sufi, e suas obras gozaram de grande prestígio na península itálica.

Outros personagens históricos

Francesco Pazzi

Impulsivo e carismático membro da nobre família Pazzi, suas enormes riquezas e seus influentes contatos rivalizavam com os da família Médici.

Jacopo Pazzi

Patriarca dos Pazzi.

Francesco Sassetti

Diretor-Geral do Banco dos Médicis.

Bernardo Rucellai

Banqueiro e humanista, casado com Lucrecia de Médici, irmã de Lorenzo.

Piero de Médici

Filho primogênito de Lorenzo, não herdou nenhum dos talentos do pai.

Giovanni de Médici

Segundo filho de Lorenzo, diplomático e inteligente, chegará a ser papa com o nome de Leão X.

Personagens de ficção

Mauricio Coloma

Filho único de um comerciante de Barcelona, seu mundo vem abaixo quando o pai, antes de ser executado, lhe revela inquietantes segredos de família. Obrigado a fugir, viajará para Florença na esperança de vender um curioso anel a Lorenzo de Médici.

Lorena Ginori

Jovem e impetuosa florentina, foi condenada a se casar com um homem que lhe causa repugnância. Francesco, seu pai, de modo algum consentiria que os sentimentos da filha impedissem um matrimônio tão conveniente para a ascensão social da família.

Luca Albizzi

Nobre ambicioso arruinado, anseia por recobrar a grandeza perdida de seu nome e ser o punhal que vingará a honra da família, arrebatada quando os Médicis expulsaram seus antepassados de Florença.

Cateruccia

Comprada como escrava por ocasião do nascimento de Lorena, é bem mais que uma criada exótica oriunda do Mar Negro, pois, graças aos seus esmerados cuidados, conquistou um lugar no coração dos Ginori.

Galeotto Pazzi

Membro da nobre família Pazzi.

Bruno

Vivaz assistente do diretor da Távola dos Médicis, em Florença.

Pietro Manfredi

Proeminente mercador florentino, oculta inúmeros segredos por trás de uma fachada elegante.

Sofia Plethon

Filha de Gemisthos Plethon, um dos eruditos que conseguiram fugir para Florença antes da conquista de Constantinopla pelos turcos.

Francesco Ginori

Comerciante abastado, marido de Flávia e pai de Lorena.

Flávia

Distinta dama florentina, esposa de Francesco e mãe de Lorena.

Maria Ginori

Irmã mais nova de Lorena.

Alessandro Ginori

Irmão mais velho de Lorena.

Elias Levi

Rabino de grande prestígio.

Michel Blanch

Não se pode revelar nada sobre esse personagem, sequer se haverá sua presença.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[Lista de personagens](#)

[Primeira Parte](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[67](#)

[Segunda Parte - \(1492-1498\).](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[79](#)

[80](#)

[81](#)

[82](#)

[83](#)

[84](#)

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

[109](#)

[110](#)

[111](#)

[112](#)

[113](#)

[114](#)

[115](#)

[116](#)

[117](#)

[118](#)

[119](#)

[120](#)

[121](#)

[122](#)

[123](#)

[124](#)

[125](#)

[126](#)

[127](#)

[128](#)

[129](#)

[Terceira Parte - 1498](#)

[130](#)

[131](#)

[132](#)

[133](#)

[134](#)

[135](#)

[136](#)

[Epílogo - 1500-1503](#)

[137](#)

[138](#)

[139](#)

[PRÓXIMOS LANÇAMENTOS](#)

PRIMEIRA PARTE

Cardona, 3 de abril de 1478

- *M*inha vida foi uma sucessão de erros, e amanhã morrerei. Seu filho só compreendeu o verdadeiro significado dessas palavras muitos anos depois. Acontece que a verdade era terrível demais para que Mauricio Coloma pudesse aceitá-la tranquilamente. Encarcerado naquela claustrofóbica e malcheirosa cela do castelo de Cardona, o pai parecia a imagem viva da derrota, da amargura e do sofrimento.

A tortura, supôs Mauricio, é que o reduzira a tão lastimável condição. Havia lhe raspado a cabeça, deixando o crânio coberto de crostas ressequidas, estriadas de sangue. O nariz fraturado obrigava-o a respirar pela boca; e, quando queria falar, engasgava com as próprias palavras. A mandíbula deslocada e o rosto inchado desfiguravam completamente sua expressão. Apenas os olhos claros lembravam o homem que ele havia conhecido, mas mesmo esses brilhavam com uma intensidade muito maior que a habitual, como se quisessem consumir a atenção do filho único naqueles instantes em que até a morte devia esperar.

Na semana anterior, Pedro Coloma, seu pai, fora ao castelo de Cardona para requerer o pagamento de uma considerável encomenda de tecidos. Durante sua estadia na fortaleza, o conde de Cardona apunhalou um arauto do rei depois de uma violenta discussão regada a vinho em excesso. O caso não afetaria um modesto proprietário de teares em Barcelona... se ele não tivesse presenciado o assassinato. Eleito bode expiatório em tão inoportuna circunstância, Pedro Coloma foi acusado de perpetrar o crime com a intenção

de fomentar uma nova revolta dos *remensas*, os servos da gleba cujas justas reivindicações já tinham provocado dez longos anos de guerra civil. Assim, com mais essa morte, o irascível conde de Cardona pretendia livrar-se ao mesmo tempo da fúria do rei e da antiga dívida contraída com Coloma.

– Tem de haver algum meio de evitar sua execução! – exclamou Mauricio, como se meras palavras pudessem impedir o inevitável.

Devastado por uma dor excruciante que lhe aguilhoava a alma como se essa fosse um farrapo, consumido pelo fogo abrasador que ardia triunfante entre as fissuras de sua impotência, abalado pelo terremoto de emoções que lhe toldava o entendimento como se uma explosão de pólvora houvesse destroçado sua cabeça, Mauricio mal se conformava com a ideia de não poder ajudar a quem tanto queria. A mãe, única mulher que o pai amara, morrera ao dá-lo à luz; e Mauricio, em seu foro íntimo, sentia que não cumprira jamais as esperanças nele depositadas. E agora, quando o pai mais necessitava de sua ajuda, ele falhava novamente.

– Meu filho, você já tem 21 anos. Em sua infância, permiti que a paixão pelos livros fosse o refúgio de uma realidade da qual você preferia não encarar. Porém o tempo de sonhar acabou.

A censura do pai sacudiu bruscamente sua consciência, dissolvendo aquela espécie de neblina que, como uma muralha, sempre o protegera do contato direto com as emoções mais perturbadoras, aquelas que ele não desejava enfrentar. Fugir da angústia submergindo-se nas brumas da imaginação já não era possível. O olhar do pai, duro e firme, o impedia de fazer isso.

– Quando você sair desta cela, confessarei o crime que não cometi – declarou Pedro Coloma. – Ninguém consegue suportar a tortura prolongada, infligida sem piedade. Se até agora resisti, foi pelo desejo irredutível de me encontrar com você. Tive de prometer-lhes que, em troca, assumiria a culpa, pois me negavam até o direito de vê-lo pela última vez. Por isso, escute-me com a máxima atenção, já que temos pouco tempo. Amanhã, ao nascer do sol, serei executado por alta traição. Além de tirar minha vida, vão confiscar todos os meus bens. Por isso, você ficará na miséria e será obrigado a viver como um mendigo, a menos que siga ao pé da letra minhas instruções.

Na mente de Mauricio não havia lugar para preocupações com as incertezas do futuro. Órfão de mãe e sem irmãos, devia tudo a quem desde os primeiros anos cuidara dele com carinho, paciência e afeto. Caso fosse possível, não hesitaria em tomar o lugar do pai, pois desejava unicamente a salvação de

quem ainda tentava orientá-lo do fundo do poço de amargura que o destino lhe reservara como derradeira morada. Entretanto só o que podia fazer era ouvir as instruções transmitidas pela voz paterna, a qual, com cada palavra, pressagiava um naufrágio.

– Você irá procurar uma joia de valor inestimável. Como sabe, o piso do vestíbulo de nossa casa em Barcelona é composto de ladrilhos alinhados em oito fileiras de cor branca e preta, como um tabuleiro de xadrez. Pois bem, sob o ladrilho onde ficaria o rei branco, encontrará um anel em que está encravada a mais bela esmeralda que possa imaginar. Nem o rei Salomão, no auge da glória, deve ter possuído gema tão preciosa.

Mauricio ficou estupefato. O negócio de tecidos era próspero, mas não o suficiente para adquirir uma joia de tamanho valor. Ali havia algum segredo. O segredo pelo qual o pai fora capaz de resistir a tormentos horríveis a ponto de quebrantar o ânimo de seus algozes. O segredo que queria transmitir-lhe antes de morrer. O segredo cujos frutos marcariam a vida de Mauricio. O pai, que falava de maneira lenta e entrecortada, com enorme esforço, respirou fundo várias vezes antes de retomar a palavra.

– Depois que encontrar o anel, cruze rapidamente os Pireneus, sem olhar para trás. Não se demore ou o incriminarão pela posse de um bem familiar que deveria ter sido confiscado junto com o resto das propriedades. Também não tente vendê-lo clandestinamente, pois com certeza um agiota o compraria a preço vil em troca de não o delatar. Escute meu conselho e vá para Florença, a cidade prodigiosa – recomendou, enquanto por trás da porta ressoavam bem perto as risadas dos guardas. – Lá governa Lorenzo, o Magnífico, o generoso príncipe sem coroa cuja incontrollável paixão pelas pedras preciosas é bem conhecida. Em Florença, você poderá começar uma vida nova.

– E de onde vem essa pedra, pai? Há algo mais que eu deva saber? – perguntou Mauricio, ouvindo já o rangido dos gonzos da porta.

O pai tossiu e, ofegante, continuou com suas surpreendentes revelações, ignorando o som dos passos dos carcereiros.

– Eu deveria ter lhe explicado muitas coisas quando ainda havia tempo... Descendo de judeus e, embora isso possa não lhe agradar, alguns de nossos antepassados foram agiotas. É possível que tenham se apropriado do anel como garantia de uma dívida não paga, mas não sei bem, pois a joia tem passado de pai para filho há séculos. Sempre perseguidos, os judeus costumavam guardar objetos de grande valor que fossem fáceis de esconder e transportar. Assim, em

caso de êxodo forçado, podiam refazer a vida em outro país após vender o que, dissimuladamente, haviam levado consigo, assim como você mesmo deverá fazer.

– Seu tempo se esgotou. – Era a voz de um guarda.

O prisioneiro começou a chorar e Mauricio estreitou-o contra o peito na esperança de transmitir, por meio daquele último abraço, todo o amor que nem sempre havia sabido demonstrar: um amor que brotava mais forte que nunca, como um manancial inestancável pronto a submergir tudo o que encontrasse em seu caminho. Ali já não havia uma latrina repleta de imundície, ratos farejando a morte, uma massa viscosa numa tigela de barro que pretendia passar por comida nem o rosto desfigurado de seu pai.

Ali havia apenas amor. Um amor imenso que se elevava como uma canção, como se aquele sombrio cárcere fosse, na verdade, a catedral do espírito.

– Cheguei a pensar – balbuciou o pai – que o grande rabino Abraão Abulafia me houvesse castigado por eu ser o primeiro de seus descendentes a trair a fé judaica. Reze muito por mim, eu lhe imploro.

Perguntas ferroavam a mente de Mauricio como setas lancinantes. Ele, porém, preferiu poupar mais sofrimento ao pai e guardar para si as inquietudes que o invadiam. Jamais suspeitara que, em suas veias, corresse sangue judeu! Aquela confissão o fazia pressupor que seus avós não tinham sido cristãos sinceros, mas *marranos*: falsos convertidos que continuavam praticando em segredo os ritos judaicos. Mauricio sentiu as pesadas mãos dos guardas puxando-o para trás, mas agarrou-se ao pai com mais força ainda.

– Não esmoreça, meu pai! Deus o espera ao final deste inferno.

Quando os carcereiros conseguiram separá-los, Mauricio soube que nunca mais veria o pai, cujas últimas palavras ressoaram em seu íntimo como uma bênção:

– Minha morte será um novo começo, filho. A má sorte que perseguiu nossa família será sepultada junto ao meu corpo sem vida. Quaisquer que tenham sido os nossos pecados, estarão pagos. Você começará uma nova existência em Florença, acompanhado pela boa fortuna. Em sua pessoa, o único Coloma sobrevivente de nossa casa, está o futuro de toda uma estirpe. Que nosso passado não tenha sido uma viagem em vão. Lembre-se destas palavras, as últimas que pronuncio, e siga meus conselhos. Aceite minha voz moribunda como a de alguém que sabe.

Florença, 26 de abril de 1478

No quinto domingo de Páscoa, Mauricio entrou ainda cedo em Florença. Às suas costas, as enormes torres de vigia e as inexpugnáveis muralhas que resguardavam a cidade pareciam dizer-lhe que já não havia caminho de volta. O passado agora estava enterrado em Barcelona. Águas mais turbulentas que as sulcadas durante a travessia marítima desde a cidade dos condes o aguardavam em seu novo destino. Para construir o futuro, dispunha apenas de um anel e do dinheiro suficiente para viver mal e mal uns poucos dias.

Com passos vacilantes, adentrou a igreja do Espírito Santo, descansou em seus bancos de madeira gasta, fechou os olhos e recordou com saudade episódios da infância, quando seu pai lhe contava histórias da Bíblia antes de se recolher: a criação do Universo em sete dias, a expulsão do Éden, a Arca de Noé, a Torre de Babel, a epopeia do pequeno José e seu dom de interpretar sonhos... O Livro Revelado servira como seu melhor estímulo para pesquisar além do visível. O que existia antes de Deus criar a luz, o firmamento e as estrelas? São infinitos os astros que iluminam as noites da Terra? Essas perguntas e outras semelhantes eram as que o pequeno Mauricio formulava na penumbra do quarto, depois de seu pai apagar a lâmpada a óleo. Então, costumava achar consolo na mãe que nunca tinha conhecido – que lhe sorria do Paraíso e o animava a procurar as respostas ocultas. O pai, ligado talvez por uma ponte invisível aos Céus, sempre o protegera, permitindo-lhe fugir da oficina para mergulhar na leitura das obras que se amontoavam na casa de seu velho amigo Joan, um conhecido livreiro de Barcelona. Ali, Mauricio

aprendera a viver outras vidas e a viajar para lugares distantes sem sair do vão silencioso e solitário de uma janela. Aquele mundo, repleto em partes iguais de mistério e segurança, se havia acabado irremediavelmente.

Como uma fruta seca agitada pelos ventos, como um grão de areia perdido no deserto, como uma trêmula gotícula de orvalho ameaçada pelo sol... Nenhuma comparação podia descrever o estado de confusão e desorientação que a injusta morte do pai provocara nele. O passado abrigava incontáveis segredos e mentiras; o futuro parecia tão incerto quanto uma tormenta no oceano. A esmeralda era sua única esperança de não acabar sepultado num poço de miséria, mas até esse pensamento lhe provocava amargos remorsos.

Não fosse pelo resplandecente anel, ninguém torturaria seu pai com um suplício só infligido aos piores criminosos. Se esse não houvesse brilhado mais que as estrelas, ele não passaria os últimos dias de sua existência atormentado por dores insuportáveis. Se aquela esmeralda não parecesse uma pedra sagrada forjada pelos deuses, ele teria se despedido da vida com um suspiro, o tempo necessário para que o carrasco ganhasse um par de botas e algumas moedas manchadas de sangue. Contudo a esmeralda era feita da mesma substância dos corpos celestes; o pai lutara até o limite do improvável para não revelar seu esconderijo; e, cumprindo o papel que lhe cabia no drama, recomendara a Mauricio viajar para Florença com o objetivo de vender a pedra misteriosa.

De onde viria uma joia tão excelsa? Por que o pai nunca lhe falara a respeito dela? Ocultara deliberadamente uma parte importante da história da família, aquela que se relacionava à sua inesperada filiação judaica. Mauricio compreendia a relutância do pai em aludir a um passado do qual ele próprio se envergonhava. Descender de *marranos* era um golpe muito duro em seu orgulho cristão: de algum modo, sentia como se um pedaço de seu ser estivesse contaminado pela mentira. Contudo, pensando bem, havia tantas coisas que ignorava sobre suas origens! E se as omissões do pai se devessem a outro motivo ignorado? Talvez fosse perigoso demais descobrir o que, com tanto esforço, ele silenciara...

Embora a perplexidade, a angústia e a tristeza o acompanhassem naquelas horas sombrias, um desejo insopitável abria caminho pelas trevas de sua alma como uma litania mil vezes repetida: cumprir a missão que o pai lhe confiara no derradeiro instante, arrancando das garras da morte uma carta chamada esperança. Não permitiria que seu sacrifício fosse em vão. Pela primeira vez na vida, garantiu para si mesmo, ficaria à altura das esperanças nele depositadas.

“Quaisquer que tenham sido os nossos pecados, estarão pagos. Você começará uma nova existência em Florença, acompanhado pela boa fortuna.” Essas palavras ecoaram em sua mente e lhe infundiram confiança. Rogou a Jesus Cristo que a bênção póstuma do pai guiasse seus passos e depois saiu da igreja.

Ao cruzar a ponte Santa Trinità, Mauricio evocou velhas imagens do negócio de teares situado em Barcelona. É que as duas margens do Arno estavam apinhadas de homens que limpavam lã com uma mistura de líquidos desinfetantes e urina de cavalo, cujo cheiro cáustico impregnava o ar, enquanto outros lavavam nas águas as peles de ovelha já alvejadas. Uns esticavam em caixilhos de vime a lã úmida, enquanto outros finalizavam o processo junto ao rio, separando os filamentos.

Todos faziam um trabalho estafante e mal remunerado. Tampouco eram bem pagos os cardadores e as fiandeiras. Se algum gatuno lhe roubasse o anel, também ele estaria condenado a viver na pobreza. Temendo perder a joia num lance de má sorte, Mauricio decidiu ir ao Palácio dos Médicis sem demora.

Vestira, para a ocasião, o traje com que seu pai o havia presenteado no ano anterior, quando fizera seu vigésimo aniversário. Era o melhor que possuía: camisa branca de linho, gibão de seda azul e calças vermelhas muito elegantes. Uma faixa de veludo ocultava os laços que uniam a parte superior das calças ao gibão. Mauricio parecia sem dúvida um mercador próspero. Porém não florentino. Os fidalgos da cidade raspavam cuidadosamente a barba e traziam na cabeça chapéus vermelhos ou faixas de tecido que lembravam turbantes. Por isso, suas melenas ao vento e a barba cerrada prontamente o identificavam como estrangeiro. Caso se mostrasse desorientado ou inseguro, atrairia sobre si os rufiões que pululavam em todos os lugares à cata de vítimas fáceis. O perigo poderia estar em qualquer parte, até na hospedaria onde deixara seus pertences; o dono da espelunca, de olhar matreiro, não parecera nada digno de confiança quando lhe explicara o melhor trajeto para o Palácio dos Médicis.

Assim, embora se sentisse meio perdido no labirinto de ruelas, aparentou segurança e, mantendo o passo, preferiu não se aproximar das tendas encostadas à antiga muralha nem das barracas e oficinas onde comerciantes e artesãos ofereciam um verdadeiro festim de produtos atraentes. Nem mesmo os deliciosos odores do colorido mercado detiveram sua marcha, embora ainda não houvesse almoçado. Os tenros leitões, os gamos suculentos, as frutas

frescas, o doce mel e os queijos rodeados de moscas teriam de esperar até que ele vendesse o anel.

Quando algumas galinhas correram atabalhoadamente para a rua, saindo de uma porta em forma de arco, Mauricio esboçou pela primeira vez um sorriso. Talvez ele tenha pensado que aquelas aves aturdidas estivessem fugindo das barulhentas marteladas que ressoavam atrás da porta. Provavelmente estava diante de um dos famosos estúdios de arte florentinos, cuja importância se media pela quantidade de galinhas que criavam – pois, assim como em Barcelona, a gema de ovo fresca era comumente usada para fixar as cores das tintas à têmpera. Mauricio nunca tinha visto oficinas de artesãos e barracas de vendedores tão elegantes. É certo que se encontrava na cidade das artes e da moda, embora essa extrema distinção não impedisse que, como em Barcelona, as pedras das ruas estivessem cobertas de excrementos de cavalos, burros, mulas e outros animais de carga. Ele logo percebeu que parecia inevitável que, quanto mais rica fosse uma cidade, mais cheirasse a merda. E Florença era extremamente rica...

Ao avistar a gigantesca cúpula da catedral, que se destacava entre os telhados cor-de-rosa da cidade, não pôde evitar uma expressão maravilhada de assombro em seu rosto. Jamais poderia ter imaginado que fosse possível erguer uma construção tão colossal! Mauricio se perguntou se não seria suficientemente grande para abrigar à sua sombra os 40 mil habitantes daquela urbe, uma das mais populosas da cristandade. Entretanto ele não podia parar ali, então continuou caminhando. Mais alguns passos pela Via Larga e chegaria ao Palácio dos Médicis. Agora não era mais possível se perder.

De fato, na próxima esquina, deparou-se não só com o palácio, mas com Lorenzo, o Magnífico, em pessoa. Mauricio tinha certeza de que não estava enganado. Com ar sereno, ele conversava tranquilamente diante da porta com um homem que parecia ser um cardeal muito jovem. A sotaina vermelha, o chapéu que trazia na cabeça e a faixa de seda púrpura revelavam sua condição. Já Lorenzo não podia ser identificado pela vestimenta. O casaco de veludo, que lhe chegava aos tornozelos, dizia apenas que gozava de excelente posição social em comparação com os indivíduos menos afortunados, cujos gibões de tecido ordinário não desciam além dos joelhos. Porém os traços irregulares de seu rosto coincidiam com a descrição que havia chegado aos seus ouvidos.

Alto e de porte atlético, com um nariz enorme de cavalete afundado e virado para a direita, só com muita dificuldade seria possível concatenar os

outros traços de seu semblante, que pareciam pertencer cada um a uma pessoa diferente: os olhos grandes e fundos eram afastados demais de seu largo nariz; e o queixo proeminente não guardava proporção com o resto do rosto; sua fronte ampla destoava de suas sobrancelhas compactas e angulosas; por fim, os lábios de linhas finas se contrapunham à exuberância dos demais atributos. Talvez aquela assimetria encerrasse o segredo de Lorenzo: o Magnífico, com efeito, era muitos homens num só.

Príncipe de Florença em tudo, menos no título, posto que a cidade era formalmente uma república, tinha incontáveis virtudes. Político sagaz, descobridor e protetor de artistas, tão hábil nos torneios a cavalo quanto no manejo da pena, era considerado um dos melhores poetas da Itália. Proprietário do Banco Médici, o mais renomado da Europa, era também a alma da Academia Platônica, onde se reuniam os filósofos e as mentes mais privilegiadas da cristandade. Atleta, espadachim, orador e erudito, ele amava igualmente as festas, nas quais se destacava por seus talentos de músico e dançarino. Do modo como esse homem genial o acolhesse dependia todo o futuro de Mauricio.

Ele primeiro pensou em dirigir-se em latim ao príncipe sem coroa, mas logo descartou essa ideia. Estudara a língua latina, mas só a usava para ler livros, rezar e ouvir missa. Sem dúvida, sua fala soaria tosca aos ouvidos de quem, educado pelos melhores professores, se valia diariamente do latim em suas conversas e sua correspondência. Por sorte, aprendera o idioma da Toscana. Anos antes, seu pai admitira como sócio na empresa familiar de tecelagem o mestre tintureiro Sandro Tubaroni. Esse esperto florentino surrupiara da casa Rucellai certos segredos comerciais relacionados ao líquen *oricello*, e graças a esses segredos os negociantes de Barcelona aumentaram consideravelmente suas vendas. Todavia, Sandro Tubaroni não era um ladrãozinho vulgar de segredos alheios, mas um italiano simpático e teatral que amava tanto a boa vida quanto a arte. Fascinado pelo belíssimo exemplar ilustrado da *Divina Comédia* que Sandro trouxera da Itália, Mauricio dedicou-se a copiar de próprio punho a obra-prima de Dante Alighieri. Assim, imitando as graciosas letras do livro e contando com a boa vontade do mestre florentino para ensinar-lhe seu idioma, acabara por aprender uma língua cuja musicalidade o encantava quase tanto quanto as imagens espetaculares criadas pelo gênio do poeta. Paradoxalmente, concluía Mauricio, as atividades

aparentemente inúteis, praticadas por puro prazer, podiam se revelar depois mais frutíferas que as executadas por obrigação.

O tempo para pensar havia se esgotado. Era hora de agir. Os pés de Mauricio, ignorando as dúvidas de seu espírito, puseram-no diante de Lorenzo. Já não podia recuar.

– Eminente Lorenzo – saudou ele, sufocando os receios –, sua fama ultrapassa fronteiras e alcança todos os rincões do mundo. Por isso vim de Barcelona para lhe oferecer uma joia digna de um imperador.

O jovem cardeal fez um gesto com a mão para indicar que não estavam dispostos a ouvi-lo. Apesar disso, Lorenzo sorriu e dirigiu-lhe a palavra:

– Obrigado pela oferta, mas sou um simples cidadão. Nem imperador nem ao menos nobre.

A modéstia de Lorenzo era falsa, pois todos sabiam que era ele quem manejava as rédeas do poder em Florença. Ainda assim, sua resposta era um convite para que Mauricio prosseguisse. O cardeal, ao contrário, parecia estar com muita pressa.

– Lorenzo, por favor – insistiu o cardeal –, não nos demoremos ou chegaremos tarde.

Mauricio percebeu que, se quisesse reter o governante de Florença, precisaria ponderar bem as palavras. Devia arriscar-se mesmo ao custo de ser ignorado.

– Senhor, a joia que trago é um talismã único. Mas também é muito orgulhosa. Se lhe der as costas, ela talvez se ofenda e não queira beneficiá-lo com sua luz.

Mauricio fora atrevido, esperando que essa audácia conseguisse chamar a atenção de Lorenzo. Sua paixão desenfreada por joias e amuletos era muito conhecida; ele chegava a pagar pequenas fortunas por essas peças.

O Magnífico sorriu de novo e acenou ao cardeal para que não se impacientasse.

– Não é bom ofender quando se pode evitar. Mostre-me então o que trouxe de tão longe.

Mauricio desatou os cordões de uma pequena bolsa de couro que trazia pendurada no cinto. Quando tirou o anel, sua beleza novamente o encantou – como se fosse a primeira vez que o visse. Numa base quadrada, alojava-se uma esmeralda tão bela que se diria mais um fruto do Céu que da Terra. De um verde profundo e brilhante, o cristal parecia pulsar com vida própria. Lapidado

pelas mãos de um mestre, lembrava uma espécie de cubo cósmico inserido em dois engastes de ouro branco onde se viam pequenos diamantes incrustados. Na parte de trás da base, lia-se a seguinte inscrição em castelhano: “*Luz, luz, más luz*”.

Lorenzo devorou avidamente o anel com o olhar e tomou-o nas mãos. Suas pupilas dilatadas revelavam um interesse extraordinário.

– Nunca tinha visto nada semelhante. É realmente excepcional. Quanto pede por ele, senhor...? – perguntou Lorenzo depois de pôr a joia no dedo anular, como se já fosse seu novo proprietário.

– Mauricio Coloma, natural de Barcelona, seu servidor em Florença e da justiça em qualquer lugar – respondeu o jovem com a maior solenidade, tentando calcular mentalmente quanto Lorenzo estaria disposto a pagar. Encontrava-se diante de um homem de mais ou menos 30 anos, poderoso, seguro de si e dono de uma fortuna incalculável. Na verdade, já tinha o anel em seu poder. Se resolvesse não lhe pagar nem um florim, o que poderia fazer Mauricio contra a figura mais importante de Florença?

– Cardeal Raffaele, perdoe-nos o atrevimento – interromperam dois recém-chegados. – O arcebispo de Pisa pede que se dirijam logo à catedral. A cidade inteira os espera.

Mauricio fitou-os. Ambos vestiam gibões verde-escuros bem justos, de mangas largas e corte simples. Sobre essa libré cintilava uma túnica sem mangas e sem adornos. Por seu aspecto e sua atitude, deviam ser criados do cardeal fazendo as vezes de arautos.

O jovem Raffaele dirigiu um olhar de súplica a Lorenzo, que reagiu prontamente.

– Não é próprio de um bom anfitrião fazer esperar seus convidados mais distintos. E menos ainda uma cidade. Partamos então, sem mais demora. Faça o favor de vir conosco, Mauricio. Depois da santa missa, teremos tempo de negociar esta joia fabulosa que você teve a delicadeza de trazer até minha porta.

“Os florentinos são tão elegantes ao falar quanto pérfidos ao agir”, haviam dito uma vez a Mauricio. E agora lá estava ele caminhando para o Duomo, a catedral de Florença, ao lado de um cardeal e um príncipe poeta. Mas quem agora estava de posse do anel era Lorenzo, e não ele. Iria propor um preço justo ou ficaria com a joia sem lhe pagar nada? Mauricio não tinha motivos de sobra para confiar na nobreza.

A miséria morava bem perto do luxo. Poucos passos separavam o grandioso Palácio dos Médicis dos camponeses e operários que Mauricio vira naquela manhã na outra margem do Arno. Em geral, viviam apinhados em casebres de adobe e arenito, sem janelas nem luz, com uma única cama para a família inteira e apenas uma muda de roupa, de pano ordinário e puído. Quem tinha liberdade para escolher o próprio destino? O seu dependia inteiramente da joia que Lorenzo, despreocupado, exibia no dedo anular.

Florença, domingo, 26 de abril de 1478

“*M*eu rosto parece o de uma estranha a quem jamais vi”, pensou Lorena Ginori enquanto se via refletida no grande espelho oval de seu quarto. Era possível que, em tão tenra idade, a aguardasse um destino tão amargo?

A fiel Cateruccia estava acabando de penteá-la com aquelas tenazes quentes que conseguiam dar o toque de mestre à sua cabeleira castanha, realçando-lhe as ondulações naturais. Era o traço físico de que mais se envaidecia: quase não precisava modelar os cabelos para que os fios formassem aqueles cachos pelos quais todas as mulheres suspiravam. Sua irmã mais nova, ao contrário, depois de ficar horas aplicando as tenazes, obtinha um resultado menos vistoso que o dela ao fim de poucos minutos.

No momento não lhe importavam nem o penteado nem o precioso vestido azul, de um brilho intenso que só os teares de seu pai haviam conseguido produzir depois de inúmeras experiências. Mantido em segredo, naquela manhã iria exibí-lo pela primeira vez diante da elite da sociedade florentina, durante a solene missa dominical a que compareceriam Lorenzo de Médici, o arcebispo de Pisa e o cardeal Girolamo Riario, sobrinho do papa.

Apenas dois dias antes, teria sido difícil para ela conciliar o sono ante a emoção de um acontecimento tão notável. Contudo, se mal conseguira dormir aquela noite não fora por causa da missa a ser celebrada na soberba catedral de Florença, e sim das lágrimas causadas pelo triste futuro a que a condenava o pai. A esse destino indesejável atribuía Lorena o sobressalto que a

tomara durante um pesadelo macabro no qual sangue inocente tingia de rubro o altar-mor do Duomo. Mal podia imaginar que seus pesadelos se converteriam em realidade naquela mesma manhã, em consequência de uma trama para assassinar Lorenzo de Médici dentro da catedral de Florença, aproveitando-se os conspiradores do momento solene da eucaristia.

Durante sua infância, Lorena tivera premonições recorrentes que surgiam subitamente, como um lampejo, e antecipavam certos acontecimentos. O pai nunca acreditara nelas, ao contrário, sempre punira com dureza o que em sua opinião eram perigosas mentiras compulsivas. A mãe, temerosa de que uma circunstância tão anormal pudesse chegar aos ouvidos das autoridades eclesiásticas, as quais sem dúvida iam querer exorcizar sua filha, aconselhara-a a guardar um silêncio prudente. Lorena, angustiada, aprendera a calar-se; e, com o passar do tempo, as incômodas visões foram escasseando até desaparecer de sua vida e de sua memória. Pelo menos, era o que ela supunha.

Assim, alheia aos acontecimentos que mudariam o rumo de Florença e o seu próprio, desceu a escada que conduzia do quarto ao andar térreo, onde os pais e os irmãos a esperavam. Olhou para eles com o coração frio – nenhum sentimento, cálido ou amoroso, palpitava em seu peito.

– Seus olhos estão muito vermelhos – comentou a mãe, preocupada.

– E está mais pálida que um cadáver de três dias – rematou o pai com a “delicadeza” que o caracterizava.

Lorena percebeu que as lágrimas acudiam novamente a seus olhos, mas antes de romper a chorar sentiu uma emoção de intensidade inaudita percorrer seu corpo, fazendo-a vibrar com uma força que parecia possuí-la como se tivesse vida própria.

– Ontem eu já lhes disse que não quero me casar com Galeotto Pazzi! – ouviu-se gritar, surpresa por essa reação.

– Não comecemos de novo! – recriminou o pai. – Você completou 16 anos e já é uma mulher feita. Não se trata aqui do que você quer, mas do que convém. Dentro de três meses, o casamento será celebrado, conforme combinei com os Pazzi.

– Você acabará gostando de Galeotto, minha filha – interveio a mãe com voz suave. – Quantas mocinhas desejariam se casar com esse cavaleiro! Os Pazzi são uma família de aristocratas. Sua riqueza quase se iguala à dos poderosos Médicis, e sua linhagem é, sem dúvida, superior. Pode bem ser que, em breve, o governo de Florença passe para as mãos deles.

Lorena continuava invadida por aquela força esmagadora que irrompia do fundo de seu ser e dominava sua personalidade. Mesmo sabendo que não era conveniente, tinha de protestar e proclamar aos gritos a injustiça do que pretendiam fazer com sua vida.

– Pois que as tais mocinhas desposem Galeotto! Devo então suportar seu hálito fétido em minha boca toda vez que lhe aprouver? Dormir com um homem que me causa repugnância e servi-lo? Nunca!

– Como pode ser tão egoísta? – bradou o pai. Nos olhos dele, Lorena podia ver a feroz determinação que o animava quando supunha estar certo, isto é, sempre. – Você sabe – prosseguiu – quanto me custou alcançar a posição de destaque que ocupo no grêmio da *Calimala*. Conseguimos até comprar este palacete. Se seus avós ainda vivessem, ficariam orgulhosos. E agora, esta oportunidade única! Você se casar com um membro opulento da nobreza! Pois então não vê as portas que se abrem para nós? Talvez seus filhos, meus netos, cheguem a tomar parte no governo de Florença. Como pode pensar só em você mesma quando está em jogo o futuro de toda a nossa família? É inconcebível!

Lorena compreendia muito bem aquelas razões e se envergonhava de que sua atitude pudesse impedir o progresso social da família. Ainda assim, todo o seu ser gritava que devia se opor até o último alento. Espantada com a própria ousadia, replicou uma vez mais:

– Galeotto Pazzi é barrigudo e sua boca está sempre fedendo a vinho. Não é apenas vulgar, mas também arrogante. Se tivesse de me casar com um nome, não poria obstáculo. Porém vocês querem que me case com um homem cuja intimidade eu acho repulsiva. Por Deus, não haverá outras opções?

– Nenhuma tão conveniente quanto esta – explicou a mãe. – Seu pai já combinou tudo com os Pazzi, portanto não adianta discutir mais sobre o assunto. A companhia de Galeotto não será tão desagradável para você quanto pensa. Jogos e negócios o manterão ocupado a maior parte do tempo. Quando você tiver filhos, poderá administrar a casa e educá-los da forma que considerar mais adequada. Depois, vendo amadurecer seus frutos, com todas as possibilidades ao alcance de suas mãos, compreenderá que o destino escolhido por seu pai não foi tão ruim assim.

Lorena se perguntou se a mãe falava por experiência própria. Sua voz tinha o timbre da sinceridade. Haveria alguma escapatória ou o melhor seria resignar-se? O pai se mostrava inflexível. Lorena sabia bem que a grande ambição

dele era saltar a barreira existente entre um mercador próspero e a oligarquia prestigiosa que governava Florença. Aquele casamento talvez facilitasse isso. O pai jamais cederia. Os sentimentos da mãe não alterariam o futuro que lhe impunham. Nem tampouco a opinião de sua irmã mais nova, que observava a cena com olhos arregalados, imóvel e muda de assombro. Maria, de apenas 12 anos e meio, era uma menina alta que nunca se queixava nem protestava. Como esperar que entendesse aquela reação desesperada se ela própria era a primeira a surpreender-se? Quanto ao irmão mais velho, Alessandro, seu ar de indignação e reprovação não precisava ser traduzido em palavras. Como único filho varão, julgava-se obrigado a continuar engrandecendo o nome Ginori e parecia quase tão aborrecido quanto o pai.

– Este casamento é uma questão de honra para toda a família – admoestou-a o pai em tom severo. – Você deveria se sentir orgulhosa em vez de teimar. Ou será que os livros que lê confundem seu cérebro? Eu já disse mil vezes à sua mãe que não é bom para uma moça distinta dedicar tanto tempo à leitura. O mundo real não é o dos trovadores fantasiosos que você tanto elogia. Vivemos em Florença e não num poema idílico. Tudo será feito como eu disse. E agora vamos para a catedral ou chegaremos atrasados à missa.

Lorena cedeu. Que podia fazer? Com 16 anos completados havia pouco tempo, ainda era praticamente uma menina e não dispunha de nenhum recurso para se opor à vontade paterna. Sentia-se tão pequena e insignificante... Incapaz de continuar de pé, sentou-se e começou a chorar descontroladamente, escondendo o rosto na barra do vestido.

– É inútil, Francesco – ouviu a mãe dizer. – Acho melhor ela não ir conosco à catedral. Está com os olhos muito inchados e vermelhos.

– Mas o vestido...

– Não convém, Francesco. Olhe para esta menina: seu rosto parece desfigurado! Que diriam as pessoas? É melhor que fique e desabafe. Isso lhe fará bem. Cateruccia cuidará dela.

Depois que os pais saíram, Lorena se ajoelhou diante do crucifixo da casa e implorou ao Redentor que a agraciasse com um milagre:

– Senhor todo-poderoso, sabes que te amo! Impede esse matrimônio e traze-me outro marido!

Escutaria Deus suas preces ou as consideraria egoístas demais para serem atendidas?

Enquanto o cálice sagrado se elevava no Duomo à vista dos fiéis, Mauricio só tinha olhos para o anel que Lorenzo exibia no dedo. Julgou-se mesquinho por não estar atento como devia ao milagre da transubstanciação do pão e do vinho na carne e no sangue de Jesus Cristo. Porém, mesmo sem toda essa preocupação com a joia, não teria visto que um sacerdote tirava um punhal que estava oculto sob a veste e agarrava Lorenzo pelo ombro, enquanto outro padre avançava para feri-lo.

Sem vacilar um instante, Mauricio saltou como uma mola e empurrou violentamente o agressor, que caiu com estrépito no chão.

– Perigo, sire! – gritou enquanto arremetia contra o clérigo.

Talvez por causa disso, Lorenzo teve tempo de reagir e livrar-se do sacerdote que o segurava. De um corte no pescoço, logo abaixo da orelha direita, escorria sangue. Sem se preocupar com a ferida, o Magnífico envolveu o braço esquerdo na capa, improvisando um escudo, e repeliu outro ataque do vigário que pretendia matá-lo.

Que estaria acontecendo? Não era hora de fazer perguntas. Se Lorenzo morresse, tudo se perderia, até mesmo a esperança. Um numeroso grupo de homens armados com adagas e espadas chegou aos gritos:

– Morte ao tirano!

Uns pareciam cidadãos de destaque, outros, simples criados, mas todos eram movidos por impulsos assassinos. Um dos agressores, ostentando roupas faustosas, coxeava visivelmente. Seu rosto estava contorcido e ele sangrava à altura da coxa. Lorenzo lançou um olhar de ódio àquele homem.

– Francesco Pazzi – murmurou o Magnífico. – Então, os Pazzi são os insufladores desta trama!

Gritos, prantos e som de passos ressoavam sob a enorme cúpula da catedral. Embaixadores, comerciantes, magistrados, damas, crianças e serviçais fugiam em pânico. Abrindo caminho à força em meio à turba, surgiram quatro homens que brandiam adagas e punhais.

– Mantenha-se firme, Lorenzo! – gritaram.

Esses aliados decididos se aproximaram com rapidez suficiente para formar um escudo humano em volta de Lorenzo. A arremetida foi fulminante e brutal. Um dos defensores, de nobre aspecto, teve o estômago perfurado por um punhal de lâmina longa. Seu rosto mostrou surpresa e dor antes da queda. Outro, um jovem criado, conseguiu se esquivar ao ataque de um sacerdote munido de espada.

– Fuja, Lorenzo, salve-se! – gritou um dos que haviam ocorrido em seu auxílio, depois de receber um talho profundo no braço direito.

O Magnífico saltou agilmente sobre uma cancela de madeira, correu para o coro octogonal e atravessou sem se deter pela frente do altar-mor, onde o jovem cardeal Raffaele rezava encolhido, sob a proteção dos cônegos de seu séquito, que o rodeavam. Mauricio acompanhou Lorenzo na corrida. Nem todos fugiam da catedral. Vários homens, separados em pequenos grupos, iam se aproximando do lugar em que os agressores estavam sendo contidos.

– Aqui ficará a salvo, sire! – exclamou um homem vestido com um elegante gibão de veludo vermelho. Seu dedo apontava para o interior de uma sacristia de teto alto e portas de bronze maciças.

Mauricio acompanhou Lorenzo junto com outros cinco indivíduos que, uma vez dentro, correram sem pestanejar o ferrolho das pesadas portas. Mauricio se perguntou aturdido se aquilo não seria uma nova e mortal emboscada. O Magnífico parecia confiar neles, embora estivesse muito nervoso e quase fora de si.

– Um assassinato ritual! – vociferou. – Querem derramar meu sangue em solo sagrado! Já mataram o duque de Milão durante a missa de santo Estêvão e agora querem acabar também conosco.

“Assassinato ritual numa igreja?”, estranhou Mauricio. Nunca ouvira nada semelhante. Parecia algo diabólico. Que coincidência fatal o levara para junto de Lorenzo na pior hora possível? Se, nessa pavorosa manhã, houvesse chegado ao Palácio dos Médicis um pouco mais tarde, não se encontraria em perigo de

morte. Bastaria que ficasse perdido nas ruelas de Florença, sem alcançar tão depressa o mercado próximo ao Duomo, ou parasse alguns minutos para contemplar uma de suas sedutoras barracas. Mauricio procurou repelir tais pensamentos. Lamentar não mudaria em nada a realidade.

– E meu irmão? Ele está bem? – perguntou Lorenzo, já pela terceira vez.

Ninguém lhe respondeu, por não saber ou para não afligir Lorenzo naquele transe difícil. Um dos presentes, de belas feições e cabelo frisado, lançou ao Magnífico um olhar faiscante, como se de súbito houvesse compreendido algo. Debruçou-se sobre ele e, antes que os demais pudessem reagir, colou a boca no pescoço ferido de Lorenzo. Mauricio não sabia se o estava mordendo ou beijando, mas, diante dessa cena escabrosa, apressou-se a separá-los.

Dois homens agarraram-no imediatamente.

– Devagar, amigo, devagar – advertiram.

O indivíduo de cabelos frisados cuspiu no chão o sangue do Magnífico.

– Não entende? – perguntou um dos que o seguravam. – Está sugando sangue da ferida para o caso de a lâmina do punhal ter sido envenenada. Embora o corte não seja profundo, o veneno poderia ser mortal.

Uma vez livre, Mauricio se perguntou que tipo de homem devia ser Lorenzo. Alguém capaz de forjar laços de afeto tão sólidos que os amigos não hesitavam em arriscar a vida por ele? Ou alguém de cujos favores e dinheiro dependiam para viver? Ou tudo ao mesmo tempo, já que o Magnífico era muitos homens num só?

Só as golfadas de sangue que o fiel companheiro de Lorenzo cuspiu no chão quebravam o silêncio angustiante da sacristia. Os outros procuravam escutar o que acontecia por trás das compactas portas de bronze. Teriam os conspiradores sido dominados? Ou, ao contrário, haviam vencido e agora os refugiados deviam se preparar para resistir a um cerco?

Quando começaram a distinguir as primeiras vozes, Mauricio já havia perdido por completo a noção do tempo. Ignorava se havia transcorrido uma eternidade ou apenas uns poucos minutos.

– Lorenzo, pode sair! Está a salvo! – gritaram de fora, batendo com força na porta.

Verdade ou artimanha mortal? Como saber? Outro companheiro de Lorenzo se prontificou a solucionar o mistério. Seu nome, Segismundo della Stufa, pareceu-lhe divertido. Porém o sorriso íntimo se transformou em admiração quando Mauricio viu o homem subir com a maior desenvoltura até

a nave do órgão pela escada em caracol da sacristia. Dali, sem nenhuma dificuldade, podia examinar toda a cena e distinguir os homens que esmurravam a porta. Com um aperto no coração, perguntou-se o que estariam vendo os olhos de Segismundo.

Lorena calçou aqueles sapatos extravagantes, forrados de couro de cabra, cuja plataforma de cortiça era mais alta que a palma de sua mão. Embora não fosse fácil andar com eles, eram imprescindíveis depois de um dia de chuva como o anterior. Só calçada assim e com a ajuda de sua fiel Cateruccia podia ter a esperança de conservar a barra do vestido e seus delicados pés longe da lama.

– Não acredito que vá sair para passear! – exclamou Cateruccia. – Pois se não quis ir à missa!... Seja sensata. Uma falta tão grave não ficará sem castigo.

Lorena se sentia rebelde. Desejava ser livre, mas seus pais a obrigavam a casar-se com um homem de quem tinha nojo. Segundo Platão, a liberdade sem conhecimento é mera ilusão. Lorena ignorava, entre muitas outras coisas, que naquele momento o arcebispo de Pisa, flanqueado por trinta homens armados, avançava pela Via Calzaiuolo rumo ao desprotegido palácio do governo para tomá-lo, enquanto conjurados a soldo dos Pazzi se preparavam para acabar com a vida de Lorenzo de Médici. Se ela soubesse disso, haveria elogiado a sabedoria do filósofo grego em vez de pronunciar estas palavras:

– Já me condenaram ao castigo mais execrável. Não me ocorre nada pior que viver para sempre com Galeotto Pazzi, aquele gorducho. Portanto, não há perigo em explorar as ruas sem permissão.

– E o que acontecerá comigo? Sou apenas uma pobre criada. A culpa toda recairá em mim.

A família a comprara como escrava dezesseis anos antes, por ocasião do nascimento de Lorena, mas ela era bem mais que uma simples criada. Fora sua querida ama, primeiro; depois, de sua irmã Maria. Dedicava-lhes tamanho

afeto que às vezes elas pareciam filhas de Cateruccia. Mercadores genoveses a haviam trazido do Mar Negro e o pai a adquirira como um artigo de luxo que poderia exibir com orgulho. A escravidão não era rara entre os florentinos ricos depois da peste negra do século anterior, a qual reduzira a população a tal ponto que só com muita dificuldade se conseguiam criados de casa. Agora, poucos nomes de prestígio se permitiam semelhantes gastos. E, embora não fosse possível situar sua família entre as mais ilustres da cidade, o negócio de tecidos bastara para comprar uma confortável mansão e uma escrava de grande valor. As escravas caucasianas eram preferidas às turcas e tártaras porque se adaptavam melhor aos costumes florentinos. E Cateruccia podia ser considerada, além disso, bonita. Em outras famílias, acontecia às vezes de o *pater familias* engravidar uma serva jovem e atraente. Seu pai não seguira a regra. Lorena ignorava se devia atribuir isso à fidelidade conjugal, ao respeito pelo carinho com que Cateruccia desempenhava suas funções de ama ou a uma mistura de ambas as coisas. Fosse como fosse, Cateruccia já havia se tornado um membro menor da família, tanto que compartilhava a mesa com os demais. Portanto, não impediria seu pequeno ato de rebelião com a falsa desculpa de que era uma serva desamparada, sobre a qual recairiam castigos terríveis.

– Não vai lhe acontecer nada, Cateruccia. Fui eu quem decidi sair. A única escolha que você tem é me acompanhar e me proteger para que eu volte sã e salva. Jurarei sobre a Bíblia que tentou me deter por todos os meios, lembrando-me o tempo todo que devia regressar sem demora. Sabe muito bem que meus pais só se aborreceriam com você se me deixasse vagar sozinha pelas ruas de Florença, tão perigosas.

Lorena sorriu. Ganhara a discussão. Cateruccia também estava ansiosa para sair e ela lhe oferecera um pretexto perfeito para satisfazer aos seus desejos. Os domingos, em Florença, eram dias repletos de emoção; as ruas, transformadas num carrossel de atrações inesgotáveis, fervilhavam de vida, cores e gente. Lorena nunca explorara a cidade num feriado sem a companhia vigilante dos familiares, para que não visse nem descobrisse coisas indesejáveis. Infelizmente, nada do que pudesse acontecer evitaria a sentença que pesava sobre ela: o casamento com Galeotto Pazzi!

Com o pretexto de pôr a salvo o gordo embaixador de Ferrara, Luca Albizzi abriu caminho em meio à multidão para alcançar a porta secundária da catedral, que dava para a Via Servi. A confusão era geral. Os gritos de pânico se confundiam com o ruído surdo das passadas e todos tentavam atravessar a massa compacta que, como um rebanho sem pastor, debandava esbaforida, com risco de esmagar quem retardasse sua fuga. Alguns homens sacaram das armas e, em vez de correr para as saídas, dirigiram-se ao altar-mor, onde Lorenzo repelira o primeiro ataque dos sacerdotes. Entre eles estava Francesco Pazzi, que coxeava visivelmente por causa de um ferimento na perna direita. Pretendiam ajudar Lorenzo ou destruí-lo? Em meio àquela balbúrdia desconcertante de fugas, gritos, padres assassinos e retinir de espadas, era impossível sabê-lo.

O corpo abatido a punhaladas de Giuliano, o único irmão de Lorenzo, revelou-lhe a verdade. Dobrado sobre o frio mármore da igreja em posição fetal, sua veste esplendorosa – rasgada e manchada de sangue – fazia as vezes de sudário improvisado. O belo irmão de Lorenzo, estimado por todos, jazia esquecido em sua hora derradeira, sem outra companhia a não ser o charco de sangue que empapava suas vísceras.

Aquela era a prova inequívoca de que se tratava de um impiedoso golpe de Estado meticulosamente concebido. Se Lorenzo morresse, os Pazzi se tornariam os novos donos de Florença antes que a noite caísse sobre a cidade. Animado por tais pensamentos, Luca pensou em abandonar o embaixador de Ferrara, voltar sobre seus passos e ajudar a dar cabo de Lorenzo. Contudo o instinto de preservação venceu a sede de vingança. Caso o tirano de Florença

sobrevivesse ao atentado, todos os cúmplices morreriam em meio a atrozes torturas. A mais elementar precaução aconselhava que se retirasse discretamente do teatro de operações. Se os Pazzi triunfassem, ele seria o primeiro a celebrar com entusiasmo sua vitória. No entanto, se os Médicis prevalecessem, por nada no mundo iria querer estar entre os perdedores.

A Via Servi era um ferredouro de gente que também não sabia o que fazer. Um passo em falso, que revelasse apoio público ao partido perdedor, poderia significar a morte. Cientes dessa circunstância, Luca e o embaixador de Ferrara guardaram silêncio e voltaram furtivamente para casa, procurando não chamar atenção. A turba decidiu também afastar-se da igreja, disposta a inclinar-se depois perante os vencedores e, assim, evitar riscos desnecessários.

De volta a seu sóbrio *palazzo*, Luca sentiu o estômago se contrair ao evocar o glorioso passado da família. Por culpa dos Médicis, essa já não era, como outrora, um dos poderosos clãs que governavam Florença. Fazia mais de quatro décadas que Rinaldo Albizzi, valendo-se de seus contatos no governo, tentara pôr termo à fulminante ascensão de Cosimo, o avô de Lorenzo, a quem havia acusado de conspirar contra a República. A Signoria, pusilânime, limitou-se a decretar o exílio do suspeito em vez de condená-lo à morte, o que depois provocou a ruína dos Albizzi, pois Cosimo, chamado pela maioria dos cidadãos, regressou triunfalmente a Florença. Como era fácil ludibriar o povo semeando favores e dinheiro com calculada paciência e patrocinando a construção de edifícios emblemáticos como o *Ospedale degli Innocenti*, o orfanato onde as monjas cuidavam das crianças abandonadas! Dessa forma, os Médicis haviam comprado lealdades que não se destacavam pela nobreza!

Fosse como fosse, o certo era que, recorrendo a tais artimanhas, Cosimo – um arrivista, descendente de humildes agiotas – acabara vencendo. Os Albizzi viram-se obrigados a deixar Florença, e ele próprio, nascido no desterro, só pisara o chão da terra natal aos 15 anos. Passara metade da vida fora da cidade que seus antepassados haviam engrandecido! Pior ainda era o preço vergonhoso que tinha de pagar para viver em Florença: a adulação constante a Lorenzo, ao qual, em público e em particular, tratava como se fosse um gênio e um benfeitor da humanidade. Sabia muito bem que, de outro modo, os fiscais dos impostos o atacariam como cães raivosos. Assim era a desprezível *pax Medici*. Nada de torneios ou duelos – apenas um punhado de funcionários insípidos que aplicavam o máximo rigor tributário a quem ousava contrariar os

desígnios dos Médicis. Quando isso acontecia, só duas opções restavam aos infelizes submetidos à inspeção: a ruína humilhante ou o exílio.

No quarto, ajoelhando-se aos pés do Cristo crucificado, Luca rezou para que Lorenzo já houvesse exalado o último suspiro. Não obstante, uma imagem o inquietava: a esmeralda que ele trazia na mão esquerda. Da nave lateral do Duomo, vira-a refulgir enquanto Lorenzo enrolava a capa para se livrar do primeiro agressor. Era, sem dúvida, da gema lendária de que falavam os Pazzi, a poderosa família que escondia tantos segredos à sombra de seu glorioso passado.

Quando os cruzados conquistaram Jerusalém no ano de 1088, o primeiro a escalar a muralha fora um Pazzi. Em recompensa por esse feito, recebeu três pedras do Santo Sepulcro que a família ainda usava como pederneira, no sábado de Páscoa, para acender o fogo sagrado que um carro de boi levava em procissão até o batistério de São João, diante da catedral de Florença. Ao longo dos séculos, os Pazzi tinham colecionado antiquíssimos documentos recorrendo às amizades que sua presença em Jerusalém lhes granjeara. Entre esses, havia um pergaminho atado por um laço escarlate com estranhas referências ao Gênesis e o desenho de um anel idêntico ao que Lorenzo portava.

Como e por que chegara às mãos do Magnífico? Os Pazzi lhe haviam contado uma lenda segundo a qual a esmeralda incrustada no anel era uma pedra de grandes poderes que pertenceu a Lúcifer. No entender de Luca, os Médicis, grandes mecenas do paganismo, podiam ser considerados os embaixadores de Satanás na Terra. Sentiu um suor frio na pele quando um pensamento lhe ocorreu com o impacto da certeza: ou o anel provocava a morte de Lorenzo naquela ensolarada manhã de abril ou logo o alçaria ao cimo do poder mais absoluto.

Os lábios de Lorena se contraíram de espanto quando ela avistou o ilustre ministro da Igreja pendurado em uma das estreitas janelas do palácio do Governo. A mitra e a capa de chuva ricamente bordada que ele usava distinguiam-no como um altíssimo dignitário eclesiástico. Da mesma janela pendia o corpo nu de outro homem, balançando numa dança macabra que Lorena acompanhou com um misto de asco e fascínio.

Como era possível que um espetáculo tão horrível fosse avidamente seguido pela multidão apinhada na imensa praça da Signoria?

Pouco antes do meio-dia, Lorena e Cateruccia entraram em uma botica que costumavam frequentar para adquirir produtos de beleza. Lorena comprou sangue de morcego, sumo de cicuta e pó de couve com vinagre: ingredientes infalíveis para evitar o crescimento de cabelos na parte superior da testa, que Cateruccia havia depilado com tanto esmero. Exibir uma frente ampla e brilhante era um sinal de beleza imprescindível em qualquer dama: realçava o tamanho dos olhos e permitia que a raiz do cabelo assumisse a sugestiva forma de uma coroa. E justamente quando o boticário lhe oferecia um pó composto de asas de abelha, cantárida, nozes assadas e cinzas de ouriço, o mundo mergulhou na loucura.

Lorena já podia ouvir o dobre dos sinos anunciando o estado de exceção: seu som peculiar, grave como o de um mugido, fizera com que o sinal de alarme fosse apelidado de “a vaca”. Inexoravelmente, seu eco ressoaria pelos campos e um campanário avisaria outro até que todas as aldeias da Toscana soubessem que a República de Florença estava em perigo. Quem os estaria atacando? A Sereníssima Veneza, o reino de Nápoles, os turcos? Lorena

permaneceu imóvel, trêmula de medo. O boticário também não se apressou a sair à rua para oferecer seu braço armado ao serviço da República – pelo contrário, fechou a porta com uma pesada tranca de ferro e aguardou ansioso a chegada de notícias. Os primeiros rumores, ainda confusos, informavam que tanto Lorenzo quanto seu irmão Giuliano haviam sido assassinados durante a missa e que Jacopo Pazzi, à frente de mais de cem homens armados, avançava para a praça da Signoria aos gritos de “Povo e liberdade!”.

Se assim era, então os Pazzi iriam assumir o controle de Florença! Lorena achava difícil imaginar seu futuro marido, o gordo Galeotto, montado em um cavalo, de espada em punho. Será que ele teria contribuído ativamente para o golpe de Estado? Lorena duvidava. De qualquer modo, era óbvio que, se a operação fosse bem-sucedida, sua posição social melhoraria de forma notável.

Lorena e Cateruccia esperaram duas ou três horas dentro da botica. O silêncio predominava. Travavam-se combates na praça da Signoria, onde se situava o palácio do governo, protegido por ameias e torreões; mas, nas ruas, o barulho não revelava que o povo houvesse se levantado em armas.

– Ninguém ousará se pronunciar até saber qual foi o lado vencedor – previu Niccolò, o boticário.

“Agora sabemos quem venceu”, diria mais tarde com indisfarçada satisfação quando os gritos de “*Palle! Palle! Palle!*”^[1] ressoaram alto, vindo das ruas e janelas.

Só então, certas do resultado, Lorena e Cateruccia se atreveram a sair. Eufóricas, não quiseram buscar o abrigo da casa paterna. Ao contrário, contagiadas pela emoção embriagante do momento, uniram-se à multidão vociferante que, brandindo facas, enxadões, martelos e até utensílios de cozinha, se dirigia à praça da Signoria.

O pavoroso espetáculo deixou-as sem fala. Dezenas de homens, envergando ricos trajés, pendiam das janelas geminadas do palácio do governo. Essa indecente exibição em pleno centro da cidade era algo inconcebível, embora as forcas públicas se erguessem perto da porta da Justiça, a pouca distância do trecho leste das muralhas de Florença. Os pais de Lorena nunca tinham permitido que ela presenciasse uma execução. Mesmo assim, certa vez, conseguira convencer Cateruccia a acompanhá-la para verem os patíbulos. Só o fato de contemplá-los, embora não houvesse nenhum enforcamento programado, bastara para agitar seu sono durante semanas.

Nem no pior pesadelo Lorena poderia ter imaginado aquela multidão irrequieta, que bramava como animais furiosos. As pessoas ali reunidas gritavam, riam e se deleitavam contemplando os últimos suspiros dos condenados. Lorena não conseguiu distinguir se aqueles homens já estavam mortos ou não quando as cordas do pescoço foram desatadas e eles desabaram no chão de pedra da praça.

A multidão se precipitou sobre os corpos estendidos, brigando para se apossar de suas luxuosas roupas. Calças, gibões, meias, cintos e sapatos foram arrancados dos cadáveres em meio a risos e pontapés. Um simples olhar para sua estranha compostura bastava para inferir que não se tratava de gente de Florença.

Pelo que Lorena ouvira dizer, quase todos eram mercenários de Peruggia, os quais, sob o comando do arcebispo de Pisa, tinham penetrado amigavelmente no palácio do governo para tomá-lo de surpresa. Porém eles é que acabaram surpreendidos ao ficarem presos na câmara da chancelaria por um engenhoso sistema de ferrolhos automáticos, instalados nas sólidas portas como defesa em situações semelhantes. Acontece que o astuto *gonfaloniere* suspeitara desde o início da atitude inquieta do arcebispo, visivelmente nervoso em consequência da falta de notícias sobre a morte do Magnífico. Informados a tempo da conspiração, os guardas do palácio, bem armados por trás das ameias, haviam conseguido repelir o ataque posterior das hostes lideradas por Jacopo Pazzi, alvejando-as com pedras, flechas e óleo fervente.

Lorenzo, o Magnífico, sobrevivera à terrível conspiração e agora o povo, sedento de sangue, exigia vingança. “Morte ao papa, morte ao cardeal, viva Lorenzo, que nos dá o pão!” – gritavam na praça todos ao mesmo tempo, apontando o arcebispo de Pisa e Francesco Pazzi, dois dos principais conspiradores. Os gritos se transformaram em silêncio cheio de expectativa quando os priores desataram os nós das cordas e ambos, unidos na traição, despencaram da mesma janela.

O arcebispo de Pisa, ainda vivo, arrastou-se penosamente pelo chão até chegar junto de Francesco. Os olhos desse reviravam, embora o resto do corpo, tombado de costas, permanecesse imóvel. O arcebispo inclinou a cabeça sobre o peito nu do comparsa e, de repente, mordeu-o com tamanha força que seus dentes ficaram cravados na carne sangrenta. Francesco continuou imóvel, petrificado, mas Lorena notou que seus olhos se desviavam do céu e fixavam o arcebispo.

– É hora de voltarmos para casa – sugeriu Cateruccia, tomando-a pela mão.

Mauricio tentou acalmar-se contemplando novamente a capela do Palácio dos Médicis. Haviam transcorrido quatro dias desde o fracassado golpe de Estado e ele ainda não conseguira falar com Lorenzo a respeito do anel. Hoje, finalmente, voltaria a vê-lo. Seria na hora da refeição e Mauricio partilharia a mesa com outros convidados? Ou o Magnífico nem sequer tocaria no assunto? Após escapar com vida da catedral, Lorenzo agradecera-lhe a decisiva atuação e convidara-o a morar no palácio – mas, sobre o anel, não dissera nada. Também não o devolvera. Imerso num torvelinho de dificuldades crescentes, era provável que nem se desse conta de algo que, no entanto, muito o interessava. Mauricio não quisera pensar no assunto. É que, literalmente, seu destino estava nas mãos de Lorenzo, o Magnífico.

Entretanto quem seria de fato o Magnífico? Mauricio observou novamente a capela do palácio em busca de alguma pista que desvendasse sua personalidade. Nunca vira um oratório como aquele. As vívidas pinturas que cobriam inteiramente as paredes assaltavam os sentidos do espectador com seu colorido intenso. Entre elas, os três Reis Magos e sua rica comitiva avançavam pela estrada que conduzia a Belém, ladeada de verdes montanhas.

A composição não fora escolhida ao acaso. Todos os personagens se vestiam conforme a elegante moda florentina. Sem dúvida, os reis simbolizavam os próprios Médicis. Paradoxo curioso: Florença era uma república. Os representantes do governo, eleitos por sorteio, renovavam-se periodicamente. Lorenzo, de nome, era apenas um cidadão como os outros. Contudo ninguém ignorava que sua influência fosse decisiva na resolução dos assuntos importantes, tudo o que se relacionava com a política exterior da República.

Aquele afresco fazia ver aos embaixadores de outros países que os Médicis eram reis de verdade. Para isso, o papa colaborava até certo ponto, pois concedia dispensas especiais para desfrutar da capela unicamente aos mais altos dignitários da cristandade.

E os Médicis... Eles se consideravam reis? Acreditavam ser magos? Possuíam mesmo bens preciosos? Mauricio sentiu uma leve vertigem ao olhar alternadamente para o teto e o piso. Os harmoniosos contrastes geométricos em forma de círculos, quadrados, triângulos e retângulos tinham uma qualidade hipnótica. Tudo fora meticulosamente calculado. Porém, para Mauricio, não era o momento de aprofundar-se nos enigmas da capela.

Do que ele precisava realmente era conseguir uma pequena fortuna em troca do anel e recomeçar a vida em outro lugar menos perigoso. Lorenzo sobrevivera, mas sua posição era extremamente vulnerável. Na trama para eliminá-lo estavam envolvidos nada menos que os Estados Pontifícios, o Reino de Nápoles, a República de Siena e o conde Girolamo, senhor de Imola e Forli. O papa Sisto – indignado com a execução do arcebispo de Pisa e a prisão de seu sobrinho, o cardeal Raffaele – estava decidido a declarar guerra. Roma e os outros aliados, que já iniciavam as represálias contra os mercadores e banqueiros florentinos estabelecidos em seus domínios, eram inimigos poderosos demais, até mesmo para o Magnífico.

A estrela de Lorenzo não poderia continuar brilhando por muito tempo. E a sua? Estava fadada a extinguir-se antes mesmo de ter começado a brilhar? Sua sina fora marcada por algum gênio mau que se comprazia em semear seu caminho de assassinatos e mortes? Sem pai, mãe, avós nem irmãos... Será que havia sido amaldiçoado desde o nascimento? Como num clarão, apareceu-lhe o rosto de uma jovem agonizando – a mesma imagem que povoava seus sonhos desde a infância.

Embora a visão da cruz sobre o altar quase sempre o acalmasse, dessa vez, só aumentou sua ansiedade. Mauricio fez o sinal da cruz, rogou pela salvação de sua alma e apressou-se a compartilhar a mesa com Lorenzo. Quando deixava a capela, veio-lhe à mente a bênção do pai: “Em sua pessoa, o único Coloma sobrevivente de nossa casa, está o futuro de toda uma estirpe. Que nosso passado não tenha sido uma viagem em vão”.

– *C*riamos animais para roubar seus filhos e encher com eles nosso estômago, que é a tumba onde são enterrados – sentenciou Leonardo da Vinci.

Mauricio fitou com assombro aquele extravagante comensal. Era belo, tinha uns 25 anos; bem proporcionado e elegante. O cabelo cuidadosamente frisado descia-lhe até o meio das costas. Tanto as mechas sedosas quanto a cor rosada da túnica conferiam-lhe um toque feminino. Suas maneiras eram tão suaves quanto surpreendentes eram seus raciocínios.

Esse Leonardo condenaria a castração de frangos ainda no ninho? Acharia errado alimentá-los generosamente enquanto cresciam para degolá-los quando sua carne ainda estivesse tenra? Por palavras e gestos, parecia bem capaz de sustentar tão insólitos argumentos. Talvez por isso comesse duas insossas metades de pepino em conserva sobre uma folha de alface, em vez de desfrutar aqueles deliciosos assados. Como podia comer alface e pepino numa mesa principesca, onde abundava a carne de caça vedada aos plebeus? Na casa de Mauricio, semelhante procedimento seria considerado uma grande falta de educação!

– Comentário interessante – disse Marsílio Ficino. – Mais de uma vez pensei nisto, que do mesmo modo que comemos os animais, também somos cevados e comidos por outras entidades.

Mauricio observou perplexo o outro comensal convidado por Lorenzo. Seu semblante, embora sério, infundia serenidade. Era mais velho. Teria pelo menos 45 anos. Magro e de constituição frágil, trajava uma sotaina preta sob a qual se entrevia uma ligeira corcova. Como Leonardo, não tocara nos rins, nos assados, nas línguas de boi, nas salsichas e demais carnes condimentadas que

aguardavam tentadoramente nas bandejas expostas sobre a mesa. Ambos partilhavam perfis singulares. De Leonardo se dizia que era um artista promissor cujo talento se igualava, ou excedia, as suas excentricidades. Já Marsílio Ficino, sacerdote e médico, segundo ouvira, era a alma da Academia Platônica, que reunia as mentes mais privilegiadas de Florença.

– E quem são essas entidades que vão nos devorar? – perguntou Mauricio, que não entendera a reflexão do convidado.

– Os “demônios”, pessoas que se deixam levar pela ira ou pela crítica intolerante contra outros seres humanos – respondeu Marsílio com voz suave e amável. – Creio que essas entidades infernais se nutrem de nossas paixões inferiores e fazem de tudo para nos prender a elas.

– Nesse caso, desejo que os demônios estejam festejando com os Pazzi e o resto dos conspiradores – declarou Mauricio, levando a conversa para um terreno onde se sentia mais seguro.

As ideias que circulavam naquela mesa eram absolutamente inusitadas, excêntricas e, quase sempre, fascinantes. No entanto, por se afastarem muito da tradição na qual fora criado, Mauricio preferia não se arriscar nessas regiões desconhecidas. Pela familiaridade com que se tratavam, os três homens eram sem dúvida amigos. Lorenzo desfrutava os comentários dos dois comensais sem ligar para o desdém com que tratavam as saborosas carnes preparadas por seu cozinheiro. Na verdade, dirigia olhares de cumplicidade a um e outro, olhares nos quais Mauricio julgava perceber uma velada satisfação quando suas opiniões o desconcertavam. Ou será que esses sorrisos eram para disfarçar sua opção pela toalha de linho da mesa para limpar as mãos em vez dos guardanapos azuis que os outros utilizavam? Em casa, todos limpavam as mãos na toalha, mas devia reconhecer que a da mesa de Lorenzo era bonita demais para ser sujada. Assim, pois, convinha usar também os guardanapos azuis para enxugar a gordura que escorria de seus dedos.

– Que apodreçam no Inferno – interveio Lorenzo, substituindo a serenidade do rosto por uma expressão severa. – E para que ninguém se esqueça do destino que aguarda os servos de Satanás, decidi que sua agonia final seja vista diariamente por toda a cidade. Suas mortes serão pintadas em tamanho natural nos muros de Bargello. Quero que todos saibam como Florença lida com seus traidores.

– Se deseja retratos que reflitam em detalhe a crueza da execução, dificilmente encontrará um artista tão observador da realidade quanto mestre

Leonardo – sugeriu Marsílio.

– Meus bons amigos – esquivou-se Lorenzo –, não serei eu a escolher a mão encarregada de realizar o trabalho. Minha proposta é que o Conselho dos Oito aponte o pintor a seu ver mais adequado. E, embora eu conheça como ninguém as extraordinárias habilidades de Leonardo, não estranharei se optarem por Sandro Botticelli. Sabem quanto ele gostava de meu irmão Giuliano. Talvez os Oito, cientes desse amor fraterno, acabem por preferir Sandro, que também é um grande artista.

– E grande amigo seu... como eu também me orgulho de ser – acrescentou Leonardo.

Mauricio se deleitava com a delicadeza dos comentários. Lorenzo afirmara, nas entrelinhas, que a encomenda seria confiada a Sandro Botticelli; dissera isso, porém, como se fosse uma simples possibilidade, cuja decisão não dependia dele; ao mesmo tempo, elogiava Leonardo. E Leonardo, ciente de que por trás do Conselho dos Oito estava a mão larga do Magnífico, insinuara que este preferia Sandro por ser mais amigo seu, porém afirmando em última instância o contrário: que ambos eram amigos da mesma forma. Mauricio já ouvira falar das diplomáticas adagas florentinas, capazes de matar com elogios e sorrisos. Se aquilo acontecia entre amigos...

– Logo saberemos o desfecho – ponderou Marsílio. – A única coisa certa é que a Leonardo não faltarão ideias nem projetos. Pouco antes de chegar a comida, eu me lembrava dos aparelhos com que ele pretendia erguer o batistério do chão, sem danificá-lo, pondo-o sobre andaimes.

Marsílio havia alterado habilmente o rumo da conversa. Lorenzo já sorria de novo. Era evidente que aqueles homens se estimavam e que o Magnífico organizara o encontro para aliviar a enorme tensão que o acompanhava desde a morte de seu irmão.

– Em princípio, é uma ideia excelente – garantiu Leonardo. – O batistério de São João ficaria instalado no mesmo nível da catedral, favorecendo a estética do conjunto, e ao mesmo tempo estaria protegido das constantes inundações do Arno.

– Infelizmente, também não é de minha alçada aprovar esse projeto – suspirou o Magnífico. – Se há alguém capaz de erguer o batistério nos ares e depositá-lo suavemente sobre uma armação de madeira, é você. Mas se, por desgraça, acontecesse algum imprevisto e a igreja mais antiga da cidade sofresse

danos irremediáveis, tanto quem propôs a ideia quanto quem a aprovou teriam de abandonar Florença o mais rápido possível.

– Parece até que você se sente feliz por ter tão pouco poder de decisão – ironizou Leonardo.

– Sinto-me feliz por viver numa república em que os assuntos públicos são decididos por autoridades eleitas democraticamente e na qual os cidadãos humildes dispõem como lhes apraz de seus próprios bens. Porém isso – continuou, piscando um olho – não significa que eu não tenha nenhum poder de decisão ou que não seja generoso.

– Se bem o conheço, diria que vai nos fazer algum anúncio – previu Marsílio.

– De fato – prosseguiu o Magnífico. – Faz tempo que nos conhecemos e considero-os meus amigos. Entretanto é o tempo que forja as amizades ou os homens se aproximam por uma afinidade espiritual sem relação com o passar dos anos? Não acontece às vezes que, ao reencontrar um amigo verdadeiro do qual permanecemos separados por semanas, meses ou mesmo décadas, logo estamos conversando com ele como se nunca houvésemos deixado de fazê-lo? E não é Mauricio o melhor exemplo de que amigos podem precisar apenas de alguns breves instantes para se reconhecer como tal?

– Você sabe, Lorenzo, que seu avô Cosimo me encarregou de traduzir os livros de Platão do grego para o latim com o objetivo de proporcionar aos homens cultos da Europa a oportunidade de, enfim, ler a obra do filósofo. Tive ainda o privilégio de iniciar você nessa leitura, de modo que conheço a fundo sua admiração pelo ilustre pensador. Porém peça-lhe que não se esbalde em sua habilidade oratória reproduzindo as perguntas retóricas de Platão e conte logo o que está nos escondendo.

– Em outras palavras: seja breve – brincou Leonardo.

Mauricio e todos os presentes riram muito da intervenção do artista. Esse se desculpou, rindo também, de sua falta de tato, alegando que, embora instruído em muitos assuntos práticos, não recebera uma adequada educação humanista. Por isso tinha o péssimo costume de resumir em uma só palavra o que um filósofo levaria o dia inteiro discursando.

– Aceito suas desculpas – disse Lorenzo, ainda com um sorriso nos lábios – em troca de não ser mais interrompido. O que vou comunicar é bem simples: quero agradecer publicamente a Mauricio por ter salvado minha vida. Assim, farei uma oferta por seu anel, uma oferta superior a qualquer cifra que possa

ter imaginado em seus sonhos mais ambiciosos. Mas não aceitarei uma recusa, pois desde o atentado contra mim durmo todas as noites com o anel, que considero meu talismã protetor.

Mauricio olhou ansioso para Lorenzo. Qual seria essa oferta fabulosa? Poderia viver como um ricoço pelo resto da vida, sem necessidade de ganhar o pão com o suor do próprio rosto? O Magnífico mergulhou num silêncio teatral. Sem dúvida, gostava de ser o centro das atenções. Por fim, seus lábios se abriram.

– Proponho-lhe entrar como sócio de nossa *tavola*, o banco dos Médicis em Florença, com direito a cinco por cento dos lucros anuais e o cargo de subdiretor, após um período de treinamento, com um salário de duzentos florins por ano. Encarrego-me também de sua moradia. Por enquanto, no primeiro ano, ficará alojado no palácio, lugar tão confortável e seguro quanto conveniente para aprender tudo o que merece ser sabido em Florença.

Lorenzo passou os olhos pelos presentes, certo de que os havia deixado perplexos. O cérebro de Mauricio trabalhava numa velocidade extraordinária. A oferta era fabulosa e superava todos os seus cálculos, porém seria realidade ou pó de estrelas? Se, dentro da lógica das possibilidades, os inimigos de Lorenzo triunfassem, o que significaria aquela proposta? A ruína. Se os Médicis caíssem, declararíamos a falência do banco, que então não valeria nem um florim. Não era preciso ir muito longe para encontrar casos similares. A incalculável fortuna dos Pazzi evaporara-se como a névoa da manhã em poucas horas. Seus negócios e suas propriedades haviam passado às mãos de outras famílias presumivelmente credoras deles. Se esses créditos eram reais ou simulados, não importava. A vitória é avara de suas conquistas e não sabe nada sobre justiça. O poder justifica tudo. Mauricio sabia disso muito bem. Por isso ele tentou recusar a proposta sem parecer descortês.

– Sua generosidade me surpreende, mas não posso aceitá-la. A oferta vale mais que a mercadoria. E a amizade não deve nos cegar diante do que convém a cada um. Careço de estudos necessários e de experiência para trabalhar num banco. Por isso, me contentaria com uma modesta soma de dinheiro, suficiente para eu montar um negócio de tecidos, já que por tradição familiar conheço bem essa atividade.

O rosto de Lorenzo permanecia inescrutável. Era impossível saber se suas palavras o haviam convencido.

– Dois mais dois? – perguntou-lhe de improviso em latim.

– Quatro – respondeu automaticamente Mauricio, sem se deter para pensar. Embora não houvesse recebido uma esmerada educação humanista nem frequentado a universidade, Mauricio conhecia o latim tão bem quanto a aritmética. Com efeito, além da formação recebida do pároco de sua igreja, estudara com professores particulares que o pai fizera questão de contratar para instruí-lo nessas matérias. Cheio de entusiasmo, ampliou seus conhecimentos devorando com gosto as obras que Joan, o amigo livreiro da casa, guardava em belas estantes de madeira. O ar triunfal de Lorenzo advertiu-o de que ele havia caído em uma espécie de armadilha.

– Você é excessivamente modesto, Mauricio. Sabe somar, conhece vários idiomas, domina com perfeição um negócio tão importante quanto o dos tecidos e até sabe como funciona a espionagem industrial.

O Magnífico fez uma pausa e lançou-lhe um olhar significativo.

Mauricio percebeu logo que ele se referia aos segredos roubados por Sandro Tubaroni e usados por seu pai para incrementar a empresa de Barcelona. Como ele sabia disso? Ainda não refeito da surpresa e com o rosto vermelho de vergonha, Mauricio tentou se defender.

– Conhecimentos insuficientes para trabalhar num banco – insistiu. – Sou ignorante em assuntos financeiros, que aliás nunca me atraíram.

Mauricio não ousou acrescentar algo que também o preocupava: a usura – o empréstimo a juros – constituía um pecado terrível, condenado pela Igreja. E essa não era uma prática habitual dos bancos, ainda que camuflada por complexas formas jurídicas?

– Não se incomode com essas coisas. Aos poucos, aprenderá os segredos das finanças. Só não se aprende nem se ensina a lealdade, justamente o que aprecio nestes tempos incertos. Não posso estar em vários lugares ao mesmo tempo, mas posso colocar homens de minha inteira confiança em postos que considero importantes, para que possa ver as coisas por seus olhos. Com o tempo, lhe explicarei os detalhes. Agora, só quero que aceite minha proposta.

– Lorenzo o avisou que não admitiria um “não” como resposta – comentou Leonardo em tom de brincadeira.

Todos caíram na gargalhada, menos Mauricio, que apenas esboçou um sorriso forçado.

Luca Albizzi aspirou o penetrante odor de cânfora que invadia o recinto principal de seu *palazzo* e afugentava com seus eflúvios as traças vorazes. Ah, se fosse tão fácil banir os maus pensamentos que o afligiam!

A conspiração contra Lorenzo fracassara. Os Pazzi haviam conjurado sua própria desgraça ao ignorar a estratégia de Renato, o membro mais inteligente da família. Ele sabia que Lorenzo era brilhante em inúmeros aspectos, mas um verdadeiro desastre em matéria de finanças. Ao contrário do avô, Cosimo de Médicis, não tinha paciência para examinar os pequenos detalhes que permitem a um banco funcionar com a precisão de uma máquina bem lubrificada. Lorenzo nascera para o grandioso: as festas espetaculares, a arte em qualquer de suas manifestações, a alta diplomacia... Tudo isso exigia dinheiro, que Renato Pazzi lhe emprestara generosamente. Com sua bondade – atreveu-se mesmo a dizer – de quem dá de presente a um homem a corda com a qual ele acabará se enforcando. Pois a hora em que o Banco Médici, que tinha mais dívidas que dinheiro em custódia, não mais poderia fazer frente às suas obrigações e seria obrigado a abrir falência estava bem próxima. Então, fatalmente, os Médicis perderiam tanto o prestígio quanto o apoio necessário para continuar no poder. E os Pazzi, com suas finanças prósperas, seus contatos internacionais e a ajuda do papa, se erigiriam sem dificuldade em dirigentes da cidade. Por isso, Renato Pazzi se opusera ao assassinato de Lorenzo e de seu irmão Giuliano, recomendando um pouco de paciência. O fruto já estava tão maduro que bastava esperar para vê-lo cair da árvore. Ninguém o escutara, e agora todos os membros importantes da família estavam mortos ou condenados ao exílio.

Luca aspirou novamente o odor de cânfora importado das longínquas terras orientais de Catay e deixou que pensamentos mais agradáveis circulassem por sua cabeça. Embora o golpe de Estado houvesse sido malsucedido, a situação de Lorenzo continuava muito precária. Com inimigos tão poderosos, sua derrota parecia inevitável. Porém a queda dos Pazzi lhe oferecia uma oportunidade inesperada. Lorena Ginori voltava a ser livre. O acordo que seus pais haviam feito com Galeotto Pazzi se rompera. E essa donzela era um fruto muito apetitoso. Fazia meses que ele a olhava com desejo. Seu corpo já adquirira as formas exuberantes de uma mulher, e o negócio de seu pai havia prosperado bastante nos últimos anos. Sem dúvida, era um ótimo partido. Ciente de que não podia competir com Galeotto Pazzi, mantivera um silêncio prudente sobre suas intenções. Agora, por um golpe de sorte, voltava a ter esperanças. Se manuseasse bem suas cartas, conquistaria Lorena.

Lorena estava radiante. Por fim, haviam suspenso seu castigo! Seus pais se irritaram muitíssimo por ela ter saído para passear sem permissão no mesmo dia em que a cidade se tingia de sangue por causa dos violentos distúrbios provocados pela conspiração Pazzi. Provavelmente, reagiram assim mais pela angústia de não ter recebido notícias da filha durante aquelas longas horas do que por sua rebeldia travessa. Em qualquer caso, essas considerações não haviam impedido que, como punição, eles a mantivessem em casa por tempo indeterminado. Proibiram-na até de subir ao terraço do piso superior, de onde costumava observar os transeuntes e imaginar, por suas roupas, seus gestos e suas atitudes, que vida levavam.

A duração do castigo lhe parecera eterna, e ela ardia em desejos de caminhar pelas ruas. Escolheu o melhor vestido para a ocasião. Ir às compras era a aventura mais excitante que podia imaginar. Nobres, criados, mercadores, artesãos, cavaleiros, grupos de amigos, batalhões de *brigati* com seus distintivos vistosos se misturavam, como num baile ensaiado, tendo ao fundo um cenário colorido: o mercado e as barracas do centro de Florença. Ali, tudo era possível: desde comprar os mais extravagantes artigos recém-chegados da Ásia até ouvir dos lábios do vendedor os últimos mexericos da cidade. Cateruccia havia lhe contado que, atrás das portas de certas tabernas, homens e mulheres se sentavam à mesa para conversar, beber e jogar. Lorena não entraria, é claro, em lugares tão pouco recomendáveis. No entanto, ninguém poderia impedi-la de desfrutar a companhia dos ambulantes que, chegados de cidades longínquas, procuravam atrair os fregueses com engenhosos espetáculos nem impedir os olhares de admiração com que os homens acompanhavam seus passos. Esse era,

sem dúvida, seu prazer preferido. Quando algum rapaz a atraía, procurava cativá-lo com um olhar tímido. Lembrava-se ainda do jovem garboso e atrevido que, num dia cinzento e nublado, exclamara ao vê-la: “Hoje o sol se esconde entre as nuvens porque empalideceu ao contemplar sua formosura.” As maçãs do rosto de Lorena haviam ficado coradas e seus lábios esboçaram um sorriso. Não respondera, é óbvio, mas agora se perguntava se veria de novo o galanteador.

– O moço que seu pai convidou hoje para jantar é uma ótima pessoa – comentou Cateruccia, enquanto a ajudava a vestir o traje que descia até o chão.

– Luca Albizzi? – perguntou Lorena. – Tem boa aparência, mas há algo nele que me deixa nervosa. Aquele rosto espicaçado e aquele nariz aquilino me fazem lembrar uma ave de rapina prestes a cair sobre a presa.

– Bom sinal, bom sinal! – riu Cateruccia. – Os homens morenos, de olhos negros, costumam provocar formigamentos quando são tão viris quanto Luca.

– Você não me entendeu – objetou Lorena. – Tenho um mau pressentimento a respeito desse rapaz. Se pudesse, preferiria não voltar a vê-lo.

– Isso é com você. Entretanto seus pais pensam o contrário. Ficaram contentíssimos com a visita de Luca, a ponto de tirá-la do castigo.

Lorena estremeceu ao ouvir esse comentário, mas não queria perder a alegria que acabara de recobrar. Galeotto Pazzi, exilado de Florença após o fracasso da conjuração, não seria mais seu marido. Alessandro, o irmão, perdoara-lhe o ato de rebeldia, voltando a ser tão amável e atencioso quanto antes. Até Maria, a irmãzinha, deixara de pressioná-la com perguntas tão comprometedoras quanto difíceis de responder.

– Chega de conversa. Vamos às compras antes que as lojas se fechem. Tenho pressa de celebrar minha liberdade com uma pequena loucura.

Lorena riu divertida ao ver o ar de espanto de Cateruccia, mas não se deixou intimidar por suas queixas e advertências. Ficara tempo demais em reclusão, e uma ideia fora tomando corpo em sua mente nos últimos dias.

Depois de passar pela botica onde se haviam refugiado durante os distúrbios da conspiração Pazzi e de relembrar com o proprietário os incidentes daquela jornada extraordinária, Lorena revelou a ideia audaciosa que lhe ocorrera.

– Por que não entramos naquele mercado do outro lado da rua? – perguntou Lorena com ar inocente.

– O de Lucrecia? Você sabe muito bem o que seus pais pensam desse lugar.

– Sempre desejei conhecê-lo. De fora, parece tão bonito...

– Não se faça de boba, menina – recriminou Cateruccia. – Uma moça como você não deve entrar aí. Não há balcão separando a dona dos fregueses. As frutas e verduras ficam espalhadas pelas mesas e pelo chão. Vendem-se não apenas comida, mas também tamancos, meias, cintos... Tudo foi urdido para que homens e mulheres se rocem sem pudor. Por isso há sempre tanta gente. Num antro desses, é fácil encontrar pretextos para falar com desconhecidos. Desde que enviuvou, a tal Lucrecia perdeu completamente a vergonha, se é que alguma vez a teve.

Lorena sabia que, quando ia fazer compras, Cateruccia não deixava de entrar naquele estabelecimento e em outros lugares igualmente pouco recomendáveis. Mais de uma vez o confessara. Assim, sem lhe dar tempo de pensar, atravessou a rua e dirigiu-se para o mercado de Lucrecia. Esse, como os melhores locais de comércio da cidade, situava-se no andar térreo de uma casa. O piso superior também pertencia à Lucrecia, que herdara a propriedade do marido. Más línguas insinuavam que agora ela parecia bem mais risonha do que quando Giuseppe estava vivo.

A grande porta central de madeira estava aberta e o estabelecimento transbordava de gente. Quando Lorena cruzou a soleira, Cateruccia não teve outra escolha senão acompanhá-la, para evitar um escândalo.

– Se continuar se comportando assim, não sairei mais com você, a não ser que um guarda-costas nos acompanhe – ameaçou Cateruccia em voz baixa.

– Prometo-lhe que depois voltaremos tranquilamente para casa – garantiu-lhe a jovem, enquanto examinava uns tamancos dependurados num cabide de madeira cravado na parede.

Um rapaz atraente se aproximou e fingiu examinar também os sapatos de homem presos ao mesmo cabide. Eram de veludo verde liso, com passamanaria de seda e bicos de prata. Lorena se perguntou que estranho acaso havia trazido aqueles sapatos ao mercado de Lucrecia, pois os outros calçados em exposição eram bem mais simples.

– Prove-os se lhe agradam, bonitão – animou-o a dona.

Lorena observou de soslaio aquele homem. Devia ter uns 20 anos. Usava franja; madeixas negras, lisas, ocultavam as orelhas e desciam até os ombros. Os lábios eram carnudos, sensuais, e o pomo de adão proeminente denotava masculinidade. Por contraste, as sobrancelhas delicadas, sinuosas, tinham um formato quase feminino. Seus enormes olhos azuis evocavam as profundezas do mar. O nariz, não muito pequeno, mas bem proporcionado, provocava um

efeito de equilíbrio harmonioso entre a parte superior e inferior do rosto. Sua face lisa e bem barbeada sugeria um homem asseado, que frequentava com regularidade o barbeiro.

– Sinto como se meus pés calçassem luvas em vez de sapatos – comentou o jovem, depois de experimentar o calçado.

Essa frase bastou para que Lorena descobrisse três coisas sobre aquele homem: era estrangeiro, sincero e não costumava regatear. O sotaque não parecia italiano, embora falasse essa língua com fluência. E, por suas palavras, revelava-se um péssimo negociador: numa cidade em que os preços flutuavam tanto, não havia nada pior que revelar muito interesse por algo que se desejava adquirir.

– São exclusivos – informou teatralmente Lucrécia. – Não vai encontrar um artigo igual em Florença. Eu os deixo por dois florins de ouro.

– Dois florins por um par de sapatos! – exclamou o jovem, escandalizado.

– São tão confortáveis quanto elegantes, com pregos de prata de primeira qualidade – acrescentou Lucrécia. – Mas gostei de você e não quero que leve de Florença a impressão de que não somos hospitaleiros. Farei outra oferta irrecusável. Um florim de ouro! Não posso baixar mais o preço ou terei prejuízo.

O estrangeiro parecia convencido. Lorena então decidiu intervir. Aquilo era uma extorsão!

– Os sapatos são ótimos, mas meu pai comprou uns muito parecidos por menos da metade. E, é claro, não pagou com florins de ouro, mas, sim, com liras de prata, a única moeda de troca que nós, florentinos, utilizamos no comércio.

– Meu nome é Mauricio – apresentou-se o jovem –, e meu sotaque mostra que sou estrangeiro. Mas gostaria de ser tratado como florentino, já que pretendo viver aqui por muitos anos.

– Ah, devia ter dito antes! – apressou-se a replicar Lucrécia. – Para residentes de Florença, preços florentinos. Quatro liras *di piccioli* pelos sapatos, que equivalem a meio florim. – Sorriu com astúcia, piscando-lhe um olho. – Desculpe meu equívoco. Mas negócio é negócio. Os estrangeiros vêm e vão. A você, porém, espero ver com frequência. Aceite isto como um presente para reparar o mal-entendido – acrescentou, entregando-lhe dois pêssegos que tirou de um cesto.

“Mulherzinha mais desavergonhada!”, pensou Lorena. Em seguida, refletiu sobre seu próprio comportamento. Não se metera na conversa só porque o estrangeiro irradiava uma inusitada combinação de inocência, vitalidade e atração física? O olhar de Cateruccia era inequivocamente de censura, mas por certo nada contaria a seus pais. Se acusasse Lorena, corria o risco de perder seus privilégios de acompanhante. E Cateruccia gostava de flanar pelas ruas tanto quanto ela. Seus pensamentos foram interrompidos quando Mauricio lhe dirigiu a palavra:

– Agora percebo por que florescem tantos artistas nesta cidade. Diante de musas como você, não é possível alegar falta de inspiração. Meus mais efusivos agradecimentos por sua ajuda.

– Não foi nada – disse Lorena, sentindo-se enrubescer. – Espero que goste da vida em nossa cidade. E que me conte como tem passado se nos encontrarmos de novo. Seja bem-vindo.

Mauricio inclinou a cabeça de maneira cortês, e Lorena, virando-se, caminhou em direção à saída. Já havia se excedido demais em sua primeira intervenção e não era conveniente continuar conversando com um desconhecido.

Não obstante, ao cruzar o umbral da loja, certificou-se de que Cateruccia olhava para a rua e deixou cair um lenço rosa perfumado.

Como todas as noites antes de deitar-se, Mauricio rezou com fervor pela alma de seu pai. Se ela estivesse penando no Purgatório, as orações do filho a aproximariam das portas do Céu. Caso já estivesse no Paraíso, ela é que velaria por Mauricio lá do alto. Contudo a inesperada confissão do pai de haver sido o primeiro membro da família a trair a fé judaica o enchia de amargura.

Com relutância, devia admitir que vivera enganado desde a mais tenra infância. Como lhe fora possível ignorar os sentimentos reais dos entes queridos, aqueles com os quais crescera compartilhando prazeres, sofrimentos e aflições? Por acaso o amor era uma força ofuscante, que cegava com sua luz? Talvez a resposta estivesse aí. Sim, haviam-no enganado, mas até certo ponto com seu consentimento. O pai acertara advertindo-o no cárcere de que sua paixão pelos livros era também um refúgio, uma maneira de ignorar uma realidade que não se ajustava a seus desejos. O tempo de sonhar havia chegado ao fim.

Assim como existem leis escritas difíceis de cumprir, há normas tácitas que ninguém discute nem questiona. As primeiras se impõem pela autoridade e pela força; às segundas, obedecemos sem saber. Assim acontecera em sua casa, onde os silêncios faziam as vezes de muros invisíveis. Mauricio reconheceu que jamais tentara cruzar esses muros de vácuo nem ouvir os gestos em vez das palavras. Se houvesse ousado infringir as regras inscritas em sua mente, não lhe teria sido difícil adivinhar a verdade.

Seus tios paternos iam à missa quase diariamente, mas pareciam mostrar mais respeito que fé, mais atenção que devoção. Agora se dava conta, raras vezes os vira desempenhar alguma atividade aos sábados, exceto quando isso

era absolutamente necessário! Como ele não havia percebido que, em sua própria família, existiam falsos convertidos?

Os avós paternos, mortos prematuramente, também deviam ter praticado em segredo a religião judaica, embora estivessem sepultados num cemitério cristão. Como aceitar que aqueles de quem descendia tivessem levado uma vida dissimulada, coroando-a com a profanação do solo sagrado em que jaziam? Agora encarava com outros olhos seu relacionamento com os tios. O pai costumava falar dos irmãos com carinho, mas o certo é que seu convívio com eles sempre fora marcado por um halo de fria gentileza. Mauricio atribuía esse distanciamento à partilha desigual da herança, da qual o pai recebera a melhor parte por ser o primogênito, embora, obviamente, houvesse outros motivos...

A mentira se aninhava nas raízes da própria árvore que o tinha engendrado. Essa certeza lhe dava a sensação de estar caminhando sobre uma densa folhagem que ocultasse por baixo de seu manto larvas putrefatas. Abaixo de seus pés se abriam abismos insondáveis, mas o que mais o angustiava era o fato de o pai ter afirmado que seu doloroso fim poderia ser consequência da vingança de um rabino falecido séculos antes. Mauricio rogou para que essas afirmações respondessem unicamente a um fugaz momento de desespero, por mais que o rosto luminoso do pai lhe aparecesse agora toldado de sombras. Sempre achara que o pai não havia se casado de novo por causa do amor que professara à esposa, falecida ao dar à luz Mauricio. Agora se perguntava se não haveria outros motivos, como o medo de ser surpreendido por uma nova consorte praticando em segredo os ritos judaicos.

Mauricio procurou se desfazer desses pensamentos. Seu pai trabalhava aos sábados, comia toucinho, ia à missa diária e orava fervorosamente – com a veemência, pensou, dos novos convertidos que assim ocultavam o temor de duvidar da nova fé...

Quando, por fim, conseguiu adormecer, sonhou com um céu pontilhado de rochas enormes em lugar de estrelas. As pedras se multiplicaram até que se transformaram em uma impenetrável capa multiforme que desceu lentamente sobre ele, esmagando-o sob seu peso. Enquanto lutava contra a asfixia da morte, um raio luminoso explodiu em sua cabeça. As pedras ameaçadoras desapareceram e uma amorosa luz dourada o envolveu, transmitindo-lhe uma paz desconhecida. Os olhos verdes de Lorena miravam-no do firmamento com um amor alheio ao tempo. Mauricio despertou e, como se estivesse em transe,

dirigiu-se ao escritório, molhou a pena na tinta e escreveu o verso mais belo de sua vida, como se cavalgasse sobre uma onda.

Luca Albizzi recebeu em sua vila de Pian di Mugnone, nas cercanias de Florença, os cavaleiros que haviam solicitado vê-lo. Ofereceu-lhes um *Chianti* excelente, de frutos cultivados em seus próprios vinhedos, além de alguns doces. Em seguida, perguntou o motivo da visita.

Enquanto os escutava, sentiu que um frio percorria sua alma. Em resumo, ofereciam-lhe dinheiro e outros favores em troca de mantê-los a par dos movimentos de Lorenzo; no entanto o que mais lhes interessava, conforme deduziu, era a maravilhosa gema incrustada no anel que o Magnífico exibia no dia em que os Pazzi tentaram assassiná-lo.

Luca observou-os atentamente. O mais alto, pela maneira de falar, era, sem dúvida, romano. O outro, com toda a certeza, vinha dos Países Baixos. Ao longo da vida, Luca tratara com uma infinidade de comerciantes e gabava-se de reconhecer prontamente seus sotaques. As roupas de seda e veludo, os cintos com fivelas de bronze cravejadas de pérolas e ametistas, a maneira de falar e a segurança dos movimentos corporais revelavam que aqueles homens eram gente importante. Todavia, podiam ser também espões contratados, charlatães cuja única intenção fosse desmascarar inimigos ocultos do Magnífico para entregá-los à força.

– Sinto muito, não estou interessado nesses assuntos – anunciou Luca, levantando-se e dando por encerrada a reunião.

– Espere um momento – insistiu Domenico Leoni, o romano. – Os Albizzi foram grandes em Florença até Cosimo, o avô de Lorenzo, expulsá-los. Se os Médicis permitem que vocês vivam atualmente em Florença, é por pura ostentação de magnanimidade, que recompensa assim seu servilismo. No

fundo, vocês não passam de um lembrete público de que quem se submete ao poder dos Médicis pode desfrutar de uma vida tranquila, enquanto os recalcitrantes são tratados com mão de ferro. Quer dizer, utilizam-nos como simples veículo de propaganda. Ou a cidade inteira não sabe que os descendentes de Rinaldo Albizzi não podem pôr o pé em Florença? Vocês foram dispensados porque não descendem diretamente de nenhum deles e por reconhecerem publicamente a superioridade de Lorenzo. Em troca, desfrutam as belezas da cidade e podem ir tecendo uma rede de contatos na esperança de que, um belo dia, lhes sirvam para elevar novamente o nome Albizzi às alturas. Nós podemos ajudá-los a alcançar tão nobre objetivo.

Luca refletiu sobre as palavras de Leoni. Com efeito, seu pai era filho de um dos primos de Rinaldo Albizzi. Lorenzo concluíra que havia suficiente distanciamento para fazer um gesto de boa vontade e permitir que se estabelecesse em Florença. No entanto ele gostaria muito de ser o punhal que vingaria a honra da família! Quantas vezes havia sonhado recuperar o destaque que seu nome tivera outrora em Florença!

Acabar com os Médicis não era apenas uma questão pessoal, mas, sim, um dever moral – pois ele não duvidava que eles tivessem vendido a alma a Satanás! Como, se não fosse por um pacto com o diabo, se explicaria o fato de os Médicis terem progredido de modestos agiotas a respeitados e influentes banqueiros, donos virtuais da cidade? Por que teriam enviado mensageiros pelo mundo afora à procura dos livros perdidos de Hermes Trismegisto, Platão e outros idólatras da Antiguidade, que mandaram traduzir, do grego, essa velha língua perdida no esquecimento? Se eles convocavam e protegiam tantos artistas e homens de letras era por um motivo vergonhoso: promover ideias pagãs revolucionárias, contrárias à verdadeira fé. Também toleravam a homossexualidade e até os assassinos de Cristo! O próprio Lorenzo defendera Leonardo da Vinci de uma bem fundada acusação de sodomia e deixava que os judeus se estabelecessem em Florença oferecendo-lhes sua proteção.

– Não existe afeto entre vocês – continuou Leoni –, apenas boas maneiras para camuflar hipocritamente os interesses mútuos que os ligam. Lorenzo não nos mandou para armar-lhe uma cilada. Se quisesse prendê-lo, já o teria feito por meio de uma falsa acusação. Apesar disso, entendemos sua recusa a colaborar conosco. Talvez o tempo o faça mudar de ideia. Se isso acontecer, procure-nos.

Luca examinou o documento que Domenico Leoni lhe estendeu. Depois disso, emborcou uma taça de vinho, mas isso não extinguiu o frio que congelava sua alma.

*M*auricio ouvia, como se viesse de longe, a voz próxima do barbeiro que lhe contava os últimos boatos da cidade. Desde que se instalara no Palácio dos Médicis, adquirira o costume de barbear-se duas vezes por semana, como os outros fidalgos florentinos. Enquanto via refletida no espelho a afiada lâmina que lhe escanhoava o rosto, matutava uma vez mais sobre a proximidade da vida suntuosa e da morte. Um movimento brusco do barbeiro podia seccionar seu pescoço, em vez de deixar sua face lisa como a de um menino. Do mesmo modo, qualquer amanhecer podia anunciar a crônica de sua ruína.

A queda de Lorenzo de Médici precipitaria a dele. E as notícias não eram exatamente tranquilizadoras. Lorenzo e o governo inteiro haviam sido excomungados pelo papa Sisto. Acusados de “filhos da iniquidade”, não mais tinham acesso aos sacramentos da Igreja, e os cristãos foram proibidos de manter contato social com eles. Em Roma, os mercadores florentinos ficaram encarcerados por algum tempo e, embora tenham sido soltos depois, não podiam deixar a cidade nem enviar a outros destinos os produtos e o dinheiro ali depositados. O papa fazia seu jogo oferecendo remissão plena dos pecados a todos que se levantassem em armas contra Florença. E, numa jogada diplomática combinada com o rei Ferrante de Nápoles, esse ameaçara com a aniquilação total de Florença se os próprios cidadãos não expulsassem Lorenzo de seu seio. A mensagem não podia ser mais clara: a guerra era contra Lorenzo, não contra Florença. “Mantenhm-no aí caso queiram derramar lágrimas. Mandem-no embora e seus problemas se acabarão”, esse era o recado que

enviaram aos florentinos. Que aconteceria? As tropas pontifícias e napolitanas estavam decididas a empregar a força se as palavras não bastassem.

Quando Paolo, o barbeiro, lhe recomendou com entusiasmo os serviços de uma meretriz do bordel mais próximo, Mauricio nem sequer lhe deu atenção. Já se sentia suficientemente preocupado com o destino de sua alma para cometer um pecado tão flagrante. E se a proibição de ministrar sacramentos se estendesse aos colaboradores de Lorenzo? Nesse caso, se pecasse, não seria perdoado pela confissão; e, se morresse, arderia no Inferno por toda a eternidade. Corria um grande risco por desobedecer ao papa mantendo relações cordiais com Lorenzo. Nunca havia usado os préstimos de uma mulher leviana, e de modo algum começaria agora.

Satisfeito com seu aspecto, Mauricio percorreu apressadamente os becos que conduziam ao mercado de Lucrecia, desviando-se de mulas carregadas de alforjes, jovens pastores que ofereciam nos pórticos o leite fresco de suas cabras e ambulantes que apregoavam aos berros as excelências de suas quinquilharias. Havia mais de uma semana que, diariamente, voltava ao mercado na hora exata em que se encontrara com aquela estranha jovem. Como se tivesse sido vítima de um feitiço, não conseguia se esquecer de seus olhos amendoados de cor verde-clara e estava disposto a desafiar todas as regras para saber mais sobre ela. Nos últimos dias, fazendo compras, cultivara a amizade de Lucrecia, a dona da loja. Ela lhe assegurara que a tal mocinha, de quem guardava apenas um lenço e a lembrança de seu olhar, não era uma cliente habitual. Porém sua criada, Cateruccia, costumava passar por ali ao menos duas vezes por mês. Mauricio concebera um plano ousado, mas temia que a criada não fizesse chegar às mãos da ama sua única esperança. Precisava entregá-la pessoalmente.

Quando a viu entrar, pareceu-lhe que o resto do mundo esmaecia, como se o Criador, querendo exaltar a aparição da musa, retirasse subitamente as cores de tudo que a rodeava. O rosto dela era delicado, de pele suave e branca como a neve recém-caída. As mechas de seu cabelo desciam jovialmente até a base do pescoço, cuja tez se entrevia por baixo da gola enfeitada de seu elegante vestido de seda vermelho. As mangas – abertas até a altura do cotovelo conforme a última moda – mostravam a blusa por baixo; e o vestido comprido e justo caía-lhe aos pés numa profusa cascata de dobras.

Mauricio sentiu as pernas bambear, mas nem por isso deixou de ir ao encontro da jovem. Após saudá-la com toda a amabilidade, devolveu-lhe o delicado lenço que ela deixara cair dias atrás. Sua criada, Cateruccia, não pôde

evitar um movimento de surpresa e desaprovação. Já Lorena mostrou- -se muito educada e revelou seu nome. Após uma breve conversa, despediu-se formalmente.

Mauricio já havia entregado suas cartas. Quando Lorena abrisse o lenço, encontraria uma surpresa.

Lorena recitou mentalmente o bilhete que Mauricio havia deixado dentro do lenço. Continha um poema de extraordinária beleza e um recado: ele iria diariamente à mesma loja na nona hora.^[2]

Ali a aguardaria impaciente, desejando voltar a vê-la. A proposta era inaceitável. Uma dama distinta, em idade de casar-se, não podia aparecer sempre em uma loja como a de Lucrecia. E muito menos, dia após dia, conversar em público com aquele estrangeiro. Nem mesmo uma vez por semana. Do contrário, sua reputação ficaria comprometida e ela não mais poderia encontrar um marido adequado. No entanto Mauricio parecia um homem rico, a julgar por suas roupas. O fato de ignorar por completo os costumes florentinos, longe de desagradar a Lorena, conferia-lhe um aspecto atraente. E havia uma possibilidade honrosa, que talvez valesse a pena explorar...

A princípio, Cateruccia resistira, mas, mediante um pequeno suborno, aceitara o encargo.

– A tarefa de que você me incumbiu foi mais fácil do que eu imaginava. Só precisei perguntar a Lucrecia, que sabe de todos os mexericos sobre seus clientes. O tal Mauricio é o homem que salvou a vida de Lorenzo de Médici quando tentaram apunhalá-lo na catedral. Sua pessoa está envolta em mistérios. Comenta-se que foi ele quem deu a Lorenzo o fabuloso anel por ele exibido em algumas aparições públicas. Segundo alguns, o rapaz é um poderoso mago que está ensinando suas técnicas ao próprio Marsílio Ficino. Segundo outros, contudo, é ele quem precisa aprender muito dos eruditos que rodeiam o Magnífico. Pouco se sabe de suas origens. Só é certo que vem de

Barcelona. De qualquer modo, agora é um dos homens de máxima confiança de Lorenzo. Mora no palácio e em breve será nomeado subdiretor da *Tavola* dos Médicis em Florença, na qual já tem uma pequena participação.

A cabecinha de Lorena viajou para o mundo dos sonhos e dos contos de cavalaria. Mauricio, o milagroso salvador do Magnífico. Um homem dotado de poderes extraordinários, vindo de terras longínquas para evitar o triunfo da perversa conspiração dos Pazzi. Seria acaso um herói, como o Percival descrito pelo trovador Wolfram Eschenbach...? Lorena riu de si mesma e voltou à realidade.

– Não lhe deve ter custado muito averiguar tudo isso, não? – perguntou, esforçando-se para não deixar transparecer o enorme interesse que tinha pelo assunto. Quanto mais ansiosa se mostrasse, mais caro lhe sairia o próximo favor que pedisse a Cateruccia.

– Lucrécia está sempre a par de tudo, mas fez-se de rogada. Tive de adquirir uns tamancos a preço bem superior ao habitual. Quase não pude lhe trazer o troco.

Lorena suspirou resignada. Era impossível enganar Cateruccia, que cuidava dela desde pequena. Como não perceberia o rubor que lhe subia ao rosto quando falava de Mauricio? Resignou-se, pois, a recolher as poucas moedas *di piccoli* que a criada lhe devolveu e pôs-se a imaginar um modo de apresentar o próximo pedido. Por fim, decidiu que o melhor caminho seria a tática ofensiva, deixando claro que seus desejos não admitiam discussão.

– Quando sairmos de novo a passeio sem minha irmã, faremos algumas compras na loja de Lucrécia por volta da nona hora.

– Senhorita Lorena – replicou Cateruccia, alarmada –, já fomos mais longe do que o decoro permite. Não posso continuar sendo cúmplice desse jogo. É perigoso demais.

– Não fique tão preocupada – tranquilizou-a a jovem. – Ainda não enlouqueci. A próxima visita será a última. Só lhe peço uma coisa: quando eu estiver falando com Mauricio, procure pela loja algo que gostaria de comprar.

Lorena esperava ter calculado bem. Cateruccia não só a queria muitíssimo como era uma mulher extremamente prática. O novo presente, que de maneira tão sutil lhe oferecia, representava um estímulo nada desprezível. No entanto o fator realmente decisivo era que o futuro de Cateruccia estava indissolúvelmente ligado ao seu próprio. Descartado o casamento com Galeotto Pazzi, seus pais já consideravam novos pretendentes. Nada mais

provável que, no prazo máximo de um ano, se visse obrigada a contrair matrimônio. Nesse caso, se reclamasse Cateruccia como governante do novo lar, ninguém poria objeções. E dirigir uma mansão – se o acordo nupcial atendesse às aspirações de seus pais – era muito mais interessante que cuidar de sua irmãzinha.

– A próxima visita será a última – sentenciou Cateruccia.

– Não creio que alguma vez se tenham ouvido insultos tão ferozes contra o papa numa igreja – comentou Marsílio Ficino. – Seu antigo tutor, o bispo de Arezzo, não poupou impropérios durante o sínodo celebrado no Duomo.

O Magnífico sacudiu a cabeça e continuou seu passeio pelos jardins do palácio. Havia dias que Mauricio não conseguia falar com ele. Lorenzo estava o tempo todo ocupado em escrever cartas e presidir reuniões. O jovem contava com a inspiração: tudo dependia de empregar as palavras apropriadas.

– Quando o papa só leva em conta os interesses mundanos de sua família, esquece o cuidado das ovelhas e, em vez disso, tenta devorá-las como um lobo faminto.

– O bispo de Arezzo, como nós, compartilha de seu diagnóstico – concordou Marsílio –, embora haja recorrido a metáforas menos poéticas: chamou o papa Sisto de vigário do diabo e de rufião que prostitui a própria mãe, a Igreja; de Judas, que do alto de sua barca atira veneno aos peixes; de mulher da vida que, sendo uma puta, chama os demais de fornicadores...

– Se seu antigo tutor se mostra tão contundente em público, prefiro não lhe perguntar o que diz em particular – disse Leonardo da Vinci com um sorriso irônico.

– Se prefere não sabê-lo, respeitarei sua vontade – respondeu Lorenzo em tom sarcástico.

Mauricio contemplou a água que fluía harmoniosamente da fonte do pátio de Lorenzo, enquanto ouvia estupefato palavras tão graves pronunciadas num tom tão leviano. Muitos dos pilares sobre os quais se baseara sua educação

cambaleavam desde a morte do pai. Em casa, a palavra de qualquer sacerdote era sagrada e teria sido impensável julgar maliciosamente o pior sermão do pároco mais humilde; como, então, alimentar dúvidas sobre o representante de Jesus Cristo na Terra? No entanto lá estava ele no meio de uma conversa que não sabia se classificava de herética, cínica ou realista.

Com efeito, o papa não era unicamente a cabeça espiritual da Igreja, mas também a de um poderoso Estado secular que lhe garantia independência frente a outros monarcas. As críticas sobre seu nepotismo eram irrefutáveis. Seis dos cardeais investidos pelo papa Sisto IV, mais de um quinto dos que obtiveram a púrpura em seu pontificado, eram sobrinhos dele. A torrente de favores que o papa dispensava aos familiares graças às prerrogativas do cargo nem se podia calcular: terras, rendas eclesiásticas, honrarias, casamentos arranjados... Toda prebenda era insignificante aos olhos de Sisto IV, especialmente quando se tratava do sobrinho predileto, o conde Girolamo, que segundo boatos era na verdade seu filho. Nessa desmedida ambição estava o germe do conflito com Florença. O papa movera céus e terras para que o conde Girolamo se convertesse em senhor de Imola e Forli, duas cidades independentes a partir das quais tencionavam construir um novo Estado que, uma vez consolidado, procuraria se expandir ameaçando os territórios de influência florentina.

O Magnífico sempre se opusera a essas aventuras, perigosas para Florença e para o equilíbrio instável entre os Estados italianos. Por fim, as hostilidades subterrâneas vieram à superfície até explodir com toda a força. Mas uma coisa era o papa ter favorecido descaradamente seus aliados e outra bem diferente era chamá-los de Judas, rameiras ou representantes de Satanás. A guerra de palavras havia chegado tão longe que Sisto havia proibido os sacerdotes florentinos de administrar os sacramentos.

– Preocupa-me muito – reconheceu Mauricio – não poder ir à missa nem me confessar. Por acaso a vocês não?

– Fique tranquilo – reconfortou-o Lorenzo. – Você poderá ir à missa e ser absolvido de seus pecados como qualquer cristão. Submetemos ao exame dos mais preclaros juristas as excomunhões e os interditos que pesam sobre Florença. A resposta foi unânime: não têm nenhuma validade. E há uma jurisprudência, baseada em dois decretos de direito canônico, segundo a qual os sacerdotes perdem as atribuições inerentes a seu cargo quando são descobertos no ato de brandir armas com o propósito de assassinar pessoas.

Portanto, as proibições e excomunhões do papa, fundadas na execução de um arcebispo e de vários sacerdotes, não têm fundamento legal, pois eles estavam armados e tencionavam verter sangue. Caso diferente é o do jovem cardeal Raffaele, sobrinho de Sisto, que libertamos, em vez de executar, pois ele não sabia da conspiração. Dessa forma, nós é que agimos de acordo com a justiça. Eis o motivo pelo qual, com o apoio do rei da França, apelamos das decisões do papa ao Conselho Geral Eclesiástico. Enquanto esse não se reúne, os sacerdotes de Florença continuarão assistindo os fiéis, fazendo caso omisso dos disparates de Sisto. E mais: ontem, o sínodo florentino excomungou o papa. De modo que vocês não precisam se abalar com nenhum de seus interditos, porquanto os excessos do pontífice não representam a Igreja.

Lorenzo, como sempre, infundia confiança absoluta. Mauricio achava surpreendente que, apesar da voz acentuadamente nasalada em consequência de problemas no septo, suas palavras fossem invariavelmente persuasivas. Quer pelo magnetismo pessoal, quer pelos notáveis dotes oratórios, o certo era que esse defeito no timbre da voz passava despercebido tão logo ele completava a primeira frase.

– Suas palavras são tranquilizadoras – comentou Mauricio. – Porém, apesar de tudo, perturbam-me os insultos tão graves proferidos contra o papa. Por mais erros humanos que cometa, continua sendo o vigário de Cristo na Terra.

– Compartilho da opinião de Mauricio – interveio Leonardo –, embora talvez por motivos diferentes. Sua liderança, Lorenzo, depende inteiramente do apoio popular, já que vivemos numa república. Ora, Florença é uma cidade católica. Ofensas tão graves contra o papa podem incomodar uma parte da população e predispor-la contra você.

– Não se assustem, queridos amigos. Esses comentários sobre o papa foram feitos a portas fechadas no sínodo, onde só os ouviram alguns eclesiásticos previamente selecionados, como meu bom camarada Marsílio.

– Contudo – replicou Leonardo – outro amigo seu, o bispo de Arezzo, redigiu um libelo no qual reproduz as acusações e os comentários feitos no Duomo. Graças às três novas tipografias da Via de Librai, as críticas de seu extutor poderão chegar ao conhecimento de inúmeras pessoas. E, logicamente, pensarão que é você quem fala por boca alheia.

– Tem razão até certo ponto – concordou Lorenzo. – Mas o libelo está escrito em latim, de modo que só será lido pelas mentes cultas, dotadas de espírito crítico.

– Porém alguma medida de divulgação terá de ser adotada junto ao público – observou Marsílio. – Porque, saibam ou não latim, já chegou aos ouvidos dos habitantes que o papa excomungou todos os cidadãos de Florença por não se voltarem contra você e que ele proibiu nossos sacerdotes de administrar os sacramentos.

– A melhor divulgação se dará – declarou o Magnífico com segurança – se os florentinos puderem continuar assistindo aos ofícios religiosos, como sempre fizeram.

O discurso de Lorenzo era convincente, como de costume, mas Mauricio não estava totalmente satisfeito, pois uma última dúvida o afligia.

– Desde já lhe peço desculpas por me atrever a perguntar algo tão pessoal, mas, realmente, acredita que quem está sentado na cadeira de São Pedro, o papa Sisto, é o representante de Satanás?

Lorenzo mirou Mauricio de alto a baixo com o olhar, antes de responder.

– Claro que não. Antes de ser eleito papa, Sisto era um homem erudito e piedoso, sem muita experiência nem interesse em assuntos mundanos. Contudo, depois que assumiu o trono, parentes e aliados o convenceram a enveredar pelo caminho do nepotismo corrupto, que conduz ao crime. Os laços de sangue às vezes se mostram mais fortes que a própria pessoa. E às tentações do poder é difícil resistir. Acredite-me: falo por experiência própria.

Lorenzo baixara o tom, como se até então estivesse se confessando em voz alta. Fitou os olhos de Mauricio como se hesitasse entre prosseguir e calar-se. Por fim, retomou a palavra:

– Uma coisa é o papa não ser Satanás, e outra, muito diferente, é que não esteja influenciado, sem saber, pelo próprio diabo. Ou por acaso eles não pretendiam me matar no momento mais sacrossanto da celebração eucarística? Na verdade, quem devia ter-me assassinado era o conde Montesecco, um militar profissional que, sem dúvida, teria alcançado seu objetivo. Porém, quando lhe ordenaram que me apunhalasse durante a missa na catedral, negou-se peremptoriamente a derramar sangue em solo sagrado. Quem manipulou Sisto para dar sua aprovação tácita no infeliz golpe não conseguiu enganar o conde de Montesecco, que confessou ter visto e ouvido coisas absolutamente sinistras. Os que, da sombra, movem os cordões da conspiração são decerto poderosos, mas não nos esqueçamos de que Davi venceu Golias com uma funda.

Mauricio contemplou a esplêndida escultura de bronze que adornava o jardim do palácio: o *Davi* de Donatello – desnudo, repleto de graça e com as formas de um adolescente. Havia nessa estátua algo que o intrigava. A beleza de Davi era masculina e feminina ao mesmo tempo. Donatello – pensou Mauricio – teria querido representar um ser andrógino? Por quê? Outra pergunta: o pequeno e engenhoso herói derrotara o gigante Golias; os Médicis elegeram essa estátua como símbolo, pois, sem dúvida, viam-se como um Davi que, lutando pela liberdade, é capaz de enfrentar e vencer adversários colossais; pois bem, combatiam realmente pela liberdade, por alguma outra causa desconhecida ou simplesmente para salvar a pele? Uma coisa era certa: Lorenzo tinha de se haver com inimigos gigantesco.

– Passando a assuntos mais prosaicos – disse o Magnífico, tocando-lhe amistosamente no ombro –, encontrei-me ontem na missa com o pai de Lorena. Falei-lhe com tanto entusiasmo de você que ele se mostrou muito interessado em conhecê-lo. Esperam-no hoje em sua casa ao meio-dia, para almoçar.

O coração de Mauricio deu um salto. Todas as perguntas e inquietações anteriores desapareceram de sua cabeça como num passe de mágica. Duas semanas antes, encontrara-se com Lorena na loja de Lucrecia. Ela lhe explicara que, se desejasse voltar a vê-la, era imprescindível respeitar as normas sociais de Florença. Isto é, ambos deviam ser apresentados formalmente, com o conhecimento dos pais. Mauricio, sem perda de tempo, pedira a Lorenzo que recorresse à sua rede de influências para marcar um encontro com a família da jovem. Embora às voltas com inúmeros problemas, o Magnífico não se esquecia dos amigos e interviara pessoalmente para atendê-lo. Lorenzo de Médici era sua melhor carta de apresentação. Mas que impressão causaria aos pais de Lorena?

Ainda não se podia considerar um banqueiro experiente nem um comerciante ilustre. Pelo menos, consolou-se, suas maneiras haviam melhorado durante a permanência no Palácio dos Médicis. Já não limpava as mãos na toalha de mesa, mas se servia daqueles lenços chamados guardanapos, e, caso a ocasião o exigisse, era capaz de usar o garfo e a colher com certa desenvoltura. O que se negava a fazer, pois lhe parecia um requinte exagerado, era lavar as mãos com água de rosas, como Leonardo da Vinci. O almoço na casa de Lorena seria uma ótima oportunidade que ele a todo custo devia aproveitar.

Mauricio subiu apressadamente ao quarto e escolheu a roupa mais elegante. A ocasião justificava esse requinte.

O almoço havia terminado. Seus irmãos, Alessandro e Maria, tinham saído para se refrescar no pátio. Os criados limpavam a sala de refeições e a cozinha. Que impressão teria Mauricio causado a seus pais? – se perguntou Lorena.

Disfarçadamente, subiu as escadas até o andar superior. Uma vez lá, dirigiu-se para o quarto que dividia com a irmã, mas saiu logo. Apenas tirou os sapatos para não fazer nenhum ruído enquanto se aproximava do quarto de seus pais. Havia ouvido vozes, e a porta estava entreaberta. Posicionou-se estrategicamente para não ser vista enquanto aguçava o ouvido. Tinha de prestar muita atenção não só às palavras de seus pais, mas também ao mínimo som de passos procedentes da escada. Se alguém a surpreendesse descalça junto à porta, estaria metida numa situação das mais comprometedoras. Sua curiosidade, porém, era mais forte que o medo.

– Pareceu-me um bom rapaz, esse Mauricio – disse a mãe.

– Mas, Flávia, você viu como ele olhava para Lorena?

– Desde o começo, Francesco. Sem dúvida, nossa filha mais velha lhe agrada muito.

Falavam em voz bastante alta, como para se fazer entender claramente, sem problemas. Lorena refletiu novamente sobre os nomes de seus irmãos. Alessandro, como o avô paterno; e Maria, como a avó materna. Por que ela, ao contrário da tradição, não fora batizada com o nome de algum parente? O lógico teria sido se chamar, ela, sim, Maria, pois havia nascido três anos e meio antes da irmã. Essa questão rondava sua mente havia muito tempo. Em certa ocasião, reunira coragem suficiente para sondar a mãe. “Tive um sonho tão

nítido com seu nome e insisti de tal maneira com Francesco que ele finalmente deu o braço a torcer”, respondera ela. Desde quando um sonho pesava o bastante para inclinar o fiel da balança contra uma tradição de gerações? A voz do pai chamou-a de volta ao presente.

– Pois que se esqueça dela! Jamais será sua. Não vamos jogar fora todos os nossos esforços com um casamento tão arriscado. O tal Mauricio não parece possuir fortuna própria. Seu cargo no Banco Médici se deve unicamente à estima que Lorenzo tem por ele. Queira Deus que o Magnífico continue à frente de nossa República! Como você bem sabe, nem todos pensam como eu. Os inimigos que planejam sua ruína são muito poderosos. Se Lorenzo cair, Mauricio não passará de um estrangeiro sem vintém numa cidade que não é a sua.

– No entanto temos de reconhecer – interveio a mãe – que o rapaz parece inteligente e empreendedor. Se o Magnífico superar esta crise, Mauricio poderá chegar bem alto nos ombros de um padrinho como ele.

– Essa é uma possibilidade que depende mais da sorte que de qualquer outra consideração. E nossa filha merece uma realidade sólida em vez de um bilhete para um sorteio. Vejamos o caso de Luca Albizzi. Ele, sim, é um valor seguro. De berço nobre, possui, além disso, fortuna considerável. Lorenzo o respeita e Luca é suficientemente esperto para dançar ao som da música do Magnífico. Mas se Lorenzo sair de cena, ele será um dos beneficiados pela mudança de regime.

– Sim. Já falamos sobre esse rapaz muitas vezes. Sempre fomos a favor dos Médicis. Entretanto, no dia em que caírem, voltarão para cá quase todas as famílias exiladas durante seu mandato. E em Florença, quando uns perdem, outros ganham. As famílias principais, partidárias dos Médicis, serão desterradas. Não é o nosso caso, pois, embora sejamos ricos, não temos lá grande importância. Mesmo assim, inevitavelmente, perderemos certos privilégios e prestígio social. Tudo ficará mais difícil para nós.

– Exatamente – enfatizou o pai. – Nossa linhagem, em vez de continuar subindo, baixará de categoria. Com Luca, pode acontecer o contrário. A maior parte dos Albizzi voltará do exílio e se instalará de novo em Florença. Unindo fortunas e contatos, esses homens se transformarão rapidamente em um dos clãs dirigentes da cidade. E Luca será um deles. Estou certo de que, apesar de seu alegado amor por Lorenzo, tem informado regularmente os Albizzi do que se passa em Florença.

– Então, a seu ver – prosseguiu a mãe –, uma aliança matrimonial com Luca Albizzi nos garantiria uma posição de destaque no novo regime que está para chegar?

– Sem dúvida. E com a vantagem extra de que, se Lorenzo permanecer no comando, também não perderemos nada, já que os dois mantêm boas relações. Sendo Luca um parente distante de Rinaldo Albizzi, o velho inimigo de Cosimo de Médicis, Lorenzo não o vê como uma ameaça, mas, sim, como uma prova palpável de que todos que se submetem à *pax* dos Médicis acabam prosperando.

– Ou seja – concluiu a mãe –, poderíamos jogar com dois baralhos ao mesmo tempo.

– Não só “poderíamos”, mas “devemos” agir assim. Esta é a cidade do comércio e das artes, mas ninguém consegue subir além de certo ponto sem contar com o beneplácito dos que governam. Luca Albizzi parece interessado em Lorena. Você não percebe que, nas atuais circunstâncias, isso é um milagre vindo do Céu? Recusá-lo seria um insulto às nossas famílias. Seria, na verdade, enterrar com pazadas de terra as ilusões pelas quais tanto lutaram nossos antepassados. Se agíssemos com negligência, não me admiraria que se revolvessem furiosos em suas tumbas. Eis o motivo pelo qual pagarei de bom grado um dote generoso por nossa filha, caso Luca seja o escolhido.

– Tem razão, Francesco, mas seria preferível que o enlace matrimonial fosse do agrado dela.

– E será, é claro – afirmou convictamente o pai. – Luca não é um homem velho nem tampouco um jovem desajuizado. É atraente e galante. Rico e sem vícios. Que mais pode querer uma mulher?

Lorena ouviu passos que subiam a escada e as vozes inconfundíveis de seus dois irmãos. Correu para seu quarto e lá chegou muito antes que Maria assomasse a cabeça entre os corrimões. Escutara o bastante. Seus pais não queriam saber de Mauricio. Só se interessavam por Luca. E, embora suas palavras estivessem, sem dúvida, carregadas de senso prático, uma coisa ela não conseguia tirar da cabeça. Durante a refeição com Luca, parecera-lhe captar um brilho sinistro em suas pupilas. Não sabia explicar isso racionalmente, mas, por um instante, tivera funestos pressentimentos a respeito daquele homem. Fora como se, no curto espaço de um segundo, o olhar distante de Luca lhe houvesse permitido sondar as negras profundezas de sua alma. E não gostara nada do que tinha visto. Falar de suas estranhas intuições seria inútil. Isso ela

aprendera já na infância. Precisaria desagradar Luca a todo custo para que ele não a quisesse como esposa.

Mauricio marcou o final do capítulo com a fita de cetim vermelha, fechou o livro e passou o olhar pelo teto alto, artisticamente esculpido, da biblioteca de Lorenzo. A *Apologia de Sócrates* era uma obra apaixonante, mas seus pensamentos se apartavam vez ou outra do diálogo platônico para que ele se reencontrasse com Lorena. Em alguns momentos, ele acreditava sentir sua presença junto dele; e a imagem daqueles olhos faiscantes lhe surgia até em sonhos, transmitindo-lhe uma paz profunda, que apagava suas angústias. Era uma espécie de amor repleto de êxtase, que parecia ter experimentado desde antes de haver nascido, como se ambos pertencessem a um canto remoto de um mundo esquecido. Seria esse o mistério do amor que os poetas cantavam? Durante o almoço, os pais de Lorena tinham se mostrado gentis, mas estabeleceram limites tão invisíveis quanto impenetráveis. Era compreensível. Afinal, Mauricio não passava de um estranho introduzido artificialmente num círculo que não era o seu.

Hospedava-se no palácio mais suntuoso de Florença sem ser nobre. Assistia às reuniões da Academia Platônica, onde não faltavam sábios ou mesmo gênios, porém ele próprio não era nenhum erudito, sequer um modesto artista. Podia tomar suas refeições com ninguém menos que Lorenzo, o Magnífico, mas qualquer cortesão medíocre ostentava modos mais elegantes à mesa. Tinha participação na *Tavola* dos Médicis de Florença, porém ignorava todos os assuntos referentes às finanças. E, por mais que estivesse rodeado de grandes fortunas, não dispunha de outra renda a não ser o salário pago por Lorenzo.

Em suma, se amanhã o Magnífico desaparecesse, seu mundo emprestado se desvaneceria com ele. Então, só uma coisa ninguém poderia lhe arrebatá-lo: o conhecimento. Mauricio pousou seu olhar nas estantes da biblioteca. Nenhuma livraria nem nenhum mosteiro europeu possuíam uma coleção como a reunida pelos Médicis. Agentes enviados por Cosimo, o avô de Lorenzo, percorreram Constantinopla, Egito, Palestina e os mais remotos conventos da Europa em busca de antigos manuscritos. Entre eles se destacava o *Corpus Hermeticum*, escrito pelo sábio egípcio Hermes Trismegisto na infância da humanidade. Encontraram uma cópia grega desse livro num mosteiro dos confins da Macedônia, e Cosimo ordenara a Marsílio Ficino que a traduzisse imediatamente, pondo de parte qualquer outro trabalho. Assim, as obras de Platão, redescobertas pouco antes, tiveram de aguardar pacientemente sua vez antes de serem lidas em latim. É que Cosimo, temendo o raio da morte, quis se inteirar dos mistérios egípcios no outono de sua vida. Que conclusões teria o velho Cosimo transmitido a Lorenzo, seu neto favorito? – perguntou-se Mauricio, intrigado. Resposta nada fácil, pois Hermes Trismegisto abordava questões fascinantes como os ritos e as fórmulas mágicas da religião egípcia, a ascensão da alma em meio às esferas ou as diversas experiências místicas graças às quais se alcançavam níveis superiores de compreensão. Mauricio temia que tais ensinamentos fossem contrários aos da Igreja, mas Marsílio Ficino, apoiando-se na autoridade de respeitadores padres, outorgava-lhe a condição de profeta comparável a Moisés, uma vez que seus escritos, longe de contradizerem o cristianismo, permitiam aprofundar-se em seus mistérios.

Mauricio não conseguia reprimir a emoção e seu ser vibrava com uma intensidade desconhecida. No universo que Lorenzo lhe oferecia, obter respostas aos grandes mistérios da criação parecia ao alcance de seus dedos. Tantas noites sonhando acordado, tantos anos em busca da verdade na solidão de seu quarto para acabar na única cidade em que tudo era possível: Florença!

Porque Florença significava não apenas filosofia, mas também beleza em qualquer de suas manifestações. A biblioteca dos Médicis era um bom exemplo disso, pois suas estantes de mogno encerravam coleções dos maiores poetas, em especial aqueles que, como o Magnífico, preferiam usar o idioma vernáculo em vez do latim. Lorenzo tinha um grande apreço pelos versos originalíssimos de São Francisco de Assis, que exaltavam o irmão sol e a irmã lua sem se submeter à tirania do latim ou da métrica. Também ocupavam um posto de honra as

obras de Petrarca, o pioneiro na utilização lírica do idioma toscano, que também introduzira elementos pagãos na esfera do cristianismo. Entretanto o entusiasmo do Magnífico pela poesia ultrapassava as fronteiras da península itálica. Provavam isso o *Lancelote*, de Chrétien de Troyes, e o *Percival*, de Wolfram von Eschenbach, assim como os manuscritos atados com fitas em que se liam os maravilhosos poemas compostos pelos trovadores da Occitânia francesa desde o século XII. Escritos na língua de *oc*, muito parecida com o catalão, Mauricio aprendera a amá-los e cantá-los desde pequeno. Nesses poemas, os amores eram tão impossíveis quanto eram ardorosamente desejados. Sua paixão pela inacessível Lorena seria também um verso condenado ao infortúnio?

- Dar um passeio pelos arredores da vila será bom depois dessa refeição tão lauta – propôs Francesco, o pai de Lorena.

Luca sentiu-se um pouco tonto ao levantar-se da mesa e só então compreendeu que a bebida lhe subira à cabeça. O vinho servido, delicioso, era mais encorpado que o produzido em sua vila e, embora a contragosto, Luca devia reconhecer sua qualidade superior. Fosse como fosse, pela composição diferente ou pela grande quantidade ingerida, experimentava uma sensação semelhante a vertigem enquanto percorria o jardim que ornava a entrada principal da propriedade.

A somente umas poucas milhas^[3] de Florença, a vila dos Ginori tinha um aspecto magnífico. O pai de Francesco adquirira já na velhice o antigo casarão, com as terras adjacentes, por um preço bastante razoável. Francesco, com o passar dos anos, transformara-o num ambiente de sonho. A construção arruinada era agora um solar régio, cujos vinhedos forneciam uma das melhores bebidas que já havia provado. E, a julgar pelo azeite, também as azeitonas eram excelentes. Da cevada que se cultivava na vila davam testemunho as pomposas aves de cativeiro – e até os porcos exibiam com orgulho sua corpulência, nutrida pelas bolotas dos numerosos carvalhos que não faltavam na fazenda.

Enveredando por um estreito caminho de terra em companhia de Lorena, Luca pensou que os tempos atuais permitiam aos novos-ricos adquirir o que outrora era propriedade exclusiva dos nobres. Os pais e irmãos da jovem tinham se atrasado alguns passos para admirar a paisagem, circunstância que dificilmente se poderia atribuir ao acaso. A distância era suficiente para que

ambos conversassem sem ser ouvidos, entretanto seus movimentos eram vistos por toda a família.

– Está um dia magnífico – disse Luca, procurando quebrar o gelo. – Ideal para ser apreciado nestas paragens belas e agradáveis. Contudo, a bem da verdade, devo confessar que nenhuma vista é tão bela e graciosa quanto você.

– Sem dúvida, é uma sorte poder fugir do calor de agosto nesta vila, onde o arvoredo dos montes nos brinda com sua brisa refrescante.

Luca se aborreceu ao perceber que Lorena havia ignorado deliberadamente seu galanteio. Durante a refeição, permanecera silenciosa e não rira de nenhuma de suas repetidas anedotas. Luca atribuía esse procedimento ao nervosismo da jovem por estar na presença de alguém que muito provavelmente seria seu futuro marido. Porém agora precisava mudar de opinião. A reação de Lorena ao elogio fora uma esquiwa sutil; e toda a sua atitude anterior, um sinal velado do pouco apreço que tinha por ele.

– Ouviu falar das incursões que vêm ocorrendo nos campos e nas vilas do sul de Florença? – perguntou Luca. – As tropas inimigas – prosseguiu, sem esperar resposta – conseguiram avançar até bem perto de nossa cidade. E, pelo caminho, vão incendiando tudo que encontram pela frente. Para piorar as coisas, bandos organizados de criminosos, aproveitando-se da confusão, descem das montanhas e saqueiam de surpresa as fazendas. Você não tem medo de que isso aconteça por aqui? Fariam a festa se pusessem os olhos nas suas terras...

Luca se divertia atemorizando a jovem, embora, na verdade, não acreditasse que o perigo fosse iminente. De onde vinham os assomos de grandeza da jovem? Lorena deveria beijar o chão que ele pisava em vez de manter sua pose de superioridade distante. Logo a colocaria em seu lugar...

– Como você bem disse, o inimigo ataca pelo sul, e nós estamos justamente ao norte de Florença. Além do mais, hoje não sinto tanto medo, pois você nos ajudaria em caso de necessidade.

Luca se convenceu de que aquela harpia tentava ridicularizá-lo. Logo lhe pagaria na mesma moeda... Embora não explicitamente, o casamento com Lorena estava combinado. Luca dissera a seus pais que qualquer florentino se orgulharia de desposar uma de suas filhas. Alessandro respondera que, caso um cavalheiro honrado se interessasse por elas, ficaria muito feliz em contribuir para o enlace com um dote de dois mil florins de ouro, se bem que, no momento, apenas Lorena estivesse em idade de casar. Dois mil florins de ouro

eram uma pequena fortuna da qual necessitava desesperadamente. Embora todos pensassem que sua situação em Florença fosse sólida, a realidade era bem outra. Sem ninguém saber, tinha contraído inúmeras dívidas em cidades vizinhas, com familiares e agiotas. Os acontecimentos de Florença haviam deixado os credores nervosos, e muitos não queriam lhe dar mais prazo. Se o cobrassem, precisaria vender suas propriedades por um preço ordinário, e a ruína seria sua única companheira. Era, pois, preferível adaptar-se aos novos tempos e casar-se com aquela ferazinha selvagem. Ele a domaria com mão firme. Notou que seu leve vestido de seda se colava ao peito, ajustando-se na cintura com um belo cinto de fios de ouro. Luca se excitou. Seria fácil arrancá-lo e possuí-la.

– Alegro-me por você não sentir medo – mentiu Luca –, pois tenho ouvido coisas terríveis. Segundo me disseram, os soldados não se limitam a saquear propriedades. Quando encontram mulheres bonitas, violentam-nas sem misericórdia. E, após proceder de modo tão degradante, vão se vangloriar nas tabernas de que elas tiveram mais prazer com eles do que com seus maridos.

– Como pode contar mentiras tão desagradáveis? – recriminou Lorena, enquanto seu rosto enrubescia.

Luca sentiu que o vinho e a reação de Lorena lhe provocavam uma euforia muito estimulante. Escandalizar aquela jovem era uma delícia.

– Não são mentiras. Amigos meus só me contaram o que viram e ouviram.

– E acredita realmente que essas desgraçadas vítimas de violência possam desfrutar de um crime tão hediondo?

Luca riu com gosto.

– Não. Claro que não. Só reproduzi o que alguns de meus amigos escutaram em tabernas de reputação duvidosa. Simples bravatas de bêbados desalmados, creio eu. Embora – prosseguiu baixando a voz em tom confidencial – já tenha ouvido dizer que, quando a mulher resiste ao marido, o gozo do amor é mais forte para ambos.

Luca vislumbrou o pavor nos olhos de Lorena. Tarde demais se dava conta de que fora muito longe naquele jogo. Por certo, o vinho lhe transtornara a mente. Ainda assim, um prazer perverso fazia-o estremecer. Logo seria o marido e o único dono daquela jovem.

Mauricio ouvia Marsílio Ficino ler em latim o livro VII da *República* de Platão, enquanto ponderava sobre o muito que ainda tinha de aprender caso tencionasse ocupar cargos de responsabilidade no banco dos Médicis. Só assim podia esperar que os pais de Lorena o considerassem digno de desposá-la. Bruno, assistente do diretor da *Tavola* de Florença, ensinava-lhe pacientemente, durante horas, os passos necessários para que esse sonho se realizasse num dia ainda longínquo. A entrada dupla contábil, as letras de câmbio e de crédito ou mesmo as comissões cobradas na troca de moedas já não eram para ele conceitos desconhecidos. Pelo menos, em teoria. A prática era muito mais complexa. Um bom banqueiro devia saber muito bem como funcionavam as sutis engrenagens da amizade, do interesse e do poder dentro da cidade para autorizar ou vetar operações. E não apenas isso. Também era preciso saber onde investir o dinheiro depositado, quando agir com prudência e quando arriscar, conhecer bem as complicadas relações financeiras entre as sucursais dos Médicis espalhadas pela Europa... Seu pai, que sempre criticara seu escasso entusiasmo pela gestão do comércio barcelonês de teares, teria sorrido ironicamente ao tomar conhecimento do trabalho que ele fora chamado a exercer. Era tarefa digna de um Hércules moderno, mas, de algum modo, Mauricio tinha de cumpri-la. Por enquanto, iria devagar, alcançando objetivos relativamente modestos. Por exemplo, aperfeiçoaria seu latim com a orientação de Marsílio, um mestre inigualável tanto por seus conhecimentos quanto pela maneira amena de ensiná-los.

Mas como poderia se concentrar se sua mente estava ocupada com os sorrisos, os gestos e as palavras de Lorena? Já fazia uma semana que ele

compartilhava mesa e jogos com ela graças à mão poderosa de Lorenzo, que para aliviar-se dos rigores do verão havia organizado umas jornadas de descanso em sua vila de Fiesole, nas colinas ao norte de Florença. Políticos, conselheiros, amigos, artistas e famílias aliadas dos Médicis formaram uma espécie de corte em sua propriedade rural. Os Ginoris não gozavam do grau de proximidade suficiente para serem convidados, porém o Magnífico, em atenção a sua amizade com Mauricio, decidira incluí-los na lista. E os mestres de cerimônia, devidamente instruídos, sempre organizavam as atividades de modo a colocar Mauricio perto de Lorena.

Refeições, jogos, concursos de prosa e poesia, concertos, bailes, passeios a cavalo... Qualquer divertimento ou lugar onde estivesse a jovem era para ele uma festa iluminada por fogos de artifício que dançavam ao som de finos acordes musicais. Lorena, Lorena, Lorena... Ao vê-la, o mundo resplandecia com cores que nunca antes chegara a saborear. Mauricio se sentia cheio de vitalidade na presença dela e, tomado por uma euforia embriagadora, dera o melhor de si em cada um dos encontros com Lorena, que foram momentos verdadeiramente extraordinários. Ao menos para ele. Compartilharia Lorena das mesmas sensações?

Seu amor pelos poemas dos trovadores lhe permitira improvisar, nos concursos de histórias, alguns contos sentimentais de cavaleiros andantes que desafiavam perigos terríveis para resgatar a mulher amada – quer estivesse ela presa na torre mais alta de um castelo inacessível ou sequestrada no fundo de uma gruta inóspita pelo mais pavoroso dos dragões. Enquanto encenava essas fábulas, amenizadas pela música do alaúde, podia ver nos olhos de Lorena o inocente fascínio com que acompanhava os movimentos dos personagens pelos meandros de sua imaginação. No fim, o amor sempre triunfava e o sorriso feliz de Lorena produzia nele uma vertigem semelhante à que dominara Dante ao contemplar Beatriz.

– Imaginemos alguns homens presos numa caverna desde pequenos – propôs Marsílio –, acorrentados pelos pés e pelo pescoço de tal modo que só conseguissem ver o fundo da gruta, mas não a luz de um fogo que brilha às suas costas. Essa é a imagem que Platão descreve no mito da caverna. Pois assim somos nós – afirmou Marsílio. – Tão limitados quanto aqueles homens, só vemos as sombras da realidade.

O rapaz, que imerso em seus pensamentos não prestara atenção à leitura, achou naquela frase ouvida por acaso a oportunidade de falar e fingir não ter

perdido sequer uma palavra do mestre.

– Nós não estamos acorrentados – protestou. – Nada nos imobiliza pelo pescoço, impedindo-nos de virar a cabeça na direção do sol. Todos nós vemos as coisas como são.

Marsílio esboçou um meio sorriso antes de prosseguir.

– Quando sonhamos à noite, não supomos que o que acontece é real? No entanto tudo não passa de fruto de nossa mente. Há mesmo pessoas que sonham acordadas, à luz do dia...

Mauricio permaneceu em silêncio, enquanto Leonardo esboçava uma divertida careta revirando os olhos para o céu. Aquela resposta deixava claro que ele não conseguira enganar Marsílio com seu comentário superficial.

– Como podemos então – perguntou Marsílio – ter certeza de que estamos inteiramente despertados? Pode ser que nos achemos em outro sonho, no umbral de uma realidade mais autêntica.

Mauricio admirou, como sempre, a elegância de Marsílio, que, em vez de fazê-lo passar por ridículo, preferira aproveitar sua inadvertência para prender a atenção do auditório e, de passagem, elaborar uma questão de grande alcance.

– Continuemos com a alegoria de Platão – propôs o mestre. – Se um dos prisioneiros fosse solto e obrigado a caminhar na direção da luz, o que aconteceria?

– Depois de tantos anos na escuridão, ficaria ofuscado – sugeriu Leonardo. – Quando fitasse a luz, ainda que por uma fração de segundo, sentiria uma dor intensa nos olhos e não conseguiria enxergar bem.

– De fato – concordou Marsílio, satisfeito. – Ele deveria proceder de maneira lenta e gradativa, do contrário, suplicaria para voltar ao interior da gruta, onde os olhos não o incomodariam e ele poderia continuar percebendo as sombras com que convivera desde seu nascimento. Porém, suponhamos que ele tenha vencido esse obstáculo. O prisioneiro agora é um homem livre; ele saiu da caverna. Pode contemplar o céu, as nuvens e as estrelas como qualquer um de nós. O que aconteceria se o obrigássemos a voltar e se unir aos seus velhos companheiros?

Mauricio se identificou com o cativo libertado, pois, à semelhança dele, desde a chegada de Lorena à vila Médicis, via o mundo brilhar com uma luminosidade desconhecida até então. Essa era, aliás, a melhor parte das conversas com Marsílio. Por mais abstratas ou distantes que parecessem as

ideias, sempre acabavam objeto de discussões tão apaixonadas como se fossem assuntos do interesse pessoal dos interlocutores.

– Ele ensinaria muita coisa aos seus velhos amigos – propôs Mauricio, deixando-se levar pelos sentimentos. – Poderia explicar-lhes como é o mundo de verdade. Falaria primeiro do fogo, das montanhas, dos campos, dos bosques... Os outros – concluiu –, persuadidos por essas imagens, procurariam encontrar forças e engenho suficientes para romper os grilhões.

– Por Zeus, você é mais idealista que o próprio Platão! – brincou Leonardo. – Não se esqueça de que, quando nosso herói voltasse para a caverna, seus olhos ficariam ofuscados pelas trevas. Enxergaria de maneira confusa até que as pupilas se acomodassem de novo, não poderia distinguir as sombras com a precisão de quem havia permanecido lá. Não seria então ridicularizado pelos companheiros? Com certeza, diriam que ficara com a visão ofuscada por ter saído da caverna. E com que palavras ele explicaria o que havia contemplado lá fora? Os amigos o tomariam por louco e, se ele tentasse libertá-los, provavelmente o matariam.

Leonardo intrigava e encantava Mauricio. Brillhante e talentoso, ele tinha uma maneira absolutamente original de focar qualquer assunto a que se dedicasse. Costumava aparecer no Palácio dos Médicis, onde sempre encontrava as portas abertas, uma ou duas vezes por semana. Lorenzo o convidara também para passar aqueles dias na vila de Fiesole. Não era de estranhar, pois o Magnífico gostava de conviver com poetas, pintores e filósofos humanistas. Mauricio, de sua parte, se sentia orgulhoso por ter sido incluído num círculo tão distinto. Como lhe agradaria dedicar a vida ao estudo, ao ensino e à escrita, tal como o grande Marsílio Ficino! Porém essa pretensão não passava de pó de estrelas. Marsílio gozava daquele privilégio por seu talento, sem dúvida, mas também e, sobretudo, porque os Médicis lhe permitiam viver comodamente em sua casa de campo, sem mais obrigações que a de aprimorar o espírito meditando e escrevendo. Se Mauricio pudesse escolher um ofício entre os que lhe fossem possíveis, não hesitaria em imitar o sacerdote filósofo – mas, ao contrário de Marsílio, seu maior desejo era criar uma família e, para isso, carecia do dinheiro que os livros não proporcionavam.

– Exatamente! – aplaudiu Marsílio. – Suas palavras, Leonardo, são as do próprio Sócrates, o mestre de Platão. Quando o condenaram à morte por ter “pervertido” os atenienses iluminando as sombras com a luz de suas perguntas,

comentou que se admirava de ter vivido tantos anos. Atribuía essa feliz circunstância ao fato de nunca haver se dedicado à política, pois então teria sido executado muito antes por denunciar a verdade publicamente.

– Política e filosofia, uma mistura explosiva – comentou com malícia Leonardo. – A política não é prática pura, ao contrário da filosofia, que é pura especulação? Eu não sou político nem filósofo, apenas um artista amante da natureza. Espero, com isso, conservar a cabeça sobre os ombros até morrer de forma natural, já velho e desmemoriado.

Leonardo acompanhou seu último comentário com um trejeito gaiato que fez rir o pequeno grupo de amigos. Naquelas reuniões, pensou Mauricio, a sabedoria, o bom humor e as ideias mais inesperadas davam-se as mãos com frequência. Como sua vida mudara desde que saíra de Barcelona! A roda da fortuna era tão caprichosa quanto variada em seus giros. E se desse mais uma volta para lhe oferecer a chance de dividir sua vida com Lorena? Parecia uma quimera; porém, se Marsílio estava certo e a vida era uma espécie de sonho, por que não se atrever a sonhar com o impossível?

Lorena havia se divertido como nunca com as histórias e canções que Mauricio interpretara durante a manhã: na alma daquele jovem estrangeiro habitava um trovador original que, com sua voz, sua música e seus gestos, transportava-a para um mundo imaginário aonde outros poetas não conseguiam levá-la. Além disso, aquele era um dia especial. Seu pai e Alessandro precisaram voltar às pressas para Florença, para resolver uma questão de negócios, e tanto Cateruccia quanto a mãe estavam cuidando de sua irmã, que ardia em febre. Assim, livre de vigilância, Lorena ia degustando o doce vinho que acompanhava as massas com a mesma alegria e despreocupação com que vivia as aventuras narradas por Mauricio.

Talvez por isso tenha concordado quando o rapaz propôs mostrar-lhe um bonito recanto que descobrira nas cercanias da vila. Ou talvez por causa do vinho e dos bons momentos que havia passado durante aquela semana na propriedade dos Médicis: espetáculos à luz da lua, com os melhores músicos de Florença envolvendo os jardins de Lorenzo numa aura de sonho, bailes de salão onde homens e mulheres exibiam seus coloridos trajes de festa, jogos florais de que participava Mauricio, cujos poemas lhe evocavam os versos provençais na língua de *oc*, que ela aprendera a amar desde a infância... Que mais poderia querer? Passar um tempo a sós com seu trovador favorito? Por que não? Era o último dia de sua permanência na vila, ninguém a policiava, sentia-se feliz e o sol brilhava esplêndido.

Assim, quando o grupo com o qual haviam partilhado poemas e canções se dispersou, Lorena e Mauricio se esgueiraram discretamente para fora dos jardins até uma trilha flanqueada de ciprestes que, quase sem marcas de

pegadas, subia em direção a um pequeno bosque. Ali, numa minúscula clareira, uma lagoa de águas cristalinas subterrâneas se oferecia como uma tentação quase irresistível num dia tão quente como aquele.

– Desde que descobri esta lagoa – explicou Mauricio –, tenho vindo aqui diariamente ao meio-dia para me banhar. É maravilhoso sentir estas águas frescas sob as carícias do sol. Quer experimentar?

Lorena ardia em desejos de submergir naquele pequeno lago natural depois da fatigante caminhada; porém, embora se sentisse mais ousada que nunca, existiam certas considerações que não podia ignorar, como o decoro que lhe haviam inculcado desde pequena.

– Não sei nadar muito bem – esquivou-se Lorena, timidamente.

– Não se preocupe, eu lhe ensinarei – apressou-se a dizer Mauricio, descalçando-se e tirando a camisa de linho branco.

Lorena se surpreendeu com a desenvoltura do rapaz, mas também com sua própria reação. Longe de ficar escandalizada, gostou de ver o sorriso franco e o peito desnudo de Mauricio.

– É mais agradável sentir a água sobre o corpo nu – disse ele, entre risos. – Mas, diante de uma moça como você, farei o sacrifício de não tirar mais nenhuma peça de roupa.

Lorena observou as calças justas de Mauricio sobre os músculos torneados das coxas sem poder evitar imaginá-lo sem elas. E, para sua surpresa, sentiu-se excitada.

Sem tempo para refletir, ele se lançou de cabeça na lagoa e provocou um redemoinho de que logo emergiu eufórico e movimentando despreocupadamente braços e pernas.

– Está vendo? É muito fácil. Não tenha medo.

Não era intenção de Lorena nadar com Mauricio, mas agradava-lhe contemplar suas cabriolas e não via mal algum em tirar os sapatos para refrescar os pés na água. Contudo, ao pisar na pedra coberta de musgo, escorregou e caiu na água completamente vestida. Mauricio, entre risos, alcançou-a logo.

– Já estamos prontos para a primeira lição – disse, piscando-lhe um olho e segurando-a firmemente pelos braços.

Lorena não sabia se devia rir ou chorar naquela situação ridícula e embaraçosa, mas, finalmente, optou pela primeira atitude. Suas roupas estavam encharcadas, não sabia nadar e dependia por completo do que Mauricio fosse

fazer. Porém a água a refrescava do forte calor que enfrentara até então e os braços do rapaz eram tão carinhosos quanto seguros. Uma sensação de liberdade nunca experimentada invadiu-a. Por que não se abandonar ao prazer e usufruir do momento? Sair da água imediatamente não alteraria o fato de que suas roupas estavam completamente molhadas. Começou, pois, a rir enquanto desfrutava aquele improvisado balé aquático. Jamais cometera loucura semelhante, e a sensação de alvoroço era indescritível. As regras tinham sido feitas em mil pedaços e a vida lhe oferecia, em troca, seu lado mais risonho. A água, os jogos, o corpo de Mauricio tão perto do seu como nunca havia estado o de nenhum homem, as pilhérias mútuas... Tudo transcorria como num sonho, onde se pode fazer qualquer coisa sem o sentimento de culpa por pecar. Aquilo se devia, sem dúvida, à mescla de sensações, ao atrativo físico de Mauricio, à sua amizade cúmplice ou aos efeitos embriagadores do vinho... O certo foi que, quando saíram da água, Lorena se sentia pela primeira vez na vida completamente feliz e livre para fazer qualquer coisa.

Apesar disso, devia secar logo a roupa antes de voltar à vila.

– Feche os olhos – pediu, enquanto se despia atrás de uns arbustos para poder expor suas roupas ao sol sobre alguma pedra.

Ouviu então o estalido de um ramo e sentiu a presença de alguém às suas costas. Era Mauricio, que de olhos fechados lhe estendia sua camisa branca.

– Fique tranquila, não vou espiá-la – garantiu. – Mas, se pretende esperar que as roupas sequem, é melhor vestir alguma coisa. E minha camisa é a única peça que não está molhada.

Lorena concluiu que qualquer alternativa era preferível a ficar seminua no meio do bosque. E se, de súbito, mais gente chegasse àquele lugar?

– Deixe-me ajudá-la – sugeriu Mauricio, desdobrando a camisa. – Na posição em que estou, você só precisa introduzir os braços nas mangas.

Lorena observou-o: braços abertos, olhos fechados, torso nu. Uma imagem muito erótica. Aquele homem bonito, de corpo robusto e esbelto, permanecia imóvel à sua frente, aguardando suas palavras sem poder vê-la. E Lorena estava completamente nua, a poucos passos dele, banhada pelo sol e por uma brisa suave. Sem poder evitar, Lorena sentiu que seus mamilos enrijeciam e uma onda de sensualidade percorria-lhe a pele. Podia decidir qualquer coisa, porém o que mais desejava era voltar a sentir a proximidade de Mauricio.

Vestiu a camisa e ele a ajudou a abotoá-la, roçando sua pele com as pontas dos dedos. Lorena deixou-o fazer, sentindo um leve arrepio. As mãos de

Mauricio tocaram-lhe os seios como se fossem simples prolongamento do cálido vento estival. Lorena virou um pouco a cabeça. Ele continuava atrás dela, de olhos fechados. Tremia ligeiramente; suas mãos haviam sentido a excitação dos seios de Lorena e começavam a acariciar os mamilos. O prazer dominou-a com o ímpeto de uma chuva torrencial. Os corpos de ambos se comprimiram, atraídos como ímãs. O ardor de Mauricio se equiparava ao calor do sol e as voluptuosas sensações que ele experimentava eram tão fortes e naturais quanto a natureza que os cercava. Uma de suas mãos desceu abaixo do umbigo de Lorena, enquanto a outra continuava acariciando-lhe os seios. Ela se abandonou, o olhar perdido na paisagem, fundindo-se com a umidade que brotava dentro de seu corpo.

Lorena estremeceu ao refletir sobre o acontecido e as dramáticas consequências que teria de enfrentar. Naquela mesma manhã, voltaram cedo de Fiesole. Aproveitando o transtorno causado por mulas, caixas e baús, conseguira escapar de casa durante um descuido de Cateruccia. Sair sozinha à rua era algo impensável para uma dama de sua condição; mas, agindo de modo tão imprudente, pretendia achar coragem para confessar o que havia acontecido, pois, em casa, a família lhe exigiria uma explicação a que não poderia esquivar-se. Conseguiria contar sua vergonhosa aventura ou lhe faltariam forças? Já não havia volta no caminho percorrido. Quisesse ou não, aquela loucura de amor mudara definitivamente seu destino. Porém Lorena acalentava a louca esperança de que tudo tivesse sido para o melhor. No entanto, ser repudiada e viver na miséria pelo resto da vida não era nenhuma fantasia, mas, sim, uma probabilidade bem real, como logo poderia constatar.

Ao ver o palácio do Podestà, o encarregado de administrar a justiça, ela estremeceu. Prontamente lhe vieram à lembrança os corpos sem vida pendurados no palácio do governo. Também as janelas do palácio do Podestà tinham sido escolhidas para a execução dos rebeldes no dia da conjura dos Pazzi. Alguns metros à direita erguia-se a Stinche, a temida prisão para devedores e outros delinquentes, que formava uma comprida massa retangular no meio das ruas Diluvio, Palagio, Mercatino e Lavatoi. As paredes externas eram muito altas e não tinham janelas. Sem luz, sem escapatória. Sua vida seria assim dali por diante?

Lorena pensou em rezar para a Virgem Maria para que ela intercedesse junto a Deus Pai Misericordioso, mas mudou de ideia. Como a Puríssima iria

entender um comportamento tão indecoroso quanto o seu? Em vez disso, dirigiu-se ao mercado. Faria um pequeno desvio para chegar a seu destino, mas que importava? Talvez esse fosse seu último passeio, como o dos criminosos que, de mãos atadas sobre uma carreta, eram exibidos pelas ruas antes da execução. Ao menos hoje não se privaria das imagens e dos aromas que tanto lhe agradavam.

O sol estava no seu apogeu: já era meio-dia. Os camponeses começavam a guardar os frutos do campo em sacos remendados e cestas gastas. A sineta do mercado avisou que já podiam entrar as *treccole*, as mulheres que revendiam produtos agrícolas não cultivados por elas. Lorena viu-as entrar com os cestos sobre a cabeça e os varais de madeira apoiados aos ombros. Cebolas, alho, frutas, verduras, pães, ovos, aves de cativeiro... Porém havia também comida pronta como tortas de queijo, enguias fritas e nacos de carne de porco recheados com alecrim. Embora as *treccole* vendessem todos os tipos de alimentos, o pai de Lorena proibira que se comprasse qualquer coisa delas. Para ele, as camponesas do mercado – esposas e mães que vendiam seus gêneros em horas e lugares predeterminados – eram dignas de respeito; mas não as *treccole*, que vagavam pelas esquinas da cidade atraindo sem pudor a atenção dos passantes. No entender do pai de Lorena, a maioria dos compradores de seus produtos se compunha de homens que pagavam um preço superior ao do mercado em troca dessa indecorosa proximidade entre prostitutas e clientes. Inflexível, fizera-a se calar imediatamente quando, numa ocasião, ela ousara sugerir que aquela diferença de preço também poderia se dever ao fato de o mercado estar fechado. Lorena se perguntou como ele reagiria ao saber que a filha perdera a virgindade dois dias antes, na vila dos Médicis.

Guardar silêncio não era uma alternativa, pois implicava casar-se com Luca Albizzi, possibilidade cuja simples lembrança lhe provocava náuseas e uma sensação de opressão, tanto mais que o matrimônio acabaria em tragédia quando Luca a acusasse de impura por não sangrar na noite de núpcias. Lorena não sabia onde acharia coragem para explicar o ocorrido, mas isso tinha de ser feito para evitar uma situação ainda pior, na qual Luca se erigiria em seu juiz e algoz. Talvez, porém, a história tivesse um final feliz, como as narradas por Mauricio. Eles não haviam jurado amor eterno, trocando raminhos com que teceram umas alianças simbólicas?

“Pedi e recebereis; batei e se vos abrirá; porque quem pede recebe, quem busca encontra e a quem bate se lhe abre.” Essa citação do Evangelho brilhou

em sua mente como um relâmpago. Era o demônio que a tentava com a maçã de um mundo afortunado ou, de fato, havia esperança para ela?

Quando Lorena chegou diante de sua casa, na Via dei Pandolfini, havia resolvido contar a verdade. A família se mudara para lá quando ela era tão pequena que não se lembrava da residência anterior. No entanto estava bem consciente do orgulho que seu pai sentia desde que, ocupando a nova residência, subira vários graus na escala social. Conviver com os ricos comerciantes da vizinhança se tornara rotina, mas a invejável posição de que gozavam só fora possível graças aos esforços infatigáveis de muitas gerações. Por isso, quando entrou no palácio da família, não nutria esperanças de que o pai a perdoasse.

O primeiro rosto que viu foi o de Cateruccia. Seu olhar era de reprovação. “Que andou fazendo?”, pareciam perguntar tacitamente os olhos da fiel criada. Ter passado tanto tempo fora de casa era uma falta inconcebível, pela qual Cateruccia era em parte responsável. E aquela fuga louca não se comparava ao seu delito de amor.

Lorena começou a chorar. Desde pequena, recebia o apoio carinhoso de todos os familiares. Porém, na hora da verdade, não pensara nisso e se deixara levar pelos seus desejos pessoais.

– Onde diabos você esteve? – perguntou o pai aos gritos, vermelho de raiva.

Através das lágrimas, Lorena contemplou aquele homem corpulento. Mais que nunca, pareceu-lhe estar diante de uma muralha intransponível: jamais conseguiria atravessá-la. Os irmãos assomaram a cabeça na escada e os criados correram para a sala, atraídos pelos gritos. Somente a mãe, com a expressão tão grave quanto atenta, parecia estar no pleno controle de si mesma.

– Francesco – disse ela –, baixe a voz e mande todos para seus quartos. Vamos resolver este assunto em particular.

Enquanto seu pai ordenava irritado que seus irmãos e os criados se retirassem, Lorena sentiu o coração se contrair. Ficando por fim a sós com os pais, começou a ouvir o latejar do próprio sangue nas veias e buscou, no íntimo, forças para dizer alguma coisa. A irritação do pai por ela ter saído sozinha à rua não seria nada quando ele se inteirasse do que havia ocorrido no último dia na vila dos Médicis. Por fim, com poucas frases entrecortadas, Lorena relatou soluçando o que acontecera.

– Cadela! Rameira! – insultou-a o pai, partindo para cima dela com a intenção de agarrá-la.

Sentada na cadeira que a mãe lhe designara, a Lorena lhe pareceu que um gigante queria matá-la. No entanto a mãe se interpôs entre ela e o gigante.

– Se pretende bater nela, bata em mim primeiro – desafiou num tom ao mesmo tempo suave e firme.

Seu marido estacou petrificado. A mãe então a abraçou e acariciou-lhe os cabelos enquanto falava:

– Baixe a voz e refreie seus impulsos, Francesco. Perder a cabeça e fazer um escândalo de nada adiantará.

Lorena se sentia miserável, era incapaz de articular palavra alguma. Estava na sala, mas uma parte de seu ser, em vez de enfrentar a situação, desejava voar para o teto. O que havia feito era terrível. Em sua mente, perder a virgindade sempre implicara um sacrifício obrigatório do sexo feminino; um dever inerente ao matrimônio, tanto quanto aplacar os desejos do homem e procriar para atender às exigências da sociedade. Contudo, fizera amor sem estar formalmente casada. Sentira medo, é certo, mas as carícias e o contato com o corpo de Mauricio lhe agradaram mais do que poderia ter imaginado, derrubando seus preconceitos e calando seus pensamentos. Naturalmente, sua mãe havia suspeitado de alguma coisa ao ver suas roupas molhadas depois da queda na lagoa. Lorena, porém, lhe havia jurado que a queda fora acidental. A mãe a censurara, mas se abstera de comentar o incidente com outros, evitando assim a ira do pai, que agora percorria a sala a grandes passadas, profundamente indignado.

– Como pode dizer tais coisas sem sentir vergonha? Agiu premeditadamente como uma prostituta vulgar, desonrando nossa casa! Uma mulher só se deita com o marido. Ao proceder como uma rameira, você jogou fora seu futuro.

Nenhum homem honrado quererá desposá-la. É melhor que vá para um convento, pois só quem não tem onde cair morto aceitaria se casar com você. E isso eu jamais aceitarei!

Lorena respirou fundo. Tinha de resistir, não se deixar levar pelo furacão que a arrastava para o abismo. Em qualquer outra circunstância, a simples perspectiva do matrimônio, até mesmo com Mauricio, tê-la-ia enchido de apreensão; mas, se o pai não a autorizava a casar-se, a única alternativa era o convento, isso seria o mesmo que ser enterrada viva.

– Não foi como está pensando, pai – disse Lorena com um fio de voz. – Mauricio e eu trocamos alianças. É quase como se estivéssemos casados. Quando a Igreja abençoar nossa união, tudo ficará bem.

– Isto é inconcebível! – trovejou o pai, fora de si. – Eu já lhe havia dito, Flávia! A educação que demos a esta menina foi um erro. Mesmo antes de nascer, foi tratada de maneira diferente. Você teimou em que a chamássemos de Lorena, e não de Maria, o nome da avó. E logo enveredamos pelo mau caminho! Muita poesia francesa e pouca palmada. Para que serviu a fina educação humanista que lhe demos? Para perdê-la.

O pai deixou escapar uma maldição entredentes, bufou enraivecido e dirigiu-se de novo a Lorena:

– Troca furtiva de alianças, fornicadores abençoados *a posteriori* pela Igreja... O diabo é que pôs em sua cabeça essas fantasias idiotas, com que você pretende justificar uma ofensa tão terrível à virtude. Ou será que andou lendo as obscenidades do tal Boccaccio às escondidas?

Lorena curvou a cabeça e não respondeu. Com efeito, num dos primeiros relatos do *Decameron*, a personagem evita um casamento indesejável perdendo a virgindade com seu amado. No conto, os amantes trocam alianças antes de fazer amor. No final, a heroína convence o próprio papa de que, como já estão comprometidos aos olhos de Deus, o melhor é unir publicamente os pecadores mediante o sacramento do matrimônio. Fora daí que Lorena tirara sua desvairada ideia. Porém convinha calar-se porque aquela leitura tinha sido precedida de um roubo ao próprio pai, que guardava o *Decameron* escondido em uma caixa em seu escritório. Lorena encontrara a chave e lera às escondidas alguns relatos do livro proibido de Boccaccio. Deus tinha muito a perdoar-lhe. Desejou que no dia seguinte, dentro do confessionário de Santa Mônica, estivesse aquele padre velho, meio surdo. Sim, devia ser mesmo meio surdo porque sempre lhe impunha a mesma penitência ao fim da confissão: um pai-

nosso e três ave-marias. Antes assim, pois do contrário a pena imposta por tão grandes pecados seria terrível.

Seu pai voltou a andar em círculos, como se aquele movimento lhe refreasse a ira. Quando se deteve, seu rosto exprimia determinação e seu olhar era tão frio que mais parecia o de um estranho.

– Você nos enganou, mentiu e ultrajou. Não pense então que vou recompensar seu comportamento autorizando-a a casar-se seja lá com quem for. Seu futuro é o convento. Ali, terá tempo de refletir e expiar seus pecados.

A mãe de Lorena interveio:

– Francesco, o que ela fez é inqualificável. Porém pode haver mais gente envolvida. E se Lorena estiver grávida? Que culpa terá o bebê ainda por nascer? Vamos privá-lo de pai e mãe? Os desígnios do Senhor são inescrutáveis. Talvez Sua vontade, incompreensível para nós, determine que Mauricio e Lorena formem uma família. Quem sabe? Se Lorenzo continuar governando a cidade, esse pode ser um enlace muito conveniente para nossa casa...

O rosto de Francesco parecia mais de pedra que de carne, mas a dúvida se havia instalado em seus olhos.

– Se Lorena estiver grávida, tomarei isso como um sinal de que nosso Senhor permite o casamento dela com Mauricio. Do contrário, irá para o convento. É minha última palavra.

Luca Albizzi entrou na botica em busca de algum remédio que aliviasse seu mal-estar. Niccolò Landuci, o boticário, sempre lhe receitava ervas e poções apropriadas a seus males. Sobre o balcão, exibia em belos frascos biscoitos de pinhão, caramelos, bolos de amêndoas e confeitos de açúcar. Tentações irresistíveis para as crianças e os adultos gulosos como ele. Luca se lembrou de um sermão que ouvira na semana anterior. O padre havia censurado com veemência os doces, advertindo de seu enorme perigo, pois sua degustação estimulava as paixões da carne. Luca sorriu para si mesmo. Hoje, teria de combater uma tentação menor. A gula não era páreo para sua dor de estômago.

– Olá – cumprimentou Niccolò –, que é que o traz aqui num dia tão sinistro?

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Luca, alarmado.

– Não soube das trágicas notícias?

– Por acaso as tropas inimigas se aproximam? – quis saber Luca, subitamente animado, mas sem deixar que a esperança se estampasse em seu rosto, para não deixar transparecer o rancor que devotava aos Médicis.

– Muito pior. A peste está grassando de novo em Florença – revelou o boticário.

– Tem certeza do que diz? – perguntou Luca, persignando-se.

– Infelizmente, sim. Tenho uma sobrinha que trabalha como enfermeira no hospital de La Scala. No cárcere da Casa del Capitano já morreram alguns prisioneiros por causa dessa peste. Os sobreviventes foram transferidos hoje

para o hospital de La Scala. Agnolella, minha sobrinha, contou-me isso há menos de uma hora.

– Não há a possibilidade de ser uma doença diferente? – indagou Luca, tentando achar de todas as maneiras uma saída para notícias tão funestas.

– Eu bem quisera que houvesse. Por desgraça, os sintomas não admitem outro diagnóstico. Os afetados descobriram nas virilhas ou nas axilas uns pequenos caroços que incharam até ficar do tamanho de um ovo ou mesmo de uma maçã média. Aos poucos, esses cistos se espalharam por diversas partes do corpo. Em seguida, manchas negras ou lívidas salpicaram os membros dos condenados, selando sua sorte. Nenhum escapou.

– Meu Deus! – assustou-se Luca. – Que coisa horrível! Segundo dizem, o vento é que dissemina a peste.

– Ninguém sabe ao certo como ocorre o contágio – afirmou o boticário –, embora muitas pessoas que tratam dos enfermos acabem contraindo a doença. Tocar as roupas ou qualquer objeto usado pelo doente pode ser o bastante para cair nas garras da morte. Alguns médicos garantem que a noz-moscada é a única proteção segura contra o traiçoeiro inimigo. Justamente hoje recebi uma volumosa remessa das Ilhas Molucas. Como sabe, os preços estão nas alturas, mas, dadas as circunstâncias...

Visivelmente nervoso, Luca fez uma boa provisão dos itens recomendados pelo boticário e saiu o mais depressa possível da loja. Se a sobrinha de Niccolò trabalhava num hospital onde eram tratados os doentes, talvez ela própria, sem saber, estivesse também infectada. E fazia menos de uma hora que estivera na botica, conversando com o tio! A prudência recomendava que se afastasse o máximo possível dali.

Sentia-se dominado por uma enorme angústia. No século passado, a peste aniquilara quase dois terços dos habitantes de Florença. Desde então, haviam se sucedido diversos surtos de menor virulência. Como seria desta vez? O flagelo poderia ser uma tempestade rápida de verão, que arrebatasse algumas centenas de vidas, ou um dilúvio interminável, capaz de dizimar por completo a cidade. A dor de barriga desaparecera como por milagre e até o caso de Lorena lhe parecia de menor importância. Francesco, o pai da jovem, insinuara que talvez a vocação da filha fosse o convento, e não o matrimônio. A irritação de Luca fora profunda, embora, diante de Francesco, se houvesse mostrado perfeitamente cortês, exaltando as mulheres virtuosas cujo único compromisso era com Deus. Contudo a raiva o devorava por dentro. Lorena

não tinha sido vista perambulando pelas cercanias da vila dos Médicis acompanhada por aquele estrangeiro desprezível chamado Mauricio? Esse não era o comportamento das noviças nem das monjas. Em Florença, tudo se sabia...

Luca planejava se vingar adequadamente dessa afronta. Agora, porém, tinha de resolver problemas mais imediatos. De um lado, não poderia contar com o dote de Lorena para pagar suas dívidas; de outro, se a peste assolasse a cidade, as paredes de seu palácio não o protegeriam da morte.

Transformando a necessidade em virtude, Luca tomou uma decisão: iria imediatamente para sua casa de campo com o objetivo de evitar o contato com pessoas que poderiam transmitir-lhe a enfermidade. E, alguns dias depois, ele viajaria discretamente para a cidade de Urbino para visitar Leoni, o romano. Se lhe oferecessem dinheiro suficiente, correria o risco de colaborar com os inimigos de Lorenzo de Médici para acabar com ele.

– Vamos morrer? – perguntou-lhe Maria.
– Lorena virou-se no leito que dividia com sua irmã. Então ela também não conseguia dormir? Aquilo, sim, era novidade. A pequenina costumava adormecer tão logo se deitava na cama. Especialmente quando, como hoje, haviam passado o dia inteiro na casa de campo.

– Se Deus quiser, viveremos.

– Quando há peste, morre muita gente, não é verdade? – perguntou Maria com sua vozinha aguda e ingênua de criança.

– Tudo depende da vontade do Senhor. Às vezes, a praga não é tão violenta e sua foice ceifa apenas a vida de uns poucos infelizes. Papai e mamãe acham que, na casa de campo, estaremos seguras.

– Isso me alegra. Se morrêssemos, iríamos para o Céu, onde viveríamos felizes. Porém prefiro visitá-lo quando estiver mais velha.

Lorena sorriu com tristeza, ao abrigo da penumbra. Não havia no quarto nenhuma vela acesa e já fazia tempo que anoitecera. Ah, se ela tivesse a mesma esperança da irmã de alcançar o Paraíso!

– Vamos rezar um pai-nosso e três ave-marias – propôs Lorena –, pedindo a Deus que nos leve para o Céu quando formos bem velhinhas.

Enquanto oravam, Lorena se lembrou do sacerdote ao qual se confessara. Sem dúvida, era surdo como uma porta, pois lhe impusera a mesma penitência de costume, quando seus piores pecados eram irritar-se com a irmã e surrupiar doces na despensa. Lorena recebera a absolvição com alívio, apesar de agora, no meio da noite, duvidar da validade de semelhante confissão. Ainda assim, ela pensou, rezar com a irmã reconfortaria a ambas. Quando terminaram, só o

trilar dos grilos rompia o silêncio. Maria havia adormecido – tranquilizada pelas orações.

Lorena ficou com o concerto dos barulhentos insetos por única companhia. Era reconfortante sentir que sua irmã a amava e queria o melhor para ela. Como Alessandro, na qualidade de primogênito, fora o filho mais mimado, as duas haviam competido desde pequenas pelas sobras do amor dos pais. Não se pareciam muito. Maria sempre se mostrara obediente e bondosa. Menos rápida nos estudos, uma espécie de sexto sentido, porém, lhe permitia adivinhar o que cada membro da família esperava dela. Era capaz de saltar num abismo se isso fizesse o pai feliz. A atitude da irmãzinha às vezes levava Lorena a perder a paciência. E o motivo, tinha de confessar, era o ciúme. Ciúme porque Maria recebia mais elogios e demonstrações de afeto do pai, o que era muito frequente. Com efeito, Lorena, ao contrário da irmã, achava que deviam aceitá-la do jeito que ela era – ainda que nem sempre procurasse agradar aos pais. Maria e ela teriam escolhido papéis opostos para que se sentissem diferentes, embora, no fundo, ambas buscassem a mesma coisa? Apesar de suas constantes disputas, Lorena tinha de reconhecer que amava muito a irmã. Estivesse ou não grávida, logo deixaria de partilhar o quarto e de dormir com ela. Sentiria muito sua falta.

– Ora, ora, então temos um conquistador aqui no palácio! – exclamou Lorenzo, em tom brincalhão. – Daqui por diante, deverei chamá-lo de *messer* Irresistível!

Lorenzo não apenas tentava amenizar a tensão com seus comentários ligeiros, como aquilo parecia realmente diverti-lo. O Magnífico deu-lhe uns tapinhas amistosos nas costas enquanto esvaziavam outra garrafa de vinho.

– Então Lorena preferiu você ao nobre Luca Albizzi! Brindemos a isso. Não se diga que falta encanto aos moradores deste palácio!

Mauricio observou Lorenzo à luz das tochas que iluminavam o refeitório. Seu sorriso era franco e seus olhos brilhavam de inteligência, embora de modo algum fosse um homem bonito. No entanto era *vox populi* que as mulheres descobriam na fealdade animal do Magnífico um afrodisíaco irresistível.

– Receio – disse Mauricio – que o pai de Lorena não me ache assim tão encantador...

– Isso não me espanta. Se algum homem se achesse a fazer o mesmo com minhas filhas – comentou teatralmente Lorenzo –, eu o enforcaria depois de mandar quebrar seus ossos com o *strappado*^[4]. Mas não se assuste. Francesco Ginori não ousará nem pensar em algo semelhante, pois sabe que você é meu protegido. E ainda que não fosse, a ele não convém dizer nem fazer nada, se deseja preservar a honra da família.

Mauricio estava contente por ter solicitado de Lorenzo uns minutos de conversa depois que os comensais se levantaram da mesa. Precisava contar a alguém o que havia acontecido. E quem melhor que o Magnífico para ouvi-lo e aconselhá-lo?

– Então tem certeza de que quer se casar com Lorena? – indagou Lorenzo.
– Pergunto isso porque você ainda é muito jovem para contrair matrimônio. Quem lhe fala é a voz da experiência...

– Sim, sim – exclamou Mauricio com entusiasmo. – Depois do que aconteceu entre nós, é a única alternativa honrosa para uma dama. Além disso, penso o tempo todo em Lorena, e sua ausência me afunda no desespero. São emoções que não podemos controlar nem escolher. Elas mandam.

– Bem, do jeito que estão as coisas, você acabará por se tornar um poeta que me fará sombra – brincou o Magnífico, conhecido por ser uma das melhores penas da Itália. – Perguntei-lhe isso porque, em Florença, não é comum alguém como você se casar aos 21 anos. Quase todos os cavalheiros esperam até fazer fortuna antes de contrair matrimônio, o que costuma acontecer depois dos 30 anos. Sucede que o casamento define a honra tanto da pessoa quanto de sua família perante a sociedade. Eis o motivo pelo qual são inúmeros os dons que um florentino busca numa mulher: juventude, para que o abençoe com muitos filhos; um bom dote, na medida do valor que a família da esposa lhe atribui; beleza, para alegrar sua casa; e boas relações familiares, imprescindíveis para prosperar e, às vezes, até para sobreviver. Logicamente, a família da noiva, em troca de ceder semelhante joia, exigirá que o pretendente tenha riqueza, carisma e os melhores contatos na sociedade florentina. Um homem de talento pode conseguir tudo isso, mas dificilmente antes dos trinta.

– Você tem 29 e já é casado há muito tempo – observou Mauricio.

– Sim – sorriu Lorenzo –, mas o meu caso é diferente. Minha família era riquíssima e governava Florença. Eu podia aspirar a qualquer esposa e devia me casar para o bem do clã. Tratava-se de uma questão de Estado, não de uma decisão pessoal. Como você pôde comprovar de forma tão triste, nossa segurança se fundamenta também no número. Se, em vez de dois, fôssemos sete irmãos, por exemplo, ninguém pensaria em arrancar-nos do poder assassinando-nos a todos de uma vez. Era vital que eu assegurasse a descendência dos Médicis o quanto antes.

Mauricio percebeu certa amargura na voz do Magnífico que, à semelhança de Dante Alighieri com Beatriz, tinha desde muito jovem uma musa à qual, platonicamente, dedicava formosos poemas. O poder também impõe seus grilhões, refletiu Mauricio. De fato, Cosimo de Médicis educara seu neto Lorenzo, desde pequeno, para ser o continuador da dinastia. Os muitos talentos que o jovem não tardara em revelar, juntamente com as doenças

físicas de seu pai, o infeliz Piero de Médici, apontavam nessa direção. Lorenzo começou a governar com apenas 21 anos, após a morte prematura do pai. Contudo, havia uma peça que não se encaixava: por que Lorenzo não permitira que seu irmão Giuliano se casasse, embora ele estivesse com 25 anos quando foi assassinado? Se a família Médici precisava de novos membros, a solução ideal parecia ser o matrimônio. Mauricio se absteve de formular uma pergunta tão embaraçosa e concentrou-se outra vez em seu problema pessoal.

– Que me aconselha? – perguntou, mas como simples fórmula de cortesia para mostrar respeito pelo Magnífico, pois não abrigava dúvidas no coração. Seus avós paternos, que ele nunca conhecera, tinham morrido às mãos de salteadores de estrada; sua mãe, ao dá-lo à luz; e seu pai, que guardara luto até aquele fim tão triste, não tivera mais filhos. Apesar disso, ou justamente por isso, a grande ambição de Mauricio era constituir uma grande família. Desposar Lorena e iniciar vida nova em Florença realizava seus mais ardentes desejos.

– Se me permite um conselho, direi: espere, não se apresse, a vida é longa. Porém se, contrariamente à minha sugestão, insistir em se casar, então lhe ordeno guardar silêncio.

Mauricio, surpreso, calou-se. Um criado trouxe outra garrafa de vinho e retirou a vazia.

– As paredes têm ouvidos – comentou Lorenzo, depois que o homem saiu. – Em seus olhos, Mauricio, eu leio a loucura do amor. Discrição: é a primeira cautela a ser tomada se quer mesmo se casar. Lorena lhe disse que a família queria dá-la a Luca Albizzi. Não duvido, mas esse caso era um segredo entre os Ginori e o pretendente. Além do mais, estou absolutamente convencido de que entraram num acordo, embora sem se comprometer de maneira explícita.

– Como pode ter certeza do que diz? – perguntou Mauricio, estranhando a informação.

Lorenzo bebeu um cálice do vinho trazido pouco antes e lançou-lhe um olhar malicioso. Parecia que a conversa com Mauricio o aliviava da terrível tensão a que estava sujeito naqueles dias tão difíceis.

– Já lhe disse que, em Florença, as paredes têm ouvidos. E esses ouvidos, eu os espalhei em quase todas elas. Nas classes altas, não se celebra nenhum matrimônio sem que eu, com a máxima discrição, os aprove. Assim, impeço alianças familiares potencialmente perigosas para o bom governo da cidade. Há sempre, nas famílias envolvidas, um amigo que me conta, a mim ou a

alguém de minha inteira confiança, a possibilidade deste ou daquele enlace. Um sorriso, um olhar ou um ligeiro comentário bastam para que saibam se o casamento é ou não de meu agrado. Não há nenhuma lei a respeito, mas ninguém se arriscaria a desafiar-me com uma aliança que poderia me aborrecer.

– E se isso ocorresse? – quis saber Mauricio.

– O matrimônio seria celebrado de qualquer maneira, pois sou apenas um cidadão comum. Não obstante, poderia suceder que as famílias envolvidas deixassem de ser eleitas para os cargos institucionais de Florença que, como você sabe, são preenchidos periodicamente por sorteio. Também não seria de estranhar se, por mera coincidência, um fiscal de renda descobrisse que não vinham declarando o tributo devido. Ora, Florença é uma república que se mantém graças às contribuições equitativas de seus cidadãos. Em casos de fraude, o Estado tem de ser inflexível, ainda que isso signifique a ruína de uma prestigiosa família florentina. A lei é dura, mas é a lei.

Mauricio sentiu-se um idiota por ter feito aquela pergunta ao Magnífico. Já estava em Florença tempo suficiente para saber como as coisas funcionavam ali. Os Médicis governavam sem coroa por meio de uma engrenagem delicadíssima, na qual centenas de conexões e favores mútuos lhes garantiam o apoio das famílias mais poderosas. O resultado era muito melhor que em outros Estados, pois Lorenzo dependia, em última instância, do favor popular, ao contrário de outros reinos nos quais os tiranos se impunham pela força das armas.

– Compreendo – afirmou Mauricio, servindo-se de outro copo de vinho da garrafa nova. – No entanto não seria possível que os Ginori e Luca já houvessem combinado todos os pormenores do casamento sem submetê-los à sua consideração?

– Não – assegurou com a máxima convicção Lorenzo, tamborilando sobre o tampo de carvalho da mesa. – Os Albizzis foram expulsos de Florença por meu avô Cosimo. Permite que Luca voltasse com a condição de que ele não cometesse erros. Aqui, não há nada mais importante que a honra. Propor casamento a alguém e não ter êxito é uma afronta que provoca enorme vergonha. Luca sabe que, antes de firmar um compromisso, deve consultar-me discretamente. Do contrário, se arriscaria a não ver satisfeitos seus desejos, mesmo tendo se comprometido. Jamais quereria passar por uma humilhação tão terrível. Por isso, recomendo-lhe cautela. Não comente com pessoa alguma

nem o que se passou entre você e Lorena nem o possível interesse de Luca por ela. Assim, a honra de ambos permanecerá intacta. Segundo o Talmude, é tão grave assassinar uma pessoa quanto seu nome. E, na minha opinião, talvez a última circunstância seja pior.

Mauricio estranhou aquela referência ao Talmude, um texto judaico, mas entendeu perfeitamente o que queria dizer o Magnífico. Porém só a discrição não bastaria para ele se casar com Lorena.

– Hoje, fui à casa dela e ouvi de um criado que Francesco Ginori não queria me ver. Pelo menos, descobri que Lorena está na casa de campo com sua irmã, embora não seja prudente de minha parte aparecer por lá.

– Não é – confirmou Lorenzo. – Para que essa aventura seja abençoada no altar, você precisa do consentimento do pai. Com ele, não com Lorena, é que deve se entender. Uma coisa tem a seu favor: a mercadoria já não vale tanto quanto antes. Não poderiam conseguir um casamento adequado para Lorena. Eu, se quiser, intercederei por você. Infelizmente, minha posição já não é muito sólida. Nos últimos dias, caíram as aldeias de Radda, Meletuzzo e San Paolo; nosso comandante, o marquês de Ferrara, pede mais dinheiro do que dispomos para pagar os soldados; Florença continua excomungada pelo papa; e, agora, a peste... Quanto tempo o povo suportará sem se voltar contra mim? Você e eu, Mauricio, só podemos travar nosso melhor combate aceitando que não está em nossas mãos decidir o resultado...

— *M*uito me alegra voltar a vê-lo – assegurou Domenico Leoni, o romano que o visitara em companhia de outro cavaleiro na vila de Pian di Mugnone.

– É um prazer – mentiu Luca de forma educada. – Agradeço-lhe ter reforçado minha escolta durante a viagem, enviando-me alguns homens.

– Os caminhos nunca foram seguros, mas hoje estão mais perigosos que nunca.

“Viver é sempre perigoso”, refletiu Luca enquanto atravessava o pátio interno do *palazzo*. As numerosas colunas que sustentavam os andares superiores proporcionavam ao passeio um elemento adicional de mistério. O local escolhido para o encontro era o palácio do duque de Urbino, tradicional aliado a soldo dos Médicis, embora ligado ao Sumo Pontífice por laços de sangue mais estreitos e proveitosos que o ouro florentino. Ao final do caminho, chegaram a um fantástico jardim repleto de laranjeiras, limoeiros, rosas, jasmims, lírios e árvores do amor. A árvore do amor, conhecida popularmente como “alfarroqueira louca” ou “árvore de Judas”, fora a escolhida pelo apóstolo traidor como local para se suicidar, pensou Luca, apreensivo. Alheio a toda e qualquer conspiração, um pavão real exibia orgulhoso sua plumagem colorida.

– O que fez você mudar de ideia? – perguntou Leoni.

– Os tempos mudam; os homens também. Sua roupa, por exemplo, não lembra muito a que usava semanas atrás.

Com efeito, Leoni trocara seu elegante *luccho*^[5] de seda por uma sotaina púrpura de uso reservado aos cardeais.

– Ultimamente, morreram clérigos demais em Florença para meu gosto. Pareceu-me mais seguro visitar a Toscana vestido como um mercador rico qualquer. A discrição exige diferentes etiquetas a cada situação. Entre nós, isso não é necessário.

– Sejam francos, então. Estou disposto a colaborar sempre que a oferta estiver à altura do trabalho.

– Como quiser, senhor. De acordo com nossas averiguações, você tem dívidas vencidas que montam a dois mil florins. É uma cifra respeitável, que assumiremos com muito prazer. De sua parte, terá de nos manter informados dos acontecimentos em Florença. Já temos outros elementos infiltrados na cidade elaborando planos com os quais talvez lhe seja pedido que colabore.

– Que tipo de planos? – quis saber Luca.

Leoni demorou a responder, fingindo contemplar uma pequena gazela que mordiscava tenros brotos de plantas. Perto dela, dois avestruzes bicavam sementes. Em definitivo, o duque de Urbino gostava de animais exóticos, pensou Luca. Que outros caprichos ele teria? Conspirações, provavelmente, jogos com dois ou três baralhos... Luca rezou para não cair numa armadilha.

– Planos muito interessantes, meu caro. Assassinar Lorenzo e roubar-lhe o anel de que já falamos em nossa reunião anterior.

Luca engoliu em seco. Estava iniciando uma viagem sem volta. Se algo daquilo transpirasse, ninguém impediria que fosse executado após uma dolorosa sessão de tortura. Lamentavelmente, não lhe restava outra saída. A ruína, a vergonha e o cárcere seriam seu destino inevitável caso não saldasse as dívidas. O nome Albizzi merecia um futuro mais glorioso, ainda que para isso ele tivesse de correr grandes riscos.

– Como bom cristão – disse cautelosamente –, estou sempre propenso a atender aos desejos do papa.

– Não se engane. A inimizade do papa Sisto com Lorenzo deve-se basicamente a ambições familiares e territoriais. Já nós o odiamos por causas mais profundas.

– Nós? – perguntou Luca, ansioso por saber quem pretendia incumbi-lo daquela tenebrosa tarefa.

– Como eu já lhe disse, a discrição é uma virtude muito útil. Você há de compreender que seria precipitado revelar-lhe outros nomes. Só posso lhe adiantar uma opinião de que todos nós partilhamos: os Médicis constituem um

perigo para a fé cristã tal como a entende a Igreja. Por isso é preciso detê-los antes que causem danos irreparáveis.

Luca não conseguia acreditar que Leoni, um cardeal romano, pudesse agir às escondidas do papa. De qualquer modo, concordava com as opiniões dele sobre os Médicis.

– Eu também acho que muitas das atividades de Lorenzo não são próprias de um bom cristão.

Leoni assentiu com satisfação.

– É o que eu esperava. Nós, que estamos unidos em pensamento, também devemos nos unir na ação.

– Uma última pergunta – solicitou Luca. – A gema do anel de Lorenzo não é importante unicamente por seu grande valor, certo?

– Certo – garantiu Leoni, olhando-o atentamente. – Porém não é hora de falar de assuntos secretos que não são de sua alçada. Basta saber que o anel é um objeto de poder. E poder não é o que todos nós buscamos?

Tal como suspeitava desde o princípio, Luca compreendeu que a joia desempenhava um papel importante na conspiração contra Lorenzo.

– Eu lhe ficarei muito grato – prosseguiu Leoni – se conseguir entregar esta carta a Pietro Manfredi quando ele voltar de Londres.

Luca baixou ligeiramente as pálpebras.

– Não se preocupe, senhor. Pietro Manfredi é um dos nossos.

Luca pegou sem hesitar o envelope com a mão direita. Já era tarde demais para desistir da aventura.

Mauricio costumava assistir todas as manhãs à missa na basílica de São Lourenço, totalmente reformada graças ao patrocínio dos Médicis e situada bem em frente a seu palácio. Hoje, perdido em pensamentos tão densos quanto a neblina pegajosa que ocultava caprichosamente a silhueta de alguns edifícios, deixou para trás a basílica e continuou andando até chegar à imponente igreja de Santa Maria Novella.

Decidido a juntar-se aos fiéis que foram celebrar os santos ofícios, cruzou a porta principal, flanqueada por mendigos aos quais ofereceu o consolo de algumas moedas. Sentindo-se meio tonto em virtude das enormes proporções da nave central, refugiou-se na discreta capela financiada pelo banqueiro Tommaso Strozzi como expiação de seus pecados. Na parede dos fundos via-se a representação do Juízo Final, e nas laterais, a dos dois possíveis destinos do ser humano: o Inferno, com os nove círculos concêntricos descritos por Dante, e o Paraíso sonhado. Naturalmente, no afresco, via-se São Miguel conduzindo ao Céu o próprio Tommaso Strozzi e sua amada esposa.

Mauricio também gostaria muito de pagar seus pecados erigindo uma capela às próprias custas. Entretanto, no momento, à falta de outros recursos, devia padecer em silêncio a ausência de notícias sobre Lorena, rogando que seu purgatório pessoal fosse um caminho de expiação que o conduzisse logo a um final feliz. Até o momento, os criados de Francesco Ginori lhe haviam dado invariavelmente a mesma resposta: “O patrão está ocupado. Se quiser vê-lo, ele mesmo mandará chamá-lo”. Mauricio se apegava a essas palavras ambíguas, apoiando nelas sua esperança. Se Francesco estava absolutamente decidido a proibir seu casamento com Lorena, ou já lhe teria comunicado essa decisão ou

os criados lhe diriam de maneira taxativa que não aparecesse mais por ali. Ao deixar uma porta aberta, acenando-lhe com a possibilidade de chamá-lo, dava a entender que ainda não havia tomado nenhuma decisão.

Mauricio saiu novamente para a espaçosa nave central da igreja, ajoelhou-se diante do sacrário e fez o sinal da cruz. Já era hora de ir ao banco e enfrentar os desafios do dia. Nos últimos tempos, tinha a impressão de que Francesco Sasseti, o diretor-geral, andava boicotando sutilmente suas tentativas de se aprofundar mais no funcionamento real da *tavola*. Até Bruno, de início muito entusiasmado, se mostrava avaro nas respostas quando o diretor se achava presente. Quase sempre lhe negavam explicações detalhadas sobre certos lançamentos contábeis que ele não compreendia bem e – não tinha dúvidas disto – também lhe vedavam o acesso a determinados contratos ou documentos financeiros.

Mauricio preferia fingir que não percebia as manobras de Francesco Sasseti. Antes de dar um passo em falso, tinha de aprender mais sobre as práticas bancárias para descobrir o que lhe ocultava o diretor da *tavola*, pois só então poderia denunciar a Lorenzo, com provas, seu estranho procedimento. De outro modo, o Magnífico, afundado num mar de problemas, poderia interpretar suas queixas como as de um menino incapaz de se impor. Enquanto Francesco Sasseti não o considerasse um perigo, Mauricio podia continuar cultivando em segredo sua amizade com Bruno sem levantar suspeitas. De fato, Bruno era sempre o primeiro a chegar à *tavola*, ao contrário do diretor, que sempre se atrasava. Por isso, Mauricio se acostumara a madrugar, pois, quando estava a sós com ele, Bruno se mostrava muito mais amigável e disposto a partilhar seus valiosos conhecimentos.

Ao sair da igreja, ficou deslumbrado com os primeiros raios de sol da manhã. Alcançava a Via della Scala, a rua principal que levava à *tavola*, quando um espetáculo inusitado o deteve. À altura da esquina com a Via della Porcellana, três homens amparavam uma mulher que, de súbito, caíra ao chão.

Mauricio se aproximou rapidamente do grupo para ver o que estava ocorrendo. Os três homens tinham uma expressão de desalento no rosto. Um deles meneou a cabeça e se dirigiu a Mauricio:

– Não há nada que fazer. A peste arrebatou sua vida. Poderia nos ajudar a levá-la para o cemitério do hospital de La Scala?

Mauricio retrocedeu instintivamente. Assustado, pensou que tocar as roupas daquela mulher poderia acarretar-lhe a morte. O hospital estava a menos de

quinhentos passos, mas esse pequeno trajeto talvez o conduzisse a um lugar de onde os vivos não voltam.

Os três homens começaram a levantar a mulher do chão sem esperar ajuda. Nesse momento, Mauricio mudou de ideia. Quem sabe ali, na saída da igreja, Deus o estivesse esperando para pôr à prova sua fé? Ou por acaso rezar muito e ajudar pouco era próprio de bons cristãos? Devia agir com empenho. Se Deus o visse com bons olhos, poderia conceder-lhe a graça de seu casamento com Lorena. Mauricio se animou recordando que, segundo Marsílio Ficino, ninguém comprovara que a causa do contágio fosse o contato físico, pois havia pessoas que, embora convivessem com infectados, não contraíam a peste.

Encomendou-se a Jesus Cristo enquanto suas mãos entravam em contato com o cadáver.

– *B*om dia, Lorena. Como se sente nesta manhã?
Lorena se sobressaltou. Sentada num banco do jardim da vila, absorta na contemplação de uma abelha que acabara de pousar numa bela flor púrpura de malva, não ouvira sua mãe chegar. O céu, com um sol magnífico, quase não tinha nuvens e, na solidão do jardim, a jovem encontrara um refúgio para sua angústia.

– As regras ainda não vieram – disse Lorena.

O rosto da mãe se descontraiu levemente, revelando satisfação.

– Já faz mais de um mês desde as últimas, filha.

– Sim, quase cinco semanas, mas não engordo nem sinto enjoos. Na verdade, até emagreci um pouco.

– Cada mulher é diferente. Algumas sofrem muito os efeitos da mudança corporal no princípio; outras, só depois do terceiro mês. Nervosa como você anda, é normal perder peso, mesmo grávida. Precisa comer melhor, descansar e cuidar-se o máximo possível. No entanto qualquer diagnóstico ainda é prematuro. Em períodos de muita tensão, eu mesma cheguei a ter atrasos superiores a oito semanas.

Lorena fitou a mãe. Vestia um traje cor-de-rosa comprido, com os ombros cobertos por um delicado lenço de seda. Sua cabeça estava protegida por uma fina faixa de tecido branco, com longas abas que ocultavam o cabelo. Possivelmente, pensou Lorena, não tivera ânimo para pentear-se. Já era uma mulher madura, com quase 40 anos. Perdera a beleza viçosa da juventude, embora possuísse uma elegância serena que lhe conferia outro tipo de formosura.

– Mamãe, que acontecerá se eu não estiver grávida?

– Seu pai, quando empenha a palavra, nunca deixa de cumpri-la, mesmo que se arrependa depois. Além disso, está muito aborrecido com você. Francesco considerava seu casamento com Luca Albizzi uma espécie de seguro para o caso de o regime dos Médicis chegar ao fim. Você sabe que muitos comerciantes ricos se arruinaram quando as famílias governantes que eles apoiavam caíram em desgraça. E nós somos conhecidos como aliados dos Médicis. Assim, na opinião de Francesco, a ousada aventura em que você se meteu constitui uma traição à família. Não creio que pudesse mudar de ideia se você não estivesse grávida, mas fique certa de que eu faria tudo para isso.

Lágrimas de emoção correram pelo rosto de Lorena. Sua mãe a amava mais do que ela supunha. Interpusera-se entre ela e o pai quando este, fora de si, se dispunha a espancá-la; também se abstera de censurar sua conduta treloucada; e, finalmente, estava disposta a lutar até os limites de sua possibilidade para garantir sua felicidade. Que forças escondia a alma daquela mulher? Lorena sempre a havia considerado como mãe e dona de casa; agora compreendia que estava também diante de uma pessoa como ela própria, com suas paixões, seus sonhos e infortúnios.

A mãe se sentou no banco junto à filha e abraçou-a.

– Não chore mais, querida. Prometo-lhe que vai se casar com Mauricio.

C Magnífico mirou as estrelas que pontilhavam o teto da capela dos Médicis na igreja de São Lourenço, a “sua igreja”. Os astros tinham-no escolhido para ser o porta-bandeira dos Médicis, e seu avô Cosimo, *pater patriae*^[6] de Florença, ensinara-lhe desde cedo as regras do jogo. Haviam-no educado, desde menino, para que arcasse com o peso do poder e da responsabilidade. Isso ele assumira sem problemas, e jamais seu pulso tremera na hora de tomar decisões.

Não obstante, em dias como aquele, o exercício da autoridade lhe parecia um fardo pesado demais, como se trouxesse na cabeça uma coroa de ouro repleta de espinhos.

Adolfo Bennedetti, seu amigo, um artista jovem e promissor, fora encontrado morto. O cadáver estava flutuando no rio Arno. Nunca mais comporia uma canção, nunca mais voltaria a pintar. Suas mãos já não preencheriam o silêncio com deliciosos acordes musicais nem plasmariam numa tela em branco as imagens evocadas por sua fértil imaginação. Sobre o peito do jovem artista, alguém gravara a fogo: “Suas horas estão contadas”. Lorenzo sabia quem tinham sido seus carrascos. Alguns dias antes, o jovem Adolfo havia lhe garantido que poderia descobrir algo muito importante sobre os “resplandecentes”.

Lorenzo atribuía as palavras do amigo à sua conhecida tendência a fantasiar, mas, por via das dúvidas, aconselhara-o a ser prudente e a não dar nenhum passo sem antes consultá-lo. Infelizmente, o rapaz não fizera caso e agora estava morto.

Esse assassinato era também uma punhalada à distância dirigida contra ele. Lorenzo ansiava por dar fim àquela sinistra sociedade secreta. Os resplandecentes – ele estava convencido disso – é que haviam manipulado os Pazzi e o próprio papa para acabar com os Médicis. Por culpa deles, seu irmão Giuliano e o jovem Adolfo haviam perecido.

Se quisesse fazer jus ao seu apelido (o Magnífico), não podia permitir que sacrificassem mais nenhum inocente. Xenofon Kalamatiano, o temido chefe de seus espões, deveria intensificar sua rede de escutas entre as principais famílias florentinas e incluir na lista de protegidos todos os artistas e humanistas da Academia Platônica. Era um trabalho titânico, que exigia enormes recursos, mas se os adversários se atrevessem a tentar outro golpe eles estariam preparados, prenderiam os responsáveis e, fio por fio, desmantelariam aquela furtiva organização. Lorenzo considerou a possibilidade de Mauricio estar também na mira dos assassinos... Até o momento, os resplandecentes tinham ficado na sombra, limitando-se a guiar a mão dos Pazzi para disparar um golpe decisivo e, mais recentemente, para se proteger do que Adolfo pudesse descobrir. Não parecia provável que fossem mudar sem mais nem menos de estratégia e começar a perpetrar crimes violentos sem necessidade.

Não obstante, tampouco se podia descartar que planejassem desestabilizá-lo atacando seus amigos. Lorenzo resolveu proporcionar a Mauricio uma proteção tão discreta quanto eficaz. Favorecera-o de várias maneiras, e, na circunstância atual, isso poderia transformá-lo num alvo. Sem ir muito longe, pouco antes havia se empenhado pessoalmente por fazer que Francesco Ginori desse seu consentimento ao matrimônio da filha com Mauricio e recorrera a várias influências para brindar Lorena com um presente tão maravilhoso que a convertesse em objeto da inveja de todas as noivas de Florença.

C os pesados trajes de cauda longa, bordados com pedrarias, dificultam tanto os movimentos que acelerar o passo pode redundar em ridículo. Sabedora disso, Lorena avançou lentamente, ostentando o rosto sereno de quem não tem pressa.

A alegria era tamanha que receou inundar o rosto de lágrimas, brotadas com a impetuosidade de uma torrente. Fingindo segurança, conteve as emoções, pois a mínima vacilação seria mal interpretada pelo escasso público presente à cerimônia de seu casamento. É que, em Florença, as mulheres faziam a exibição pública mais importante de suas vidas durante o curto trajeto entre a porta e o altar nupcial da igreja. Geralmente, o interior ficava cheio de convidados e os familiares se esforçavam ao máximo para que o vestido da noiva refletisse o brilho de sua linhagem. Não era esse o caso, apesar do caráter quase sagrado de ambas as tradições.

Seu pai, contrariando as normas sociais, não gastara nem um florim com seu traje, deixando a Mauricio o encargo dessa delicada tarefa. Lorena estava certa de que, agindo assim, Francesco pretendia submeter ao ridículo seu noivo, já que não era possível confeccionar um vestido digno no brevíssimo lapso de tempo de que dispunha: apenas uma semana! Nem mesmo os teares do pai, funcionando dia e noite, teriam conseguido um resultado satisfatório. Aquele era outro motivo pelo qual o pai não quisera saber do vestido de noiva. Uma coisa era consentir num enlace apressado, para evitar o escândalo de um filho nascido antes de seis meses após a boda; outra, muito diferente, arriscar o prestígio da empresa Ginori.

Entretanto Mauricio surpreendera a todos, e até Lorena se perguntou se na realidade ele não era um mago, pois lhe dera um vestido capaz de encantar a mais vaidosa e exigente das mulheres. A maioria das noivas usava *giorneas* com mangas aplicadas em vez de *cioppas* de uma só peça, cuja confecção exigia muito mais tempo e habilidade. Lorena não apenas exibia uma elegante *cioppa* de seda vermelha como o bordado do tecido formava um belíssimo espetáculo visual em que se fundiam o dia e a noite.

No centro, um pequeno sol de ouro entretecido sob os ombros iluminava o traje com seu fulgor. Emulando esse brilho, pedras cravejadas simulavam o voo de uma águia em direção ao astro rei. Espalhadas à volta do dorso da *cioppa*, numerosas pérolas representavam o traçado da constelação de Aquário, o signo zodiacal de seu nascimento. Na cabeça, um elegante toucado composto de plumas e fios de prata realçava a beleza das tranças. Um cinto de seda e sapatos de veludo completavam o conjunto.

Só outra empresa, além da de seu pai, poderia ter feito um trabalho tão primoroso: a bem conhecida e estimada casa do mestre Giovanni Gilberti. Mauricio, pensou Lorena, estava adquirindo maneiras florentinas. Por um lado, seu pai não tinha outra opção a não ser admirar e elogiar o fabuloso vestido que ela exibia com tanto orgulho. Por outro, o fato de seu concorrente ter confeccionado o traje nupcial de sua filha constituía uma afronta vergonhosa. Ninguém teria previsto uma cartada tão hábil, pois a elaboração de uma obra de arte semelhante implicava necessariamente muitas semanas de trabalho duro, além de uma verdadeira fortuna. Como conseguira Mauricio algo assim? Essa mesma pergunta devia perturbar o ânimo de seu pai, cuja raiva só seria mitigada pelo escasso número das testemunhas de tamanha humilhação.

Com efeito, no dia do casamento, Lorena não fora de sua casa à do futuro esposo montada num corcel branco, como queria a tradição. As movimentadas ruas de Florença, afeitas a testemunhar alianças matrimoniais, tinham permanecido alheias à sua nova condição. Também não estavam presentes na igreja nem a cor nem a alegria de outros enlaces. Sequer suas melhores amigas haviam comparecido. Com a desculpa de que a peste e a pressa não aconselhavam grandes concentrações, o pai resolvera realizar uma cerimônia simples naquela igrejinha afastada e convidara apenas os parentes mais próximos.

Aquele não era o casamento sonhado por nenhuma mulher, mas pelo menos o lóbrego convento em que iria fenecer tendo por companhia apenas as monjas enclausuradas era agora um edifício em que jamais entraria. Mauricio a esperava na extremidade da nave. Ali estavam depositadas suas esperanças, suas ilusões e seus sonhos – mas também o medo de um futuro tão incerto quanto desconhecido.

Enquanto caminhava para o altar, Lorena notou de soslaio o único convidado do noivo: Leonardo da Vinci percebeu seu olhar fugaz, sorriu imperceptivelmente e continuou desenhando num daqueles cadernos de capa de couro que sempre trazia consigo. Estaria retratando as expressões dos presentes, os pequenos detalhes do ouro entretecido na seda ou, porventura, o movimento das dobras de seu vestido? Provavelmente, registrava todas as imagens captadas por seu olhar penetrante, com a precisão e a meticulosidade que o caracterizavam, pois o próprio Lorenzo de Médici o encarregara de pintar um quadro que imortalizasse a cerimônia nupcial.

Lorena fazia muita questão de conservar uma lembrança pictórica de seu casamento. O pai, ao contrário, não partilhava o entusiasmo por uma pintura em que toda a Florença poderia contemplar a filha vestida pela casa Giovanni Gilberti. Menos ainda, porém, lhe agradaria descobrir que a havia deixado casar-se com base numa mentira.

Pois sua mãe enganara Francesco: garantira-lhe que o atraso não era de cinco semanas, mas de dois meses. Ele então concluía que só uma boda apressada poderia salvar os Ginori de uma vergonha maior. Lorena estranhou aquilo, pois não estava grávida.

O futuro traria suas próprias respostas, disse para si mesma. A única pergunta a que devia responder no momento era a que Deus formulava por intermédio do sacerdote. Aceitava Mauricio como esposo na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse?

– *A*qui se vive maravilhosamente bem – disse Bernardo Rucellai enquanto degustava umas suculentas línguas de peru assadas.

Luca concordou com entusiasmo. Estava muito orgulhoso de sua vila e preparara a recepção do próspero Rucellai com o maior esmero. Porco assado, faisão com cogumelos, codorna com pimenta e o melhor vinho da adega conferiam àquela refeição a categoria de um autêntico festim.

– Então por que não compra terras aqui? São férteis como nenhuma outra, o rio nos abençoa com sua presença e apenas seis milhas separam Pian de Mugnone de Florença. É o lugar ideal para construir outra vila.

– Não o nego, mas acho que vou adquirir uma propriedade em Poggio a Caiano, embora esteja mais distante de Florença.

– Por quê? – interessou-se Luca.

– Lorenzo de Médici está construindo ali uma vila tão espetacular e inovadora na estrutura que fará empalidecer todas as edificadas até hoje. Além disso, e é o mais interessante, vem aplicando enormes recursos para conter a margem do rio e dotar a zona de canais que controlarão o fluxo das águas. Uma aldeia inteira surgiu do nada para abrigar os que estão trabalhando no projeto! Se tiverem êxito no empreendimento, o valor das terras será multiplicado por três, pois aquilo se transformará num paraíso terrestre. É preciso fazer render os investimentos, amigo.

Luca conteve uma careta de desgosto. Lorenzo era um lembrete permanente da primazia dos Médicis. Paciência. As coisas podiam mudar com o giro da roda da fortuna.

– Talvez eu também invista em Poggio a Caiano – mentiu Luca. – Por sinal, como anda a peste em Florença? Não pus mais os pés lá desde que se constatarem os primeiros casos de infectados.

– Há quase uma centena de doentes no hospital de La Scala e, por dia, morrem pelo menos dez. Estamos acostumados com as aparições periódicas da peste, mas esta é pior que as outras. Parece que todos os males do mundo concentraram o olhar em Florença ao mesmo tempo.

– Tenho ouvido comentários mal-intencionados segundo os quais a praga é um castigo divino lançado contra nosso povo por se opor ao papa e defender Lorenzo. Há quem se atreva a resmungar em voz baixa que o conforto de um único cidadão está causando sofrimentos demais a toda uma cidade. Os queixosos não se lembram do que o Magnífico fez por Florença nem consideram o perigo de, se levarmos esse assunto adiante, nossa República perder a independência. Enfim, já se sabe como são certas pessoas. Quando as coisas vão bem, desdobram-se em lisonjas; quando vão mal...

Luca recorrera à sua técnica favorita de pôr na boca de outros suas próprias opiniões e, ao mesmo tempo, discordar das críticas que essas supostas vozes anônimas expressavam. Conseguia assim introduzir na conversa as ideias que lhe interessavam sem poder ser acusado de defendê-las.

– Não se preocupe – disse Bernardo com segurança. – As pessoas desabafam com os íntimos, mas sabem muito bem de que lado devem ficar na hora da verdade.

Luca observou atentamente seu interlocutor. O motivo principal de tê-lo convidado era extrair dele a maior quantidade possível de informação, por palavras ou expressões. Bernardo era casado com Lucrecia de Médici, irmã de Lorenzo. Por isso, devia saber em detalhe o que se passava no centro do poder. Seu rosto exprimia aborrecimento, mas não preocupação. Nem sequer lhe perguntara os nomes dos críticos para incluí-los em sua lista negra. Com certeza, os asseclas do temível Xenofon Kalamatiano já estavam se ocupando da elaboração dessa lista. Fosse como fosse, parecia mais prudente mudar de assunto. Luca encheu de vinho as duas grandes taças de cristal de Veneza e adotou uma pose de cumplicidade, sorrindo ironicamente.

– Soube do medíocre casamento de Lorena Ginori com o estrangeiro chamado Mauricio Coloma? Dizem que a cerimônia foi tão modesta que alguns parentes da noiva nem compareceram. Da família desse espanhol, não veio ninguém. Talvez porque não exista ou ele achasse vergonhoso apresentá-la

à sociedade. Ou, mais provavelmente, porque o enlace foi tão precipitado que não teve tempo de vir. Você me entende...

Bernardo riu enquanto levava a taça aos lábios.

– Já sei aonde quer chegar, espertalhão. Será que Lorena conheceu o chifre com que investem os touros espanhóis antes do tempo prescrito pelo decoro? – zombou, fazendo um gesto obsceno com o indicador em riste. – Lorenzo não comentou nada comigo, mas talvez não tenha tido tempo de contar-me com todos os pormenores essa intriga. Como Mauricio Coloma está hospedado em seu palácio, ninguém mais bem informado das andanças do estrangeiro do que ele. No entanto você tem razão. Uma cerimônia simples se explica pela ameaça da peste. Todavia, um casamento assim, sem prévia comunicação... Além disso, a família Ginori podia aspirar a algo melhor, por muito que Mauricio tenha em Lorenzo um protetor insuperável. Enfim, eu não me espantaria se ele houvesse roubado a honra de Lorena, considerando-se que seu pai era um rematado ladrão.

– A quem se refere? – perguntou Luca, interessado.

– Há muitos anos, um experiente funcionário de nossa casa vendeu a quem melhor lhe pagou alguns segredos de nosso próspero negócio de tintas. O comprador foi um catalão: o pai de Mauricio.

– Ou seja, tal pai, tal filho.

– Exatamente – riu Bernardo. – Porém peço-lhe que não conte isso a ninguém. Afinal, se Lorenzo está vivo, é graças a Mauricio. Por isso o Magnífico me pediu para ficar de boca fechada. Contudo sei que posso confiar em você como se fosse um irmão.

Luca pôs-se a refletir. O vinho parecia ter soltado a língua de Bernardo; sua voz soava com o timbre da sinceridade. Sendo ambos da mesma idade e partilhando gostos como a caça e a boa mesa, entre eles se forjara uma amizade espontânea ao longo dos anos. Por influência de Bernardo, Luca fora eleito várias vezes para cargos de certa importância nas instituições florentinas. Obviamente, correspondera votando sempre a favor dos interesses dos Médicis. Sendo um Albizzi, tudo o que não fosse um apoio entusiasta a Lorenzo o converteria numa *persona non grata*. Por isso, por enquanto, não comentaria nada a respeito dos negócios escusos do pai de Mauricio, mas encontraria um modo de usar essa informação da melhor maneira possível. Por outro lado, sua própria honra estava a salvo. Ninguém soubera que planejara casar-se com Lorena, acabando por ficar de mãos vazias e sem noiva. De fato,

Francesco nunca mencionara expressamente que Lorena seria sua esposa, embora mais de uma vez tivesse sugerido isso com subterfúgios inequívocos. A velha raposa, ao anunciar-lhe o casamento de Lorena com Mauricio, insinuara que talvez pudesse casar a outra filha, quando já fosse mulher, com alguém mais a seu gosto, alguém por quem sentisse um afeto sincero, alguém, enfim, que se chamasse Luca Albizzi. Pelo menos, Francesco se mostrara educado ao avisá-lo pessoalmente, antes que ficasse sabendo por terceiros. Confessara também que a união de Lorena com Mauricio não era a que teria preferido. Porém, é claro, não revelara os motivos pelos quais o enlace se consumiria assim mesmo. Luca tampouco havia perguntado. Agora, precisava fazer a Bernardo certas perguntas um tanto comprometedoras, não de índole pessoal, mas militar.

– Que acontece com nosso *capitano*, o marquês de Ferrara? Já perdemos Lamole, Castellana, Radda, Meletuzzo e Cachiano sem que nossas tropas corressem em defesa dessas localidades. Parece que a tática principal de nosso *capitano* é não se aproximar do inimigo. Quando este saqueia uma cidade, nós nos afastamos imediatamente para hostilizar lugares desprotegidos, que não possam oferecer resistência. “Eu saqueio aqui e você, aí. Não é preciso que nossos exércitos fiquem muito perto um do outro.” É a única regra que vem sendo respeitada nesta guerra.

– Sim – confirmou Bernardo, preocupado. – E é uma dinâmica perigosa. As pilhagens contínuas já provocam desabastecimento de gêneros alimentícios. O preço do pão, por exemplo, está quatro vezes mais elevado que em abril. Quando o *popolo minuto* começa a se perguntar o que irá comer amanhã, o perigo de uma revolta é real.

– Mas então por que o marquês de Ferrara não enfrenta abertamente nossos inimigos? Por acaso pediu mais dinheiro do que recebeu? – perguntou Luca, ansioso por informações relevantes.

– Cinquenta mil florins são mais que o suficiente para manter seu exército motivado. De qualquer modo, estamos investigando. Xenofon Kalamatiano suspeita que ele tenha sido subornado, mas ainda não encontrou provas disso. Conhecendo seus métodos, não creio que demore muito a encontrá-las.

Luca engoliu em seco. Se Leoni lhe havia entregado dois mil florins sem pestanejar, quanto não poderia pagar ao capitão do exército florentino? Um calafrio lhe percorreu o corpo quando se lembrou da carta que lhe haviam confiado em Urbino para que chegasse às mãos de Pietro Manfredi. Luca,

prudentemente, abria o envelope lacrado sem deixar pistas, usando vapor. Sua surpresa foi enorme ao constatar que a missiva estava em branco! Quais são as forças que controlam esta guerra? – perguntara-se enquanto fechava novamente o envelope com a ajuda de uma esponja e uma pasta sabiamente misturada com cera e resina.

Mauricio se esforçava para ajustar os lançamentos contábeis do ano em curso enquanto voava em imaginação para a vila Ginori, onde se encontrava sua amada. Os pais de Lorena e ele próprio concluíram que era mais seguro para ela ficar no campo até o surto da peste desaparecer. No entanto ele sentia tanta saudade da esposa! Desde o casamento, quase não tinham podido estar juntos, pois não só precisava atender às suas obrigações na *tavola* como Francesco Ginori sugerira que diminuísse suas visitas à vila enquanto a praga continuasse semeando Florença de cadáveres.

De fato, quase não lhe sobrara tempo para desfrutar da companhia da esposa, nem mesmo durante a cerimônia, já que esta havia sido tão breve quanto precipitada. O pai de Lorena comunicara-lhe, numa manhã fria, com um gesto seco e ameaçador, que sua filha estava grávida e a honra exigia que Mauricio se casasse com ela sem demora. Ele, eufórico, abraçara efusivamente Francesco, o que não alterou em nada seu semblante fechado. A cerimônia ocorreu uma semana depois, num ambiente tão íntimo que os poucos convidados à pequena capela eram os parentes dos Ginori, cujas expressões graves pareciam mais adequadas a um funeral que a uma boda. Leonardo fora a única e colorida exceção. Apesar disso, a felicidade de Mauricio só era perturbada pelo receio de que a peste acabasse com seus sonhos. Casara-se com a mulher que amava e logo seria pai, se Deus quisesse. Refletiu sobre os giros da fortuna, tão céleres quanto imprevisíveis. Com efeito, em pouco tempo, deixara de ser um deserdado sem família para formar a sua própria. Mesmo assim, precisava adquirir fortuna se quisesse honrar a esposa e ser aceito pela família dela e a sociedade florentina. Por enquanto, o vestido de noiva que

dera a Lorena não o ajudava a granjear a simpatia de Francesco Ginori, apenas seu respeito.

– Vejo que está pensativo. Há algo que você não entenda?

Mauricio fitou Bruno, seu interlocutor, um homem de cerca de 30 anos, de ossatura grande e compleição forte. Rosto cheio, expressão simpática e olhos perscrutadores, era a mão direita de Francesco Sasseti, o diretor-geral, que nesse dia não fora à *tavola* porque ficara trabalhando no palácio de Lorenzo, onde se localizava o escritório central do império financeiro e comercial dos Médicis. A *tavola*, sediada no Palácio Calvantini, perto do mercado velho, ocupava-se exclusivamente das operações bancárias feitas em Florença. Animado pelo bom humor que Bruno exibia naquela manhã, Mauricio decidiu arriscar a sorte com uma pergunta que o rondava havia muito tempo. Francesco Sasseti não estava e os dois rapazes que costumavam ficar por ali tinham saído para entregar documentos. Não encontraria momento mais oportuno para o colega esclarecer-lhe aquela questão, que não era nada técnica.

– Há dias que venho revendo estes lançamentos. Algo está errado. As saídas de capital superam as entradas e não consta que existam fundos suficientes para cobrir a diferença. De onde vem esse dinheiro?

Bruno se recostou na cadeira com uma expressão satisfeita.

– Finalmente você fez a pergunta certa. Se o dinheiro não sai de nossos cofres nem dos de outras sucursais, e muito menos de nossas aplicações, qual é sua misteriosa origem?

– Eis o que eu gostaria de saber. A contabilidade apenas informa que os credores são pagos com florins vindos do nada.

– A contabilidade não lhe dará respostas. Esteja certo disso. Entretanto vou lhe contar uma história. Em fins de novembro de 1477, atracou no porto francês Port-du-Bouc um galeão, com o estandarte dos Pazzi, repleto de joias, ouro, prata, pedras preciosas, sedas e especiarias. O destino final daquele autêntico tesouro era Roma, onde seria usado para sustentar o faustoso estilo de vida dos Pazzi e fazer alguns pagamentos devidos ao papa Sisto IV. Uma caravana fortemente escoltada percorreria discretamente, por terra, o caminho até a cidade de São Pedro. Porém uma pessoa muito bem informada sabia da enorme fortuna que as mulas da caravana carregavam. Entre Casola in Lunigia e Castelnuovo di Garfagnana, o grupo caiu numa emboscada. Não houve sobreviventes para relatar o acontecido. Lorenzo de Médici enviou uma mensagem de solidariedade a Jacopo Pazzi, na qual se mostrava ao mesmo

tempo aflitíssimo e disposto a oferecer-lhe a ajuda de que pudesse necessitar. O único fato concreto era que um fabuloso carregamento, avaliado em 130 mil florins, havia desaparecido juntamente com os assaltantes, dos quais nunca mais se soube coisa alguma.

– Está insinuando que, por trás desse crime, esteve a mão de Lorenzo? – perguntou Mauricio, incapaz de imaginar que o Magnífico pudesse fazer algo semelhante.

Lorenzo era o amigo mais poderoso, mais notável que jamais tivera. Não fora ele, apesar dos desafios que enfrentava, quem encarregara secretamente a confecção do vestido de noiva à casa Giovanni Gilberti, quando Mauricio lhe comunicara sua pretensão de desposar Lorena? Lorenzo não era também um generoso protetor dos artistas e ele próprio um grande poeta? Contudo não se podia ignorar que, após a conspiração dos Pazzi, sua vingança tinha sido implacável.

– Eu não disse isso – esclareceu Bruno. – Aqui, mantemos apenas a contabilidade das operações relacionadas a Florença. Existe um livro secreto, ao qual não tenho acesso, em que se resume a atividade das sucursais e das outras indústrias de que os Médicis participam. Sem esses dados, tudo é mera especulação. Não há dúvida, porém, de que o Magnífico tinha excelentes motivos para disparar aquele golpe. O papa havia solicitado, tempos atrás, um empréstimo ao banco dos Médicis com o objetivo de comprar a cidade de Imola e impor ali, como governante, seu sobrinho Girolamo Riario. Lorenzo recusou, considerando que a partir dessa base a zona de influência da república florentina poderia ser ameaçada. Porém, apesar de sua proibição expressa, os Pazzi concederam o empréstimo a Sisto IV. Em consequência, tornaram-se os novos banqueiros papais e os Médicis foram excluídos, após mais de um século de atividade, da gestão das finanças da Igreja romana.

– Entendo – refletiu Mauricio. – Executando o golpe, o Magnífico se vingaria ao mesmo tempo do papa e dos Pazzi.

– Exatamente – confirmou Bruno, erguendo o dedo indicador e arqueando a sobrancelha direita. – Caso isso acontecesse, haveria sobra de dinheiro para ir pagando as obrigações contraídas pela *Tavola* dos Médicis de Florença. Naturalmente, os florins apareceriam, mas sem que se conseguisse explicar sua origem real.

– O que você diz faz sentido. Todavia, também o papa e os Pazzi poderiam ter suspeitado de Lorenzo.

– E suspeitaram, é claro. Porém não encontraram provas. O golpe foi perfeito. Sisto IV contra-atacou exigindo uma auditoria do monopólio papal do alume, gerido pelos Médicis, uma medida tão humilhante quanto insólita.

“O alume...”, pensou Mauricio. Conhecia bem aquele sal branco e adstringente, usado na tecelagem de seu pai. Extraía-se mediante cristalização ou dissolução de determinados tipos de terra e rocha, sendo imprescindível para fixar as cores nos tecidos. Durante muitos anos, os cristãos precisaram comprá-lo dos turcos, até serem descobertas em Tolfa, localidade próxima a Roma, enormes reservas desse sal. O papa proibiu imediatamente, sob pena de excomunhão, que se continuasse comprando-o dos infiéis, enquanto, para explorá-lo, se fundava uma sociedade consorciada com os Médicis. Por meio dessa sociedade, eles administravam todo o negócio.

– E o que descobriram os auditores do papa? – quis saber Mauricio.

– Nada. As contas estavam certas até o último florim. Não havia a mínima irregularidade formal que pusesse em suspeita a gestão dos Médicis. Isso não quer dizer, porém, que o astuto Lorenzo, em vista do esfriamento de suas relações com o papa, não pudesse ter realizado uma série de operações impossíveis de detectar.

– Quais, por exemplo? – interessou-se Mauricio, com os olhos tão abertos quanto a sua mente.

Bruno havia ultrapassado deliberadamente uma linha da qual não havia retorno ao informá-lo sobre as melhores práticas financeiras, sempre na ausência do diretor, e ao passar-lhe informações confidenciais a respeito de assuntos delicados e secretos.

– Escute com atenção. Nem todos respeitaram a proibição de comprar dos turcos. Por outro lado, as reservas de alume descobertas em território papal eram enormes. Em consequência, o mercado se saturou e os preços caíram, chegando a um patamar irrisório. Notou até agora alguma coisa diferente do risco inerente a qualquer negócio?

– Não – respondeu Mauricio.

– Pois imaginemos outra coisa. Lorenzo conhece e controla a produção de alume em toda a cristandade. Pode pôr à venda uma quantidade menor para manter o preço do produto. Mas e se ele faz o contrário? Se começa a vender mais que o razoável? Nesse caso, com a queda dos preços, pode adquirir quantidades enormes de alume por intermédio de sociedades controladas por ele mesmo e armazenar pacientemente o que adquiriu a baixo preço. Quando

houver escassez no mercado, as sociedades dominadas por Lorenzo conseguirão vender o alume a preços bem superiores. Dessa maneira, os Médicis serão os únicos beneficiários da negociata, enquanto sua sócia, a *Depositaria della Camera Apostolica*, ficará a ver navios.

– Mas os auditores teriam descoberto a fraude – protestou Mauricio.

– Só se fosse malfeita – afirmou Bruno com grande convicção. – Digamos que os sócios e administradores das empresas que compravam grandes quantidades de alume não tivessem nada a ver com os Médicis. A quem reclamar? O truque fundamentava-se no fato de esses sócios e administradores serem meros testas de ferro, ou seja, homens manipulados pelo grande titereiro, Lorenzo, *o Magnífico!*

– E você tem alguma prova do que afirma? – perguntou Mauricio.

– Deus me livre! – sorriu Bruno. – Essas são simples hipóteses, embora haja aí certas casualidades que realmente chamam a atenção. Vou explicar. Durante um ano, trabalhei para os Médicis como contador da sociedade que geria o monopólio do alume. Conforme percebi sem demora, muitas das companhias que compravam grandes quantidades do produto eram administradas por pessoas físicas a quem o Banco Médici em Florença emprestara quantias consideráveis. Compreende? Não tenho provas, mas sei somar.

– E por que está me contando tudo isso? – perguntou Mauricio, embora adivinhasse a resposta.

– Porque você é inteligente, quer prosperar e tem Lorenzo como padrinho. Venho observando-o desde que começou a trabalhar aqui e, não duvido, conseguirá ir longe se for bem assessorado. Justamente por isso, o diretor não quer que aprenda muita coisa. Receia que possa descobrir seus inúmeros erros e revelá-los a Lorenzo com o objetivo de lhe arrebatá-lo o cargo. Eu, ao contrário, não tenho possibilidade de subir mais na carreira, pois não sou de família influente nem possuo fortuna pessoal, só uma cabeça boa. No ano que vem, farei 30 anos. Ainda posso sonhar com a prosperidade! E você pode me ajudar.

– Ocupando um dia o posto de Francesco Sassetti? – indagou Mauricio, um tanto surpreso ao ver que Bruno havia revelado seu jogo com a maior facilidade.

– Não necessariamente... Hoje, há várias maneiras de enriquecer para pessoas que saibam observar e investir bem. A mim faltam dinheiro e contatos; a você, experiência. Poderíamos formar uma ótima sociedade. Graças a meus conselhos, você logo poderá mostrar a Lorenzo o muito que aprendeu e as

boas ideias que tem. Acredite-me, não lhe faltarão florins para investir. Só uma coisa eu lhe peço: que, quando surgirem oportunidades, me admita como sócio. E mais: que não mencione nossas conversas particulares a Francesco Sassetti. Ele me despediria imediatamente.

Mauricio pôs-se a refletir. A sofisticação da vida florentina era algo que lhe escapava. A família de Lorena – como bem demonstrara durante a cerimônia de casamento – não gostava nada dele. A frieza com que o tratavam se transformaria em admiração e aceitação caso conquistasse prestígio social. Se quisesse ser visto como um homem honrado, devia se tornar um homem rico. Até agora, limitara-se a cobiçar o cargo de subdiretor na *tavola*. Porém investir com êxito no complicado mundo dos negócios poderia ser muito mais proveitoso. Para isso, era necessário ter conhecimento, experiência e imaginação. Talvez Bruno pudesse lhe ajudar nesta empreitada. Mauricio estendeu sua mão amistosamente.

– Combinado. Desde já, somos sócios.

Villa di Ginori, 2 de novembro de 1478

– *O*ntem, Monte Sansovino caiu – anunciou Francesco dramaticamente. Lorena, como o pai, lamentou a perda de mais aquele enclave defensivo, porém estava feliz por partilhar o almoço com o marido, que lhe dava segurança. Agora, com efeito, sentia-se três pessoas: ela, seu futuro filho e Mauricio.

– Nosso *gran capitano* nem sequer correu a defendê-los – queixou-se seu irmão Alessandro. – Pergunto-me quem lhe paga mais, nós ou os nossos inimigos.

Lorena considerou que o engano era inerente ao ser humano. De fato, ela se casara graças a um arдил da mãe, que se arriscara a mentir ao marido assegurando-lhe que a filha estava grávida havia dois meses, quando ainda não haviam transcorrido nem cinco semanas. Ante a possibilidade de um escândalo, o pai manobrou sem perda de tempo para combinar seu casamento com Mauricio. A cerimônia fora íntima, modesta, mais lóbrega que solene, mas o matrimônio estava abençoado aos olhos de Deus. Para que a alegria fosse completa, finalmente se havia confirmado sua tão desejada gravidez.

– Como confiar em exércitos mercenários? – perguntou Mauricio. – Sua única lealdade é ao dinheiro. Se nós mesmos, os florentinos, estivéssemos em campo, sem dúvida já teríamos derrotado as tropas papais e napolitanas.

– Você não é florentino – comentou desdenhosamente Alessandro.

– Nós somos comerciantes, não soldados – ponderou o pai de Lorena. – Nós sempre pagamos para que combatessem por nós e até hoje nos bastaram as

armas contratadas.

Lorena sofria por causa do tratamento que a família dispensava a Mauricio. Embora ele fosse seu marido, eles o menosprezavam. Para eles, Mauricio não passava de um estrangeiro sem categoria nem mérito. Felizmente, Mauricio estava imbuído de um otimismo imbatível. Compreendia que aquela gravidez casual não lhe granjeara muita simpatia e que sua posição social não se enquadrava nos sonhos de Francesco Ginori. Porém, ainda assim, convencera-se de que esse ressentimento obscuro era uma tempestade de verão que cessaria logo, quando lhes provasse seu verdadeiro valor.

– No entanto temos de reconhecer – interveio Flávia, a mãe, em apoio de Mauricio – que, nesta luta, nossos defensores não estão à altura de nossos florins.

– Tudo por culpa daquele traidor, o duque de Urbino – vociferou o pai. – Florença sempre o contratou para comandar nossos exércitos. É o melhor *condottiero* [Z]. Infelizmente, o ouro do papa brilha mais que nossos florins, e agora o duque, em vez de nosso aliado, é nosso adversário.

– E que aconteceria se o inimigo alcançasse as muralhas de Florença? – perguntou Mauricio.

– Isso é impossível – garantiu Alessandro. – Porém, se acontecesse, saberíamos defender bem nossa cidade.

– Caso não entrássemos num acordo com os sitiados – comentou ironicamente Flávia. – Não é por acaso que nós, os florentinos, somos admirados pela habilidade de negociar.

Lorena sentiu a tensão diminuir em seus ombros quando os criados retiraram a sopa de verduras, cenouras e nabos. Mauricio conseguira levar a colher à boca com elegância, sem inclinar demais a cabeça, mas só ela sabia o esforço que se ocultava por trás dessa aparente naturalidade.

– Por enquanto, podemos ficar tranquilos – afirmou Alessandro. – É um milagre que, com este *capitano*, preocupado exclusivamente em manter-se a dois dias de distância do temível duque de Urbino, já não estejam aqui as tropas inimigas.

– Talvez os florentinos não sejam os únicos a entender de negócios – sugeriu Mauricio. – Afinal, o duque de Urbino é também um mercenário que se vende pela melhor oferta. Quanto mais a guerra durar, mais ele terá a receber.

– O tempo, e não as nossas especulações, é que porá cada um em seu lugar – atalhou Alessandro. – Contudo, mudando de assunto, já decidi onde comprará sua vila?

Um golpe baixo – pensou Lorena. Alessandro sabia perfeitamente que Mauricio não tinha dinheiro suficiente para adquirir uma casa de campo.

– Por enquanto, não precisamos de uma – respondeu Mauricio, como se pudesse comprá-la a qualquer momento. – Lorenzo necessita de mim em Florença. Além disso, enquanto a peste durar, eu acho que minha esposa estará melhor com vocês do que em outra vila, onde eu não poderia fazer-lhe companhia. Sobretudo, no estado em que se encontra.

A resposta agradou a Lorena. Seu marido demonstrara autocontrole ao não morder o anzol, evitando assim abrir novas frentes de batalha na guerra familiar. Esta terminaria, sem necessidade de mais insultos e disputas, tão logo ela tivesse seu primeiro filho e Mauricio, da única maneira possível, se fizesse perdoar o pecado de não possuir fortuna nem prestígio: escalando degraus na sociedade endógama florentina. Lorena continuaria lhe ensinando as boas maneiras à mesa; quanto ao mais, Mauricio podia dar aulas de cavalheirismo ao irmão, aquele malcriado.

– Esperemos que a peste acabe logo, como a guerra – disse a mãe, introduzindo outro assunto na conversa para acalmar os ânimos.

– Sim – concordou Francesco. – Porque, de outro modo, não sei por quanto tempo resistiremos. Para pagar o exército, Lorenzo se viu obrigado a aumentar impostos. E, em consequência da crise pela qual passamos, algumas famílias já estão em dificuldades.

Lorena pensou que, de fato, a ideia sugerida por Mauricio de contar com um exército próprio era excelente, pois assim Florença não teria de destinar quantias enormes a mercenários estrangeiros, cuja única lealdade reconhecida era ao dinheiro. Contudo achou mais prudente não fazer nenhuma observação.

– A situação atual é realmente grave – corroborou Alessandro. – Com as tropas pontifícias e napolitanas cercando nosso território, nós, os comerciantes, não podemos transportar nossas mercadorias por terra. E fretar barcos fica mais perigoso a cada dia que passa, pois atacar navios de pavilhão florentino é considerado um ato legítimo de guerra. Se as coisas continuarem assim, muitos comerciantes irão à falência e seus empregados serão despedidos.

– Você trabalha no banco dos Médicis – interrompeu Francesco, virando-se para Mauricio. – Que cartas na manga terá o Magnífico?

Lorena sentiu uma profunda satisfação. Pela primeira vez, o pai se dirigia a Mauricio em busca de respostas que eles ignoravam. Isso significava, implicitamente, um reconhecimento de sua posição.

– Como se sabe, Lorenzo está pagando do próprio bolso a três mil mercenários. Todavia, no momento, procura convencer Milão e Veneza a enviar-nos tropas auxiliares. A energia e o tempo que dedica a esse propósito são enormes. Por enquanto, os resultados são escassos, mas se há alguém capaz de convencer qualquer pessoa, é Lorenzo.

Lorena fitou Mauricio e desejou como nunca que ele a abraçasse. Felizmente, hoje veria seu desejo satisfeito após a refeição. Quem sabe, num futuro próximo, poderia desfrutar desse prazer diariamente? Recomendou-se à Virgem e prometeu-lhe que seria sua mais fiel e humilde servidora se todos os presentes se salvassem da peste e da guerra.

Florença, 7 de dezembro de 1478

Mauricio contemplou distraído o belo jogo de luzes que iluminava o salão principal do palácio de Lorenzo de Médici. Dezenas de velas perfumadas ardiam lentamente nos grandes candelabros de bronze pendentes do teto. Sobre a mesa, cilindros de vidro rodeados de esferas cheias de água continham candeias fabricadas com cera de abelha. O desenho, obra do desconcertante Leonardo da Vinci, permitia que a luz se difundisse melhor. Mauricio se sentia incapaz de calcular as cifras astronômicas que custava manter iluminado o palácio no inverno. Os dias eram curtos; as noites, escuras e frias. Por sorte, a magnífica lareira situada junto à mesa de carvalho ardia com intensidade suficiente para o aconchego das quatro pessoas ali sentadas.

– Terminei meus estudos de direito canônico na Universidade de Bolonha e finalmente pude me mudar para Ferrara a fim de iniciar o aprendizado de filosofia. Em especial, considero extraordinário descobrir em autores do passado, anteriores à vinda de Cristo, raios de luz capazes de dissolver as trevas com o brilho da verdade e revelar essa realidade que nunca conseguimos contemplar em toda a sua grandeza.

Quem assim falava era Giovanni Pico della Mirandola, filho mais novo do conde de Mirandola e da condessa de Concordia, verdadeiro portento intelectual, pelo que ouvira Mauricio. Tinha apenas 15 anos, mas já dominava o latim, o grego e algumas línguas românicas. De nariz reto, comprido e delicado, lábios sensuais, fronte alta e cabelos encaracolados, seu físico era o retrato tanto de sua beleza quanto de seu berço. As calças de duas cores que ele

vestia, presas por um cinto cravejado de pedras preciosas, revelavam uma pessoa que preferia mostrar-se a passar despercebida.

– Temos então interesses comuns – disse Lorenzo. – Meu avô Cosimo era da mesma opinião. Por isso não poupou gastos até trazer para Florença os maravilhosos escritos perdidos de Platão e do próprio Hermes Trismegisto. Marsílio Ficino se encarregou de traduzi-los. Por azar, hoje se sentia indisposto e não pôde nos fazer companhia. No entanto minha biblioteca está ao seu inteiro dispor para qualquer consulta que queira fazer durante seu tempo de permanência conosco.

Lorenzo também era uma estrela que desejava brilhar. No entanto, em flagrante contraste, vestia-se bem mais discretamente que o jovem Pico della Mirandola. Contentava-se com um gibão e calças do mesmo tom azul, embora, sem dúvida, do melhor veludo. Fiel aos ideais teóricos da República, em que nenhum cidadão é superior a outro, o Magnífico preferia roupas sóbrias, sem demasiada ostentação de ouro, joias ou combinações de cores muito ousadas. O fabuloso anel que comprara era a única exceção. Mauricio o admirava por sua versatilidade. Poucas horas antes, estivera despachando com Tommaso Soderini, instruindo-o sobre seu papel de embaixador em Veneza, missão vital para obter os desejados reforços. Agora, mudando de tom, dispunha-se a conversar descontraidamente sobre os autores clássicos, como se Florença não estivesse em guerra. Felizmente, o frio glacial obrigara o exército inimigo a retirar-se para seus quartéis de inverno. Era urgente aproveitar aquela oportunidade para promover uma reorganização, pois de outro modo estariam perdidos.

– Agradeço-lhe muitíssimo a gentileza, da qual farei bom uso – respondeu Pico. – Desde pequeno, sempre pensei que acharia a sabedoria nos livros, nem que fosse numa nota de rodapé. Porém começo a perceber que, embora as bibliotecas contenham de fato verdadeiros universos de conhecimento, a sabedoria com letras maiúsculas talvez esteja fora do alcance da palavra escrita.

– Um ponto de vista muito interessante que você partilha com Marsílio Ficino – disse Lorenzo, sorrindo. – Refere-se a algo concreto ou foi coisa que o Céu lhe inspirou?

– Para ser franco, são muitos os indícios que me levam a uma afirmação tão ousada. Por exemplo, dois de nossos insignes padres da Igreja, Orígenes e Hilário, escreveram que Moisés recebeu na montanha não apenas a lei de Deus, mas também uma interpretação definitiva sobre seu sentido último.

Segundo esses dois bispos, o Senhor ordenou a Moisés que proclamasse a lei entre as pessoas, mas proibiu que registrasse sua interpretação secreta, que só se revelaria a quem estivesse preparado.

– E como você justificaria essa restrição em sua informação? – perguntou Lorenzo com grande interesse.

– Lendo os Santos Evangelhos, deparei-me com uma passagem em que o próprio Jesus Cristo nos oferece uma resposta: “Não atireis aos cães o que é santo, nem vossas pérolas aos porcos, pois eles as pisotearão com suas patas e as despedaçarão com seus dentes”. Não teria sido uma providência do próprio Jeová, por motivos que ignoro, ocultar os arcanos da excelsa divindade ao vulgo e exhibir-lhe apenas a roupagem das palavras? Sempre me intrigou o fato de o grande Pitágoras não ter deixado nada escrito, como também Sócrates, o mestre de Platão. Nosso reverenciado Jesus Cristo só escreveu uma vez sobre a areia, para que o vento apagasse logo suas palavras.

– Seria realmente uma pena que você partisse de Florença sem conhecer Marsílio Ficino, embora ele talvez considerasse sua ousadia um tanto excessiva – observou Lorenzo, em cujos olhos se notava enorme satisfação. – E você, Elias, que acha dos comentários deste talentoso jovem?

Mauricio já conhecia Elias Levi, um prestigioso rabino que visitava regularmente o palácio. Bom amigo do Magnífico, com uns 45 anos, sua expressão irradiava inteligência. Calvo, de frente ampla, barba cuidada e olhos vivazes, suas palavras eram sempre enérgicas e, ao mesmo tempo, gentis.

– Expôs de forma brilhante uma discussão tão velha quanto a própria humanidade. Em qualquer religião encontraremos pessoas que afirmam ter um conhecimento superior. De fato, sacerdotes, rabinos e imãs seriam os encarregados de instruir cristãos, judeus e muçulmanos na correta interpretação de sua respectiva fé. Pico se mostra mais sutil. Sugere que, por trás da letra de cada religião, esconde-se uma sabedoria maior, só conhecida pelos iniciados. Talvez seja assim. Consideremos, por exemplo, a religião judaica que pratico. Existe um livro hebraico, o Zohar, que revela importantes segredos, cuja interpretação, no entanto, é muito difícil. Pois bem, ouvi eminentes rabinos queixarem-se amargamente de que qualquer pessoa pode lê-lo, sempre e quando estiver em condições de adquiri-lo. Segundo eles, isso implica dois perigos mortais. O primeiro é a possibilidade de alguém lê-lo sem estar preparado para entendê-lo, caso em que o interpretará de maneira errada. O segundo perigo, maior que o anterior, seria que uma pessoa capaz de

entendê-lo o estudasse sem que tivesse uma consciência suficientemente desenvolvida, pois poderia usar o conhecimento assim obtido de forma egoísta, em prejuízo dos demais.

– A eterna discussão sobre liberdade e segurança! – exclamou Lorenzo teatralmente. – A partir de que idade nós devemos permitir a alguém manejar uma faca? Quando for bebê, criança ou adolescente? Algumas pessoas não poderiam empunhar adagas nem na idade adulta, mas, em certos casos, é conveniente que uma criança saiba manejar facas e até punhais. Como sempre, as grandes perguntas não têm respostas simples.

Aquela conversa desconcertava Mauricio. Uma coisa era Elias acreditar que, por trás de sua religião, existia uma doutrina oculta; mas que Pico e Lorenzo insinuassem algo parecido com respeito a todas as religiões, até mesmo a cristã, não tinha cabimento em sua rígida educação, na qual o mero fato de fazer perguntas já provocava suspeitas.

– Estão querendo dizer que também o cristianismo encerra segredos que nos são desconhecidos? – perguntou Mauricio.

– Não nos interprete mal – contemporizou Lorenzo, sorrindo de modo amável. – Sabe-se bem que os grandes santos estiveram mais perto de Deus que nós, pobres pecadores. Aliás, nos Evangelhos, conta-se que, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, seu discernimento das coisas aumentou extraordinariamente. Meu caro, você e eu temos a mesma religião, mas nosso conhecimento do cristianismo não se compara ao dos santos ou dos apóstolos porque eles gozaram mais da presença de Deus. Pois justamente a essa sabedoria superior, à qual não se pode chegar por meio da letra morta, é que estamos nos referindo.

A verdade – pensou Mauricio – pode ter diferentes níveis de compreensão.

– Eu gostaria – interveio Pico – de me expressar por outro ponto de vista. Embora seja surpreendente, em religiões distintas aparecem elementos, como o mistério da Trindade, que confirmam as revelações posteriores de Jesus Cristo. E estou certo de que, se nos aprofundássemos nas doutrinas secretas dos egípcios, judeus ou gregos como Pitágoras e Platão, encontraríamos mais elementos maravilhosos a demonstrar que Deus, em sua infinita misericórdia, inseriu as bases essenciais do cristianismo em religiões mais antigas. Para que, então, brigarmos uns com os outros? Seria preferível reverenciar amigos como Elias, que por enquanto ainda não partilha nossa fé, celebrando o que nos une em vez de nos matarmos pelo que nos separa.

– Agradeço do fundo do coração essas palavras – disse comovidamente Elias, inclinando de leve a cabeça. – O credo de vocês diverge do judaico, mas me parece muito bonita a imagem de um mundo em que, tal como assinalou Pico, esse príncipe da concórdia, pudéssemos respeitar nossas diferenças e exaltar nossas semelhanças. Lamentavelmente, isso está bem longe da realidade. A história de nosso povo é repleta de intolerância, desprezo, ódio e perseguição. Hoje, por graça de Lorenzo, somos respeitados e aceitos em Florença. Mas ai de nós se ele vier a faltar! Sem sua proteção, o povo nos teria atribuído a culpa pela peste e talvez minha voz já estivesse calada para sempre.

Algo se revolveu nas entranhas de Mauricio ante essas emocionadas palavras de Elias. O sábio rabino tinha razão. Acaso não haviam sido exterminados quase todos os judeus do *call*[8] de Barcelona em fins do século anterior, a pretexto de serem os causadores da peste que assolava a cidade? Seus avós paternos tinham praticado o cristianismo, mas não de coração. Em retrospecto, parecia-lhe cada vez mais compreensível que professassem exteriormente uma religião que não sentiam como própria – impelidos pelo medo. Medo de morrer de uma maneira horrível, como acontecera a tantos outros. Nesse caso, mereceriam sofrer no Averno por toda a eternidade? Se dependesse dele, não iriam para o Inferno; e se, na cidade dos condes, a maioria das pessoas fosse como as reunidas ali, os judeus do *call* não teriam sido linchados. Haveria no coração daqueles homens mais piedade que no coração de Deus? Mauricio se assustou com os próprios pensamentos, que contrariavam tudo que lhe haviam firmemente inculcado. Se o Senhor criara o Inferno, quem era ele para duvidar? Jesus Cristo não se havia sacrificado para pôr a salvação ao alcance de todos os homens?

– No mundo conhecido, nós, os judeus, só desfrutaremos da paz por pouco tempo – afirmou Elias. – Acumulou-se muito ódio contra nossa raça. Cedo ou tarde, sempre acabaremos perseguidos. Entretanto, não se conhecem os limites do mundo. Talvez exista uma terra distante em que uma das dez tribos perdidas de Israel haja criado um reino no qual possamos viver sem medo. E pode ser também que exista um país longínquo onde não morem cristãos, judeus ou muçulmanos. Um país sem história, livre de ódios ancestrais. Ali, homens como nós viveriam em paz, sem brigas por causa de raça ou religião.

– Um belo ideal com que sonhar – ponderou Pico della Mirandola.

– Cavalheiros – anunciou Lorenzo –, só nos resta agora encontrar a Terra Prometida. Quem sabe? Talvez achemos o mapa do tesouro em algum dos

antiquíssimos pergaminhos adquiridos por meu avô Cosimo.

Lorenzo falara de maneira leviana e brincalhona, mas Mauricio julgou detectar um matiz de sinceridade em sua voz. O Magnífico era um homem erudito, e não se podia deixar de levá-lo a sério nem mesmo quando pilheriava. Mauricio se lembrou do que Lorenzo lhe dissera durante os trágicos acontecimentos da catedral: “Um assassinato ritualístico!”. Dias depois, insinuara que a conspiração era parte de um plano diabólico cujos detalhes ele preferia não revelar. Agora, aquelas alusões a conhecimentos secretos a que não se tinha acesso por meio da palavra escrita vinham aumentar o mistério. Era como se Mauricio estivesse acompanhando uma partida na qual podia vislumbrar algumas peças, mas sem conhecer o objetivo e as regras do jogo.

Mauricio pousou os olhos em um dos brasões dos Médicis que pendiam das paredes do salão. Sua divisa eram seis bolas. Na luz bruxuleante das velas, notou pela primeira vez que aquelas bolas podiam ser divididas em dois blocos. O de cima era formado por três círculos dispostos em um triângulo cujo vértice apontava para o teto. No de baixo, os outros três círculos formavam um segundo triângulo cujo vértice apontava para o chão. Aquilo devia ter um significado que também lhe escapava.

Talvez fosse melhor assim. Não precisava de mais enigmas além daqueles com que tinha de se haver diariamente no banco. A única coisa que importava era que a peste cessasse quando Lorena desse à luz. Até lá, seus esforços deviam concentrar-se exclusivamente na compra de uma casa em Florença que estivesse à altura da esposa e onde pudessem viver orgulhosos e felizes. Enquanto isso, ficar alojado no palácio de Lorenzo, sede dos escritórios do império comercial e financeiro dos Médicis, era muito conveniente, pois assim permanecia em contato direto com o Magnífico. O maior sonho de Mauricio, porém, era ser dono de sua própria casa. Já havia falado sobre o assunto com Lorenzo e esse lhe propusera um acordo que, estava certo, agradaria tanto a Lorena quanto a sua endinheirada família.

Luca sentiu frio depois de tirar a túnica forrada de pele de coelho, apesar dos espessos troncos que ardiavam na lareira do salão de Pietro Manfredi. Tanto a camisa quanto as calças, tecidas no convento de San Martino, eram da melhor lã inglesa. E o gibão de veludo, que se ajustava perfeitamente ao peito sobre a camisa, era reforçado com pele de esquilo. Portanto, o frio que sentia pelo corpo talvez tivesse sua origem no medo. Afinal, já muitas vezes um arauto levava a mensagem que ordenava sua própria morte.

Pietro Manfredi se mostrara circunspecto ao recebê-lo. Acabava de chegar da Inglaterra e talvez estivesse de mau humor por ter sido obrigado a ordenar o fechamento de uma sucursal em Londres, que representara grandes prejuízos para ele. Visivelmente ansioso por examinar a carta que Leoni entregara a Luca em Urbino, retirara-se com pressa do salão, resmungando algumas palavras de cortesia. Porém Luca sabia que ele não iria ler nada, pois o envelope só continha um papel em branco. Contudo uma carta em branco podia ser um sinal convencionado entre Leoni e Pietro acerca do mensageiro.

Quando um criado solícito entrou e lhe ofereceu uns doces de mel, Luca achou mais prudente esperar que Pietro os provasse antes. Não precisou aguardar muito, pois o anfitrião voltou logo.

– Muito bem! – exclamou Pietro –, parece que devo lhe transmitir algumas instruções. Já ouviu falar do código de Simonetta?

– Não.

– Ótimo – disse Pietro, pegando um doce. – Trata-se de um pequeno manual onde Cecco Simonetta, chanceler da poderosa família Sforza de Milão, ensina como decifrar as chaves usadas nas cartas e mensagens escritas

por diplomatas. Depois que você aprender esse, vou lhe ensinar outros códigos mais complexos. Se for redigir cartas sobre a situação em Florença, deve conhecer os métodos cifrados de maior sofisticação, como o uso da tinta invisível, que se revela à luz de uma chama. Nossa segurança mútua assim o exige.

– Sobre o que deverei informar, exatamente? – perguntou Luca, aliviado ao constatar que nenhuma trama fora urdida contra ele e que, na verdade, a carta em branco continha uma mensagem escrita.

– Seu trabalho consistirá em transmitir notícias sobre a situação geral em Florença e sobre certas pessoas em particular. Às vezes, será conveniente mandá-las pelo correio. Graças aos muitos contatos que você tem em outras cidades, não levantará suspeitas caso despache algumas cartas, convenientemente cifradas, para a eventualidade de caírem em mãos indesejáveis. Outras informações, porém, serão comunicadas a mim pessoalmente, para que não deixem rastros escritos. Sua amizade com Bernardo Rucellai, casado com uma irmã de Lorenzo de Médici, pode ser especialmente útil.

– Em que sentido? – interessou-se Luca, estendendo a mão para a bandeja de doces.

– Digamos que nos interessa tudo o que se refira a Lorenzo. Às vezes, detalhes insignificantes, como se ele gosta de faisão com creme de alcachofra ou *pannaccota* com molho de *fragole*^[2], podem ser vitais. Sabia que o heléboro branco, uma lilácea inofensiva, quando corretamente destilado em alambique produz um poderoso veneno, capaz de provocar vômitos, diarreia, espasmos musculares, delírio, asfixia e, por fim, parada cardíaca? Misturado na medida certa ao creme de alcachofra ou ao molho de *fragole*, seu sabor não é percebido.

Ao ouvir essas palavras, Luca recuou instintivamente a mão da tentadora bandeja.

– Está falando em matar Lorenzo de Médici? Nada me agradaria mais que vê-lo sumir, porém temos de levar em conta o preço enorme do fracasso.

– Sim, é claro. No que depender de mim, não empreenderemos nenhuma ação arriscada. Se você ou qualquer outro implicado numa conspiração desse tipo fosse descoberto, não tenho dúvida de que, com os métodos de tortura de Xenofon Kalamatiano, revelaria qualquer coisa, até meu nome. Da mesma forma, nunca se esqueça de que trair nosso grupo sempre se paga com uma

morte lenta. Leoni tem um sexto sentido infalível para escolher os nossos, mas prefiro avisar de antemão das consequências de um ato tão vil para evitar tentações.

– Isso, em meu caso, é desnecessário – afirmou Luca, com ar ofendido. – Se não confia em mim, é preferível que não me conte nada.

– Não leve a mal, é apenas um aviso aos navegantes, algo que sempre faço. Como estava dizendo, matar Lorenzo em Florença é uma tarefa perigosa demais. Depois do atentado que sofreu, é o único cidadão com direito a andar protegido por guarda-costas armados dentro da cidade. E se as medidas de segurança entre sua criadagem já eram excepcionais antes da conjuração dos Pazzi, tentar burlá-las agora seria correr um risco insensato. O próprio Kalamatiano vem infiltrando há anos, entre os serviçais, espiões muito hábeis. Tentar subornar qualquer um deles é um convite a cair em uma armadilha. Pensamos também na picada da viúva negra, mas essa ideia foi por enquanto descartada.

– Que vem a ser a picada da viúva negra? – perguntou Luca.

– Ah, uma morte deliciosa!... Infelizmente, só dispomos de duas especialistas, nenhuma delas em Florença! São belas assassinas que escondem, em anéis ou broches, pontas untadas com venenos mortíferos. Depois de seduzir a vítima, em meio a excitantes jogos sexuais, a viúva negra pica-a acidentalmente. O homem, embriagado de prazer, mal o percebe. Porém, dentro de uma hora, morre. Sem remédio. Infelizmente, seria fácil estabelecer a conexão entre a estrangeira, que seria detida, e a enfermidade súbita de Lorenzo. Nenhuma de nossas assassinas aceitaria entrar em Florença para uma missão suicida.

– Sem falar que não é nada fácil seduzir Lorenzo – acrescentou Luca. – Apesar das fortes paixões que provoca nas mulheres, nas quais sua feiura animal funciona como uma espécie de afrodisíaco, ele é homem de uma amante só.

– Sim – grunhiu Pietro –, o Magnífico tem livros e ocupações demais na cabeça para se distrair com frivolidades. Melhor esperar que a fruta esteja madura antes de comê-la.

– A que se refere?

– Você já deve ter visto como estão as ruas neste Natal. A maioria das barracas fechou e quase todos os produtos ficaram mais caros. Os impostos, a guerra, a peste e uma crise econômica nunca vista estão desmoralizando o povo. É só uma questão de tempo as pessoas se rebelarem contra a tirania de

Lorenzo. Assim, será fácil conhecer as opiniões das pessoas com quem tratamos sem despertar suspeitas. Quando um número suficiente de famílias importantes disser que sacrificar um homem é preferível a perder uma cidade, esse será o momento de passarmos à ofensiva. Até lá, continuaremos apoiando ostensivamente Lorenzo, enquanto agimos com o máximo sigilo. A última coisa que queremos é figurar na lista dos espiões de Lorenzo como suspeitos de combater o regime.

Mauricio levantou-se banhado em suor. De novo tivera o pesadelo que o perseguia desde criança: uma bela e delicada jovem agonizava na cama em meio a dores horríveis. Angustiado, vestiu-se rapidamente e saiu à rua em busca do ar que parecia faltar-lhe nos aposentos do Palácio dos Médicis. Mal amanhecera quando, envolto em seu grosso manto de lã, percorreu a Via Porta Rosa, onde se localizava a *tavola*, para tentar banir as inquietantes emoções que o deixavam com a respiração entrecortada, como se sufocasse entre os lençóis do próprio leito. Paradoxalmente, a umidade do Arno que lhe penetrava nos ossos, o patear invisível de um cavalo próximo sobre o lajedo e até os latidos fantasmagóricos de cães de rua envoltos na neblina ajudavam-no a certificar-se de que já havia despertado e a esquecer-se daquela sensação claustrofóbica provocada pelos sonhos.

Ao entrar na *tavola*, não se surpreendeu ao ver Bruno examinando documentos à luz de uma vela.

– Bom dia, Mauricio. Vejo que você também não conseguiu dormir! Como já sabe, quando acordo muito cedo, venho aqui mexer em papéis. É o melhor momento para analisar certas coisas tranquilamente, sem que ninguém me incomode – disse Bruno, piscando-lhe um olho.

Mauricio ficou satisfeito por ter alguém com quem conversar, especialmente em se tratando de Bruno, que já considerava seu amigo.

– Tive um pesadelo horrível, do qual prefiro nem falar.

– Tratemos então de assuntos mais agradáveis, como por exemplo o de que está diminuindo o número de infectados pela peste. Esta, sim, é uma notícia auspiciosa!

– De fato – concordou Mauricio, com redobrado otimismo. – Parece que nem as doenças resistem ao frio florentino. Tomara que desapareça completamente em pouco tempo! Nada me entusiasmaria tanto quanto viver sossegado em Florença junto com minha mulher e nosso futuro filho. Lorenzo prometeu me alugar um *palazzo* elegante por um preço simbólico, antes de Lorena voltar à cidade. Agora já sei por que o chamam de “o Magnífico”. Mesmo assim, me sentiria mais seguro se contasse com um pequeno capital próprio. Felizmente, Lorenzo me fez sócio da *tavola* dos Médicis em Florença, com direito a cinco por cento dos lucros anuais. Sabe em que data eles costumam ser repartidos e quanto, mais ou menos, irei receber?

– De acordo com os contratos, esta *tavola* e todas as sucursais ou sociedades controladas pelos Médicis devem fechar suas contas em 24 de março, data em que se calculam os lucros do ano. Como qualquer um pode comprovar, você está inscrito nos registros de câmbio como sócio da *tavola* de Florença. Infelizmente, e gostaria que fosse de outro modo, este ano não embolsará nada.

– Por quê? – perguntou Mauricio, quase em tom de protesto.

– Porque, e isso é elementar, a *tavola* de Florença teve prejuízos. Ademais, antes de repartir lucros, as práticas contábeis exigem abater o valor dos empréstimos de recuperação duvidosa. Com base nos livros oficiais, é provável que ainda por muito tempo não seja possível repartir nem um florim. E, chegada a hora, os sócios majoritários é que decidirão se será mais conveniente distribuir o dinheiro restante ou reinvesti-lo.

Mauricio se sentiu ao mesmo tempo abatido e confuso.

– Mesmo que os números desta *tavola* registrem perdas, o Banco Médici tem participações e sociedades por toda a Europa. É um império comercial e financeiro. Não posso crer que suas contas sejam negativas.

– Vamos por partes, Mauricio. Você só é sócio da *tavola* florentina. Os outros bancos e negócios nos quais Lorenzo tem participação majoritária são entidades juridicamente independentes entre si. É uma fórmula legal engenhosa que permite ao Magnífico controlar todas as sociedades sem correr grandes riscos. Por exemplo, caso a *tavola* de Bruges fosse à bancarrota e os credores reclamassem milhares de florins, os únicos bens passíveis de execução seriam os de propriedade dessa sucursal. O resto das entidades de que participa Lorenzo não responderia pelas dívidas deixadas pelo banco de Bruges. Entende? No que lhe diz respeito, deve se interessar apenas pelo que acontece

nesta *tavola*, porque você não tem participação nenhuma nas outras sociedades.

Mauricio mergulhou em pensamentos obscuros. Seu atual estilo de vida dependia completamente da generosidade de Lorenzo. Sempre suspeitara de que não havia unicamente ouro na oferta do Magnífico por seu anel – e agora comprovava a suspeita. Melhor seria que ele se mantivesse no poder, pois de outra forma Mauricio só poderia oferecer miséria a Lorena e a seu filho. Respirou fundo e tentou descobrir algo a que se apegar. Precisava desesperadamente de um negócio ou de uma ideia com a qual ganhasse dinheiro, para o caso de Lorenzo desaparecer. Montar uma tecelagem semelhante à que seu pai possuía em Barcelona era uma opção, mas para isso não tinha capital e, sem um pesado investimento inicial, não seria possível enfrentar a concorrência em Florença, o centro da moda. Por outro lado, se Lorenzo caísse, ele seria imediatamente destituído de seu cargo no banco, uma função que lhe inspirava cada vez mais dúvidas.

– Estou vivendo aqui há alguns meses – disse Mauricio em tom pausado. – Graças a você, já posso transcrever lançamentos contábeis e analisar balanços. As últimas cartas comerciais que redigi não precisaram de nenhuma correção. Há, porém, alguns assuntos que me preocupam.

– Aproveite que estou de bom humor e pergunte, em vez de se queixar tanto – repreendeu Bruno amistosamente.

– Emprestar dinheiro a juros é o pecado da usura, castigado com o Inferno. Não é mais ou menos a isso que nosso banco se dedica?

– Está enganado – sorriu Bruno. – Eu também sou cristão e não gostaria de expor minha alma ao fogo por toda a eternidade, sobretudo nestes dias tão perigosos que vivemos. Felizmente, estamos inscritos no respeitabilíssimo grêmio da “Arte do Câmbio”. Trocar moeda, nosso trabalho aqui, não é ganhar dinheiro. Suponhamos que um comerciante queira ter à sua disposição uma quantia em Bruges. Sem problemas. Ele nos entrega a quantia em florins e nós expedimos uma letra de câmbio em seu nome, em moeda flamenga. Quando chegar a Bruges, só precisará apresentar a letra em nossa sucursal e sacar o dinheiro. Naturalmente, pelo serviço de trocar moedas por meio de letras de câmbio, cobramos uma comissão, em geral de 25%, mas o comerciante obtém um benefício inestimável: o dinheiro viaja sem risco, pois, sendo a letra nominal, em caso de roubo, os salteadores não poderão descontá-lo. Se um comerciante estrangeiro vem a Florença e precisa trocar logo sua moeda em

florins, também lhe cobramos uma comissão. Neste caso, mais barata, entre 8% e 10%, já que o serviço não inclui a emissão da letra de câmbio. Observe que nem nesse caso haveria cobrança de juros, portanto, não há usura. Você pode ficar tranquilo porque esses argumentos são corroborados pela maioria dos teólogos.

– E as casas de penhor? – perguntou Mauricio.

– Ah, isso já é completamente diferente! – exclamou Bruno. – Não estão inscritas na “Arte do Câmbio” e suas práticas constituem, sim, o pecado da usura. Como os prostíbulos, as casas de penhor representam um mal necessário em nossa sociedade, mas os prestamistas são mais execrados que as prostitutas. Empréstam dinheiro em troca de juros e exigem, como garantia, joias, roupas, móveis e até instrumentos de trabalho. Não podem pertencer a nenhuma agremiação e a maioria das licenças é concedida a judeus, pois que cristão aceitaria trabalhar em contato permanente com o pecado mortal? Você não encontrará nenhum florentino de bem que não despreze os usurários. Já os banqueiros que praticam a arte do câmbio são respeitados por toda a sociedade. Até o papa e a cúria fazem negócios com eles, não sendo raro que parentes dos banqueiros mais prestigiosos acabem nomeados cardeais ou bispos.

Pensamentos inquietantes se atropelavam na mente de Mauricio. Trabalhava numa instituição respeitável porque seus antepassados judeus haviam lançado mão de um valiosíssimo anel, provavelmente graças ao empréstimo usurário. Não era o mesmo que estar agarrado ao galho de uma árvore cujas raízes apodreciam por causa de ações pecaminosas? Nesse caso, que castigo o aguardava? Ironicamente, se Lorenzo caísse e ele quisesse abrir um pequeno negócio, teria de recorrer às odiosas casas de penhor, pois observara que os bancos só concediam empréstimos a pessoas com bom crédito.

– Os grandes bancos, como o dos Médicis, concedem somas elevadas a imperadores e ao próprio papa. Isso não é usura? – perguntou Mauricio, tentando desmascarar o artifício que os florentinos sabiam ocultar tão bem sob o manto das belas palavras.

– Em absoluto. Quando o banco dos Médicis empresta milhares de florins aos poderosos, nunca cobra juros. Às vezes, nem exige a devolução do que foi emprestado. O grande Cosimo proibiu cobrar esses valores, alegando que então se correria o risco de perder tanto o dinheiro quanto a proteção de um amigo. E tinha razão. Pois nem o papa nem o duque de Milão costumam devolver o que receberam, mas seus favores superam em muito o montante do

empréstimo. Por acaso os Médicis não se beneficiaram quando o pontífice lhes garantiu a gestão exclusiva do monopólio do alume? Não ficaram à disposição dos Médicis as tropas milanesas sempre que houve risco de revolta em Florença? Meu amigo, às vezes, penso que os empréstimos sem juros escondem lucros maiores que os da usura. Ora, a troca de favores entre poderosos não é proibida. Entretanto, nessa questão do pecado, eu ficaria menos tranquilo caso fosse um dos grandes clientes que depositam volumosas somas a prazo fixo nos bancos, independentemente da opinião dos doutores da Igreja...

– A que se refere? – indagou Mauricio, a quem a sofisticação das altas finanças começava a lembrar a frase de Jesus Cristo segundo a qual é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.

– Em Roma, onde o dinheiro corre à solta, muitos cardeais depositam seu capital a prazo fixo, geralmente por um ano, em um banco. Legalmente, é um empréstimo sem juros. Porém, na realidade, antes do fim do ano, o banco lhes dá presentes nunca inferiores a dez por cento da quantia depositada. É apenas um favor, sem dúvida, mas se o cliente não fica satisfeito, ao final do prazo combinado, retira o dinheiro e deposita-o em outra entidade. Ou seja, pessoas muito ricas, entre as quais se contam membros ilustres da Igreja, emprestam dinheiro aos bancos e recebem uma remuneração, isto é, juros, com a mão esquerda, sem que a direita fique sabendo de nada. Ora, se os próprios cardeais concordam que não é pecado receber simples favores, quem sou eu para afirmar o contrário?

Mauricio concluiu que o banco, a teologia e os interesses dos poderosos configuravam um sistema financeiro um tanto arbitrário. Talvez não houvesse pecadores, somente pessoas mal assessoradas.

– Compreendo – entou Mauricio, não totalmente convencido. – Nós apenas trocamos moedas, sejam de outras cidades ou da própria Florença, certo?

– Certo. E por trocar florins de ouro por *piccioli* de prata ou vice-versa, também cobramos uma comissão, sem que haja nesse serviço o mínimo resquício de usura.

Mauricio já tinha se acostumado ao duplo sistema monetário estabelecido em Florença: os florins de ouro com que as classes altas faziam suas transações e os *piccioli* de prata usados pelo *popolo minuto*. Para operações de grande magnitude empregavam-se os florins de ouro, enquanto na maioria dos

pagamentos e das transações comerciais de pouca monta a moeda corrente eram os *piccioli* de prata.

– Talvez não haja usura – ponderou Mauricio –, mas, como o câmbio flutua ao sabor das decisões da Signoria, cujos cargos são ocupados pelas classes altas, tenho notado nos registros oficiais que, periodicamente, se desvaloriza o *picciolo* de prata em benefício do florim de ouro. Assim, graças a essa artimanha legal, os pobres ficam cada vez mais pobres e os ricos, cada vez mais ricos.

– Já disse Jesus Cristo: “Sempre haverá pobres entre vós”. Sem dúvida, o sistema não é justo, mas nunca na história houve tantas possibilidades de subir na escala social como agora. Basta observar: artistas independentes que cobram preços exorbitantes por suas obras; famílias que iniciaram pequenos negócios unindo capitais ou pedindo emprestado aos usurários, mas hoje nadam na abundância; pequenas sociedades que, com quantias modestas, fundaram bancos que atualmente foram transformados em impérios comerciais... É preciso arriscar para prosperar porque, com salários, mal se consegue viver.

O problema, pensou Mauricio, era dispor de algum capital inicial, descobrir um bom negócio e ter sorte. O otimismo de Bruno o contagiou. Precisava ser positivo, aprender muito e ficar atento às oportunidades. Se outros haviam conseguido vencer, por que ele não venceria? Lorena e seu futuro filho precisavam disso. Não podia prejudicá-los.

Villa Ginori, 9 de março de 1479

Lorena sorriu, acreditando ter ouvido o som das botas de Mauricio que ressoavam no chão da sala. Enfim seu amor voltava, são e salvo, para passar uns dias com ela!

– Boa tarde, irmãzinha! É melhor se levantar! Do contrário, só acordará da sesta na hora de dormir.

Lorena abriu os olhos com esforço. Depois do almoço, sentara-se numa poltrona macia da sala para descansar um pouco e mergulhara num sono profundo. Quase no sétimo mês de gestação, tinha o apetite de duas pessoas, mas também necessitava do dobro de descanso. Dormir lhe fazia bem e afastava-a ao menos por algum tempo das preocupações que a assaltavam dia após dia. Infelizmente, os sonhos nem sempre correspondiam à realidade: diante dela não estava Mauricio, mas, sim, seu irmão Alessandro. Como tinha saudade do marido! Só ele a fazia sorrir descontraidamente, a tal ponto que suas inquietações se evaporavam como água aquecida ao sol; só ele contava histórias fantásticas que, com sua magia, faziam o resto do mundo desaparecer, deixando-a fascinada com as aventuras que com tanta paixão lhe narrava; só ele a abraçava de uma forma que os problemas deixavam de sê-lo enquanto seus corpos se uniam; só dormindo a seu lado ela descansava tranquila. Mas por hora tinha de conformar-se com desfrutar do convívio de Mauricio apenas um dia por semana.

– Que há de novo em Florença? – perguntou Lorena, espreguiçando-se e com esperança de receber notícias animadoras.

– Nesta manhã, enforcaram um homem. O patife roubou no Mercado Novo, em plena luz do dia, uma bolsa cheia de florins que um cambista tinha sobre sua banca. Portanto, não há nada com que se preocupar. Seu amorzinho, quando troca dinheiro, ao menos faz isso comodamente dentro do Palácio Calvantini e não no meio da rua, como outros.

– Falou com Mauricio esta semana? – perguntou a jovem, ignorando o tom depreciativo com que o irmão se referira ao marido.

Talvez trocar moedas, mesmo no interior de um palácio, não fosse a mais prestigiosa das ocupações, mas Mauricio não podia ser considerado um simples caixeiro. Se tudo caminhasse bem, Lorena estava certa disso, Lorenzo o recompensaria generosamente por sua fidelidade. O Magnífico também enviara para fora de Florença sua esposa e seus filhos, com receio da peste. O fato de Mauricio permanecer na cidade apoiando-o fielmente enquanto pudesse necessitar era um gesto que Lorenzo saberia agradecer. Lorena esperava que, com a mudança de estação e o nascimento de seu filho, Deus transformasse os amargos dissabores do presente em frutos doces.

– Não me encontrei com Mauricio – respondeu Alessandro. – Suponho que domingo ele apareça por aqui, como faz todas as semanas. Ah, irmãzinha! Tomara que seu marido seja um homem fiel e não como outros que, longe das esposas, não hesitam em se deliciar com manjares em mesas alheias.

As maçãs do rosto de Lorena ficaram rubras de indignação e vergonha ante o malicioso comentário de Alessandro, que ainda não lhe perdoara seu casamento com Mauricio. Embora fosse doloroso reconhecer, ela bem sabia que o adultério era uma prática habitual entre os comerciantes que, em virtude das viagens, passavam muito tempo longe de suas esposas. Inúmeras vezes ela ouvira prédicas na missa contra as tentações que rondavam os mercadores cujas ausências do lar se prolongavam demais. A sociedade, porém, não condenava essas práticas. Ao contrário, considerava-as um procedimento natural. O próprio Cosimo de Médicis, *pater patriae* de Florença, tivera um filho com uma escrava bonita; educaram-no juntamente com os outros, nascidos da esposa legítima. Lorena confiava em Mauricio, mas preferia que não ficasse exposto a tentações desnecessárias. Logo depois de dar à luz, partiria para Florença, para viver com o marido.

– Que foi? – zombou o irmão. – O gato comeu sua língua?

Lorena lamentava muito que o irmão, outrora tão solícito, lhe houvesse declarado guerra por causa de seu amor a Mauricio, mas fingia não perceber

nada para não lhe dar o prazer de vê-la enraivecida.

– Simplesmente não estou de bom humor para responder às suas pilhérias sobre Mauricio. Já temos preocupações reais suficientes, como a peste, para discutir sobre as maldades imaginárias que desfilam por sua cabeça. Saberá me dizer se o surto da enfermidade diminuiu um pouco em Florença?

– Infelizmente não – respondeu Alessandro em tom contrito. – Nesta semana, morreram mais de trinta pessoas. A Signoria está até mesmo planejando isolar os bairros pobres, onde se detecta o maior número de contaminados, para evitar que a doença se propague, embora ninguém saiba se essa medida extrema surtirá efeito.

Os agulhões da realidade eram mais pungentes que as alfinetadas de Alessandro. Lorena recolheu lentamente do chão o manto com que costumava se cobrir nos dias de inverno. Caíra enquanto ela dormia, mas seu corpo ainda continuava quente. A blusa de linho e a *gamurra* de lã bastaram para lhe proporcionar o calor de que precisava durante a sesta. O frio começava a ceder. Portanto, os exércitos logo estariam em condições de retomar as hostilidades após a trégua hibernal. Lorena rogou à Virgem Maria que protegesse toda a família, até o idiota de seu irmão.

Florença, 18 de abril de 1479

Luca estremeceu ao passar diante do Palácio da Signoria. Sobre a parede onde tinham sido punidos de morte os participantes da conspiração Pazzi, viam-se os corpos pintados dos principais responsáveis. Sandro Botticelli retratara-os em tamanho natural na agonia derradeira, com um realismo assustador. Os testículos murchos do corpo desnudo de Francesco Pazzi contrastavam com as faustosas dignidades que revestiam o arcebispo Salviati, num lembrete indelével para o público dos riscos de rebelar-se contra os Médicis.

Uma vez superado o medo que sempre o dominava quando via aquelas pinturas, Luca recobrou novamente a calma. Se a polícia secreta dos Oito ou os espões de Lorenzo o descobrissem, sofreria uma morte atroz. Por sorte, era pouco provável que isso acontecesse. No momento, sua única missão consistia em ficar de olhos e ouvidos bem abertos a tudo que se passasse em Florença.

Do modo como os acontecimentos se sucediam, não seria sequer necessária uma nova trama para assassinar Lorenzo. A corda para enforcar o Magnífico vinha sendo tecida com um material que pintava, aos poucos, um quadro sombrio para os Médicis.

Segundo confidências de Bernardo Rucellai, Lorenzo recebia diariamente mensagens anônimas que lhe imputavam a péssima situação de Florença. O preço do pão chegara às nuvens e havia escassez de quase todos os produtos. Fermentava na cidade uma revolta do *popolo minuto*. Muitos cidadãos haviam ficado sem trabalho por causa da crise econômica e passavam por graves

dificuldades. Apesar disso, o governo exigia impostos cada vez mais extorsivos para poder pagar os soldados.

Se a guerra prosseguisse, os dias de Lorenzo de Médici estariam contados. E, pelo que Luca sabia, se o duque de Ferrara continuasse no comando do exército florentino, as hostilidades poderiam se prolongar indefinidamente. O conde Carlo de Montone, enviado pelos venezianos em socorro de Florença, derrotara as tropas papais dias antes. Se houvesse se unido ao duque de Ferrara para atacar sem demora as forças napolitanas, o inimigo teria sido completamente desbaratado. Em vez disso, o duque de Ferrara se envolvera numa violenta discussão com o conde Carlo, perdendo assim um tempo tão precioso quanto necessário. Agora as tropas inimigas tinham se reagrupado em Colle e a oportunidade havia passado. Se as coisas continuassem assim, logo os esboços de Botticelli seriam apagados das paredes do palácio.

Mauricio, desmontando de seu esfalfado cavalo, precipitou-se para o interior da vila. Um serviçal dos Ginori galopara até Florença e avisara-o de que Lorena já estava tendo contrações.

Suando e transformado numa verdadeira pilha de nervos, Mauricio subiu a escadaria quase sem fôlego, em busca da amada. No corredor do primeiro andar, deparou-se com Francesco, o pai de Lorena, e seus dois irmãos, Alessandro e Maria. A porta do quarto de Lorena estava fechada.

– Acalme-se – disse-lhe Francesco. – Ela está bem, acompanhada por um médico, duas parteiras e a mãe. O melhor é esperarmos aqui fora até que seu filho nasça.

Os irmãos de Lorena não pareciam compartilhar a serenidade exibida pelo pai. Alessandro percorria o corredor em largas passadas, retorcendo nervosamente os dedos. Maria permanecia calada, com os olhos vermelhos e úmidos.

Um grito penetrante atravessou a grossa porta de madeira. Lorena gemia, em desespero. Maria começou a chorar descontroladamente, incapaz de conter-se. Mauricio se precipitou para a porta, mas Francesco barrou-lhe o passo.

– Há quatro pessoas lá dentro ajudando Lorena. Vamos ficar fora, para não atrapalhar quem a assiste.

Mauricio se conteve, apesar de toda a sua ansiedade. Justamente naquele dia acordara aterrorizado, no meio da noite, sacudido por um pesadelo de que não conseguia se lembrar. Seu coração era como um corcel desenfreado, sem cavaleiro que pudesse contê-lo.

– Quando começaram as contrações? – perguntou Mauricio.
– Faz mais ou menos três horas – respondeu Francesco.
– Mas só há pouco começou a gritar como uma possuída – acrescentou Alessandro. – Provavelmente, o bebê já está a ponto de nascer.

Pela primeira vez, Mauricio não notou sinais de desprezo ou distanciamento afetado em nenhum dos dois. Provavelmente, receber um novo membro da família Ginori, além do sofrimento de Lorena, despertava neles emoções tão profundas que qualquer outra consideração carecia de importância nesse momento. Os gritos de Lorena transformaram-se em berros aterradores.

Mauricio, incapaz de continuar de fora, correu a abrir a porta. Dessa vez, Francesco não procurou impedi-lo; ao contrário, seguiu-o. Alessandro permaneceu onde estava, segurando Maria, que chorava como se fosse ela quem padecesse as dores do parto.

Quando entrou no quarto, o impacto da cena deixou-o paralisado. Seu primeiro pensamento foi que estavam matando Lorena. Deitada na cama com as pernas abertas, duas mulheres robustas a seguravam pelos braços e pelos pés. O médico, empunhando uma grande tenaz de metal, fazia pressão entre as coxas da parturiente sobre um feto informe, coberto por um líquido esbranquiçado e pegajoso. A cama estava tão empapada de sangue que mais parecia o féretro rubro da morte que um lugar aconchegante de repouso. Lorena parecia estar exalando o último suspiro. De olhos fechados e cabeça reclinada no travesseiro, deixara de chorar, talvez por falta de forças. Só um débil e persistente gemido indicava que ainda estava viva.

O médico pediu a ajuda de uma das parteiras para extrair a criatura. Com mãos e tenaz, ambos a puxavam nervosamente pelas pernas sem conseguir fazer com que a cabeça aparecesse. Lorena já não chorava nem se movia, embora seu rosto denotasse grande sofrimento. Quando, por fim, a cabeça do bebê saiu, viu-se um cordão de carne ensanguentado em volta de seu pescoço. O médico e a parteira apressaram-se a desatá-lo. Para Mauricio, aquela operação pareceu durar uma eternidade.

Quando terminaram, o médico segurou o bebê de cabeça para baixo e deu-lhe uns tapinhas no traseiro. O pequenino não chorou nem teve qualquer outra reação.

– Está morto – declarou o médico, após examiná-lo cuidadosamente. – Foi estrangulado pelo cordão umbilical da mãe.

Mauricio arrebatou o bebê das mãos do médico e, entre lágrimas, cobriu-o de beijos. A criaturinha continuou tão imóvel e inexpressiva quanto antes. O pai devolveu-a ao médico e aproximou-se da cabeceira da cama para consolar a esposa. Lorena entreabriu os olhos.

– Menino ou menina? – perguntou, com um fio de voz.

– Menino. Porém Deus não quis que tivesse vida longa – respondeu Mauricio, sem poder controlar as lágrimas.

– Compreendo – murmurou Lorena. E, cerrando de novo os olhos, perdeu a consciência.

Mauricio abraçou-a e pousou sua cabeça sobre a dela.

– Deixe-a descansar, se quiser que sua esposa continue entre nós – recomendou o médico.

Já fora do quarto, Francesco trouxe-lhe uma garrafa de grenache, um dos vinhos que mais apreciava.

– Nem sempre a vida nos dá o que queremos – disse Alessandro. – Isto vai ajudá-lo.

Mauricio sentou-se, cabisbaixo e em silêncio, e se serviu de uma taça de vinho. Depois de outra, e outra. A dor era tão profunda, tão difícil de aceitar... Só o que desejava era deixar de sofrer, não pensar em nada... Quando esgotou a garrafa, recordou, por entre os vapores do álcool, o sonho que tivera: uma mulher jovem e bela agonizando na cama ao dar à luz. Sua mente turvou-se e as trevas do esquecimento concederam-lhe sua graça misericordiosa.

Lorena estava muito fraca e abatida. Tinham transcorrido mais de duas semanas desde o parto, mas ainda se sentia tão decepcionada quanto no primeiro dia. As dores no corpo maltratado tampouco haviam desaparecido de todo e, sem motivo aparente e a qualquer momento, as lágrimas lhe banhavam as faces. Felizmente, havia dois dias que ela voltara para Florença com o marido. Desde o parto dramático do bebê morto, as lembranças não lhe permitiam continuar vivendo na vila Ginori. Além disso, a peste se propagara também pelo campo, não restando mais nenhuma garantia de ludibriar a foice exterminadora. Se alguém mais devesse sucumbir por seus pecados, que assumisse esse destino; Lorena rogava a Deus unicamente que fosse ela a vítima propiciatória e não um recém-nascido sem culpa.

– Lorenzo de Médici se portou muito bem alugando-nos este *palazzo* por um preço tão baixo – disse Lorena, procurando na conversa um alívio para sua dor.

– Sem dúvida – confirmou Mauricio, levando à boca um generoso pedaço de codorniz recheada. – Nada menos que a antiga mansão de Tommaso Pazzi. Para nós foi uma sorte o tribunal saldar a dívida reclamada a Tommaso por uma das sociedades do Magnífico, entregando-lhe este belo *palazzo*. Assim, podemos desfrutar o privilégio de morar aqui; e, se Deus quiser, no futuro, teremos dinheiro suficiente para comprá-lo.

Lorena pensou que não deixava de ser paradoxal estarem vivendo sob o teto de um dos parentes de Galeotto Pazzi, a quem desposaria caso a conjura não houvesse fracassado. Como membros pouco importantes da família Pazzi,

Galeotto e Tommaso tinham sido condenados à menos cruel das penas: o exílio. Tanto melhor. Já havia corrido sangue demais.

– Lastimo que, depois da conspiração dos Pazzi, a multidão enfurecida tenha saqueado esta mansão – queixou-se Lorena.

– Não foi a única – interveio Mauricio, servindo-se de uma taça de vinho *chianti*. – Todas as mansões familiares do enclave Pazzi, entre Borgo di San Pier Maggiore e Via dei Balestri, tiveram a mesma sorte, até as forças da ordem conseguirem aplacar a ira do povo. Apesar disso, graças à generosidade de sua família, não sentiremos falta dos objetos roubados. Em seu enxoval incluíram tudo de que necessitamos.

Lorena não saberia dizer se Mauricio estava ou não sendo irônico. Como dote matrimonial, seu pai dera apenas os móveis e os utensílios de casa imprescindíveis. Para qualquer família de prestígio, uma oferta tão modesta seria considerada um insulto premeditado à honra do pretendente. Contudo Mauricio se mostrara tão feliz com o consentimento de Francesco que o resto lhe parecera um dom inesperado do Céu. Assim, muito provavelmente, ele estava satisfeito com os móveis recebidos, embora o dote sequer incluísse a restauração dos afrescos das paredes, bastante danificados durante o saque. Haveria muito tempo para reformar o *palazzo* depois que os exércitos do papa e do rei de Nápoles fossem derrotados.

– Quais são as últimas notícias do campo de batalha? – perguntou Lorena, esperançosa.

– Não são boas – respondeu Mauricio. – O duque de Ferrara se dispôs de tal maneira com o marquês de Mântua que foi preciso dividir as tropas florentinas em duas partes quase iguais. E como os exércitos papais e napolitanos se uniram num só, o resultado é que, sendo nossas forças muito superiores em número, divididas pela metade são inferiores às do inimigo.

– E essa fragmentação absurda do exército é grave a ponto de pôr em perigo nossa vitória?

Mauricio permaneceu em silêncio enquanto uma criada retirava o prato e outra servia a sobremesa acompanhada por mais uma garrafa de vinho. Lorena gostaria muito que a fiel Cateruccia viesse morar com eles, mas seus pais preferiram que ela ficasse cuidando da filha mais nova.

– Divide e vencerás – disse Mauricio, parafraseando Júlio César. – As tropas inimigas se concentraram entre os territórios de Siena e Valdichiana, mais ou menos a meio caminho de distância dos exércitos florentinos. Assim, graças a

essa tática tão simples, nossas forças permanecem imobilizadas porque, se saírem de suas praças-fortes, as tropas papais e napolitanas poderão surpreendê-las em campo aberto. E, como cada exército florentino é inferior isoladamente, ambos seriam vencidos caso abandonassem suas posições defensivas.

Embora as notícias fossem péssimas, Lorena preferia falar da guerra ou da peste que da terrível perda de seu filho. De algum modo, o acontecido recordava a ambos que seu casamento, fruto do pecado, afinal de contas não contara com a bênção de Deus. Talvez por isso nenhum dos dois se referira ao parto desde sua chegada a Florença. E também não voltaram a fazer amor.

– Parece mentira que nosso exército permaneça dividido em vez de se unir para vencer o inimigo – observou Lorena.

Lamentavelmente, agora achavam mais fácil falar de assuntos políticos que das pequenas coisas com as quais tanto se divertiam antes. Mauricio já não cantava, não contava histórias nem pilheriava animadamente; todos os gestos cúmplices com que se deleitavam no passado só lhes lembravam uma grande dor. Provavelmente por isso, ele não mais compusera poemas nem tocara o alaúde, agora encerrado num armário junto de seus sorrisos.

– É uma verdadeira infâmia – queixou-se Mauricio, emborcando outro copo de vinho e ignorando o arroz-doce que os criados haviam trazido como sobremesa. – Sobretudo levando-se em conta que a atual situação nos garante a derrota. As colheitas se perdem em contínuas pilhagens; o comércio se encolhe porque trazer mercadorias para Florença é uma aventura; e os impostos não param de subir, pois os soldados precisam ser pagos... Já são muitos os cidadãos comuns que não sabem se terão comida na próxima semana. E o pior é que o papa e o rei de Nápoles garantem não ter nada contra Florença, apenas contra Lorenzo, de sorte que, se ele fosse deposto, assinariam a paz imediatamente.

Lorena sabia perfeitamente o que isso significaria em suas vidas.

– Será que o duque de Ferrara e o marquês de Mântua não porão suas desavenças de lado pelo bem da cidade?

– Não. Após a derrota do exército papal infligida por Carlo de Montone, enviado pelos venezianos, nossa superioridade era manifesta. No entanto, depois da tomada de Perugia e da ocupação de Cásoli, sobreveio o desastre. Durante o saque, as brigas pelo espólio entre as tropas lideradas pelo duque de Ferrara e o marquês de Mântua foram tão violentas que essas quase se

aniquilaram mutuamente. Assim, para evitar um disparate maior, convém que permaneçam longe umas das outras.

– E Lorenzo, que pensa fazer?

– Procura desesperadamente aumentar nossos contingentes para que, mesmo separados, sejam superiores ao adversário. Duvido que o consiga. Não está sobrando dinheiro para contratar mais mercenários; quanto aos aliados milaneses e venezianos, recusam-se a enviar reforços.

Lorena ficou pensativa, olhando para Mauricio enquanto este saboreava outra garrafa de vinho. As notícias não davam margem a esperanças, mas hoje, ao menos, sentiria o calor reconfortante do marido enquanto dormisse.

– Vamos descansar, meu amor.

– Deixe-me acabar o último copo.

Lorena já havia comido seu delicioso arroz-doce e não queria beber. Ele, ao contrário, nem sequer provara a sobremesa, embora houvesse dado conta do vinho recém-servido. Lorena nunca o vira beber tanto; desde que moravam juntos em Florença, as garrafas de *chianti* se esvaziavam mais depressa que as de água. Ela não via nada de mais nisso. Por culpa sua, o bebê nascera morto. Mauricio carregava um peso enorme às costas. O vinho poderia lhe fazer bem. Lorena se tranquilizou ao lembrar que, hoje, dormiria abraçada a seu amor.

Maurício se levantou com a cabeça dolorida e anuviada. Tropegamente, borrifou o rosto com água fresca da bacia e, depois de pôr as calças e uma camisa branca, encaminhou-se para a despensa sem acabar de vestir-se. Sentia-se muito mal, sem forças para trabalhar. Na verdade, não estava disposto a ver ninguém; por isso, além de pão e da banha de porco, levou uma garrafa de vinho para a mesa do salão principal, para recobrar o ânimo.

Não queria pensar em nada, mas a vida pensava por ele. Embora houvesse bastante tempo que estava longe do anel, seu destino continuava preso à esmeralda e ao segredo pelo qual sua família fora amaldiçoada. Aproveitando-se do torpor de Maurício, o fio que une todas as coisas fez sua mão direita empurrar um delicado jarro de porcelana ricamente decorado com incrustações de jaspe e marfim. Aquela peça única, importada das longínquas terras de Catay, estilhaçou-se em mil pedaços contra o chão, revelando o que trazia escondido em seu interior: um antigo pergaminho atado por uma fita vermelha. Se visse um fantasma, não se assustaria menos.

Sobre o couro, alguém desenhara um anel idêntico ao que vendera a Lorenzo, ladeado por citações enigmáticas do Gênesis. Uma passagem em letras douradas chamou sua atenção.

Era o versículo 22 do capítulo 3, em que Jeová, após descobrir que Adão e Eva haviam comido o fruto da árvore do Bem e do Mal, exclama alarmado:

Eis que o homem se tornou um de nós, conhecendo o Bem e o Mal! Ora, pois, que não estenda sua mão, tome também da árvore da vida e, comendo dela, viva para sempre.

Quem teria ilustrado aquele estranho pergaminho? E por quê? Será que seus autores por acaso pretendiam dar crédito ao demônio quando, para seduzir Eva, assegurou-lhe que se provassem o fruto da árvore proibida seriam “como deuses”? E que dizer do capítulo 6 do Gênesis, reproduzido em letras vermelhas, no qual se conta que os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens, concebendo em seguida uma raça de gigantes?

Mauricio não se lembrava de que algum sacerdote lhe houvesse narrado aquelas passagens. Talvez Enoque – o patriarca antediluviano que desapareceu nos ares, arrebatado por Deus – tivesse uma resposta, ainda que fosse somente por ser o único nome próprio citado no Gênesis. Infelizmente, era pouco provável que Enoque baixasse dos Céus para dirimir suas dúvidas...

E Mauricio precisava de respostas, uma vez que aquelas passagens deviam ter alguma conexão com o anel preservado durante gerações por sua família. As respostas, se existissem, ele só as encontraria em Florença, uma cidade fantástica com mais segredos guardados do que sua voluptuosa beleza fazia crer. Assim como a neblina do Arno era capaz de ocultar por baixo de seu manto as barcaças que navegavam pelo rio, as pontes que o atravessavam e até as fachadas de mármore reformadas das igrejas principais, por trás dos nobres muros de alguns palácios, Mauricio tinha certeza, escondiam-se poderosos segredos, capazes de alterar o curso da história.

Em Florença, nada era o que parecia à primeira vista. O enorme Palácio dos Médicis ostentava, por fora, uma aparência sólida e austera, porque Cosimo, o avô de Lorenzo, descartara o suntuoso projeto arquitetônico de Brunelleschi para não provocar a inveja de seus compatriotas. Todavia os privilegiados que atravessavam o portão e entravam viam-se diante de um luxo extraordinário, que embriagava os sentidos e dificilmente seria superado por reis, imperadores ou califas.

Mauricio suspeitava que os segredos das mais ilustres famílias florentinas apontassem para os céus. A igreja de São Lourenço, a mais antiga da cidade, tinha sua própria janela aberta ao firmamento na capela privada dos Médicis, obra de Brunelleschi. Sepultado sob o piso, o pai de Cosimo, fundador da dinastia, exigira que a abóbada contivesse uma representação exata das constelações e dos planetas tal como se posicionavam sobre Florença no dia 4 de julho de 1442. Os Pazzi possuíam seu próprio céu estrelado na capela de uma igreja próxima à de Santa Croce. Andrea Pazzi não queria ficar atrás dos Médicis e também encarregou Brunelleschi de um mausoléu familiar, cujos

tetos exibiam uma figura de destaque semelhante às representações da velha capela de São Lourenço.

As estrelas pareciam remotas, mas seus desígnios regulavam os destinos humanos; com elas, não convinha brincar. Os Pazzi descobriram isso tarde demais, para sua desgraça. Mauricio examinou receoso o pergaminho que tinha em mãos. Talvez o melhor fosse entregá-lo a Lorenzo. Rezou para que não estivesse enganado, pois, em Florença, as apostas eram pagas a um preço muito alto. Bebeu outro copo de vinho para aquecer o corpo, no vago intento de mitigar a própria angústia. De algum modo, aquele estranho achado contribuía para aumentar a ansiedade irracional em que vinha soçobrando desde o trágico parto de Lorena.

Lorena já estava dormindo quando Mauricio foi para a cama. Depois de se sentir um pouco indisposta durante o dia, preferira não acompanhá-lo à ceia oferecida na casa dos Castellani. Os banquetes naquela mansão eram famosos pela abundância dos pratos e das bebidas com que os anfitriões obsequiavam seus convidados. Justamente por isso ela decidira não ir: havia dois dias que a atormentavam fortes dores no ventre, com frequentes espasmos que pareciam picadas de agulha. Na verdade, não gostaria de ir a festa alguma mesmo que estivesse se sentindo bem.

Quando Mauricio aproximou-se dela, Lorena notou que, contrariamente a seu costume, deitara-se nu. Seu hálito cheirava exageradamente a álcool. Havia semanas que vinha bebendo mais copos do que podia contar, mas, sem dúvida, na festa dos Castellani superara seus últimos excessos. Quando ele a abraçou por trás, Lorena sentiu a forte ereção com que Mauricio se deitara.

Ela não queria fazer amor. Na verdade, depois do trágico parto, perdera completamente o apetite sexual – e parecia que algo semelhante ocorrera com o marido. Até aquele momento. O corpo de Lorena, seguindo as instruções das mãos de Mauricio, deu meia-volta para corresponder ao abraço do esposo, que começou a acariciá-la enquanto lhe tirava a camisola.

Lorena não opôs resistência. Embora sem desejo, aquela tarefa constava como um de seus deveres de esposa. Ademais, era a única maneira de conceber outro filho. “Ah, se sua boca não cheirasse tão mal!”, pensou no instante em que os lábios de Mauricio se uniam aos dela. O que mudara em tão pouco tempo? Outrora, sempre desejara o marido. Hoje não. Seu corpo permanecia rígido e frio, com o único desejo de que tudo acabasse o mais depressa possível.

Quando o membro de Mauricio penetrou em sua carne, Lorena sentiu uma dor desconhecida anteriormente. Sua feminilidade estava tão seca quanto sua alma. O peso do marido a asfixiava. Suando copiosamente, Mauricio tinha a respiração entrecortada. Lorena continuou imóvel, como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Quando Mauricio se satisfez, ela lhe deu as costas e fingiu dormir. Lágrimas umedeceram suas faces. Alguma coisa ia muito mal, pensou; mas não sabia o quê.

– *O* Gênesis com iluminuras que você encontrou na antiga casa de Tommaso Pazzi é bastante revelador – disse Lorenzo de Médici, passando o pergaminho a Elias Levi, para que este o examinasse.

Mauricio contemplou o jardim do Magnífico com um olhar distante. Sentia desprezo por si mesmo. A forma como possuía Lorena na noite anterior deixara-lhe um sabor amargo que devorava suas entranhas, envenenando-lhe ao mesmo tempo o corpo e a alma. Como as emoções e os sentimentos podiam mudar tanto em tão breve espaço de tempo? Como ele fora capaz de se comportar como uma besta embrutecida para com a pessoa que mais amava no mundo? Mauricio bebeu a taça de vinho que Lorenzo lhe oferecera sem encontrar nela consolo para sua dor. Mergulhado na tristeza, pouco lhe importavam as passagens do Gênesis, mas devia esforçar-se para parecer atento em presença do Magnífico – e falar sobre qualquer assunto era preferível a continuar se torturando por aquele comportamento incompreensível.

– Pois eu não sei como interpretar isso – reconheceu. – Por que, quando Jeová descobre que Adão e Eva comeram da árvore do Bem e do Mal, exclama: “Eis que o homem se tornou um de nós!”? Não há um só Deus? – perguntou, dirigindo-se a Lorenzo.

– Comecei a refletir sobre esse assunto ao constatar que a Bíblia se refere em vários lugares aos *elohim*, isto é, aos deuses – disse Lorenzo. – De acordo com nossa fé, existem anjos, arcanjos, querubins, tronos, potestades, virtudes e dominações. Esses seres não terrenos se encarregam de várias funções conforme sua hierarquia, entre as quais governar o espaço e as estrelas de

acordo com as ordens do Criador. É o que afirmam nossa Igreja e a tradição. Daí se conclui que Deus não age diretamente no universo, embora pudesse fazê-lo, mas por intermédio de outras entidades responsáveis por essa tarefa. Cabe, pois, inferir que quando criou o universo, as estrelas e a Terra, o Senhor se serviu de criaturas tão esplendorosas aos nossos olhos que os escribas do Antigo Testamento se referiram a elas como os *elohim*, ou seja, os deuses. Potestades, tronos, dominações ou *elohim*... O nome empregado não importa!

Mauricio admirou muito o raciocínio do Magnífico. Nunca analisara o assunto por aquele prisma: a exposição era coerente e se harmonizava bem com a doutrina cristã. Contudo havia peças que não se encaixavam. Eram deuses menores aqueles que expulsaram Adão e Eva do Paraíso? Só assim Mauricio podia compreender que, sobressaltados com o fato de os humanos se terem tornado “um de nós” por comer da árvore do Bem e do Mal, tivessem resolvido desterrá-los do Paraíso para que não chegassem perto da Árvore da Vida. Por acaso teriam temido que o homem, acumulando conhecimentos e tempo, um dia os superasse? Não, aqueles “deuses” não eram o que pareciam.

– Os filhos dos deuses fornicaram com a descendência de Adão. Portanto, não podiam ser entidades meramente espirituais, como os *elohim*, e deviam ter também um corpo físico – observou Mauricio.

– Para explicar isso, eu recorreria ao Livro de Enoque, o único nome constante do pergaminho que você encontrou na casa de Tommaso Pazzi. Perdoe minha intromissão – desculpou-se Elias Levi, o rabino amigo de Lorenzo –, mas, apesar de eu ser judeu, minha opinião talvez possa ajudá-los, pois conheço bem o Gênesis, um dos cinco livros que compõem a Torá.

– Sei quem foi Enoque: o único patriarca anterior a Noé que, em vez de morrer, desapareceu da Terra arrebatado por Deus. Porém nunca tinha ouvido falar num livro dele – confessou Mauricio.

– Isso porque esse livro nunca mais foi visto depois do Concílio de Laodiceia, no século III – explicou Elias. – Mesmo assim, os enviados de Cosimo acharam uma cópia no norte da África, que ele guardou em sua biblioteca particular. Graças a Lorenzo, tive a oportunidade de lê-lo. Nessa obra, Enoque dá aos filhos de Deus o nome de “vigilantes” porque a função deles era precisamente a de acompanhar o perfeito desenvolvimento da humanidade. Deviam ser muito grandes seu poder e sua sabedoria, do contrário não seriam chamados de “filhos dos deuses”. Porém, infiéis à sua missão sagrada, fizeram exatamente o contrário do que se esperava deles.

Renunciando ao papel de observadores e protetores, interferiram na evolução natural do planeta ao se deitarem com as fêmeas humanas. Os filhos mestiços dessa união eram chamados de *nefilim*, palavra que significa “gigantes”, pois eram bem mais altos que a maioria dos humanos.

– Que aconteceu com eles? – perguntou Mauricio, dominado pela curiosidade.

– Segundo o Livro de Enoque, os gigantes encharcaram a Terra de sangue. Os arcanjos Miguel, Sariel e Gabriel observavam o mundo do santuário dos Céus e não gostavam nada do que viam. Contudo, não podiam intervir sem ordens superiores. Finalmente, o Senhor deu instruções a seus servidores. A Gabriel, confiou a tarefa de afogar os gigantes em um dilúvio torrencial; Sariel avisou Noé do que iria acontecer, informando-o de que, por intermédio de sua descendência, deveria restabelecer-se o sentido da humanidade; e Miguel se encarregou de “acorrentar” os vigilantes nas profundezas da Terra até o dia do Juízo Final.

Mauricio observou a luz solar que descia do alto sobre o pátio interno. Como, em um ano, as coisas tinham mudado! O pátio e o sol eram os mesmos que no último verão, mas tudo o mais lhe parecia diferente. Talvez, pensou, não houvessem mudado as coisas, mas, sim, seu olhar teria mudado. Os acontecimentos se sucediam com tamanha rapidez que ele não conseguia assimilá-los. Em seu cérebro, fulgiu como uma labareda o brilho da esmeralda engastada no anel.

– E o que tudo isso tem a ver com o anel? – perguntou. No fim das contas, era embaixo do desenho da esmeralda que haviam sido reproduzidas as misteriosas citações do Gênesis, objeto da conversa.

– É aí que entra Lúcifer – explicou Lorenzo. – Nessas passagens do Gênesis, fala-se da grande rebelião. Por trás das revoltas dos homens e dos filhos dos deuses estava Luzbel, o “resplandecente”. Sua beleza, seu poder e sua majestade deviam ser incomparáveis, pois ele tentou convencer a terça parte das hierarquias celestes a se opor aos planos de Deus. Foi, sem dúvida, o mais brilhante dos *elohim*... Pois bem – acrescentou o Magnífico após uma pausa –, a esmeralda do anel pertenceu a Luzbel.

– Como?! – exclamou Mauricio, arregalando desmesuradamente os olhos.

– De acordo com a tradição, quando Luzbel foi precipitado à Terra, de sua frente se despreendeu uma esmeralda. E basta contemplar a pedra que você trouxe para concluir que seu tamanho e brilho superam os de qualquer outra.

– Talvez o brilho da gema encerre um oráculo sinistro, Lorenzo. As vidas de meu pai e de seus antepassados foram marcadas pela desgraça, como se uma maldição fatal os perseguisse. Eu devia ter-lhe contado isso antes, mas não relacionara até agora a esmeralda com minha infeliz história familiar.

– Eu não seria quem sou se acreditasse em maldições, Mauricio, mas gostaria de saber o segredo do anel. O que seu pai lhe contou a respeito?

– Não me contou nada. Na base, está escrita a frase em espanhol: “*Luz, luz, más luz*” – lembrou Mauricio. – Pode ser uma chave críptica, mas ignoro seu significado.

– Talvez devamos averiguá-lo. Você sabe sem dúvida que o mundo está imerso numa guerra invisível. Como diria Platão, somos prisioneiros contemplando a passagem das sombras. Sombras em forma de conspirações, guerras e maldades decretadas por reis e chefes de Estado. Como os cativos da caverna, não vemos quem move os cordões das marionetes. Duques, comandantes militares e outros homens aparentemente poderosos não são mais que bonecos nas mãos de titereiros ocultos atrás das cortinas. Por isso São Paulo, em sua Epístola aos Coríntios, advertia os seus: “Nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo de trevas, os seres perversos que estão nas alturas”. Nós, humanos, nos encontramos em meio a uma guerra. Foi profetizado que, no dia do Juízo Final, Lúcifer e seus sequazes serão lançados à Geena. Porém, por enquanto, as hostes de Luzbel, em dimensões invisíveis aos nossos olhos, têm as mãos livres para tentar e manipular os homens.

– Por que Deus permitiria uma coisa dessas? – se perguntou Mauricio em voz alta.

– Talvez em virtude de algo chamado liberdade – respondeu Elias. – Segundo o Livro de Enoque, Deus não ordenou imediatamente a seus servidores que acabassem com os vigilantes, mas lhes concedeu tempo para se corrigirem. O mesmo pode estar acontecendo com os rebeldes chefiados por Luzbel. Deus certamente está lhes dando um prazo para reconsiderarem sua atitude.

– E talvez – acrescentou Lorenzo – nós, os homens, venhamos a intervir decisivamente neste drama cósmico, por mais insignificante que pareça nossa condição. Talvez também esse anel não tenha aparecido em Florença por acaso. Minha intuição me diz que a pedra, junto com as palavras do anel, encerra um segredo importantíssimo. Do mesmo modo, Mauricio, não

acredito que seus antepassados chegaram a possuir uma joia tão extraordinária por pura coincidência. Conte-nos tudo o que sabe sobre suas origens. No passado de algum de seus parentes distantes deve existir uma chave oculta que deveríamos levar em consideração.

Mauricio sentiu uma vertigem e desejou que um bizarro sortilégio lhe permitisse desaparecer como a água evaporada ao contato do fogo. As circunstâncias da morte de seu pai e o sangue judeu de seus ancestrais eram algo que ele sempre omitira por vergonha. No entanto a intensidade do olhar do Magnífico não admitia discussão. Mauricio tomou outro copo de vinho e começou a narrar sua vida ou, pelo menos, a parte que conhecia.

– A história é apaixonante – reconheceu Lorenzo. – Mas como a esmeralda chegou às mãos de seu pai?

– Ele não teve tempo de me contar isso nem eu pensei em perguntar-lhe. Sempre achei que meus antepassados judeus tivessem ficado com o anel como compensação de um empréstimo não pago.

– É possível, mas pouco provável – observou o Magnífico –, pois você nem sabe ao certo se algum de seus antepassados foi prestamista. E o dono de uma esmeralda tão extraordinária não podia ser uma pessoa qualquer. Duvido que ele a cederia em troca de dinheiro, mesmo estando muito necessitado. Examinemos, pois, outras possibilidades. Faça um esforço e tente se lembrar de algum detalhe da conversa com seu pai que o tenha impressionado ou de alguma peça solta que não saiba encaixar em suas raízes familiares.

Mauricio respirou fundo. Quanto mais esmiuçava a história de sua família, mais ela lhe aparecia envolta numa bruma misteriosa, que deformava, a ponto de torná-las irreconhecíveis, as verdades nas quais sempre acreditara.

– Meu pai disse uma frase que eu preferiria não ter escutado: “Cheguei a pensar que o grande rabino Abraão Abulafia me tivesse castigado por eu ser o primeiro de seus descendentes a trair a fé judaica”, murmurou ele na prisão, transtornado pela taça de amargura que o destino lhe servira.

– Abraão Abulafia? Que tem ele a ver com seu pai? – perguntou Elias.

– Segundo me disse, somos descendentes desse rabino – revelou Mauricio, um tanto envergonhado.

– Abraão Abulafia foi – continuou Elias –, em minha opinião, um dos maiores místicos da história. Seus métodos para alcançar o êxtase, muito diferentes dos demais, se apartavam sempre da erudição vazia; ele praticava exercícios de meditação e contemplação que lhe permitiram abrir as portas da

percepção das coisas divinas. Foi precisamente em sua cidade natal, Mauricio, Barcelona, que Abulafia se sentiu inundado pelo espírito de Deus, segundo ele mesmo conta em seus escritos. Viajante incansável, antes de chegar àquela cidade, onde se instalou em meados do século XIII para estudar a cabala, percorreu a Galileia, morou algum tempo na Sicília, casou-se com uma grega e cultivou com proveito as tradições orientais, até a sufi. Conheço a fundo seus ensinamentos porque ele viajou também pela Itália, onde fez escola e escreveu algumas de suas melhores obras.

– Aí está a chave que nos faltava – anunciou o Magnífico com entusiasmo.
– De algum modo, seu sábio antepassado deve ter conseguido se apossar da esmeralda. Wolfram von Eschenbach fala dela no poema *Parsifal* e identifica-a como *lapsit exilis*: a gema caída do Céu, a pedra filosofal dos alquimistas, o Santo Graal sonhado pelos poetas... Quanto não daria um cabalista ou um interessado na verdade para tê-la em seu poder? Provavelmente o próprio Abraão Abulafia, aragonês de nascimento, foi quem inscreveu no anel as palavras “*Luz, luz, más luz*” em espanhol. As relações familiares poderiam nos trazer pistas adicionais valiosas – prosseguiu o Magnífico. – Diga-nos, Mauricio, como eram os laços de mútuo afeto entre seu pai e seus outros parentes?

Mauricio empalideceu. A realidade que preferira ignorar surgia diante dele tão límpida quanto a água da fonte.

– As relações com os avós e tios paternos sempre foram frias, distantes... meio forçadas, diria eu, embora meu pai sempre tenha falado deles com carinho. Além disso, muitos de seus irmãos saíram de Barcelona por diferentes motivos.

– Se o resto de sua família continuou praticando o judaísmo em segredo – acrescentou Elias –, é possível que o desprezassem por ter abraçado a fé cristã, mas também o temessem, pois poderia denunciá-los à Inquisição. Não nos esqueçamos de que os delatores recebem, como prêmio, uma parte dos bens confiscados às vítimas do Santo Tribunal. Isso explicaria por que, de um lado, não quiseram romper relações com seu pai e por que, de outro, essas relações se tornaram frágeis e formais. A desconfiança em relação a ele pode ter induzido alguns parentes a migrar para terras distantes, onde ninguém conheceria seu segredo.

Foi como se uma venda houvesse caído dos olhos de Mauricio, permitindo-lhe ter uma visão nova na qual as sombras revelavam a verdadeira forma do

que antes permanecera oculto.

– Eu nunca quis reconhecer, mas faz sentido. Por isso meus avós maternos insistiram de maneira quase obsessiva, digamos assim, em inculcar-me a fé cristã. Sempre houve um halo sutil de medo e suspeita que os acompanhava permanentemente enquanto observavam minhas mostras externas de devoção. Com efeito, até o dia de sua morte, não perderam uma única oportunidade de lembrar-me os horríveis tormentos que sofria por toda a eternidade quem renegava o Cristo. Não é algo de que me orgulhe, mas provavelmente meu pai foi um judeu que acabou se convertendo ao cristianismo. Que força ou que acontecimento, porém, o induziu a dar esse passo?

– O medo ou o amor – respondeu Lorenzo com voz segura –, as duas forças que disputam o domínio da alma humana. No caso de seu pai, duvido que tenha sido o medo. Alguém capaz de suportar a tortura e manter a presença de espírito para coagir os interrogadores a conceder-lhe um último encontro com o filho é um autêntico herói, posso garantir. E se mostrou firmeza para padecer a solidão e as recriminações veladas da família, sem que de sua boca você ouvisse uma queixa sequer, estamos diante de um homem impecável, temperado pelo fogo do amor.

– Ah, o amor pode ser também algo terrível, eu que o diga! – exclamou Mauricio. – Meu pai me revelou isso com sua vida, pois nunca conseguiu superar a dor com que a morte de minha mãe lhe abrasou o coração. Não se casou de novo e jamais falou de outra mulher.

– Então talvez tenhamos encontrado o catalisador da conversão sincera de seu pai – anunciou Lorenzo. – Se sua mãe era cristã, não aceitaria um esposo que praticasse o judaísmo em segredo. E o amor, Mauricio, é mais sacrossanto que qualquer rito, crença ou convenção social.

Mauricio pensou em Lorena. Nunca amara ninguém como à sua esposa e, no entanto, estava lhe causando danos. O que estaria faltando em seu íntimo? Qual era a peça que não se encaixava?

Lorena abriu a arca onde guardava seus objetos mais preciosos, pegou uma boneca de porcelana com a qual brincava quando era menina e rompeu a chorar.

Nada estava indo como ela sonhara. Mauricio bebia demais e seu comportamento era imprevisível. Tanto podia tagarelar sem descanso como mergulhar em prolongados silêncios. Passava de uma euforia artificial a uma atitude intratável e deprimida com a mesma rapidez com que esvaziava copos. Lorena tinha certeza de que, quando falava, seu marido não a ouvia. Ah, se pudesse abrir o coração de Mauricio com a chave que introduzira na fechadura da arca! Parecia-lhe impossível adivinhar os pensamentos do marido, pois, falando ou calando, a cabeça dele era um cofre fechado a sete chaves.

Que ironia... Um dos motivos pelos quais não quisera casar-se com Galeotto Pazzi fora o fato de considerá-lo um gorducho beberrão! Agora, Mauricio bebia por quatro Galeottos. A vergonha que sentia era enorme. Ele tolerava bem o álcool, mas ia ficando cada dia pior. O maior medo de Lorena era que aparecesse bêbado diante da família. Sonhara com isso em mais de uma ocasião, mas esperava que um pesadelo tão humilhante jamais se tornasse realidade, pois Mauricio ainda conseguia manter a compostura nas reuniões sociais. Lorena sabia que tanto seu pai quanto seu irmão se sentiriam, no fundo, muito satisfeitos com um fiasco de Mauricio. Afinal, ela ousara infringir tradições e regras dando ouvidos a seus desejos egoístas.

Fora tudo culpa sua, de desafiar a família perdendo a virgindade com Mauricio a conceber um filho morto, como castigo desse pecado. No

momento, ocultava sua infelicidade sob a máscara de um sorriso fingido. Mas por quanto tempo ainda suportaria semelhante farsa?

Acariciando o cabelo gasto da boneca, Lorena rezou à Virgem Maria como nos tempos de menina. Tudo iria melhorar. O pobre Mauricio suportava uma pressão excessiva por causa do futuro incerto de Lorenzo. Se os exércitos do papa e do rei de Nápoles fossem derrotados, tudo voltaria ao normal. Seu marido se tranquilizaria e eles seriam felizes de novo. Por enquanto, devia mostrar-se afetuosa, doce e paciente para com o esposo. Dar-lhe apoio constante parecia-lhe imprescindível, pois o que menos desejava era que Mauricio sucumbisse à pressão. Lorena rogou à Virgem que lhe desse forças para carregar o fardo de suas culpas.

Florença, 15 de novembro de 1479

– *O*ntem, finalmente, Colle de Valdesa caiu – informou Pietro Manfredi. – Então, nada mais se interpõe entre as tropas inimigas e Florença – afirmou Luca.

– Perfeitamente – confirmou Pietro. – O sítio de Florença é apenas uma questão de tempo.

– E então haverá uma revolta interna contra Lorenzo – assegurou Luca. – Todos sabem que, se o Magnífico for deposto, o papa negociará uma paz honrosa para a cidade. Ele só continua no poder graças ao apoio das trinta ou quarenta famílias mais ligadas aos Médicis, famílias importantes que têm motivos de sobra para temer a perda de suas propriedades caso ocorra uma mudança de regime. No entanto, quando as tropas do papa e do rei de Nápoles forem avistadas das muralhas de Florença, nada impedirá que o clamor popular contra Lorenzo se transforme em rebelião aberta. Nesse caso, pelo que tenho ouvido, os clãs mais poderosos pedirão a Lorenzo que se entregue voluntariamente.

– Só nos resta então esperar para ver o cadáver de nosso inimigo desfilando diante da porta de casa – sentenciou Pietro.

Luca, desfrutando o momento, passou os olhos pelo salão do *palazzo* de Pietro Manfredi. Seu olhar se deteve em dois anjos de bronze que coroavam um par de colunas de mármore. Ambos apoiavam a mão esquerda na cintura em atitude de desafio, enquanto o braço direito apontava para o alto, empunhando uma tocha.

– É como se quisessem iluminar os céus – comentou Luca.

– Eu os chamo de “resplandecentes”. Bonitos, não? – perguntou Pietro, abrindo uma caixinha de cristal azul de Murano decorada com acabamentos de ouro e prata. Em seguida, ofereceu a Luca um dos doces que estavam em seu interior.

Luca o saboreou com grande prazer. Como as coisas tinham mudado em menos de um ano! Dez meses antes, por ocasião de seu primeiro encontro naquela mesma casa, não ousara, antes que Pietro os provasse, comer os doces de mel, com medo de ser envenenado. Temia ver-se envolvido em conspirações perigosas. Porém tudo acabara sendo muito simples, à exceção do aprendizado dos códigos secretos para redigir cartas sobre os acontecimentos de Florença. Seu trabalho fora obter, sem levantar suspeitas, todas as informações possíveis a respeito do ambiente de Lorenzo, para transmiti-las a Pietro. E agora, sem ter corrido risco algum, sem ter modificado o comportamento ou o estilo de vida, o triunfo estava ao alcance de suas mãos.

– E como vai o caso com Maria Ginori? – perguntou Pietro.

– Embora, daqui a poucas semanas, a opinião dos Médicis não vá valer muita coisa, Bernardo Rucellai me garantiu que eles não veem com maus olhos esse casamento. Portanto, nada se opõe a que o compromisso matrimonial entre nós dois se formalize logo.

Luca refletiu sobre os giros da fortuna. Lorena Ginori desprezara-o para se casar com aquela nulidade chamada Mauricio Coloma. Essa ferida ainda não cicatrizara, mas agora ele tinha a oportunidade de vingar-se. Por sorte, tamanha humilhação não chegara aos ouvidos de ninguém, pois as conversas preliminares com o pai de Lorena não incluíram terceiros. Luca, sim, sabia muito bem o que havia ocorrido. Por isso, imaginar Lorena sofrendo e se lamentando por uma escolha tão errada era um prazer com que se regalava frequentemente, sobretudo nas últimas semanas.

Maria, a irmã de Lorena, logo completaria 14 anos, e seu corpo já revelava as formas do corpo de uma mulher. Os Ginori, como os demais comerciantes, tiveram muito prejuízo no ano anterior, mas, à diferença dos outros, continuavam riquíssimos. O dinheiro do dote viria a calhar para uns negócios que estava projetando. Além disso, Maria era uma juvenzinha bem bonita, com um caráter mais doce e mais afetuoso que o da irmã. Seria sem dúvida uma boa esposa, que não lhe causaria o mínimo problema. Francesco, o pai, ficara tão satisfeito com o interesse de Luca que dobrara o valor do dote. E,

como se isso não bastasse, garantira-lhe que Maria desejava muito casar-se com ele.

Luca, porém, queria algo mais: a cereja do bolo. Uma vingança completa, na medida da insensatez de Lorena. Que aconteceria se Mauricio morresse? Nesse caso, ela definharia na solidão como uma viúva sem filhos, enquanto ele desfrutaria com sua irmã uma vida repleta de bênçãos. Sem dúvida, Lorena acabaria por maldizer a hora em que se entregou aos braços de Mauricio e repeliu os dele. Ah, que deliciosa vingança! A desprezível megera se sentiria torturada em cada encontro familiar ao qual sua irmã estivesse presente. Lorena, a perversa, envelheceria estéril, sozinha, desprezada pela família, sempre a recordar o tremendo erro que cometera na juventude. Maria, a bondosa, gozaria uma vida de luxo, rodeada de filhos.

– Vejo que os doces lhe agradam de tal maneira que perdeu até o interesse em falar – observou Pietro.

– Perdoe-me – desculpou-se Luca –, mas é que estava pensando naquelas viúvas negras das quais você me falou em nosso primeiro encontro. Pelo que entendi, eram especialistas em assassinar suas vítimas com a picada imperceptível de uma agulha envenenada enquanto roçavam seus corpos com luxúria.

– Isso mesmo. Porém lembre-se de que descartamos essa opção com Lorenzo. Se na época não era conveniente, agora seria uma verdadeira loucura correr riscos.

– Eu não estava pensando em Lorenzo, e sim em Mauricio, o marido de Lorena.

Os olhos de Pietro continuaram frios, sem revelar emoção alguma, enquanto ele ouvia a revelação de Luca. Com um leve aceno, convidou-o a prosseguir.

– Nesse caso, não haveria risco – prosseguiu Luca. – Quase todas as tardes, Mauricio vai à mesma taberna. Bastaria que aparecesse por lá uma mulher atraente, insinuante, convidando-o para ir com ela a uma dessas pousadas de reputação duvidosa. Embriagado pelo vinho e por seus encantos, Mauricio seria uma presa fácil. Ao fim de poucas horas, morreria, e a mulher sairia da cidade sem deixar pistas.

– Não lhe perguntarei quais são seus motivos – declarou Pietro. – Amigos são para essas coisas. Hoje eu o ajudo, amanhã você me ajuda... Vou dizer-lhe o que farei: facilitar seu contato com uma viúva negra, com a única condição de

que não cite meu nome. Apresente-se como amigo dos “resplandecentes”. Isso bastará. Quer dizer, isso e mais um bom punhado de florins de ouro.

Mauricio tomou outra garrafa de vinho enquanto esperava Lorenzo num aposento contíguo ao salão principal do Palácio dos Médicis. Embora o houvessem convocado à primeira hora da tarde para uma audiência com o Magnífico, a queda de Colle de Valdesa tinha prioridade. Por isso, fazia tempo que Lorenzo estava trancado com seus assessores, analisando a situação. Diferentemente do grande salão, em cujas paredes luziam afrescos, as daquela sala eram decoradas com belos tapetes importados de Flandres. Os tecidos flamengos estavam na moda em Florença, sendo usados não só para decorar paredes e portas com seus desenhos, mas também para cobrir assentos de cadeiras, almofadas, camas, dosséis... Bruno, que conhecia um jovem mestre de Bruges, concebera a ideia de introduzir em Florença seus excelentes brocados de seda, prata e ouro, mas o projeto fora adiado até que a guerra acabasse. Mauricio se dispunha a admirar mais uma vez os *Triunfos* de Petrarca, que adornavam o recinto, quando Lorenzo, acompanhado de Elias Levi, entrou na sala.

– Lamento tê-lo feito esperar – desculpou-se. – As notícias do campo de batalha são tão graves que logo me verei obrigado a tomar decisões que preferiria evitar. Contudo, não o chamei para falar da perda de Colle de Valdesa, mas, sim, para retomar a conversa interrompida do outro dia sobre suas origens. Justamente hoje recebi informações que havia mandado colher sobre seu passado, já faz alguns meses. Nossos homens fizeram um excelente trabalho e vasculharam todos os arquivos. Coloma é apenas o nome que seu avô paterno adotou quando se converteu ao cristianismo. Você é de fato

descendente do célebre cabalista Abraão Abulafia e, portanto, nossa grande esperança.

– Grande esperança? – repetiu Mauricio, muito confuso e lamentando que um de seus antepassados houvesse se dedicado ao duvidoso estudo da cabala. Uma coisa é ter ânsia de saber, outra, e muito diferente, atravessar a porta que conduz ao Inferno.

– De decifrar o significado do anel, é claro. Não acredito em coincidências. Sua família guardava a pedra que se desprende da fronte de Luzbel e, “casualmente”, você descende de um dos maiores cabalistas de todos os tempos! Não sei como a pedra foi cair nas mãos dele e qual o segredo que encerra, mas vou descobrir tudo com sua ajuda.

– Eu nem sequer o conheci! – protestou Mauricio. – Por que estaria mais capacitado que qualquer outro a decifrar tamanho mistério?

– O sangue dele corre em suas veias – respondeu Elias. – Seu corpo traz gravadas as experiências de Abraão Abulafia. Basta que você se lembre...

Mauricio estava meio tonto, talvez por causa do vinho. Este já não lhe proporcionava a lucidez e a alegria de antes, apenas um consolo semelhante ao provocado pelas esponjas soníferas embebidas de mandrágora e meimendo usadas por alguns médicos. Não obstante, aquela conversa, longe de embotar seus sentidos, provocava-lhe uma vertigem mental parecida com a que sentiria caso estivesse à beira de um abismo.

– Não entendo bem o que você diz, Elias, mas, seja como for, agora fico apavorado só em pensar nesse anel. Se realmente contém a pedra de Lúcifer, não seria de estranhar que ela tivesse sido amaldiçoada!

– Acalme-se, Mauricio – interveio Lorenzo. – A pedra seria antes sagrada que maldita. Uma tradição persa, que Abraão Abulafia certamente não ignorava, refere-se a uma grande esmeralda de brilho insuperável que se desprende de Luzbel no momento de sua queda. Seus guardiões conheciam as virtudes mágicas dessa pedra e julgavam-na capaz de proporcionar clareza interior a quem a possuísse. Talvez por isso Luzbel a tenha lançado fora, por não poder aceitar a verdade sobre si mesmo. Estamos falando, pois, de um objeto tão santo que até o trovador Wolfram von Eschenbach, no famoso poema *Parsifal*, comparou o Graal com essa pedra preciosa caída do Céu: provavelmente, a mesma esmeralda guardada por sua família. E, embora sejamos simples peões nesta partida de xadrez cósmico, pode ser que com a ajuda do anel nos transformemos em rainhas.

– Partida de xadrez cósmico? A que se refere, exatamente? – perguntou Mauricio.

– Já que você está no meio do tabuleiro, tem o direito de saber – afirmou o Magnífico. – No Apocalipse de São João, conta-se que as tropas de Lúcifer foram vencidas nos Céus e permanecerão acorrentadas à Terra até o dia do Juízo Final. Ninguém sabe quando esse dia chegará, mas, enquanto isso, as forças de Lúcifer têm liberdade para agir em nosso mundo. E fazem isso a partir de dimensões invisíveis ao olho humano, fomentando nossos pecados em suas formas mais diversas. Também existem homens cuja maldade nada tem a ver com os erros que cometemos por causa de nossas paixões abjetas. Se você os conhecesse, seu sangue gelaria nas veias. Não são maus porque a luxúria, a ira ou a ignorância os precipitaria no abismo. Ao contrário, têm perfeito domínio de si mesmos e abraçaram a causa do mal de modo muito consciente, com a frieza com que um experiente banqueiro analisa uma transação financeira. Esses homens são adeptos de Luzbel, a quem consideram o portador da luz. Por isso se conhecem uns aos outros como os “resplandecentes”.

– Luzbel, o anjo cuja luz brilhava mais intensamente – murmurou Mauricio. – E o que sabemos de seus seguidores na Terra? – perguntou, de olhos arregalados e com o coração oprimido.

– Minha rede de espões se empenhou de corpo e alma em investigar os resplandecentes, mas só descobriu sombras. Eles se reconhecem entre si, mas formam uma sociedade tão fechada que é impossível desmascará-los. Preferem agir indiretamente, valendo-se de pessoas que ignoram seus verdadeiros propósitos. A tentativa de assassinar-me ocorreu dentro da catedral, no exato momento em que o cálice sagrado era erguido à vista de todos, como parte de um ritual satânico cuja natureza seus executores materiais desconheciam por completo. Falaremos disso outro dia. Agora estou cansado, e você está confuso. Basta saber que contamos com sua ajuda e que está seguro. Embora você talvez não acredite, tenho a certeza de que o destino o colocou aqui por um motivo muito especial.

Lorena não parava de chorar. Cateruccia mantinha-a entre os braços como se ela fosse uma criança pequena. Ficara contentíssima quando o pai cedera duas semanas antes e permitira que ela voltasse a lhe prestar seus serviços. No entanto a presença da antiga ama provocara um aumento de suas crises de choro sem motivo aparente.

– Fique calma, menina, que tudo se ajeitará – dizia Cateruccia pausadamente, acariciando-lhe os cabelos.

Lorena gostava de contemplar a pele branca e rosada de Cateruccia, iluminada por aqueles olhos azuis tão claros. Sua corpulência lhe dava uma segurança terrena de que ela carecia. Talvez, pensou, se soluçava ao vê-la, era porque a mulher lhe evocava tempos mais felizes.

– O que é que se ajeitará, Cateruccia? A peste? A guerra?

– Seu coração, querida. A mim você não engana, pois eu a criei desde que nasceu. A peste nos preocupa a todos, mas não é como a do século passado, que exterminou quase toda a população, e sim uma dessas pragas que ocorrem periodicamente. Sem dúvida, a cada semana morrem inúmeras pessoas; não é isso, porém, que provoca suas lágrimas. A guerra também é assustadora, embora o pior que nos possa acontecer seja Lorenzo acabar enforcado como um bandido qualquer. Todos estamos inquietos, mas com você o problema é outro: seu coração não se recuperou do primeiro parto. A morte faz parte da vida. A próxima gravidez lhe devolverá a alegria.

Lorena não se animava a confessar a Cateruccia que seu sofrimento era ainda pior. Continuava achando Mauricio muito atraente, mas já não o desejava. E supunha que o mesmo acontecia com ele. Agora só faziam amor

quando seu marido, embriagado de vinho e da luxúria própria aos homens, não conseguia conter-se. Era um ato selvagem, doloroso, repassado de culpa. Seu corpo permanecia rígido. Mauricio, sem olhá-la no rosto, explodia numa onda tão efêmera quanto a espuma do mar. Depois, sem uma palavra, davam-se as costas. Mauricio roncava e ela fingia dormir.

– E com respeito a seu esposo – prosseguiu Cateruccia, como se lesse os pensamentos de Lorena –, não se preocupe tanto. Os homens são todos iguais, embora eu reconheça que Mauricio tem algo de especial. Se não bebesse tanto...

– Ele não bebe muito – defendeu-o Lorena. – Você devia ter vergonha de falar assim de meu marido.

Não aceitava que ninguém, a não ser ela, criticasse Mauricio. Apesar de Cateruccia ter um pouco de razão, certas coisas não deviam ser ditas em voz alta. Sem dúvida, as nuvens escuras que toldavam o futuro se dissipariam e seu marido não mais buscaria refúgio para a angústia no vinho.

– Desculpe-me, Lorena – corrigiu Cateruccia. – Às vezes, falo sem pensar e digo o que não quero.

– Não se preocupe – tranquilizou-a Lorena, enfatizando as palavras. – Há outro assunto que me incomoda. Mamãe me disse ontem que estão estudando a possibilidade de minha irmã Maria casar-se com Luca Albizzi. Você sabe alguma coisa a respeito disso?

– Ai de mim! Que pode saber uma pobre criada? Seu pai sem dúvida abençoa essa união. Se Lorenzo for derrubado, como parece provável, a união com Luca trará grandes benefícios à casa Ginori. E quanto a Maria, você a conhece melhor que eu. É tão boazinha! Ficarà encantada por fazer felizes seus pais e seu futuro marido, que, além de jovem e nobre, é elegante e bonito.

Lorena se calou. Sim. Luca provocara nela uma antipatia tão intuitiva quanto inexplicável. E, embriagado de vinho, fizera um comentário sórdido e de mau gosto quando se encontraram em sua casa de campo. Porém, como dizia Cateruccia, talvez todos os homens fossem iguais; talvez todos tivessem suas excentricidades, como as mulheres. Mauricio também não se revelara o príncipe encantado das histórias infantis que sua mãe lhe contava.

– Lorena, sei que está ruminando alguma coisa que não consigo decifrar – disse Cateruccia. – Se eu não houvesse cuidado de você desde que nasceu e não a amasse tanto, não me atreveria a falar-lhe assim. Porém prefiro que fique brava comigo a guardar um silêncio cúmplice e culpável. Olhe, não precisa me

revelar seus segredos, apenas siga o conselho que vou lhe dar. Vá ver um dia destes minha amiga Sofia Plethon. Ela a ajudará. É, sem dúvida, a mulher mais sábia de Florença. Escute e eu lhe contarei sua história. Você não se arrependará de ouvi-la.

Desafiando o vento gelado, Mauricio percorrera as ruas florentinas envolto numa túnica escarlate forrada de couro. Nem a túnica nem o gorro de lã que cobria suas orelhas haviam impedido que o frio de dezembro lhe penetrasse os ossos. Como todas as tardes, pediu uma jarra de vinho na taberna Vitória, para aquecer-se. Da pequena mesa de madeira onde se acomodara, podia ver tudo o que acontecia na casa. Em volta das duas mesas maiores, homens e mulheres compartilhavam os mesmos bancos compridos. Uns conversavam, outros jogavam cartas ou dados. Sobre suas cabeças, pendiam do teto bestas, cornetas, flechas, armaduras, tambores e outros objetos de guerra com que Tommaso, o dono da taberna, decorara o local.

Mauricio bebia em silêncio, lembrando-se da discussão que tivera ao sair de casa. Lorena afirmara estar farta de seu comportamento, acrescentando que, se o vinho era mais importante que ela, então ele deveria ter se casado com uma garrafa. Como Mauricio não retrucara, Lorena ficou mais enfurecida ainda, acabando por dizer que invejava a sorte de sua irmã, noiva de Luca Albizzi, e amaldiçoava o dia em que cometera a loucura de banhar-se com ele na lagoa. Em seguida, rompera a chorar, enquanto ele saía às pressas.

A entrada de uma mulher belíssima interrompeu seus pensamentos. Todos os homens viraram a cabeça para admirá-la. Morena, de olhos grandes e lábios carnudos, tinha as faces rosadas e o andar sensual. Quando se sentou diante dele, Mauricio quase perdeu o fôlego. Seu vestido, fechado por botões de prata, deixava entrever uma blusa branca, e seus braços desapareciam dentro de longas luvas pretas. Mauricio foi invadido por uma excitação incontrolável, embora soubesse perfeitamente que aquelas luvas a identificavam como

prostituta. Pela delicadeza de seus traços, porém, devia ser uma cortesã ao alcance de poucos.

– Meu nome é Andrea. Posso compartilhar uma taça com você?

Mauricio não hesitou em partilhar vinho e conversa com tão atraente figura. Ela era o pecado transformado num corpo de mulher, uma tentação superior às suas forças. Entretanto, quando a beldade o convidou a ir para um lugar mais discreto, aconteceu algo assombroso. Como se fosse uma alucinação, o vinho do copo se transformou em sangue aos olhos de Mauricio. Acudiu-lhe à mente a imagem que sempre o perseguia: a de uma jovem angelical agonizando. Em seguida, vislumbrou o rosto da esposa. Sem se deter para pensar, Mauricio levantou-se, pagou a conta e saiu.

Lorena, deixando para trás a luxuosa zona residencial onde morava, mergulhou no populoso bairro operário de Santo Ambrósio. Enquanto caminhava pela Via dei Pentolini, repleta de caldeireiros que vendiam as panelas de duas alças que davam nome à rua, repassava mentalmente os acontecimentos que a tinham levado até ali.

Sentia-se envergonhada pelo que dissera ao marido num assomo de raiva, porém não sabia o que poderia ter feito para contê-lo. Desesperada, resolvera seguir o conselho que dias atrás lhe dera Cateruccia: ir ver Sofia Plethon, pois nada perderia tentando fazer algo novo. Pelo que havia deduzido da conversa com Cateruccia, aquela mulher era uma espécie de bruxa – tão inteligente quanto culta. Até mesmo a história de como fora parar em Florença já era das mais interessantes.

Em 1439, Constantinopla, seriamente ameaçada pelos turcos, solicitou o auxílio dos cruzados. O papa Eugênio IV estava disposto a conceder esse auxílio desde que, antes, se resolvessem as diferenças doutrinárias que nos últimos séculos haviam separado a igreja ortodoxa grega e a igreja romana. Para isso, reuniu-se um concílio das duas igrejas em Ferrara. Entretanto, logo que os debates se iniciaram, houve um surto de peste na cidade. Cosimo de Médicis, com grande habilidade, propôs que Florença fosse a nova sede do concílio.

Foi assim que a florescente cidade acolheu os distintos pensadores escolhidos para aplinar as divergências irreconciliáveis entre as duas igrejas: o pão utilizado na comunhão devia ter fermento ou não? O Purgatório existe mesmo? E, sobretudo, a questão mais transcendente: o Espírito Santo nasceu

do Pai e do Filho ou apenas do Pai? Por fim, após árduas discussões, os representantes da Igreja Ortodoxa aceitaram os pontos de vista de Roma, comprometendo então o papa a enviar a ajuda solicitada.

Contudo a história não teve um final feliz para os cristãos. Quando a delegação da Igreja Ortodoxa voltou para Constantinopla, o povo, ofendido pelo que considerava concessões intoleráveis, rebelou-se. O acordo não foi ratificado e a ajuda militar nunca chegou. Os turcos, a ferro e fogo, conquistaram Constantinopla em 1453.

Gemistos Plethon, pai de Sofia, foi um dos eruditos que se salvaram fugindo para Florença antes da entrada dos turcos na cidade. Em seu novo refúgio, passou a ganhar a vida como respeitado professor de grego. A filha se casou com um vendedor de especiarias que morava na Via della Salvia, onde se comercializavam obviamente sálvia e outras ervas. O cheiro característico que Lorena logo sentiu revelou-lhe que estava na rua certa. Agora só lhe restava encontrar Sofia.

– Talvez seja vontade de Deus – desabafou Lorenzo – que esta guerra, iniciada com o sangue de meu irmão, termine com o meu. Só desejo que minha vida e minha morte, meu bem e meu mal, redundem sempre em benefício de nossa cidade. Por isso decidi partir amanhã para Nápoles, para conversar com seu rei e negociar uma paz honrosa para Florença.

Quando Mauricio se encontrou com Elias ao sair da taberna e este lhe contou que Lorenzo havia convocado ao palácio os amigos e os familiares mais importantes, ele não poderia imaginar que ouviria algo parecido. Ir a Nápoles era o mesmo que oferecer a cabeça ao algoz.

– Pedi que viessem – continuou o Magnífico – para informá-los dessa decisão, não para solicitar sua aprovação; queria apenas que ficassem inteirados. Nossa cidade precisa da paz e, só com suas forças, não pode se defender. Os aliados ignoram seus compromissos e os adversários afirmam que não odeiam Florença, mas unicamente minha pessoa. Por isso, resolvi ir a Nápoles. Considero essa viagem o remédio mais eficaz; se, de fato, nossos inimigos desejam unicamente minha ruína, acabarão comigo e não precisarão continuar hostilizando esta cidade.

Um murmúrio percorreu o salão principal do palácio. Estavam ali umas cem pessoas, calculou Mauricio. Algumas vozes se ergueram implorando a Lorenzo que não abandonasse Florença. Com um aceno de mão, o Magnífico pediu silêncio.

– Estou perfeitamente consciente do perigo que corro – assegurou. – Porém a salvação pública vem antes do interesse particular, seja porque todos os cidadãos devem cumprir seus deveres para com a pátria, seja porque eu, em

especial, recebi dela mais benefícios e honras que qualquer outro. Tenho absoluta certeza de que, não importa o desfecho dessa tentativa, os aqui presentes não deixarão de defender nosso Estado e nossa Constituição. Recomendo-lhes minha casa e minha família. E, acima de tudo, acredito que Deus, considerando a justiça da causa, favorecerá meu intento, fazendo cessar esta guerra que começou com o sangue de meu irmão e o meu próprio.

A emoção era palpável no rosto de todos os presentes. Aquela decisão parecia irrevogável.

Já fora do palácio, Mauricio notou que seu corpo tremia ligeiramente. Ao sentir uma dor incômoda nas axilas, concluiu que aquele tremor não tinha relação alguma com a comovente declaração do Magnífico. Aterrorizado, palpou as zonas doloridas; uns cistos duros, infectados de pus, anunciaram sua sentença de morte: contraíra a peste.

Sentiu como se o seu corpo já estivesse se decompondo por dentro. Uma fraqueza súbita dificultava-lhe o andar. Não havia dúvida. A foice do esquecimento logo ceifaria sua vida, que em breve seria apenas uma recordação para quem o tinha amado.

Pensou em Lorena e seus olhos se encheram de lágrimas. Não teria outra oportunidade de demonstrar-lhe seu amor. Se não havia sido capaz de fazer isso em vida, pelo menos o faria em sua morte. Não voltaria para casa, pois correria o risco de contagiar a esposa. Dirigiu-se ao hospital de La Scala a passo lento, contemplando pela última vez a tênue luz crepuscular que banhava Florença naquela tarde.

Luca saiu muito surpreso com o que tinha visto e ouvido no Palácio dos Médicis. Lorenzo se atrevia a ir a Nápoles, onde ficaria à mercê dos caprichos do rei Ferrante! Seria uma aventura espetacular, mas extremamente perigosa – compreensível apenas na medida em que sua posição em Florença se tornara desesperada.

Com certeza, o rei Ferrante prometera garantir sua vida enquanto permanecesse em Nápoles – mas que valor tinha a palavra do rei Ferrante? Todos temiam seu caráter volúvel, pois ninguém jamais sabia se estava satisfeito ou contrariado. Dizia-se até que ele mantinha os cadáveres embalsamados de seus piores inimigos num recinto que fazia as vezes de museu dos horrores! Luca não estava seguro de que isso fosse verdade ou boato, embora se soubesse muito bem que, não muito tempo atrás, o rei Ferrante prometera um salvo-conduto ao *condottiero* Jacopo Piccinio – que ao chegar a Nápoles, confiante, fora imediatamente preso e executado. Se Lorenzo voltasse um dia para Florença, imaginou Luca, seria num ataúde.

Luca sentiu-se satisfeito por ter contribuído para essa viagem suicida. Com efeito, meses antes, Lorenzo o encarregara de combinar um encontro com Filippo Strozzi. O motivo desse encontro fora, nem mais nem menos, incumbir Filippo de entabular conversações secretas com o rei de Nápoles para encontrarem um modo de pôr fim à guerra.

Luca e Filippo se davam muito bem, pois os pais de ambos haviam sido expulsos de Florença depois do regresso triunfal de Cosimo de Médicis do exílio, instigado por Rinaldo Albizzi. Tanto Luca quanto Filippo gozavam de uma situação excepcional, já que, embora fossem descendentes dos desterrados

por Cosimo de Médicis em 1434, receberam autorização para estabelecer-se em Florença. Infelizmente, a maior parte de seus familiares ainda era obrigada a viver em outras cidades.

A história de Filippo Strozzi podia ser considerada exemplar, pois, forçado a iniciar vida nova em Nápoles, soubera progredir até tornar-se banqueiro do rei Ferrante e prestigioso homem de negócios. Finalmente, após anos de tentativas infrutíferas, Lorenzo permitira que ele voltasse a Florença. E agora o utilizava para intermediar contatos com o rei de Nápoles, que tinha grande consideração por Filippo.

Luca jamais imaginara que os esforços de Filippo acabariam promovendo uma viagem de Lorenzo a Nápoles. No entanto foi o que aconteceu. Luca não conhecia Filippo a fundo: havia uma forte ligação entre eles, mas não uma amizade tão íntima que provocasse suspeitas em Lorenzo. Contudo, julgava vislumbrar um jogo duplo da parte do chefe dos Strozzi. Se Lorenzo fosse assassinado em Nápoles, os Médicis cairiam e o novo regime acolheria de braços abertos aquela família desterrada. Se, ao contrário de toda lógica, regressasse triunfante da viagem, Filippo seria recompensado e, provavelmente, o Magnífico concordaria com o retorno de alguns de seus parentes a Florença, como mostra de gratidão. Pois bem, ele faria o mesmo jogo, porque, se Lorenzo conseguisse escapar incólume das garras do demônio no inferno napolitano, Luca poderia se gabar de ter propiciado uma reunião decisiva para esse êxito surpreendente.

Aquela tarde fora pródiga em surpresas, já que Mauricio também comparecera ao palácio para ouvir a comunicação de Lorenzo quando, segundo seus cálculos, deveria estar muito atarefado com a viúva negra. Perguntou-se que diabo poderia ter acontecido para que a bela assassina não o colhesse em sua teia de aranha. Só faltava Luca ser obrigado a suportar, em seu casamento, Lorena sentada à mesa nupcial com Mauricio! Porque o acordo matrimonial com Maria Ginori estava concluído. A cerimônia ocorreria em 25 de abril do próximo ano. Luca esperava que, até lá, Lorenzo e Mauricio já estivessem mortos e enterrados.

Mauricio constatou que aquele quarto do hospital de La Scala era o vestibulo da morte. Cercados por sólidas paredes de pedra, os enfermos aguardavam sua hora derradeira sem nenhuma esperança de salvação, cientes de que se encontravam num sinistro abrigo funerário cujo propósito principal era evitar que propagassem sua doença para o resto dos cidadãos.

O recinto era espaçoso, mas não havia colchões para todos. Coube a Mauricio um pedaço de chão no qual um punhado de palha fazia as vezes de cama.

Talvez a febre fosse responsável não apenas pelos tremores, mas também por aquela estranha sensação de estar vivendo uma espécie de sonho. Provavelmente, pensou, era essa a causa de ter-se acostumado ao horror com tanta rapidez: a natureza é implacável, mas também piedosa.

A caridade dos homens, em troca, mal chegava à sórdida e escura câmara em que os doentes padeciam. Um buraco cavado no chão frio era onde defecavam, embora fossem muitos os que nem sequer tentavam se arrastar até a fossa imunda, pois não conseguiam conter os espasmos do baixo-ventre. O fedor dos corpos transmitia ao olfato, melhor que qualquer imagem, a decomposição da carne, a nauseabunda corrupção que começava nos órgãos internos e abria caminho até a pele na forma de excrescências, pus e negras escaras gangrenosas.

A sensação de sede era tão premente que nada podia saciá-la – muito menos aqueles baldes de água suja que compartilhavam como única bebida. Em quase todos os recipientes, a água estava misturada com o vômito peçonhento dos moribundos.

Uma profusão de lombrigas assomou à boca de uma mulher, como se seu corpo fosse um criadouro de vermes. Evidentemente, a infeliz falecera horas antes, mas nem médicos nem enfermeiros tinham pressa em dar-lhe sepultura cristã.

Fazia tempo, Mauricio não saberia dizer quanto, que dois homens robustos – protegidos por luvas, máscaras de fibra e ervas aromáticas atadas ao cinto – o haviam transportado numa tábua para o interior da câmara, deixando-o cair sobre o chão duro. Mauricio não esperava mais cuidados. Rogava apenas que eles entregassem a Lorena a carta que lhe havia escrito.

Perdoe-me por não ter sabido expressar sempre o imenso amor que sinto por você. Ignoro onde errei, não sei em que ponto do caminho eu me perdi e por que a tratei de um modo tão injusto desde que perdemos nosso filho. A luz da morte me revela tarde demais a verdade. Não soube amá-la, não soube protegê-la, meu tesouro – e agora só há tempo para preservá-la de minha doença, recolhendo-me ao hospital de La Scala. Peço-lhe que, ao pensar em mim, se esqueça de minhas últimas semanas e se lembre do que eu sou: aquele que a amou na lagoa com toda a sua alma. Sempre a amarei e, do Céu, velarei por você. Com todo o meu afeto,

Mauricio

*L*orena se desesperou ao reler a carta. Contudo, não pensava em despedidas, mas, sim, num modo de salvá-lo.

– O mais provável é que ele morra – explicou Marsílio Ficino. – A peste que assola Florença tem provocado até agora o óbito de todas as suas vítimas, mas, graças a Deus, não se propagou com muita rapidez até o momento. Ainda assim, cabe alimentar alguma esperança, pois às vezes os enfermos se recuperam.

Lorena agarrou-se àquela esperança: havia casos de doentes que se curaram.

– Que podemos fazer para salvá-lo? – perguntou ansiosa.

– Em primeiro lugar, tirá-lo o quanto antes do hospital – respondeu Marsílio prontamente. – As condições higiênicas do lugar onde internam os doentes são tão ruins que nem um homem saudável conseguiria sobreviver se passasse ali um dia inteiro.

– Então vou trazê-lo para casa imediatamente – disse Lorena, sem vacilar. Não via escolha a não ser ajudar Mauricio até o limite de suas forças. Não permitiria que seu marido sucumbisse como um rato num buraco imundo.

Marsílio Ficino fitou Lorena com orgulho e admiração.

– Durante a peste do século passado, muitos homens abandonaram suas mulheres, e não foram poucas as mães que fizeram o mesmo com os filhos doentes, por medo do contágio. Seu gesto é exemplar, mas comporta enormes riscos e sacrifícios. Para o bem da comunidade, você deve se comprometer a não sair de seu *palazzo* nas próximas duas semanas, mesmo que seu marido se salve.

– Então, ao fim de duas semanas, o perigo já terá passado? – perguntou Lorena.

– Sem dúvida, caso vocês continuem vivos até lá. Saiba que a maioria dos afetados morre entre o segundo e o quinto dia; alguns podem chegar ao sexto e quase nenhum ao sétimo. Portanto, se seu marido resistir por sete dias, sobreviverá, mas precisaremos de mais uma semana para comprovar que nenhum outro morador do *palazzo* contraiu a enfermidade. São regras desagradáveis, mas necessárias, para impedir que a peste continue se espalhando.

Lorena compreendeu perfeitamente o que Marsílio queria dizer.

– Ninguém sabe como a doença é transmitida. Uns dizem que é pelo ar; outros, pela vista; outros, pelo tato... Qual a sua opinião, Marsílio?

– Se fosse transmitida pelo ar ou pela vista, estaríamos todos mortos, e são muitos os casos de pessoas que tocaram os enfermos sem contrair o mal. É certo, no entanto, que quem permanece em contato estreito com eles acaba contaminado por essa terrível doença.

– Que me aconselha? Qual o melhor modo de cuidar de meu marido? – perguntou Lorena.

Aquele homem magro, de cabelos brancos e ligeiramente corcunda representava sua esperança máxima de sobreviver à peste, pois era não apenas um médico excepcional como também um sábio ilustre, um asceta do espírito pronto a colocar o peso de sua erudição a serviço de seus semelhantes.

– A vida de Mauricio está nas mãos de Deus, mas há umas poucas coisas que nós, os homens, podemos fazer. Mantenha em casa provisões que durem duas longas semanas, sobretudo água limpa para Mauricio. Nada de remédios, nada de sangrias, nada de poções milagrosas. Se algo pode salvar seu marido, é água

e limpeza. Desinfete a casa o tempo todo, pois constatei que a peste se concentra em zonas miseráveis e sujas, onde as pessoas pobres dormem amontoadas com os ratos.

– Em minha casa não há ratos – afirmou Lorena com orgulho.

– Então, não permita que entrem – recomendou Marsílio com um brilho intenso no olhar. – Desinfete a casa sem descanso e viverá. Os ratos pretos são o exército da peste. Não posso prová-lo, mas não estranharia se a enfermidade passasse dos animais para os homens por meio da picada das pulgas. Esses insetos são capazes de sobreviver até nas roupas, principalmente as de lã. Por isso aconselho-a a envolver o corpo nu de seu marido com um lençol de linho e a exigir que queimem todas as suas roupas no hospital.

– Receio que os médicos não atendam aos desejos de uma mulher sem conhecimentos médicos nem autoridade para interferir nos negócios daquela instituição – objetou Lorena.

– Atenderão quando lerem a carta que vou escrever. O destino de Lorenzo em Nápoles é incerto, mas ainda existem em Florença hierarquias que ninguém, em sã consciência, se atreveria a contestar.

Uma carta, os conselhos de um sábio, a invocação de Sofia Plethon, uma casa limpa e sua fé inabalável: esses eram os recursos nos quais Lorena confiava para arrancar seu esposo das garras da peste.

Os sonhos podem trazer felicidade até mesmo no Inferno. Mauricio imaginou que havia voltado para casa, onde sua esposa cuidava dele com desvelo. Uma espécie de fogo o queimava por dentro, não podia controlar os tremores constantes, e a sede implacável não o abandonava nem de dia nem de noite. Porém, quando abria os olhos, via Lorena limpando-lhe o suor com um lenço e oferecendo-lhe água num copo sempre cheio. Mauricio interpretou isso como um bom augúrio. Nada era impossível. Afinal, alguns enfermos tinham sobrevivido.

No entanto os sonhos pioraram.

As dores se tornaram tão intensas que não lhe sobravam forças sequer para gritar. Ouvia gemidos à sua volta e não conseguia distinguir se eram seus ou de outros enfermos, que já não era capaz de ver. A cabeça lhe ardia como se demônios malignos tentassem cauterizar o interior de seu crânio. Flechas invisíveis pareciam cravar-se nos ossos de suas costas, que ameaçavam partir-se. O peito estalava por dentro e Mauricio temia engasgar-se com os contínuos ataques de tosse; quando vomitava, era como se suas vísceras fossem ser arrancadas pela raiz. Sentia uma sede tão intensa que nem a água a saciava. Ouvira falar no delírio. Agora o conhecia, ao menos tanto quanto era possível em seu estado.

Perdera o controle da mente, que alternava imagens confusas e sombras impalpáveis, como se tivesse sido precipitado num poço sem fundo. Tanto podia suar copiosamente quanto tiritar de frio. O tempo deixara de existir. Parecia-lhe impossível continuar lutando. Abandonou-se à própria sorte, como um ramo arrastado pela corrente.

*A*o fim do quinto dia, Lorena convenceu-se de que seu marido ia morrer. Nada do que fizera havia surtido efeito: enxugar seu suor; obrigá-lo a beber água; limpar seu vômito; desinfetar suas feridas... Nem a ajuda de Cateruccia fora suficiente. A fiel criada se recusara a abandoná-la e pusera-se a limpar a casa com a eficiência de um exército. Lorena, de seu lado, seguira escrupulosamente os conselhos de Marsílio: usar uma máscara de linho quando estivesse na presença do marido, lavar as mãos com vinagre depois de tocá-lo e banhar-se em água morna todos os dias.

Indiferente às suas aflições, a enfermidade progredia de forma inexorável: os tumores aumentavam até o tamanho de ovos antes de se transformarem em manchas enegrecidas, espalhadas por todo o corpo; o calor interno se intensificara sem cessar, juntamente com o vômito e a diarreia; e, por fim, Mauricio perdera por completo a consciência. Gemidos lastimosos e palavras ininteligíveis eram os únicos sons que sua boca emitia.

Ao longo de tão angustiosas jornadas, Lorena não pensara um instante sequer no que o marido a fizera sofrer durante as últimas semanas. Em suas lembranças havia espaço unicamente para o rapaz elegante e inocente do qual se enamorara na loja de Lucrecia, aquele que a fizera rir e sonhar com suas rimas nos jardins de Lorenzo, o Mauricio com quem se banhara despreocupadamente na lagoa. O outro Mauricio devia ter contraído uma estranha enfermidade. Do mesmo modo que a peste consumia as forças físicas das pessoas até inutilizá-las de vez, podiam existir doenças da alma que toldassem o entendimento dos homens.

Sofia Plethon lhe prometera conduzir um ritual secreto capaz de livrar seu marido da peste. Lorena se ateve a essa esperança quando, após uma noite de vigília, constatou que o marido ainda respirava no sexto dia. No sétimo, conciliou o sono pela primeira vez ao soar a meia-noite: Mauricio viveria. Deus havia abençoado seus desvelos.

– *M*inhas palavras nada valem perto do que você fez – disse Mauricio. – Arriscou a vida por quem nem sempre tinha sido um bom esposo, por um pestilento que só teria a morte como companheira de viagem, pelo homem que tanto a fez sofrer ultimamente, sem motivo algum... Creio que a perda de nosso primeiro filho me tenha afetado além das medidas, já que desde aquele dia se apoderaram de mim o medo, a angústia e a tristeza. Sem dúvida, recorri ao álcool para preencher esse vazio ou, antes, para me dissolver nele. Fui um covarde e um egoísta, um miserável que não pensou em você o bastante. Ainda assim, quando julguei ver uma sentença de morte inscrita em meu corpo, só lamentei não ter sabido oferecer-lhe todo o amor que abrigava no coração. Por favor, perdoe minha conduta passada. Amo-a com loucura, embora não a mereça. Podemos ser felizes apesar dos obstáculos que temos pela frente.

Já se haviam passado dois meses desde que Lorena resgatara Mauricio do hospital de La Scala. O júbilo do sétimo dia, quando ela fora dormir convencida de que seu esposo ficaria curado, dera lugar a outra semana de tensa expectativa. Lorena e Cateruccia temiam ter contraído a peste: cada suor, cada calafrio e até o mínimo prurido enchiam-nas de terror, pois recebavam apalpar-se e descobrir no corpo os terríveis tumores.

Sobrepondo-se a essa angústia, Cateruccia continuou limpando a casa com um esmero obsessivo, enquanto Lorena cuidava de seu convalescente esposo, que revelava evidentes sintomas de melhora a cada dia. Por fim, seus temores se dissiparam. O início da terceira semana provou que o perigo havia sido

conjurado e que estavam livres novamente para abrir as portas da casa ao mundo exterior.

Desde que se curara, Mauricio agradecera-lhe mil vezes seus cuidados e outras tantas lhe pedira perdão com palavras repassadas de amor. Lorena sempre se emocionava ao ouvi-las, pois sabia que brotavam verdadeiras das profundezas da alma do marido.

Aquele, porém, não era um dia qualquer. Mauricio estava tão completamente recuperado que já havia recommençado a trabalhar na *tavola*. E se seu marido continuasse assim, Lorena pretendia pôr em prática uma das ideias ousadas sugeridas por Sofia.

– Concordo com você, Mauricio! Podemos ser muito felizes. Esta noite, para comemorar, faremos depois da ceia uma coisa diferente. Vamos tomar banho juntos, com água quente, na banheira de bronze!

Lorena estava surpresa com o próprio atrevimento, mas Mauricio não pôs objeções. Após a ceia, durante a qual colocou a esposa a par das últimas notícias que circulavam, dirigiram-se para o quarto onde ficava a banheira. Seguindo as orientações de Sofia, Lorena encheu o recinto de velinhas brancas. Os criados despejaram água quente na cuba, que ela semeou de pétalas de flores e folhas aromáticas.

Para Lorena, essa era uma grande novidade, pois, por pudor, evitava mostrar-se nua ao marido. Dormia sempre de camisola e na maioria das vezes tinham feito amor às escuras. Porém naquela noite se desnudaram à luz das velas, entraram na água quente da tina e se acariciaram mutuamente. Ao terminar o banho, enxugaram-se e suavizaram a pele com cremes. A sensação de relaxamento era maravilhosa.

Quando se retiraram para seus aposentos, esperava-os a grande cama de casal com colchão de penas. Embora fizesse frio, os lençóis, as mantas e o cobertor lhes asseguravam um cálido aconchego. Além disso, o corpo de Mauricio transmitiria calor ao de Lorena. Seu desejo pelo esposo ressurgira...

Depois de fazerem amor, Lorena sentiu que a paz renascera dentro dela. Uma grata sensação de plenitude invadiu-a. Agora, voltariam a ser um só. Não obstante, os problemas que se avizinhavam eram colossais, pois, se Lorenzo percesse durante a arriscada viagem a Nápoles, as portas ainda abertas a seu marido em Florença se fechariam. Por isso, adormeceu pedindo à Virgem que intercedesse pelo êxito da missão do Magnífico em terras inimigas.

*N*em mesmo as almas perdidas ficaram em casa naquele 21 de março de 1480. As ruas estavam pontilhadas de fogueiras e os sinos dobravam sem cessar anunciando a incrível notícia: Lorenzo voltava a Florença depois de fazer um acordo de paz com o rei de Nápoles. Lorena mal se continha de tanta alegria. Enfim, tinha diante de si um grande futuro! Sofrera tanto que lhe parecia impossível suportar tamanha felicidade. Em apenas dois meses, tudo mudara. Depois do regresso vitorioso de Lorenzo, abriam-se de par em par as portas das oportunidades para seu marido, o qual, após a peste, esquecera completamente a bebida, voltando a ser o homem por quem ela se apaixonara.

Senhoras e cavalheiros vestiram as melhores roupas para tão importante ocasião. Oficialmente, não se via com bons olhos o exibicionismo no vestir, dados os ideais republicanos de Florença, mas hoje era um desses dias em que cumpria ostentar o vestuário mais suntuoso que cada um pudesse se permitir. Lorena nunca entendera bem as normas sociais vigentes em Florença. As damas tinham de ser simples e submissas para não parecerem frívolas, embora, na vida social, as mais celebradas fossem justamente as mais brilhantes e criativas. O orgulho de toda família era que suas mulheres, belamente enfeitadas, superassem as outras em esplendor – porém, como a vestimenta devia ser modesta, elas depois se viam criticadas pela vaidade. Com regras tão contraditórias, não era de estranhar que, ao final, todas se sentissem culpadas. Hoje, porém, não era dia de expiação, mas, sim, de festa. Assim, Lorena trajava uma *cioppa* de veludo bordada com pérolas – um manto elegante de mangas largas cujo objetivo principal era evidenciar a importância social da mulher – ao mesmo tempo que disfarçava as curvas femininas.

– É inacreditável que Lorenzo tenha escapado incólume das garras do leão – observou emocionada.

– Parecia impossível, mas ele venceu. Este homem é realmente “magnífico”.

– Como pôde convencer o rei Ferrante? – perguntou Lorena.

– Prometeu-lhe que, enquanto estiver à frente do governo, Florença será uma aliada fiel de Nápoles. Mostrou-lhe que agora o papa o corteja, mas, tão logo seu poder se consolide, Nápoles poderá muito bem ser sua próxima vítima. Além disso, apresentou-lhe provas inequívocas de que a França está disposta a apoiar as reivindicações dos Anjou à sua coroa. Lorenzo prometeu usar de sua influência na corte francesa para que isso não ocorra. Por outro lado, os napolitanos estão às voltas com as ambições turcas no mar Adriático. Diante dessa ameaça, Lorenzo salientou que é mais sensato velarmos por uma Itália unida do que dividirmos forças lutando entre nós.

– São argumentos sensatos – arriscou-se Lorena a dizer –, embora essa viagem não fosse necessária. Reuniões entre diplomatas surtiriam o mesmo efeito, sem que Lorenzo precisasse arriscar sua integridade física.

– Na vida, sempre podemos raciocinar em favor desta ou daquela opção, mas são as emoções que nos empurram para um dos lados do caminho em detrimento do outro. O carisma de Lorenzo foi, sem dúvida, o fator decisivo que fez pender a balança nesse assunto. O rei Ferrante, apesar de seu caráter reservado e volúvel, certamente acabou por simpatizar com o nosso Lorenzo, já que também é dado à poesia, à boa mesa, às conversas cultas e inteligentes, à caça... Enfim, a tudo aquilo em que o Magnífico se destaca.

– Desde quando você está a par dos gostos do rei de Nápoles?

– Francesco, o diretor do banco dos Médicis, e Bruno me contaram há pouco algumas coisas... De acordo com certas informações confidenciais, Lorenzo parecia dois homens diferentes. Durante o dia, cheio de confiança e brilho, participava de todas as festas e reuniões com um garbo e uma vitalidade que deixava conhecidos e estranhos maravilhados. No entanto, ao cair da noite, recolhendo-se a seus aposentos, mergulhava num silêncio melancólico e seus olhos traíam o desespero de quem não ignorava que a mais leve mudança de humor naquele anfitrião podia significar a morte. Deus sabe a angústia que sentiu!

– Pois você devia ter me contado tudo isso! – queixou-se Lorena. – Assim, me pouparia muito sofrimento.

– Só fiquei sabendo o que acabo de lhe contar. Como o entendimento com o rei era um fiapo de esperança dentro de um quadro dos mais sombrios, preferi não deixá-la ciente desses detalhes para não criar falsas expectativas. E fui informado do regresso de Lorenzo ao mesmo tempo que você.

O brado da multidão trouxe Lorena de volta ao momento espetacular que estavam vivendo. Ao longe, já tremulavam – iluminados pelas tochas – os estandartes e as bandeiras com os brasões dos Médicis e de Florença. De ambos os lados da Via Porta Rossa, a multidão irrompeu em aplausos espontâneos. O som dos sinos se mesclava ao das trombetas da comitiva. Definitivamente, não era hora para recriminações pueris. Após alguns instantes, Lorenzo e seu séquito abriram caminho para o palácio da Signoria entre a massa entusiasmada. Lorena fez eco ao alarido ensurdecedor que repercutia por toda a Florença: “*Palle, palle, palle! Palle, palle, palle!*”.

– *B*rindemos ao regresso de Lorenzo! – propôs Bruno.
Mauricio e Bruno tilintaram suas taças e beberam. Giovanni, o dono da taberna, oferecera-lhes uma mesa afastada onde poderiam conversar tranquilamente, sem que a balbúrdia lá fora os molestasse demais.

– Aos poucos, teremos mais detalhes sobre o que aconteceu – disse Mauricio.

– Sim – concordou Bruno –, mas não todos. Ninguém se atreve a calcular o dinheiro que Lorenzo desembolsou. A primeira coisa que ele fez ao desembarcar em Nápoles foi comprar a liberdade dos remadores escravos da galera na qual havia viajado e, segundo se diz, a fila de carregadores com presentes para o rei Ferrante tinha o comprimento de uma milha. A antiga sede do banco dos Médicis em Nápoles, um palácio suntuoso, foi redecorada com esmero para funcionar como uma embaixada de luxo: banquetes, jantares, recepções... Cada dia era uma festa. E ainda assim Lorenzo achava tempo para aplicar generosamente seus florins em todo tipo de obras de caridade. Pois se até pagava os dotes das moças pobres para que pudessem casar-se!

– Bem, a fortuna de Lorenzo é praticamente ilimitada.

– Era nisso que ele queria que o rei Ferrante acreditasse. Achou que, se espalhasse dinheiro para todos os lados, conseguiria seu intento. No entanto, meu caro Mauricio, a realidade é bem outra. Para poder gastar assim, Lorenzo usou parte da fortuna de seus primos menores e precisou hipotecar sua vila de Cafaggiolo, além de suas terras em Mugello.

– Não vá me dizer que Lorenzo está à beira da falência!

– Estaria se não fosse dono de Florença – ponderou Bruno. – Só por esse motivo não fico muito preocupado com as finanças pessoais do Magnífico. Todavia as contas do banco dos Médicis me deixam bastante apreensivo. Caso não ocorra uma mudança de diretoria, acho que é mera questão de tempo a sede de Florença quebrar, arrastando consigo todas as suas sucursais.

– Tem certeza do que diz? – perguntou Mauricio, inquieto.

– Absoluta. Francesco Sasseti, o diretor-geral, é incapaz de pôr ordem nas filiais do banco. Pelo que pude descobrir, os diretores das sucursais no estrangeiro insistem em fazer generosos empréstimos sem garantia a reis e nobres, com o único propósito de ganhar deles terras e títulos. Se esse dinheiro alegremente emprestado não for devolvido, a sobrevivência do banco dos Médicis será uma quimera. Muitos outros bancos já quebraram pelos mesmos motivos.

– É que Lorenzo confia cegamente em Francesco e não acha necessário fiscalizar sua gestão, julgando-se livre de problemas financeiros enquanto governar Florença. Talvez esteja certo. Não obstante, agora que a guerra acabou, pode ser o momento certo de iniciarmos negócios por conta própria.

– Sem dúvida. Acabo de saber que poderíamos adquirir em Valência quinhentas sacas de amêndoas a um preço excelente. Francesco, com sua miopia habitual, não autorizou a operação. Pois compremos nós as amêndoas!

– Sem vê-las? – perguntou Mauricio, preocupado.

– O agente de Valência que deu a informação é da máxima confiança. Garante que são da melhor qualidade e que o motivo do baixo preço foi a excepcional colheita deste ano no Levante. Aqui, como a guerra assolou os campos, o produto poderá ser revendido com boa margem de lucro, já que as amendoeiras só reflorescerão em julho.

– E se alguém mais tiver a mesma ideia e Florença for inundada de amêndoas? Então o preço cairá vertiginosamente e nós perderemos dinheiro.

– Por isso eu creio que devemos comprar todas as sacas para podermos decidir a quantidade a ser posta em circulação. Minha ideia é enviar metade a Bruges, onde tenho um bom contato, e armazenar aqui a outra. A remessa a Bruges bastará para recuperarmos o investimento e, com o resto, dobraremos o capital inicial. Precisamos, é claro, pedir um empréstimo para realizar a compra, e nesta vida nada se faz sem riscos, mas meu faro me diz que temos aí uma boa oportunidade.

– Pois então vamos aproveitá-la – decidiu-se Mauricio. – Como diria Leonardo, quando a fortuna aparecer, agarre-a com força pela frente, porque por trás ela é calva.

Bruno riu da tirada, enquanto esvaziava outra taça. Mauricio se absteve de beber mais. Brindara com o amigo por cortesia, mas mal chegara a molhar os lábios no vinho. Após ser curado da peste, sem nenhuma sequela, não mais lhe apetecia nenhum tipo de álcool, e ele até se alegrava com isso.

- *A* cabo de beijar a mão de Lorenzo – declarou Pietro Manfredi.
- Já fiz isso ontem – disse Luca. – Que espetáculo lastimável! Homens e mulheres de todas as classes sociais fazendo fila à porta do Palácio dos Médicis para ter a honra de beijocar a mão do Magnífico.
- Que fazer? – suspirou Pietro em tom resignado. – Lorenzo é um herói!
- Parece mentira que ele tenha saído vivo de Nápoles – lamentou-se Luca.
- E isso depois de se organizarem nada menos que três tentativas de assassinato pelas costas do rei Ferrante. Infelizmente, Xenofon Kalamatiano, o chefe dos espões de Lorenzo, conseguiu evitá-las. Desperdiçamos o momento propício, já não faz mais sentido insistir nessa medida.
- Não é mais interessante que Lorenzo morra? – estranhou Luca.
- Por enquanto, não – replicou Pietro, secamente. – Agora Lorenzo é um herói. A morte o transformaria num mito. Matá-lo é a forma mais segura de propagar suas ideias, pois contra mitos não se luta.
- Dessa forma, estão cancelados os planos contra o tirano – concluiu Luca.
- Eu não disse isso. Acontece que, depois de sua façanha inesperada, já não é mais importante que ele morra. O que nos interessa realmente é que viva tempo suficiente para arruinarmos seu prestígio. Porém isso não acontecerá hoje nem amanhã. Por isso, nosso plano de ação tem de ser necessariamente lento. E secreto. Não posso lhe adiantar nada, mas avisaremos você quando precisarmos de seus serviços.

Luca contemplou a sala onde recebera Pietro, a mais elegante da casa. O piso era de mármore branco e as paredes exibiam tapetes com diversas cenas bíblicas, mas ele tinha de reconhecer que a mansão de Pietro era mais luxuosa e

distinta que a sua. Devia se resignar tanto ao fato de o outro ser mais rico quanto ao de que integrava uma organização da qual ele não sabia nada.

– Porém – observou Luca –, nem tudo acabou, pois o papa insiste para que Lorenzo vá a Roma pedir-lhe perdão.

– A isso, Lorenzo responde que só irá acorrentado, na companhia de um notário e um sacerdote, para declarar suas últimas vontades e receber a extrema-unção. É certo, contudo, que algumas coisas ainda estão por fazer: será necessário pagar indenizações e há territórios em mãos inimigas que têm de ser devolvidos, mas o essencial já foi negociado. Embora o papa seja um velhote cabeçudo, é mera questão de tempo eles chegarem a um acordo honroso. Observe que ele se apressou a levantar o interdito que proibia aos florentinos receber a eucaristia durante a Páscoa.

Luca sabia que Pietro estava certo. Os tempos haviam mudado e a prudência agora se impunha. No mês seguinte, se casaria com Maria Ginori e começaria vida nova. Também ele, por enquanto, renunciaria a toda ação vingativa contra Mauricio. Com o dinheiro do dote, sabiamente aplicado, poderia obter grandes lucros. Talvez fosse uma boa ideia associar-se aos Ginori em seu negócio de tecidos. Suas ótimas relações com os Médicis garantiam aos Ginori que, após quase dois anos de guerra, as coisas melhorariam bastante para eles. Nesse momento, era aconselhável fazer boa cara ao mau tempo e empenhar-se em cultivar todas as relações que pudessem ser-lhe úteis no futuro.

Lorena recebeu Sofia no salão principal do *palazzo*. Fazia quatro meses que a visitara pela primeira vez em sua casa do bairro de Santo Ambrósio. Naquela tarde, Cateruccia, transtornada e trêmula, irrompera na casa da amiga levando a carta escrita por Mauricio no hospital de La Scala. Sofia lhe dera esperanças, garantindo-lhe que conhecia um poderoso ritual capaz de curar a enfermidade de seu marido. No fim, tudo acabara bem: Mauricio se salvara e o casal voltara a se amar com paixão; até a peste, agora circunscrita a uns poucos focos, estava cedendo.

– Sinto muito ter-me atrasado – desculpou-se Sofia –, mas a botica e as crianças não me deixam nem respirar.

Lorena fitou sua interlocutora. Teria uns 30 anos, a pele morena, o corpo robusto, a fronte ampla, nariz grego e grandes olhos azuis. Vestia um traje de lã simples, que a cobria do pescoço aos pulsos e tornozelos. Lorena vira muitos vestidos como aquele entre as mulheres operárias, que costumavam colocar por cima um avental comprido para protegê-lo dos rigores de seu ofício. Ainda assim, inevitavelmente, o uso diário provocava rasgões, de modo que era muito comum notar remendos naqueles trajes. O de Sofia, porém, estava impecável. De cor azul-clara, combinava bem com as faixas brancas de lã que trazia enroladas na cabeça na forma de turbante. Lorena concluiu que Sofia não usava aquele vestido para trabalhar, mas, sim, para visitas ou ocasiões especiais.

– Às vezes, as boas coisas se fazem esperar, mas sempre valem a pena quando chegam – comentou amavelmente Lorena, apresentando a Sofia uma bandeja de doces de mel.

Cateruccia havia saído, e Lorena preferia que nenhum criado interrompesse a conversa, pois desejava falar de assuntos muito íntimos, que lhe causavam certo constrangimento.

– Antes de tudo – prosseguiu Lorena –, quero agradecer-lhe de novo o ritual que praticou para a cura de meu marido.

– Não fiz mais que uma invocação – disse modestamente Sofia. – Se seu marido melhorou, sem dúvida, foi porque essa era a vontade de Deus. Só Ele dispõe de nossas orações, e não o contrário.

– Mas quando quem pede tem o coração puro – respondeu Lorena –, com certeza, é atendido antes dos outros. Isso, pelo menos, é o que espero, pois uma coisa me preocupa muito e não sei a quem pedir conselho. Talvez você possa me ajudar.

– Fale sem medo, pois não há pior temor que o tolerado em silêncio.

O olhar tranquilo e firme daquela mulher irradiava paz e serenidade. Lorena deixou que as palavras escapassem de seus lábios e revelassem seu pesar.

– Faz um ano que perdi meu filho no parto e não voltei a engravidar. Às vezes, penso que Deus está me castigando por um pecado que cometi no passado, sobre o qual preferiria guardar silêncio. Talvez, se uníssemos suas orações às minhas, pudéssemos conjurar esse árido deserto em que padeço. Porque uma mulher sem filhos é como uma fonte sem água.

– A partir de hoje, vou me associar às suas preces, embora ache que não está sofrendo nenhum castigo. Um ano sem engravidar não é incomum. Deixe-me, porém, fazer-lhe umas perguntas com todo o respeito, para ver se posso ajudá-la com alguma recomendação. Vocês fazem amor com frequência? Porque, sem sexo, não há bebês.

Lorena percebeu que enrubescia.

– Sim, cumpro as obrigações conjugais de uma boa esposa. Por isso temo estar sendo punida por meu comportamento no passado.

– Obrigações conjugais, castigos por condutas anteriores... Hum! Deixe-me fazer-lhe outra pergunta: você desfruta profundamente quando faz amor com seu esposo?

Lorena ficou boquiaberta ante a ousadia da pergunta. Se fosse qualquer outra pessoa, sem dúvida ela a mandaria embora aos gritos. Porém se conteve. Os pais de Sofia eram de outra cultura e viviam num ambiente em Florença muito diferente do seu. Talvez, da parte dela, não fosse falta de tato fazer tais perguntas. E o mais importante: aquela mulher poderia ajudá-la a ter filhos.

– Sofia, eu não faço amor com meu marido para ter prazer, mas, sim, para gerar filhos, conforme me ensinaram a minha família e a Igreja.

– E, seguindo todos esses conselhos, você não tem descendência, certo?

– Sim.

– Então escute de mente aberta esta humilde mulher que já é mãe de cinco crianças.

Lorena sentia que duas forças opostas lutavam em seu íntimo. Uma queria interromper aquela conversa, que lhe parecia escandalosa; a outra aguardava ávida por absorver tudo o que Sofia pudesse lhe ensinar.

– Assim como o amor, o sexo é sagrado. Amar nos conduz a Deus, porém desfrutar o êxtase da união conjugal também é uma porta aberta à divindade.

Lorena ouvia em silêncio, com olhos perscrutadores, inexplicavelmente atraídos pelo nascimento de um mundo desconhecido para ela.

– Sem dúvida, seu confessor e sua família a preveniram muitas vezes dos perigos da luxúria. No entanto, sem o sexo e o prazer que o acompanha, não nasceriam filhos. Você acha que Deus criaria alguma coisa intrinsecamente má? É certo que o sexo acarreta perigos. Uma jovem solteira que ceda a tais impulsos poderá pôr sua vida a perder. Porém não estamos falando disso. Estamos falando de um matrimônio abençoado por Deus e pela Igreja, graças ao qual se respira amor em todos os cômodos da casa. Diga-me uma coisa: vocês desfrutaram mais da companhia um do outro depois de se banharem juntos e se acariciarem com os unguentos que lhe recomendei?

– Sim – respondeu Lorena, enrubescendo de novo.

– Pois preste atenção às minhas palavras porque vou lhe dar uma série de conselhos com os quais conseguirá alcançar o Céu na Terra. Se você os seguir, não verá o demônio, mas Deus. E quando contemplar essa luz puríssima, peça que seu ventre receba uma alma boa, pois achará quem a escute...

Lorena havia deixado de lutar. Agora, só queria ouvir atentamente o que Sofia iria lhe revelar.

Mauricio escutava absorto a música que fluía das liras *da braccio* dedilhadas por Marsílio Ficino e Leonardo da Vinci. O nome “lira de braço” descrevia muito bem, graficamente, um instrumento musical de cujas cordas brotavam notas parecidas às da lira tradicional, ao contato de um arco, mas cujo corpo de madeira podia ser sustido com um braço só. Tinha sete cordas, duas das quais, mais grossas, corriam paralelas por fora do diapasão e eram percutidas habitualmente com o polegar da mão direita, embora Leonardo usasse a esquerda. Mauricio já se acostumara com Leonardo, que sempre chamava atenção tanto por sua genialidade quanto por suas extravagâncias. Sem ir mais longe, ele mesmo havia projetado aquela lira de braço em forma de cabeça de cavalo, animal cujos movimentos o fascinavam.

Enquanto desfrutava a música, Mauricio se lembrou da conversa que tivera com Lorenzo momentos antes, no pátio interno do palácio. O Magnífico estava de tão bom humor que Mauricio aproveitara a ocasião para consultá-lo outra vez sobre um assunto que sempre o deixava inquieto:

– Durante a conjura na catedral, você afirmou que se tratava de um assassinato ritualístico. E antes de partir para Nápoles, ligou o atentado aos resplandecentes. Gostaria de saber mais a respeito disso.

– Eu também. Talvez um dia você possa me explicar. Seja como for, desde tempos imemoriais, quem pratica esse tipo de assassinato pretende usar as energias do inimigo morto em proveito próprio. Não se trata de algo incomum. Algumas pessoas acreditam poder adquirir qualidades do adversário caído devorando certos órgãos de seu corpo, ainda palpitantes. É como explico a mordida final do arcebispo de Pisa no peito de Francesco Pazzi, quando

ambos agonizavam no chão da Praça da Signoria. O arcebispo não estava apenas dando rédea solta à sua cólera contra quem o convencera a participar da conspiração. Tentava também adquirir o valor de Francesco Pazzi para sua viagem ao outro lado da vida!

– Que horror! – exclamou Mauricio.

– Não creio que comer o corpo de um inimigo traga algo mais que indigestão. Contudo – prosseguiu Lorenzo com um ar sombrio, no qual se misturavam a piedade e a raiva – há pessoas execráveis que perpetram crimes sangrentos com tais propósitos.

– Então a tentativa de assassiná-lo era parte de um ritual satânico? – perguntou Mauricio.

– Provavelmente. A única certeza é que o assassino escolhido para me apunhalar, o conde de Montesecco, recusou-se a verter meu sangue em local sagrado. Sem dúvida, o conde era um honrado mercenário católico que de missas entendia muito pouco. Nós o interrogamos, mas não pudemos obter detalhes adicionais. Como lhe disse, acredito que os resplandecentes estejam por trás disso tudo, embora até o momento tenha sido impossível identificar qualquer desses titereiros, pois eles têm a habilidade de manejar os fios sem deixar ver sequer vestígios de suas mãos. Desde meu regresso triunfal de Nápoles, não voltaram a agir, talvez por medo de serem descobertos, mas tenho certeza de que continuam à espreita.

Depois de alguns segundos de reflexivo silêncio, o rosto do Magnífico mudou de expressão.

– Porém basta de pensamentos tenebrosos. Entremos no palácio, pois Leonardo e Marsílio logo começarão a tocar. Verá como vale a pena ouvi-los. Marsílio afirma que a música é a voz das coisas invisíveis.

– E Leonardo, o que diz?

– Bem, Leonardo é um pouco mais cáustico. Segundo ele, a música é... a música.

Mauricio se deixou levar pelo encanto dos acordes e, tal como lhe aconselhara Lorenzo, afastou os maus pressentimentos. Já tranquilo, cerrou as pálpebras e, por um instante, julgou ver dentro da mente os olhos de sua esposa brilhando com maior intensidade que a esmeralda de Luzbel.

Tudo se revestira de uma auréola mágica aquele dia. Quando Mauricio regressou de sua visita ao Palácio dos Médicis, Lorena julgou perceber em seu marido um halo de luz invisível, repleto de amor. Nem suas palavras nem seus gestos eram diferentes, mas, de algum modo muito sutil, Mauricio irradiava uma luminosa vibração. Nenhum sinal externo podia explicar isso. Uma espécie de qualidade superior ia preenchendo os momentos que compartilhavam com um gozo interior transbordante.

Talvez por isso Lorena não tenha sentido vergonha nem medo de seus corpos nus estirados no leito. Percebeu que a pele de ambos, ao entrar em contato, estava bem mais sensível que de costume. O mínimo toque ou qualquer carícia provocava nela uma onda de sensações. Tal como lhe aconselhara Sofia, nessa noite, deixara duas velas acesas ao lado da cama, para iluminarem seus corpos enquanto se amavam.

Mauricio se colocou por cima para possuí-la, porém hoje Lorena se sentia mais ousada. A sintonia especial entre ambos, que impregnava o ambiente, ajudou-a a dar um passo mais ousado. Com delicadeza, afastou o corpo do marido, beijando-o e acariciando-o enquanto o punha debaixo do seu. Tinha certo medo, no entanto estava mais excitada que atemorizada. Com mão firme, segurou o membro ereto de Mauricio e introduziu-o em sua intimidade. Lorena havia pensado que talvez ele achasse indecorosa aquela posição. Contudo, longe de protestar, Mauricio estremecia de prazer e havia começado a gemer.

Lorena movimentou os quadris lentamente, ganhando maior confiança aos poucos. Seguindo as recomendações de Sofia, pôs-se a explorar os ângulos e os

ritmos que lhe davam mais prazer. A sensação era maravilhosa. Mauricio fitava-a extasiado, com um sorriso no rosto. Sentindo-se bem, Lorena deixou que seu corpo assumisse o controle. Em breve, o prazer dilatava todos os seus poros, subindo pelo umbigo até os seios. Continuou cavalgando aquela onda. A serpente do gozo se instalou em sua garganta e em sua cabeça, onde explodiu num facho de luz. Sofia tinha razão. Deus estava ali. Lorena e Mauricio sorriram, mirando-se nos olhos. Embora houvessem feito amor muitas vezes, aquela era a primeira em que sentia algo semelhante. As palavras eram entrecortadas, sem sentido. Lorena se deixou invadir pela energia invisível do amor e continuou cavalgando a onda.

Naquela manhã, Mauricio, radiante de vitalidade após uma noite de amor maravilhosa com sua esposa, percorreu as ruas de um modo nada costumeiro. Não apenas andava sem rumo como até os latidos dos cães lhe transmitiam a sensação de que algo transcendental estava para acontecer. Sem saber por quê, caminhou até a Ponte Vecchio, a ponte mais antiga de Florença. Duas barcaças deslizavam pelo Arno. Nas margens, dezenas de trabalhadores da lã cumpriam suas pesadas tarefas. O cheiro de urina, usada como desinfetante, chegava até a ponte e se misturava ao odor da carne putrefata que os açougueiros atiravam ao rio. Porém Mauricio pôde sentir também o cheiro de cera quente que vinha das fábricas de velas instaladas de ambos os lados da ponte, alinhadas com as marroquinarias, as ferrarias e os açougues. Impregnou-se daquela mescla de eflúvios enquanto se dirigia à zona situada na margem sul do Arno sem deter-se em nenhuma das pequenas lojas. Já conhecia o lugar, que hoje, entretanto, parecia diferente. A luz que penetrava tudo parecia querer dizer-lhe algo que antes não soubera escutar.

O bairro de Oltrarno, do outro lado do rio, era a fronteira de uma Florença diferente, que lembrava mais uma aldeia grande do que a sofisticada cidade dos Médicis, dos artistas e dos magnatas. Ali, as roupas secavam em galhos de árvores, as galinhas ciscavam diante das portas dos casebres e os trajes dos moradores eram cheios de remendos. Ao contrário da área privilegiada onde ele vivia e trabalhava, em Oltrarno, os casos de peste eram mais frequentes. Ciente de que quem sobrevivia à peste não contraía de novo a terrível enfermidade, continuou avançando. O cheiro de excremento de vaca e

argila úmida que se desprendia de alguns fornos misturava-se ao ar fresco da manhã.

Um edifício gigantesco, o palácio que Lucca Pitti estava construindo, contrastava com os cortiços ao redor, onde mulheres fiavam e teciam roupas por encomenda dos comerciantes ricos, enquanto os filhos brincavam seminus nos charcos deixados pelas chuvas.

Mauricio entrou na igreja do Santo Spirito, a primeira em que rezara ao chegar a Florença dois anos antes. Em seguida, retomou o passeio até deixar Oltrarno para trás. Mais além, o campo e o arvoredo apareciam salpicados de casinholas isoladas. Mauricio respirou fundo e continuou andando até chegar a um prado verde de onde se avistavam, em todo o seu esplendor, as colinas circundantes. Enquanto admirava tamanha beleza, algo inefável aconteceu.

Mauricio começou a tomar consciência de que uma coisa estranha ocorria em seu íntimo. Já durante a caminhada tivera a sensação de estar despertando de um longo sonho. Agora, sentia como se começassem a cair véus que haviam toldado sua visão a vida inteira. Não conseguia descrever aquele processo, no qual uma parte de seu ser lembrava a própria divindade repleta de luz, sabedoria, amor e poder. Parecia um círculo de luz vindo de outra dimensão – e esse círculo era ele!

De algum modo, Mauricio era o personagem de uma peça de teatro, mas também o ator que aprendia com a representação. Tinha sido assim desde seu nascimento. Porém o incrível era que ele se identificara tanto com o personagem que esquecera por completo o ator.

De fato, o mundo era um grande palco no qual milhões de atores interpretavam dramas e comédias. Os seres humanos levavam tão a sério seu papel que acreditavam realmente que fossem apenas personagens. Isso fora planejado nas alturas, pois, do contrário, homens e mulheres não batalhariam tanto pelo que não passava de uma ficção. E era essa mistura de alegria, dor, esperança e medo que ensinava coisas valiosíssimas. Por exemplo, conservar a fé em meio à treva era uma atitude admirável, como também o era combater pela verdade mesmo à custa da própria vida. Ou continuar se esforçando apesar dos temores e das dúvidas que atormentavam o personagem. Ou, ainda, errar e reconhecer o que trazia dor à própria pessoa e aos demais. Todas as experiências serviam ao círculo de luz superior, que absorvia as vivências humanas. E, dentro da maravilha, outra surpresa imensa: esse centro de luz havia estagnado em sua viagem sem fim. Feliz e contente, porém paralisado,

sem saber como prosseguir na travessia até Deus. E era com base em suas experiências mundanas que pretendia dar um passo à frente e continuar avançando!

Mauricio se lembrou da conversa sobre o mito da caverna de Platão, que ouvira na vila dos Médicis. Certamente, tinha muitos pontos em comum com o que estava acontecendo. “O que consideramos real é apenas a sombra projetada pela realidade superior.” Também lembrou-se de que, na mesma passagem, o filósofo grego adverte que contemplar luz muito intensa de uma só vez pode produzir cegueira em quem esteja acostumado à escuridão.

O sol começava a declinar. Mauricio não sabia quanto tempo passara no campo. Era hora de voltar à cidade. A experiência extática havia terminado. Aquele contato com o divino enchera-o de júbilo, mas já havia se rompido a conexão com a fonte de sabedoria, amor e poder.

Cada vez mais confuso por causa dessa experiência desconcertante, alcançou os casebres que lhe revelaram estar de novo em Oltrarno. Sentiu medo e acelerou o passo para que não estivesse ali quando a noite caísse. Podia ser perigoso. Além disso, deveria falar com Lorenzo naquela tarde e, por mais que corresse, chegaria atrasado ao encontro. Um pensamento assaltou-lhe a mente: e se estivesse ficando louco? E se seu espírito começasse a delirar? Sentiu então, dentro de si, um ódio intenso – e reconheceu surpreso que era um ódio profundo por si mesmo.

– Então não estou louco? – perguntou Mauricio.
– Definitivamente, não – respondeu Elias Levi. – O que nos contou corresponde ao que seu antepassado, Abraão Abulafia, teria descrito como uma experiência extática.

Mauricio não sabia se aquela ligação com seus ancestrais judeus era um bom ou um mau indício.

– O fato de Abraão Abulafia descrever algo semelhante a minha experiência não significa que ela seja normal.

– Simplesmente – observou Lorenzo – é uma experiência que a maioria das pessoas não costuma vivenciar. Da mesma forma, nem todas são capazes de expressar a beleza por meio da pintura ou da escultura, apenas algumas contempladas com essa graça especial.

Mauricio se sentia mais reconfortado por ter dito a Lorenzo e Elias o que lhe acontecera. Ambos ouviram sem dar a entender que o consideravam louco. Ainda assim, ele não se sentia totalmente tranquilo.

– Mas por que ocorreu isso comigo? – perguntou.

– De acordo com Abraão Abulafia, são muitas as circunstâncias que podem desencadear as experiências extáticas – explicou Elias. – Por exemplo, a observação das letras hebraicas dispostas de certa maneira. Ou algo mais simples, como a contemplação da natureza, a música, a dança e até o ato amoroso com a pessoa amada.

Mauricio ficou pensativo. Na tarde anterior, a música interpretada por Marsílio e Leonardo o induzira a um doce relaxamento. À noite, fundira-se com a esposa em uma união de amor sem igual. E passara aquela manhã

admirando a natureza. Por pura coincidência, havia praticado várias das técnicas recomendadas por seu ancestral. Ou seria mero acaso?

Mauricio passeou os olhos pelo luxuoso aposento em que estavam. No alto, um afresco de cores vivas mostrava anjos e figuras mitológicas em meio a nuvens e jardins. As paredes, forradas de tapeçaria vermelha, exibiam quadros esplêndidos, com molduras douradas. Vários brasões da família do Magnífico pendiam do teto, escalonados harmonicamente. E foi então que Mauricio percebeu a geometria oculta por trás das seis bolas do escudo dos Médicis!

– As seis bolas, unidas, formam a figura da estrela judaica! – exclamou, sem pensar.

– Alguns afirmam que elas representam as seis amolgaduras recebidas pelo broquel de um antepassado nosso, em luta contra Carlos Magno – aventou Lorenzo. – Outros, que não passam de pílulas medicinais, uma lembrança de nossas origens como boticários. E há quem veja nelas besantes, moedas bizantinas, que nos relacionam com a corporação da arte do câmbio. Porém você é o primeiro a me dizer que formam a estrela de Davi.

– E formam mesmo – replicou Mauricio. – Basta uni-las assim – acrescentou, traçando linhas imaginárias com os dedos.

– Tem razão – admitiu Lorenzo –, embora, para mim, a estrela de Davi não seja um símbolo exclusivamente judaico. É a expressão geométrica do equilíbrio entre o divino e o humano, entre o alto e o baixo. Se você prestar bem atenção, constitui dois triângulos superpostos. O triângulo, com seus três lados, representa o número 3. Dois triângulos, três duas vezes, perfazem o número 33, um número-chave para toda a humanidade, e não só para os judeus.

Mauricio fitou o Magnífico. Aquele homem sabia mais do que revelava. No entanto achou melhor não lhe perguntar nada, já que de maneira alguma Lorenzo acrescentaria algo sobre o que não considerava oportuno discorrer. O Magnífico aproximou-se dele e pousou-lhe a mão afetuosamente no ombro.

– Como já lhe disse há algum tempo, estou convencido de que o destino o pôs aqui por um motivo muito especial. Confiamos em você.

Mauricio se sentiu ao mesmo tempo agradecido e confuso com aquele elogio amigável e sincero.

– Por isso creio – prosseguiu Lorenzo – que acabará descobrindo o significado oculto deste anel.

Mauricio admirou novamente a joia que vendera a Lorenzo: “*Luz, luz, más luz*”.

– Não me acho capacitado a resolver um enigma assim, ainda que um de meus antepassados tenha sido guardião do anel.

– Dê tempo ao tempo – disse Lorenzo. – Tudo tem sua hora e seu lugar sob o céu.

– Há outra coisa que me preocupa bastante – confessou Mauricio.

– Que é?

– Julguei ter sentido um ódio intenso por mim mesmo logo depois de vivenciar o que Elias qualifica de “experiência extática”, e isso me inquieta. Se houvesse mesmo entrado em contato com a divindade, não sentiria apenas amor e não ódio?

– Isso tem uma explicação – apressou-se a dizer Elias. – Uma experiência isolada de comunicação com o divino não significa que tenhamos desenvolvido, em nossa personalidade, todas as virtudes próprias de um grande mestre. É algo que vez ou outra acontece a certas pessoas, sobretudo as que, como é o seu caso, ficaram muito próximas da morte por causa de uma doença. Seja como for, o que você vivenciou foi profundo e indubitavelmente trouxe luz à sua consciência. Se em seguida sentiu que se odiava foi porque esse sentimento já se escondia em seu íntimo. A única diferença é que, antes, não o percebia. Agora, foi capaz de percebê-lo. Não perca isso de vista porque não há inimigo pior que o inimigo oculto nem rival mais perigoso que o ódio por si mesmo. Se não for capaz de enfrentá-lo abertamente e vencê-lo, ele o destruirá quando você menos esperar. Lembre-se do velho ditado: “O que de dentro tirares te salvará; o que por dentro conservares te matará”.

Mauricio analisou seu comportamento após o parto da esposa. Certamente estivera à beira do desastre. Elias teria razão? Nesse caso, o que deveria descobrir a respeito de si mesmo?

– Os alquimistas – explicou o rabino – falam em transformar chumbo em ouro como uma metáfora para o difícil processo de banir nossas sombras interiores: o *opus nigrum*. Nessa tarefa, você deverá se empenhar pelos próximos anos, pois não é algo que se conquiste de um dia para o outro.

– De fato – confirmou Lorenzo. – Só quem alcança esse objetivo comunga de maneira constante com o espírito de Deus. Os demais podem ter experiências luminosas de vez em quando, mas pelo resto do tempo caminham às cegas de um extremo ao outro.

Mauricio escutava sem assimilar bem a informação que lhe transmitiam.

– Mais uma coisa... – advertiu o Magnífico sem lhe dar tempo sequer para respirar. – Não fale sobre o que lhe aconteceu a ninguém. Poderiam tomá-lo por louco ou, o que é pior, acusá-lo de heresia.

Mauricio se lembrou da passagem da caverna sobre a qual haviam conversado tempos atrás. A quem contemplasse a luz, Platão prevenia das consequências de voltar ao interior da gruta para ensinar a verdade aos companheiros ainda acorrentados. Segundo o filósofo, todos zombariam dele. E se ousasse tentar libertá-los para conduzi-los ao exterior, seus antigos camaradas de cativeiro não hesitariam em matá-lo com as próprias mãos.

– Confiamos em você, Mauricio, nós confiamos – repetiu o Magnífico, dando-lhe um tapinha amistoso no ombro.

A Piazza Santa Croce estava apinhada de gente no primeiro domingo de setembro. Lorenzo decidira conservar o estado de euforia induzido por seu regresso triunfal de Nápoles oferecendo inúmeros espetáculos gratuitos ao público. Sua vontade de agradar ao *popolo minuto* era tamanha que organizara pela primeira vez partidas públicas de *calcio*, um esporte que fascinava Luca, mas que, em sua opinião, devia ser reservado apenas ao recreio das classes altas em seus jardins. Permitir que os pobretões dos bairros marginais jogassem naquela praça magnífica era ir um pouco longe demais. A quadra para o jogo fora coberta com areia do Arno e, de ambos os lados, ergueram-se arquibancadas de madeira. Luca Albizzi e Maria Ginori ocupavam um dos camarotes de onde as famílias importantes podiam desfrutar o espetáculo confortavelmente sentadas.

Um jogador do Santa Croce deu um chute na bola, que voou sobre o campo até outro companheiro recebê-la e disputá-la duramente com os adversários. Foi logo agarrado por um dos integrantes do Santo Spirito, enquanto outro lhe aplicava um forte pontapé no estômago. A bola escapou lentamente das mãos do jogador agredido antes que ele caísse no chão. O público vibrou, uns aplaudindo, outros vaiando a jogada.

– Esse esporte não é violento demais? – perguntou Maria Ginori.

– Deixe-me assistir ao jogo e não me distraia – recriminou Luca. – Já lhe expliquei tudo antes. As regras são poucas, e é impossível que você não se lembre delas. Os 27 jogadores de cada equipe têm de conduzir a bola, de qualquer maneira, ao lugar marcado no campo adversário. Só são proibidos os socos e os pontapés no baixo-ventre.

Em alguns aspectos, Maria era um pouco tola, pensou Luca. No entanto, ao menos era obediente e nunca o contrariava.

O árbitro havia apitado falta, e o jogador do Santa Croce teve de ser substituído.

Ah, se na vida fosse tão fácil fazer mudanças! – suspirou Luca. Quase sempre tudo dependia da sorte. Lorenzo de Médici era, sem dúvida, o garoto mimado da fortuna. Depois do acordo com Nápoles, também o papa estava disposto a reconciliar-se com ele em troca de algumas concessões de menor importância. A culpa desse impasse era dos turcos, que com suas ousadas incursões haviam conseguido o impossível: a península Itálica tivera de esquecer suas guerras internas para unir-se contra o inimigo comum. Justamente o que Lorenzo sempre propusera! Agora era inútil contar com uma mudança de regime, de modo que só lhe restava continuar vegetando e adulando os Médicis para conseguir seus favores.

Um jogador do Santo Spirito corria com a bola nas mãos quando um grandalhão do Santa Croce alcançou-o e, por trás, deu-lhe uma rasteira brutal. E, quando o outro já estava no chão, esse deu-lhe uma pisada no tornozelo. O público gritou apaixonadamente enquanto cinco jogadores do Santo Spirito se atiravam contra o agressor. Num instante, formou-se uma confusão inominável.

– Que horror! – exclamou Maria.

– Chega de reclamar! – gritou Luca, fora de si. – Eu a trouxe aqui para que desfrutasse do espetáculo, não para ouvir suas queixas e lamúrias.

Às vezes Maria era tão insuportável... Luca voltou a se concentrar no jogo. O Santo Spirito contava em suas fileiras com batedores e cardadores de lá: não tinham muita técnica, mas eram os mais violentos, irresponsáveis e selvagens – ou seja, traziam para o campo de jogo sua vida cotidiana. Luca não torcia por nenhuma das duas equipes, e sim pelo Sant Giovanni, de seu bairro, que enfrentaria depois o vencedor da partida em andamento. Desta, só esperava uma coisa: que o maior número de jogadores se machucasse. Observou a arena com satisfação.

O árbitro não conseguira impor a ordem, e os jogadores continuavam trocando socos. A partida mal havia começado, e seu início fora tranquilo. Luca relanceou o olhar, suspirando, para o rosto silencioso e resignado da esposa. Gostava de exibi-la no camarote, com suas melhores roupas; porém, se

ela mantivesse aquele comportamento estúpido, ameaçaria deixá-la em casa na próxima vez.

O sol mergulhava no horizonte naquele primeiro domingo de setembro e a festa logo iria começar. Lorena caminhava de mãos dadas com Mauricio entre os jardins da Villa Careggi, a magnífica propriedade de Lorenzo de Médici, situada estrategicamente perto da colina de Monterivechi.

Durante o verão, Lorena e o marido se tornaram convivas habituais das celebrações da vila, fato que sem dúvida aumentara seu prestígio social. Até sua família já olhava Mauricio com outros olhos! Porém Lorena não comparecia unicamente pela honra de estar entre os favoritos do Magnífico; queria também se divertir ao máximo nessas ocasiões.

Em geral, o jardim se cobria de tochas que iluminavam as numerosas mesas dos convidados. A comida era sempre deliciosa, e o tempo favorecia a conversação. As noites cálidas e estreladas propiciavam um ambiente de sonho que envolvia as reuniões. Depois da ceia, liam-se versos, alguns dos quais de autoria do próprio Lorenzo, que além de anfitrião perfeito era um grande poeta. Em seguida, os ouvintes comentavam os poemas: um dos momentos preferidos de Lorena, já que os oradores costumavam expor ideias tão belas quanto originais. Animavam a festa acrobatas, malabaristas, saltimbancos e engolidores de fogo que Lorenzo nunca deixava de contratar. E, em todas as ocasiões, uma orquestra sempre pronta a tocar quando os convidados queriam dançar completava o programa.

– Acho melhor você não dizer nada hoje a Lorenzo sobre o negócio que pretende iniciar com Bruno – sussurrou Lorena ao esposo quando se aproximaram da mesa.

– Por que não? Bruno sempre tem ótimas ideias. Lembra-se dos sacos de amêndoas que tanto insistiu para comprarmos? Ao fim, resultou num excelente investimento, embora alguns sacos molhados durante a viagem de barco tenham sido perdidos.

– Hoje é dia de festa – replicou Lorena. – É quando, como você bem sabe, Lorenzo prefere discorrer sobre arte, amor, literatura, relacionamentos, filosofia ou mesmo algum tema banal tratado com humor... Creio que seria mais elegante falar-lhe de negócios amanhã. Não será necessário que ele também entre com parte do dinheiro? Então não o aborreça esta noite com assuntos comerciais. O importante, Mauricio, é tocar o coração das pessoas. O resto, até dinheiro, vem de acréscimo.

– Sim, talvez você tenha razão – concordou Mauricio.

Lorena exultava de felicidade. Sentia-se ainda mais apaixonada pelo marido; fazia três meses que estava grávida, e a paz se instalara entre ambos. Não bastasse isso, Mauricio começava a construir um futuro muito promissor no seio de uma sociedade tão difícil quanto a florentina. Já conhecia o sócio do marido, Bruno, que lhe parecera um homem de mente aberta e talentoso para os negócios. A combinação era sem dúvida ideal. Bruno contribuía com sua experiência acumulada no mundo financeiro e Mauricio colaborava propiciando os melhores contatos. Felizmente, suas inquietações intelectuais e artísticas permitiram-lhe integrar-se com naturalidade à aristocrática família platônica que rodeava Lorenzo de Médici: Giorgio Antonio Vespuccio, Luigi Pulzi, Sandro Botticelli, Agnolo Poliziano, Paolo del Pozzo Toscanelli e Marsílio Ficino eram apenas alguns dos ilustres nomes com quem Mauricio convivia habitualmente.

Até o último inimigo, a peste, cedera quase por completo, apesar do calor daqueles dias. Continuava espalhando-se em alguns lugares, mas Lorena tinha certeza de que, com a chegada do frio, ela se extinguiria. Ninguém ignorava que, de tempos em tempos, eclodia um surto; era uma enfermidade crônica que aparecia e desaparecia periodicamente. Dois anos seguidos podiam ser considerados excessivos. Já era hora de a praga se afastar definitivamente de Florença e seus arredores.

Tudo ia maravilhosamente bem, e Lorena não podia acreditar que algo ruim pudesse acontecer.

SEGUNDA PARTE (1492-1498)

Doze são os signos do Zodíaco.
Doze, os planetas que nos regem.
Doze são as tribos de Israel.
Doze, os apóstolos escolhidos.
Doze são os trabalhos de Hércules.
Doze, as provas pelas quais passa o homem.
Doze anos é tempo suficiente para que um mundo desmorone.

Florença, 5 de janeiro de 1492

“O sétimo anjo derramou seu cálice nos ares. E, do santuário, saiu uma grande voz que dizia: ‘Está feito’. Deus se lembrou de Babilônia, a grande, para lhe dar de beber da taça de sua ira terrível. Afundaram-se as ilhas, os montes desapareceram e pedras enormes de granizo, como talentos, caíram do céu sobre os homens...”

A voz de Girolamo Savonarola trovejou na catedral de Florença, sobressaltando os ouvintes. O severo sacerdote lia uma passagem do Apocalipse de São João com o objetivo de relacioná-la aos inusitados acontecimentos climáticos das últimas semanas. Tempestades formidáveis não apenas destruíam árvores e searas como fustigavam a cidade. As casas ficaram cobertas de neve até o primeiro andar, enquanto, nos telhados, a água congelada formava imensas stalactites que pendiam do alto em cascatas. A neve do chão, transformada em gelo sujo e escorregadio, dificultava o trânsito habitual de carretas, cavalos e mulas. Naqueles dias, a luz durava menos que um pai-nosso e os ventos glaciais ameaçavam forjar uma aliança perene com a obscuridade. Um medo reverente pulsava nos corações dos florentinos, e Savonarola tudo fazia para garantir que esse temor a Deus perdurasse no íntimo de cada um deles.

O medo – ponderou Lorena – era uma paixão fácil de incendiar. Bastava que as pessoas calculassem o que poderiam perder: o respeito da opinião alheia, o amor, a vida, o patrimônio... Lorena tinha muitos motivos para temer, pois os últimos anos haviam sido pródigos em dádivas. A riqueza se instalara em sua casa, estava cada vez mais apaixonada por Mauricio e Deus os abençoara com

três filhos maravilhosos. Contudo, ultimamente, maus presságios vinham assaltando sua mente com frequência. Talvez o aborto natural sofrido meses antes fosse consequência de o vento ter começado a soprar em outra direção. E talvez o eco que as palavras de Savonarola encontravam no íntimo dos florentinos fosse um augúrio dos novos tempos por vir.

– Acaso vocês acreditam que as Sagradas Escrituras sejam uma obra de ficção como as do tal Sófocles, a quem muitos admiram mais que aos profetas? – perguntou Savonarola, postado no alto púlpito da catedral. – Não! De modo algum! Quando os profetas falam da praga de granizo, referem-se a uma realidade palpável. As árvores se despem de frutos, os campos perdem as colheitas, as pessoas morrem de fome... Vocês não podem pecar levemente e supor que deuses pagãos os protegerão de suas más ações. Não ousem ser astutos com o Senhor. Ou vocês estão com Ele ou contra Ele. Já disse Jesus Cristo: “Quem tiver sua casa dividida perecerá”. É possível servir a dois senhores ao mesmo tempo? Mesmo o cidadão mais ilustre de Florença não pode adorar a Deus durante o dia e agradar ao diabo durante a noite. Porque a morte chega como um ladrão, quando menos se espera.

Lorena não deixou de perceber que a referência ao homem mais ilustre da cidade era uma alusão a Lorenzo de Médici. Em breve, faria doze anos que ele havia regressado triunfalmente de Nápoles. Na época, ninguém se atreveria a insinuar algo parecido em público. Hoje, no entanto, um sacerdote se permitia censurar o Magnífico em plena catedral de Florença! Girolamo Savonarola era um homem baixo, de compleição nervosa. De lábios grossos como os de um peixe, enorme nariz em forma de gancho e fronte estreita, talvez os olhos grandes e as sobrancelhas espessas fossem os únicos traços atraentes naquele rosto. Por algum motivo inexplicável, sua simples presença inflamava as emoções de quem o ouvia – não tanto pelo conteúdo de suas palavras, mas pela força invisível que acompanhava seu discurso. A inabalável convicção com que falava produzia, por efeito de simpatia ou contágio, a mesma certeza nos ouvintes. Era quase impossível escutá-lo pregar no púlpito e discordar, no foro íntimo, do que ele dizia, mesmo não compartilhando de suas visões.

Só uma força sobrenatural podia explicar a ascensão daquele padre ascético. Fazia menos de três anos que, após ser chamado a Florença, iniciara sua obscura tarefa de instrutor de noviços em São Marcos. Ali, no jardim do convento, deu palestras diárias sobre o Apocalipse aos frades com tamanha paixão que logo apareceram ouvintes seculares, alheios às ordens religiosas.

Não tardou e o público já não cabia no claustro, por mais que as pessoas se apinhassem a ponto de quase sufocar. Ante essa afluência sem precedentes, os superiores o convidaram a pregar no púlpito de São Marcos. Logo o próprio templo se tornou pequeno. A essa altura, sua fama havia crescido tanto que o povo pediu que ele fosse transferido para o Duomo de Florença. Savonarola recusou humildemente essa grande honra, mas acabou cedendo às súplicas dos cidadãos. E agora, no cenário mais impressionante da cidade, flagelava sem descanso os desorientados florentinos.

– “Em seguida, vi um anjo que baixava dos Céus” – declamou o padre, citando novamente o Apocalipse de São João. – “Tinha grande poder, e sua glória iluminou a Terra. Gritou com voz portentosa, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilônia!’. Esta se convertera em morada de demônios. Porque o vinho de sua luxúria desenfreada foi bebido por todas as nações; com ela fornicaram os reis da Terra e os mercadores se enriqueceram com sua incontida opulência. ‘Ai, ai da grande Babilônia, a cidade poderosa! Em uma hora chegou o teu castigo!’ E os comerciantes choram e se lamentam por ela, porque ninguém mais compra suas mercadorias.”

Savonarola fez uma pausa e um silêncio completo inundou a igreja. Parecia milagre que nenhuma criança chorasse e ninguém se movesse.

– Acaso pensam que São João fala desses milagres de que tanto gostam alguns? – prosseguiu o padre. – Não! Ele descreve o castigo final para os fornicadores, os hereges, os usurários e os comerciantes corruptos. Todos se consumirão na Geena, entre dores horríveis. E fiquem sabendo que o castigo desta cidade apodrecida está próximo. Quando o Senhor brandir sua espada flamejante, de nada valerão suas riquezas, seus livros pagãos não protegerão ninguém, sua sabedoria será inútil e suas melhores roupas parecerão ridículas diante da glória de Deus... Mudem! Arrependam-se antes que seja tarde! Regressem à senda do bem enquanto é tempo!

Lorena contemplou fascinada o sacerdote e sua audiência. Não muito tempo antes, mulheres e homens compareciam à catedral de Santa Maria del Fiore vestidos com suas roupas mais elegantes. Hoje, não se via uma joia ou um traje exagerado. Os ataques contínuos de Savonarola contra a vaidade e o luxo fútil haviam calado fundo entre os paroquianos, independentemente de suas convicções. Por isso, embora alguns continuassem exibindo roupas esplendorosas em festas, nem um único florentino ousava se apresentar num sermão de Savonarola com um traje que pudesse ser considerado ostentoso.

– Até os príncipes e governantes de cidades como esta são incapazes de evitar a morte na hora em que Deus bate à sua porta – asseverou o sacerdote. – A hora de Lorenzo também chegará. E, quando isso ocorrer, não pensem que vocês estarão protegidos. Aproveitem este dia para se livrarem de vícios e pecados, senão amanhã o peso de seu próprio fardo os precipitará no abismo irremediável.

Lorena não podia acreditar no que tinha ouvido. Savonarola prognosticara, de modo velado, a morte de Lorenzo diante de metade de Florença! Se isso ocorresse, o prestígio do sacerdote como profeta chegaria a alturas insuspeitadas. Que Deus não o permitisse!

Certamente os tempos estavam mudando. Mesmo com Lorenzo vivo, a influência de Savonarola era incontestável. Fazia meses que aquele asceta e o Magnífico conviviam na mesma cidade num equilíbrio instável. Lorenzo continuava detendo as rédeas do poder nas instituições governamentais, mas era Savonarola quem ia subjugando a vontade das pessoas valendo-se unicamente do dom da palavra. Mesmo no círculo mais íntimo do Magnífico, eram muitos os que apoiavam Savonarola. Por isso, aquele monge macilento se julgava intocável e podia permitir-se criticar a quem lhe aprouvesse, até mesmo Lorenzo.

Mauricio havia acompanhado Lorena à catedral de Santa Maria del Fiore, mas preferira não entrar. De algum modo, ouvir Savonarola despertava nele uma inquietação difícil de definir. Em vez disso, continuou andando até chegar à casa de seu amigo Bruno, na Via dei Pandolfini, bem atrás do Bargello, o palácio de justiça do *Podestà*.

– Que bom encontrá-lo aqui, seu velho malandro! – saudou Mauricio. – Receava que estivesse também no Duomo, escutando Savonarola.

– Você já sabe o que penso desse sacerdote. Sua influência, aumentando a cada dia que passa, não trará nada de bom para os negócios. Tamanho empenho em pregar contra o luxo nos tornará a todos mais pobres.

Mauricio examinou o longo corredor enquanto se dirigiam para o salão principal do andar térreo: piso de madeira nobre, tapetes de cores vivas, candelabros de bronze nas paredes, teto artisticamente lavrado com lâminas de ouro... Tudo havia caminhado muito bem para os dois nos últimos anos. Bruno construía aquela esplêndida mansão e ele comprara a casa de Tommaso Pazzi, de modo que já não morava nela por gentileza de Lorenzo, mas era seu legítimo dono. Mauricio e Bruno também tinham investido em vilas e propriedades no campo. Fora de Florença, os bens imobiliários eram muito mais baratos e ofereciam muitas vantagens, pois os donos cediam-nos a famílias de trabalhadores que pagavam o arrendamento entregando-lhes a quinta parte dos frutos ali cultivados. Aquele grande salto econômico fora possível graças ao comércio. Começaram com amêndoas e logo passaram para todos os tipos de produtos: azeite de oliva, pimenta, gengibre, noz-moscada, cardamomo, limão, lã, brocados, chumbo, estanho, talheres de prata... Em suma, qualquer

mercadoria que se pudesse vender a bom preço em Florença ou em outras cidades.

– É estranho ouvir tão pouco barulho em sua casa – comentou Mauricio.

– Minha mulher foi à igreja com nossos filhos e duas criadas.

– Lá encontrarão minha esposa, mas não meus filhos, que ficaram bem abrigados e protegidos em casa por Cateruccia.

– Você fez bem. Sair à rua com este frio é um ato de heroísmo, embora minha mulher fosse capaz de atravessar montanhas de gelo para não perder um sermão de Savonarola. Ela acha que ele é o novo guia de Florença e até ficou zangada comigo por eu não querer ir ao Duomo. Nós nunca discutimos tanto quanto temos discutido agora, por causa desse falso profeta.

Mauricio fitou o amigo. Desde que o conhecia, dos magros tempos da *tavola*, Bruno soubera amealhar sua fortuna: casara-se com uma bela florentina e gozava da vida com que sempre havia sonhado. Nada disso, porém, pudera evitar que lhe caíssem os cabelos. Por mais que comprasse unguentos e poções milagrosas, acabara ficando calvo. Apesar de tudo, Bruno era um homem satisfeito até com sua barriga de *bon vivant*. Porém Mauricio também tinha motivos para estar feliz, pois o destino concretizara seus sonhos, permitindo-lhe desfrutar de uma família maravilhosa, de honra, amigos e riqueza. Agradeceu mentalmente ao pai que o encaminhara para Florença, abençoando-o com seu último alento. Como gostaria de compartilhar com ele tudo o que conquistara! Consolou-se pensando que o pai se sentiria orgulhoso do que agora estava contemplando do Céu.

– E como está Lorenzo? – perguntou Bruno.

– Mal – respondeu Mauricio, preocupado.

– Receio – disse Bruno, sacudindo a cabeça – que, quando o Magnífico faltar, as coisas se tornem mais difíceis, especialmente para nós.

– Sim – concordou Mauricio. – E eu tenho certeza que Piero, o primogênito de Lorenzo, não tem por mim a mesma consideração que tem o pai dele.

– Lorenzo foi muito generoso conosco – reconheceu Bruno – ao deixar-nos usar os depósitos de seu banco em qualquer cidade. Para não falar que seus correspondentes nos facilitaram a papelada nos portos e nas aduanas. Não creio que os agentes e representantes dos Médicis continuem à nossa disposição nas diferentes localidades depois que Piero suceder ao pai.

– Tem razão – disse Mauricio –, embora o banco dos Médicis não seja mais o que era. Assim como você previu, com a direção de Francesco Sassetti, nada poderia ter ido pior. Já foram fechadas as filiais de Veneza, Avignon, Milão, Londres, Bruges, Pisa...

– Só resistem ainda – prosseguiu Bruno – as de Roma, Nápoles, Lion e, é claro, Florença. Veremos o que vai acontecer com elas.

– Felizmente, podemos nos permitir ser otimistas – garantiu Mauricio. – Do mesmo modo que acertamos abandonando o trabalho na *tavola* de Florença para nos dedicarmos ao comércio, obteremos bons lucros com o negócio de tecidos que compramos no ano passado. Se houvessem permitido que dirigíssemos o Banco Médici, com certeza ele ainda conservaria intacto seu prestígio!

– Aquela era uma batalha perdida, Mauricio. Em todos os postos-chave havia pessoas que concediam empréstimos para promoverem a si e a seus familiares, em prejuízo do banco. Que Lorenzo tenha agido assim é compreensível, pois afinal ele era o dono. Porém com os diretores de todas as *tavole* imitando seu exemplo, o surpreendente é a empresa ainda não estar falida, o que, no entanto, parece mera questão de tempo. Ao Magnífico resta o consolo de, graças aos muitos favores prestados ao papa Inocêncio, esse ter concedido a seu segundo filho, Giovanni, generosas benesses desde que foi ordenado sacerdote. Com efeito, as volumosas rendas que proporcionam a Giovanni de Médici as abadias de Passignano, Monte Cassino e Morimondo, juntamente com os benefícios das igrejas espalhadas pelas regiões de Mugello, Prato e Vale do Arno, somam uma pequena fortuna anual.

– Sem dúvida – assentiu Mauricio. – Os Médicis não passarão fome nem que seu banco jamais volte a levantar voo. Mesmo assim, Lorenzo está preocupado. O papa Inocêncio VI nomeou seu filho Giovanni cardeal quando ele tinha apenas 13 anos, o que contraria as leis canônicas. Por isso a nomeação foi secreta e Lorenzo não pôde espalhar o fato aos quatro ventos. Contudo, enquanto Giovanni não fizer 16 anos, não poderá ser proclamado oficialmente cardeal. E se acontecer algo ao papa Inocêncio, seu sucessor não estará obrigado a nomeá-lo para o cargo.

– Sobretudo porque o novo papa nada deveria aos Médicis – observou Bruno. – Seja como for, dentro de apenas dois meses, Inocêncio VI entregará o chapéu cardinalício a Giovanni.

– Exato. E ultimamente não consigo tirar da cabeça que Lorenzo está travando uma batalha perdida contra seu próprio corpo, tendo por único objetivo ver Giovanni proclamado oficialmente cardeal. A meu ver, é seu último desejo nesta vida.

– E talvez tenha razão em dar tamanha importância ao episódio – arriscou Bruno. – A nomeação conferirá grande honra não só à família Médici como a toda Florença. Além disso, quem sabe o que pode acontecer caso os Médicis ponham um pé na Igreja de Roma?

– E quem sabe o que pode acontecer com Piero, o primogênito de Lorenzo, à frente do governo de Florença? – perguntou por sua vez Mauricio.

– Em princípio, não deverá enfrentar grandes problemas, já que as famílias dominantes da cidade têm interesse em deixar tudo como está.

– Sei disso, Bruno. Infelizmente, Piero não possui nem a inteligência nem o encanto do pai. E, o que é pior, sua arrogância o impede de reconhecer a própria estupidez.

– Então não esperemos que ele seja genial como o pai. Vamos esperar apenas que não cometa loucuras. Mas, mudando de assunto, Lorenzo continua interessado na viagem que o tal Cristóvão Colombo está planejando?

– Mais que nunca. Embora prostrado no leito, dedica muito tempo e energia ao assunto. Pelo que ouvi, em breve uma comissão científica revelará se o projeto é viável ou não. O problema é que tanto os reis católicos quanto Lorenzo, segundo parece, não têm dinheiro sobrando atualmente. Contudo Luis de Santangel, um dos principais intercessores de Colombo junto à corte espanhola, está disposto a aplicar do próprio bolso 1 milhão de maravedis[10]. Mesmo assim, ainda faltaria meio milhão para financiar a expedição.

– E o banco dos Médicis emprestaria o dinheiro necessário? – perguntou Bruno.

– Talvez, se estiver com as finanças em ordem. Lorenzo, que sempre encontra soluções, convenceu alguns comerciantes florentinos e genoveses, entre os quais Gianetto Berardi e Jacobo de Negro, a formar um consórcio para fornecer o dinheiro que falta, caso o projeto seja aprovado. Combinou com Colombo que Berardi é quem aprovisionará os navios.

Ao ouvir essas palavras, Bruno pôs-se a andar nervosamente de um lado para o outro da sala. Parecia muitíssimo excitado.

– Escute-me, Mauricio, Lorenzo não dá ponto sem nó. Se, doente como está, dedica toda a sua energia a esse assunto, é porque o considera da máxima

importância. Não nos esqueçamos de que o Magnífico é um dos homens mais bem informados da Europa. Meu instinto me diz que nós também deveríamos investir nessa viagem.

– É uma aventura arriscada demais! – protestou Maurício. – Veja bem: o tal Colombo quer chegar às Índias navegando para oeste, cruzando o oceano, coisa que ninguém tentou antes. Para isso, é preciso superar inúmeras dificuldades. Primeira: a ideia toda se baseia na suposição de que a Terra seja redonda e de que, partindo em direção contrária às Índias, chegarão seguramente a seu destino. Mas e se a Terra não for uma esfera, como afirmam os sábios? Nesse caso, os navios jamais ancorarão em bom porto. Segundo inconveniente: suponhamos que, de fato, a Terra seja redonda. No entanto ninguém mediu suas dimensões. Paolo Toscanelli calculou que as Índias devem distar 750 léguas marítimas das ilhas Canárias. Cristóvão Colombo manteve correspondência com o cosmógrafo florentino e até adquiriu seu próprio mapa. Entretanto... e se esses cálculos estiverem errados? E se a Terra for muito maior? Então o audaz aventureiro, com suas naus, morrerá de fome em alto-mar. Terceiro: vamos supor que os cálculos teóricos correspondam à realidade, embora ninguém os tenha comprovado pessoalmente. Que dizer dos ventos e das correntes traiçoeiras, que ninguém conhece? Como se orientarão em pleno oceano? Sem pontos de referência na costa próxima, é muito fácil perder o rumo. E não mencionei sequer os monstros marinhos – que podem povoar aquelas águas desconhecidas. Em suma, desejo a dom Cristóvão toda a sorte deste mundo, mas não acho aconselhável arriscarmos dinheiro num empreendimento tão improvável, pois não somos nem príncipes nem potentados.

– Mas poderíamos ser! – exclamou Bruno, com ênfase e otimismo. – Atualmente, a rota das especiarias é lenta, arriscada e dispendiosa. As caravanas têm de suportar o sol do deserto, combater os piratas beduínos, pagar pedágios caríssimos a cada sultão das terras que atravessam. Chegando a Constantinopla, as mercadorias são confiscadas pelos turcos e revendidas pelo preço que eles querem. Se essas mercadorias se desviarem para o Egito, a frota veneziana exigirá um tributo exorbitante para embarcá-las em seus navios. Assim, vamos pagando religiosamente o preço imposto por sucessivos intermediários, pois que família decente cozinhará hoje sem pimenta, cravo, noz-moscada, canela ou açafrão? Se Colombo tiver êxito, a nova rota será um filão de ouro. Só precisaríamos fretar um barco em sociedade com os Negro e os Berardi para

nos tornarmos mais ricos do que jamais sonhamos. E, após várias viagens bem-sucedidas, nos sentaríamos à mesma mesa com príncipes e fidalgos.

A cabeça de Mauricio dava voltas. Palácios, capelas dedicadas à sua família, mecenato, uma vida principesca para seus filhos... Não teria mais que se preocupar com dinheiro, poderia proteger jovens artistas e, como Marsílio Ficino, dedicar seu tempo a estudar e escrever livros. Já estava convencido de que nunca se destacaria como poeta, mas rondavam-lhe a mente projetos literários originais que desejava explorar... Entretanto, devia ter o cuidado de não se deixar levar por seus sonhos, já que a honra de sua família e o futuro de seus filhos dependiam da fortuna tão arduamente conquistada.

– O que você diz, Bruno, é o mesmo que devem pensar Gianetto Berardi, Jacobo de Negro e os outros comerciantes, pois uma das exigências incondicionais para o empréstimo é que nas expedições seguintes pela nova rota eles sejam representados por um agente comercial de sua inteira confiança. Todavia você sabe muito bem que, se o empreendimento fracassar, ninguém nos devolverá um florim sequer.

– E existe lucro sem risco? – perguntou Bruno, com os olhos brilhantes. – Justamente agora, estamos na situação ideal para participar de um projeto tão ambicioso. Poderíamos oferecer a décima parte do dinheiro necessário, pois assim, mesmo que a aventura acabasse mal e perdêssemos até o último florim emprestado, continuaríamos ricos. Ao contrário, se Colombo chegar às Índias, nossa posição social dará um salto inimaginável. Portanto, como vê, não arriscaremos quase nada e poderemos ganhar quase tudo.

– Meu amigo, desse ponto de vista...

– Basta de conversa, Mauricio. Deixe o assunto comigo. Vou convencê-los a nos aceitarem como sócios cotistas do empréstimo a Cristóvão Colombo. Afinal de contas, estarão assim limitando suas perdas caso a aventura fracasse, sem deixar de ganhar fortunas caso Deus abençoe o empreendimento. Os negócios, Mauricio, são bons quando todos ganham...

– Como está Lorenzo de Médici? – perguntou Lorena, inquieta pela alusão à morte do Magnífico, insinuada por Girolamo Savonarola durante sua prédica no Duomo.

– Esta tarde, achei-o pior que nunca – respondeu Mauricio. – Ele está com os cotovelos e os joelhos muito inchados, os dedos retorcidos... Não consegue nem mesmo mexer as mãos. Também lhe saíram uns caroços na pele e até nos ouvidos.

Indiferente a essas notícias tão graves, Agostino, seu filho mais velho, brincava com as línguas de peru assadas antes de levá-las à boca. Ainda bem que seus outros filhos estavam na cama, pensou Lorena. Quando os três se juntavam à mesa, cada qual competia à sua maneira pela atenção dos pais e era impossível manter uma conversa coerente. Que Simonetta, de apenas 5 anos, já estivesse dormindo era normal. Porém Alexandra, de 9 anos, não ter conseguido resistir ao sono antes da chegada do pai podia ser considerado estranho. Como já fazia dois dias que o frio estava muito intenso, Lorena tocara-lhe a fronte para avaliar sua temperatura. Embora não parecesse ter febre, forçara-a a tomar um copo grande de leite quente com mel e Alexandra não tardara a cair num sono profundo.

– O estado de Lorenzo parece grave – comentou Lorena com preocupação –, porém eu espero que ele recupere a saúde, assim como tem acontecido tantas vezes nos últimos tempos.

– Sim, Lorenzo vem sendo incomodado repetidamente por essas crises, mas logo se recupera e retoma sua vida agitada com a energia de sempre. As dores, porém, são cada vez mais fortes e contínuas. O Magnífico ainda controla tudo,

mas me dá a impressão de que só o consegue porque uma vontade indomável domina um corpo que não quer continuar trabalhando. Por isso, muitas vezes, tem de limitar-se a dar instruções sem sair da cama.

– Rezaremos por Lorenzo – disse Lorena. – Sinto muita pena dele por sofrer dessa maneira. Foi tão generoso conosco e nós lhe devemos tanto...

Lorena tinha muita consideração por seu marido. Não ignorava, porém, que sem o apoio incondicional do Magnífico ele jamais teria conseguido realizar aquela ascensão meteórica no seio da sociedade florentina. Lorenzo o presenteara com amizade, proteção, influência e apoio em seus empreendimentos. Bruno revelara extrema habilidade nos negócios e sugerira ótimas ideias, mas essas, sem Lorenzo, não passariam de projetos irrealizáveis.

– Viu as fogueiras na rua? – perguntou Agostino. – Foram acesas por uns estrangeiros que gritavam muito. Quem eram eles?

– Agostino, não fale de boca cheia! – repreendeu-o Lorena.

Aos 11 anos, era um garoto bem bonito, fiel reflexo do pai, porém seu cabelo era encaracolado e rebelde como o da mãe. Contudo ela não poderia deixá-lo fazer o que quisesse só porque o considerava uma verdadeira preciosidade. Para Lorena, era muito importante que o filho adquirisse as maneiras de um príncipe, e isso ela iria conseguir custasse o que custasse. Se Mauricio havia aprendido ter bons modos à mesa, Agostino também aprenderia.

– Espanhóis residentes em Florença – esclareceu Mauricio, após a reprimenda. – Conversei com eles à porta do Palácio dos Médicis. Estão comemorando as últimas notícias: conquistaram Granada e expulsaram todos os mouros que viviam ali.

Sem motivo aparente, Lorena teve de súbito um mau pressentimento. Nas duas últimas noites, uma chuva fina que se congelava ao cair cobrira com enormes blocos de gelo pontiagudos as plantas do campo. A quantidade de cristais era tamanha que fazia as árvores vergarem quase até o chão. Muitos carvalhos e castanheiras tinham sido arrancados pelas raízes. Aquela chuva terrível, começando em Fiesole, estendera-se a Mugello, San Godenzo e Dicomano, partindo todos os ramos de oliveira encontrados pelo caminho. Sem dúvida, era um péssimo augúrio. O ramo de oliveira sempre fora um símbolo de paz, vitória, vida... Lorena gostaria de estar equivocada. No entanto era possível que, após doze anos de vacas gordas, as vacas magras estivessem a ponto de chegar.

– Os dias de Lorenzo estão contados – anunciou Pietro Manfredi. – Aposto dois contra um que não chegará vivo ao verão.

Luca permaneceu em silêncio. Não sabia se Pietro recebera a notícia por causa da indiscrição de algum médico ou se, ao contrário, havia desempenhado um papel na evolução da enfermidade do Magnífico por meio de um veneno de ação lenta. Não tinha intenção de perguntar. Quanto menos se sabe de alguns assuntos, melhor, concluiu.

– Felizmente, os tempos mudaram muito desde que Lorenzo voltou triunfante de sua viagem a Nápoles – observou Luca. – Não há dúvida de que os sermões de Savonarola trouxeram ar fresco para esta cidade. Pois se chegou a acusar Lorenzo do púlpito, apresentando-o como um tirano que aboliu as liberdades em Florença!

– Era do que precisávamos – disse Pietro. – Graças a Savonarola, as ideias que com tanto esforço Lorenzo quis impor estão caindo em descrédito, sem necessidade de canhões ou espadas.

Luca se lembrou de que, tempos atrás, Pietro afirmara ser inútil matar alguém se isso o convertesse em herói por toda a eternidade: para combater as influências malignas de Lorenzo, precisaria ter paciência. Insinuara mesmo que havia um plano de longo prazo para alcançar tal objetivo. Savonarola estaria implicado? Luca nem pensava em perguntar-lhe isso. Sabia da existência de uma sociedade secreta à qual transmitia toda informação obtida por intermédio de Pietro Manfredi. Mais nada. Pelas conversas que mantivera com Pietro, estava convencido de que as ideias desse e da misteriosa sociedade coincidiam plenamente. Porém Pietro jamais lhe revelara o nome de qualquer

dos membros nem lhe sugerira que seu papel pudesse ir além do de um simples informante. Com o tempo, Luca passara a aceitar essa realidade com alguma complacência, pois preferia desconhecer certas coisas. Não era de sua conta o que pudessem fazer com a informação que ele fornecia. Em contrapartida, Pietro lhe indicara ao longo dos anos diversas oportunidades comerciais que sempre lhe haviam proporcionado bons lucros. Nunca mais vira Leoni e ninguém lhe reclamara um florim sequer dos dois mil que recebera. Até agora não podia queixar-se de nada, já que a única coisa que tinha de fazer era conversar com Pietro, a quem já considerava um amigo.

– Infelizmente, Savonarola não poderá evitar – disse Luca, reatando a conversa – que Giovanni de Médici chegue a ser cardeal. Que vergonha! Seu pai lhe designou como preceptor o humanista Poliziano desde a mais tenra infância. Até a esposa de Lorenzo lamentou que um mestre tão pouco apostólico fosse o responsável pela educação do filho. Esse Giovanni deve ter a alma mais pagã que cristã. E, se for nomeado cardeal, poderá chegar a ser papa!

– Se o papa Inocêncio não morrer antes de oficializar a nomeação – ponderou Pietro. – Tenho ouvido que sua saúde também não é lá muito boa. Caso o novo pontífice seja adversário dos Médicis, poderá não nomeá-lo como cardeal.

– Queira Deus – limitou-se a comentar Luca.

– Esperemos que, quando a Providência decidir o momento oportuno para promover uma mudança no trono de São Pedro, o próximo vigário de Cristo não se mostre tão favorável aos Médicis.

– Tomara que seus desejos se cumpram, pois, segundo parece, Lorenzo enfeitiçou o papa Inocêncio. Com efeito, esse declarou publicamente que Lorenzo é a balança que mantém em equilíbrio toda a Itália!

Luca sentiu uma onda de raiva subir-lhe do estômago à cabeça. Odiava os Médicis e tudo o que representavam! Se um adventício estrangeiro como Mauricio subira tanto na vida, superando-o em prestígio e riqueza, fora exclusivamente graças ao favoritismo com que Lorenzo o tratara. Uma grande amargura invadia Luca quando pensava que um João-ninguém como Mauricio era constantemente convidado às festas e celebrações dos Médicis, como se fosse um grande personagem, enquanto ele, um Albizzi, era tratado com mera cortesia. Durante anos tivera de suportar essa ofensa fazendo boa cara. Porém esperava que a morte próxima de Lorenzo lhe permitisse vingar-se das muitas afrontas recebidas.

– Sim, muita gente exaltou injustamente Lorenzo – concordou Pietro. – Tenho, porém, a esperança de que este ano de 1492 nos reserve várias mudanças e surpresas.

Mauricio fitou Lorenzo com preocupação: continuava estirado na cama, em seu quarto, com o rosto muito pálido. Realmente, o Magnífico devia estar impossibilitado de mexer-se; do contrário, desceria sem dúvida alguma ao andar térreo do palácio, onde se celebrava uma das festas mais suntuosas de que Mauricio conseguia se lembrar. Com efeito, naquele dia, 10 de março de 1492, Giovanni, o segundo filho de Lorenzo, havia recebido o chapéu cardinalício das mãos do papa, na abadia de San Domenico.

– Mandei chamá-lo – disse Lorenzo – porque há algo que quero entregar-lhe.

Mauricio ficou estupefato quando Lorenzo lhe devolveu o anel que ele trouxera de Barcelona catorze anos antes.

– Mas, Lorenzo, é seu! – protestou Mauricio.

– No lugar para onde vou, não poderei usá-lo. Além disso, tenho vários motivos de peso para tomar essa decisão. Primeiro, estou convencido de que, tão logo eu morra, os resplandecentes roubarão este anel do palácio.

– Os resplandecentes! – exclamou Mauricio. – Fazia anos que não falávamos sobre eles.

– Sim, os resplandecentes – murmurou Lorenzo. – Uma organização tão secreta que é impossível saber quem a integra e quais são seus planos. Só conseguimos descobrir que se declaram seguidores de Luzbel, o anjo caído. Em suas altas esferas, os líderes poderão estar em contato, por meio da magia negra, com os anjos rebelados contra Deus. Em seus níveis inferiores, há membros que os servem sem saber sequer quem são seus amos e as intenções deles. Entre esses últimos estavam dois criados que tentaram surrupiar-me o

anel. Fizemos de tudo para que falassem, mas não possuíam nenhuma informação relevante. Um forasteiro os aliciara, prometendo-lhes uma fortuna caso alcançassem seu objetivo. O estrangeiro, porém, desapareceu da cidade sem que pudéssemos prendê-lo e esclarecer o caso. Conto-lhe isso porque protegi o anel como se fosse meu próprio filho e duvido que Piero, meu primogênito, seja capaz de fazer a mesma coisa quando eu me for.

– Por que pensa assim? – perguntou Mauricio, embora já soubesse a resposta.

– Digamos que Piero tenha grandes habilidades atléticas. Gosta do *calcio*, da caça, das corridas de cavalos... Infelizmente não herdou a cabeça de meu avô, o ilustre Cosimo. Giovanni, meu segundo filho, não é mais brilhante. Por isso era imprescindível que obtivesse o chapéu cardinalício. Você sabe como são as coisas em Florença. Hoje um homem é o primeiro dos cidadãos e amanhã o condenam ao desterro. Contudo, Florença ama os Médicis: os negócios vão bem, o pão está barato, as artes florescem, não faltam festas... Sim, Savonarola me acusa de ser um tirano, mas o povo se mostra satisfeito com nosso governo. Entretanto as circunstâncias podem mudar muito rapidamente, arruinando os Médicis. Por isso me esforcei tanto e mantive esperanças de que Giovanni fosse nomeado cardeal. O poder da Igreja é enorme e finalmente meu segundo filho pertence a essa força. Mas me desculpe, perdi o fio da conversa por causa da emoção que sinto ao ver meu desejo realizado. Como dizia, quando eu me for, e agora que meu antigo chefe de espões Xenofon Kalamatiano já está morto, creio que este anel irá parar nas mãos dos resplandecentes, a menos que eles ignorem completamente onde ele está. Assim, é você quem deve guardar a esmeralda. Não conte a ninguém que ela está em seu poder, nem mesmo à sua esposa. Desse modo, todos pensarão, até os resplandecentes, que algum gatuno a furtou de meu leito de morte. Ninguém imaginará que voltou às suas mãos.

Lorenzo ditava suas últimas vontades. Parecia incrível que aquele corpo maltratado fosse o do Magnífico. Desde que Mauricio o conhecia, Lorenzo era um excelente cavaleiro, caçador e desportista. Sua musculatura e seus gestos combinavam a força do atleta com a graça do bailarino. Todavia, nos últimos tempos, a enfermidade o minara de tal maneira que suas articulações inchadas o impediam até de andar. Tinha 44 anos e estava prestes a morrer. Em nome da amizade que lhe dedicava, Mauricio devia atender da melhor maneira possível a seus pedidos.

– Você disse que tinha diversos motivos para me devolver o anel – disse Mauricio, que desejava saber mais a respeito daquela atitude de Lorenzo.

– Sim. O que lhe contei é só metade do problema: evitar que o anel caia em mãos indevidas. A outra metade fechará o círculo quando o anel servir a seu propósito. Também aí sua participação será decisiva: quero que o devolva a seus legítimos proprietários.

– E por que eu? – perguntou Mauricio, surpreso.

– Recentemente, averigui que, séculos atrás, os verdadeiros donos do anel, submetidos a uma perseguição feroz, resolveram entregá-lo em depósito a uma pessoa de sua inteira confiança, para que os resplandecentes não se apossassem dele. O ardil funcionou, pois os inimigos jamais suspeitaram do escolhido: seu ancestral Abraão Abulafia, que se comprometeu a devolvê-lo quando as circunstâncias fossem propícias. Porém ele morreu e seus descendentes preferiram não se privar de um objeto tão valioso. Mais uma vez, a avareza venceu o coração.

– E você quer que eu repare uma injustiça histórica devolvendo a esmeralda a quem nunca devia ter deixado de guardá-la.

– Exatamente. Não posso entregar uma joia tão valiosa nem mesmo aos mensageiros mais fiéis. Também não confio em ninguém de minha família, nem em meus filhos. É muito difícil renunciar a este anel, bem sei. Por isso o confio a você em meu leito de morte, pedindo que jure cumprir o prometido. Hoje mesmo meus melhores emissários partiram para o sul da França com a missão de transmitir uma mensagem ao dono da esmeralda. Ele entenderá tudo e entrará em contato com você para lhe informar de que maneira você irá devolver-lhe o que lhe pertence.

– Isso na hipótese de que eu consiga conservar o anel e minha própria vida. Creio estar certo ao deduzir que quem perseguiu e pressionou os legítimos proprietários da esmeralda, séculos atrás, foram os resplandecentes, os mesmos que agora você teme ver de posse dela após sua morte. Devem ser temíveis. Durante muito tempo, a joia permaneceu oculta, longe de seu alcance. No entanto, tão logo ela voltou a brilhar à luz do dia, ressurgiram das sombras para tentar roubá-la. Não é preciso ser muito inteligente para concluir que, se ainda não alcançaram seu objetivo, foi graças à sua extraordinária astúcia e ao seu poder.

– Poder e astúcia que, contudo, não evitarão meu enterro. Temo que a morte de meu fiel chefe de espões, Xenofon Kalamatiano, tenha permitido aos

resplandecentes infiltrar-se em minha cozinha. Acho que ministraram em mim um veneno de ação tão lenta e em doses tão pequenas que seus efeitos só se fizeram notar quando já era tarde demais.

– Nesse caso, só estarei a salvo enquanto os resplandecentes não descobrirem que o anel voltou às minhas mãos.

Lorenzo meneou a cabeça antes de responder:

– O perigo da morte é inseparável da vida, como o risco de sofrer é inerente ao amor. Na verdade, desconheço o grau de poder desses seguidores de Luzbel. Porém uma coisa eu sei: Deus tem o número de todos os cabelos de nossa cabeça e nenhuma folha de árvore se move contra a sua vontade. Não consigo falar mais. Aceita?

Lorenzo, como sempre, não dava margem a objeções. Mauricio lhe devia muito para negar-se, por perigosa que fosse sua proposta. Pegou o anel e guardou-o na bolsa de couro que pendia de seu cinto. A pedra voltara às mãos da família de Abraão Abulafia.

Lorena andava nervosa pela casa, esperando o marido, enquanto repassava mentalmente os fatos prodigiosos ocorridos em Florença naquele começo de abril. Três noites antes, um raio partira a claraboia da cúpula do Duomo, fazendo com que grandes blocos de mármore caíssem na rua e no próprio pavimento da igreja. Toda a cidade de Florença interpretara aquilo como o anúncio de que algo de extraordinário logo iria ocorrer, pois, quando o raio caiu, o tempo estava bom e não se via uma só nuvem no céu. Espalhou-se pela cidade o boato de que havia um gênio escondido no anel preferido do Magnífico. Os que acreditavam nisso garantiam que o fabuloso gênio havia tomado a forma de um raio para fugir da pedra incrustada no anel de Lorenzo. Como se isso não bastasse, no dia seguinte, os leões do zoológico situado atrás do palácio da Signoria haviam brigado. Em consequência da luta, o leão mais belo, o preferido de todos, sucumbira destroçado pelos rivais. E, naquela mesma manhã, uma mulher enlouquecida interrompera a missa em Santa Maria Novella, profetizando aos berros que um touro de fogo incendiaria a cidade.

Aquilo era absolutamente inusitado e não pressagiava nada de bom. Por isso, quando Cateruccia avisou que seu marido havia chegado, Lorena se sentiu imensamente aliviada.

– Onde você se meteu? – perguntou ela. – Já é tão tarde que os meninos foram dormir.

– Nosso grande amigo Lorenzo de Médici faleceu em sua vila de Careggi.

Lorena recebeu a notícia com enorme pesar. Então os sinais fatídicos dos últimos dias estavam anunciando a morte do Magnífico...

– Contaram-me – disse Lorena – que, ontem, ele mandou chamar Savonarola à vila de Careggi.

– É verdade – confirmou Mauricio.

– Isso significa um último triunfo para o monge ou, pelo menos, é o que as pessoas dirão. Os dois eram inimigos mortais, representantes de dois modos diametralmente opostos de encarar a vida. Na cidade, vão comentar que, no fim, Lorenzo, reconhecendo que Savonarola estava com a razão, quis se confessar a ele como prova de arrependimento.

– Eu não estava na vila de Careggi, por isso não posso relatar o que de fato aconteceu. Porém Lorenzo já havia se confessado e recebido a extrema-unção quando chamou Savonarola para junto de si. É provável, pois, que o tenha feito por outro motivo. Em minha opinião, conhecendo Lorenzo, acho que quis conversar com o monge para concluir um pacto de não agressão contra seu filho Piero, o herdeiro destinado a governar Florença. O Magnífico tinha a política e a família no sangue. Pessoalmente, acredito que tenha tentado um acordo com o inimigo aproveitando a circunstância de estar no leito de morte. Savonarola jamais romperia um pacto selado em semelhante situação.

Lorena achou que seu marido devia estar certo. Era bem típico do Magnífico aproveitar as circunstâncias mais difíceis para obter vantagens inesperadas. Ousara mesmo ir a território inimigo, em Nápoles, para convencer ali seu adversário, o rei Ferrante, de que era urgente firmar a paz. O que teria oferecido então ao ascético sacerdote para impedi-lo de continuar seus ataques do púlpito? Lorena duvidava que ele tivesse conseguido dobrar aquele frade visionário, mas era admirável que houvesse lutado até o último alento. Com o passar dos anos, ela começou a nutrir um grande carinho por Lorenzo. Sem dúvida, ele era um homem público bem acima dos demais, porém sempre se mostrava encantador, sobretudo com eles. Deviam muito a Lorenzo. Se Mauricio conseguira se tornar uma figura respeitada em Florença, era porque o Magnífico o protegera com seu manto. Lorena agradeceu a Deus as bênçãos com as quais tinham sido presenteados e rogou para que o amigo já estivesse no Céu. No entanto, ainda assim, a alma de Lorenzo lhe causava certa inquietude.

– Mauricio, às vezes penso que o filho do rei Davi tinha razão ao lamentar que tudo que brilha neste mundo sob a luz do sol seja apenas vaidade e corrida atrás do vento. Justamente hoje li suas palavras no Eclesiastes e me lembrei de Lorenzo. Por 23 anos ele foi o primeiro cidadão de Florença, o mais ilustre,

talvez o mais celebrado de toda a Itália. Agora está morto e seu antigo poder já não é nada. Será pesado pelo fiel da balança, como qualquer um de nós, para se determinar seu destino: o Céu ou o Inferno. Rezo para que, esta noite, se sente à mesa de Deus Pai. Entretanto, para se manter no poder por tanto tempo, Lorenzo teve de praticar ações que não podem ser bem vistas aos olhos do Senhor.

– Compreendo – disse Mauricio. – De que vale ao homem conquistar o mundo e perder sua alma? Não é assim? Sobre esse assunto, conversei com Lorenzo em pelo menos duas ocasiões. Seu ponto de vista era que a luta pelo poder ignora a piedade. Ou você é superior ou o destroem. Ele, particularmente, preferia dedicar-se à poesia e à arte, mas isso era impossível. Tinha só 20 anos quando o pai morreu e tanto sua família quanto os favorecidos pela influência dos Médicis lhe imploraram para que tomasse as rédeas da cidade. Negar-se seria condená-los à ruína, ao exílio ou até à morte, pois outras famílias rivais ocupariam o vazio do poder. A partir daquele momento, Lorenzo admitiu que não era nem inocente nem puro. Na medida do possível, governou obtendo o favor do povo, fomentando a prosperidade econômica e as artes, recorrendo à persuasão, aos presentes e à prestação de favores em grande escala para criar uma sólida rede de interesses mútuos. Em caso de necessidade, os fiscais de renda, com suas minuciosas e arbitrárias investigações, podiam provocar a ruína, mas não a morte dos adversários do Magnífico. Contudo, em determinadas ocasiões, o poder exige decisões cruéis, e Lorenzo era muito desconfiado. Sem dúvida, afora seu rosto luminoso, ele possuía outra face mais obscura! Entretanto, apesar disso, tenho certeza de que nenhum outro governante traria tantos benefícios a Florença e à Itália inteira. Quando for julgado pelo fiel da balança, estou certo de que suas virtudes pesarão mais que seus pecados.

Lorena observou aquele homem. Ele era seu marido e ela o amava. Não com a paixão desenfreada de uma mocinha que ainda vive no mundo dos sonhos, mas, sim, com o coração de uma mulher madura, mãe de três filhos. Também Mauricio não era mais o rapazinho que ela conhecera. Ganhara peso e seu corpo tinha já as formas de um homem formado, embora os olhos azuis ainda revelassem uma candura quase feminina. Ambos haviam vivido momentos amargos, sobretudo pela morte do primeiro filho no parto, a terrível enfermidade que Mauricio contraíra por ocasião do surto de peste e, mais recentemente, poucos meses antes, o aborto natural que quase a matara!

Porém eles souberam superar as provações e, exceto por essas pedras no caminho, seu casamento podia ser considerado feliz. Mauricio tinha lá seus defeitos, mas também uma energia e uma sensibilidade extraordinárias. Lorena gostava dele como era. Sabia que aquele diamante bruto, se convenientemente lapidado, poderia brilhar ainda mais.

A vida não admitia interrupções e, embora as exéquias de Lorenzo de Medici ainda flutuassem no ar de Florença, Mauricio correria a Orsanmichele para resolver assuntos referentes aos operários empregados em seu negócio de tecidos. Orsanmichele era um belo edifício com múltiplas funções. Nos andares superiores havia celeiros e no térreo se realizavam ofícios religiosos para numerosos florentinos que acorriam confiantes nas propriedades miraculosas de uma bonita imagem da Virgem Maria. O espaço em torno da igreja funcionava também como um ponto de encontro das corporações da cidade. Fora de seus muros, podiam admirar-se grandes estátuas colocadas em nichos que representavam as diferentes associações de Florença. A da arte da *calimala*^[11], a que pertencia Mauricio, era inconfundível graças à enorme figura de São João Batista esculpida em bronze por Lorenzo Ghiberti.

Naquela manhã, Orsanmichele parecia um ferredouro de gente e vozes, onde era impossível dar um passo sem esbarrar em alguém ou ser surpreendido por uma mula de carga que abria caminho induzida por seu arrieiro. A surpresa de Mauricio foi enorme ao deparar com Elias Levi, não só porque descobrir um amigo no meio daquela multidão era o mesmo que encontrar agulha em palheiro, mas também porque o rabino não costumava aparecer por ali.

– Vou apresentá-lo a um compatriota seu – disse Elias, após saudá-lo afetuosamente. – Porém, primeiro, fujamos para um lugar onde não haja risco de sermos sepultados pelos gentios ou pisoteados por bestas de carga mal-humoradas.

– Meu nome é Isaías e sou de Toledo – cumprimentou o acompanhante de Elias, depois de conseguirem a duras penas chegar a uma área menos concorrida.

– Chamo-me Mauricio e venho de Barcelona. O que o traz a Florença? – perguntou ao homem que estava diante de si, de mais ou menos 30 anos, que envergava um gibão remendado e não usava chapéu. Seu castelhano ciciante, o ladino usado pelos sefarditas, era inconfundível, embora só houvesse pronunciado uma frase curta.

– A necessidade, amigo – respondeu Isaías. – Os reis católicos editaram um decreto que obriga todos os judeus não convertidos ao cristianismo a deixar a Espanha até o dia 3 de agosto próximo. Preferi evitar males maiores e partir antes do prazo. Vendi tudo o que possuía e vim para Florença, onde os Médicis sempre nos trataram bem.

Mauricio conhecia a preferência dos judeus por se desfazer de bens que pudessem ser rapidamente convertidos em dinheiro para poderem abandonar sem demora seu país de residência caso fosse necessário.

– Muitos – continuou Isaías – irão até o fim do prazo na tentativa de obter o máximo possível de suas propriedades, mas isso é uma insensatez. Com o passar do tempo, mais pessoas tentarão tirar proveito da situação, pagando menos. Há também o risco, antes de agosto, de que ocorram ataques aos judeus. Não seria a primeira nem a última vez que se organizariam *pogrons* contra nós.

– Nesse caso – ponderou Mauricio –, por que esperar mais tempo que o absolutamente necessário?

– Amor, esperança, incredulidade... Quem sabe? – perguntou-se Isaías. – Qualquer desses sentimentos é capaz de nos reter em países dos quais deveríamos fugir. Desde que nos expulsaram de Jerusalém e fomos reduzidos à escravidão em Babilônia, a história de nosso povo tem sido um sofrimento sem fim em terras estrangeiras. Os rabinos ofereciam consolo, garantindo que um belo dia as aflições acabariam. Pois bem, quando nossos antepassados chegaram a Sefarad, Espanha, para vocês, julgaram ter encontrado a Terra Prometida com que tanto sonhavam. Durante séculos, pudemos conviver em paz tanto com cristãos quanto com muçulmanos. Sefarad acabou por se tornar parte de nós... e nós, dela. Fomos tão felizes ali que, aos nossos olhos, aceitar essa expulsão equivale a admitir que uma mãe rejeite o fruto de seu próprio ventre. Por isso, muitos judeus acreditam que o decreto será suspenso ou, pelo menos,

que seu cumprimento será adiado indefinidamente em troca de dinheiro. Não lhes entra na cabeça que, pagando mais impostos que os demais e não fazendo mal algum, devam ser expulsos do seio de Sefarad. Infelizmente, enquanto financiamos a conquista de Granada, fomos necessários. Agora, não somos mais. Pelo menos, é essa a minha opinião.

Durante o tempo que passara em Florença, Mauricio fora modificando seus sentimentos para com os judeus. Ao chegar de Barcelona, via-os com desconfiança. Porém depois, ao contato com eles, sobretudo com Elias, passara a estimá-los sinceramente. Embora estivessem equivocados em sua fé, Mauricio, seguindo o exemplo de Lorenzo, aprendera a desfrutar da amizade das pessoas honradas independentemente de credos. Doía-lhe imaginar o sofrimento daquele povo obrigado a abandonar casas, fazendas, empresas e ofícios. Não é fácil apartar-se daquilo que se ama. Que faria ele em condição semelhante? Mauricio esperava nunca ter de passar por uma situação tão terrível.

– Como você vê, as más notícias não cessaram com a morte de Lorenzo – interveio Elias. – Mas a vida exige respostas vigorosas nos momentos mais difíceis. Por isso, vim a Orsanmichele não para rezar à Virgem Maria, mas para conseguir as autorizações necessárias para que Isaías trabalhe como curtidor.

Mauricio fitou Elias. Sua barba já não era aparada como outrora, mas longa, espessa e branca. Envelhecera. Sua fronte, porém, em vez de estreitar-se, parecia mais ampla. Elias Levi era um personagem impossível de classificar. Ilustre sábio e erudito, ele vivia de forma absolutamente modesta. O grande afeto que Lorenzo lhe dedicava poderia ter-lhe proporcionado enormes benefícios. Porém Elias sempre se mostrara indiferente à riqueza. Seus únicos interesses eram a família, a religião, os livros e a filosofia, sem que isso o impedisse de reservar o tempo necessário para ajudar e aconselhar outras pessoas. Se quisesse, sem dúvida, sua comunidade o nomearia “grande rabino” de Florença, mas esse cargo não o atraía. Para Elias, a verdadeira fortuna consistia em ter liberdade para fazer, em cada momento, aquilo que considerava correto.

– E que acontecerá se chegarem à nossa cidade ondas de judeus? – perguntou Mauricio. – Estes são tempos difíceis, e talvez não haja trabalho para todos.

– Vamos enfrentar cada problema à medida que se apresente – esclareceu Elias. – Entretanto, por ora, precisaremos de toda ajuda possível, até a sua.

Luca respirou fundo, satisfeito, na arquibancada de madeira erguida na praça Santa Croce. Piero de Médici, para granjear a simpatia do povo após a morte do pai, organizara uma partida de *calcio* entre as equipes do Sant Giovanni e do Santo Spirito. Seu bairro, o Sant Giovanni, conseguira reunir o grupo mais formidável de que se tinha memória. Por isso, desde o início da partida, Luca teve a certeza de que arrasaria aqueles adversários grosseiros.

– Que pena seu marido não ter podido vir! – comentou Maria.

– Sim, é uma pena – concordou Lorena. – Ele teria gostado muito, mas Elias Levi desejava falar-lhe sobre um assunto urgente.

Luca sentiu o estômago se revolver ao ouvir aquele comentário. Mauricio considerava mais importante conversar com um judeu do que assistir àquela partida em sua companhia! Sem dúvida, recusara seu convite apenas para aborrecê-lo. Não era de estranhar, porém, que fosse tão amiguinho de alguns judeus. Luca investigara o passado de Mauricio e descobrira que seus ancestrais paternos eram judeus convertidos ao cristianismo. Agora que Savonarola purificava o ar viciado de Florença, essa informação talvez pudesse ser proveitosamente utilizada. Luca voltou de novo a atenção para a quadra.

Um jogador do Santo Spirito corria atrás da bola em dura disputa com outro do Sant Giovanni quando este o derrubou com um movimento de ombro. Os companheiros aplaudiram a façanha enquanto um deles dava um chute certo na bola, arremessando-a para o campo adversário. Ali, Sandro, a estrela do Sant Giovanni, esquivou-se de seu marcador com uma cotovelada e passou a bola a um companheiro com uma cabeçada espetacular.

Imediatamente dois jogadores do Santo Spirito avançaram contra o receptor e o derrubaram sem contemplações.

– Vamos, levante-se, não foi nada! – gritou Luca, animando o jogador caído.

– Esse jogo não é violento demais? – perguntou Lorena.

– Meu marido gosta – respondeu Maria, como se a opinião favorável de Luca tornasse a pergunta supérflua.

– Parem de tagarelar e concentrem-se na partida – resmungou Luca.

– Desculpe-nos – disse Maria.

– Só estava conversando com minha irmã – interveio Lorena. – Não sei como justamente nossas palavras poderiam incomodá-lo quando o público todo está gritando.

De fato, o campo era um tumulto só. O Santo Spirito recuperara a bola e iniciava um contragolpe. O Sant Giovanni, infelizmente, fora todo ao ataque sem deixar ninguém na defesa. Em consequência dessa falha tática, um jogador franzino do Santo Spirito disparava em direção ao campo adversário com a bola nos braços. Os corpulentos integrantes do Sant Giovanni tentavam desesperadamente alcançar o magricela. Se o apanhassem, acabariam com ele, mas não eram rápidos o bastante. O veloz jogador do Santo Spirito não encontrou oposição alguma quando marcou o primeiro ponto. Metade do campo festejou o acontecido com gritos e cantorias. Luca estava furioso.

– Aqui não é lugar para tagarelices! – queixou-se, levantando a voz. – Quanta falta de educação!

– Pois a mim também seu comportamento não parece nada elegante – retrucou Lorena.

– Olhem só quem está falando! – rugiu Luca, fora de si. – Sua santidade Lorena, nem mais nem menos, que com essa carinha inocente é capaz de apunhalar qualquer um pelas costas.

– Não sei do que está falando – reagiu Lorena.

– Sabe, sim, e muito bem – continuou Luca. – Veja, por exemplo, o que está acontecendo hoje. Primeiro, seu marido me humilha recusando meu convite para a grande final porque foi falar com um judeu. Depois você fica cochichando com sua irmã durante metade da partida, quando eu já lhe havia dito que isso me tira do sério. Minha esposa sabe perfeitamente que, no campo, se pode aplaudir, gritar e até comentar as jogadas, mas não falar de outras coisas e muito menos criticar o *calcio*. E, como se fosse pouco, você

pretende dar lições de educação com essa língua viperina que as mulheres usam tão bem desde os tempos de Eva.

Lorena notou que sua irmã a advertia, com o olhar, para que não replicasse. Por isso, não respondeu, e Luca voltou a se concentrar na partida. Sandro, a estrela do Sant Giovanni, dera outro passe magistral. O campo era um alvoroço, mas, por fim, o silêncio reinava entre as irmãs. Hoje a vitória não nos escapa, pensou Luca.

Depois de sua equipe perder no último minuto, Luca saiu do campo furioso, alegando que tinha um encontro importante. Lorena ficou só com Maria. Continuavam sentadas na arquibancada agora deserta, pois todos os ocupantes, torcedores do Sant Giovanni, haviam abandonado seus lugares com quase tanta pressa quanto Luca.

– Você é feliz com ele? – perguntou Lorena, olhando a irmã fixamente.

– Por que me pergunta isso? – rebateu Maria, na defensiva.

– Bem, pareceu-me que o comportamento de seu marido foi... não sei explicar direito... um tanto agressivo.

– No campo, fica contagiado pelo ambiente passional e perde o controle. Por isso a avisei, com o olhar, que era melhor não falar nem discutir com ele. Aqui, põe para fora suas frustrações. Convém não contrariá-lo e ignorar seus arroubos intempestivos.

Lorena não estava certa de que o problema fosse tão simples. Luca sempre se mostrara amável para com Mauricio e ela, mas de uma forma tão refinada que, na verdade, erguia entre eles um muro impossível de transpor. O motivo dessa atitude retraída podia ser o fato de ainda se sentir despeitado por Lorena não ter querido desposá-lo. Obviamente, em público, jamais mencionara esse assunto, que significaria uma desonra tanto para ela quanto para o próprio Luca. Além do mais, Maria poderia sentir-se menosprezada. Só tinham conhecimento do caso Mauricio, seus pais e seu irmão Alessandro. Nos encontros e nas reuniões familiares, firmara-se um pacto de silêncio muito conveniente para todas as partes. Tanto Lorena quanto seus pais e Alessandro gostavam muito de Maria, motivo pelo qual tiveram o máximo cuidado em

ocultar-lhe que, no passado, Luca quisera se casar com sua irmã mais velha. Porém Lorena tivera um forte sobressalto quando o cunhado a acusou de saber muito bem a que se referia ao dizer que ela era capaz de cravar um punhal nas costas de um homem.

Que teria acontecido para que perdessem a compostura depois de todos esses anos? Sem dúvida, a culpa fora dela. Entretanto não sabia explicar por quê. Talvez se tivesse deixado levar pelo ambiente tumultuado do campo de *calcio* ao replicar tão abruptamente a Luca. Porém devia haver algo mais. Na verdade, não suportava os modos arrogantes com que ele tratava sua irmã. Bastava uma palavra ou um arquear de sobrancelhas do marido para que Maria baixasse submissamente a cabeça ou se calasse.

– Tomara que tenha razão, Maria, mas alguma coisa se revoltou dentro de mim quando você pediu desculpas a Luca por conversar comigo, até porque o campo inteiro era uma tremenda balbúrdia de gritos incontroláveis.

– Mas, se eu agisse de modo diferente, ele se sentiria ofendido. Luca é assim, com suas virtudes e seus defeitos.

– Eu sei, irmã. No entanto, venho observando que cada vez você fala menos em público quando ele está presente.

– Essa é a vontade de meu marido, que dia a dia escuta com mais paixão as palavras de Savonarola. Você sabe que, na opinião dele, nosso papel primordial é o cuidado da casa, e que outro tipo de atividade, falar muito em reuniões sociais, pode ser indecoroso.

– Sim, para não incitar o desejo de quem esteja por perto – continuou Lorena. – Eu também ouço as prédicas de Savonarola. Segundo ele, nós somos as culpadas por estarmos neste vale de lágrimas e não no Paraíso, já que foi Eva quem seduziu Adão, convencendo-o a comer a maçã da árvore proibida.

– É o que explica o Gênesis – confirmou Maria. – Porém são muitas as tarefas agradáveis aos olhos de Deus que nós, mulheres, podemos realizar. Basicamente, encarregamo-nos da casa e da educação dos filhos. E para mim não existe nada melhor do que me dedicar de corpo e alma às minhas cinco crianças. É exatamente o que faço.

Lorena observou a irmã. Sempre fora assim, pronta ao sacrifício pessoal para ajudar os demais, sempre antepondo os interesses dos outros aos seus próprios. Reconheceu que errara ao ser grosseira com Luca, embora não lhe agradassem algumas de suas atitudes para com Maria. Doravante, se mostraria de novo educada no trato com o cunhado e, caso fosse necessário, pediria

desculpas humildemente. Não obstante, manteria os olhos mais abertos que nunca e vigiaria de perto o comportamento de Luca.

– Eu te amo, irmãzinha – disse Lorena depois de dar-lhe um beijo. – Que tal se eu fosse por um instante à sua casa para cumprimentar seus filhos enquanto Luca permanece ocupado no tal encontro tão urgente?

Mauricio alegrou-se por ter ficado em casa em vez de ir ver a partida. Não gostava do *calcio* e tampouco se sentia à vontade na companhia de Luca. Seu cunhado se mostrava sempre muito correto, mas Mauricio tinha a sensação de receber punhaladas invisíveis quando estavam juntos. Por isso não hesitara em ir ao encontro de seu bom amigo Elias Levi, que lhe solicitara para uma conversa à mesma hora em que se disputava o jogo.

– Sou todo ouvidos – disse Mauricio, comodamente sentado no pátio interno de sua mansão. – Que deseja contar-me?

– Lembra-se de quando nos encontramos em Orsanmichele, há uns dois meses? – perguntou Elias.

– Perfeitamente. Conseguiu fazer que aquele espanhol sefardita pudesse trabalhar como curtidor na cidade?

– Sim, não houve dificuldade. Porém, como você previu, é agora que o problema se apresenta, pois o prazo para os judeus deixarem a Espanha expirou. Em consequência, chegaram mais sefarditas e não posso encontrar trabalho para todos. Ainda que a maioria deles tenha escolhido outros destinos!

– Graças a Savonarola – conjecturou Mauricio.

– De fato, a influência desse pregador aumenta a cada dia. Se continuar assim, ele acabará governando Florença. Até agora, já conseguiu fazer que os judeus não sejam bem-vindos. Isso jamais aconteceria se Lorenzo ainda estivesse vivo. Tentei falar com seu filho Piero, mas sem êxito, pois ele não tem a bondade sequer de receber-me.

– Fico triste ao ouvir isso, embora não me surpreenda: a influência dos conselheiros mais próximos do pai dele já não é a mesma. Piero está se

rodeando de uma camarilha de adutores agressivos dos quais não podemos esperar nada de bom.

– Parece mentira que de um pai tão brilhante haja saído um filho tão imbecil e medíocre – sentenciou Elias, desdenhosamente.

– Prova de que o provérbio “tal pai, tal filho” não se aplica a Piero de Médici. Seja como for, espero que os judeus sefarditas possam encontrar melhor refúgio em outras cidades.

– Infelizmente, não são muitos os lugares, na cristandade, que os acolhem bem. Na Itália, o reino de Nápoles foi o único que lhes abriu amistosamente as portas. Já o império turco os convidou com entusiasmo. Assim, a Turquia se transformou no principal destino dos judeus espanhóis. Apesar de tudo, muitos sefarditas desembarcaram em Florença, seja por vínculos familiares, seja para fazer escala em sua peregrinação. Eu agradeceria muito se você pudesse arranjar alguns empregos, mesmo temporários, para alguns deles. O mais provável é que partam da cidade quando puderem, mas no momento precisam de dinheiro, ainda que apenas para comprar as passagens. Acontece que quase todos chegaram aqui só com a roupa do corpo, pois os reis católicos proibiram esses infelizes judeus espanhóis de sair do país com moedas ou metais preciosos.

Mauricio ouvia com atenção o amigo, por quem tinha grande afeto, e por isso queria por todos os modos ajudá-lo.

– Como você sabe – disse Mauricio –, tenho com meu amigo Bruno um pequeno negócio de tecidos. Acho que poderíamos contratar tecelões, fiadores e cardadores. Talvez mesmo um contador; até agora, nós mesmos nos ocupamos da papelada, mas uma ajuda viria a calhar.

– Agradeço-lhe muito – disse Elias, tocando-lhe afetuosamente o braço –, sobretudo porque sei da crise pela qual está passando a indústria têxtil.

Indiferente a qualquer outra circunstância alheia à sua dor, Simonetta, a filha de 9 anos de Mauricio, irrompeu no pátio com os olhos cheios de lágrimas, seguida pelo irmão mais velho.

– Agostino puxou meu cabelo e doeu – queixou-se ela. Tinha o mesmo cabelo castanho e encaracolado da mãe. Para Mauricio, era a menina mais linda do mundo. Evidentemente, não sofrera nenhum dano sério, mas a expressão contraída de seu rosto queria demonstrar quão ultrajada se sentia.

– Foi uma brincadeira – defendeu-se Agostino. – Não queria machucá-la.

– Agostino, você é o mais velho e tem a obrigação de proteger seus irmãozinhos em vez de agredi-los – repreendeu Mauricio. – Por isso, hoje,

ficará sem limonada o dia inteiro. Já Simonetta poderá pedir uma garrafa cheia a Cateruccia, para compensar seu aborrecimento.

A expressão de Simonetta mudou imediatamente, revelando grande satisfação, como se subitamente a justiça fosse restabelecida na face da Terra. Agostino franziu o cenho, para deleite da irmã, mas não protestou. O pequeno, como a mãe, raramente aceitava um “não” como resposta e sempre achava um modo de levar vantagem. Simonetta, ao contrário, era menos prática e mais sonhadora, menos rebelde e mais feliz: vivia em seu mundo particular de fantasia, ao amparo do esplendoroso *palazzo* e da refinada educação que lhe davam. Apesar da cara feia de Agostino, Mauricio sabia muito bem que ele acabaria dando um jeito de surrupiar limonada da despensa. O menino também o sabia, motivo pelo qual nem se dera o trabalho de reclamar. Porém Simonetta ignorava isso, então o castigo imposto permitia-lhe continuar acreditando que vivia num reino seguro, onde nenhuma transgressão ficava impune. Mauricio estava satisfeito. Conseguira apaziguar a discussão entre os filhos sem mais complicações e podia concentrar-se de novo nos comentários de Elias.

– O sultão Bayaceto II sustenta que o rei Fernando deve ser um mau governante, já que empobrece seu reino expulsando os judeus. Esses, no entanto, em vez de pagarem o rei na mesma moeda, prestam-lhe mais um serviço com a viagem de Cristóvão Colombo, que, se tiver êxito, converterá a Espanha em uma potência ainda mais formidável.

– Tomara que assim seja – disse Mauricio, que havia aplicado nessa viagem uma boa quantia de dinheiro juntamente com seu sócio. – Mas o que têm a ver os judeus com Cristóvão Colombo?

– Tudo – afirmou Elias. – Basta levar em conta alguns detalhes. O decreto real de expulsão prescrevia que, a partir da meia-noite de 2 de agosto de 1492, nenhum judeu poderia permanecer em solo espanhol. E em que dia partiram as caravelas de Colombo? Em 3 de agosto de 1492. Coincidência? Não acredito em coincidências. E mais: de acordo com a tradição marítima, é sagrado que os tripulantes passem a última noite em casa, com maior razão ainda em se tratando de uma travessia tão perigosa. Pois bem, infringindo essa lei não escrita dos marinheiros, Colombo ordenou que toda a tripulação subisse na noite de 2 de agosto a bordo das três caravelas, *Pinta*, *Niña* e *Santa María*. O único motivo lógico é que muitos dos marinheiros eram judeus, e o almirante não quis colocá-los em risco de serem detidos quando os sinos

anunciassem a meia-noite. Além disso, a viagem nunca teria obtido a autorização real sem o apoio constante dos judeus convertidos, que ajudaram Colombo, na corte da Espanha, material e financeiramente, a transformar seu projeto em realidade.

– Ouvi dizer que Luis de Santangel, escrivão do rei Fernando e principal financiador da viagem com um empréstimo pessoal de 1 milhão de maravedis, é descendente de judeus. Você se refere a ele?

– Também. Mas não é o único cristão-novo, com influência na corte, que intercedeu por Colombo. Outros trabalharam infatigavelmente junto a suas majestades para o êxito dele: Juan Cabrero, camareiro do rei; Gabriel Sánchez, tesoureiro da Coroa de Aragão; frei Hernando de Talavera, confessor da rainha; Diego de Deza, tutor do príncipe; Juan de Coloma, secretário da Coroa de Aragão... A lista é tão longa que, bem poderíamos dizer, os reis não davam um passo na corte sem esbarrar com algum convertido defensor de Colombo.

Mauricio reparou que compartilhava seu sobrenome com o secretário da Coroa de Aragão: Coloma. E entre “Coloma” e “Colombo” não havia muita diferença. Elias já comentara certa vez que as variantes Colom, Colón, Coullon ou Colombo eram nomes adotados por cristãos-novos de sangue judeu. O que nunca teria imaginado era o número e a importância dos patrocinadores de filiação hebraica daquela viagem.

– Justamente Juan Sánchez, irmão do tesoureiro de Aragão, foi uma das pessoas que nos incentivaram a investir no projeto de Colombo.

– Eu o conheço bem – disse Elias. – Juan Sánchez se instalou em Florença para escapar da Inquisição, já que um auto de fé celebrado em Saragoça o condenou à morte como falso cristão. Avisado a tempo, fugiu da Espanha antes do início do processo, e os inquisidores tiveram de contentar-se com queimá-lo em efígie.

Mauricio conhecia as sutilezas do Santo Ofício: quando o paradeiro dos réus de fé era desconhecido, queimavam-se seus retratos, à falta de algo mais sólido para alimentar as chamas. Mauricio, porém, ignorava que Sánchez tivesse sido condenado na Espanha. Tanto ele quanto seu sócio Bruno achavam que aquele estrangeiro viera à cidade para convencer os ricos mercadores florentinos dos grandes lucros que a aventura de Colombo poderia lhes proporcionar. Fosse como fosse, era compreensível que houvesse ocultado a condenação; do contrário, afugentaria investidores hesitantes como eles

próprios. Já era tarde para recuar: uma parte de sua fortuna estava agora navegando nas caravelas daquele marinheiro visionário.

– Como você pode ver – prosseguiu Elias –, os judeus têm muito a ver com a viagem de Colombo. A maioria dos agiotas florentinos privados que forneceram o meio milhão de maravedis descende de judeus.

– E eu mesmo, por pura coincidência, também descendo deles – disse Mauricio.

– Bem, como você sabe, não acredito em coincidências.

– Você não parece muito contente – observou Pietro Manfredi.
– É que perdemos o jogo no último minuto – justificou-se Luca, que se absteve de comentar os outros motivos de seu aborrecimento.

Mauricio o insultara não indo ao campo e Lorena se permitira recriminar seu comportamento durante o encontro. Justamente ela, uma mulher sem princípios nem moral! Por pouco, Luca não a acusara de haver perdido a virgindade com o marido antes do casamento, mas se contivera no último instante. Savonarola tinha razão. O melhor lugar para uma mulher era sua casa; o traje que melhor lhe assentava era o silêncio. Pelo menos, consolou-se Luca, Mauricio perdera o favor dos Médicis depois da morte de Lorenzo: não mais o convidavam para ir ao palácio, a festas ou banquetes. Entretanto Luca estava desgostoso porque, pouco tempo antes, precisara fechar sua loja de tecidos em consequência da crise da economia em geral e da moda em particular, enquanto Mauricio, aquele felizardo, prosperava com o sócio no mesmo negócio em que ele fracassara. Animou-se um pouco pensando que os aluguéis de três lojas e uma casa em Florença lhe permitiam obter uns ganhos aceitáveis sem precisar trabalhar. Ainda assim, agora o sangue lhe fervia de raiva contra Lorena e seu esposo. Talvez pudesse fazer alguma coisa por intermédio de seu amigo Pietro.

– Lamento que hajam perdido o jogo – consolou-o Pietro Manfredi. – Mas com certeza, no próximo, terão a sorte que hoje lhes faltou. De minha parte, posso oferecer-lhe vinho, doces, biscoitos ou qualquer outra coisa que deseje.

– Há algo que talvez possa fazer por mim – disse Luca, baixando a voz. – Já sabe que não suporto meu cunhado, o tal Mauricio.

– Sei, sei – confirmou Pietro Manfredi.
– Pois bem, fui informado de que seus avós paternos descendem de judeus convertidos ao cristianismo.

– Ou seja, seu sangue não é completamente limpo – comentou Pietro Manfredi.

– Você tirou as palavras da minha boca. E se, na intimidade, ele continua praticando os ritos judaicos? Não tenho provas, mas pouco me importaria que, sobre isso, corresse certos boatos em Florença. Obviamente, eu mesmo não posso espalhá-los, pois afinal de contas ele é meu cunhado.

Luca gostaria de acrescentar que o pai de Mauricio, outrora, roubara alguns segredos comerciais da casa Rucellai, mas achou melhor não dizer nada a respeito. Bernardo Rucellai, num dia em que exagerara na bebida, lhe dera essa informação, pedindo-lhe encarecidamente, porém, que mantivesse sigilo total sobre o assunto. Se começassem a correr rumores a respeito do caso, Luca seria o primeiro suspeito. E a amizade de alguém tão importante quanto Bernardo era valiosa demais para que ele se arriscasse a perdê-la.

– Não se preocupe, Luca. Garanto-lhe que todos ficarão sabendo da história sem que seu nome apareça.

– Agradeço-lhe sinceramente. Se houver algo de que precise e que esteja ao meu alcance fazer, não hesite em pedir-me.

– Pois já que se oferece, realmente há uma coisa que poderia fazer recorrendo às suas boas relações com Bernardo Rucellai. Como sabe, ele e Paolo Mauricio Soderini estavam entre os principais conselheiros de Lorenzo. São, sem dúvida, homens do maior prestígio em Florença, mas Piero de Médici, o filho mais velho do Magnífico, está começando a se indispor com os dois.

– Bernardo me disse algo sobre isso – confirmou Luca. – Parece que ambos aconselham ao primogênito de Lorenzo que seja prudente, que coloque nos cargos de responsabilidade do governo gente capacitada, em lugar de adutores incompetentes, e que não seja tão ostentoso na exibição de suas riquezas, para evitar a inveja excessiva dos florentinos. Contudo Piero de Médici não lhes dá ouvidos e, longe de usar o poder com moderação, age como um tirano empedernido.

– É verdade. Esse filho irresponsável de Lorenzo está mais interessado em utilizar as pernas para jogar bola do que a cabeça para resolver problemas políticos. Por isso, até agora, preferiu seguir os conselhos de gente tão pouco

preparada quanto Piero de Bibbiena e Francesco Valori. Bernardo Rucellai ficou tão indignado que já examina a possibilidade de casar um filho seu com uma filha de Filippo Strozzi sem ouvir a opinião de Piero de Médici.

– A aliança de duas famílias tão ricas e nobres com desprezo do consentimento prévio de Piero irá deixá-lo tremendamente mortificado! – exclamou Luca.

– De fato. E é aí que você entra no jogo. Quero que, quando Bernardo lhe confidenciar suas intenções, você o incentive a fazer essa aliança com os Strozzi. De todas as maneiras possíveis, alimente sua cólera contra Piero de Médici. Você é amigo dele, conhece-o. Será fácil.

– E o que ganharemos com isso? – perguntou Luca.

– Os grandes acontecimentos políticos fermentam muitas vezes no silêncio de um coração. Um sopro de ar que desperte determinada emoção no homem certo, no momento preciso, pode mudar o mundo e, em nosso caso, a forma de governo de Florença. Por enquanto, Bernardo hesita, mas, se resolver mesmo casar o filho com uma Strozzi, as consequências são bastante previsíveis. Piero de Médici jamais confiará de novo em Bernardo Rucellai e, por extensão, romperá os laços que ainda o unem à velha guarda dos assessores de Lorenzo.

– Isso é verdade – concordou Luca –, pois o primogênito do Magnífico se mostra tão incompetente quanto desconfiado, e Bernardo Rucellai é a cabeça visível dos antigos conselheiros de Lorenzo.

– Por isso Piero acabará nos braços desses amigos tão orgulhosos e pouco preparados quanto ele mesmo. A maquinaria Médici é um mecanismo de peças perfeitamente ajustadas. Porém, quando as máquinas não têm uma boa manutenção, fatalmente se quebram. É o que ocorrerá se Piero não ouvir de boa vontade seus melhores assessores. Uma a uma, as peças começarão a falhar até a máquina se tornar imprestável. Nesse momento, Florença exigirá a expulsão de Piero de Médici, e Savonarola ficará como a única referência legítima para o povo. Ora, nós preferimos Savonarola aos Médicis, não, Luca?

– Naturalmente.

– Pois então, se você quiser ver da janela de sua casa passar o cadáver de nosso inimigo, só o que tem a fazer é seguir meus conselhos e dar tempo ao tempo.

Os Médicis expulsos de Florença e Savonarola reinando na cidade... Isso soa muito bem, pensou Luca. Ele olhou de soslaio os anjos de bronze escuro com

seus punhos erguidos para o céu. Por que Pietro os chamava de “resplandecentes”? Sua mente divagava envolvida em imagens de humilhação para os Médicis e de renovada grandeza para os Albizzi. Dar tempo ao tempo, dissera o amigo Pietro Manfredi...

Florença, 11 de novembro de 1494

Os gritos de “*Popolo e libertà!*” ressoaram com estrépito na praça da Signoria quando o som inequívoco dos sinos convocou ao *parlamento*. Essa convocação só se fazia em situações extraordinárias, para que todos os cidadãos se reunissem na praça e expressassem publicamente sua vontade. Quando a vontade do povo era indubitável, prevalecia sobre qualquer outra instituição do governo. E, pelo que Lorena percebia, estava bem claro que as pessoas clamavam contra a liderança tirânica de Piero de Médici.

A enorme praça foi se enchendo de todos os tipos de homens e mulheres. Grupos caminhavam atrás dos estandartes dos diversos bairros da cidade. Soldados em armas, cidadãos ricos em seus cavalos, artesãos empunhando martelos, agricultores brandindo enxadas... Juntos, gritavam ao mesmo tempo a palavra de ordem: “Povo e liberdade!”. O mesmo brado vinha das janelas das casas. Nem uma só voz arriscava o “*Palle, palle, palle*” dos Médicis.

– Parece que os dias de Piero estão contados – comentou Lorena. – Nem sequer seus mercenários e adeptos, unidos, poderiam enfrentar essa multidão.

– Acho que você está certa – concordou Mauricio. – No entanto, se lhe ocorrer resistir, haverá conflito, portanto, o mais prudente é voltarmos para casa. Não nos esqueçamos de que você está grávida.

Como Lorena se esqueceria disso? Já esperava outro filho havia dois meses e, depois de dar a Mauricio essa feliz notícia, ele parecia ter entrado em crise: ficara tão melancólico que até lhe custava sair de casa. Lorena atribuía o fato aos acontecimentos catastróficos que vinham ocorrendo em Florença; mas,

justamente por isso, era ainda mais importante que seu marido se mostrasse forte. Lorena não sabia o que fazer para ajudá-lo a recobrar o ânimo; agora, porém, o melhor era voltarem logo para casa. Com tanta gente armada e os ânimos tão exaltados, qualquer coisa podia acontecer. Os soldados franceses, já aquartelados na cidade, poderiam tomar o partido de Piero de Médici!

Ao sair da praça, viram chegar o cardeal Giovanni, irmão de Piero de Médici, que cavalgava acompanhado de muitos soldados. Surpreendentemente, não gritavam “*Palle, palle, palle!*”, mas, sim, “*Popolo e libertà!*”. Sem dúvida, o cardeal, tomando como certa a queda de Piero, preferia deixar bem claro ao público que sua postura também era contrária à do irmão. Ou talvez tivesse vindo com o objetivo de ajudar Piero intimidando a massa com a presença de seus homens, porém, ao deparar-se com tamanha multidão, decidira apostar no cavalo vencedor para preservar sua integridade física. Fosse como fosse, todas as armas apontaram para ele ameaçadoramente, enquanto o povo enfurecido o acusava de traição. Após frear os cavalos, o cardeal e seu séquito deram meia-volta, sem chegar a entrar na praça e sem que ninguém ousasse enfrentar uma comitiva tão bem armada. Aproveitando a brecha momentaneamente aberta, Mauricio e Lorena apressaram-se a deixar o local.

– Piero de Médici merece o que está acontecendo – comentou Lorena.

– Certamente – confirmou Mauricio. – Em apenas dois anos e meio desde a morte do pai, conseguiu irritar tanto os camponeses humildes e os operários esforçados quanto os cidadãos mais distintos e os comerciantes de todas as condições...

– Embora seu pai lhe tenha transmitido um legado tão excelente que não seria fácil deitá-lo a perder em tão pouco tempo! – exclamou Lorena.

– Sim, Piero cavou a própria sepultura ao brigar com os conselheiros do pai e rodear-se de outros, que não seriam piores se houvessem sido selecionados por seus próprios inimigos.

Ao chegarem à Via de Martegli, bem perto do Duomo, arautos da Signoria já estavam proclamando de viva voz que quem apoiasse Piero de Médici seria condenado à morte. Além disso, ordenavam aos estrangeiros que não trouxessem armas em público.

O termo “estrangeiros” era um eufemismo para não citar diretamente os franceses que, sem querer, haviam provocado a furiosa reação popular contra Piero de Médici. Lorena recapitulou, mentalmente, os acontecimentos dos úl-

timos meses. O rei Carlos da França, instigado pelo duque de Milão, decidira reclamar seus direitos, como angevino que era, sobre o reino de Nápoles. Preparando a marcha, emissários de Carlos tinham solicitado de Piero trânsito livre e provisões enquanto seu exército atravessasse a Toscana. No entanto Piero, contrariando a opinião dos florentinos, transmitira aos emissários franceses sua negativa mais cabal. Essa atitude havia incendiado os ânimos dos cidadãos. Em primeiro lugar, porque poderia provocar uma guerra terrível com um inimigo formidável, quando aquele assunto só dizia respeito a Nápoles. Em segundo, porque os franceses eram muito mais estimados em Florença do que os napolitanos, cujo rei pertencia à casa de Aragão. Além disso, Savonarola já tomara partido do rei Carlos havia muito tempo e, com seu carisma, convencera os florentinos de que o monarca francês era o instrumento do qual Deus se valeria para purificar, com a espada, os pecados da Itália, mas Florença se livraria do castigo caso se arrependesse. Para isso, Savonarola conferenciara com o rei da França e aconselhara-o a invadir Nápoles primeiro e depois Roma, a depor o perverso papa Bórgia e a não causar danos a Florença.

Lorena duvidava de que Savonarola fosse capaz de influenciar o ânimo do monarca francês como influenciava o de seus concidadãos. A mesma dúvida devia corroer Piero de Médici que, tão logo soube da chegada de Carlos ao território toscano, entrou em pânico. Incapaz de raciocinar com calma, tentou imitar o pai, saindo da cidade para conversar pessoalmente com o rei. Infelizmente, foi tão firme de longe quanto débil na presença do monarca e acabou cedendo, sem opor resistência, as fortalezas de Pisa, Sarzana, Pietrasanta, Fivizzano e Livorno. Perdendo essas cidades, Florença perdia também seus olhos e ouvidos, outrora conquistados com tanto sangue e esforço, ficando numa situação de extrema fragilidade. Isso não era necessário, pois o exército francês, embora fosse superior, também não se encontrava em situação invejável. Em território inimigo, carente de provisões, rodeado de montanhas cobertas de neve e com o frio vento do inverno açoitando-o sem cessar, sua condição era precária. Sem dúvida, os franceses poderiam assediar as cidades entregues, pensou Lorena, mas sem outra certeza que a de sofrer enormes baixas. Como se esses contratemplos não bastassem, Piero ainda convidara o exército invasor a acampar-se em Florença até o momento de partir para Nápoles.

Com esse comportamento inseguro, o filho de Lorenzo demonstrara não possuir nenhuma das qualidades do pai. A consequência foi um desfecho ao qual nunca se deveria ter chegado, já que fora possível obter um acordo bem mais vantajoso. Porém de nada adiantava chorar sobre o leite derramado. Lorenzo, a balança da Itália, estava morto, e o equilíbrio se romperia porque Piero se mostrava incapaz de tecer os delicados fios da diplomacia com a sutileza de seu pai.

Não era de estranhar que a ira acumulada contra Piero houvesse finalmente explodido diante de tamanhos despropósitos. Ao chegar à sua mansão, a marca na porta lembrou a Lorena o que os aguardava. Dias antes, emissários franceses tinham entrado em Florença e assinalado com giz branco as residências em que se alojariam as tropas de Carlos durante sua permanência na cidade. Sem dúvida, teria sido mais prático marcar as que não seriam ocupadas, pois quase todas foram escolhidas. Em algumas, já se achavam elementos da vanguarda do exército francês, esperando que o grosso das tropas chegasse. Em teoria, comprometeram-se a pagar pelas despesas que fizessem em Florença, mas a opinião generalizada era que seria uma sorte se partissem sem saqueá-la. Abrir de par em par as portas da cidade a um exército tão poderoso tinha sido uma opção arriscada demais.

Lorena discutira com Mauricio a conveniência de colocar sua filha Simonetta num convento enquanto durasse a ocupação. Caso os franceses, por desgraça, não cumprissem sua palavra e se entregassem à pilhagem, desmandos e violações tanto de mulheres quanto de meninas seriam um fato quase certo. Por fim, descartaram a ideia, pois, se a coisa fosse tão longe, os muros de um convento não protegeriam os ocupantes da violência dos soldados.

Ao entrar na mansão, que logo partilhariam com mercenários estrangeiros, Lorena refletiu sobre os silêncios do marido. Mauricio não abria a boca desde que haviam deixado para trás a Via de Martegli. Fazia semanas que se mostrava distante e pouco comunicativo. Ela temia que, além da situação crítica da cidade, houvesse algum outro motivo de preocupação, que Mauricio preferia esconder. Aqueles eram tempos difíceis para o comércio e os negócios em geral. Teria ele contraído dívidas que não podia pagar? Os rumores que corriam a cidade sobre sua ascendência judaica estariam prejudicando-o mais do que ela supunha? Seu marido era um cristão exemplar, mas, sob a batuta de Savonarola, multiplicavam-se cada vez mais os cidadãos que exprimiam juízos severíssimos contra tudo que não se ajustasse perfeitamente à visão estreita do

pregador. Savonarola seria mesmo um profeta ou apenas um falso iluminado? Essa era a questão que dividia os florentinos, embora, para Lorena, só houvesse uma pergunta importante: o que estava acontecendo a seu marido?

Talvez a resposta tivesse algo a ver com o estranho saque de sua casa de campo, umas semanas antes. Os ladrões, aproveitando a ausência dos empregados, que haviam ido a Florença fazer compras, destruíram várias coisas no interior da residência, levaram alguns objetos de valor e, o que era mais inquietante ainda, revolveram a enxadadas o terreno ao redor da construção, como se estivessem procurando um tesouro escondido. Mauricio tranquilizara-a, garantindo que provavelmente era um roubo isolado, ao qual ficava exposta qualquer propriedade desprotegida; porém Lorena temia que aquele episódio de violência se relacionasse com a crise em que o marido mergulhara.

Já era noite quando Luca voltou para casa. Guardas armados iluminavam a escuridão com suas tochas. Horas de saques indiscriminados nas mansões das famílias mais ligadas aos Médicis levaram a Signoria a emitir um decreto proibindo a pilhagem sob pena de morte, ao mesmo tempo que ordenava à sua guarda que vigiasse as ruas. O dia tinha sido bastante tumultuado, mas Luca se sentia vitorioso. Enfim, os Médicis tinham sido expulsos de Florença.

Aproveitando o caos das primeiras horas, após a fuga de Piero da cidade, o populacho irrompera no Palácio dos Médicis depredando e roubando o que encontrava pela frente. Luca também participara da invasão do *palazzo*, considerando-a uma merecida vingança por anos de humilhação. Não se limitara a destruir. A pedido de Pietro Manfredi, ele procurara a maravilhosa pedra que Lorenzo costumava exibir no dedo anular. Seu enigmático amigo lhe prometera uma fortuna astronômica caso a encontrasse, mas a busca fora em vão. Pelo menos, consolou-se Luca, roubara três pequenos camafeus de ônix que eram verdadeiras obras de arte. Conhecia um agiota judeu que os compraria sem fazer perguntas. Embora não gostasse de judeus, na hora de fazer negócios, era bom ter amigos até no Inferno.

Em todo caso, para Luca, aquele era um grande dia. A queda dos malditos Médicis assegurava o retorno dos exilados, a começar por sua família, os nobres Albizzi. Uma ideia cruzou-lhe a mente como um raio, provocando-lhe imenso prazer: os Pazzi teriam direito a reclamar suas antigas propriedades de acordo com as leis que se promulgariam. E acaso Lorena e Mauricio não viviam no

antigo *palazzo* de Tommaso Pazzi? Quando ocupasse um cargo importante no novo governo, anteviu Luca, teria um vasto campo em que poderia atuar...

Alguns soldados franceses, escondidos numa esquina, interromperam seus fantasiosos pensamentos. Eram uns doze e se limitavam a observar o movimento desordenado dos homens nas ruas. Felizmente, a Signoria convencera o rei Carlos da França de que não tomara o partido de Piero de Médici, garantindo que aquele assunto interno de Florença em nada modificava o pacto concluído. O contrário teria provocado um autêntico banho de sangue. Isso, porém, significava que as tropas estrangeiras ocupariam a cidade dentro de poucos dias. Tinham marcado com giz sua mansão e, portanto, Luca deveria alojar nela vários soldados. Assim, suas grandes expectativas ficariam no ar até que os franceses deixassem Florença pacificamente. Luca rogou a Deus que assim fosse.

Florença, 17 de novembro de 1494

Florença se vestira como uma noiva para receber seu amado. Por ordem da Signoria, todos os cidadãos deviam ir para as ruas e aplaudir a entrada triunfal de Carlos VIII, o rei da França. Acrobatas com pernas de pau transitavam por cima das cabeças da multidão que se aglomerava nas praças. Outros funâmbulos, de máscaras e altas muletas de madeira ocultas por uma longa veste que lhes chegava aos pés, pareciam gigantes. Nas ruas, foram montadas plataformas móveis sobre rodas de madeira. Sobre essas plataformas, numerosas figuras representavam cenas bíblicas, entre as quais se destacava a Arca de Noé cheia de animais. Os artistas escolheram esse tema porque Savonarola passara semanas advertindo os florentinos de que sua situação era similar à do patriarca antes do Dilúvio e que só se salvariam caso fossem capazes de construir uma arca mística em seu íntimo.

Numa exceção ao austero modo de vestir preceituado por Savonarola, a Signoria achava conveniente que os florentinos exibissem suas melhores roupas para receber, com a devida dignidade, o monarca francês. Lorena escolhera um brocado com fios de prata que formavam diferentes tipos de flores. O bebê que trazia no ventre tinha menos de três meses e permitia-lhe ostentar sem problemas esse traje suntuoso. Sentia-se tão bonita quanto a cidade, talvez mais, e aproveitaria bem a ocasião se não fossem as tristes circunstâncias em que se encontravam. O rei francês não era o noivo de Florença, mas, sim, seu possível carrasco. E Mauricio continuava se comportando de maneira estranha. Hoje, fora difícil a Lorena convencê-lo a sair à rua, apesar da ordem

peremptória da Signoria. Conseguira-o a duras penas depois de argumentar que, se houvesse algum tumulto, ele protegeria as crianças. Na verdade, ela duvidava de que, em sua situação, Mauricio pudesse proteger quem quer que fosse, em caso de necessidade, mas era preferível forçá-lo – para evitar que ele ficasse recolhido em casa. Lorena só se sentia mais tranquila porque Carlo, o enorme cozinheiro que haviam contratado cerca de um ano antes, os acompanhara. Também Cateruccia estava feliz com a presença de Carlo: o amor havia nascido entre eles e tinham se casado havia pouco tempo.

Agostino e Simonetta, seus dois filhos mais velhos, discutiam animadamente sobre o significado das duas grandes colunas, com as armas da França, erguidas na entrada do Palácio dos Médicis. Alexandra, de apenas 7 anos, encarapitada nos largos ombros de Carlo, admirava boquiaberta o espetáculo das ruas.

A comitiva real já se aproximava das escadarias do Duomo, perto do lugar estratégico que Lorena e sua família haviam escolhido para apreciar tão importante acontecimento. O relinchar dos cavalos e o ruído de suas ferraduras no pavimento se fundiam com os gritos de “Viva a França!” que os espectadores proferiam com entusiasmo. O número de soldados a cavalo parecia não acabar nunca, mas finalmente o rei chegou acompanhado de dezenas de criados vestidos com elegantes librés. Na rua, ressoaram com mais força os brados de “Viva a França! Viva o rei!”. Ali perto, uma mulher desmaiou – tomada de emoção. Talvez fosse uma ardente admiradora de Savonarola. Quase todos os florentinos consideravam o popular pregador um autêntico profeta, pois havia previsto a entrada do rei da França na península Itálica como um enviado de Deus para purificá-la de seus pecados. Lorena era mais cética com respeito àquele frade. Sim, antevira a morte de Lorenzo, mas devia saber que ele estava gravemente enfermo. E quanto à invasão, fazia tempo que os franceses preparavam a travessia dos Alpes em meio a uma intensa atividade diplomática que incluía o vaivém de embaixadores entre Florença e a França.

De qualquer maneira, quando o rei Carlos desceu do cavalo, Lorena concluiu com absoluta certeza que aquele homem não podia ser um emissário de Deus. Tinha cerca de 20 anos de idade, o rosto feio e o corpo desengonçado. De frente estreita, seus olhos eram esbranquiçados e míopes. O nariz aquilino, desproporcionalmente grande, parecia querer descer até o chão. Os lábios eram sensuais, mas o queixo não revelava firmeza de caráter. De estatura muito baixa, andava a passos hesitantes, como se coxeasse um pouco.

Lorena notou também que suas mãos se agitavam em movimentos nervosos, espasmódicos.

Aquele pobre homem seria o mensageiro que Deus enviara para purgar os pecados da Itália? Nesse caso, o Senhor se valia de instrumentos ridículos para humilhar bastante os pecadores. Lorena achou que a coroa francesa devia ser pesada demais para um jovem tão insignificante, embora sua armadura de ouro refulgisse aos últimos raios de sol. Todavia os caminhos do Senhor são inescrutáveis e a triste realidade era que todos ali estavam nas mãos daquele rapazola que com tão pouca elegância galgava as escadarias do Duomo. No exato momento em que ele transpôs as portas da catedral, Lorena se benzeu.

Chegando em casa, Mauricio se sentou no salão e bebeu sofregamente uma garrafa de vinho. A cavalgada real havia terminado, e a qualquer momento apareceriam os soldados franceses que iriam se hospedar em sua mansão. Não se sentia com forças para recebê-los, do mesmo modo que, ultimamente, mal se animava a cumprir as tarefas mais ínfimas. Sem dúvida, a queda de Piero de Médici e a entrada das tropas francesas tinham sido péssimas notícias. Porém Mauricio sabia que a causa de seu deplorável estado era outra. Fazia várias semanas que ele havia perdido não só a alegria, mas também a capacidade de lidar com os problemas do cotidiano. De fato, durante esse tempo, não fora capaz sequer de ir à oficina nem às casas dos operários onde se fiavam os tecidos. Ter de comparecer a encontros, não importava quais fossem, parecia-lhe tão difícil quanto escalar uma montanha e, por isso, cancelara vários. Falar com pessoas, fazer um esforço para se mostrar amável ou discutir com alguém eram situações que ele preferia evitar. Mauricio notava que seu corpo se tornara exageradamente tenso e que respirava com dificuldade. No íntimo, sentia um medo profundo. Chegara a ter pesadelos repetitivos, nos quais tentava se esconder, mas era sempre descoberto. Ao despertar, trêmulo, não conseguia se lembrar de quem o perseguia nem do motivo pelo qual se ocultava.

Cateruccia lhe avisou que os soldados haviam chegado. Mauricio emborcou um último gole para recobrar o ânimo. Ao recebê-los, constatou surpreso que não eram franceses, mas mercenários suíços. A cruz branca, bordada na altura do peito, indicava-o claramente. Mauricio se sobressaltou ao ver que os três recém-chegados empunhavam alabardas de cujas hastes de dois metros de

comprimento se projetavam, na ponta, lâminas afiladas em forma de machado. Tampouco eram tranquilizadoras as enormes espadas que pendiam da parte de trás de seus cintos. Os mercenários foram muito educados, mas Mauricio não podia ignorar que representavam uma grave ameaça. Justamente por isso, procurou disfarçar o medo com uma expressão altaneira.

Numa mistura curiosa de catalão e provençal de oc, Mauricio conseguiu se comunicar com eles. Assim, com gestos e frases pronunciadas lentamente, mostrou-lhes a cozinha, lugar em que comeriam junto com os criados da casa. Em seguida, subiram até o segundo andar, onde estava o dormitório que partilhariam enquanto durasse a ocupação. Após algumas dúvidas, o casal decidira alojá-los no quarto de seu filho Agostino, que foi provido de três camas. Obviamente, Agostino não dormiria lá, e sim no quarto de suas duas irmãs. Por motivo de segurança, ficariam com os pequenos Cateruccia e seu marido Carlo, que trouxera da cozinha uma faca grande para se defender em caso de necessidade. Observando os mercenários, Mauricio rezou para que não ocorressem incidentes, pois, embora todos os criados houvessem levado armas para seus quartos, nenhum sabia lutar. Já aqueles suíços tinham feito da arte de matar seus semelhantes a ferramenta com a qual ganhavam a vida. Por isso, embora estivesse com a chave do quarto dos mercenários para trancafiá-los durante a noite se a situação o exigisse, Mauricio não tinha motivos para se sentir otimista caso ocorressem disputas violentas.

Os suíços agradeceram a hospitalidade e perguntaram se poderiam comer alguma coisa. Com um gesto de mão, Mauricio pediu que o acompanhassem. Os soldados o seguiram depois de deixar despreocupadamente as alabardas no quarto. Ao chegar à cozinha, Mauricio informou-lhes que poderiam pedir o que quisessem a Carlo, o cozinheiro.

Depois, retirou-se para o salão, serviu-se de outra garrafa de vinho e procurou relaxar. Após algum tempo, sua esposa o despertou, avisando-o de que era hora de se recolher.

*S*e as coincidências significavam alguma coisa, a morte de Pico della Mirandola no mesmo dia em que o rei da França ocupara Florença atestou o fim do mundo que Lorena tanto amava. As visões apocalípticas de Savonarola haviam se convertido numa realidade inegável para os florentinos, enquanto o humanismo promovido por Lorenzo de Médici era repudiado até por seus mais antigos e obstinados defensores.

Fora precisamente Pico della Mirandola quem situara o homem no centro do universo, argumentando que, não tendo sido criado nem anjo nem animal, nem demônio nem deus, nem terreno nem celeste, dispunha de liberdade para se transformar no que desejasse. Ao contrário do resto das criaturas, fadadas de antemão a não mudar de natureza, Pico acreditava que a dignidade do homem provinha de não estar limitado por nada, podendo então voar mais alto que os anjos ou cair mais baixo que as bestas. Aquele príncipe da concórdia tinha sido também o mais brilhante defensor de um cristianismo que integrasse os mistérios gregos, a sabedoria egípcia e as tradições ocultas do judaísmo, pois, segundo afirmava, todas as religiões refletiam a face do mesmo Deus. Depois de ter suas teses condenadas pela Igreja e de ser preso pelo próprio papa, somente a intercessão pessoal de Lorenzo lhe permitiu deixar o calabouço e estabelecer-se em Florença com a proteção do Magnífico.

Não obstante, a decadência de Lorenzo e a concomitante ascensão de Savonarola iam abalando o edifício humanista em que se pretendia fundamentar no passado a compreensão do presente e o salto para o futuro. O próprio Pico abjurara de suas teorias, doara seus valiosos bens e ingressara na ordem dos dominicanos, a que pertencia Girolamo Savonarola, o grande

inimigo de Lorenzo. Também Botticelli se envergonhava agora de seus quadros pagãos e insistia em pintar tocantes cenas religiosas. Marsílio Ficino, a alma da Academia Platônica, optara prudentemente por recolher-se à solidão de sua Villa de Careggi. Angelo Poliziano, amigo de Lorenzo e um dos melhores escritores da Europa, falecera dois meses antes do Príncipe da Concórdia. Paolo del Pazo Toscanelli, Luigi Pulzi, Ermolao Barbaro e muitos outros humanistas insignes amados por Lorenzo já estavam mortos havia muito tempo. O silencioso cemitério de Florença era agora o único lugar em que a Academia podia celebrar suas antigas reuniões.

Contudo não era o declínio da filosofia e da arte o que mais preocupava Lorena, mas, sim, o naufrágio emocional do marido. Mauricio sofria de uma insólita enfermidade da alma que o tornava incapaz de enfrentar os novos tempos, pondo assim em risco toda a família. Que estranhos pensamentos cruzavam sua mente? Onde estava a ferida invisível que supurava sem parar e lhe tirava o entusiasmo? Que sentia realmente: medo, desalento, angústia? Por quê?

Lorena precisava a todo custo descobrir o que acontecia, mas o marido lhe dava tão poucas pistas... como se fosse uma arca fechada a sete chaves. Precisamente uma chave, justamente a do escritório de Mauricio, talvez pudesse desvendar os segredos ocultos de seu coração. Mauricio, a exemplo de Lorenzo, costumava ficar longas horas escrevendo no escritório. A correspondência epistolar, um gênero muito apreciado entre os homens cultos, ocupava boa parte de seu tempo, embora de sua pena também brotassem canções, poemas, contos alegres de que tanto gostavam seus filhos... e algo mais. Lorena sabia que ele registrava suas impressões íntimas num diário pessoal.

Em qualquer outra ocasião, teria considerado uma deslealdade trair a confiança do marido – mas não naquelas circunstâncias. Mauricio, encharcado de vinho, roncava barulhentemente na cama, sem ter conseguido reunir forças para tirar as botas. As correntes subterrâneas – pensou Lorena – escondem-se abaixo da superfície antes de se manifestarem de improviso, assim como ocorria com as inexplicáveis reações do marido. Portanto, era justo investigar o proibido se isso conseguisse evitar uma catástrofe.

Lorena saiu do quarto com as chaves de Mauricio e uma lamparina de azeite. O corredor, tão conhecido dela, permanecia escuro e silencioso. À frente, separado pelo espaço vazio do pátio interno, estava o dormitório onde

se alojavam os mercenários suíços. A porta estava fechada e não se ouviam ruídos. Acreditando que o cansaço da jornada e o vinho aguado que lhes tinham servido na ceia bastassem para mergulhá-los num sono profundo, Lorena continuou andando. Aterrorizava-a imaginar que os mercenários pudessem acordar e encontrá-la a vagar sozinha pela casa, enquanto o marido jazia inconsciente na cama. As sombras projetadas pela chama pareciam presságios de ameaças, suas pernas tremiam e as batidas de seu coração ressoavam mais fortes do que julgara possível. Procurando conter o medo, Lorena tentava caminhar de forma bem lenta e suave, como fazia na época em que era criança, quando espionava as conversas dos pais.

A porta do escritório estava entreaberta. Lorena entrou sem fazer barulho, pôs a lâmpada em cima da mesa, acendeu uma vela branca e encomendou-se à Virgem das Rochas. Na parede, a Virgem pintada com sanguina por Leonardo da Vinci parecia tranquilizá-la com um gesto de mão. Lorena teria preferido adquirir a cena de seu casamento em vez daquele gracioso esboço. No entanto, após seu regresso triunfal de Nápoles, Lorenzo, acabrunhado pelas dívidas contraídas, não confirmara a encomenda do quadro nupcial a Leonardo. O genial artista, conhecedor das dificuldades financeiras do Magnífico, preferira deixar Florença e buscar melhor fortuna a serviço do duque Ludovico Sforza, de Milão.

Lorena desviou o olhar da Virgem das Rochas e introduziu a chave na fechadura de uma gaveta. Sua atenção foi imediatamente atraída por um caderno com capa de couro fechado por um laço e um bastonete de madeira. Nas folhas de pele de vitela, a letra elegante de Mauricio consignara com tinta azul o que talvez fossem seus pensamentos mais íntimos e secretos.

Lorena voltou ao quarto pouco antes de amanhecer. O diário de Mauricio deixara-a comovida. Ele a amava com paixão devota. Quanto a isso, não cabia dúvida alguma. O relato de sua vida, contido naquele caderno, expressava-o de todas as maneiras possíveis. O surpreendente era que Mauricio não só narrava suas experiências cotidianas como transcrevia suas emoções em forma de poemas ou fragmentos de sonhos. Mais ainda, externando uma fina sensibilidade, às vezes registrava as impressões do dia da forma como haviam sido sentidas por ela própria ou algum de seus filhos. O resultado era uma epopeia vibrante, em que o amor, a beleza, a luta e o mistério de Deus transbordavam numa vigorosa ânsia de viver.

Onde se escondia, pois, o instinto de morte que debilitava o espírito de Mauricio? Impossível sabê-lo. Durante os períodos em que mergulhara naquelas estranhas crises, ele não escrevera uma única linha, de modo que não havia sequer uma breve anotação sobre o saque de sua casa de campo ou qualquer outro problema que Lorena ignorasse. Seria possível, então, lutar contra um inimigo invisível?

Desesperada, Lorena correu logo de manhãzinha ao bairro de San Ambrosio para falar com Sofia, a mulher que tantas vezes a ajudara no passado, quando a vida lhe apresentava desafios além de sua compreensão. Lorena sentiu medo ao atravessar a cidade após a primeira noite de ocupação das tropas estrangeiras. Tentando passar despercebida, cobriu o corpo com um longo manto de lã desgastada e a cabeça com um véu, o que era bem do agrado dos seguidores de Savonarola. Graças a Deus, Florença havia amanhecido sem incidentes, embora estivesse envolta numa calma tensa. Soldados estrangeiros podiam ser vistos rondando pelas ruas, porém nenhum deles estava causando problemas. Talvez o rei Carlos, depois de receber informações sobre o recente levante contra Piero de Médici e concluir que os florentinos eram um povo arrojado, pronto a responder com armas às ofensas, tivesse advertido seus homens de que qualquer desmando seria duramente punido. De qualquer modo, Lorena chegou à botica do marido de Sofia sem que ninguém a molestasse. Foi encontrar a amiga no depósito onde eram guardadas as diversas ervas, as especiarias e poções milagrosas vendidas no estabelecimento. Depois que Lorena ajudou-a a abrir algumas caixas, Sofia se dispôs a ouvi-la.

O marido de Sofia atendia os fregueses no balcão e a casa estava cheia de gente, havia alguns mercenários, por isso elas acharam melhor conversar discretamente ali mesmo onde estavam. O recinto não tinha janelas, era iluminado por um grande candeeiro de azeite e embriagava os sentidos com sua mescla de aromas. Sofia explicou que os recipientes de vidro daquele depósito continham substâncias de diversas plantas destiladas em banho-maria,

após prévia maceração em álcool; obtinham-se dessa forma infusões e óleos para aromatizar, embelezar ou curar enfermidades, conforme o caso. Lorena tentou ignorar a forte mistura de suaves fragrâncias e estranhos odores que inundavam o local, enquanto explicava à amiga os motivos de sua preocupação.

– Não foi a queda do regime dos Médicis, a entrada dos franceses em Florença ou mesmo a crise econômica que insuflou esse mal na alma de seu marido; foi sua gravidez – garantiu Sofia.

– Impossível – protestou Lorena, incrédula.

– No entanto, você mesma disse que a atitude distante de Mauricio começou depois que lhe deu a notícia – replicou Sofia.

– Sim, mas na mesma ocasião nossa casa de campo foi saqueada e qualquer um podia perceber os perigos que rondavam a cidade – argumentou Lorena.

– Talvez você tenha razão, mas, se bem me lembro, as duas vezes em que ele sofreu crises parecidas coincidiram com a morte de seu primeiro filho no parto e com o aborto natural que ocorreu há três anos e meio – ponderou Sofia.

– Mas são coisas completamente diferentes! Nos dois casos que você mencionou, eu estive a ponto de morrer e foi isso que afetou tanto meu marido. Agora, ao contrário, estou muito bem. Além do mais, desta vez, sua reação me parece muito mais preocupante. Mauricio anda tão desanimado que chega a descuidar de suas obrigações no negócio de tecidos que divide com seu sócio, o qual já me confessou que eles estão enfrentando problemas financeiros. Há dias em que Mauricio dá desculpas para evitar quaisquer compromissos sociais e se entrega aos braços de Baco até Morfeu arrebatá-lo ao país dos sonhos. Ontem mesmo tive de levá-lo para a cama porque ficou dormindo no salão enquanto os mercenários suíços passavam a primeira noite em nossa casa!

– Sem dúvida, o comportamento de seu marido é arriscado, considerando as circunstâncias atuais, e isso bem poderia ser consequência de uma enfermidade da alma.

– É o que eu queria lhe dizer. Mauricio jamais chegou a esses extremos, e não posso crer que o motivo seja minha gravidez. Por favor, Sofia, eu preciso desesperadamente de apoio e acho que só você é capaz de me ajudar. Que devo fazer? Qual seria a solução?

A mulher se levantou da cadeira e pôs-se a andar pelo recinto observando os potes e frascos alinhados nas prateleiras, antes de voltar a falar.

– Nem infusões nem essências; nem unguentos nem azeites; nem sais nem ervas; nem plantas nem poções. Não temos nada aqui que possa curar seu marido. A doença dele não é do corpo, mas, sim, da alma. A primeira vez que você deu à luz, o bebê morreu ao nascer; a última, o feto não sobreviveu em seu ventre. Em ambas as ocasiões, você quase morreu também. A vida e a morte são as duas faces da mesma moeda. Por isso suspeito que sua gravidez deva ter provocado essa reação imprevisível de Mauricio, embora a causa possa ser outra. Talvez a resposta se oculte atrás das brumas de Baco, mas só seu marido conseguirá encontrá-la. Pergunte-lhe. Prometo que rezarei esta noite para que Morfeu lhe revele os segredos dele.

Lorena fitou aquela mulher forte. Ao longo dos anos, ela engordara e envelhecera, mas seus grandes olhos azuis continuavam iguais, como também sua força. Havia um halo ao redor dela que infundia uma fé e uma confiança enormes. Lorena abraçou-a e se despediu. O marido de Sofia já a chamava insistentemente do balcão.

Mauricio começou o dia ouvindo a notícia de que a esposa havia saído para realizar algumas pequenas tarefas após tomar o desjejum com os filhos. Cateruccia também estava na rua comprando alimentos para quando os mercenários suíços voltassem para o jantar. Aqueles soldados eram educados, mas comiam por um regimento inteiro. Após certificar-se de que os filhos estavam com os professores de dança e gramática, Mauricio resolveu ir encontrar-se com Elias. Surpreendentemente, a vida em Florença transcorria com toda a aparência de normalidade, apesar do grande número de soldados estrangeiros nas ruas. Algumas lojas tinham baixado as portas; a maioria, porém, estava aberta. Viam-se poucas mulheres andando sozinhas, mas a quantidade de homens que caminhavam pelas ruas não era menor que em qualquer outro dia.

Mauricio passou pelos lugares que Elias costumava frequentar, procurando localizá-lo, mas não teve sucesso. Cansado, acabou por encontrá-lo no lugar onde ele quase sempre estava na hora de comer: sua casa. A família de Elias vira-se obrigada a acolher dois gigantescos soldados escoceses de feições tão brutais que Mauricio se alegrou por lhe terem impingido os mercenários suíços. Na opinião do amigo, o levante contra Piero salvara Florença do saque, pois convencera o rei Carlos de que seu exército sofreria pesadas baixas caso ocorressem enfrentamentos armados na cidade. Provavelmente graças a isso, o monarca se conformara em obter, sem luta, a enorme soma que Florença lhe prometera: 200 mil florins.

Terminado o almoço, num aparte, Mauricio relatou a Elias a crise moral em que estava imerso. As palavras do sábio rabino haviam ressoado a noite

passada em sua cabeça, enquanto tremia convulsivamente apesar dos cobertores que Lorena estendera sobre a cama do casal: “O que de dentro tirares te salvará; o que por dentro conservares te matará”, dissera-lhe Elias, citando o evangelho atribuído ao apóstolo Tomé. Mais tarde, discorrera sobre o que chamava de “a noite escura da alma”, antecâmara do novo que lutava por nascer. Finalmente, evocara a experiência mística que muitos anos antes Mauricio tivera. De acordo com Elias, aquela vivência fora maravilhosa, mas incompleta como um círculo aberto, já que depois do êxtase Mauricio sentira um ódio intenso de si mesmo. A enfermidade da alma de que agora padecia era, segundo Elias, um grito desesperado de sua consciência, a qual o exortava a averiguar de onde procedia tamanho ódio. “Não se esqueça das palavras do apóstolo Tomé”, dissera ele a Mauricio ao despedir-se.

Voltando para casa, não sabia se em virtude da conversa com o rabino ou por algum outro motivo, começou a tremer e a sentir-se doente. Tentou aquecer-se com um de seus vinhos tintos favoritos, sem obter o resultado pretendido. Lorena, percebendo que ele estava mal, obrigou-o a deitar-se. Serviu-lhe, na cama, colheradas de sopa bem quente e aplicou-lhe compressas úmidas na cabeça até que Morfeu lhe concedesse a graça do sono e do descanso.

Mauricio despencou num profundo poço escuro do qual surgiu a imagem de uma jovem agonizando. Suava copiosamente, e a angústia quase o impedia de respirar. Tinha visto aquela moça centenas de vezes antes, mas não conseguia se lembrar de quem era. E ele a matava, apesar de seus próprios olhos estarem banhados de lágrimas! Ele era o seu assassino! Ao contemplar outra vez o rosto da jovem, compreendeu a verdade espantosa: era sua mãe, que exalava os últimos suspiros enquanto Mauricio a feria entre as coxas. O sangue escorria aos borbotões, tingindo de vermelho os lençóis e sua cabeça. O quarto inteiro estava manchado de sangue... e Mauricio era o carniceiro que a esquartejava!

– Mauricio, Mauricio, acorde! Que está acontecendo? – perguntou Lorena, sacudindo-o sobressaltada.

Mauricio abriu os olhos, horrorizado. Ao se recompor, contou à esposa o terrível pesadelo e a conversa que tivera com Elias. Lorena ouviu-o atentamente e permaneceu por muito tempo em silêncio antes de falar:

– Meu amor, sua mãe morreu ao dá-lo à luz. Você não a matou.

– Se eu não tivesse nascido, ela não teria morrido de um modo tão atroz – gemeu Mauricio, com o olhar esgazeado. – E meu pai seria feliz em vez de passar o resto da vida chorando a morte dela.

– E se você não me houvesse engravidado, eu não teria corrido o risco de morrer duas vezes, mas tampouco nasceriam Agostino, Simonetta e Alexandra. É Deus quem decide a hora da morte de todos nós, não você, Mauricio. Esse ódio por si mesmo, de que me falou algumas vezes, parecia-me um desvario passageiro, provocado pelos eflúvios do vinho. Só agora vislumbro seu verdadeiro alcance... De alguma forma, você se odeia porque está convencido de que assassinou sua mãe e se culpa também pela infelicidade de seu pai.

– Sim – confirmou Mauricio, que sentia como se lhe tirassem um véu da frente dos olhos. – Não sei como, uma terrível voz interior sussurra que eu é que deveria ter morrido, não minha mãe, e me deixa inapelavelmente paralisado. Parece o mesmo grito de angústia que eu não consegui libertar quando você esteve prestes a morrer ao dar à luz pela primeira vez e por ocasião do aborto natural que teve há três anos e meio. Agora, por causa dessa nova gravidez, não consigo me impedir de temer o pior...

– Escute-me, Mauricio. Não tenho intenção nenhuma de morrer. Estou grávida de um filho seu, o quarto. Eles precisam de você, e eu o amo. Não ponha tudo a perder por um crime que não cometeu.

– Em meus sonhos, esse crime é real.

– Sim, mas agora está acordado. Acabe de vez com as névoas dessa loucura e não continue arcando com uma culpa que não é sua. Se o sonho voltar, abrace sua mãe e peça-lhe que vele por você do Céu. É seu único filho, e tenho certeza de que ela já faz isso. Se ela deu a vida por você, que não tenha sido em vão. Embora não esteja fisicamente do seu lado, a estirpe dela continua por meio de você e de nossos filhos.

– Eu amo você – murmurou Mauricio, abraçando a esposa com lágrimas nos olhos. – Não vou desampará-los.

No fim das contas, pensou Lorena enquanto o abraçava, talvez Mauricio não tivesse problemas financeiros graves, que lhe ocultava, nem inimigos desconhecidos. Contudo a lembrança da terra revolvida em volta de sua casa de campo continuava inquietando-a. De algum modo, não podia evitar o pressentimento de que logo deveriam encarar um grande perigo relacionado com o estranho saque de sua propriedade.

*H*aviam transcorrido onze dias desde que os franceses ocuparam a cidade. Enfim, sua despedida estava sendo oficializada na praça da Signoria. Da sacada do palácio do governo, um oficial público, flanqueado pelos estandartes franceses e florentinos, lia em voz alta os termos do tratado para a assembleia do povo ali reunida. Lorena calculou que pelo menos dois terços dos cidadãos deviam estar presentes. Ao lado do pregoeiro, viam-se os membros da Signoria junto do rei Carlos, comodamente sentado com seu manto em um trono que Lorena se lembrava de ter visto no Palácio dos Médicis.

As coisas pareciam estar melhorando. Seu marido, depois de relembrar aquele sonho tão extraordinário, começava, sem dúvida, a vencer a crise que o mantivera no mais completo desânimo. Continuava padecendo tensões e angústias, mas isso já não o impedia de enfrentar outra vez os desafios de seu negócio de tecidos. A situação não era fácil porque, com a liderança de Savonarola, quase ninguém se dispunha a comprar artigos de luxo em Florença e as exportações também haviam diminuído. A ocupação francesa fora nefasta em termos comerciais, já que a maioria das lojas baixava as portas quando corriam rumores de um possível enfrentamento armado. Porém Lorena estava cheia de esperanças, pois Mauricio enveredara pelo bom caminho para voltar a ser ele mesmo.

A atenção de Lorena se concentrou novamente na sacada do palácio. O rei Carlos, com o rosto contraído de incredulidade, saltara como uma mola de seu trono para encarar o pregoeiro que acabara de proclamar a soma a ser paga por Florença à coroa francesa: 120 mil florins. O monarca, com um gesto brusco, mostrou claramente que não estava de acordo com aquela cláusula.

Lorena sabia que, embora a cifra oferecida por Piero de Médici ao soberano da França chegasse a 200 mil florins, a Signoria conseguira baixá-la para 150 mil. Sem dúvida, a fúria do rei se devia à diferença de 30 mil com respeito ao último pagamento combinado. O *gonfaloniere*^[12] começou a discutir violentamente com o monarca. Lorena sentiu-se aliviada por ter tido a precaução de deixar as crianças em casa com Cateruccia. Na maioria das ocasiões, bastava uma fagulha para atizar um incêndio. Após uma breve e acalorada troca de palavras, o rei francês guardou um silêncio tenso; em seguida, num gesto amigável, pegou o *gonfaloniere* pelo ombro e pilheriou descontraidamente. O perigo havia passado. O pregoeiro continuou lendo, sem mais incidentes, os artigos restantes do tratado.

– O que será que o nosso *gonfaloniere* fez para acalmar o rei da França? – perguntou-se Mauricio.

– Pareceu-me ler em seus lábios que ele dizia ao rei Carlos: “Se você mandar soar suas trombetas, nós faremos tocar nossos sinos”.

– Sim, é possível. O rei sabe que o toque dos sinos significa um chamado às armas e deve preferir que seu exército não sofra nenhuma baixa. Conformase com os 120 mil florins, que, aliás, somam uma verdadeira fortuna. Quanto ao comentário jocoso de Carlos, embora eu não saiba ler lábios como você, aposto um braço que sou capaz de adivinhar suas palavras.

– Ah, é? E que palavras foram essas? – perguntou Lorena, intrigada.

– Já vai saber. Piero di Gino Capponi, nosso *gonfaloniere*, foi embaixador na França nos tempos de Lorenzo, o Magnífico. O rei Carlos era então apenas um menino e Piero brincava com ele como um tio brinca com o sobrinho. Mais de uma vez Lorenzo comentou comigo, rindo, que o príncipe herdeiro da coroa francesa, quando pilheriava com nosso embaixador, dizia: “Ah, Capponi, Capponi, você é verdadeiramente um bom capão!”. Por isso aposto que o rei, evocando os tempos de criança, repetiu essa frase para que ambos pudessem recordar sua antiga amizade.

Lorena riu com gosto. E pensar que aquela simples frase pudera solucionar amigavelmente um assunto tão sério...

– É assim que se escreve a história – comentou, sorrindo.

– Sim – disse Mauricio. – Quando a Signoria confiou a Piero di Gino Capponi o cargo de *gonfaloniere*, sua intenção foi estabelecer um vínculo emocional com o rei Carlos. O que jamais se poderia imaginar é que um “capão” salvaria Florença do desastre.

Pietro Manfredi observou satisfeito o tabuleiro de xadrez com suas peças de marfim. Após a retirada do exército de Carlos, logo se faria oficialmente a troca de poderes em Florença. Com muita paciência e sutileza, tinham acabado primeiro com o prestígio e depois com a vida de Lorenzo, aproveitando o falecimento do chefe de seus espões e as informações exatas de Luca sobre as preferências culinárias do Magnífico. O plano fora lento, mas bem-sucedido. As ideias defendidas por Lorenzo de Médici batiam em retirada, e até seus amigos humanistas, artistas e filósofos da Academia Platônica, como Sandro Botticelli e Pico della Mirandola, tinham renegado publicamente suas antigas concepções.

Infelizmente, não conseguiram se apossar do anel. Pietro Manfredi supunha que o cardeal Giovanni de Médici estivesse de posse da esmeralda. Era o mais inteligente dos filhos de Lorenzo e, sem dúvida, seria eleito papa no futuro, caso se valesse com acerto de sua riqueza, do peso do nome Médici e da argúcia mental que caracterizava a família. Após a morte do Magnífico, haviam infiltrado espões no séquito do cardeal Giovanni e no *palazzo* de seu irmão Piero sem êxito algum. Também investigaram as casas de penhor, consultaram as pessoas ligadas ao tráfico de joias e interrogaram os criados de Lorenzo. Tudo em vão. A esmeralda desaparecera e qualquer um podia estar com ela; um ladrão de sorte, uma irmã de Lorenzo e até Mauricio Coloma. Essa última possibilidade era muito vaga, mas, desesperado pela falta de resultados, Pietro mandara simular um roubo na casa de campo de Mauricio e uma discretíssima investigação em sua residência florentina. Como era de esperar, não encontraram ali nenhuma pista da esmeralda. Se quisessem recuperá-la,

precisariam de mais imaginação que a demonstrada até o momento ou de um golpe de sorte inesperado.

De qualquer maneira, Pietro não simpatizava com Mauricio Coloma. Se não fosse pela intervenção daquele rústico estrangeiro, Lorenzo de Médici teria morrido apunhalado na catedral, muitos anos antes. Mauricio não era um objetivo prioritário, nem mesmo um peão pelo qual valeria a pena mover um dedo; porém, pessoalmente, agradava-lhe pensar que o destino dele fosse morrer depois de ser torturado física e moralmente. Sem dúvida, Pietro não interviria nem sujaria as mãos de sangue. Luca Albizzi se encarregaria dele em breve.

Era o terceiro domingo do Advento e ninguém em Florença queria perder o sermão de Savonarola. Mauricio calculou que, com esse propósito, cerca de 14 mil pessoas tinham se reunido em Santa Maria del Fiore. O número de fiéis ultrapassava a capacidade do Duomo, de modo que uma enorme multidão se vira obrigada a permanecer ao relento na praça que cercava a catedral. E isso sem que nenhuma mulher tivesse entrado na igreja! O frade vinha falando de política nos últimos sermões e achava que as mulheres não deviam ouvir o que se dizia sobre esse assunto nem opinar sobre ele. Mauricio se alegrara com a proibição, nem que fosse apenas porque, de outro modo, correria o risco de morrer asfixiado. Para se proteger do frio, vestira uma grossa túnica de lã preta, a cor que os espanhóis tinham posto em moda, e o tradicional chapéu florentino, o *cappucci*, que se podia enrolar sobre a cabeça de várias maneiras, segundo o estilo pessoal de cada um. Sapatos de couro de bezerro com grossas solas costuradas à mão completavam o traje de inverno que, graças à multidão compacta, fazia-o suar em pleno mês de dezembro.

Savonarola, vestido com uma sotaina negra e empunhando um crucifixo na mão direita, começou seu sermão:

– Chegou a hora de substituir o governo corrupto de Florença por outro que ajude esta cidade a ser o Céu na Terra.

Eu previ, e vocês são testemunhas disso, a morte de Lorenzo de Médici, a queda de seu filho Piero e a entrada na Itália de um exército estrangeiro para a expiação de seus pecados. Porém também os confortei, assegurando que Florença permaneceria inviolada porque dela nasceria um novo governo democrático, espelho e farol para o resto do mundo.

Muitas pessoas consideravam Savonarola um autêntico profeta e estavam convencidas de que, com sua simples presença, não só salvara Florença do saque pelo exército francês como convencera o rei Carlos a deixar a cidade. Mauricio achava que a personalidade carismática do monge podia ter exercido certa influência no jovem e volúvel monarca; no entanto, por suas próprias fontes de informação, sabia que Begni, o comandante das tropas francesas, exigira do rei que abandonasse a cidade aproveitando a ausência de chuvas e neve. De qualquer modo, milagre mesmo fora o fato de, durante a ocupação estrangeira, só terem ocorrido umas dez mortes em consequência de atritos isolados, levando-se em conta o grande número de gente armada que se apinhara na cidade.

– Por tempo demais – clamou Savonarola do púlpito – Florença sofreu uma tirania disfarçada com as falsas roupagens de uma república. A Signoria e os conselhos não passavam de sepulcros caiados, que por fora são belos, mas por dentro estão cheios de ossos, vermes e imundícies. Sim, porque os principais cargos não eram preenchidos pelo voto, mas, sim, por sorteios que os Médicis controlavam. Em verdade lhes digo que devemos abolir as instituições do passado, agora que iniciamos uma nova era para maior glória de Deus. Preservemos a Signoria e montemos um conselho reduzido para governar a cidade, cujos membros sejam eleitos com justiça. E, sobretudo, criemos um grande conselho de 1.500 pessoas que tenha a última palavra em qualquer assunto. Mil e quinhentas pessoas de todas as associações e camadas sociais não podem ser corrompidas nem manipuladas. Na cidade de Deus, o povo é que governará. Essa é a vontade do Senhor, que lhes comunico da forma como ele me transmite.

Savonarola estava, sem dúvida, se juntando ao grupo que queria dar à República um governo verdadeiramente popular e que se opunha a quem achava preferível manter as instituições em mãos de uma pequena elite. Mauricio tinha problemas mais prementes sobre os quais refletir. Com o naufrágio do navio *Santa Maria*, procedente das Índias Orientais, perdera boa parte de seu patrimônio: pimenta, canela, noz-moscada, seda, perfumes, pérolas e pedras preciosas no valor de 20 mil florins tinham acabado no fundo do mar após um combate mortal com piratas barbarescos. E junto com o *Santa Maria* afundara também a companhia seguradora, que declarara falência. Como se isso não bastasse, ainda não fora devolvido o generoso empréstimo feito a Colombo, embora este houvesse descoberto uma rota

alternativa para as Índias. Piorando mais as coisas, o convento de São Marcos cancelara um valioso pedido de roupas eclesiásticas quando estas já estavam prontas. No entender de Mauricio, o responsável pela decisão fora precisamente aquele frade que, de crucifixo em punho, deslumbrava multidões do púlpito. Com efeito, era sobejamente conhecida a aversão de Savonarola pelos judeus, que ele considerava responsáveis pelo martírio de Jesus Cristo. E, sem que Mauricio soubesse o motivo, alguém se encarregara de propalar a história de que seu pai e seus avós eram na realidade judeus, sendo ele próprio um falso convertido. Caso o boato houvesse chegado aos ouvidos de Savonarola, o prior de São Marcos bem poderia ter cancelado o pedido receando que suas roupas estivessem contaminadas por mãos infieis.

Mauricio pensou na esmeralda que Lorenzo lhe entregara em seu leito de morte. Graças a ela, gozara de uma vida esplêndida e talvez conseguisse evitar novamente sua ruína... caso a vendesse, contrariando a última vontade do Magnífico. Durante dois anos e meio, não tivera notícia de seu desconhecido e legítimo proprietário. Todavia, o absurdo não era menos real que o costumeiro e justamente naquela manhã recebera uma carta reclamando a devolução da pedra. A tentação de rasgar a carta e esquecer o assunto era muito grande, quase irresistível. Mauricio resolveu, pois, protelar a resposta por enquanto. Haveria tempo para devolver aquele valiosíssimo objeto depois que sua situação financeira melhorasse.

– Mudar a forma de governo é necessário, mas não suficiente – bradou Savonarola com voz possante. – Vocês devem mudar de vida, isto sim; do contrário, sua carne será queimada no fogo do Averno por toda a eternidade. Com efeito, o pecado floresce em nossa cidade. Os piores vícios são tolerados sem que ninguém os castigue. Isso tem de acabar. Se um olho os scandaliza, é melhor arrancá-lo do que ser precipitado por sua causa na Geena, no Inferno. Assim, para o próprio bem de vocês, vou propor uma série de leis que incentivem os pecadores a enveredar pelo bom caminho. Se não quiserem, de bom grado, tomar a senda da virtude, conduzidos pelo amor de Deus, que ao menos o façam por medo do castigo. Muitos são os vícios que se aninham em nossa cidade, e o pior deles é, sem dúvida, a sodomia. Essa prática abominável ofende o Senhor e, embora eu não goste da violência contra o próximo, deve ser extirpada de Florença como uma erva ruim. Por isso, quando um sodomita for descoberto, proponho um castigo simbólico: que o culpado seja exposto nas muralhas externas do Bargello com as mãos presas a uma argola de ferro e

um letreiro no peito onde se leia o nome do crime cometido. Fique assim entregue ao escárnio público durante três horas, enquanto badalar o velho sino da prisão, para que não peque mais. Caso reincida, a pena será física também: atado a uma coluna, que o chicote fustigue suas costas à vista de todos. E, se ainda assim persistir na ignomínia, que seja queimado, pois é melhor que a carne arda em lugar da alma.

Mauricio olhou em volta. Os rostos de todos os homens tinham uma expressão grave. A sodomia fora um vício condenado publicamente e tolerado na prática, a tal ponto que os franceses empregavam a palavra “florentino” como sinônimo de “homossexual”. As coisas iam mudar. Mauricio não tinha dúvida de que a lei proposta pelo frade seria aprovada, pois quem quer que se opusesse a ela atrairia a suspeita de praticar o pecado contra a natureza. Ele, pessoalmente, não precisava se preocupar, mas imaginava que aquilo era o começo de um novo tempo: a idade do ouro anunciada por Savonarola principiava pela marginalização das mulheres e a perseguição dos homossexuais; logo, porém, viriam as prostitutas, os judeus, os hereges e, por fim, todas as pessoas que não se enquadrassem na ideia que o monge fazia de um cristão exemplar. Mauricio se sentiu inquieto, tanto mais que não concordava com a maioria das opiniões de Savonarola.

A saída da igreja, Mauricio encontrou-se com seu amigo Bruno. – Parece que, entre as piedosas virtudes do monge, não se conta a de respeitar contratos – disse Bruno em tom irônico. – É uma lástima porque, se assim não fosse, ameaçaria os inadimplentes com cinquenta chibatadas ou outra tortura qualquer saída de sua imaginação febril. E então os frades de São Marcos não ousariam anular o pedido das vestes monásticas que agora se amontoam inúteis em nosso armazém.

Mauricio se sentia agradecido pelo fato de Bruno não lhe ter feito a mínima censura, embora estivesse certo de que o único motivo para o cancelamento do pedido por parte dos monges se devesse àqueles rumores sobre sua condição de judeu disfarçado de cristão.

– Pelo menos teremos o prazer de processar o convento de São Marcos – afirmou Mauricio, dando vazão à cólera reprimida enquanto se afastavam da catedral.

– A maldição cigana! – riu Bruno. – Entre na justiça e ganhe! Porém você sabe como são essas coisas: litígios infundáveis, com letrados pagos para que, ao fim de Deus sabe quanto tempo, um juiz dê a sentença que quiser, sem mais fundamentos que seu estado de espírito ou seu interesse espúrio. Deixe tudo comigo que tentarei chegar a um acordo com o pessoal de São Marcos. Atualmente, com Savonarola no papel de estrela ascendente, temo que mais valha um mau acordo que um bom processo.

Mauricio sabia que seu amigo tinha razão. Diante de um tribunal, os monges de São Marcos alegariam que tentaram realizar a entrega quando o prazo havia expirado, que os hábitos não estavam conforme a qualidade

combinada ou qualquer outra desculpa que ocorresse ao rábula de plantão. Em última instância, os magistrados sempre decidiam a favor dos poderosos. E em Florença não havia ninguém mais poderoso que Savonarola.

– O melhor é nos conformarmos com perder o mínimo de dinheiro possível nesse desastroso negócio – admitiu Mauricio. – O que nunca recuperaremos é o carregamento afundado pelos piratas barbarescos.

– Aí, sim, perdemos boa parte de nossa fortuna – disse Bruno, com ar taciturno. – E para cúmulo do azar, a companhia seguradora do carregamento declarou falência. É como se houvésemos pisado em bosta de vaca.

– Ou coisa pior. Porque, do dinheiro que emprestamos a Cristóvão Colombo, não vimos nem um florim, nem um mísero maravedi.

– Entretanto, nesse caso, investimos pensando não tanto na devolução do empréstimo, mas nas oportunidades de negócio caso ele descobrisse outra rota mais rápida e segura para as Índias. Por incrível que pareça, ele conseguiu, e mais cedo ou mais tarde obteremos com isso lucros enormes.

– Deus queira que você esteja certo, Bruno, porque até agora essas Índias onde Colombo chegou não têm nem seda nem ricas especiarias para comercializar.

– Por isso estão enviando mudas de cana-de-açúcar para as terras recém- descobertas.

O açúcar, conforme Mauricio sabia, custava muito caro, por ser a única substância mais doce que o mel. Na Europa, o cultivo da cana era dificultado pela falta de água, mas as ilhas descobertas pouco antes pareciam ideais para seu plantio. No entanto era um negócio de longo prazo, e Mauricio precisava de dinheiro com urgência.

– Os reis católicos recompensaram o êxito do almirante, entre outros favores, com mil dobrões de ouro. Ele bem poderia nos pagar com parte do que recebeu.

– Você está certo, Mauricio. Porém Colombo se esquivou alegando grandes dívidas contraídas anteriormente e garantindo que nos reembolsará com o ouro que trazer de volta de sua segunda viagem. Que podemos fazer? Ele é um herói na Espanha, e qualquer reclamação que fizermos será inútil como um soco no ar. No entanto, tão logo Colombo chegue à corte do Grande Cá, poderemos comprar e vender especiarias sem pagar as exorbitantes taxas de alfândega que tanto encarecem os produtos orientais. A riqueza está prestes a entrar pela porta de nossa casa, não duvide.

– Pode ser. Porém não creio que seja por intermédio da tal planta cuja fumaça os nativos dessas novas terras inalam.

Bruno riu com gosto da tirada de Mauricio. Semanas antes, haviam experimentado umas folhas secas que os índios chamavam de fumo, enroladas em forma de canudo. Acenderam uma das pontas e aspiraram pela outra. Imediatamente começaram a tossir, enquanto pequenas nuvens de fumaça saíam de sua boca, umedecendo seus olhos irritados.

– Sim, a plantação de fumo seria o pior negócio de todos os tempos – garantiu Bruno. – Talvez os selvagens gostem de inalar essa maldita fumaça, mas nenhum cristão, em seu pleno juízo, os imitará.

Luca se lembraria sempre, com orgulho, do dia 1o de janeiro de 1495. A praça da Signoria estava repleta de cidadãos desejosos de ver os responsáveis pelos assuntos políticos de Florença durante os próximos meses tomarem posse de seus cargos. Eles encarnavam a idade do ouro nascida com a aprovação da nova Constituição. E, para seu deleite, Luca era um dos eleitos. Sim, Luca Albizzi fora designado um dos nove membros da Signoria. Finalmente se fizera justiça à sua honra.

Sentiu certa tristeza pelo fato de seus pais, já falecidos, não poderem contemplar a glória daquele momento. O povo, reunido na praça, aclamava-os como heróis. Não sem motivo, pois eles eram os representantes eleitos do primeiro governo popular, no qual não havia sequer resquícios da influência dos Médicis. Luca estava exultante. Ser prior da Signoria era o privilégio máximo a que podia aspirar um florentino, e o fato de ter sido eleito num momento histórico tão emocionante acrescentava-lhe ainda mais significado.

Fora permitida a volta de todas as famílias desterradas desde 1434; em consequência, muitos Albizzi, após o regresso, agora o admiravam ao vê-lo aclamado por Florença. Savonarola, grande defensor da concórdia, se esforçava muito para que reinasse a paz e se evitassem vinganças de antigas famílias exiladas contra os partidários tradicionais dos Médicis. Provavelmente, sua grande influência impediria danos mais sérios. Contudo havia inúmeras situações que, por motivo de justiça, precisavam ser modificadas com urgência. Por exemplo, as propriedades que os exilados tinham perdido arbitrariamente deviam voltar às suas mãos. Luca alimentava a secreta esperança de beneficiar-se recuperando uma casa e algumas granjas que pertenceram a seus

antepassados. O que não deixava margem a dúvidas era que a mansão onde viviam Mauricio e Lorena seria devolvida aos herdeiros de Tommaso Pazzi, pois fora adjudicada em 1478 a uma sociedade controlada por Lorenzo de Médici em pagamento de uma dívida inexistente. Mais tarde, Lorenzo vendera-a a Mauricio, mas o negócio estava viciado desde o início. Então Luca pensava em usar seu cargo de prior para influenciar na redação de uma lei que garantisse o retorno das propriedades a seus legítimos donos. Porém esse não era o único plano que ele ruminava para se vingar de Mauricio: expulsá-lo de sua casa seria a primeira de uma série de humilhações que culminariam com sua prisão, tortura e execução pública. Luca se derramou de prazer imaginando o sofrimento de Lorena. Agora, o poder lhe permitiria realizar aquilo com que sonhara durante tantos anos.

Por outro lado, não havia somente vantagens para um membro eleito da Signoria. Durante o mandato, os priores tinham a obrigação de se alojar no palácio do governo, de onde não podiam sair. Com esse sistema, pretendia-se evitar que ficassem sujeitos a influências externas, pois sua atuação devia ser pautada unicamente pelo interesse coletivo. Embora uma legião de criados se encarregasse de atender a todas as suas necessidades, nos mínimos detalhes, Luca tinha certeza de que sentiria falta de sua esposa Maria. Talvez ela não fosse um prodígio de inteligência, mas era dotada de uma grande sensibilidade que lhe permitia antecipar-se aos pensamentos dos outros e satisfazer os desejos do esposo. Algo absolutamente normal – era o que achava Luca, que não dava a Maria o mínimo valor por isso. Para ele essa era, é claro, a ordem natural das coisas. O marido se ocupava dos negócios no mundo exterior, provendo a família de comodidades, e a mulher devia se contentar com o convívio dos moradores da casa. Por isso achava lógico que, embora ele estivesse de mau humor, Maria lhe respondesse com sorrisos, silêncios ou palavras doces, conforme a ocasião. Agora que estava prestes a ingressar no palácio do governo, Luca percebeu que não viveria tão bem sem a esposa a seu lado.

Sentiria saudades também dos filhos, mas não convinha exagerar. Os cargos na Signoria eram preenchidos pelo sistema de rodízio e só duravam dois meses. Cumpria, pois, agir com habilidade durante esse tempo para obter o máximo de proveito possível, disfarçando bem para que, depois, ninguém pudesse censurar seu procedimento. Luca já não era mais um cidadão de segunda classe. Honras atraem riquezas, que sempre acabam resultando em maiores

dignidades. Luca Albizzi achava-se agora, enfim, no lugar que lhe correspondia por direito de nascença.

Lorena correria, logo no início da tarde, à mansão de sua irmã, aproveitando que Luca permanecia recluso no palácio da Signoria. Como os filhos de Maria também não estavam ali, pelo que parecia, alegrou-se por ter a oportunidade de falar a sós com a irmã, luxo de que não desfrutava havia muito tempo.

– Como é raro encontrar esta casa tão silenciosa e com tão pouco movimento! – comentou Lorena.

– Sim, de vez em quando, um pouco de tranquilidade não faz mal – sorriu Maria, satisfeita. – Deixei as meninas mais novas no convento de Santa Mônica. Conhecemos lá umas monjas que, além de serem a religiosidade em pessoa, bordam como anjos. Assim, as pequenas não só aprenderão a rezar em latim como adquirirão uma destreza com a linha e a agulha que logo causarão a inveja dos melhores alfaiates da cidade. Quanto aos três meninos maiores, estão no convento de São Marcos estudando com frei Girolamo Savonarola. O prior de São Marcos afirma que as crianças são o futuro de Florença, mas também seu presente, e por isso quer formar uma espécie de milícia cristã na qual os filhos sejam o espelho em que se mirem os pais. Meu marido se diz encantado com a formação que os meninos estão recebendo de frei Girolamo.

Lorena sabia que muitos apoiavam incondicionalmente Savonarola por considerá-lo um verdadeiro profeta, enquanto outros agiam assim por cálculo, vislumbrando a possibilidade de galgar mais alguns degraus da escada do poder. De fato, com a nova Constituição, os cargos do governo não ficariam reservados exclusivamente a uma pequena oligarquia dominante, mas se abririam a todos que obtivessem o respaldo do Grande Conselho. Naquela

conjuntura, ser um adepto fiel de Savonarola era apostar no cavalo vencedor. Disso não havia exemplo melhor que Luca, em quem se misturavam uma visão religiosa semelhante à do frade e a astúcia necessária para aproveitar as oportunidades de ascensão naqueles tempos de mudanças abruptas. E Maria? Que pensava sobre o assunto?

– Que acha de Savonarola? Gosta da forma como ele educa seus filhos?

– Frei Girolamo é um homem direito, que prega com o exemplo. Não sei se é um novo profeta, mas seguramente podemos considerá-lo um santo com a missão de converter Florença na cidade de Deus. Luca está entusiasmadíssimo com ele, como também nossos filhos estão. E embora você não ignore que, para frei Girolamo, um cristão piedoso e analfabeto é mais sábio que Platão e Aristóteles juntos, nem por isso ele descuida da educação das crianças, mas ensina-lhes latim e grego conforme a capacidade de cada uma. Logicamente, um homem com tamanhas responsabilidades não pode se ocupar de tudo, por isso delega grande parte do trabalho educativo a frei Domenico Pescia.

Lorena não compartilhava o ponto de vista da irmã, pois, apesar de considerar Savonarola um homem digno, que agia como pregava, havia outros aspectos de seus ensinamentos com os quais não conseguia se identificar. Afinal, ela fora feliz na época de Lorenzo de Médici, quando a beleza, a arte, a literatura e a filosofia eram celebradas em todas as suas formas. Agora, as pessoas viam o belo com suspeita, como se o pecado estivesse no objeto e não no olhar. Quadros maravilhosos eram considerados impuros só porque não representavam cenas religiosas. Também obras religiosas podiam ser condenadas caso se percebesse nelas algum traço capaz de provocar, ainda que remotamente, a luxúria. Nos tempos do Magnífico, estudavam-se os grandes filósofos da Antiguidade para trazer suas ideias ao seio do cristianismo. Com Savonarola, os insignes pensadores do passado eram apenas hereges prematuros, nascidos antes de Cristo. Lorenzo se deleitava com a música, os bailes e as roupas suntuosas. O austero monge só admitia os cânticos do Miserere e abominava tanto a dança quanto o luxo. Porém Lorena tinha de ser prudente com a irmã porque Savonarola incendiava as paixões de seus partidários e detratores a ponto de já se terem rompido vínculos familiares por causa dele.

– Se vocês estão contentes com a educação que frei Girolamo dispensa a seus filhos, eu também fico feliz.

– Disfarçar nunca foi seu forte, Lorena, mas agradeço suas boas intenções.

– Por que diz isso, Maria?

– Porque sei perfeitamente que frei Girolamo não lhe agrada nem um pouco. Você tem um caráter forte e rebelde demais para aceitar sua doutrina, embora ele seja um homem santo que vem trazer humildade a um povo excessivamente soberbo. Florença deve aprender a se inclinar sem hipocrisia diante de Deus.

Lorena devia ir com cuidado. Por algum motivo, talvez a ausência prolongada do marido, percebia na irmã um traço de irritação que não lhe era comum.

– Está certa quanto ao fato de muitas das opiniões do frade não me convencerem. Porém eu fui sincera ao dizer que minha única preocupação é a sua felicidade e a de seus filhos. Por isso, se estão contentes, eu também estou.

– Sei, irmã, que você sempre se preocupou com a minha felicidade. Mesmo não dizendo nada, observo que seus olhos vigiam meus movimentos quando estou com Luca, esperando, sem dúvida, detectar algum gesto que lhe mostre se sou feliz ou desgraçada.

– E como eu poderia deixar de fazer isso, ainda que quisesse? Você é minha irmã e eu a conheço desde que nasceu. Nada mais natural, pois, que em certas ocasiões eu não consiga evitar perguntar-me se realmente está bem com seu marido. Às vezes, Luca me parece um tanto ríspido; não sei como explicar, mas parece que, descarregando sobre você suas frustrações, ele lhe exige o cumprimento de um dever matrimonial que você deve suportar resignadamente.

– E você se sente culpada por isso, irmã?

Lorena percebeu que tinha ido longe demais em suas considerações. Deixara-se levar pela aversão que Luca lhe inspirava e, com sua falta de tato, ofendera Maria.

– Qual o motivo dessa pergunta? – quis saber Lorena, sentindo um frio no estômago.

– É que posso ser ingênua, mas não tola. Nós duas somos maiores de idade e estamos sozinhas. Vamos então falar com franqueza. Embora todos sempre tenham guardado o maior sigilo, eu soube desde o princípio que Luca quis desposá-la e você fez de tudo para afastá-lo.

Lorena ficou petrificada na cadeira, sem saber o que dizer. Seu maior segredo nunca fora senão um artifício para o qual todos haviam contribuído com seu silêncio.

– Não faz sentido nós duas fingirmos uma para a outra. Ninguém jamais me disse uma palavra sobre esse assunto, mas, embora eu fosse ainda criança, não era cega nem surda. Eu os vi passeando sozinhos em nossa vila, sob o olhar complacente de nossos pais. Papai estava encantado com a possibilidade de se casarem. Nada me contaram, mas as paredes têm ouvidos e os gestos são mais eloquentes que as palavras. Peço-lhe, pois, que esta conversa fique entre nós e que, de modo algum, seja mencionada diante de outras pessoas. A honra de Luca não suportaria isso, nem a sua talvez. Naturalmente, ele e eu nunca falamos sobre isso. Para nós, é algo que jamais aconteceu.

Lorena não tinha voz para quebrar o silêncio constrangedor que se seguiu. Finalmente, tentou balbuciar algumas palavras.

– Sinto muito. Tudo aconteceu de um modo que escapou ao meu controle. E, é claro, jamais imaginei que você viesse a se casar com Luca.

– Por quê? Por acaso eu não era suficientemente bonita? Faltava-me, talvez, sua inteligência aguda?

Lorena estava perplexa. Jamais tinha visto a irmã tão ofendida. Tudo o que dizia só piorava as coisas.

– Não me referia a isso, mas, sim, ao fato de, na época, vê-la como minha irmã mais nova, uma menina em idade de brincar, que ainda não havia florescido como mulher. Quando agi daquela forma, pensei unicamente em mim. Por isso, não podia imaginar que Luca acabaria se tornando seu marido.

– Esse é o problema, Lorena. Você só pensa em si mesma e depois diz que se preocupa com a felicidade alheia. Porém seus atos repercutem em outras pessoas. Não pode agir de forma egoísta e esperar que os outros fiquem satisfeitos.

– Aonde quer chegar, Maria?

– À sua falsa concepção de felicidade. Desde pequena, você sempre soube levar vantagem. Contudo, em muitas ocasiões, devemos nos sacrificar pelos semelhantes, sem cuidar apenas de nossos próprios desejos.

– Eu me sacrifico por meus filhos porque essa é a minha vontade, Maria. As duas situações não são incompatíveis.

– Que sabe você de sacrifícios? Estou falando de outra coisa. Quando papai quis que se casasse com Luca, a queda de Lorenzo parecia iminente e, sem dúvida, seu fim precipitaria nossa família na ruína. Luca Albizzi era um bom partido, que nos garantiria uma tábua de salvação caso ocorresse o naufrágio

dos Médicis e, isso, você não podia ignorar. Ainda assim, não levou em conta nem a honra nem o bem-estar de seus pais e irmãos.

– Porém, no fim, foi benéfico para todo mundo o fato de eu ter me casado com Mauricio – defendeu-se Lorena.

– A deusa Fortuna, que é cega, assim o quis. No entanto, se a moeda tivesse caído de outro lado, você bem poderia ter visto seus entes queridos na ruína, poderia ter colocado a perder o trabalho de gerações. Então, nessa época, você se preocupou com a minha felicidade, a de seu amado irmão, a de sua mãe e a de seu pai?

– Não pense assim, Maria. Foi um impulso em que os pensamentos eram cascas de noz à deriva no meio de uma tormenta furiosa.

– É esse comportamento que recrimino em você, minha irmã. Quando algo lhe interessa, o resto do mundo desaparece engolido pelo mar de seus desejos. Depois, quando as ondas se acalmam, falta-lhe tempo para descobrir se a tripulação de seu barco sobreviveu à tempestade. Lembre-se de que, quando papai combinou meu casamento com Luca, Lorenzo de Médici havia empreendido uma viagem da qual poucos imaginavam que regressaria vivo.

– Sim, lembro-me perfeitamente. O Magnífico, tendo tudo contra si, jogou sua última cartada indo a Nápoles para negociar a paz, em pessoa, com o rei Ferrante.

– Isso mesmo – confirmou Maria. – Em uma conjuntura muito parecida à que você enfrentara pouco tempo antes, eu só pensei em cumprir meus deveres. Se Lorenzo sucumbisse em Nápoles, Mauricio, amigo íntimo do Magnífico, seria expulso de Florença, e nossa família ficaria numa situação muitíssimo delicada. Meu compromisso com Luca Albizzi era um seguro de vida para todos nós. Ao contrário, se Lorenzo conseguisse a paz, nem por isso o casamento seria menos honroso. Quero dizer apenas, irmã, que, quando se trata de fazer um sacrifício pela família, a vontade de Deus deve ser cumprida sem nos deixarmos influenciar pelo inferno de nossos desejos pessoais. Você não o fez, não pensou no mau destino que poderia aguardar os outros Ginori em virtude de seus impulsos. Teve sorte, e tudo correu bem. Isso me alegra, sinceramente, mas não gosto que se faça de boa samaritana e só agora se preocupe com meu bem-estar emocional. Luca tem seus defeitos, como todo homem, mas é um marido íntegro e fiel, e nossos filhos são maravilhosos.

Lorena estava abalada. Nunca sua irmã fora tão dura com ela. Talvez Maria tivesse razão ao chamá-la de egoísta. Quando a magia da lagoa se apoderara

dela enquanto sentia o corpo nu de Mauricio, não avaliou as consequências que sua conduta poderia acarretar para a família. Já Maria pensara em todos quando concordou de bom grado em se casar com Luca. Ainda assim, uma ferida a mortificava. O aborrecimento da irmã seria mesmo por causa de seu egoísmo? Ou o motivo daquela irritação era outro? Acaso se sentia infeliz com Luca e achava-a responsável por sua desdita? Ou, então, Maria se deixara influenciar pela veemência com que Savonarola punia quem não aceitava sua ideia de virtude? Fosse o que fosse, em uma pessoa tão prudente e carinhosa como sua irmã, aquelas palavras coléricas demonstravam uma dor profunda. Talvez, naquele instante, estivesse se rompendo a ponte invisível que as ligava. Na melhor das hipóteses, só o tempo faria a relação entre elas voltar a ser como antes.

– Tenho más notícias a lhe dar – anunciou Mauricio em tom grave, após a ceia.

Lorena sentiu um aperto no coração. Seu marido se mostrara muito pouco comunicativo durante a tarde e prestara pouca atenção aos filhos.

– Que aconteceu?

– Sandro, um amigo que trabalha como secretário no Tribunal do Comércio, informou-me de que foi apresentada uma demanda na qual se pede a reintegração de posse da casa onde moramos.

– Mas isso não faz sentido! – exclamou Lorena.

– Infelizmente, faz – lamentou-se Mauricio. – Os irmãos de Tommaso Pazzi alegam que a dívida em virtude da qual se adjudicou esta mansão a uma sociedade controlada por Lorenzo de Médici não existia, e talvez isso seja verdade.

Lorena teve um sobressalto. Ela havia sido imensamente feliz no maravilhoso *palazzo* que em breve, com toda a probabilidade, teria de abandonar. Definitivamente, aquele era um dia nefasto. Primeiro, as terríveis recriminações da irmã. E agora, a ameaça do despejo. Parecia que todas as más notícias haviam combinado para chegar ao mesmo tempo.

– Suponho que, nesse caso, os Pazzi serão obrigados a nos pagar uma boa indenização.

– Veremos isso. Na demanda, alegam que o contrato de compra e venda tem de ser anulado completamente porque, na realidade, Lorenzo nos vendeu algo que não lhe pertencia.

– Nada mais falso! – protestou Lorena. – Embora ele nos tenha vendido a casa abaixo do preço de mercado, ainda assim lhe pagamos uma quantia de dinheiro considerável.

– De fato, mas só temos como prova o contrato de compra e venda, além dos livros de registro do Banco Médici, em que, para piorar as coisas, consta um importante empréstimo que me concederam para adquirir a mansão.

– Sempre pensei que nós a tivéssemos comprado sem a necessidade de contrair dívidas! – exclamou Lorena, surpresa.

– Na época, eu só queria ver você radiante como o sol e por isso decidi não informá-la de detalhes que poderiam perturbar sua felicidade. De qualquer maneira, fui pagando o empréstimo aos poucos, embora, provavelmente, os juízes não levem em conta os lançamentos contábeis que atestam a amortização.

– Por quê? – perguntou Lorena, indignada e ofendida.

– Porque o tribunal encarregado de julgar a causa recebeu da Signoria um *bolletino* recomendando que se atenha às razões dos demandantes.

Lorena sabia que, em Florença, esse era o melhor modo de induzir os juízes a favorecer uma das partes. Era uma prática excepcional, mas, quando o magistrado recebia um *bolletino*, preferia seguir suas recomendações para não se complicar. Por conseguinte, a causa estava praticamente perdida.

– E isso quando Luca Albizzi é um dos nove membros da Signoria! Que grande cunhado nós fomos arranjar! – desabafou Lorena.

– Como as votações são secretas, nunca saberemos com certeza que partido ele tomou.

Lorena conhecia o procedimento. Cada membro do Conselho dos Priores apanhava uma fava branca e outra preta, e uma delas deveria ser colocada em uma bolsa de veludo vermelho. Em seguida, contavam-se os votos: favas pretas, a favor da proposta; favas brancas, contra. Ganhava a maioria e passava-se a outro assunto. Lorena devia conscientizar-se de que a contagem regressiva para abandonar a mansão já havia começado.

– Quanto tempo acha que durará o processo, Mauricio?

– Hoje mesmo procurei um advogado para nos assessorar. Tentaremos prolongá-lo o máximo possível, mas a Signoria está pressionando, e é impossível fazer previsões.

– Talvez seja prudente começar a planejar a compra de outra casa.

Lorena achava difícil assimilar notícias tão ruins, mas era preciso ter em conta todas as alternativas possíveis. Por única resposta, Mauricio exibiu um ar de preocupação.

– Que está acontecendo, Mauricio? Há mais coisas que não me contou?

– Sim – respondeu ele com semblante grave. – Não dispomos de fundos para adquirir outra mansão.

– Mas como isso é possível? – perguntou Lorena, alarmada. – Pensei que tínhamos mais dinheiro do que precisávamos.

– As coisas mudaram em pouquíssimo tempo. Recentemente, naufragou um navio no qual investi boa parte do dinheiro que possuía em caixa. Foi feito um seguro, mas a companhia seguradora faliu. Além disso, sofremos sérios reveses no negócio de tecidos. Desde que Savonarola condenou o luxo das roupas, as vendas em Florença caíram. E como as desgraças gostam de andar juntas, o convento de São Marcos cancelou um importante pedido que já estava quase pronto. Assim, temos em depósito muitos artigos que só conseguiremos vender se acharmos compradores em outras cidades.

– Isso vai ser muito difícil – lamentou-se Lorena. – Roma está sitiada pelo exército francês e depois será a vez de Nápoles. Por culpa dos franceses, Pisa, Sarzana, Pietrasanta, Fivizzano e Luligiana já não nos pertencem. Sem essas praças-fortes em nosso poder, as fronteiras não são seguras. Transportar mercadorias nessas condições deve ser muito arriscado.

– Sem dúvida – confirmou Mauricio. – Por ora, temos de assumir os custos do que produzimos. E, como se a taça não estivesse cheia, a Signoria exige dos cidadãos um empréstimo de cem florins de ouro para cobrir gastos imprescindíveis à segurança da cidade. Não sei quanto nós deveremos pagar, mas, no momento, qualquer quantia será excessiva.

Lorena notou que o marido estava bastante preocupado, mas não abatido. Com efeito, Mauricio conservava a lucidez e o equilíbrio necessários, apesar da gravidade da situação. Isso a tranquilizava. Cumpria apenas achar os meios adequados para superar aquele obstáculo.

– E sua participação no banco dos Médicis em Florença? Por quanto poderia vendê-la?

– Talvez por um par de sapatos usados, mas eu não apostaria nisso porque, a meu ver, ninguém quereria fazer semelhante negócio. A Signoria confiscou todo o dinheiro encontrado no banco.

Outro golpe, pensou Lorena.

– Ao menos, restam-nos as terras que compramos nos arredores de Florença.

– Sim. Entretanto estão arrendadas pelos próximos dez anos. Mesmo que as vendêssemos, nem por milagre conseguiríamos comprar outra mansão parecida em Florença. Contudo, ainda assim, não devemos nos desesperar. Podemos perder a casa, porém o mais importante é conservar o crédito na praça, para poder continuar fazendo negócios. De outro modo, se atirariam ao nosso pescoço como cães raivosos. Felizmente, se formos obrigados a sair da mansão, temos dinheiro bastante para manter um nível de vida parecido durante um ano, mais ou menos. Penso em alugar uma casa grande enquanto traçamos planos para construir um pequeno palácio. Todos pensarão que continuamos ricos e isso nos permitirá levar a cabo alguns dos planos que tenho em mente.

– Quais planos? – quis saber Lorena, cheia de esperança.

– Bem... vários. Por exemplo, Cristóvão Colombo desembarcou em terras indianas partindo das ilhas Canárias, de sorte que, na segunda viagem, certamente chegará a Cipango, o país do Grande Cã. Nesse caso, graças aos acordos que firmamos, teremos preferência para trazer especiarias à Europa, evitando as taxas aduaneiras abusivas cobradas por turcos e venezianos. Bastaria então, para sermos ricos de novo, solicitarmos um empréstimo para fretar um barco que voltaria carregado de seda e especiarias. Por isso, se quisermos que nos forneçam dinheiro sem titubear, é muito importante conservarmos o crédito na praça.

– E, se for necessário – completou Lorena, aliviada –, poderemos vender discretamente o anel com o qual você veio para Florença. É tão maravilhoso que muitos estariam dispostos a pagar uma fortuna por ele.

O rosto de Mauricio se crispou numa expressão de contrariedade e o silêncio invadiu o salão.

Por que fora revelar a Lorena, anos atrás, o que havia prometido manter em segredo? Mas como esconder de sua parceira, seu amor e sua única confidente que Lorenzo lhe confiara o anel no leito de morte? Mauricio jamais se arrependera de sua indiscrição. Até aquele momento. Se, por fim, sua consciência o forçasse a devolver a esmeralda e a ruína caísse sobre sua família, Lorena poderia não lhe perdoar esse procedimento excessivamente correto.

– Não devemos vender o anel – disse Mauricio em tom contrito. – Você sabe que o Magnífico me fez jurar, pouco antes de morrer, que o devolveria a seu legítimo dono.

– Mas os anos foram passando e ninguém veio reclamá-lo. Obviamente, os mensageiros de Lorenzo jamais encontraram seu destinatário e, portanto, é inútil esperar quem jamais virá.

A lógica de Lorena era impecável, mas havia uma falha em seu raciocínio: naquela mesma manhã, Mauricio recebera uma carta que reclamava a devolução da pedra. Lorena não pareceu muito impressionada com essa revelação.

– Uma simples carta? – perguntou em tom cético. Seu rosto, atento, exprimia contrariedade e determinação quando ela retomou a palavra. – Dinheiro apenas para um ano... Colombo chegará às terras do Grande Cá descritas por Marco Polo... Desse reino, fluirão especiarias para o Ocidente e teremos licença para participar do negócio... Admita, Mauricio: estamos numa situação difícil e, se nos tirarem a casa, ficaremos arruinados. Minha opinião é que a esmeralda talvez tenha sido mesmo propriedade de alguém que a confiou em depósito a Abraão Abulafia, mas isso faz mais de duzentos anos. Duzentos

anos... muito tempo! Objetos mudam de dono com o passar do tempo e nem sequer sabemos se sua família não adquiriu o anel de acordo com a lei. Em contrapartida, sabemos muito bem que temos três filhos e mais um a caminho, os quais dependem de você. Sua responsabilidade é para com a nossa família, Mauricio. Deve ficar com o anel e vendê-lo em caso de necessidade.

Mauricio franziu o cenho. Achava absurdo devolver uma joia tão preciosa enquanto sua mulher e seus filhos se afundavam na miséria. Que pai de família responsável faria isso? Por outro lado, faltar à palavra dada equivalia a um roubo e a uma afronta a Lorenzo, o homem a quem devia tudo.

De qualquer maneira, no momento, não lhe era possível entregar o anel. Michel Blanch, o autor da carta, vivia em Aigne, uma cidadezinha no sul da França. Para surpresa de Mauricio, não tencionava viajar a Florença, mas convidava-o gentilmente a ir com a esmeralda até sua casa tão logo pudesse. Sem dúvida, o tal Michel Blanch ignorava o enorme valor da joia. De seu lado, Mauricio ponderava que, com um processo pendente e do modo como iam os negócios, não era hora de empreender uma viagem longa. Adiar a resposta e não tomar nenhuma decisão da qual pudesse se arrepender parecia-lhe a solução mais conveniente.

– Não se preocupe, Lorena – disse ele. – Primeiro, solucionarei os problemas econômicos que nos afligem. Só depois, quando tudo estiver em ordem, cumprirei meu juramento.

Tão logo pronunciou essas palavras, ocorreu-lhe outra possibilidade. E se a carta fosse um ardil dos resplandecentes para averiguar se ele estava de posse do anel? Sem dúvida, fazia muitos anos que Lorenzo lhe entregara a joia, mas recentemente haviam saqueado sua casa de campo e revolvido a terra em busca de algum tesouro oculto. Entretanto os resplandecentes teriam empregado métodos bem mais expeditos caso suspeitassem que a esmeralda houvesse voltado às suas mãos. Mauricio procurou banir seus temores. Não era nada estranho que um bando de foragidos tivesse se aproveitado do descuido dos empregados da propriedade para saqueá-la em sua ausência. Resolveu, pois, concentrar-se unicamente na solução de seus problemas financeiros, sem se preocupar com ameaças imaginárias.

A tradição assegura que os recém-nascidos trazem um pão debaixo do braço. Entretanto o nascimento de Roberto não veio acompanhado de bolos nem de pãezinhos de gergelim, mas, sim, de uma ordem judicial de despejo. Portanto, sem tempo sequer para se recuperar do parto, Lorena teve de ir com o resto da família para seu novo lar: o antigo *palazzo* de um rico comerciante falido que, por conta dos reveses econômicos dos últimos tempos, havia resolvido tentar fortuna em Milão, junto de seu irmão. Marco Velluti, o dono do *palazzo*, assinara com eles um contrato de aluguel de um ano. Depois disso, tudo dependeria de como seriam as coisas em Milão.

A casa era bem situada na esquina sudeste da praça onde se erguia a magnífica catedral de Santa Maria del Fiore. Com três andares em volta de um pátio interno, atendia perfeitamente às necessidades de toda a família. O térreo abrigava os estábulos, a cozinha, as dependências da criadagem e uns quartos abobadados que podiam servir de armazém para mercadorias ou como oficina para produtos têxteis. No segundo andar, além do grande salão e de uma ampla sala de refeições, havia dormitórios de sobra para toda a família, alguns com pequenos banheiros. No último andar situavam-se a biblioteca, dois escritórios, diversos cômodos vazios e um vasto terraço de onde se podia admirar o abside da catedral.

Aquele palácio fora construído com pretensões de grandeza, mas nele se notava a decadência em que o dono vivera nos últimos anos. Os assoalhos de madeira estavam gastos e manchados pelo tempo; os tapetes, carcomidos pelas traças; as paredes, cheias de rachaduras por onde o frio se insinuaria sem misericórdia quando chegasse o inverno. Lorena rogou para que tudo aquilo

não fosse um símbolo de sua própria ruína. Mauricio insistira em afirmar que era necessário continuarem vivendo rodeados do maior luxo possível para manterem o crédito e a honra, motivo pelo qual encomendara um piso de mármore axadrezado idêntico ao do saguão de seu *palazzo* anterior. Conforme dissera, as aparências agora tinham mais importância que nunca, pois, se os credores suspeitassem de seus graves problemas financeiros, se atirariam sobre ele com a ferocidade de uma matilha de lobos esfomeados. Nesse caso, pensou Lorena, seria preferível não receber visitas enquanto não fossem capazes de reformar o resto da mansão.

Mauricio se mostrara muito nervoso e agitado nos meses que antecederam o parto. Contudo, depois que o pequeno Roberto nasceu sem grandes complicações, parecia ter recuperado as forças e a confiança. Lorena pediu a Deus que o esposo conservasse o equilíbrio do qual precisaria para superar as crescentes dificuldades que tinham pela frente.

O dia havia amanhecido sem uma nuvem sequer que ocultasse o céu de um azul intenso, após uma semana de chuvas copiosas. Uma brisa suave acariciava as ruas de Florença enquanto Luca, em companhia da esposa e dos filhos, caminhava na direção do Duomo. Muitas lojas e oficinas já baixavam as portas para que seus donos fossem ouvir o primeiro sermão de frei Girolamo naquele mês de setembro. Tudo era perfeito. Mas então... por que Luca não se sentia feliz?

A imagem de Mauricio e Lorena veio a sua mente. Ele sabia que estavam com sérios problemas financeiros. Pietro Manfredi lhe havia revelado que Mauricio solicitara, em segredo, um enorme empréstimo pouco depois de o Tribunal do Comércio ter recebido a demanda na qual os herdeiros de Tommaso Pazzi reclamavam o *palazzo* de seu pai. Era evidente que Mauricio tivera acesso a essa informação antes que se tornasse pública, aproveitando a circunstância para pedir o dinheiro sem oferecer garantia alguma. Esse procedimento ardiloso revelava que não dispunha de fundos próprios e que, quando o prazo se esgotasse, ele e Lorena ficariam arruinados caso não pudessem pagar a dívida. Para complicar mais as coisas para o casal, Pietro Manfredi já havia se encarregado de disseminar a notícia sobre a importante soma que Mauricio devia. O mais provável era que ele acabasse atrás das grades por causa dos débitos contraídos. No entanto o processo poderia durar meses, talvez mais de um ano, e Luca tinha pressa de degustar o fracasso de Mauricio. Ser condenado por dívidas era uma grande desonra, mas os delitos de alta traição ou prática oculta do judaísmo acarretavam a pena de morte. Bastaria tocar as cordas certas e produzir as provas falsas para levar aquele estrangeiro

arrogante à perdição. Então Lorena se arrependeria de ter se casado com Mauricio e desprezado Luca!

Luca Albizzi, um dos líderes florentinos, respeitado pelo povo e pela nobreza; Mauricio Coloma, um estrangeiro tosco que, após um lance incrível de boa sorte, acabara desonrado como um delinquente vulgar. Que comparação mais justa! Embora o Céu e o Inferno fossem a medida final do valor humano, não havia nada de errado no fato de a vida terrestre antecipar até certo ponto o que cada um merecia.

Luca recobrou o ânimo ao avaliar as perspectivas futuras e alegrou-se ao ver a multidão apinhada em volta da catedral. Deus fazia justiça de modo lento, mas inflexível, e Savonarola era seu melhor profeta. Nada mais reconfortante que ouvir frei Girolamo vociferando do púlpito os castigos eternos reservados a quem não cumprisse rigorosamente a vontade do Senhor.

Aproveitando o bom tempo reinante, as famílias se reuniram na Vila Ginóri, a pedido de Flávia, para desfrutar de sua mútua companhia, embora, a julgar pela conversa, a finalidade do encontro parecesse ser apenas o deleite da discussão. As crianças tinham se levantado da mesa depois de comer à vontade e brincavam ao ar livre, exceto Roberto, o pequenino, que dormia placidamente no colo de Lorena.

– Então o salvador da Itália preferiu dar o fora a concluir sua sagrada missão – disse Mauricio, zombando do rei da França.

Aquele comentário iria irritar Luca, previu Lorena. De fato, os seguidores de Savonarola eram partidários ferrenhos do monarca francês, pois o frade sempre sustentara que ele era o instrumento escolhido por Deus para restaurar as liberdades e a ordem moral na península Itálica. Contudo, em seu fulgurante passeio triunfal pela Itália, Carlos VIII havia lançado as sementes de sua futura derrota. Alarmadas pelos êxitos do exército francês, as grandes potências se uniram numa liga para destruí-lo: o reino da Espanha, o ducado de Milão, os Estados Pontifícios, Veneza, Gênova e o imperador Maximiliano contavam com forças tão superiores que o rei Carlos abandonara Nápoles à própria sorte e agora batia em retirada para seu país.

– É verdade – concordou Luca, mantendo a compostura. – O rei da França, seguindo o conselho do frei Girolamo, deveria ter deposto o papa quando entrou em Roma e depois reformado o comportamento frívolo dos napolitanos, a exemplo do que está acontecendo em Florença. Porém, como não se mostrou à altura de sua missão, Deus agora o humilha infligindo-lhe esses castigos, para que se emende.

– Obviamente, o rei Carlos não foi um adepto muito entusiasta das reformas morais. Pelo que dizem – continuou Mauricio –, o monarca francês chafurdou a tal ponto nos prazeres napolitanos que sua principal preocupação era escolher as mulheres mais bonitas num caderno de retratos nus que lhe mostravam. Acontece que os profetas modernos não acertam com tanta frequência quanto os do Antigo Testamento.

– Como se atreve a falar assim? – indignou-se Luca. – Que está tentando insinuar? Frei Girolamo não errou em seu prognóstico, o rei Carlos é que traiu a missão confiada a ele por Deus. Devo lembrar-lhe, além disso, que ao voltar de Nápoles o rei da França poderia ter saqueado Florença à vontade; se não o fez, foi graças à conversa que manteve com frei Girolamo.

– Ah, eu me esqueci disso... Embora eu não esteja muito convencido de que ele ousaria enfrentar a única potência que ainda não lhe havia declarado guerra, graças, certamente, à insistência de Savonarola. Justamente depois dessa conversa, frei Girolamo declarou no Duomo ter convencido o rei da França a respeitar nossa cidade. E, se bem me lembro, também garantiu que Carlos manteria todas as suas promessas, o que inclui a devolução das cidades entregues a ele. Quando Pisa, Pietrasanta e Sarzana voltarem às nossas mãos, minha confiança nos dons proféticos de Savonarola aumentará.

Lorena conteve a respiração. Aquilo era um barril de pólvora prestes a explodir. Ninguém ignorava que o rei da França não havia cumprido sua promessa; mas pôr em dúvida a autoridade de Savonarola era uma afronta intolerável para seus seguidores.

– Não blasfeme – bradou Luca. – O rei da França assegurou a frei Girolamo que cumpriria sua promessa, mas isso é bem diferente de profetizar que o monarca se manteria fiel à sua palavra. Não há pior cego que aquele que não quer ver. Esteja certo disto: ao chegar a Paris, o rei Carlos, considerando o fato de sermos os únicos que lhe permanecemos fiéis, dará instruções para que nos sejam devolvidas as cidades. Ali, terá tempo de refletir sobre seus erros, arrepender-se e voltar à Itália para cumprir a vontade de Deus. Não será nem a primeira nem a última pessoa na face da Terra que resistiu a acatar as ordens divinas para, finalmente, ceder após ser castigada pela ira do Senhor.

– Proponho um brinde torcendo para que Luca tenha razão e possamos recuperar logo o que nos pertence – contemporizou Alessandro.

O irmão de Lorena manobrava com habilidade para evitar que a discussão chegasse a extremos, embora desse razão a Luca. Nos anos de esplendor de

Lorenzo, não hesitaria em tomar o partido de Mauricio, cuja estrela brilhava mais alta. Agora, porém, com a proteção de Savonarola, Luca era o predileto, o alvo de todas as atenções. Lorena não pretendia de modo algum reabrir a controvérsia, apesar de ter certeza de que o marido estava certo, pois ouvira pessoalmente as predições erradas de Savonarola na catedral de Santa Maria del Fiore. O frade voltara a admitir a presença de mulheres no Duomo, as quais, no entanto, deviam se vestir com recato e ficar separadas dos homens na ala esquerda da catedral. Seja como for, independentemente de quem tivesse razão, para Lorena era mais importante a paz familiar do que a vitória numa discussão que poderia desembocar em uma guerra sem quartel. Provavelmente sua irmã Maria pensava o mesmo, embora fosse difícil saber o que passava por sua cabeça, já que jamais falava de assuntos políticos, econômicos nem de nenhum outro tipo na presença do marido, exceto quando falavam dos filhos. Lorena imitara a conduta da irmã durante o almoço, embora duvidasse de que essa demonstração de modéstia servisse para derreter o gelo que se havia formado entre ambas desde sua última conversa.

Lorena observou Francesco, seu pai, que presidia a mesa como fazia desde quando ela era menina. De lá para cá, muitos anos haviam se passado. Ela agora era uma mulher, e seu pai, um velho. Sempre fora robusto, mas, nos últimos tempos, havia emagrecido muito e perdido a antiga compleição. Seu rosto se afillara e os ossos de seu crânio pareciam poder ser vistos por baixo de sua pele. Tinha o olhar apagado; falava, andava e até respirava com dificuldade, de modo que permanecer sentado durante uma longa refeição lhe proporcionava mais sofrimento que prazer. Talvez a verdadeira finalidade daquele banquete organizado pela mãe fosse justamente reunir a família em torno do patriarca enquanto ele ainda tinha forças para presidir a mesa.

Lorena estava preocupada com o pai, mas também com a possibilidade de não ter mais um teto para abrigar a família. Mauricio se endividara perigosamente e, no prazo de um ano, precisariam devolver uma verdadeira fortuna. Lorena brindou com os outros comensais, mas, no íntimo, não rogou pela devolução de Pisa e do resto das cidades, assim como propusera o irmão, mas, sim, para que seu marido fosse capaz de sair triunfante da tormenta em que estavam mergulhados.

O vento da noite havia levado consigo as nuvens escuras para brindar Florença com uma manhã límpida. O sol brilhava no alto do céu, acariciado por uma brisa refrescante. Lorena, contagiada por aquele presente da natureza, saíra à rua com Cateruccia e as duas filhas, Simonetta e Alexandra. Mauricio e seu filho Agostino tinham ficado em casa sofrendo de dores estomacais. Ambos juravam que o jantar da noite anterior não lhes fizera muito bem; segundo eles, o molho de trufas era o culpado de todos os seus males. Lorena, porém, tinha certeza de que o molho estava ótimo; o problema era a consequência inevitável da gula com que haviam devorado prato após prato. E não descartava a ideia de que pai e filho, de comum acordo, inventaram uma desculpa para não ir à missa semanal oficiada por Savonarola no Duomo.

Lorena não precisava de nenhuma desculpa para se esquivar. Levantara-se com espírito rebelde naquela manhã, decidida a não comparecer à catedral, mas, sim, à missa celebrada em Santa Croce. Os franciscanos não eram tão ministros de Deus quanto Savonarola? Por acaso não convertiam, também eles, o pão e o vinho no corpo e no sangue de Jesus Cristo? Então, que diferença havia entre receber a sagrada comunhão de uns ou de outros? Sabia muito bem que, para quase todos os florentinos, a presença de Deus era mais forte na missa de Savonarola, um profeta, e mesmo quem não partilhava dessa opinião tê-la-ia exortado a ir ao Duomo por medo da opinião alheia.

Medo. Era o que Lorena sentia ao ouvir Savonarola pregar do púlpito. Os dias brilhantes de outrora, em que ela fora tão feliz, pareciam esfumar-se, riscados por um giz mais preto que o carvão. Nada de música, bailes, festas,

troca de opiniões, alegria, por mínima que fosse; qualquer uma dessas manifestações era considerada inspiração de Satanás.

Lorena algumas vezes se surpreendera revivendo antigas e esquecidas emoções dos tempos de menina ao ouvir as palavras trovejantes de Savonarola. A sensação de não ser suficientemente boa, o receio de, a qualquer momento, alguém descobrir sua falsa virtude e impor-lhe um castigo vergonhoso. De onde viriam pensamentos tão sombrios? Lorena não sabia, mas num dia como aquele não convinha atormentar-se, mas, sim, desfrutar. E, para isso, o melhor era afastar-se o máximo possível do Duomo.

A rua estreita por onde caminhavam, habitualmente cheia de transeuntes, estava deserta. Nenhuma loja abrira as portas. Artesãos, curtidores, peleteiros, ferreiros e comerciantes preferiram dirigir-se à catedral de Santa Maria del Fiore. Ali, o profeta do Apocalipse lhes anunciaria as desgraças iminentes, ao mesmo tempo que os consolaria com a visão de uma Florença destinada a se transformar na Nova Jerusalém.

Numa esquina, Lorena avistou um bando de rapazinhos vestidos de branco. Eram a vanguarda do Céu. Aliciados por Savonarola, grupos de meninos de 9 a 16 anos percorriam as ruas velando pelo decoro nos trajés, fechando tabernas, denunciando prostíbulos, apedrejando possíveis homossexuais e pedindo esmolas para a Virgem. Vistos de perto, não pareciam nada angelicais. A maioria tinha as túnicas manchadas e nenhum ostentava a face rosada dos querubins dos quadros que se podiam admirar nas capelas de Florença.

– Que fazem indo em direção contrária ao Duomo, quando falta pouco para que frei Girolamo Savonarola inicie sua prédica? – perguntou o maior deles, em tom de reprovação. Sem dúvida, era o líder do grupo. Devia ter de uns 16 anos, se tanto, mas o corpo já era o de um homem. Os traços de seu rosto eram grosseiros e Lorena observou que lhe faltava um dente da frente, perdido certamente durante alguma luta.

– Sabemos disso – replicou Lorena, com firmeza. – Não tencionamos chegar atrasadas à missa do meio-dia, por isso estamos indo à igreja de Santa Croce.

O rapaz que a interpelara franziu o cenho, aproximou-se dela e, antes que Lorena pudesse esboçar alguma reação, arrancou-lhe o diadema de prata que ornava sua cabeça.

– Como se atreve? – gritou Lorena, indignada.

Por única resposta, o chefe do grupo entregou o diadema a um companheiro. A surpresa de Lorena foi enorme quando percebeu que quem agora segurava a joia não era outro senão Giovanni, o filho mais velho de sua irmã.

– Devolva meu prendedor de cabelo! – intimou Lorena, estendendo a mão.

O chefe do grupo se interpôs entre ela e Giovanni, com as mãos na cintura em atitude de desafio.

– Esse adorno, com que você prendia impudicamente os cabelos na nuca, é coisa de meretrizes. Vamos entregá-lo hoje como esmola na missa, para que não peque mais.

Lorena se sentiu tão humilhada quanto indefesa. Aquele rufião a roubava e a insultava diante de suas filhas, que de olhos arregalados contemplavam a cena e não se atreviam a esboçar um movimento. Infelizmente, naquela esquina, não passava ninguém que pudesse ajudá-la. Cateruccia também parecia indignada, mas pouco podia fazer. A quadrilha angelical impunha certo respeito. Suas roupas brancas estavam sujas e seus rostos exibiam a crueldade estúpida tão característica dos fedelhos. Lorena não tinha dúvida de que, caso a discussão se acirrasse, eles a empurrariam e a derrubariam no chão. De fato, podia ler em seus rostos, ao mesmo tempo sorridentes e ameaçadores, que queriam fazer mesmo aquilo. Ainda assim, Lorena tentou impor sua autoridade.

– Giovanni, devolva meu diadema ou contarei tudo à sua mãe. Ela não gostará de saber que tem um filho ladrão.

Giovanni mirou-a com um olhar atrevido e refletiu um instante sobre o que iria responder.

– Minha mãe diz que só as rameiras andam pela rua com a frente desnuda.

Lorena ficou sem palavras, perplexa com o que estava acontecendo: aquele patifezinho de 12 anos a injuriava em público diante de suas próprias filhas. E exultava. O chefe deu-lhe umas palmadinhas no ombro, felicitando-o por ter perpetrado aquela grosseria, enquanto o resto dos pequenos rufiões lhe saudavam. Por um instante, Lorena julgou entrever o olhar de Luca nos olhos de seu filho. Sem dúvida, qualquer coisa que ela fizesse pioraria a situação, pois os fedelhos aproveitariam o mínimo pretexto para humilhá-la ainda mais.

Um ruído de passos acompanhados de risos revelou a Lorena que um grupo de homens se aproximava, saindo do beco. Estava salva! Muita coisa havia mudado em Florença, mas o roubo ainda não era permitido.

O chefe da quadrilha, dando-se conta do perigo, reagiu rápido.

– Vamos correr ou chegaremos tarde ao sermão de Savonarola.

Antes que Lorena pudesse reagir, os rapazolas sumiram de vista, levando consigo o diadema e parte de sua dignidade.

Mauricio se esqueceu da dor no estômago quando Elias Levi lhe comunicou quem era seu hóspede. Dominado pela emoção, apressou-se a sair de casa e ir ao encontro de Jaume Coloma, o irmão mais novo de seu pai, não sem antes recomendar a Agostino que tomasse conta do pequeno Roberto.

Elias lhe contou, durante o trajeto até seu domicílio, como, por mera casualidade, no exercício de suas tarefas habituais de auxílio aos refugiados judeus vindos da Espanha, conhecera um tio de Mauricio: Jaume Coloma chegara a Florença com a família, sem dinheiro e esperando encontrar algum trabalho que lhe permitisse pagar as passagens para Constantinopla, a capital do império turco rebatizada como Istambul pelos otomanos.

Quando Mauricio viu seu tio, quase começou a chorar. Embora fossem muito diferentes, ele e seu pai sem dúvida tinham muitos traços comuns. Os mais distintos eram o olhar tranquilo, de um azul translúcido, a fronte ampla e as grandes entradas no cabelo que Mauricio também já começava a exibir. Contudo os lábios de Jaume Coloma eram mais encurvados e finos que os de seu pai; a mandíbula, menos pronunciada; o nariz, menor. Em todo caso, a imagem do tio, a roupa gasta e suja que vestia, era bem pior do que a que Mauricio trazia na lembrança. O seu corpo havia se deformado, a pele do rosto – estriada de rugas – mostrava estranhas manchas avermelhadas, e o homem parecia ter envelhecido muito mais que vinte anos. Mauricio, ao contrário, vestia camisa de seda, calças e capa de veludo, sapatos de couro de cabra com fivelas de prata, e estava no auge da vida.

Porém essas diferenças lhe pareceram insignificantes quando se fundiram num abraço emocionado. Não havia motivo para disfarçar nem esconder

antigos segredos familiares. As máscaras foram tiradas e eles podiam se olhar sem dissimulação. Ambos se encontravam em Florença graças a um passado comum: Jaume Coloma por medo de ser descoberto, já que o cerco aos falsos convertidos se apertava cada vez mais na Espanha; Mauricio Coloma por causa de uma esmeralda em poder de sua família por muitas gerações.

A conversa não foi fácil para nenhum dos dois. O convívio com Jaume e os outros tios paternos sempre se caracterizara por ser gélido como o vento do inverno. Não obstante, devia haver um fogo oculto ardendo por baixo dessa neve, pois o gelo do passado se derreteria até se transformar em água tépida, que agora escorria por suas faces.

Assim, naquela encruzilhada tão improvável quanto real, ambos abriram o coração interrogando o destino sobre o porquê de tamanho sofrimento. Jaume explicou-lhe que seus avós paternos ainda eram crianças quando o ataque ao gueto de Barcelona acabara com a maior parte de sua família. Os sobreviventes fingiram converter-se ao cristianismo, seguindo os conselhos do rabino Ismael: na opinião dele, ante o dilema da morte ou da idolatria, devia-se escolher essa última, pois a lei existia “para se viver nela, não para se morrer por ela”. O pai de Mauricio fora educado no judaísmo desde pequeno, mas, por amor à esposa, que era cristã, abandonou a fé original e converteu-se ao catolicismo. Seus irmãos e irmãs, que continuaram praticando a religião judaica na intimidade do lar, não aceitaram essa decisão. As conveniências sociais impediram-nos de censurá-lo em público, já que fingiam ser cristãos devotos, mas para eles Pedro Coloma, o pai de Mauricio, estava morto espiritualmente.

Isso justificava tanto o empenho de seus avós maternos em inculcar-lhe as verdades cristãs quanto a visível desconfiança nas relações entre Pedro e os irmãos, pois esses sempre recearam que ele os denunciasse perante o Santo Ofício. No entanto, se o pai de Mauricio permanecera no íntimo fiel à fé judaica, isso era algo que nem seu irmão podia saber com certeza. A única certeza, no entender de Jaume, era que o motivo da conversão ao cristianismo fora exclusivamente sua paixão cega por Marina, primeira e única esposa, a quem prometeu educar os filhos na observância da religião católica. Disso Jaume também estava certo, pois o pai de Mauricio, antes de se casar, comunicara à sua família judaica as condições sob as quais a bela jovem concordava em desposá-lo.

Todos os irmãos eram unânimes em interpretar a morte prematura de Marina como um castigo do Céu pelo fato de ele ter traído sua verdadeira fé,

dominado pelo ardor dos sentidos. No entanto esse juízo fora precipitado, pois Pedro Coloma demonstrara com sua atitude que o amor pela esposa ia além de qualquer medida: não quisera se casar novamente e mantivera-se fiel à palavra empenhada, muito embora ela o houvesse separado da comunhão com sua própria família.

O tio Jaume concluiu suas reflexões afirmando que tinham sido muito duros de coração com o pai de Mauricio e que Jeová os castigara por isso. Ao menos, consolou-se, os outros irmãos e suas irmãs já deviam estar a salvo na Turquia. Quanto a ele, que hesitara até o último momento entre emigrar e continuar praticando o judaísmo em segredo, acabara embarcando no navio errado, pois o capitão lhe roubara tudo o que portava de valor.

Mauricio se absteve de qualquer comentário sobre a esmeralda. Aparentemente, o tio Jaume não sabia nada sobre ela, já que sequer a mencionara. Talvez, conjecturou Mauricio, a joia fosse uma peça tão extraordinária que só passava em segredo de mão em mão a um único descendente, para evitar disputas familiares. Isso fazia tanto sentido quanto o fato de seu pai ter recebido de herança um quinhão maior que o resto dos irmãos, por ser o primogênito, provocando assim querelas já antes de sua conversão ao cristianismo. Mauricio concluiu que ajudar o tio era não só uma oportunidade oferecida pelo destino, mas também um ato de justiça.

Assim, pois, ofereceu-se a pagar as passagens da família do tio até Istambul e garantiu-lhe a hospitalidade de sua casa enquanto não zarpassse o primeiro navio disponível, além de que o ajudaria financeiramente a enfrentar os primeiros meses em terras turcas. Talvez Lorena o censuraria com veemência, porém aquela era uma obrigação de família a que não podia se furtar.

O trajeto até a mansão da irmã era curto, mas para Lorena teria sido melhor poupar-se esse trabalho. Maria, sem chegar a defender abertamente o roubo perpetrado pelo filho, alegou que sair à rua sem véu e com os cabelos presos era um atentado ao pudor. E mais: permitiu-se impingir-lhe um sermão sobre a conveniência de dar esmolas aos pobres. Ora, haveria oferenda melhor que aquele vil diadema de prata que seu filho iria entregar aos bons sacerdotes de São Marcos? Lorena devia, pois, alegrar-se, uma vez que, embora a maneira como tudo havia acontecido não fosse a aconselhável, os fins a justificavam aos olhos de Deus. Lorena enfureceu-se ao ouvir essas pobres explicações, mas a discussão terminou quando Luca entrou na sala. O marido de Maria teve a desfaçatez de garantir que felicitaria o filho por sua boa ação. Lorena optou então por imitar a atitude de Jesus Cristo e sair daquela casa sem dizer palavra alguma, apenas sacudindo o pó das sandálias.

À tarde, as nuvens cobriram Florença, a atmosfera ficou pesada e uma gigantesca tempestade descarregou sua fúria sobre a cidade. A chuva lembrou a Lorena a história da Arca de Noé. Os trovões ressoavam em seus ouvidos como as trombetas do Juízo Final e os raios foram a única luz durante aquelas horas de treva em que a densidade da água se tornou impenetrável ao olho humano.

Como era possível que as coisas tivessem mudado tão rapidamente? – perguntou-se Lorena, certa de que a comunicação com sua irmã havia se rompido talvez para sempre. Segurou a mão do marido enquanto observava o crepitar das chamas na lareira. A lenha – como os sentimentos – se consumia abrasada pelo calor do fogo, pensou. Também as brasas se apagavam. Mas e as cinzas? Que acontecia com elas?

Mauricio organizou seus pensamentos relembrando o acontecido, enquanto fitava as chamas da lareira de mãos dadas com a esposa. Uma mulher chamada Sara havia comparecido à casa de Elias Levi naquela manhã e dissera ao rabino que, em breve, seria celebrada uma cerimônia das mais singulares. Essa mulher concebera gêmeos, mas um deles morrera durante a gravidez. O parto fora complicadíssimo, cheio de riscos tanto para a mãe quanto para o bebê vivo. Felizmente, tudo acabara bem e, em agradecimento, haveria uma tocante cerimônia religiosa na sinagoga.

Mauricio e o tio Jaume acompanharam apaixonadamente o relato. Para Mauricio, cujo pequeno Roberto nascera no mesmo dia que o filho de Sara, a história dos gêmeos proporcionava a imagem perfeita de quão próximas estão a vida e a morte. Levado pela emoção, felicitou a mulher e contou-lhe como a sua própria mãe falecera durante o parto. Ambos concordaram que, quando o desejo de Deus é a morte de um para que o outro prossiga em sua caminhada pela Terra, o escolhido tem a responsabilidade de viver pelos dois.

Mauricio sentiu que essa interpretação lhe dava novas forças. Sua mãe morrera para lhe dar a vida. Seu pai confessara um crime que não havia cometido para ter a oportunidade de revelar-lhe o segredo do anel e indicá-lo, com singular clarividência, o que devia fazer em seguida. Mauricio não duvidou de que ambos ficariam orgulhosos por terem podido ajudá-lo com seu sacrifício.

A conversa prosseguira e o clima amistoso que se estabeleceu levou Sara a pedir-lhe que participasse com eles da celebração da vida e os acompanhasse à sinagoga. Aquele era um privilégio raro, só excepcionalmente concedido aos

gentios. Mauricio hesitou porque, com Savonarola no auge do prestígio, era arriscado entrar numa sinagoga, sobretudo se corresse o boato de que fora acompanhado por um tio adepto da fé de Moisés. Ainda assim, acabou por ceder à magia do momento e aceitou o convite.

Quando o rabino abriu as portas de um móvel que, à maneira de janelas fechadas, ocultava os rolos do Talmude, Mauricio pasmou-se com o brilho das letras hebraicas douradas sobre um fundo escuro. A contemplação daquelas letras levou-o a refletir sobre a religião de Moisés.

Moisés, o libertador dos judeus, foi um príncipe egípcio cuja magia prevaleceu sobre a dos sacerdotes, seus mestres. Educado como um filho do faraó, ao cruzar as águas do mar Vermelho, levou consigo os segredos milenares de um grande país, cuja sabedoria já começava a se perder. Segundo Marsílio Ficino, os fundamentos da religião egípcia não eram um embuste nem uma abominação aos olhos de Deus, mas, ao contrário, guardavam os mais antigos mistérios da humanidade.

Por que, então, os judeus haviam abjurado de sua fé repetidas vezes, desde que se rebelaram contra Moisés no deserto? A destruição do templo de Jerusalém, o cativeiro da Babilônia, a diáspora pelos quatro cantos da Terra, as perseguições sem fim... Jeová tê-los-ia castigado por não cumprirem a missão que lhes confiara?

Mauricio sentiu na própria pele as mortes incontáveis infligidas a homens, mulheres, crianças e anciãos durante os massacres perpetrados em todas as nações da Terra contra os judeus. O pogrom do século passado no bairro judeu de Barcelona era outro exemplo trágico da maldição que os perseguia. Seus avós foram dos poucos que sobreviveram. Mauricio sentiu vergonha por estar vivo. Por que ele, quando tantos milhares haviam perecido? Tão logo formulou a pergunta, deu-se conta de que esse impulso para a morte era o mesmo que o afligira quando sonhara com sua mãe falecida ao dá-lo à luz.

Mauricio deduziu que, talvez, o próprio amor aos ancestrais impelisse sua alma a querer se sacrificar por eles com um instinto suicida. Nesse caso, precisava de lucidez mental suficiente para concentrar esse sentimento em outro objetivo: viver com dignidade até que Deus decidisse ter chegado a sua hora.

*N*a época do Magnífico, os carnavais de fevereiro eram um cântico à vida que se traduzia em festas sem fim até a chegada da quaresma, quando então os corpos exaustos dos florentinos estavam já prontos para se submeter aos rigores do jejum e da abstinência. Porém, sob o látigo de Savonarola, o próprio carnaval era uma penitência, pensou Mauricio ao voltar para casa. O frade pusera suas tropas na rua e toda a cidade fora ocupada por um exército de meninos e adolescentes cuja idade oscilava entre os 5 e os 16 anos. Milhares de rapazinhos, empunhando ramos de oliveira, percorriam as ruas acompanhados de tocadores de tambor, gaiteiros e servidores da Signoria que gritavam: “*Viva Cristo e la Vergine Maria, nostra regina!*”. Em cada esquina, o exército de Deus pedia esmolas para sua causa, ao mesmo tempo que procurava descobrir jogadores, beberrões, libertinos, mulheres vestidas frivolamente ou qualquer outro elemento subversivo. Pelo menos, Savonarola conseguira acabar com o costume dos jovens de erguer barricadas nas ruas e atirar pedras, o esporte favorito durante os carnavais. Por desgraça, pusera um ponto final também em outros costumes menos bárbaros: a Signoria proibira falar do governo, dos sacerdotes e do rei da França, bem como usar máscaras. Não falando, ninguém podia criticar; e sem máscara era impossível se esconder. Contudo nem a proibição de críticas nem a milícia dos anjos rosados iria devolver a Florença as cidades de Pisa, Sarzana ou Pietrasanta.

Quando Mauricio chegou em casa, sua esposa – com os olhos cheios de lágrimas – recebeu-o agitada.

– Aconteceu uma coisa horrível, Mauricio! – exclamou ela, tentando articular, entre soluços, frases ininteligíveis sobre os filhos de Deus e Satanás.

– Foi tudo culpa minha – interrompeu Cateruccia, com ar contrito. – Esta manhã, enquanto vocês dois estavam fora, um grupinho de crianças bateu à porta pedindo presentes. Como estamos no carnaval e Carlo fizera uns doces de amêndoa e mel, envoltos numa deliciosa massa folhada, resolvi dar-lhes alguns. Ao abrir a porta, surgiram dois sacerdotes dominicanos ladeando os meninos. O mais alto, um velho albino de compleição cadavérica e rosto tão sombrio quanto pálido, mostrou-me uma denúncia anônima na qual constava que os moradores desta casa eram acusados de praticar em segredo os ritos judaicos. Ameaçaram-nos, a mim e aos outros criados, de prisão por conivência caso não os deixássemos vasculhar os aposentos.

Mauricio já tinha visto várias caixas de pedra com abertura de cobre, conhecidas eufemisticamente como “buracos da verdade”, espalhadas pelas ruas, para que qualquer um introduzisse nelas uma denúncia anônima. O procedimento regular era o seguinte: os *ufficiali di notte*, os “oficiais da noite e guardiões da moralidade”, depois de examinarem a denúncia, decidiam arquivá-la ou abrir uma investigação. Aparentemente, os frades do convento de São Marcos haviam ignorado todas as regras, abusando da credulidade de Cateruccia.

– Sem dúvida, andavam rondando a casa – afirmou Lorena, cuja raiva lhe secara as lágrimas – porque bateram à porta justamente quando nós dois estávamos fora. E um dos milicianos de Savonarola era Giovanni, o filho mais velho de minha irmã! Tenho certeza de que foi ele, instigado pelo pai, quem nos denunciou. As relações com minha irmã e sua família estão rompidas para sempre. Não quero mais ouvir falar deles.

Mauricio concordou com a esposa. Seguramente, Luca tinha parte naquilo e podia mesmo ser o propagador dos rumores contra sua pessoa. Apesar de Mauricio ser cristão até a medula, uma sensação desagradável o incomodava. E se os dominicanos houvessem encontrado algo capaz de incriminá-los? Motivos para se preocupar não faltavam. O tio Jaume e sua família não haviam morado durante três semanas no *palazzo*, antes de embarcar para a Turquia? E se, inadvertidamente, houvessem esquecido ali algum objeto do culto judaico? Naqueles tempos sombrios, pressentiu Mauricio, qualquer nuvem passageira podia desencadear uma tempestade. Consolou-se com a certeza de que o anel estava a salvo, pois o piso axadrezado do saguão continuava intacto.

– Fiquei aterrada, sem saber o que fazer – continuou Cateruccia. – Se não os deixasse entrar, temia que nos prendessem e ainda assim vasculhassem a casa.

Por outro lado, apostaria os braços e uma perna contra quem acusasse qualquer dos que aqui moram de praticar ritos judaicos em segredo. Se, depois de cuidar de Lorena desde o nascimento e ser ama desta casa durante quinze anos, algo parecido me escapasse, bem mereceria perder não só os membros, mas também a cabeça. Assim, pensei cá com meus botões: se não podes com teus inimigos, junta-te a eles. Respondi então aos clérigos que com muito gosto lhes mostraria a casa, acompanhada por meu Carlo, pois não havia nada a ocultar aos olhos de suas eminências. Porém exigi com firmeza que os fedelhos ficassem de fora, pois não estava disposta a permitir desordem alguma na ausência de meus patrões. Os frades concordaram satisfeitos e começaram a examinar tudo, mas sempre acompanhados de perto por nós, para não “encontrarem” objetos que nunca estiveram aqui. Deus sabe que, hoje em dia, nem nos ungidos do Senhor podemos confiar.

– Você agiu da melhor maneira possível – tranquilizou-a Mauricio, admirando a astúcia com que a criada enfrentara a situação.

– Obrigada, senhor. Os dominicanos, homens de faro tão sensível quanto de olhar perspicaz, quiseram inspecionar primeiro a cozinha. Pois bem, se esperavam achar ali pão sem fermento e réstias de alho com cebola, tiveram de sair com o rabo entre as pernas, pois nossa despensa estava generosamente provida de toucinho, com cuja gordura derretida meu bom Carlo preparara uma massa de pastel tão deliciosa que até suas eminências a elogiaram.

Ao ouvir essas palavras, Mauricio se descontraiu instintivamente. Por intermédio do amigo Elias, sabia muito bem que um dos métodos prediletos na Espanha para descobrir judeus falsamente convertidos era investigar seus hábitos alimentares. Com efeito, os falsos convertidos cozinhavam com azeite, nunca com toucinho, já que só provavam carne de porco se sua vida corresse perigo por negar-se a comê-la em público. Também gostavam de temperar seus pratos com alho e cebola, de onde vinha a expressão “feder como judeus”. Justamente os frades dominicanos é que haviam elaborado um método muito famoso para desmascarar os marranos espanhóis. Sabedores do costume judaico de não cozinhar aos sábados, postavam no teto de torres e edifícios altos sentinelas que anotavam de quais casas não escapava fumaça nesse dia. Se lá residissem convertidos batizados, isso bastava para levá-los à prisão. Muitos marranos tinham sido descobertos graças a esse artifício, até os demais ficarem sabendo da artimanha e começarem a enfumaçar suas chaminés também aos

sábados. Felizmente a cozinha de sua casa, pensou Mauricio, era uma sólida defesa contra quem o acusava de ser um judeu camuflado.

– Contudo – prosseguiu Cateruccia – os dominicanos não se deram por satisfeitos e continuaram farejando. O que eles queriam achar? Candelabros de sete braços? Um *shofar*, o corno de carneiro judaico? Talvez a Torá ou o Talmude? Esses, sem dúvida, pois, após esquadrihar os dois primeiros andares com ar decepcionado, o mais velho pediu, com olhar malicioso, que eu lhe mostrasse a biblioteca.

“Os livros, é claro”, pensou Mauricio. Por sorte, não sabia hebraico e não tinha nenhum livro escrito nessa língua; no entanto qualquer obra que certos homens cultos admiravam na época em que Lorenzo era vivo podia ser considerada uma armadilha de Satanás.

– E que lhes pareceu minha modesta coleção literária? – perguntou Mauricio, disfarçando o temor.

– Os dois frades iam lendo as lombadas dos livros com expressão sombria e trocando olhares reprovadores. Ao fim do exame, o mais jovem recolheu as obras de Boccaccio, *O Decameron* e o *Elogio da Poesia*. O mais velho cuspiu sobre elas e declarou que essas obras eram uma afronta ao cristianismo, motivo pelo qual teriam seu merecido destino nas chamas. Em seguida, retirou as *Metamorfoses* de Ovídio, creio eu, e arengou ao companheiro sobre como a filosofia pode ser tão perigosa quanto o erotismo. É impossível não perguntar em que tipo de pessoas querem nos converter esses santarrões, que renegam ao mesmo tempo o cérebro e o sexo. Não lhes comuniquei meus pensamentos, é claro: ao contrário, me desculpei assegurando que aqueles exemplares ficavam guardados na biblioteca porque eram presentes de um velho amigo falecido há anos. “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és. Em todo caso, vamos fazer-lhes o favor de remover o lixo desta biblioteca. Diga a seus patrões que os livros serão queimados na fogueira das vaidades com a qual festejaremos o início da quaresma”, anunciou o frade albino.

Mauricio respirou fundo. Talvez, se tivessem esmiuçado um pouco mais, encontrassem o Livro de Enoque, uma obra apócrifa com a qual, se quisessem, o poriam em má situação. Porém Mauricio tomara o cuidado de escondê-la atrás de livros tão inócuos quanto o romance de cavalaria *Attila Flagelum Dei*, de Incola da Casola, os *Sonetos*, de Gaspare Visconti, o poema sentimental *Cirifo Calvaneo*, de Luca Pulci, e a obra-prima da literatura florentina, a *Divina Comédia*, de Dante.

– Porém isso não é tudo – advertiu Lorena, ainda muito alterada. – Levaram também uma coisa cuja perda vai lhe causar um profundo desgosto.

– Ao sair da biblioteca – explicou Cateruccia –, o frade albino, com voz melosa, insistiu em examinar o escritório do dono da casa. Quando o mostrei, reagiu como um possesso ao ver o desenho a sanguina que pende de uma das paredes. Disse então desdenhoso: “Conhecemos muito bem esse Leonardo da Vinci, um sodomita que renega Cristo e a Igreja. Tem sorte de estar em Milão, porque aqui não escaparia ao castigo que merece. Não permitiremos de modo algum que suas criações pestilentas infectem Florença. Esse desenho, prova palpável de sua impiedade, será queimado na fogueira com o resto dos quadros pagãos que encontrarmos”.

– Levaram o desenho de seu amigo Leonardo – suspirou Lorena. – Entraram em plena luz do dia e roubaram-no impunemente, disfarçando sua condição de ladrões com hábitos de frades. Ainda bem que nossos filhos não estavam em casa nesta manhã para presenciar mais essa humilhação!

– Sinto muitíssimo – desculpou-se Cateruccia. – A convicção e a ferocidade com que insultaram esse Leonardo eram tamanhas que não tive forças para me opor. Porém não levaram nenhum outro objeto da casa.

– Não se preocupe, Cateruccia – animou-a Mauricio. – Você agiu com prudência.

Enfim, não haviam encontrado provas para acusá-lo. Mauricio suspirou aliviado. Contudo doía-lhe bastante ficar sem o desenho com o qual Leonardo o presenteara onze anos antes, quando visitara Milão e acabara por se estabelecer naquela cidade. Esse desenho fora nada menos que o esboço utilizado pelo artista em sua primeira encomenda em Milão. A confraria da Imaculada Conceição solicitara-lhe um quadro que devia mostrar a Virgem Maria, o Menino Jesus e dois profetas rodeados de anjos tangendo instrumentos musicais por entre faustosos ouropéis. Leonardo, fiel unicamente ao seu próprio gênio, não dera atenção às instruções, de modo que *A Virgem das Rochas*, título final da tela, pouco tinha a ver com a encomenda. Nela, podia-se admirar o encontro de duas crianças pequenas, Jesus e São João Batista, sob o olhar de Maria e do anjo Uriel, contra uma paisagem rochosa de sonhos. As figuras eram um prodígio de graça e delicadeza. Leonardo renegava Cristo? Não em público, é claro. Esconderia aquele esboço alguma mensagem ofensiva à Igreja, assim como haviam afirmado os frades dominicanos diante de Cateruccia? Mauricio não acreditava nisso, apesar das excentricidades do

artista, algo que sempre atribuíra ao caráter extravagante de Leonardo. Mas, mesmo assim, Mauricio não apostaria nada contra a opinião dos dominicanos. As verdadeiras crenças de Leonardo sempre se mesclavam com suas paisagens, que deixavam no ar mais perguntas que respostas.

Luca não se surpreendeu com o fato de os dominicanos não terem encontrado nenhuma prova concludente na casa de Mauricio. O astucioso marido de Lorena devia ter eliminado todos os indícios que pudessem incriminá-lo. Sem dúvida, concluía que podia ser perseguido não só por entrar numa sinagoga com seu amigo Elias, mas também por acolher parentes que fugiam da Espanha. Ah, a Espanha! Esse reino sabia muito bem como preservar a fé cristã. Os judeus eram expulsos e os falsos convertidos, queimados. Ao contrário, a pusilânime Florença apenas obrigava os homens judeus a exibir um círculo amarelo costurado na roupa e as mulheres judias a usar um véu da mesma cor. Por isso ele trabalhava para redigir leis que escorraçassem os judeus de Florença, mas enquanto isso eles continuavam contaminando a cidade com sua presença. No íntimo, Luca estava convencido de que eles haviam provocado o novo surto de peste. A enfermidade ainda se concentrava nos bairros mais pobres; porém, se não desaparecesse, a chegada do verão poderia propagá-la pela cidade inteira. Para evitar semelhante catástrofe, Luca defendia a implantação de uma medida sanitária ao mesmo tempo prática e eficiente: o extermínio dos judeus de toda a Toscana ou, pelo menos, sua expulsão imediata de Florença. Porém, embora tivesse sido reeleito como membro da Signoria, não contava com o apoio necessário para obter a aprovação de uma lei que solucionaria definitivamente o problema judaico. Felizmente, havia outros assuntos em que podia influir de maneira decisiva. Mauricio seria preso naquela mesma noite. Depois, sua condenação e sua execução correriam por conta de Luca – que, descontraído, brincava com seu gato favorito, o qual havia acabado de apanhar um rato entre as garras com a

mesma facilidade com que ele caçaria seu inimigo. A vingança – regozijou-se Luca – estava servida.

O mundo em que fora feliz estava sendo soterrado pelas impiedosas areias do deserto. Mauricio se sentia um nômade perdido, cuja única rota possível era confiar em seu camelo, na esperança de que encontrasse água antes de ser tarde demais.

Água. No momento, água significava florins porque, se nos próximos meses não conseguisse tirar ouro do cascalho, sua família estaria condenada à ruína e ele próprio não escaparia à prisão por dívidas. Se o camelo imaginário em que estava montado não o conduzisse diretamente a um poço cheio, caso vendesse suas propriedades, até mesmo o anel, talvez pudesse pagar seus credores, mas ao custo de ficar sem crédito nem capital.

O pior de tudo era que ele, o responsável pelo bem-estar da esposa e dos filhos, estava a ponto de fracassar por completo. Em que se transformaria um marido e pai incapaz de sustentar sua família? Como poderia continuar vivendo sem honra nem dignidade?

Lorena interrompeu seus pensamentos inquietos. Acabava de amamentar Roberto, o pequenino, e ainda tinha as faces vermelhas de indignação por causa da petulância dos monges dominicanos de São Marcos que tinham invadido sua casa.

– Esse padre recalcado – disse ela, referindo-se a Savonarola, o prior de São Marcos – acabará proibindo que as mulheres saiam à rua vestindo trajes mais elegantes que um saco de cebola, poderá reduzir a cinzas tudo que escandalizar sua vista, poderá converter parentes e crianças em delatores de pecados imaginários, poderá até enviar seu exército de inquisidores para saquear nossa casa. No entanto não poderá impedir que, ao fazer amor, vejamos Deus.

Mauricio ficou boquiaberto ante a contundência da última frase. Na verdade, modificara muito sua concepção sobre o sexo desde a primeira vez que se unira carnalmente a Lorena. Naquela ocasião, se sentira pecador a ponto de confessar-se; mesmo depois, já ligados pelo santo sacramento do matrimônio, os prazeres da carne costumavam vir acompanhados de um vago sabor de culpa. Com o passar do tempo, esse sabor amargo fora substituído pela satisfação e pela paz profunda que sentia enquanto sussurravam abraçados depois de se amar. Ainda assim, a frase da esposa lhe pareceu desconcertante.

– Que quer dizer com isso de ver Deus quando fazemos amor? – perguntou.

– É apenas uma maneira de falar. Seria melhor dizer “sentir” do que “ver”. Ele sobe por meu corpo, chega ao meu coração, preenche meu ser por dentro e, às vezes, se expande pela casa inteira.

– Como assim? – perguntou Mauricio, intrigado.

Lorena tinha 33 anos e ele continuava achando-a uma mulher bastante desejável. Nunca tivera outra, e toda a sua experiência estava ligada à esposa, por isso achava natural associar o sexo a ela. No entanto aquele era um assunto do qual praticamente não falavam. Faziam-no quando a chama do desejo crepitava, mas nunca se referiam, nem antes nem depois, às emoções que o ato provocava. Mauricio jamais imaginara que fosse necessário. Contudo, podia estar errado, já que a experiência da esposa parecia não coincidir em absoluto com suas próprias sensações.

– Bem – continuou Lorena com certa prudência –, não é algo que me ocorra sempre. Acontece mais frequentemente quando nos acariciamos e brincamos um pouco antes de ir para a cama, de tal modo que minha pele se torna mais sensível e todo o meu corpo se excita. Quando, por fim, nos deitamos, o fogo interior começa a arder, descontraio-me e perco-me por completo enquanto a flecha da paixão vai aos poucos subindo de minha pelve. E essa intensidade transbordante me consome à medida que se enrosca em meu corpo como uma serpente rastejando em direção à cabeça. Então, com o corpo em chamas e a mente vazia, acontece o milagre: é como se meu cérebro se pusesse a tremer e percebo uma espécie de luz amarela que me transmite uma calma absoluta em meio à tormenta. Afundo-me e encontro Deus. Por isso eu disse que Ele preenche meu ser e a casa inteira. Era simplesmente uma maneira de falar, pois nesses momentos minha consciência não tem limites.

Sou eu, sou você, e tudo é Deus. Nunca havia tentado explicar-lhe isso porque não é fácil fazê-lo com palavras e pensava que você sentisse algo parecido.

Mauricio estava literalmente assombrado. E pensar que julgava conhecer a mais profunda intimidade de sua esposa...

– Não exatamente – disse ele, um pouco envergonhado. – Eu também me abandono e me perco de mim mesmo, mas tenho essa doce sensação apenas em meu sexo.

– Na verdade – explicou Lorena –, minhas emoções não são tão diferentes das suas. O que lhe contei só me ocorre de vez em quando, embora seja algo tão bonito que gostaria de partilhá-lo com você. Por que não tenta esta noite? Basta relaxar, não ter pressa e, quando estiver muito excitado, respirar fundo e impelir esse fogo para cima. Continue respirando fundo e verá o que acontece. É o que eu faço, se bem que na maioria das vezes simplesmente me deixo consumir pelas chamas ardentes com enorme prazer.

Mauricio se tranquilizou um pouco. Sua mulher e ele não eram tão diferentes assim, apesar de, às vezes, Lorena experimentar uma espécie de êxtase místico quando seus corpos se uniam. Parecia uma contradição, embora, segundo seu antepassado Abraão Abulafia, fazer amor fosse também uma porta para chegar até Deus, algo bem semelhante ao que revelara sua esposa. Por que não seguir seus conselhos? Hoje, Mauricio desejava mais que nunca sua mulher e o mínimo que poderia acontecer-lhe seria experimentar o prazer já conhecido, de que tanto desfrutava.

Mauricio se entregou às lides amorosas com o brio de um puro-sangue. Sua respiração entrecortada, ofegante, lembrava a de um ardoroso corcel selvagem a galopar desnudo em plena liberdade. Lorena sacudia os quadris no ritmo das acometidas, os olhos semicerrados e um sorriso iluminando-lhe o rosto. Então Mauricio se lembrou do que lhe contara a esposa. E se experimentasse algo diferente daquilo a que estava acostumado? O corpo resistia, mas a curiosidade venceu e, finalmente, domou o cavalo que ele montava.

Mauricio respirou fundo e refreou o galope. Lorena variou seus movimentos pélvicos, transformando-os numa dança mágica. Mauricio notou que seu membro viril era sugado para dentro dela, até mesmo quando ele movia o corpo de leve. Assim, com menor esforço de sua parte, percebeu que sua masculinidade se agitava espasmodicamente, descobrindo paraísos inexplorados. Sorriu também no auge do êxtase, preparando-se para a irrupção da onda.

– Tente impelir a energia para cima – sussurrou Lorena, suspendendo as deliciosas contrações que massageavam seu membro.

Mauricio teve uma breve decepção, mas logo ela reiniciou a dança e seu pênis voltou a agitar-se, estimulado por aquele balé tão íntimo. Controlou os impulsos e, em vez de agir como um ginete que esporeia o cavalo após a vitória, ele preferiu seguir os conselhos da esposa mantendo o mesmo ritmo, expandindo a consciência para o umbigo, o estômago e, depois, para o peito e as costas. Surpreso, percebeu que aquilo funcionava. Continuava excitado, mas agora a ansiedade desaparecera e a energia erótica se espalhava harmonicamente por todo o seu corpo. “A serpente enroscada”, dissera Lorena. Mauricio a percebeu como uma vibração que se instalava em todos os poros até chegar à cabeça.

Estavam ambos enlaçados num círculo contínuo onde a mente deixara de tagarelar. Aquele prazer estava fora do tempo.

Todavia, quando terminaram, a treva desceu sobre suas vidas. Batidas na porta do *palazzo* anunciaram os *ufficiali di notte* – oficiais da noite e guardiões da moralidade. Talvez em atenção a essa moralidade que com tanto zelo protegiam, concederam a Mauricio alguns minutos para se vestir decentemente, antes de prendê-lo.

– De que sou acusado? – perguntou ele.

– De alta traição – respondeu um dos oficiais.

Mauricio não precisava entender de leis para saber que aquele delito era punido com a pena capital.

Lorena, acorada junto à lareira da sala, tiritando sob uma manta, assustou-se ao ouvir novas batidas na porta. Parecia-lhe impossível que oficiais da Signoria conduzissem seu marido à prisão quando, pouco antes, estavam abraçados no leito, compartilhando seu calor.

Teria Mauricio incorrido num crime de alta traição? Lorena duvidava. Talvez, desesperado pela crise financeira que atravessavam, houvesse aceitado participar de alguma conspiração na esperança de ocupar um posto importante no novo governo. A peste reaparecera em Florença; nem Pisa nem as outras cidades tinham sido devolvidas; e muitos já passavam fome em consequência da má situação econômica. Por isso, não era inviável que um golpe de Estado bem conduzido propiciasse uma mudança de regime.

De qualquer forma, Lorena não dispunha de nenhum indício que apontasse Mauricio como suspeito, e a única coisa que de fato lhe importava era achar meios de tirá-lo da prisão, independentemente de sua culpa ou inocência. Mas como? Por onde começar? Novos golpes na aldrava de ferro avisaram que não havia tempo para reflexões. Ainda com muitas perguntas se atropelando em seu cérebro, Lorena se desvencilhou da manta e desceu receosa as escadas até a porta do vestíbulo.

O vento, soprando com força naquela noite, continuava trazendo notícias funestas. Um criado comunicou que Francesco, seu pai, havia acabado de morrer. Lorena ficou aturdida por alguns instantes, como se quisesse encontrar traços de falsidade no rosto do mensageiro, antes de romper a chorar. Já fazia semanas que o ancião permanecia de cama, gravemente enfermo, portanto seu falecimento não era um acontecimento inesperado. Entretanto, apesar de

tudo, a notícia golpeou Lorena com a mesma força com que um raio destrói a árvore mais robusta. Imaginou o pai, em seus derradeiros momentos, aferrando-se à vida com as poucas forças que lhe restavam e contemplando o abismo insondável do nada que o aguardava do outro lado da fronteira... Ele lhe dera a vida, educou-a, tinha sido parte integrante de sua existência, e agora, subitamente, desaparecia para sempre.

Consolou-se pensando que, como bom cristão, o pai já estaria diante das portas do Céu. Ainda assim, as lágrimas deslizavam incontrolavelmente por seu rosto. Lorena sentia uma compaixão profunda que a sufocava; não conseguia banir da mente a última imagem que guardava do pai, prostrado no leito, enfraquecido e emaciado a ponto de os traços do rosto terem se diluído, perdendo sua firmeza característica.

Será que o destino iria lhe tirar ao mesmo tempo o pai e o marido? Não, Deus não o permitiria – nem ela, tampouco. Luca era um dos membros da Signoria e tinha, portanto, muita influência. Pensar que a chave para decidir a sina de Mauricio estava nas mãos daquele homem deu-lhe calafrios de pavor. Contudo o voto de seu cunhado podia ser decisivo para libertar Mauricio dos grilhões que o prendiam. Ela devia utilizar até o último recurso para que o ânimo de Luca se predispusesse a favor de seu marido.

Lorena não era, é claro, a pessoa mais indicada para convencê-lo. No entanto conhecia muito bem uma pessoa que tinha grande ascendência sobre ele: sua irmã Maria. Havia rompido relações com ela; porém um fato tão comovente como a morte de um pai não bastaria para provocar uma mudança de sentimentos? Lorena resolveu pôr de lado o orgulho, esquecer as ofensas passadas e suplicar quanto fosse necessário. O primeiro passo seria correr à casa da mãe, consolarem-se mutuamente e explicar-lhe a situação dramática em que se encontrava. Sem dúvida, a mãe, com aquela mescla de sensibilidade e persuasão que tão magistralmente sabia administrar, atuaria como a melhor das mediadoras.

Lorena enxugou as lágrimas e tirou do poço de sua angústia a água milagrosa que lhe permitiria continuar lutando. O velório do pai fora obrigatoriamente breve porque a Signoria, no intuito de combater a peste, decretara que os mortos fossem enterrados no prazo máximo de 24 horas. No entanto, apesar da pressa, a família conseguiu organizar um funeral aparatoso, com meia centena de portadores de tochas iluminando a última jornada de seu pai por Florença.

Lorena experimentou, durante o enterro, emoções extremamente dolorosas. O certo era que as relações com seu pai tinham sido o tempo todo decepcionantes. Irritado com o que considerava uma traição – seu casamento com Mauricio –, o juízo que o pai fazia dela era sempre crítico. Silêncios diante de seus êxitos e comentários cáusticos diante de seus erros constituíam as formas com as quais expressava sua rejeição a ela. E essa sensação de não ser aceita pelo pai vinha de antes de seu florescimento como mulher, remontando às suas primeiras recordações de infância. Será que ela teria frustrado todas as expectativas que o pai alimentara em relação a ela desde seu nascimento? Provavelmente sim, pois, mesmo enfermo, no leito de morte, Lorena não conseguira arrancar dele, com suas demonstrações de carinho, mais que alguns gestos displicentes.

Sem dúvida, também não aprovaria que a filha e a viúva empreendessem uma atividade frenética durante as exéquias, sondando qualquer pessoa que pudesse informá-las sobre a situação de Mauricio. As notícias não eram animadoras. Ele fora detido sob a acusação de conspirar contra a República, mas ninguém parecia inteirado dos detalhes. Segundo os boatos, Mauricio

andava preparando em segredo as condições para o retorno de Piero de Médici, o filho do Magnífico, que ainda sonhava voltar triunfalmente para Florença. Só se sabia com certeza que estava preso em uma das celas situadas no alto da torre do palácio da Signoria, um duvidoso privilégio reservado a presos políticos importantes cujo destino mais frequente era a morte rápida. Maria prometera interceder junto a Luca, mas o coração de Lorena estava cheio de maus presságios.

Mauricio se negou novamente a comer quando os carcereiros lhe trouxeram pão e água, pois temia que o envenenassem. Razões não lhe faltavam. O fato de ter sido encarcerado no alto da torre da Signoria era tão insólito quanto sua própria detenção. Na verdade, as edificações da Stinche ou do Bargello abrigavam as lóbregas celas onde se recolhiam criminosos de todas as classes e condições. A torre da Signoria, ao contrário, era uma prisão de segurança máxima reservada aos casos de atentado grave e iminente contra a República. Mas alguém poderia mesmo acreditar que a falsa acusação lançada contra ele constituía uma ameaça inequívoca à cidade? Evidentemente, a resposta era negativa, motivo pelo qual Mauricio deveria considerar outra possibilidade: quem urdira a denúncia tinha poder e influência suficientes para conseguir encerrá-lo na torre do palácio do Governo. Mauricio não podia descartar que algum magistrado da Signoria estivesse implicado naquela infâmia – talvez o próprio Luca. E se o objetivo da manobra era acabar com sua vida, nenhum julgamento seria mais rápido que um veneno mortal misturado à na comida.

Mauricio contemplou entristecido a passagem de alguns caminhantes pela enorme praça da Signoria. Voltaria ele a andar livremente pelas ruas de Florença em plena luz do sol? Notava certa ironia naquela situação. Seu pai também não fora encarcerado por um crime que não cometera? E, no caso de ser condenado pelo delito de alta traição, não seria executado como ele? Não confiscariam, do mesmo modo, todos os seus bens? Quando, semanas atrás, visitara a sinagoga judaica, acompanhado por Elias e pelo tio Jaume, concluía

que a melhor maneira de reverenciar seus ancestrais falecidos era viver honestamente até Deus decidir sua hora.

Naquele momento, viver honestamente significava lutar com todas as suas forças para sobreviver, pois Lorena e seus filhos precisavam tanto dele quanto ele precisava dos filhos e de Lorena. Não alimentava falsas ilusões. Dificilmente sairia com vida daquela situação, mas, se alguma esperança havia, estava depositada na esposa. Talvez ela pudesse mobilizar as influências necessárias, lá fora, para exigir sua libertação. De sua parte, tentaria desempenhar da melhor maneira possível o papel que o destino lhe atribuía: resistindo.

Mauricio despertou sedento no meio da noite. Sua boca ressecada pedia água e seu corpo ansiava por calor. Naquela cela úmida, o frio se insinuava pelos menores desvãos e penetrava em seus ossos de forma inexorável. Por coberta, contava apenas com uma camisola fina de lã que lhe chegava aos tornozelos. Os carcereiros não lhe deram nem mantas para se cobrir nem leito para se deitar. O chão gelado não seria tão incômodo caso pudesse se envolver em sua capa, mas toda a sua roupa fora levada.

Não se lamentou. A situação era tão grave que não podia permitir-se o luxo de acalantar fantasias diferentes da realidade nua e crua na qual se encontrava. Queixar-se da sorte de nada adiantaria. Pelo contrário, Mauricio sabia que necessitava da última gota de energia para sobreviver.

Por enquanto, podia continuar se abstendo de alimentos e líquidos, mas, dentro de dois dias, teria de beber diariamente alguns goles para não morrer desidratado. Além disso, devia considerar que não apenas era difícil disfarçar o gosto de um veneno na água como havia muitos outros modos de matá-lo, provavelmente mais do agrado de seus inimigos. Caso morresse na prisão sem se confessar culpado, pelo menos Lorena herdaria suas propriedades; mas caso o condenassem ao patíbulo como réu de alta traição, confiscariam seus bens e ela passaria a viver na indigência.

Mauricio sorriu ao ver o pergaminho, a pena e a tinta que seus captores lhe haviam deixado. “Se você reconhecer seu crime e delatar como cúmplices Bernardo del Nero, Niccolò Ridolfi, Giannozzo Pucci, Lorenzo Tornabuoni e Giovanni Cambi, a Signoria se mostrará benévola e apenas o condenará ao desterro”, assegurara-lhe um sentinela de olhar sombrio. Mauricio nem sequer

lhe dera resposta. Conhecia bem aqueles cinco florentinos ligados aos Médicis. Não era nenhum segredo que o regime patrocinado por Savonarola desagradava àqueles homens; contudo, nunca ouvira dizer que estivessem implicados em alguma conspiração. E, é claro, não usaria a pena para assinar a sentença de morte de seus amigos.

Se procedesse de modo tão infame, sem dúvida o primeiro sangue derramado seria o seu próprio. Com efeito, que confiança podia merecer-lhe a palavra daquele carcereiro balofo? Nenhuma. Que impediria a Signoria de condená-lo como réu de alta traição se ele mesmo declarasse isso de próprio punho? Nada. Por conseguinte, não iria firmar voluntariamente seu próprio atestado de óbito. No entanto o pergaminho podia servir para propósitos melhores. Sem parar para refletir, Mauricio tomou da pena e, após molhá-la na tinta preta, deixou que as palavras fluíssem suavemente do fundo de sua alma:

Por mim se vai das dores à morada,
Por mim se vai ao sofrimento eterno,
Por mim se vai à gente condenada.

Aqueles versos iniciavam o terceiro canto do Inferno da *Divina Comédia*, sua obra predileta desde que a lera ainda menino. Mauricio se perguntou que segredos ocultavam as portas do Averno. Logo descobriria.

Savonarola não permitira nem festas nem bailes durante o carnaval, mas preparara um grande divertimento para encerrá-lo: nada menos que uma gigantesca fogueira onde se consumiria tudo aquilo que o sacerdote e seu bando consideravam vaidades e obras inspiradas pelo demônio. Lorena achava que a influência satânica não se refletia nos objetos, mas, sim, nos corações de homens desapiedados e cruéis como Luca.

A Signoria concedera a Maria uma dispensa especial para ver o marido, por motivo da morte de seu pai. Aproveitando essa circunstância, sua irmã o interrogara sobre as acusações que pesavam sobre Mauricio. Luca garantira que, embora as acusações fossem muito graves, ele faria o possível para mitigar a condenação. Mitigar a condenação? Isso não implicava um juízo prévio sobre a culpabilidade de Mauricio? Lorena, muito exaltada, censurara duramente a atitude de Luca diante da irmã. Maria o defendeu, argumentando que as atividades suspeitas de Mauricio eram sobejamente conhecidas por metade de Florença: desde as críticas a Savonarola até a efusiva acolhida a parentes fugidos da Inquisição espanhola, passando pelo afeto que dedicava a certos amigos judeus e terminando na reconhecida amizade pelos Médicis. Por acaso Luca era responsável por Mauricio ter sido um dos chefes da conspiração destinada a derrubar o governo de Savonarola e restaurar Piero de Médici no poder?

Lorena viu, dessa forma, confirmados os rumores sobre os motivos da detenção de seu marido, perdendo ao mesmo tempo qualquer esperança de que Maria pudesse ajudar na defesa de Mauricio. As últimas palavras trocadas foram tão agressivas que, se sua mãe não estivesse presente, sem dúvida as duas irmãs chegariam às vias de fato. Lorena dedicou o resto do dia a visitar todas as

pessoas cujos contatos poderiam ser úteis ao marido. Cansada, quando o sol da tarde já declinava, chegou à casa de sua amiga Sofia em busca de consolo. Ceou com a família, enquanto a treva ia vencendo sua batalha diária contra a luz. Ao terminar, Sofia se ofereceu para acompanhá-la até a casa.

Assim, conversando durante o caminho, depararam-se com um insólito espetáculo na praça da Signoria. No centro, erguia-se uma pira monumental rodeada por um retângulo de madeira de mais de sete metros de lado, onde se amontoavam milhares de objetos, entre os quais extraordinárias obras de arte. Um colecionador veneziano chegara a oferecer uma fortuna à Signoria para resgatar algumas da fogueira. Porém a Signoria rechaçara em termos tão enérgicos a proposta do veneziano que este tivera de fugir às pressas de Florença para salvar a pele.

A quantidade de artigos ali depositados era incalculável, pensou Lorena, já que ocupavam toda a base do retângulo e alcançavam uma altura de quase trinta metros.

As primeiras plataformas da pirâmide simbolizavam o adeus definitivo aos carnavais pecaminosos: perucas, máscaras, barbas postiças e outros enfeites próprios das festas aguardavam em silêncio sua execução iminente. Também se viam nos primeiros patamares da pirâmide as vaidades típicas das mulheres, que o frade odiava tão apaixonadamente: perfumes, pomadas, pinças, rendas, espelinhos, bijuterias fantasiosas... Também não faltavam livros de Aristófanes, Sófocles, Apuleio, Ovídio, Boccacio, Poliziano e outros autores ilustres cujos escritos haviam sido considerados heréticos ou imorais. Sobre essas excelsas composições literárias, esparramavam-se baralhos, dados, bolas, partituras musicais, alaúdes, flautas, *liras da braccia*... Será que a vontade divina teria preparado um conduto pelo qual o diabo se escoava com mais facilidade que a água? Essa devia ser a triste crença de Savonarola, pois considerava fonte de pecado não apenas todos os jogos conhecidos, mas também qualquer música que não fosse sacra. Até a pintura e a escultura podiam estar contaminadas pelo enxofre de Satanás. Por isso, nos pisos superiores da pira, acumulavam-se dezenas de quadros e estátuas: deuses gregos, heróis da Antiguidade, ninfas e figuras mitológicas não haviam achado perdão aos olhos de Savonarola, ou por encarnarem o paganismo ou por não exibirem o devido decoro em suas vestes.

Finalmente, no alto da pirâmide, fora colocada a efígie de um Satanás peludo, com pés de cabra, barba de sátiro e rabo de cavalo, cuja cara imitava a

do mercador veneziano que pretendia salvar das chamas as obras de arte mais valiosas.

– O que você resgataria da pira, se pudesse? – perguntou Lorena à sua amiga.

– As lâminas da *Divina Comédia* de Dante, desenhadas por Sandro Botticelli, junto com o coração do pintor. É uma vergonha que um artista tão grandioso abomine suas próprias criações, embora a culpa pelos pecados ocultos seja um peso difícil de suportar.

Lorena sabia perfeitamente dos rumores que corriam sobre as inclinações sexuais de Botticelli, assim como conhecia o conteúdo daquelas lâminas. Virava na casa de Lorenzo Pierfrancesco de Médicis, primo do Magnífico, ao lado dos quadros *O Nascimento de Vênus* e *A Alegoria da Primavera*. As gravuras da *Divina Comédia* tinham sido traçadas com um estilete de metal sobre pergaminho de pele de carneiro, reforçadas depois com um lápis de chumbo e fixadas, finalmente, com tinta. Lorena conhecia bem Sandro Botticelli. Incentivado por Lorenzo de Médici, fora um dos pioneiros na introdução de cenas pagãs na pintura. No entanto, em vista dos novos ventos de temor insuflados por Savonarola, o genial artista se esquecera de seu amor por Platão e se convertera num “chorão”, apelido com que eram chamados depreciativamente os seguidores do frade visionário. Também Pico della Mirandola havia renegado, tempos atrás, suas ideias, e se transformara em mais uma ovelha do rebanho apascentado pelo prior de São Marcos. Para Lorena, essas conversões súbitas podiam ter suas raízes profundas em sentimentos deletérios de culpa e pavor. Pavor da morte, do Inferno e da vertigem provocada pela liberdade. Pico, morto prematuramente, já havia encontrado no além as respostas certas. Os vivos, ao contrário, só dispunham de sua consciência como guia para se orientar nas águas turvas de Florença.

– Sandro Botticelli afirma agora que perdeu o controle da mão ao desenhar determinadas cenas do segundo círculo do Inferno de Dante, dedicado aos libertinos. Por isso preferiu que ardesse nas chamas a representação de tão graves pecados.

– A luxúria, como o amor, provoca reações intempestivas e, às vezes, difíceis de entender – ponderou Sofia. – Por isso, homens tão diferentes quanto Dante e Savonarola têm mais pontos em comum do que pareceria à primeira vista. Não partilham ambos um coração despedaçado pelo amor a uma mulher?

– O amor de Dante Alighieri por Beatriz é lendário, mas não creio que o coração de Savonarola fosse capaz de bater por mulher alguma – afirmou Lorena.

– Pois as más línguas garantem que ele, na mocidade, cedeu aos encantos de Laodamia Strozzi. Porém o jovem Savonarola não tinha fortuna, era tão feio quanto tímido, tão culto quanto torpe: alguém, em suma, que não estava destinado a brilhar na alta sociedade florentina. Assim, quando declarou estabranadamente seu amor à encantadora Laodamia, ela se pôs a rir como se tivesse acabado de ouvir uma anedota. Sem dúvida, esse riso cristalino ecoou na alma de Savonarola e convenceu-o de que o paraíso terreno lhe estava vedado; porém ele percebeu que, renunciando ao mundo e às suas tentações, acabaria por vencê-los. Ou seu verdadeiro desejo seria vingar-se desse mundo que o excluía?

O cântico do *Tè Deum Laudamus* anunciou que Savonarola estava entrando na praça da Signoria. A multidão silenciou espontaneamente enquanto o frade subia os degraus que levavam à *ringhiera*, a plataforma em volta da fachada principal do palácio do Governo. Ele contemplou sua obra com ar satisfeito, ergueu com a mão direita o crucifixo até os céus e pronunciou as palavras que talvez forcejassem por sair de seu íntimo desde o desengano amoroso da juventude: “Deitai fogo a todas as vaidades e obras do Averno!”.

Várias crianças vestidas de branco, com folhas de louro na cabeça, avançaram com tochas impregnadas de resina para executar a ordem do frade. As chamas demoraram a aparecer: pessoas inconformadas com a fogueira ou provocadores galhofeiros haviam escondido gatos e cães mortos na pira monumental. Contudo a matéria colocada na base era altamente inflamável e, além disso, fora coberta de palha para que ardesse mais rápido. Da pirâmide, começou a subir uma fumaça cinzenta que logo se tornou preta. Os arautos tocaram suas trombetas, os dominicanos entoaram uma litania e, na torre do Palazzo Vecchio, tangeram os sinos.

– Dante – prosseguiu Sofia – também foi repellido por Beatriz, mas teve uma reação totalmente diversa. O imortal poeta florentino, seguindo a tradição dos trovadores do sul da França, não renegou seu amor; ao contrário, sublimou-o e construiu a escada que o transportou aos céus da *Divina Comédia*.

– Portanto o amor, fonte das mais sublimes criações, pode estar na raiz do ódio – resumiu Lorena, dirigindo seus pensamentos para as motivações de

Luca Albizzi.

– Não duvide disso, menina. O amor não correspondido costuma fomentar o ódio mais amargo.

As chamas haviam ganhado intensidade; tons vermelhos e laranja abrasavam o que iam encontrando pela frente. “O fogo, como as paixões violentas, consome tudo que atinge”, refletiu Lorena. Como gostaria que uma enorme tromba d’água apagasse a pirâmide incendiada! Entretanto, naquela noite, nem uma só lágrima gotejou do céu.

Flávia Ginori acariciou a bela arca nupcial na solidão de seu quarto e uma lágrima lhe deslizou pelo rosto, refletindo a tristeza que sentia. A lágrima, em sua transparência e em seu silêncio, era a única expressão sincera de dor que se podia permitir. Era inevitável que suas duas filhas acabassem brigando? Talvez. E ela era a única culpada. O segredo guardado nas profundezas de seu coração cobrava um preço alto por ter ficado oculto.

Sua mente remontou a tempos mais felizes, quando a música das cítaras e a poesia cantada pareciam capazes de alcançar os astros distantes. Porém as estrelas tinham permanecido inacessíveis, brilhando formosas no céu, enquanto as flores da primavera murchavam na terra.

Flávia, desconsolada, abraçou sua arca nupcial e chorou até as lágrimas secarem. Os atos do passado repercutiam no presente.

Por que os sonhos mais belos acarretavam a tristeza mais profunda? Talvez porque o sonho continuasse vivo mesmo depois de sepultado? Flávia estremeceu e quase desejou esquecer esse pensamento: fazia tanto tempo que não sentia tamanha paixão...

Era estranho que as lágrimas da alegria e da dor fossem compostas com a mesma água. Talvez o baile da vida e da morte compartilhasse também a mesma partitura. Depois que esses pensamentos lhe ocorreram, uma calma perfeita tranquilizou seu espírito. De algum modo, soube que tudo estava bem, apesar de não entender a razão de tanto sofrimento. Da mesma forma, concluiu que devia revelar sem demora o segredo a Lorena.

Quando a porta da cela se abriu, Mauricio avistou o gordo carcereiro trazendo uma bandeja de pão e uma jarra.

– Você está há dois dias em jejum – disse o carcereiro. – É melhor que coma.

Mauricio continuou sentado no chão, em silêncio. Não queria falar com quem lhe inspirava tão pouca confiança.

– Se receia que a comida esteja envenenada, esqueça. Eu mesmo comprei o pão e enchi a jarra de água. Como não tem motivo para confiar em mim, dividirei a comida com você, para lhe provar que não minto.

Após dizer essas palavras, o carcereiro sentou-se ao lado de Mauricio, partiu o pão em dois pedaços, ofereceu-lhe metade e começou a comer a outra.

– Por que está fazendo isso? – perguntou Mauricio.

– Uma amiga da família, a quem não podemos negar nada, nos pediu. Uma vez que minha única função é preservar sua segurança enquanto aguarda o julgamento, não infrinjo nenhuma norma procedendo assim. Talvez me repreendam se descobrirem que também trouxe outra coisa – disse o homem, tirando de sua sacola uma coxa de frango. – Mas – acrescentou piscando um olho – isso não acontecerá se ninguém souber que partilhamos tão saborosa iguaria.

Mauricio já não achou o olhar do carcereiro sombrio, mas, sim, amável; seu corpanzil lhe pareceu amistoso, e não ameaçador. Saciou a sede e saboreou o delicioso gosto do pão e do frango.

Quando o guardião saiu da cela, as esperanças de Mauricio haviam aumentado. Enquanto permanecia preso, Lorena e os amigos faziam de tudo

para ajudá-lo, a ponto de seus tentáculos se terem introduzido no próprio cárcere. Porém o carcereiro era um simples peão na partida. A liberdade de Mauricio dependia dos membros do governo. Que provas teriam sido apresentadas contra ele? Lorena e os amigos estariam em condições de influir no veredicto? Ele não sabia.

Mauricio empunhou a pena e à sua mão acudiram uns versos do segundo canto do Purgatório, no qual Dante se encontra com almas amigas:

Notei que uma delas se acercava
Para abraçar-me, com tão grande afeto,
Que me moveu impulso semelhante.

Ah, sombras vãs, exceto na aparência!
Por três vezes nos braços a estreitei
E não pude sentir-lhe a substância.

Um grande espanto me tomou, eu creio;
Sorriu-se à sombra e logo recuou,
E eu me pus depressa em seu encalço.

Mauricio, como o poeta, estava disposto a perseguir até a sombra de um fantasma para pôr termo a seu purgatório particular. Porém, naquela prisão, não havia outra sombra além da sua.

Luca gostava de admirar-se ao espelho vestido com a *giornea* escarlate de gola de arminho e o barrete vermelho que indicava sua condição de prior. Também lhe agradava dar ordens aos criados do palácio que, em suas elegantes librés verdes, tudo faziam para cumprir os desejos do patrão com a máxima eficiência. O aroma do poder era embriagador. Somente nove priores decidiam os assuntos mais importantes da cidade, ditando normas e sentenças que afetavam famílias e propriedades. Por isso, deviam ficar livres de pressões e influências externas, isolados durante dois meses no magnífico palácio do Governo. Essa prática dificultava em grande medida a corrupção e o suborno, mas não conseguia evitar certos conchavos. Assim, por exemplo, o resultado do julgamento de Mauricio estava decidido de antemão.

Seis favas pretas, dois terços dos votos, bastavam para condená-lo. No momento da votação, cada prior introduzia em segredo uma fava na bolsa de veludo. Se fosse preta, contava-se como sim; se fosse branca, como não. Pois bem, Luca e outros cinco priores se haviam comprometido a votar conjuntamente numa série de assuntos; entre os quais, a condenação de Mauricio. Sem dúvida, as votações eram secretas; porém, se não apareciam pelo menos seis favas da mesma cor num dos sufrágios previamente combinados, os maquinadores sabiam que havia um traidor entre eles. Até o momento não havia ocorrido nenhuma surpresa e Luca não tinha motivos para temer que um pacto tão vantajoso para todas as partes se rompesse, especialmente num caso como o de Mauricio Coloma.

A única prova contra ele era fraca: uma carta falsificada na qual supostamente se dirigia a Piero de Médici, o filho exilado do Magnífico,

relatando a situação em Florença e conclamando-o a obter recursos para se apresentar às portas da cidade quando o fruto estivesse maduro. Porém a prova irrefutável diante de qualquer tribunal era a confissão. E Mauricio confessaria o delito que não cometera.

Talvez, sem necessidade de violência, apenas deixando-lhe uma pena e um pergaminho na solidão de sua cela, com a promessa de poupá-lo em troca de um falso testemunho contra cinco amigos sabidamente hostis a Savonarola. Esse escrito, é claro, longe de salvar sua vida, seria sua sentença de morte. Luca, no entanto, preferia que a vontade de Mauricio não se dobrasse tão rapidamente.

Desejava que padecesse uma longa e dolorosa agonia antes de ceder. E, sendo a tortura o procedimento habitual para arrancar confissões dos réus, quanto mais Mauricio resistisse, maior seria seu sofrimento. Pois, se não havia dúvida alguma, era quanto ao resultado final: ninguém conseguia resistir aos tormentos infligidos sem misericórdia.

Luca sentia o poder circulando em suas veias. Estava acima das regras que os fracos acatam por necessidade e, conseqüentemente, lhe era permitido realizar os desejos mais inconfessáveis. Lorena experimentaria isso na própria pele ainda naquela manhã. A proposta de Luca seria tão descarada quanto falsa: prometeria a libertação do marido caso Lorena se lhe oferecesse nua para que ele pudesse fazer com ela o que bem entendesse. Lorena não esqueceria nunca as horas passadas com ele. No fim, Mauricio seria executado e sua viúva ficaria pelo resto da vida lembrando as humilhações a que Luca planejava submetê-la.

Lorena não conseguia entender por que lhe haviam concedido a permissão de visita antes tão intransigentemente negada. Mas o certo era que só uma porta a separava do marido, a qual, dentro de poucos instantes, se abriria. O júbilo que a dominava por poder abraçar Mauricio vinha acompanhado de muito medo e incerteza. Em que condição o encontraria? Voltaria a viver com o marido ou, bem ao contrário, ele pereceria no cadafalso como um criminoso qualquer? Lucciano, o carcereiro, girou a chave na fechadura e Lorena entrou na cela com o coração aos saltos.

Mauricio estava sentado no chão. Ao vê-la, seu rosto mostrou o assombro de quem estivesse contemplando uma alucinação. Emocionado, levantou-se imediatamente e correu a abraçá-la. Lorena apertou com força seu corpo contra o do marido, querendo transmitir por meio daquele contato o imenso amor que tinha por ele.

– Como se sente? – perguntou Lorena.

Mauricio estava com a barba crescida e olheiras pronunciadas. Por única vestimenta, trazia uma fina e humilde camisola de lã. Lorena não viu nenhum cobertor ou lençol na pequena cela. Ele devia passar muito frio ali, embora seu aspecto geral não fosse tão ruim como seria de temer.

– Como vê, nada que dois bons pratos de sopa quente, uma navalha e uma roupa não possam consertar. Na verdade, a comida é ótima nesta hospedaria – brincou Mauricio.

– Devemos isso a Sofia, a quem a esposa do carcereiro professa um profundo afeto.

– E a quem devemos agradecer por sua presença? Estou tão feliz por ter vindo... – disse ele, acariciando-lhe o rosto.

– Solicitei o direito de visita na manhã seguinte à sua detenção, mas teimaram em não me atender apesar de todos os meus protestos. Hoje, inesperadamente, concederam a autorização. Por desgraça, só dispomos de alguns minutos. Um camarista do palácio me escoltou até aqui e acionou uma ampulheta. Quando cair o último grão de areia, terei de ir embora. Portanto, não podemos desperdiçar um instante sequer. Escute: esta tarde, serei recebida por Antônio Rinuccini, o mais prestigiado jurista de Florença. Já estive com ele por duas vezes. Talvez se encarregue de sua defesa, mas antes é preciso saber que provas eles têm contra você.

– Nenhuma. Não conspirei contra a República, apenas fiz as críticas que muita gente faz em particular contra o excesso de zelo de Savonarola. Nada, portanto, que se possa considerar alta traição, nem remotamente.

Lorena sentiu o coração ao mesmo tempo esperançoso e oprimido. As palavras de Mauricio confirmavam a inexistência de provas incriminadoras com base real. No entanto, indicavam também que uma pessoa muito poderosa havia tecido um plano sinistro para acabar com seu esposo.

– Vamos tirá-lo daqui – disse ela em tom firme. – Com a ajuda de Bruno e de minha família, mobilizamos a poderosa agremiação da Arte da Lã, que exige transparência nos julgamentos contra seus membros. Você não está sozinho, Mauricio. Continuamos lutando lá fora.

– Não tenho a mínima dúvida. Entretanto, como o destino é caprichoso e incerto, se a fortuna nos for adversa, há algo que deve saber: escondi o anel sob o piso de mármore axadrezado do saguão de nossa casa, embaixo do ladrilho onde ficaria o rei branco.

Mauricio nunca lhe dissera onde escondera a esmeralda e ela nunca havia perguntado. Aquela revelação parecia um testamento. Lorena sentiu um aperto no estômago.

– Não quero vê-la triste, Lorena. Eu também espero sair livre desta farsa, mas, caso me condenem por delito de alta traição, todos os meus bens serão confiscados. Pelo menos, você poderá vender o anel. Muitos colecionadores pagariam uma fortuna por ele. É curioso, mas parece que estou repetindo as palavras de meu pai na prisão do castelo de Cardona: acusado injustamente de um crime, ele também tirou a esmeralda do esquecimento confiando-a à pessoa que mais amava neste mundo. Será que os fados se comprazem em

recriar aquela situação, dando-me a provar do mesmo cálice em que bebeu meu pai? Ou será que o anel é o fio condutor de uma vingança contra a família que o usurpou de seus legítimos donos?

– Já basta, Mauricio. Não quero ouvir superstições relacionadas à esmeralda. Você será inocentado nesse julgamento. Resista: não se declare culpado. Com a ajuda de todos, sairá daqui. Eu prometo.

Lorena percebeu que o carcereiro introduzia a chave na fechadura e a girava. Seu tempo na cela havia se esgotado. Abraçou o marido com lágrimas nos olhos, acariciou seus cabelos e se despediu com um beijo que desejou não ter fim.

Lorena desceu as escadas da torre e seguiu o camarista pelo corredor que cruzava o segundo andar do palácio dos priores sem prestar atenção nem nos tetos artisticamente decorados nem nas estátuas e nos afrescos que balizavam o percurso. De ambos os lados, multiplicavam-se as portas, todas fechadas. Lorena pensou que talvez, em uma daquelas salas, os priores estivessem reunidos para deliberar sobre a sorte de Mauricio. Infelizmente, não podia ter contato com nenhum deles para defender a inocência de seu marido. Ou podia? O esquálido camarista de libré verde abriu uma das portas e convidou-a a entrar com um gesto de mão. Depois que ela entrou, o funcionário pediu-lhe com outro gesto silencioso que esperasse e fechou a porta por fora.

A sala não tinha janelas e era iluminada unicamente pelo bruxuleio de uma pequena vela posta sobre uma bonita mesa de noqueira coberta por uma placa de mármore rajado de verde. Dois anjos negros de bronze sustinham a mesa. Em volta desta, dispunham-se quatro cadeiras dobráveis feitas com ripas de madeira que, por sua qualidade inferior, combinariam melhor com móveis menos luxuosos. Em uma das paredes, destacava-se a frente de uma grande lareira talhada em baixo-relevo, porém não havia sinais de cinzas nem de lenha, fato muito estranho, considerando-se o frio que fazia naquela época do ano. Velhos baldes de ferro gasto se empilhavam desordenadamente a um canto. Lorena concluiu que ninguém usava habitualmente aquele cômodo. No entanto tinham-na conduzido até ali com alguma finalidade. Qual?

A porta se abriu e por ela entrou Luca Albizzi, vestido com a *giornea* escarlate dos priores.

– Olá, Lorena – cumprimentou ele, fechando rapidamente a porta atrás de si. – Sente-se – convidou em seguida.

– Obrigada, prefiro ficar em pé – replicou Lorena, receosa.

O encontro com Luca era potencialmente perigoso, motivo pelo qual ela achava melhor não limitar sua capacidade de movimentos sentando-se numa cadeira. Resolveu que a melhor maneira de não se deixar intimidar era manter uma postura agressiva.

– Pensei que os priores não pudessem ter contato com parentes dos acusados – prosseguiu Lorena, aparentando segurança.

– Há pessoas, como você, que devem acatar as normas, e outras, como eu, que não estão sujeitas a elas. Eu mesmo crio as regras do jogo. Não se esqueça disso. Se você conseguiu visitar seu marido e comprovar que ele passa bem, foi porque eu autorizei. Do contrário, sua entrada na prisão continuaria proibida. Do mesmo modo, Mauricio será absolvido de seu crime se essa for a minha vontade.

– Meu marido é inocente! – protestou Lorena.

– Não me convencerá com palavras, mas, sim, com atos – disse Luca, secamente.

– Que posso fazer para persuadi-lo? – perguntou ela, sem adivinhar as intenções do cunhado.

– Fique nua – exigiu Luca, como se estivesse dando uma ordem.

– O quê?! – exclamou Lorena, sem acreditar no que ouvira.

– Você entendeu muito bem. Fique nua! Isto é, tire a roupa – insistiu Luca, pronunciando lentamente as palavras. Parecia que ele se deleitava com aquele jogo perverso.

– Você está louco! – retrucou Lorena, em tom de desprezo.

– Não, não estou. Se você quer salvar seu marido da morte, obedeça de uma vez. Você vai gostar. Vai ver...

– E sua esposa? Pensou nela? – perguntou Lorena, procurando abrir uma brecha no comportamento sinistro de Luca.

– Isto nada tem a ver com amor. Digamos que seja, simplesmente, um castigo merecido.

O corpo de Lorena tremia de medo e indignação. O que Luca queria, realmente? Seu sexo? Humilhá-la? Estava disposta a qualquer sacrifício para tirar o marido da prisão. No entanto entregar-se a Luca não era garantia

nenhuma. No sangue daquele homem fervia a vingança, e nada o impediria de votar contra Mauricio depois de ter abusado dela.

– Se der um passo em minha direção, gritarei com todas as minhas forças. Como justificará então o fato de estar comigo num quarto abandonado? Por mais que você se gabe, um prior tem de acatar certas normas para não prejudicar sua reputação. Algo, sem dúvida, muito perigoso nos tempos que correm...

Luca crispou o rosto, contendo a raiva, mas não se moveu.

– Ordenarei a um mordomo que a acompanhe até a saída. Daqui a dois dias, você receberá uma nova autorização para visitar Mauricio. Se, então, persistir nessa atitude tão orgulhosa quanto estúpida, seu marido será condenado.

Mauricio sentiu que seus pés perdiam contato com o chão. Estava amarrado com as mãos às costas. A corda em torno de seus pulsos passava por um anel sulcado preso ao teto que fazia as vezes de roldana. Um homem robusto girou as pás de um artefato de madeira em que estava enrolada a corda. Mauricio começou a subir lentamente, de um modo bastante doloroso. Seus ombros se curvaram para a frente, enquanto a cabeça pendia na direção dos pés. Todo o peso de seu corpo recaía sobre as espáduas, motivo pelo qual ele contraiu os músculos dos braços e das costas na tentativa de aliviar a pressão.

Momentos antes, Lorena lhe infundira esperanças com sua visita inesperada. Porém, em seguida, dois guardas armados o conduziram à sala de tortura, o autêntico inferno na Terra: seres humanos infligindo o máximo de dor possível a outros seres humanos indefesos. Não queria morrer nem sofrer, mas, se cedesse à tortura, sua execução estaria garantida. A confissão, mesmo obtida mediante violência, constituía prova inapelável de culpa. Portanto, se quisesse conservar a vida, devia enfrentar um sofrimento como jamais conhecera.

A roda girou de novo e Mauricio se distanciou ainda mais do chão. Começou a suar, expelindo pelos poros o medo que sentia. A dor nos pulsos e nos ombros aumentou. Pelo meio das pernas, com a cabeça abaixada, podia ver o carrasco movendo as pás que esticavam as cordas com expressão vazia, totalmente insensível ao seu sofrimento. Mauricio soube com certeza que, para aquele homem tosco, tanto fazia colher azeitonas como torturar uma pessoa. Aquilo para ele não passava de um trabalho mecânico, que ele tinha o dever de

executar. Já o tabelião bem-vestido que tomava notas comodamente apoiado numa mesa tinha um interesse pessoal: dar fé da confissão de culpa do prisioneiro.

Ao chegar à altura da roldana, Mauricio sentiu uma picada que lhe percorreu a espinha. Gotas de saliva se projetaram involuntariamente de sua boca e caíram no piso, num longo trajeto que lhe pareceu interminável, embora não tivesse mais de quinze metros – suficientes, no entanto, para que se quebrassem todos os seus ossos caso o deixassem cair. A corda foi afrouxada e Mauricio se precipitou no vazio. Seu estômago encostou-se à sua cabeça; e quando o corpo batesse nos ladrilhos frios do chão, tudo estaria acabado.

A queda se interrompeu abruptamente a alguns centímetros do pavimento. A primeira sensação foi de alívio, mas logo lhe sobreveio uma dor atroz nos ombros e nos pulsos. Sem tempo de assimilar o que ocorria, viu-se novamente içado até a roldana presa ao teto. Imobilizado e indefeso, Mauricio tinha de suportar um sofrimento superior às suas forças.

– Deseja confessar alguma coisa? – perguntou o tabelião com voz aveludada.

Mauricio não conseguia falar, por isso apenas acenou negativamente com a cabeça. O tabelião fez um ligeiro sinal e ele voltou a sentir a vertigem da queda, seguida de uma parada brusca quando estava a ponto de se estatelar no chão. Gritou até sua voz se diluir num murmúrio inaudível. Jamais imaginara que fosse possível sentir tanta dor. Milhares de terminações nervosas nos ombros e nos pulsos apunhalavam-no sem clemência. Tudo ficou negro à sua volta e ele perdeu os sentidos.

Um jato de água fria que lhe atiraram ao rosto devolveu-lhe a consciência. Tinham atado pedaços de chumbo a seus pés e voltavam a içá-lo.

– Pensou melhor? – perguntou o notário, com voz melíflua. – Não é que tenhamos pressa, mas talvez você pudesse se poupar sofrimentos desnecessários. Umhas poucas palavras bastariam.

Mauricio estava disposto a confessar qualquer coisa, desde que a tortura cessasse. Porém seu amor por Lorena e pelos filhos foi maior. Não iria se declarar culpado de um crime de alta traição e permitir dessa forma que aqueles vilões confiscassem todas as suas propriedades, ficando para seus entes queridos, como herança, apenas um punhado de dívidas e um anel de venda difícil. Mauricio engoliu a dor, embora estivesse consciente de que não sairia vivo da prisão.

A queda se repetiu pela terceira vez. Então Mauricio notou que seus ombros e pulsos se rompiam. Sua cabeça estalou num relâmpago ofuscante e o vazio lhe concedeu o ambicionado descanso. Despertou dentro de um sonho. Sobrevoava a mesma sala de tortura, contemplando seu próprio corpo amarrado: um carcereiro se apressava a jogar-lhe um balde de água no rosto enquanto o tabelião, que se levantara da cadeira, andava de um lado para o outro, nervoso. O Mauricio que flutuava não sentia dor alguma. Tampouco estava comovido com o que via. Pouco antes, era aquele indivíduo amarrado, mas isso já havia passado, pois ele estava morto. Problemas e anseios eram agora algo muito distante. Uma intensa sensação de leveza animou-o a tal ponto que sua nova forma translúcida atravessou a torre acastelada do palácio dos priores em busca da luz dos Céus. À medida que se elevava, sentia-se mais leve, menos apegado à Terra. Nas alturas, além das nuvens, aguardava-o um novo destino. Já não sentia vontade alguma de voltar a ocupar o corpo despedaçado que tentavam reanimar com água.

E Lorena e seus filhos? Que seria deles? Como viveriam sem Mauricio? Uma viúva arruinada e quatro crianças pequenas sem pai nem meios econômicos para forjar um futuro. Lorena sofreria muito. Um sentimento mais forte que o desejo de paz o invadiu: o amor. Devia voltar para a família, ainda que isso implicasse padecer os sofrimentos descritos por Dante nos sete círculos do Averno.

Despertou do sonho estendido de costas no chão, livre das cordas. Um homem, de joelhos, inclinava-se sobre ele pressionando seu peito com ambas as mãos, comprimindo de leve sua caixa torácica. Em seguida, inclinou-se mais e colou sua boca na dele. Mauricio sentiu uma golfada de ar inundar-lhe os pulmões. O homem continuou alternando sopros e compressões até Mauricio abrir os olhos e respirar sozinho.

– Se você continuar submetendo-o ao *strappado*, o prisioneiro fatalmente morrerá – disse o homem que o havia assistido.

– O senhor é o médico – interveio o tabelião. – Parece-me que todos nós precisamos de descanso por hoje. Continuaremos o interrogatório tão logo ele se recupere um pouco.

Mauricio era só dor. Seus tornozelos queimavam, seus ombros pareciam conter em seu interior tochas incandescentes e seus pulsos latejavam tanto que ele teria preferido ficar sem braços. Nenhuma posição o aliviava e ele não conseguia raciocinar. O sofrimento inundava sua consciência. Quantas horas haviam se passado? Era impossível sabê-lo. O tempo, naquelas condições, já não fazia mais sentido.

Já havia anoitecido quando sonhos alucinantes se apoderaram dele. Ele viu então uma rosa solitária brotando no deserto.

– Ah, sombras vãs, falsas aparências! – disse-lhe a rosa numa voz sem palavras que ecoou diretamente em seu cérebro.

Dois corvos surgiram do nada e arrancaram-lhe os olhos. Mauricio inclinou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. Quando as retirou de cima das órbitas vazias, uma luz dourada banhou a cela. O chão, os barrotes e as paredes emitiam reflexos mais brilhantes que o ouro mais refulgente. Todas as coisas vibravam e viviam ao mesmo tempo em Deus.

– Para conhecer terras distantes não é preciso sair do lugar – explicou a rosa.
– Basta você modificar sua forma de ver.

Como se uma venda lhe caísse dos olhos e enxergasse pela primeira vez, Mauricio compreendeu tudo subitamente, sem necessidade de palavras ou raciocínios.

– “Luz, luz, más luz” – sussurrou Mauricio. – A luz de Deus está em toda parte, mas não a vemos. Desde pequenos, nos escondemos dela em nossas casas de janelas fechadas. Mais tarde, acostumamo-nos às trevas e o diabo nos convida a passar a vida na companhia das sombras.

Mauricio se lembrou das muitas vezes em que padecera a angústia de um pesadelo no qual assassinava brutalmente uma mulher sem rosto. Em outras ocasiões, despertava sobressaltado pela imagem de uma bela jovem que morria banhada em sangue. Finalmente, descobrira que aquela mulher morta era sua mãe – e ele, o assassino. Por que esse sonho macabro o perseguia constantemente?

– Porque era uma sombra, a sombra que você deve seguir como o fio de Ariadne se quiser sair do labirinto e escapar da morte.

Mauricio mergulhou sem medo em seu oceano interior antes de expor suas reflexões de viva voz.

– Assumi que matei minha mãe porque achei preferível me considerar uma pessoa ruim em vez de impotente, incapaz de evitar sua morte? Essa fantasia onírica atendia a uma ânsia desesperada de manter o controle de algo que me escapava? Ou, simplesmente, julguei injusto que ela morresse para eu viver?

– A culpa, Mauricio, é a grande armadilha que nos separa de Deus. Reconhecer os próprios erros e tentar melhorar é uma coisa que as crianças fazem naturalmente quando aprendem a andar; bem outra é sentir-se culpado, pois implica odiar-se a si mesmo. Sobretudo em se tratando de algo pelo qual não somos responsáveis.

– “*Luz, luz, más luz*” – murmurou Mauricio.

– Sim, é o que está escrito no anel. Contudo só pode ver a luz quem despreza o medo da mudança, da morte e de Deus. A maior parte da humanidade vive na escuridão e até prefere continuar nela, já que com o surgimento da luz notaria sua sombra e descobriria quem realmente é.

– Não somos, então, quem pensamos ser? – perguntou Mauricio.

– Preferimos nos disfarçar com uma personalidade falsa para que nosso verdadeiro eu, que anseia por amar, conhecer e criar, permaneça oculto. Acostumamo-nos a conviver com nossas angústias e dores, temendo vagamente que, se a luz atravessar nossas cortinas, revele monstros terríveis. Todavia esses monstros não são mais que juízos e decisões erradas, próprios de crianças imaturas e inseguras. Por trás desse medo difuso esconde-se o terror da morte. Que resta de uma pessoa quando a luz desmascara, como ficção, a personagem com quem ela se identificou a vida inteira?

– O pavor de ser desmascarado – confessou Mauricio – sempre me acompanha, mesmo em sonhos.

– Porque seu corpo é como um depósito das lágrimas derramadas por seus ancestrais, lágrimas de alegria ou dor, assim como de seus desejos, suas frustrações e seus temores. Acontece que, com sua alma individual, convive uma autêntica constelação familiar. O sangue judeu que traz nas veias enfrentou perseguições sem fim desde o início dos tempos e, para sobreviver, teve de camuflar muitas vezes sua fé e sua identidade. Imagine o terror de quem nunca pode mostrar seu verdadeiro rosto a patrões, vizinhos, clientes e até parentes. Essa angústia acaba se convertendo em uma segunda pele que impregna todos os atos e as palavras de quem precisa se proteger perpetuamente. Não é de estranhar, pois, que você tenha herdado o pavor de ser descoberto. Porém procure imitar a coragem da semente que abandona seu invólucro protetor, atravessa a terra e renasce como flor. Tudo que nasce morre. Tudo que morre nasce. Você sou eu. Eu sou você. Só a ilusão do tempo nos separa. Sei que curará não apenas sua história pessoal, mas também a da árvore familiar de onde procedemos, pois, enquanto ela estiver enferma, você não poderá renascer em mim.

– Meus pais e meus avós estão mortos! A tarefa que você me impõe é impossível.

– De modo algum. Há algo que você pode fazer, sim. Devolva o anel que trouxe de Barcelona e sua história familiar estará curada.

Mauricio percebeu que tudo à sua volta escurecia antes de despertar em sua cela. A dor lancinante do corpo lembrou-lhe que acabara de sair do mundo dos sonhos. Mesmo assim, uma doce sensação em seu peito trouxe-lhe a certeza de que ainda havia esperança. “Se eu conseguir me safar desta”, disse a si mesmo, “prometo devolver o anel.”

Lorena respirou aliviada quando Antônio Rinuccini lhe comunicou que se encarregaria da defesa de seu marido. Não por acaso, era o advogado de maior prestígio em Florença e só aceitava causas que ele tinha certeza de ganhar. Sua competência, aliada a fontes de informação inestimáveis, havia-lhe granjeado fama de invencível, a ponto de a maioria de seus adversários preferir negociar com perdas a amargar uma derrota segura nas garras da águia dos defensores. Em troca de seus bons ofícios, exigia apenas uma pequena fortuna dos clientes.

– Se aceitei pôr em jogo meu prestígio defendendo seu marido contra a todo-poderosa Signoria, foi porque temos boas possibilidades de ganhar. Descobri que a única prova contra Mauricio é uma carta presumivelmente dirigida a Piero de Médici. Esse documento é uma falsificação, o que demonstraremos com o parecer dos melhores peritos calígrafos de Florença, por nós contratados.

– Todavia – objetou Lorena, fazendo-se de advogado do diabo –, receio que quase todos os membros da Signoria já estejam predispostos contra meu marido.

– É bem possível – concordou Antônio. – Porém a reforma constitucional patrocinada por Savonarola permite recorrer ao Grande Conselho das sentenças proferidas pela Signoria em questões políticas, para evitar assim possíveis *vendettas* pessoais dos priores. E se as provas forem duvidosas, o Grande Conselho, no qual prevalecem as centenas de membros das agremiações desta cidade, encarará com simpatia a causa de Mauricio. Pois eles próprios temem, de outro modo, uma bela manhã, ser acusados sem motivo.

Lorena desconhecia esse mecanismo jurídico, que ainda não tinha sido utilizado, mas sentiu-se grata pela primeira vez a Savonarola. Louvou-o por introduzir tão sábia iniciativa na nova constituição florentina. Porém, ainda assim, um medo fundado continuava corroendo-lhe a alma.

– Quem é capaz de resistir à tortura? – perguntou. – Se a violência quebrantar o ânimo de Mauricio, sua confissão se transformará em prova irrefutável, até perante o Grande Conselho. E acho que qualquer um preferiria o esquecimento eterno ao suplício sem fim.

– Provavelmente. Mas quem sabe seu marido seja feito de uma matéria mais sólida que a nossa, já que resistiu ao *strappado*?

Lorena ficou lívida. O próprio peso de Mauricio teria rompido suas articulações enquanto permanecia amarrado! A cena era horrenda demais para ser sequer imaginada. Em que estado se encontraria agora seu marido? Lorena ter-lhe-ia poupado esses tormentos, caso cedesse às pretensões de Luca? Sentiu-se culpada. Talvez devesse ter cedido, mesmo com o risco de Luca, após abusar ignobilmente dela, humilhando-a e ultrajando-a, faltar à palavra e permitir que Mauricio fosse torturado.

– No entanto, tenho uma boa notícia – prosseguiu Antônio. – Vou conseguir que seu marido não seja mais submetido ao *strappado*.

– Como? – perguntou Lorena, tão esperançosa quanto assombrada.

– Você ficaria surpresa ao saber o que se pode conseguir com um bom plano e um blefe jogado com convicção. Esta tarde mesmo, tenho uma audiência com a Signoria.

Lorena entrou na casa de sua mãe tomada por uma grande agitação após a visita ao advogado Antônio Rinuccini. Salvar a vida de Mauricio não era uma quimera, porém o frágil fio de que a vida dele pendia podia ser cortado a qualquer momento. Sua mãe parecia ainda mais nervosa. Suas mãos tremiam, e certificara-se já duas vezes de que nenhum criado estivesse rondando o quarto antes de começar a falar.

– Pensei bastante – começou Flávia em voz baixa – e cheguei a esta conclusão: você tem o direito de saber que seu pai talvez não esteja morto.

– O quê!? – exclamou Lorena, incrédula, receando que a mãe houvesse perdido o juízo.

– Seu verdadeiro pai não é o que jaz no cemitério de Florença.

O impacto daquela frase deixou Lorena sem palavras.

– Há muito, muito tempo – prosseguiu Flávia num tom de voz agora calmo que lembrou a Lorena os dias longínquos em que ela lhe contava histórias –, Cosimo de Médicis fundou a Academia Platônica. Corria o ano de 1462. Para celebrar esse acontecimento único, organizou noitadas inesquecíveis em sua vila de Careggi, em que sábios, músicos, poetas e até nobres vindos da França participavam das ceias e dos jogos. Francesco e eu tivemos a sorte de ser convidados, por estar mais que provada nossa fidelidade à casa dos Médicis. Como vê, o velho Cosimo sabia aliciar o afeto dos comerciantes oferecendo-lhes festas mais próprias de reis ilustres que de burgueses acomodados. No entanto um problema de última hora com seus sócios reteve Francesco em Florença e eu compareci em nome de ambos para evitar que nossa ausência fosse tomada por uma desfeita.

Sua mãe se calou, embora Lorena já não precisasse ouvir mais para imaginar o que havia acontecido.

– Ali, na Villa Careggi, eu me vi em outro mundo, na presença de um homem com quem jamais teria me atrevido a sonhar: Michel Blanch. A primeira vez que meus olhos pousaram em suas pupilas azuis, tive a impressão de conhecê-lo desde sempre. “Nossas almas guardam lembranças que nossa memória esqueceu”, disse-me, como se lesse meus pensamentos. Michel Blanch era apenas um trovador da corte de um conde francês, mas sua graça e beleza superavam as de todos os nobres reunidos na vila de Cosimo. Quando sua voz entoava uma canção e seus dedos extraíam sons maravilhosos do alaúde de madeira, até o silêncio bailava ao compasso da música. Bastava um gesto, um sorriso seu para que qualquer situação se revestisse de um manto de magia. Não posso explicar, mas quando Michel estava presente, abriam-se portas para outros mundos. Qual era seu segredo? Nunca pude sabê-lo e tampouco consegui evitar me apaixonar perdidamente por ele.

Lorena mirava sua mãe fixamente, absolutamente desconcertada e incapaz de imaginá-la com outro homem que não fosse Francesco.

– Você, minha filha, pode me entender melhor que ninguém.

Lorena se lembrou do primeiro beijo que Mauricio lhe dera na lagoa. A atração que seus corpos haviam sentido fora semelhante ao estalar de uma tormenta, cuja fúria pode ser contemplada, mas não detida.

– Michel Blanch parecia ter vindo diretamente de uma estrela distante. E assim como a mariposa é atraída pela luz, eu me vi enfeitiçada pelo jovem trovador francês. Francesco era a terra firme, segura; Michel era o céu. Nada do que dizia era tangível, mas eu encontrava mais verdade em suas palavras do que em tudo o que me haviam ensinado desde a infância. E eu queria voar, explorar novos firmamentos. Nunca me arrependi. Sem essa loucura de amor, hoje você não estaria aqui conversando comigo.

– Tem certeza? – perguntou Lorena.

– Há coisas que uma mulher sabe muito bem. Por isso percebi que você repetiria minha história quando a observei escutando embevecida as trovas de Mauricio na vila do Magnífico. Preferi não interferir. “O único pecado mortal é traiçoar o coração”, me disse uma vez Michel Blanch.

O coração de Lorena se harmonizava perfeitamente com as atrevidas afirmações do poeta francês. Contudo, sentia vertigens ao pensar que não era filha de Francesco.

– Essa tendência a saltar no vazio em busca de sonhos, sem ligar para as consequências, era muito própria de seu verdadeiro pai... Lorena, a energia vital que sempre lhe permitiu enfrentar as mais difíceis situações mantendo íntegra a consciência provém de uma árvore chamada Michel Blanch. Por isso, embora ao custo da censura que pudesse lhe merecer minha conduta, achei mais honesto revelar-lhe o nome de seu verdadeiro pai.

Por um lado, Lorena desejava saber mais; por outro, condenava tanto sua curiosidade quanto aquele perturbador adultério como traições ao único pai que conheceu.

– Pouco importa que meu pai carnal seja esse Michel Blanch. Francesco cuidou de mim desde pequena e, apesar das muitas diferenças que nos separavam, ele sempre procurou fazer o melhor ao seu alcance. Com seus defeitos e suas virtudes, foi ele quem me acompanhou de perto desde a infância. O outro é, no máximo, uma aventura passageira, um pecado da juventude que convém esquecer.

– Entendo que fique sentida com essa história – disse Flávia, conservando a compostura, embora seu rosto revelasse sinais de tristeza. – Por acaso duvida que eu tenha amado Francesco? Acha que há vários tipos de amor? Que teria acontecido se você fosse obrigada a se casar com Galeotto Pazzi e depois conhecesse Mauricio? Para mim teria sido mais simples calar-me, mas desse modo lhe ofereço a oportunidade de se conhecer melhor. Michel Blanch me deu de presente um belo exemplar da *Divina Comédia* antes de partir. Entre os milhares de versos desse poema, ele sublinhou apenas esta passagem: “*Não vedes que somente somos larvas/Feitas para formar a mariposa/Angélica que a Deus mira frente a frente?*”. Francesco foi um pai para você, mas suas raízes mergulham no ouro das estrelas fugazes. Seu destino é voar para elas: bata as asas, minha filha!

Embora Lorena continuasse comovida, uma voz interior lhe sussurrava que a mãe tinha razão. O fato de Michel Blanch ser seu pai biológico estabelecia uma diferença. Talvez por isso ela sempre tenha se sentido pouco amada por Francesco, ao contrário da irmã. Estaria aí o germe do abismo profundo que a vida inteira os separara? De certo modo, Lorena sempre se achava diferente. Quem era, de fato? Michel Blanch teria as chaves para desvendar os segredos de sua alma?

Luca saiu furioso da sala da Audiência, onde se reunira com os outros priores. Por mais ridículo que pudesse parecer, Antônio Rinuccini, o famoso advogado, havia conseguido convencer seus colegas de que Mauricio não devia sofrer novas torturas. Longe de se deixar intimidar pela magnificência da sala, Antônio Rinuccini se comportara com tamanha desenvoltura que mais parecia o presidente da Signoria em vez de um mero advogado.

Com uma bem estudada mescla de tato e firmeza, lembrara aos priores que, nos termos da nova carta constitucional, se condenassem alguém sem conceder-lhe o direito de apelação ao Grande Conselho, eles incorreriam na mesma pena que houvessem aplicado ao réu. Até aí, nenhuma novidade. Luca jamais pensara em negar esse recurso, simplesmente esperava que Mauricio confessasse durante a tortura para obter uma prova tão cabal de culpabilidade que o Grande Conselho não teria alternativa a não ser ratificar a sentença.

No entanto, com a maior habilidade, aquele rábula descarado havia torcido a interpretação da carta constitucional, garantindo que, se Mauricio morresse vítima de tortura, o Grande Conselho, a título póstumo, o declararia inocente – e os priores deveriam ter o mesmo destino, isto é, a morte.

Um murmúrio de indignação percorrera a sala. Por muito menos, os priores já haviam enviado ao cadafalso inúmeros cidadãos insolentes como aquele. Porém a aura lendária que envolvia Antônio Rinuccini intimidara os ânimos e eles se limitaram a encerrar a audiência sem pôr o chicaneiro loquaz em seu devido lugar.

A portas fechadas, vários priores expressaram seus medos e suas dúvidas. O médico que examinara Mauricio assegurava que seu coração não suportaria outra sessão de tortura. Para que eles se arriscariam então a que Antônio Rinuccini os acusasse de assassinar um inocente? Em breve, ocorreria a renovação dos quadros da Signoria e outros membros ocupariam seus lugares. Florença era uma cidade de afetos inconstantes. E se a deusa da fortuna quisesse que os novos priores fossem tão amigos de Mauricio quanto inimigos seus? O mais prudente era evitar riscos desnecessários, especialmente levando-se em consideração a habilidade de Antônio Rinuccini.

Luca cerrou os punhos com força enquanto perambulava irritado pelos corredores do palácio. Não permitiria que Lorena e Mauricio levassem a melhor.

A porta da cela se abriu. O mesmo médico que o tinha examinado durante seu desmaio na sala de tortura entrou.

– Meu nome é Sandro, vim ajudá-lo – apresentou-se o homem. – Como se sente?

– Minhas articulações doem muito. Sinto como se meus braços fossem a qualquer momento se desprender dos ombros e não consigo mover os pulsos. Meus tornozelos me incomodam, mas bem menos.

Sandro palpou, com cuidado, as áreas afetadas.

– Está com os ombros deslocados, mas não se preocupe. Vou pôr no lugar as cabeças do úmero.

Mauricio sentiu-se imediatamente aliviado, embora as dores persistissem. Em seguida, o médico passou uma tipoia por baixo de seu braço direito e por cima do ombro oposto, atando as duas pontas atrás do pescoço e deixando o cotovelo suspenso. Imobilizou então o braço contra o tórax, com uma cinta em torno do peito e das costas. Sem perda de tempo, repetiu a operação com o braço esquerdo. Por fim, amarrou fortemente os pulsos com tiras de pano.

– Seria necessário colocar gelo e neve nos ombros para diminuir a inflamação, mas já foi uma vitória me permitirem entrar aqui com panos, tipoias usadas e um par de cintas velhas. Seus tornozelos estão lesados, mas não rompidos. Já as juntas dos ombros e dos pulsos sofreram luxações. Só o que terá de fazer é não movimentá-las. O resto fica por conta de seu corpo, que com a ajuda de Deus curará as partes afetadas. O homem é estúpido, mas a natureza é sábia. Por isso os ombros e os pulsos lhe enviam sinais de dor, para

exigir assim o repouso absoluto de que necessitam para se recuperarem. As bandagens e a tipoia manterão essas articulações imóveis.

– Obrigado – agradeceu Mauricio. – Suponho que ninguém se preocuparia tanto comigo caso a Signoria tivesse resolvido submeter-me novamente ao *strappado*.

– E você está certo. Eles temem que você morra durante a tortura e que o Grande Conselho os acuse depois de ter matado um inocente.

Apesar das dores, Mauricio sentia o fogo da vida renascer em seu íntimo. Aquela boa notícia significava, no momento, que o carrasco ficaria sem trabalho e, depois, que o Grande Conselho poderia decretar sua absolvição, muito embora a Signoria o condenasse. O milagre era possível!

– Espero recompensá-lo, num futuro próximo, pelo que fez por mim. Sem sua intervenção quando desmaiei, eu já estaria morto.

– Não exatamente – corrigiu o médico, esboçando um meio sorriso. – Declarei que você estava tendo um ataque cardíaco embora tivesse só perdido a consciência por causa da dor. Não gosto de mentir, mas espero que Deus me perdoe porque, sem esse ardil, teriam continuado a torturá-lo.

– E por que se arriscou tanto por mim?

– Como não havia outro médico presente – explicou Sandro, arqueando uma sobrancelha –, o perigo era insignificante. Quanto ao motivo, digamos que fiz um acordo com um determinado advogado encarregado de sua defesa.

– Quem é? – quis saber Mauricio.

– Fique tranquilo, é o melhor. Procure apenas sobreviver nesta cela, sem se mexer muito. Do resto, se ocupará Antônio Rinuccini.

Lorena teve de se sentar quando Bruno, o sócio de seu marido, lhe comunicou a decisão do Grande Conselho.

– Mauricio foi declarado inocente de todas as acusações. Hoje mesmo será posto em liberdade.

Lorena deu um longo suspiro, tão grande quanto a própria vida. Suas pernas tremeram, ela não conseguia controlar os movimentos do corpo, que enfim se livrava da enorme tensão suportada desde a prisão de Mauricio.

– Graças a Deus, graças a Deus... – repetiu como numa litania, com os olhos marejados de lágrimas. Só o que dominava sua alma era a gratidão, que como uma onda gigantesca varrera qualquer outro sentimento ou emoção, até se fundir num oceano de felicidade transbordante.

– Foi uma coisa grandiosa – disse Bruno, exultante de alegria. – Usaram a sala do Grande Conselho pela primeira vez. O chão ainda não estava pavimentado, a porta de entrada era um buraco em metade da parede e não havia assentos suficientes. Porém ali estavam reunidas centenas de pessoas para repudiar a sentença condenatória da Signoria.

Lorena ouvira falar daquela sala, um projeto pessoal de Savonarola. Desenhada por Simon del Pollaiuolo, um amigo do frade, fora construída junto à ala norte do palácio da Signoria, roubando espaço dos armazéns aduaneiros.

– O clamor da associação da arte da lã foi decisivo para que a nova Signoria autorizasse em caráter extraordinário a reunião do Grande Conselho. Rodolfo Patrignami, em nome dos priores que acabavam de ser substituídos, leu os autos da condenação de Mauricio apresentando as razões pelas quais, a seu ver, uma medida exemplar desestimularia futuras traições à República. Ato

contínuo, Antônio Rinuccini o ridicularizou convocando ao tribunal os melhores calígrafos de Florença, que em parecer unânime atestaram a falsidade da carta pretensamente escrita por Mauricio a Piero de Médici. Na falta de documentos e de testemunhas de acusação, e como o réu não confessou apesar da tortura, nós, os presentes, o absolvemos por aclamação. Você precisava ver a cara dos antigos priores, humilhados e rubros de vergonha! Acontece que o povo, em geral submisso, gosta de dar o troco aos poderosos, quando tem a oportunidade.

– Estou orgulhosa de você e de toda a gente honesta que, movida por seu entusiasmo, seguiu as diretrizes da associação e votou a favor de meu marido. Nem sei como expressar minha gratidão...

– Não é preciso. Na realidade, ficou bem claro que a acusação era uma fraude grosseira. E é isso o que mais me intriga: quem pode odiar Mauricio a ponto de urdir um plano tão sinistro e persuadir a Signoria a votar a seu favor? Seja quem for, essa pessoa é muito perigosa. Você conseguiu alguma informação a respeito?

– Nenhuma – mentiu Lorena.

Na verdade, ela sabia perfeitamente que quem havia planejado o assassinato legal de seu marido fora Luca Albizzi. Contudo o advogado Antônio Rinuccini aconselhara-a a não revelar a ninguém os segredos que Luca ocultava por trás de sua aparência de homem piedoso, até mesmo a indecorosa chantagem de que ela fora vítima. Na opinião dele, caso aquelas infâmias se transformassem em *vox populi*, Luca poderia acusá-la de calúnia. Como Lorena não dispunha de provas e a correlação de forças na cidade era notoriamente favorável a Luca, o sagaz jurista advertira-a de que não assumiria a defesa de uma causa perdida de antemão. Por conseguinte, a prudência mais elementar recomendava que guardasse silêncio – pois, em Florença, bastava que uma única pessoa, ainda que fosse a mais digna de confiança, jurasse não revelar um segredo para que esse imediatamente se espalhasse pela cidade.

O temor de Lorena chegara a tal extremo que, depois de refletir maduramente sobre a questão, optara por não revelar nada nem à própria família. Para que o faria? Por que intensificar desnecessariamente os sofrimentos de seus entes queridos? Maria jamais acreditaria nela, e o abismo entre ambas se tornaria ainda mais profundo. Quanto à mãe, por acaso ganharia alguma coisa servindo-lhe uma taça de amargura? Nem mesmo a Mauricio contaria o que lhe acontecera, pois essa era uma maneira de velar por

sua segurança. A causa fora ganha, mas apenas graças à boa estratégia de Antônio Rinuccini, que com grande habilidade conseguira o impossível. Se não fosse ele, Mauricio teria sido torturado até confessar ou ficaria reduzido a um farrapo irreconhecível. Em Florença, os poderosos não estavam acostumados a perder. Se Mauricio soubesse do comportamento indecente de Luca, o desejo febril de vingança tomaria conta de seu coração. Ora, Luca contava com mais apoio, e a ambicionada *vendetta* podia facilmente se voltar contra Mauricio. O mais sensato, portanto, era calar-se.

Depois de pôr os filhos na cama, Mauricio se sentou numa confortável poltrona do salão e contemplou o crepitar do fogo na lareira junto a sua amada Lorena. A cela fria era agora um espaço distante, embora ele nunca mais fosse ver com os mesmos olhos as ameias da torre do palácio do governo. Demoraria muito para afastar da mente a lembrança da tortura, já que as dores fortes que ainda o atormentavam dificilmente lhe permitiriam esquecê-la. Apesar de tudo, sentia-se muitíssimo feliz. Havia voltado ao seu lar, seus filhos haviam comemorado com entusiasmo sua recobrada liberdade, podia sentir a doçura do olhar de sua esposa e só o que desejava era desfrutar da família pelos anos vindouros. No entanto o futuro não estava livre de preocupações e ele precisava enfrentar uma decisão difícil, que Lorena não entenderia com facilidade.

– Você acredita que os sonhos sejam a linguagem usada por Deus enquanto dormimos, já que não sabemos escutar sua voz durante o dia? – perguntou Mauricio, preparando o terreno para abordar a questão que tanto o preocupava. – São José desistiu de repudiar a Virgem Maria por causa de um sonho. E, de outra feita, um anjo lhe ordenou, enquanto dormia, que deixasse Nazaré e fugisse para o Egito. Embora nessa época Jesus fosse um frágil recém-nascido, José obedeceu prontamente e dessa forma conseguiu escapar da matança dos inocentes ordenada por Herodes. Eu não sou nenhum santo, mas também tive um sonho, no qual era instruído a devolver o anel. Depois que prometi restituir a joia, caso saísse vivo da prisão, os milagres foram se sucedendo: um médico me visitou na cela, as torturas cessaram e, em pouco tempo, o Grande Conselho decretou minha liberdade graças a um

procedimento legal que nunca fora empregado anteriormente. Deveria eu então ser soberbo a ponto de ignorar esses sinais? No entanto, como devolver a esmeralda, nosso bem mais precioso, e observar friamente as dívidas nos levando à ruína?

– Você sabe que sou contra a devolução do anel, Mauricio. De qualquer modo, se você fizer isso, a falência não baterá à nossa porta por enquanto. Eu esperava o momento de ficarmos a sós para lhe dizer que minha mãe saldou nossas dívidas usando parte da herança de Francesco. Nós, é claro, lhe devolveremos o dinheiro tão logo nossa situação melhore; mas, no momento, podemos respirar tranquilos.

Mauricio ficou tão entusiasmado com a notícia que fez menção de levantar os braços em sinal de alegria, esquecendo as tipoias que os imobilizavam. Aquela notícia inesperada lhe dava o tempo necessário para levar a bom termo o que havia planejado.

– Sua mãe nos salvou. Nós devolveremos a ela até o último florim antes de um ano. Porém escute-me: logo que eu me restabelecer, e com sua aprovação, irei à França para devolver a esmeralda. Em seguida, cruzarei os Pireneus e me apresentarei à corte espanhola para solicitar uma audiência com Cristóvão Colombo. Não partirei enquanto ele não me pagar o dinheiro que lhe emprestei.

– Pode ser que a viagem à Espanha renda seus frutos, mas não acho justo nem conveniente entregar a esmeralda a alguém que talvez não passe de um impostor. Afinal de contas, que sabemos sobre ele?

– Não muito – reconheceu Mauricio. – Apenas que em Aigne, uma cidadezinha do sul da França, um homem chamado Michel Blanch nos levará ao legítimo dono. Em sua carta, ele declarava ter provas inequívocas que confirmam seu direito ao anel.

Mauricio notou, com surpresa, o semblante de Lorena se alterar. Ela abriu a boca e os olhos de forma tão exagerada que parecia ter visto um fantasma. E, mesmo quando ela se recuperou, as comissuras de seus lábios ainda tremiam.

– Você não irá sozinho. Eu o acompanharei – declarou ela com firmeza.

– Por quê? – quis saber Mauricio.

Lorena não respondeu de imediato, mas por fim disse:

– Porque Michel Blanch é meu pai verdadeiro. Não pode ser coincidência. Iremos a Aigne atrás de nossa verdade.

A viagem não foi fácil para Mauricio. Logo depois que lhe retiraram as tipóias, ele insistiu em partir para a França. Finalmente, decorridos pouco mais de três meses após sua absolvição pelo Grande Conselho, o casal embarcou numa caravela que partia do porto vizinho de Livorno para as costas de Marselha. Ali se juntaram a uma caravana comercial cuja rota lhes convinha. Seguindo o traçado das antigas estradas romanas, fizeram escalas em Arles, Nîmes, Montpellier e Béziers, onde venderam com lucro o excelente azeite de oliva que haviam trazido da Toscana.

O bom tempo próprio do verão lhes propiciara a ausência de tempestades durante a travessia de barco e, com mais horas de luz diurna, a caravana pôde ganhar terreno. Apesar de todas essas condições favoráveis, Mauricio sofrera bastante por causa das fortes dores que ainda sentia. Seus ossos haviam se soldado, mas seu encaixe já não era tão preciso quanto antes, tanto que a amplitude dos movimentos de seus ombros e dos pulsos diminuía ostensivamente. Segundo todos os médicos que ele consultara, as dores o acompanhariam pelo resto da vida.

Mauricio tinha fé no impossível e acreditava que suas articulações recuperariam a antiga mobilidade e também que as dores seriam, com o tempo, mitigadas. Muitos conselheiros agourentos haviam-no advertido de que era prematuro arriscar-se numa viagem tão longa sem estar completamente restabelecido. Porém a ilusão acabara por vencer o temor, e as muralhas de Cagarou de Aigne já se erguiam diante dele. “*Cagarou*” significava “caracol” na língua de oc, e a cidade recebera esse nome em alusão à colina sobre a qual fora edificada. O traçado circular da povoação lembrava mesmo a concha de um

molusco porque suas ruas formavam espirais concêntricas com uma única saída possível. E dentro dessa concha se ocultava um mistério chamado Michel Blanch.

A última coisa que Lorena poderia imaginar era que Michel Blanch fosse o padre da aldeia. Conforme observou, a palavra dele devia ter muito peso, pois a igreja estava tão cheia que Lorena e Mauricio não conseguiram entrar. Tiveram de esperar numa pequena praça adjacente, junto a outras pessoas, até que a missa terminasse. Com efeito, estava ali não apenas a boa gente de Cagarou de Aigne, mas também muitos visitantes procedentes da povoação vizinha, Minerve. Essa aglomeração inusitada era bastante significativa no que dizia respeito a Michel Blanch. A mãe de Lorena considerava-o um ser especial e parecia que seus féis tinham aquele homem no mais alto conceito. Lorena mal podia refrear a curiosidade e a ânsia de conhecê-lo.

No entanto, teve de esperar um bom tempo antes de ver seus desejos satisfeitos. Ao fim da missa, a praça ficou superlotada e os féis disputavam a honra de gozar, por alguns minutos, da companhia do padre. Finalmente, Lorena conseguiu se aproximar de Michel Blanch. Uma emoção violenta, diferente de qualquer outra que já havia sentido, dominou-a quando ela contemplou diante de si a fonte da qual havia nascido.

Michel era um homem cuja simples aparência causava impacto. Alto e corpulento, tinha feições vigorosas. Seus olhos grandes, azuis e profundos pareciam devassar o interior daquilo em que se fixavam. A fronte alta e larga refletia inteligência. Os cabelos prateados caíam em cascata sobre os ombros, formando pitorescas ondulações. Suas sobrancelhas grossas, também brancas, denotavam vitalidade; e a barba cuidada, da cor da neve, inspirava sabedoria. Seu nariz reto e forte transmitia personalidade; seus lábios grossos e carnudos,

paixão. Pela informação de sua mãe, Lorena sabia que Michel Blanch rondava os 60 anos, embora fisicamente projetasse uma energia pouco comum em um homem daquela idade.

Vencendo o nervosismo e os temores de seu coração, Lorena explicou-lhe que vinham de Florença com o propósito de devolver o anel a seu legítimo dono. O carismático pároco fez um leve gesto de assentimento com a cabeça e convidou-os a ir à sua casa para tratarem do assunto.

– Chegaram bem a tempo – disse Michel após escutar sua história. – Amanhã, parto para Tarascon de Ariège. Três guardas armados me escoltarão para dissuadir possíveis salteadores de cometer pecados mortais. Venham conosco sem medo, pois ali perto vocês encontrarão quem procuram.

A conversa fluía naturalmente numa mistura da língua de oc – que Lorena e Mauricio conheciam desde pequenos graças a seu gosto pelos poetas occitanos – e o falar toscano que Michel, por sua vez, dominava. Ainda assim, o diálogo se tornou um pouco difícil quando o casal quis saber mais sobre a história da esmeralda e o direito daquele que devia receber de suas mãos a tão apreciada joia.

– Não é o momento adequado de falar sobre isso – escusou-se o padre. – Como sabiamente nos lembra o Eclesiastes: “Há um tempo para nascer e um tempo para morrer; um tempo para construir e um tempo para destruir; um tempo para tecer e um tempo para rasgar; um tempo para falar e um tempo para calar”.

Lorena, insatisfeita com essa resposta tão poética quanto esquiva, queria algo mais concreto; afinal, iriam entregar-lhe uma joia de valor incalculável.

– Como já disse, tudo tem sua hora e cada coisa tem seu lugar debaixo do sol. Agora não é o momento nem o local adequado, mas dentro de poucos dias suas perguntas encontrarão respostas. E, se essas não os satisfizerem, ninguém os obrigará a dar-me a esmeralda.

Em geral, a insistência costuma colher frutos, mas Lorena não conseguiu que Michel Blanch lançasse luz sobre aquela questão. Aparentemente, o homem não parecia alterado pelo fato de eles terem ido devolver uma joia tão extraordinária, já que nem pediu para vê-la. Simplesmente lhes dera crédito com a mesma tranquilidade com que alguém recebe notícias sem importância sobre familiares distantes. A aparente indiferença de Michel despertou suspeitas em Lorena. Talvez sua verdadeira intenção fosse se apossar da joia e ele estivesse, para mais facilmente alcançar esse propósito, representando um

papel. E se não houvesse prova alguma da propriedade legítima da pedra? E que pensar de uma viagem escoltada por homens armados, da confiança de Michel? Lorena e Mauricio não seriam, nesse caso, cordeirinhos conduzidos por lobos à sua perdição? Porque se não quisessem entregar a esmeralda voluntariamente, não poderiam impedir que a tomassem, caso fosse essa a intenção deles, pois poderiam matá-los depois em algum caminho mais deserto.

Lorena resolveu partilhar essas dúvidas com o marido, embora sua intuição lhe dissesse que podia confiar naquele pároco, a quem devia nada menos que a vida.

*M*auricio e Lorena resolveram correr o risco e viajar com Michel. O povoado inteiro correu para se despedir daquele que por vinte anos tinha sido seu pároco. O padre da cidade de Tarascon falecera e as autoridades eclesiásticas haviam decretado que o de Aigne deveria ocupar seu lugar. Aparentemente, o primeiro destino de Michel Blanch era Tarascon e ele próprio solicitara que fosse o último. Outro sacerdote, bem mais jovem e bastante conceituado na hierarquia eclesiástica, iria substituí-lo. Porém, por melhor que fosse, os habitantes de Aigne e Minerve sentiriam falta de quem tanto estimavam.

Lorena, de sua parte, queria conhecer melhor aquele homem durante a viagem. Observá-lo o tempo todo durante vários dias era uma oportunidade de ouro. Por isso, não lhe contara que talvez fosse sua filha, preferindo formar uma opinião do pai sem que ele soubesse do vínculo estreito que os unia. Além disso, o fato de ele ser um sacerdote consagrado a Deus fazia-a temer revelar o que podia ser considerado um pecado escandaloso.

Seria possível apagar um passado que podia vir à tona sem necessidade de palavras? Certamente Lorena havia lido nos olhos de Michel uma mescla de assombro e devaneio quando os olhares de ambos se cruzaram pela primeira vez na praça da igreja. Será que esse assombro se devia ao fato de ter se deparado com uma mulher tão parecida com a que amara em Florença, quando ainda não era um pároco respeitável? E o devaneio seria por causa dos momentos mágicos vividos com sua mãe? Michel Blanch se abstera de perguntar-lhe sobre sua família e ela se limitara a mencionar seu nome de casada. Não obstante, bastariam algumas perguntas e um breve cálculo para concluir que a semente de um antigo trovador poderia ter germinado até se

transformar em mulher. Mas talvez agora o pastor não quisesse se lembrar do poeta do passado. E quem saberia? No fim das contas, talvez ninguém ali estivesse muito ansioso por trazer à luz os segredos do passado.

Lorena não podia estar mais enganada. Todos os acasos que haviam conspirado para tornar possível aquela viagem atendiam a um desígnio muito claro: fazê-la ouvir os gritos de uma consciência que jazia sepultada no subsolo de uma gruta esquecida.

De nada disso ela suspeitava quando, após nove jornadas de marcha em lombo de burro, o céu escureceu, anunciando uma perigosa tempestade. Os animais emudeceram e o vento se acalmou por alguns instantes, enquanto nuvens negras desciam do norte.

– Logo precisaremos de um abrigo seguro – avisou Michel. – Felizmente conheço umas cavernas bem próximas. Acamparemos lá até a tormenta esgotar sua fúria.

O tempo fora amistoso nas nove jornadas anteriores. O calor não chegara a incomodá-los durante o dia e, ao anoitecer, podiam dormir ao relento sem outra preocupação que a de acender uma fogueira, em volta da qual os homens se revezavam na guarda. As tempestades, porém, costumavam assumir proporções alarmantes nas terras altas onde estavam. As enormes árvores desenraizadas que Lorena vira pelo caminho revelavam claramente o que podia acontecer quando uma tormenta se desencadeava nas montanhas do Sabarthès. Por isso, recebeu com alívio a notícia da proximidade de cavernas onde poderiam refugiar-se. O descanso seria particularmente benéfico para seu marido. Embora quase não houvesse se queixado, Lorena sabia muito bem que o sacolejar das mulas provocava-lhe muita dor nos ombros. Felizmente, a viagem estava quase no fim. Só o que os separava de Tarascon eram um temporal passageiro e aquela última parada no caminho.

O grupo alcançou a gruta quando o céu já parecia um campo de batalha em que exércitos suspensos por trás das nuvens utilizassem raios, trovões e relâmpagos para se aniquilar mutuamente. A entrada da gruta era ampla o bastante para dar passagem às mulas, agora mais agitadas que nunca. Depois de deixá-las bem amarradas, para que não escoicesssem alguém, os homens acenderam duas fogueiras para aquecer o ambiente e afugentar possíveis feras. Lorena, Mauricio e Michel, cuja amizade se estreitara ao longo da viagem, acomodaram-se diante da fogueira menor, enquanto os guardas compartilharam a maior.

– Esta caverna tem sido utilizada pelo homem desde os começos da humanidade – explicou Michel Blanch. – Só percorremos algumas dezenas de metros. Se continuássemos avançando, encontraríamos uma verdadeira cidade subterrânea, mais digna de ser vista que Roma, Avignon ou Florença.

– Não deveríamos então aproveitar a tempestade para explorá-la? – perguntou alegremente Mauricio.

– Sem dúvida. Se vocês se arriscassem, após algumas centenas de metros chegariam à “catedral”, um salão imponente de rocha viva que é mais alto e espaçoso que o Duomo de Florença. A acústica do lugar é extraordinária. Cantei ali algumas vezes, com alguns músicos corajosos. Não imagino como possa soar a música das esferas, mas tenho certeza de que em nenhum outro lugar da Terra as notas vibram como nessa prodigiosa catedral subterrânea.

Durante toda a jornada, Michel se revelara um excelente líder, cujas indicações ninguém questionava. Porém era também um homem de riso contagioso, que sabia colher frutos doces da árvore da vida. Sacerdote e, ao mesmo tempo, poeta inspirado. Grande admirador, como Lorena, da antiga poesia occitânica, havia cantado com Mauricio versos que a transportavam à infância e mais além.

– Deve ser impressionante ouvir um concerto nesse auditório natural. Mas não é perigoso entrar nas grutas? – perguntou Mauricio.

– Comigo, não. Conheço suas reentrâncias como as rugas de meu rosto e poderia percorrer seus passadiços com uma venda nos olhos, sem medo de extraviar-me. Confie em mim e sigam-me. Como verão, existe entre a esmeralda e o interior desta caverna um vínculo que só poderá compreender quem for capaz de penetrar em suas entranhas. Só então me será possível, finalmente, esclarecer suas dúvidas sobre o anel.

Lorena olhou para o marido. Durante os nove dias da viagem, Michel ignorara suas perguntas com relação à esmeralda, alegando que ainda não havia chegado a hora. Agora, segundo ele, encontravam-se no lugar certo e no momento adequado. Lorena sentia medo de se aprofundar naquela caverna, cujo interior abrigava um mundo do qual nada conhecia. Um reino subterrâneo no próprio ventre da montanha, que podia estender-se até as profundezas da Terra. Seria acaso a morada do Maligno? Lorena baniu logo esse pensamento fantasioso. Michel Blanch não tinha medo algum daqueles antros e, pelo que se depreendia de suas palavras, conhecia-os como a palma da mão. No transcurso da viagem, Lorena fora desenvolvendo um grande afeto e uma enorme admiração por aquele que devia ser seu pai. O que lhes pedia não era comum; mas nada do que se relacionava com a esmeralda o era. E Lorena sabia instintivamente que podia confiar naquele homem. Mauricio tomou a mão da esposa e apertou-a com afeto.

Lorena e Mauricio, empunhando ramos secos transformados em tochas, seguiram Michel na descida ao mundo inferior. Os outros homens não quiseram saber daquela aventura e preferiram esvaziar seus odres de vinho aconchegados ao calor do fogo.

A montanha inteira retumbava ao fragor da tormenta. A água se infiltrava incessantemente pelas fendas da rocha e caía gota a gota. Como se as paredes fossem de argila e pudessem derreter-se, milhares de colunas esguias de pedra desciam das alturas, assumindo formas prodigiosas. Lorena mal prestava atenção a essas maravilhas; andava bem devagar para não perder o equilíbrio caso se apoiasse inadvertidamente em pedras soltas ou pisasse em alguma rachadura do terreno. O que não conseguiria, porém, seria manter os pés secos, já que o chão estava úmido e não faltavam trechos encharcados. De vez em quando, Michel recomendava-lhes andar de quatro; e em certas ocasiões precisaram arrastar-se por túneis estreitos. Lorena pensou ter visto também precipícios tenebrosos e sem fim, iluminados apenas pela luz exígua das tochas. Sem Michel como guia, Lorena teria perdido os sentidos ou entrado em desespero. Porém só a voz daquele homem, cheia de vida e confiança, fazia qualquer receio parecer coisa de criança. A obscuridade que os envolvia era profunda e as sombras pareciam esconder sinistras ameaças, mas Michel sabia amenizar os momentos de tensão com pilhérias ou instruções precisas.

– Chegamos à catedral! – anunciou ele triunfalmente.

Lorena segurou a mão de Mauricio. Fora do campo de luz projetado pelas tochas, não era possível ver nada.

– Até a maior igreja do mundo caberia dentro deste salão, cujo teto tem mais de cem metros de altura. Vou acender três pequenas fogueiras para vocês apreciarem pelo menos parte do que digo.

Michel, iluminado pela tocha que segurava, afastou-se sozinho para longe, até deter-se num ponto onde acendeu um fogo, depois de tirar do alforje folhas e galhos secos. Deslocou-se novamente e repetiu a operação em outros dois lugares bem afastados entre si. Desse modo, as três modestas fogueiras permitiram vislumbrar a enorme extensão daquela sala de pedra que a natureza construía sem necessidade de um arquiteto humano. A maior parte da gruta, obviamente, continuava às escuras, e não se podia avistar o teto com aquela iluminação precária. Porém era bastante convidativo imaginar a vastidão do lugar contemplando as gigantescas paredes de rocha branca recortadas contra os fogos, assim como os amplos espaços que permaneciam na sombra. Aquele era, sem dúvida, um mundo diferente do que existia lá fora.

Michel voltou para junto deles e propôs cantarem uma trova. Possuía uma voz tão profunda quanto plangente e entoou a primeira estrofe. A gruta devolveu os sons em forma de eco e Mauricio juntou-se ao recital. Era um dueto formidável. Lorena, tocada pela magia do momento, fez a terceira voz. O efeito foi avassalador. Ali, entre o pai e o marido, de mãos entrelaçadas, pareceu-lhe que os três se fundiam com a música numa única melodia.

Depois de terminar, continuaram embrenhando-se pelas entranhas da Terra. À luz das tochas, entreviam-se mármorees vermelhos e negros que teriam causado furor entre os artistas e construtores de Florença. Lorena pensou mesmo que nem os melhores escultores florentinos haviam superado algumas das criações moldadas pela água naqueles blocos de pedra. Com efeito, as tochas iluminavam figuras que assumiam formas tão fantásticas quanto verossímeis: diabos, bruxas, madonas em miniatura, capuchos de frades, cascatas turbulentas, animais exóticos... Definitivamente, não faltava imaginação à natureza.

– E esta é a tumba da princesa Pirené – disse Michel, mostrando uma grande pedra branca no chão, que imitava o formato de um sarcófago. – Reza a lenda – prosseguiu – que Hércules se apaixonou pela princesa Pirené, filha do deus Atlas, o qual, no entanto, odiava o irascível herói. Aquele era, pois, um amor impossível. Desesperado, Hércules separou com um golpe de sua maça o istmo que unia então o norte da África ao sul da península Ibérica. Em resultado, as correntes marinhas mudaram de curso e inundaram a Atlântida. A

fantástica civilização da ilha desapareceu e só alguns atlantes conseguiram se salvar em frágeis embarcações, que navegaram à mercê das tempestades. Pirené, uma das poucas sobreviventes, refugiou-se nesta caverna após uma viagem acidentada. Infelizmente para ela, nem aqui pôde ficar ao abrigo da maldição que pesava sobre os atlantes: um grande urso branco, tão feroz quanto o próprio Hércules, pulou sobre a princesa e despedaçou-a com as garras. Uma velha civilização desaparecia, um novo mundo estava por nascer. As plêiades, companheiras de Pirené no firmamento, ergueram esta tumba em sua memória e prantearam-lhe amargamente o triste fim. Desde então, a cordilheira onde estamos passou a ser chamada de Pireneus. As lágrimas derramadas pelas estrelas não foram em vão, pois delas nasceu um bonito lago. Venham, vou mostrar-lhes.

Lorena avistou uma lagoa que lhe pareceu uma miragem no meio daquele deserto rochoso.

– É um lago mágico – explicou Michel – porque as lágrimas vertidas pelas plêiades fazem lembrar o passado àqueles que delas bebem.

– Então, a Atlântida e Pirené continuam vivendo na memória dos viajantes que chegam até aqui – comentou Mauricio.

– Bela conclusão – reconheceu Michel –, mas só há uma maneira de comprovar se a história é verdadeira, além de encantadora: beber a água do lago. Quem se arrisca?

– Por que não? – sugeriu Lorena. – Estamos cansados. Beber e repousar um pouco nos fará bem.

– Excelente ideia – aplaudiu Michel.

Lorena não queria dormir. Porém, depois de saciar a sede, recostou-se ao peito de Mauricio e seus olhos se fecharam por alguns instantes.

– Descansem tranquilos – disse Michel. – Eu os acordarei.

Imagens sem sentido, antecâmara do sonho profundo, desfilaram incoerentemente pela cabeça de Lorena. Parecia-lhe perigoso despedir-se da consciência num lugar como aquele, sem outra vigilância que a de Michel Blanch. E se estivesse errada em seu juízo sobre ele? Caso lhes furtasse a esmeralda, desaparecendo em seguida, eles jamais encontrariam o caminho de volta. Talvez tivesse sido mais seguro revelar-lhe que era sua filha. Mas de repente parou de pensar porque uma deliciosa obscuridade se apossava de sua mente sem que a razão pudesse fazer nada para evitá-lo.

Lorena despertou dentro do sonho, ainda adormecida. Aquela era uma sensação que já havia experimentado antes, mas só por breves instantes, e que desaparecia tão logo ela se dava conta da estranha anomalia, começando a agitar-se sobre seu fofo colchão de penas. Porém dessa vez continuou sonhando de maneira consciente, como quem assiste fascinado a uma apaixonante peça de teatro.

O lugar em que o drama se desenrolava era bem perto da caverna onde se haviam refugiado, embora o cenário pertencesse a um passado longínquo, sepultado quase três séculos antes no alto de Montségur. Ali, numa pequena fortaleza incrustada no cume da montanha, os últimos cátaros haviam resistido ao exército cruzado com a ajuda do frio do inverno. No sonho, Lorena era uma das mulheres refugiadas naquele ninho de águias inacessível, suspenso entre o céu e a terra.

Na história urdida pelo estranho sonho, o inverno chegava ao fim e, com ele, a esperança de conter o inimigo. Por isso, os homens e as mulheres ali abrigados haviam combinado entregar-se sem luta ao fim de três dias, durante o solstício de primavera. Os cruzados tinham prometido poupar a vida a todos os que abjurassem de sua fé. Os outros pereceriam na fogueira. No entanto só quem sobreviveu foi Pierre Blanch, o mestre escolhido para pôr a salvo a pedra das iniciações, o santo gral dos virtuosos. Os sitiados, certos da vitória iminente, haviam relaxado a vigilância e anuviado os sentidos com vinho em excesso. Pierre Blanch soube aproveitar habilmente a densa neblina para ludibriar os postos de guarda descendo em silêncio por caminhos secretos.

Lorena ouviu, no sonho, os passos de um rapaz pelo qual sentia profundo afeto.

– Está preparada para morrer? – perguntou o jovem com olhar triste.

– De acordo com os ensinamentos – respondeu ela –, o mundo não é mais que ilusão, armadilha semelhante a uma teia de aranha tecida com o fio de nossos desejos. Morrer como mártires no solstício da primavera, depois de haver recebido o *consolament*, nos dará a oportunidade de escapar para sempre da matéria e não mais recair no doloroso ciclo das reencarnações.

– Não foi isso que lhe perguntei – censurou brandamente o rapaz, esboçando um sorriso compreensivo, um sorriso que não a julgava, um sorriso tão afetuoso que não podia enganá-la.

– Eu sei – reconheceu Lorena, envergonhada. – Realmente, não quero deixar de viver. Ao contrário, meu coração anseia por satisfazer aos desejos ainda não realizados, até os mais inconfessáveis. Por desgraça, não sou suficientemente pura, pois no fundo não anseio pela salvação, mas, sim, por ter outra oportunidade de ousar ser eu mesma.

– Então, que faria você de diferente se nascesse de novo? – perguntou ele, com um olhar que lhe desnudou a alma.

– Se nascesse de novo, não seria tão racional – respondeu ela. – Mergulharia vestida num lago e me secaria nua aos raios do sol. Não me casaria para agradar a ninguém, exceto a mim própria. Pecaria muitas vezes, mas só por amor. Não aceitaria regras sem sentido. Em vez de odiar o sexo, convidaria Deus ao meu leito. Aprenderia a ler, mesmo sendo mulher. Longe de calar, cantaria trovas nos bosques, nas montanhas e cavernas. Entregaria o coração apenas a quem soubesse me amar. Erraria com frequência, mas encontraria minha verdade em meio aos erros. E ainda que não realizasse nenhum de meus sonhos, morreria feliz por ter tentado. E você? Que faria se nascesse novamente?

– Eu? Percorreria o mundo inteiro até reencontrá-la – respondeu o jovem com a mesma voz de seu marido, Mauricio Coloma.

A primeira coisa que Lorena viu ao despertar foi o brilho procedente do choque entre uma lâmina e uma pederneira. A fagulha nascida do ferro golpeado pela pedra caiu sobre um monte de folhas e galhos secos. Michel soprou brandamente para avivar a chama. E em breve uma pequena fogueira iluminava a escuridão.

– Bom dia – brincou ele, enquanto Mauricio e Lorena se espreguiçavam. – Dizem que viajar desanuviava a mente. Se isso é certo, talvez sua incursão no país dos sonhos os tenha preparado para ouvir a incrível história do anel. Uma história que remonta a homens e mulheres virtuosos que aqui viveram, séculos atrás.

– Refere-se aos hereges cátaros? – perguntou Mauricio, confuso por recordar com nitidez um estranho sonho no qual ele próprio era um dos ímpios sitiados na montanha, o Castelo de Montségur.

– “Cátaros” foi um termo pejorativo usado pelos inquisidores com o propósito de estigmatizá-los – explicou Michel. – Eles mesmos se identificavam simplesmente como cristãos, embora fossem chamados também de “homens e mulheres virtuosos”, “cristãos autênticos” e até “amigos do bem”. Seu número e sua influência aumentaram consideravelmente a partir do século XII na Occitânia francesa, tanto entre o vulgo quanto entre a nobreza. Vários foram os motivos desse crescimento rápido, mas a chave de seu sucesso não pode ser entendida sem se levar em conta a energia invisível que irradiavam os mestres da seita após serem iniciados nestas cavernas com a ajuda de certa esmeralda que vocês conhecem muito bem.

A umidade da gruta, a escuridão que a envolvia, o espaço ao mesmo tempo exíguo e inapreensível, a viagem onírica a um passado remoto... Lorena teve a estranha sensação de retornar ao ventre materno e nascer novamente. A explicação do inexplicável, se houvesse, estava inscrita na pedra que seu marido trazia consigo.

Como se a tivesse escutado em meio ao silêncio, Mauricio tirou o anel de uma bolsa de couro escondida sob a camisa.

– Que segredos esta pedra preciosa guarda? – perguntou, mostrando a joia na palma da mão.

Michel Blanch mirou-a com reverência, roçando-a de leve com as pontas dos dedos antes de responder.

– Há uma lenda segundo a qual essa é a esmeralda que se despreendeu da fronte de Lúcifer durante sua queda. Outra tradição antiquíssima, da Pérsia, sustenta que ela procede do Grande Cristal, o objeto que provocou a formidável guerra nas estrelas. Embora todos os mitos e as lendas encerrem realidades ocultas, só o que lhes posso assegurar é que os homens virtuosos consideravam essa pedra seu bem mais precioso.

Michel fez uma curta pausa antes de prosseguir.

– Segundo a tradição persa, a esmeralda provém do Mundo das Ideias descrito nos diálogos de Platão: ali, o tempo seria como um objeto de duas dimensões que se pudesse contemplar por inteiro de um plano superior. Dessa forma, a consciência, com a ajuda da esmeralda, poderia alçar-se a esse plano superior e viajar tanto para o passado quanto para o futuro...

– Viajar ao passado da história de minha família desvendaria muitos mistérios – interveio Mauricio. – Que ligação pode ter havido entre os hereges cátaros e um rabino judeu a ponto de a esmeralda ir parar nas mãos de meu antepassado Abraão Abulafia?

– Os caminhos do Senhor são inescrutáveis, Mauricio... No começo do século XIII, o papa Inocêncio convocou a primeira cruzada contra cristãos alegando que os nobres da Occitânia francesa toleravam a crescente disseminação da heresia cátara entre seus súditos. A espada flamejante dos cruzados, pouco dada a análises minuciosas, foi massacrando sem distinção de credo, sexo ou idade, deixando a Deus a laboriosa tarefa de distinguir os seus no além. Os nobres occitanos acabaram derrotados em todas as batalhas e até o rei de Aragão, que acudira em sua defesa, sucumbiu em Muret. Mesmo assim, de Montségur, a igreja proibida continuou protegendo a esmeralda sagrada e

reorganizou sua pastoral clandestina à espera de dias melhores. Anos de heroica resistência só trouxeram desenganos. Após um longo assédio, a primavera de 1244 assistiu à rendição do Castelo de Montségur, a última fortaleza cátara. Os homens virtuosos, contrários à violência com seres humanos e animais, se entregaram sem luta. Ninguém renegou sua fé para escapar à fogueira.

– No entanto um virtuoso chamado Pierre Blanch conseguiu romper o cerco levando consigo a esmeralda – interrompeu Lorena, lembrando-se de seu sonho. O onírico e o real, pensou, entreteciam-se naquela gruta como num tapete de imagens reflexas.

– De fato – concordou Michel. – O guardião da esmeralda, bom conhecedor das sendas ocultas das montanhas, conseguiu atravessar os Pireneus e refugiar-se, anônimo, na grande cidade de Barcelona. O perigo, no entanto, continuava rondando a joia sagrada. Os resplandecentes, que faziam parte de uma sociedade secreta luciferiana, estavam na pista da pedra que outrora pertencera a Luzbel, o mais luminoso dos anjos. Assim, logo apareciam na cidade dos condes uns predadores tenebrosos que, com aparência muito digna, indagavam a respeito de esmeraldas, hereges cátaros e forasteiros com sotaque francês recentemente instalados na cidade.

O rabino Abraão Abulafia, que morava em Barcelona, não tinha sotaque francês – e quem professava a fé judaica não podia, obviamente, ser ao mesmo tempo um herege cristão. Assim, sentindo-se acuado, Pierre decidiu fugir da cidade e pôr a esmeralda em segurança graças a um golpe de astúcia: entregou-a aos cuidados de Abraão Abulafia. Os resplandecentes, ele pensou, jamais suspeitariam que o anel estivesse nas mãos daquele rabino.

– Porém era arriscado confiar uma joia tão preciosa a um cabalista judeu – ponderou Mauricio.

– Sim, mas Pierre estava convencido de que o rabino era um homem de Deus, pois ambos haviam constatado, após longos colóquios, que para além das crenças religiosas suas experiências místicas não diferiam no essencial. De sua parte, Abraão Abulafia se comprometeu, por meio de um juramento, a devolver a esmeralda tão logo a pedissem. Anos depois, quando o perigo havia diminuído, Pierre voltou a Barcelona para reclamá-la. O rabino, gravemente enfermo, pediu a seu filho mais velho que devolvesse o anel ao legítimo proprietário. No entanto, cego pela avareza, o primogênito não respeitou a última vontade do pai...

– Desde então – interveio Mauricio, apanhando o fio da história –, a esmeralda foi passando sucessivamente aos primogênitos de cada geração, os quais, com a pedra, herdaram também uma maldição que os acompanhou até o túmulo.

– Você quebrará o círculo dessas tragédias cumprindo finalmente a promessa de seu sábio antepassado – assegurou Michel com convicção.

Um calafrio percorreu o corpo de Mauricio quando ressoaram de novo em seu cérebro as palavras que seu pai lhe dissera na prisão, à guisa de despedida.

Lorena, por sua vez, não sabia onde terminavam os prodígios e começavam os milagres, mas estava certa de que o passado falava alto naquela caverna. Talvez por isso o que disse em seguida tenha brotado de sua garganta com a força incontida das coisas que por muito tempo permanecem ocultas.

– E você, é claro – falou, dirigindo-se a Michel –, descende de Pierre Blanch. É a pessoa que supostamente ia nos apresentar a alguém em Onolac. E, sobretudo, é meu pai.

Michel tinha sido até ali, para Lorena, um espelho que refletia diferentes imagens a cada mudança do olhar. Porém nada a preparara para a maré montante de emoções que viu no rosto lacrimoso e descomposto de seu pai.

– Tem certeza? – perguntou por fim Michel, com voz trêmula.

Lorena percebeu que sua mente mergulhara na penumbra, enquanto uma chuva de lágrimas lhe trazia à consciência sentimentos intensos demais para serem compreendidos sem a ajuda do pranto.

– Tanto quanto minha mãe – conseguiu responder, entre soluços.

Lorena teve a sensação de que regressava ao lar após séculos de ausência quando Michel a tomou nos braços. Mauricio também chorou ao pensar em sua mãe, a quem nunca tinha podido abraçar, e em seu pai, a quem jamais voltaria a ver. Assim como a esposa, viu-se de volta ao lar – e uma nova luz lhe transmitiu um amor como nunca havia sentido.

Michel foi o primeiro a recobrar o ânimo para expressar em palavras os sentimentos que transbordavam de seu coração.

– Você é fruto de um grande amor, minha menina. Durante todos estes dias, não parei de pensar em Flávia sempre que a olhava. Logo tive a certeza de que você era filha dela, mas preferi não perguntar. Agora sou sacerdote e não podia sequer imaginar que Flávia lhe houvesse falado a meu respeito. Sua mãe era uma mulher casada; o normal, e o mais provável, seria que você fosse filha do marido dela. No entanto, uma e outra vez, ao fitar seus olhos claros,

perguntava-me se o Senhor não havia criado um anjo servindo-se de um pobre pecador. Por acaso Ele não faz mariposas de vermes?

Lorena percebeu logo que a última pergunta era uma referência direta aos versos de Dante que Michel deixara à sua mãe como recordação. Esses versos lhe haviam acudido muitas vezes durante a viagem, enquanto observava o pai. E agora, finalmente, podia expressar seus sentimentos mais íntimos.

– Isso quando o verme é, na verdade, uma mariposa camuflada – respondeu Lorena. – Se pude voar, foi graças às suas asas, pai. Nem suspeitava que você existisse, mas era seu sangue que regava meu corpo, foi sua seiva que me deu a força necessária para me converter no que sou. Você não pôde cuidar de mim, abraçar-me e educar-me quando eu era pequena, mas agora reconheço que sempre estive comigo. Sinto-me orgulhosa de que seja meu pai. Eu te amo, pai.

O amor diluiu as barreiras entre pai e filha que, por um instante, acreditaram ser somente um.

– Nós, sacerdotes, também precisamos confessar nossos pecados – disse Michel em voz baixa. – O fruto da árvore proibida, que provei em minha juventude, queimou-me as entranhas quando deixei de ver a mulher por quem me apaixonara. Não queria nenhuma outra. A ilusão se fora de minha vida. Tristes eram minhas noites e frias minhas madrugadas. Minha voz se recusava a cantar e minha boca perdera o apetite. Sem mais interesse pelos negócios terrenos, busquei refúgio na igreja. Mas as feridas da alma não se curam com a fuga do mundo. As dúvidas da fé me assaltaram, sem respeitar minha condição de sacerdote. Estava perdido na selva de minhas sombrias emoções quando entrei nesta mesma caverna, esperando ser devorado por alguma fera. Não encontrei aqui dentro nem ursos nem lobos esfomeados, mas homens reunidos em volta de uma fogueira. “Por que está tão triste?”, perguntaram-me. “As nuvens passam, o céu permanece. Entre conosco nas profundezas da gruta e aprenderá a enxergar nas trevas. Descobrirá então o que restará de você quando a névoa que o envolve se dissipar.” Eu não tinha nada a perder. Passei uma semana no ventre desta gruta e saí transformado. Embora não pudesse voltar para junto de Flávia, decidi que seu amor me inspiraria a dar o melhor de mim em benefício dos outros.

Leonardo da Vinci – pensou Mauricio – também havia escolhido uma gruta muito parecida para mostrar o primeiro encontro entre Jesus e São João Batista, contrariando as ordens da congregação que lhe encomendara o

quadro. Será que Leonardo teria corrido o risco de desobedecer a essas ordens peremptórias, embora aquela fosse a sua primeira encomenda em Milão, por conhecer pessoalmente a importância de certas cavernas? O único fato concreto era que a confraria da Imaculada Conceição não havia aceitado a obra; e os dominicanos florentinos atiraram ao fogo seu esboço a sanguina, a *Virgem das Rochas*.

– Mais tarde, soube – prosseguiu Michel – que eu havia participado de ritos semelhantes aos celebrados pelos homens virtuosos séculos atrás neste mesmo lugar e que meu antepassado, Pierre Blanch, havia sido um de seus principais mestres.

– O que de novo se enlaça – interveio Mauricio – com o anel que seria seu por herança.

– De fato – confirmou Michel. – Poderíamos rastrear minha árvore genealógica nos arquivos eclesiásticos, mas creio que esta carta de Lorenzo, o Magnífico, será suficiente.

À luz bruxuleante da fogueira, Mauricio examinou o documento que Blanch tirara de sua roupa. O envelope e o papel vinham da casa dos Médicis, disso não havia dúvida. A letra e a assinatura também correspondiam à caligrafia do Magnífico.

Amigo Mauricio:

Quando você ler estas palavras, não mais estarei entre os vivos. Porém, do mundo dos mortos, peço-lhe que se lembre de nossa última conversa. Faça conforme prometeu. A chave é o 33.

A carta era breve e não continha nomes concretos nem referência explícita ao anel, por uma questão elementar de segurança. Apesar disso, Mauricio estava convencido de que Michel Blanch era mesmo o legítimo destinatário da joia e não um mero impostor que se aproveitara astuciosamente da carta. “Tudo tem sua hora e cada coisa tem seu lugar debaixo do sol”, dissera ele em Aigne como única resposta ao seu pedido para revelar o que sabia sobre o anel. Exatamente a mesma frase que Lorenzo, o Magnífico, dissera quando Mauricio lhe expressara suas dúvidas sobre a possibilidade de algum dia chegar a conhecer o segredo da esmeralda. Pois bem: o momento havia chegado.

– Que significa a chave 33? – perguntou. – O Magnífico me explicou que o triângulo representa o número 3 e que os dois triângulos superpostos da estrela

judaica configuram o 33, símbolo importante não só para os judeus, mas para toda a humanidade. Estará isso relacionado ao anel?

– Sim, por intermédio dos homens virtuosos. De acordo com a cosmogonia deles, o destino da humanidade se resume a voltar conscientemente à sua morada divina depois de escapar às armadilhas da matéria. E a humanidade, segundo a maneira como interpretam o Apocalipse, seria composta de um terço dos espíritos celestes arrastados pela cauda do dragão luciferiano em sua queda. Ora, um terço corresponde a 33 por cento mais três, mais três... e assim indefinidamente. Mas agora me diga: que frase está gravada no anel?

– “*Luz, luz, más luz*” – respondeu Mauricio.

– Abraão Abulafia gravou essa frase em espanhol com a intenção de nos oferecer uma chave. A palavra “*luz*” tem três letras – explicou Michel. – Portanto, sua tradução matemática seria 33 + 3. Compreende? Todos nós nascemos da luz; todos nós caímos nas trevas junto com Luzbel; e o terço de espíritos celestes varridos do céu pela cauda do dragão regressará transformado em luz. O número 33 encerra assim a chave da origem, do mistério e do destino da humanidade.

Assim como a chuva se mistura aos rios sem esforço, as ideias fluíram no cérebro de Lorena com igual naturalidade.

– De sorte que o anel contém a mesma chave e a mesma mensagem da *Divina Comédia*, pois as metamorfoses pelas quais deverá passar a humanidade antes de atingir seu destino final constituem o sentido mais profundo da obra de Dante.

– É verdade – afirmou Michel, arqueando as sobrancelhas num gesto de admiração –, embora eu não tenha encontrado muitas pessoas que pensem assim.

– Talvez porque não tenham lido o poeta com a devida atenção. Com efeito, a pena de Dante escreveu estes versos na *Divina Comédia*:

Ó soberbos cristãos, tão desgraçados,
Que, enfermos dos olhos e da mente,
Nos passos confiais que já haveis dado!
Não vedes que somente somos larvas
Feitas para formar a mariposa
Angélica que a Deus mira de frente?

– Os mesmos versos que deixei como recordação à sua mãe! – exclamou Michel, sem poder ocultar a surpresa.

– Tudo se encaixa, finalmente – comentou Lorena. – E suponho que, não por acaso, a estrutura matemática da *Divina Comédia* contenha a mesma cifra do anel. A obra-prima de Dante se divide em três livros, “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”. O primeiro se divide em 34 cantos, e os outros dois, em 33 cada um. Somam um total de cem. E, se dividirmos os cantos pelos três livros que compõem o poema, o resultado também será 33 mais 3...

Mauricio viu, no olhar de Michel, o enorme orgulho que o invadia ao ouvir a filha e não pôde se impedir de pensar que Lorena seria digna merecedora de herdar, no futuro, a mesma joia que ele pretendia devolver a seu pai.

– Nada acontece por acaso, como você acertadamente observou – disse Michel. – Dante Alighieri, além de ser um grande poeta, conhecia o segredo do inefável. Prova disso é sua obra de juventude, *A Vida Nova*, na qual declara que o 9 é seu algarismo predileto por conter três vezes três, o número magno. Nesse livro, conta que se apaixonou por Beatriz e que, nove anos depois, o segundo encontro provocou nele um sonho estranho, narrado em rimas tão inspiradas que os *fedeli d'amore* o aceitaram em seu círculo restrito.

– Os *fedeli d'amore*? – perguntou Mauricio, intrigado.

– Sim, os “fiéis do amor”, o grupo fechado a que pertenceu Dante – explicou Michel –, continuaram a tradição iniciada pelos poetas provençais. Como sabem, os primeiros trovadores consagraram seu desejo ao inacessível: mulheres formosas, inteligentes, sensíveis... e casadas com senhores nobres. Naturalmente, esses romances eram impossíveis. Não os permitiam nem a moral nem, muito menos, os poderosos maridos das damas. Os poetas então tentaram fazer da necessidade virtude e sublimar a paixão até transformá-la num amor tão puro que o simples fato de servir e adorar a criatura amada, sem esperar nada em troca, se convertesse no caminho de perfeição escolhido para a salvação de sua alma. Contudo a senda dos fiéis do amor está semeada de riscos. E não falo apenas do poço de amargura no qual pode cair até o mais desprendido dos trovadores, quando seu afeto não é correspondido. Há também outros abismos à beira da estrada por onde transita o ousado caminhante. Que acontece quando não se pode esquecer o fruto degustado? Ah, a felicidade proibida! Quanto maior o prazer, mais intenso o sofrimento. Quanto mais sorte se tem, mais angústia se padece. O guardião da culpa

conserva a chave-mestra de sete ferrolhos de dor e poucos são os que conseguem concretizar suas ilusões.

Lorena concluiu que Michel recorrera àquela digressão sobre os trovadores para falar de seu próprio sofrimento, do qual, na verdade, também sua mãe compartilhava. Ele se tornara um homem consagrado a Deus, é certo; mas isso seria motivo suficiente para duas pessoas que se amavam tanto não poderem se encontrar?

– Alguém disse, há muito tempo, que “o único pecado mortal é traiçar o coração” – disse Lorena em voz baixa.

Michel sem dúvida reconheceu logo a frase que ele mesmo pronunciara antes de dar o primeiro beijo em Flávia, pois, visivelmente, um calafrio percorreu seu corpo ao mesmo tempo que seus olhos úmidos lutavam para conter novas lágrimas.

– A felicidade nunca deveria ser proibida – consolou-o Lorena, acariciando-lhe a mão. – Por que não volta conosco a Florença, para conhecer seus netos?

Lorena não achou conveniente acrescentar que Flávia se sentiria encantada por revê-lo, embora o convite implicasse essa possibilidade.

– Nada me agradaria tanto – suspirou Michel Blanch. – Porém, ainda que seja duro, cada um de nós deve cumprir o papel que a vida lhe reservou. No momento, os paroquianos de Ormolac precisam de um pastor. E, como fez meu antepassado, é minha intenção pagar a dívida que contraí com a existência usando a esmeralda, nestas cavernas, para iniciar quem possa atingir níveis superiores de consciência.

Então o destino da esmeralda devia prevalecer sobre a felicidade dos homens? – perguntou-se Lorena, enquanto Mauricio, que se recolhera a um discreto segundo plano e observava emocionado o singular diálogo entre pai e filha, acercava-se de Michel para cingi-lo num afetuoso abraço antes de lhe entregar a esmeralda. A mesma joia que, séculos antes, buscara refúgio em Barcelona. A pedra que sua família retivera durante gerações encontrava, por fim, o caminho de volta às origens. Com um gesto solene, Mauricio depositou-a nas mãos de quem doravante a guardaria. Um novo tempo começava para os que ali estavam reunidos.

– Soa paradoxal – comentou Mauricio – que essa esmeralda sagrada tenha pertencido a hereges cátaros, rabinos judeus, falsos convertidos... e vá agora ser protegida por um sacerdote cristão.

– Não é nenhum paradoxo – negou veementemente Michel Blanch –, mas, sim, uma verdadeira lição, pois nosso ser autêntico observa impassível a nuvem espessa de nossas ideias e crenças. Por isso Pierre Blanch confiou a esmeralda a Abraão Abulafia, apesar de ele ser um judeu. Ambos sabiam estar unidos no alto, por cima das nuvens passageiras, do mesmo modo que nós estamos ligados por fios invisíveis que voltarão a nos unir no futuro.

Lorena compreendeu então que, quando Michel Blanch concluísse a tarefa a ele imposta pelo destino, correria a Florença, onde tinha encontro marcado com seu coração.

“Tempos virão, na maturidade do mundo, em que o mar Oceano afrouxará os laços que prendem as coisas e uma grande terra se entremostrará. Um arrojado marinheiro, como aquele que guiou Jasão e se chamava Tífis, descobrirá um mundo novo, deixando a ilha de Tule de ser a mais remota das terras.”

A citação de Sêneca ressoou nos lábios de Cristóvão Colombo com a impetuosidade de mares atravessados. Mauricio transcrevera esses fragmentos da *Medeia* na carta que dirigira ao grande almirante tanto para despertar sua curiosidade quanto para lisonjeá-lo. Aparentemente, a missiva cumprira seu propósito, pois, embora fosse uma enorme coincidência o fato de Colombo estar na Espanha depois de anos explorando terras desconhecidas, isso não garantia que fosse conceder audiências, principalmente a alguém que, como Mauricio, era um credor.

Mauricio agradeceu mentalmente ao egrégio filósofo romano por ter-lhe dado essa oportunidade. Havia transposto seu primeiro obstáculo, porém o mais difícil ainda estava por vir. Com efeito, a avareza do almirante era quase tão lendária quanto sua fama, e Mauricio precisava desesperadamente recuperar o dinheiro que lhe emprestara, caso não quisesse viver da caridade de Flávia quando voltasse a Florença.

– Sua façanha, sem dúvida nenhuma, perdurará na memória dos homens – entendeu Mauricio tentando lisonjeá-lo, ciente de que a vaidade costumava ser o calcanhar de aquiles das personalidades mais notáveis.

– Agradeço-lhe os elogios – disse Cristóvão Colombo, depositando a carta sobre a mesa. – No entanto, como sabe, não descobri outro mundo, apenas

cheguei à costa oriental das Índias abrindo uma nova rota pelo oceano. Isso também é um feito excepcional, se me permite a falta de modéstia. Mas diga-me, o que o levou a imaginar outra coisa?

Era difícil não se deixar influenciar por seu interlocutor. Diante de Mauricio estava um herói digno das lendárias façanhas narradas por Homero. O vice-rei e governador das terras recém-descobertas tinha, aproximadamente, 45 anos. De feições majestosas e cabelos prateados, seu olhar penetrante refletia o azul do oceano. Vestido com um gibão de veludo, tão elegante quanto suas próprias maneiras, aquele homem transbordava confiança e autoridade. Mauricio procurou não se intimidar e tentou escolher as respostas certas, pois devia parecer absolutamente seguro de si para aumentar as possibilidades de alcançar seu propósito.

– Em primeiro lugar, o aspecto dos nativos que seus navios trouxeram. Têm a pele mais clara que os negros africanos e mais escura que a nossa. Tampouco são amarelos como os súditos de Gengis Khan descritos por Marco Polo e nem de longe se parecem com os habitantes da Índia ou outros reinos orientais conhecidos. E que dizer desses pássaros de cores brilhantes que tagarelam como feirantes? Em parte alguma do mundo se tinham visto animais semelhantes. Platão narra, no *Timeu*, que em tempos remotos, antes de a Atlântida ser tragada pelas águas, era possível atravessar o oceano Atlântico partindo das Colunas de Hércules[13] e fazendo escala na mítica ilha desaparecida. Dali, assegurava o filósofo grego, podia-se chegar a outras ilhas e, ultrapassando-as, alcançar a terra firme de um imenso continente. E se você percorreu o caminho oculto em que acreditavam os sábios antigos?

O rosto de Colombo permanecia inescrutável, mas seu olhar era mais frio que o aço.

– Desvarios. Os poetas têm o direito de inventar fábulas. Nós, marinheiros, devemos nos ater à realidade. Digo-lhe que, se não houvesse seguido o mapa de Toscanelli, o insigne geógrafo florentino, não estaria aqui com você, mas no fundo do mar. Em todo caso, gostaria muito de saber quem lhe sugeriu essas ideias, que contrariam frontalmente minha experiência e meus conhecimentos.

Aqueles e outros argumentos opostos à versão oficial, Mauricio os ouvira de Américo Vespúcio, encarregado do aprovisionamento das naus de Colombo e sobrinho de Giorgio Antônio Vespúcio, um dos membros mais destacados da antiga Academia Platônica de Florença. Mauricio decidiu não revelar o nome de seu confidente, em respeito à amizade que o unira ao finado Giorgio

Antônio, pois era claro o desagrado que produziam no almirante as suposições revolucionárias de seu sobrinho.

– São rumores que correm pela corte – respondeu Mauricio, aparentando desenvoltura.

O rosto de Colombo continuou sereno, embora sua pele tenha se incendiado com o rubor da indignação.

– Mentiras, difamações! – exclamou. – Na corte, muitos me odeiam por eu ter exposto a penúria de sua sabedoria. E outros tantos por não aceitar que um estrangeiro tenha passado de cardador de lã na mocidade a capitão-geral da frota e vice-rei das terras que descobriu. Todos são obrigados a usar o título de “dom” quando falam comigo, mas conspiram às minhas costas como lobos em pele de cordeiro, inventando mentiras sem cessar.

Mauricio achou preferível mudar de tática para apaziguar o almirante e ganhar sua simpatia. A possibilidade de merecer um posto na história como descobridor de um Novo Mundo não despertava sua vaidade, mas, sim, sua ira. Estava claro que Cristóvão Colombo pretendia apagar aquelas evidências que ele, como descobridor das novas terras, devia conhecer melhor que ninguém. E Mauricio não cruzara os Pireneus para discutir sobre segredos de Estado, mas para solucionar sua precária situação financeira.

– Compreendo-o perfeitamente, dom Cristóvão. Quando cheguei a Florença pela primeira vez, não era mais que um pobre estrangeiro sem amigos nem posição social. A fortuna me favoreceu e, graças à generosidade de Lorenzo de Médici, tive a oportunidade de prosperar, casar-me com uma dama distinta e conviver com as mentes mais ilustres da cidade. Não obstante, isso me granjeou também ódios e antipatias. Embora o menosprezo se disfarçasse de obsequiosa amabilidade, eu podia perceber a grande distância que me separava das famílias de sobrenomes aristocráticos. Minha rápida ascensão alimentou, sem que eu percebesse, rumores, calúnias e maquinações urdidas para me desprestigiar. Justamente por isso me vi obrigado a procurá-lo. A inveja não se submete nem à inércia nem ao esquecimento, e a queda de Lorenzo deu a meus inimigos a oportunidade de ajustar as contas de seu ódio. Fui preso e torturado, só me salvando por milagre, mas não pude evitar a ruína econômica. Desde então, minha família vive da caridade alheia. A devolução do dinheiro que lhe emprestei me permitiria reiniciar alguns negócios e recuperar, dessa forma, a dignidade de novamente poder andar com minhas próprias pernas.

– Acredite-me, seria um prazer ajudá-lo, mas eu mesmo ainda tenho dívidas enormes, que me impedem por enquanto de atender ao seu pedido.

Dívidas? Como conseguira ele dever tanto dinheiro apresentando como garantia apenas uma ideia indemonstrável? Quem era Cristóvão Colombo realmente? Segundo ele mesmo, um marinheiro genovês que alcançara a costa de Lisboa a nado, após um naufrágio. Mas desde quando simples marujos eram versados em aritmética, álgebra e astronomia? Acaso, no país vizinho, Portugal, as jovens de famílias nobres se casavam com náufragos estrangeiros sem fortuna conhecida? Porque Filipa Moniz de Perestrello, filha do governador de Porto Santo, abria as portas da corte lusa ao descobridor depois de se casar com ele. Sem dúvida, Colombo ocultava deliberadamente algo sobre seu passado; mas não parecia que rebuscar entre as contradições de sua biografia oficial pudesse ajudar Mauricio a recuperar o empréstimo.

– Sinto decepcioná-lo – continuou o almirante. – Mas não se desespere, pois na próxima viagem encontrarei a rota das especiarias e, de volta, saldarei todas as minhas dívidas.

Se pudesse negociar sem obstáculos com o Oriente, não pagando tarifas a turcos e árabes, Cristóvão Colombo se transformaria em um dos homens mais ricos da cristandade e, seguramente, cumpriria sua palavra. No entanto Mauricio receava que Américo Vespúcio estivesse certo e que as terras descobertas não fossem a extremidade oriental das Índias, mas, sim, outro continente. Se fosse assim, Cristóvão Colombo nunca importaria seda de Catay, incenso da Arábia, damascos da Índia ou pérolas do Ceilão. Nunca encontraria a canela de Tidore, o cravo de Amboina, a noz-moscada de Banda nem a pimenta do Malabar. Pois o certo era que, após anos de exploração, ninguém descobrira sequer o rastro de Cipango, as cidades descritas no Livro das Maravilhas ou qualquer lugar onde florescessem as especiarias. Por isso, Mauricio não acreditava muito que as coisas fossem mudar na viagem seguinte.

– Infelizmente, minhas necessidades financeiras são tão agudas que não suportam demora.

– Compreendo-o perfeitamente, mas, apesar de rico em títulos e honrarias, meus baús estão vazios de maravedis. Peça-me qualquer outra coisa de que precise e, se estiver ao meu alcance, eu o atenderei.

– “*Luz, luz, más luz*” – murmurou Mauricio com um meio sorriso. – É disso que preciso para não me desesperar ao voltar a Florença sem dinheiro.

– “*Más luz...*” – repetiu Colombo pausadamente. – Não é o que todos queremos? Receio que também nisso não possa ajudá-lo, amigo. Para ser franco, nem conheço o autor de tão bela invocação, aparentemente obra de algum profeta do Antigo Testamento. Estou certo?

Mauricio concebeu num instante a mais ousada das estratégias: dizer a verdade. Se falhasse em seu juízo sobre Cristóvão Colombo, correria o risco de ser denunciado perante a Inquisição, cujos interrogatórios eram bem conhecidos pela brutalidade das torturas. Porém acreditava que, caso suas suspeitas fossem consistentes, o descobridor reconsideraria sua negativa e o reembolsaria do empréstimo.

– Na realidade, a frase não foi escrita por Isaías, Ezequiel, Jonas ou qualquer outro dos antigos profetas, mas por meu antepassado Abraão Abulafia.

O almirante era sem dúvida um homem acostumado a controlar as emoções, não importavam as circunstâncias, pois nem um só músculo de seu rosto se alterou ao ouvir que Mauricio descendia de judeus.

– Abraão Abulafia – disse o almirante num tom impessoal – foi o maior representante da cabala extática na península Ibérica, embora sua visão mística da existência gozasse de mais apreço na Itália. Não é de estranhar: sei perfeitamente, por experiência própria, que ninguém é profeta em sua terra – brincou o descobridor. – Pois bem, embora você me pareça um cristão exemplar, aconselho-o a não sair por aí propalando suas origens judaicas, por remotas que sejam. A santa mão dos inquisidores é muito comprida e você jamais poderá confiar inteiramente nas pessoas com quem fala nestes tempos incertos.

Cristóvão Colombo tinha razão. Só quem conseguia demonstrar pureza de sangue cristão durante sete gerações estava completamente a salvo dos processos da Inquisição, processos que poderiam ser iniciados por qualquer denúncia. No entanto Mauricio se atrevera a revelar suas raízes ao almirante porque tinha certeza de que sangue judeu corria nas veias dele. Com efeito, era uma estranha coincidência que muitos dos principais financiadores da aventura de Colombo fossem cristãos-novos de raça judaica. Fato curioso, na primeira expedição não embarcara nenhum sacerdote, figurando como único intérprete um judeu convertido: Luís Torres. Descenderia Colombo de judeus convertidos? Até seu nome, muito parecido com o de Mauricio, apontava nessa direção; além disso, as lacunas e contradições que pontilhavam sua biografia talvez fossem produto de um passado inventado para ocultar

deliberadamente as verdadeiras origens do almirante. A hipótese não era descabida, uma vez que, como sugerira o próprio Colombo, bastava ter ancestrais judeus para ficar na mira da temível Inquisição. Caso Mauricio estivesse certo, seria natural que o descobridor simpatizasse secretamente com ele e que essa simpatia o convencesse a ajudá-lo na medida do possível. Então, nem tudo estaria perdido.

– Escute, Mauricio. Você veio de longe para me ver, parece uma boa pessoa, deu-me apoio financeiro quando poucos confiavam em mim. Aborreço-me pensar que, anos depois de ter coroadado com êxito minha primeira viagem às Índias, eu não possa devolver-lhe ainda o dinheiro de que você tanto necessita. Sua pessoa e minha honra não merecem semelhante agravo. Permita-me então propor-lhe um acordo que restabeleça a justiça. Estamos plantando cana-de-açúcar nas terras descobertas, onde o clima é muito favorável a seu cultivo. Proponho transformar a dívida em uma porcentagem de minha participação no negócio da cana. Assim, compensaria os prejuízos que lhe dei com a demora no reembolso pagando-lhe grandes lucros procedentes do comércio marítimo do açúcar. Considere que, graças ao nosso acordo, poderá obter dinheiro em espécie prontamente, caso venda sua quota no negócio, embora eu não aconselhe semelhante transação. Francamente, o melhor seria esperar.

Parecia sincero. Não lhe custaria nada persistir na negativa inicial a devolver-lhe o empréstimo. Por outro lado, o açúcar era tão valorizado quanto as especiarias e ninguém conhecia tão bem quanto o almirante as condições de seu cultivo naquelas terras longínquas. Mauricio poderia confiar a Américo Vespúcio, em troca de uma comissão, o controle das mercadorias que chegassem à Espanha e a tarefa de enviar para Florença as sacas de açúcar a que teria direito. Sentiu como se aquela proposta fosse a maneira pela qual Abraão Abulafia havia decidido ajudá-lo, das alturas, por ter devolvido o anel a seu legítimo dono.

– Trato feito? – perguntou o almirante, oferecendo-lhe a mão.

– Trato feito – respondeu Mauricio, que, entretanto, teve um mau pressentimento quando suas mãos se estreitaram.

Os capitães espanhóis já conheciam a rota marítima para as novas terras e, em breve, Cristóvão Colombo já não seria imprescindível para os reis católicos. Que aconteceria então ao vice-rei das ilhas e terras descobertas? Suas majestades deixariam propriedades tão distantes no domínio daquele personagem orgulhoso e enigmático? Não era improvável, calculou Mauricio,

que em futuro próximo algum porto espanhol visse o grande descobridor voltar acorrentado.

TERCEIRA PARTE

1498

Nada é permanente, exceto a mudança.
(Heráclito)

Florença, 21 de março de 1498

Flávia se ajoelhou para orar numa pequena e solitária capela da igreja de Santa Croce. Agradava-lhe aquela hora da tarde, em que não havia ofícios religiosos nem muita gente. O silêncio lhe permitia refletir sobre aquele dia prenhe de significado. O 21 de março assinalava o início da primavera, um novo ciclo de renovação em que tudo voltava a florescer.

Flávia já era uma mulher de certa idade e não podia ter a pretensão de voltar a ser uma jovencinha, mas tampouco era uma flor murcha. A seu modo, ela também se preparara para o ressurgimento da primavera: penteara para trás o cabelo recém-lavado, delineara os olhos, maquiara o rosto com pós rosados de nácar e vestira uma elegante *cioppa* de cores vivas. Flávia gostava de arrumar-se, pois achava que o aspecto exterior refletia a vida e a história da pessoa. Para ela, a beleza tinha muito a ver com a alma que iluminava os olhos, com os pequenos gestos repetidos durante anos, com aquele halo invisível que ignora a regularidade das modas. A beleza, em seu entender, era também uma postura, uma maneira de encarar a vida...

Perguntou-se por que a Igreja se comprazia em cobrir seus templos com pinturas sobre o martírio e a crucificação. Ela preferia contemplar afrescos como o que cobria a parede direita da capela, no qual são Nicolau de Bari ressuscitava três mancebos injustamente executados. Por isso, a cada primavera, depois de orar e seguindo um ritual inalterável, consagrava uma vela à ressurreição naquela capela edificada pelos Castellani.

Michel Blanch tremeu de emoção ao penetrar no recinto. Quatro mulheres oravam, ajoelhadas em silêncio. Uma delas era Flávia Ginori, a chama que incendiara sua vida com a ferida do amor e cuja recordação sempre o havia acompanhado. Bastou pôr os olhos em sua silhueta de costas para reconhecê-la, mesmo depois de tantos anos. A figura mudara, mas não muito, e o cabelo continuava sedoso, embora sem o brilho de antes. Maravilhado, Michel se sentou atrás dela num velho banco de madeira, contemplou em silêncio seu antigo amor e esperou que terminasse de rezar para ir ao encontro de sua alma, que permanecera em Florença desde o momento em que se vira obrigado a abandonar a cidade com o coração despedaçado.

Flávia se levantou, caminhou lentamente para o altar e ali depositou sua vela da ressurreição. Uma mão masculina acendeu-a antes que ela o fizesse. Ao virar-se para o desconhecido, seu coração quase parou. O jovem trovador, com quem partilhara risos, canções e jogos na vila dos Médicis, em Careggi, tinha voltado para buscá-la naquela pequena capela. Seus olhos se enevoaram de lágrimas, suas pernas fraquejaram e ela pensou que fosse desmaiar. Michel pegou-a pelo braço, amparando-a com sua mão.

Era o mesmo homem alto e elegante, que se impunha pela presença. A densa cabeleira já não era ruiva, mas, sim, branca; a barba, prateada. Os traços de seu rosto ainda transmitiam força e serenidade, a fronte ampla não havia perdido o brilho da inteligência e seus penetrantes olhos azuis continuavam falando de outros mundos.

Naquele momento, nada era menos necessário que as palavras. Saíram juntos da capela e, unidos, percorreram o longo corredor da enorme nave central de Santa Croce, a passo lento e solene. Ambos sabiam que aquele trajeto era sagrado, e a Flávia pareceu que só lhes faltava Deus abençoá-los como marido e mulher.

Florença, 7 de abril de 1498

Tudo passa, tudo muda quando observado por tempo suficiente, ponderou Lorena. Dois anos antes, seu marido agonizava no cárcere sendo torturado enquanto a miséria, como ave de rapina, aguardava o momento de reivindicar sua presa. Na época, Savonarola governava a cidade do púlpito e seu manto negro cobria Florença com trevas mais opacas que a noite.

Em pouco mais de dois anos, as coisas haviam mudado muito. Cristóvão Colombo não se enganara ao garantir a Mauricio que sua participação no negócio do açúcar importado de além-mar era preferível à devolução do empréstimo. Como adoçante, apreciava-se muito mais o açúcar que o mel, e por essa mercadoria escassa pagavam-se preços fabulosos. Sendo assim, os lucros que fluíam para seus cofres superavam as previsões mais otimistas, a ponto de permitir-lhes adquirir a propriedade arrendada de Mauricio Velluti. Nas últimas semanas, um exército de carpinteiros, marmoristas, ourives, marceneiros e pintores se empenhara laboriosamente em restaurar o antigo esplendor do antigo *palazzo*. A barulheira, o pó e a confusão provocada pelos operários tinham sido um grande incômodo, mas agora o frio já não se infiltrava pelas rachaduras da parede, a madeira nobre do piso e do teto brilhava novamente, imaculada, os luxuosos tapetes trazidos de Flandres refletiam o prestígio recuperado da família, e receber visitas em casa voltara a ser motivo de orgulho.

O que jamais Lorena poderia ter imaginado é que o primeiro convidado a desfrutar de tão onerosas reformas seria precisamente seu pai: Michel Blanch

aparecera de surpresa numa bela manhã, adiantando-se a uma carta extraviada em que falava da intenção de visitá-los durante a primavera, mantendo em segredo sua condição de sacerdote. Caso trouxesse seus hábitos, os franciscanos – a ordem a que pertencia –, sem dúvida o obrigariam a ficar em um dos numerosos conventos que possuíam em Florença. Porém, apresentando-se com um nome falso, na qualidade de professor erudito de latim e francês, ninguém se lembraria de investigar seu passado nem se escandalizaria ao vê-lo residir no *palazzo* restaurado como parte de seu salário de tutor das crianças. Longe de causar estranheza, a alta sociedade florentina interpretaria como mais uma demonstração da renovada prosperidade da família o fato de ela incluir entre seus serviços um professor particular.

As aulas, por sua vez, lhe dariam um bom pretexto para conviver com os netos. E Michel não desperdiçara a oportunidade: em poucas semanas, conseguira que seus quatro alunos o adorassem. Lorena acreditava que isso se devia em parte ao instinto mágico graças ao qual o sangue reconhece de onde provém. Porém outra parte do respeito que lhe devotavam não era senão a consequência natural de ser um mestre dedicado, com opiniões tão excelentes que até Lorena se deliciava aprendendo também com seus ensinamentos. Hoje, no entanto, haviam se desentendido pela primeira vez no que dizia respeito à lição do dia. No entender de Lorena, seus filhos deviam aprender que em Florença era tão fácil subir ao cume no dorso da fortuna quanto ser atirado lá de cima, sobretudo se o cume fosse tão alto quanto o alcançado por Savonarola. E para isso nada melhor que contemplar a fogueira do juízo de Deus prestes a ser acesa na praça da Signoria. Michel, ao contrário, achava que não se deviam permitir mortes gratuitas de sacerdotes e que o público, assistindo ao cruel espetáculo, se convertia automaticamente em cúmplice.

Tudo começara sem que ninguém desse a mínima importância ao fato. No auge do poder, Savonarola proclamara no Duomo, diante de uma multidão fervorosa, que, se fosse necessário realizar um milagre, os frades de São Marcos entrariam numa fogueira e dela sairiam sem um único fio de cabelo chamuscado. Ninguém ousara então contradizê-lo, e o frade asceta, embriagado por seu êxito, ousara mesmo desafiar o papa publicamente. Indignado, Alexandre VI o excomungara e advertira os florentinos de que quem acorresse a ouvir seus sermões também seria réu de excomunhão. Os cidadãos de Florença sempre tinham sido piedosos e tementes a Deus, de sorte que, ante o perigo de ver suas almas condenadas às torturas eternas do Averno,

preferiram mudar de paróquia. De nada valeram os protestos do prior de São Marcos, segundo os quais a excomunhão decretada por uma criatura tão depravada quanto o papa Bórgia era a prova mais cabal de sua inocência. Afinal, se a excomunhão fosse válida, penariam no Inferno para sempre. Em contrapartida, se não fossem excomungados, as portas do Céu continuariam abertas de par em par caso ouvissem a missa celebrada por outro sacerdote qualquer. Para um povo de comerciantes como o florentino, acostumado a pôr na balança tanto os lucros quanto os riscos, a questão era de mero senso comum.

Por motivos bem diversos, muitos outros cidadãos se haviam afastado ostensivamente das ideias postuladas por Savonarola. Assim, a maioria dos comerciantes e das famílias principais de Florença achava que o único poder mágico do frade consistira em fazer com que suas bolsas fossem se esvaziando dia a dia, de maneira inexorável. Pisa não conseguira se recuperar; e Florença, que, além de malvista pelo resto das cidades italianas graças a seu apoio ao rei Carlos, não tinha acesso ao mar, se transformara numa cidade empobrecida. Isso talvez não desagradasse a Savonarola, inimigo ferrenho dos luxos supérfluos, mas acabou por tirar-lhe o apoio até do *popolo minuto*. De fato, os preços dos alimentos haviam subido vertiginosamente, e os cidadãos que não haviam feito voto de pobreza não pretendiam passar fome.

Provavelmente por isso, raciocinou Lorena, o prelado de São Marcos se vira obrigado a aceitar o desafio que um monge franciscano lhe lançara publicamente, para imolar-se junto com ele numa fogueira e mostrar ao mundo que não era um profeta, mas, sim, um mentiroso. Num primeiro momento, o prior de São Marcos, de forma inteligente, ignorara o desafio. Porém frei Domenico, menos sagaz que ele, não suportara os gracejos de que era alvo e proclamara, durante um sermão passional, que estavam dispostos a se submeter à prova da fogueira para que as chamas revelassem quem estava certo.

Após tamanha demonstração de fé, Savonarola não podia continuar ignorando o desafio sem perder todo o seu prestígio. Frei Domenico, o homem que atirara a primeira pedra e depois tentara esconder a mão, foi finalmente escolhido por unanimidade entre os monges de São Marcos para sair incólume da fogueira.

Lorena estava certa de que, se as chamas conservassem suas propriedades habituais ao entrar em contato com o corpo de frei Domenico, o próximo a arder seria o prior de São Marcos. Lorena teria gostado que sua mãe assistisse

com ela a tão extraordinário juízo de Deus. Porém Flávia, aproveitando-se do fato de todos os criados terem ido à praça da Signoria, ficara em casa desfrutando da intimidade de Michel Blanch, sem olhos nem ouvidos que pudessem espioná-la.

Ninguém pode se banhar duas vezes no mesmo rio, mas a corrente de amor que ressurgira entre os dois era tão impetuosa quanto a primeira. Com efeito, Flávia irradiava tanta felicidade e beleza que parecia ter rejuvenescido vários anos desde que Michel fora buscá-la na capela onde costumava fazer suas orações. Lorena não ousara perguntar à mãe se mantinham relações carnavais, já que Michel era sacerdote. E justamente essa condição o obrigaria a regressar à França para atender a seus paroquianos, quando a primavera findasse.

O alarido da multidão interrompeu os pensamentos de Lorena. Os franciscanos entravam na praça da Signoria. Deviam ser uns duzentos, trazendo nos rostos a mesma cor cinza de seus hábitos. Encapuzados, foram abrindo caminho em silêncio até chegar à bonita galeria de Lanzi, onde se agruparam embaixo de um dos três belíssimos arcos abobadados, à espera dos rivais.

Os dominicanos de São Marcos não se fizeram esperar. Vinham em procissão, aos pares, acompanhados de grande pompa e alvoroço. Fechando o cortejo, marchavam frei Domenico, erguendo bem alto um crucifixo, e Savonarola, o excomungado, carregando uma hóstia consagrada em franco desafio à autoridade do papa. Seguia-os uma imensa multidão que empunhava velas e tochas, cantando salmos com um ímpeto e uma paixão que a Lorena pareceram verdadeiramente apocalípticos. O rosto de frei Domenico transbordava determinação. A seu lado, Savonarola contemplava ora o céu, ora o povo, exprimindo por meio da linguagem corporal sua ligação privilegiada com as alturas. Lorena notou que na comitiva fervorosa estava Luca, flanqueado pelos filhos. Porém estranhou que com eles não estivesse também sua irmã Maria. Luca não gostava de comparecer a atos públicos sem a esposa, de modo que só um fato extraordinário deveria tê-la dissuadido de acompanhar o marido num dia tão importante. Que seria? Só uma doença repentina ou uma discussão violenta podiam explicar a curiosa ausência de Maria; mas essas duas circunstâncias lhe pareceram tão improváveis quanto Girolamo Savonarola sair triunfante da praça.

O brilho do sol no alto indicou que já era meio-dia, o momento escolhido pelos dominicanos para celebrar uma missa cantada no altar improvisado em

uma parte da galeria que ocupavam. A praça, completamente lotada, guardou um silêncio inquieto enquanto se oficiava a cerimônia. O silêncio, porém, ia se transformando em sussurros e a expectativa, em nervosismo, à medida que, terminando a missa, o dia avançava sem que ninguém desse o primeiro passo em direção à pira.

Os florentinos tinham muita experiência em debater apaixonadamente, durante horas, questões de etiqueta e, diante da perspectiva iminente de serem reduzidos a cinzas, os contendores haviam apelado para o melhor que sabiam fazer: discutir sem chegar a nenhum acordo. Era admissível que frei Domenico entrasse na fogueira sem tirar sua capa de chuva dourada, com a qual oficiara a missa? Poder-se-ia tolerar que levasse consigo um crucifixo? Os franciscanos não queriam que o símbolo de Cristo ardesse na pira, enquanto os dominicanos alegavam que o objeto sairia tão incólume das chamas quanto o frade designado por Savonarola.

Pressionados pela multidão, os religiosos de São Marcos acabaram por ceder em alguns pontos, mas impondo uma condição inaceitável para os antagonistas: frei Domenico não daria um passo sem levar consigo a hóstia consagrada.

A tensão na praça teve sua contrapartida no alto, quando um trovão ecoou pelo espaço. Nuvens negras, impelidas pelo vento, vinham-se acumulando ao longo do dia, como se esperassem ouvir o sinal do céu para descarregar toda a água acumulada. O dilúvio foi tão intenso quanto fulminante. A multidão, completamente encharcada, acalmou-se e compreendeu que o espetáculo havia terminado: nada mais arderia na fogueira. Sem que nenhum sino precisasse avisar, as pessoas foram abandonando o local precipitadamente. Lorena tentou apressar o passo na vã tentativa de evitar o aguaceiro. Estava tão ensopada como se houvesse nadado vestida no rio Arno. A natureza das coisas – pensou ela – era assim. Mesmo que alguém tentasse ir mais depressa, a vida continuava em seu próprio ritmo, indiferente à precipitação dos mortais: quando cabia molhar-se até os ossos, nossa única liberdade consistia na maneira de encarar os elementos. Os filhos de Lorena – mais espertos que ela – caminhavam devagar, demonstrando assim que eram discípulos dignos de seu amado tutor. Lembrou-se de que Michel, com seu tirocínio habitual, propusera um desafio alternativo entre dominicanos e franciscanos: cruzar a nado o rio Arno sem se molhar. A Signoria não quisera ouvir seus conselhos, mas Flávia os ouvira – fizera bem ficando em casa com o amado em vez de encharcar-se para assistir à

pantomima representada na praça. Quando, ao final da primavera, ele regressasse à França, ela sentiria imensamente sua falta. E também Lorena, a não ser que, de algum modo, conseguissem retê-lo em Florença.

Flávia se sentou junto ao amado sob a sombra da amendoeira que refrescava com sua presença centenária o jardim do *palazzo*. Por uma sincronia mágica, lembrou-se ela, a primeira flor de sua árvore predileta se abriu no mesmo dia em que Michel regressara a Florença. Embora se houvessem passado poucas semanas desde sua volta, os ramos da amendoeira já exibiam uma profusão de pétalas brancas e rosadas como um cântico à vida. Flávia julgou ver naquela explosão de cores, que renascia a cada primavera, uma alegoria de seus próprios sentimentos. Como a velha árvore, também ela experimentara um longo inverno de paixões caladas que nunca acreditou que pudessem ressurgir com vitalidade tão transbordante. Muita coisa havia mudado desde seu primeiro encontro com Michel, mas o essencial continuava ali, indiferente à passagem do tempo. Os corpos estavam mais desgastados, mas o invisível era mais diáfano; o inapreensível, mais sólido; e o amor, mais real que qualquer coisa que Flávia pudesse ver, palpar ou escutar. No entanto, no mesmo céu em que ela flutuava com leveza, achava-se a semente de sua futura desgraça. Que aconteceria quando Michel partisse? O mundo se tornaria então muito diferente, pois ela já se havia acostumado a que seu universo cotidiano fosse o dos dois. Perder o que se ama é mais doloroso do que nunca ter amado.

– Que aconteceu? Parece triste – comentou Michel.

– E você? Está feliz?

– Como nunca – respondeu ele, acariciando-lhe a mão. – Minha vida foi cumulada de bênçãos. Seu amor é uma taça repleta de abundância que, em vez de diminuir, aumenta a cada sorvo. E, como se isso não bastasse, convivo diariamente com minha filha e meus netos. Para um homem acostumado à

solidão, que acreditava não ter filhos e renunciara à vida a dois, esta é uma verdadeira dádiva do destino, que lhe abre os olhos para um amor que não conhecia. Ao longo dos anos, servi, ajudei e amei muita gente, mas não houve nada que se possa comparar a isto. Sinto como se parte de meu espírito morasse dentro de Lorena e pedacinhos de nosso ser brilhassem em formas distintas em cada um de nossos netos. Não é incrível que esse maravilhoso prodígio seja fruto de uma loucura de juventude? Certamente, em nosso caso, cumpriu-se o provérbio segundo o qual Deus escreve certo por linhas tortas.

– Talvez então o mais sensato seja não corrigir as obras do Senhor. Não somos acaso uma família que partilha carne, coração e sangue? Não é um milagre que tenhamos conseguido nos reunir outra vez, graças a uma pedra que viajou desde seus ancestrais até as mãos do marido de sua filha, ao longo de séculos, guerras, reinos e perfídias? É bem provável que a vontade de Deus seja que fique em Florença. E se não for, apelarei de sua sentença, pois não posso perdê-lo de novo, Michel. Ninguém percebe o que lhe falta até que o encontre e ninguém valoriza o que tem antes de perdê-lo. Eu já sei o bastante sobre isso, não preciso saber mais. Eu o amo com loucura e preciso de você mais que os paroquianos de Ormolac. O jovem sacerdote de que me falou poderá velar por aquelas almas, embora tenha acabado de sair do seminário. Ao contrário, se você partir, ninguém conseguirá me consolar.

Quando acabou de falar, Flávia compreendeu que, enfim, havia confessado o que tanto a atemorizava. O peso da angústia, depois de aliviado, ficaria mais fácil de suportar. Flávia sabia que estava pedindo muito, mas seu coração não lhe permitia pedir menos, já que a felicidade presente se transformaria em fruto amargo caso não houvesse um amanhã com Michel. Cabia a ele decidir.

– Há dias, venho refletindo em silêncio sobre o rumo que devo tomar e todos os caminhos me levam sempre de volta ao meu coração, que bate forte junto ao seu. É tolice lutar contra a corrente da vida. Durante estes dois últimos anos, saldei minha dívida para com as cavernas de Ormolac. E embora meus paroquianos me esperem, acredito que o novo sacerdote, a quem confiei a paróquia durante a primavera, continuará cuidando bem de minhas ovelhas. O que eu realmente precisava saber era se eu poderia trair os votos que fiz na juventude. Bem sei que muitos cardeais se gabam de ter filhos e fazem pilhérias com seus pecados, porém eu não sou um príncipe da Igreja, e sim um mero soldado de sua infantaria. Assim, para ficar com você, tenho de continuar

escondendo minha condição de sacerdote e renunciar interiormente a meus votos para sempre.

– Tem certeza de que quer dar esse passo? – perguntou Flávia, tomando-lhe a mão com delicadeza e fitando-o com ternura. Não desejava outra coisa, mas temia que Michel tomasse uma decisão da qual pudesse se arrepender depois. Caso subsistisse a sombra de uma dúvida, seu amor poderia tornar-se alvo de recriminações, e a culpa, um juiz implacável com o correr do tempo.

– Absoluta – afirmou Michel. – Temos de aprender com a natureza, que morre e ressuscita, transformando-se incessantemente. O antigo sacerdote deve morrer para que o homem possa viver. Quando os paroquianos de Ormolac constatarem que não voltei, acreditarão que eu morri no caminho; e não se equivocarão, exceto se acharem que tenha sido em consequência dos costumeiros ataques de salteadores. Portanto, os votos jurados por um morto não obrigam em nada um homem novo, nascido hoje. E esse homem que agora lhe fala é também o trovador que a amou desde o princípio e sabe que o único pecado mortal é atraiçoar o coração.

Flávia derramou lágrimas de júbilo e teria abraçado imediatamente Michel se não ouvisse às costas o som de saltos que pisavam a calçada do jardim. Quem podia ser? Todos os criados tinham ido assistir ao juízo de Deus, que certamente ainda não havia acabado. Ela ficou extremamente surpresa quando viu diante de si sua filha Maria, que tinha os olhos avermelhados, o olhar perdido e o rosto abatido.

– Que faz aqui, filha? – correu a perguntar.

– Aconteceu-me uma coisa terrível, mãe, e eu precisava contá-la a alguém.

Um destino cruel esperava pacientemente por Savonarola na mesma praça da qual fugira, molhado até os ossos, no mês anterior. No centro, um patíbulo rodeado de lenha devoraria em minutos os corpos do prior de São Marcos e de seus dois frades mais fiéis.

A Lorena parecia irônico que o mesmo fogo usado por Savonarola para aterrorizar os florentinos e destruir as obras de arte de que não gostava fosse também consumi-lo. A vida – pensou ela – era pródiga em lances simbólicos, como se toda a existência falasse num idioma secreto por meio das coincidências. Assim, no mesmo dia em que Savonarola caíra em desgraça por não ter ocorrido o juízo de Deus, o rei da França morrera ao ser lançado ao solo pelo cavalo, assustado com um trovão. Era como se o Céu houvesse resolvido livrar-se ao mesmo tempo do profeta e de seu braço armado por meio de um trovão cuja voz retumbara na França e em Florença.

A voz de Deus, concluiu Lorena, era tão estrondosa quanto inescrutável, tão silenciosa quanto profusa em interpretações. Por isso, os florentinos confiavam ainda num milagre que salvasse Savonarola e seus dois companheiros da pena capital. Luca e Maria, que Lorena podia ver do outro lado da plataforma circular de madeira sobre a qual se erguia o cadafalso, sem dúvida, faziam parte desse grupo de esperançosos. Maria, obedecendo à moda sóbria que tanto agradava ao prior de São Marcos, cobrira-se da cabeça aos pés com um manto simples de lã cinza. Luca vestia uma túnica preta que Lorena tomou por presságio de um luto prematuro. Seu rosto, ao contrário, apresentava uma excessiva palidez, mais próxima da cor esbranquiçada de um cadáver que do saudável rosado do último bebê concebido por Maria. O

rompimento de relações fora tão longe que Lorena sequer comparecera ao batizado da criança, o que resultara em grande escândalo na sociedade florentina.

A mãe atribuía a si a culpa por essa falta de carinho entre as filhas, mas nem sua amargura nem suas queixas haviam propiciado o menor indício de reaproximação. Postando-se num ponto equidistante entre as duas, que mais tarde poderia servir de traço de união, Flávia tudo fazia para não esboçar nenhum gesto capaz de ser interpretado como favoritismo. Assim, fiel ao próprio estilo, dispusera-se a presenciar a execução de Savonarola em companhia de seu filho Alessandro.

Lorena voltou os olhos novamente para Maria. Estava certa de que algo muito grave acontecera à irmã para ela não ter comparecido no mês anterior ao juízo de Deus com Luca e seus filhos. Sua mãe acabara confessando que sabia o motivo, mas não podia revelá-lo porque prometera sigilo à sua irmã. E Lorena respeitara seu silêncio.

Há silêncios que são outros tantos espaços de paz, filosofou ela, mas a mudez da muralha invisível que a separava da irmã devorava-a por dentro. Tentou fazer contato visual com Maria, mas não conseguiu. Provavelmente, a irmã também a vira do outro lado do patíbulo e resolvera não fitá-la até que um anjo descido do Céu livrasse Savonarola do martírio.

Quem podia continuar acreditando num profeta que renegava as próprias visões? Fora exatamente o que fizera Savonarola ao declarar perante o tabelião que jamais ouvira a voz do Senhor dentro de sua cabeça nem tivera revelações – apenas interpretara os sinais dos tempos segundo seu melhor juízo e expusera-os na forma de profecias para aliciar o povo e poder, assim, implantar mais facilmente na Terra as virtudes celestes. Nele, o desejo de ser admirado e bajulado tinha sido tamanho que a glória do mundo o havia deslumbrado a ponto de cegá-lo. Finalmente, diante do desafio do fogo proposto por Domenico, como não podia se retratar sem perder a honra diante de todos os florentinos, decidira aceitar a aposta na esperança de que os franciscanos, no último momento, recuassem.

Apesar disso, não eram poucos os que consideravam sem validade a confissão de Savonarola, pelo fato de ter sido arrancada a poder de tortura no *strappado*. Um calafrio percorreu a espinha de Lorena ao lembrar os tormentos infligidos por aquele aparelho a seu marido, cujas articulações ainda não haviam sarado por completo. Estava certa de que com semelhante método

de interrogatório, tão persuasivo, ela mesma seria capaz de confessar qualquer coisa. Contudo de um profeta se esperava muito mais que de uma mulher comum.

De qualquer modo, naquele dia, Florença inteira se apinhara na praça pública, tanto detratores quanto defensores apaixonados do monge. A grande maioria dos curiosos achava as execuções públicas um espetáculo irresistível; naquele dia, porém, as pessoas esperavam ver muito mais que corpos em plena agonia.

Lorena constatou logo que a cerimônia fora concebida não apenas para matar os corpos dos três frades, mas também para assassinar seu espírito na memória dos presentes. Na tribuna, viam-se os Oito e os enviados papais, ataviados em toda a sua majestade. Diante deles, os três frades foram despidos de suas vestes uma a uma, enquanto eram degradados verbalmente. Em seguida, lavaram-lhes os rostos e as mãos, para depois cobrir seus corpos com mortalhas de lã remendadas.

– O ritual – disse Mauricio, que estava a seu lado com os filhos – foi meticulosamente estudado com o propósito consciente de roubar aos frades o respeito dos fiéis. Séculos de tradição meteram em nossa cabeça que somos o que vestimos e, privados de suas dignidades eclesiásticas, o povo deixa de vê-los como sacerdotes. Além disso, ao aceitar mansamente o castigo verbal e simbólico, eles se reconhecem culpados. No entanto, Savonarola ainda poderia sair vencedor desse duelo final se sua voz ecoasse novamente, como um trovão, na consciência dos florentinos, já que, no patíbulo, não poderiam submetê-lo a torturas adicionais. Frequentemente, o inimigo mais perigoso é o que não tem nada a perder.

Lorena concordou com seu esposo. Já fazia um bom tempo que ele havia se tornado bem mais observador, talvez para transcrever melhor com a pena aquilo que via, pois adquirira o hábito de escrever diariamente, durante horas, fechado em seu escritório. Em que estaria metido? Teria isso alguma relação com as infindáveis perguntas que lhe fazia sobre seus sentimentos e suas lembranças? Lorena sabia onde ele guardava a chave da caixa em que conservava seus escritos, mas, assim como respeitara o silêncio da mãe, não deixaria de respeitar o do esposo. Surrupiar segredos de um ente querido, como ela fizera no passado algumas vezes, era aceitável quando se tratava de ajudar a pessoa amada e não de satisfazer a curiosidade, esse vício tão feio

quanto sedutor. No entanto não era a curiosidade mórbida por presenciar a execução dos frades o que os levava à praça da Signoria?

O primeiro a desfilar pela rampa da morte foi frei Silvestre. Lorena sentiu pena daquele homem simples e frugal que, se havia cometido algum pecado, fora o de ter sido crédulo demais. Segundo se murmurava, as supostas visões de Savonarola nada mais eram que hábeis interpretações dos sonhos do cândido frei Silvestre. Lorena se perguntou se, em sua última noite, ele sonhara com a própria morte. Essa pergunta, como tantas outras, ficaria sem resposta. As únicas palavras que saíram dos lábios de frei Silvestre foram “Jesus, Jesus”, no momento em que o penduraram ao grande poste em forma de cruz e suas pernas ficaram se agitando no ar. Como a corda em volta de seu pescoço não estava muito apertada, frei Silvestre teve tempo de repetir várias vezes o nome do Salvador antes de dar o último e libertador suspiro. O próximo a ser enforcado foi frei Domenico, mas dessa vez o carrasco executou melhor seu trabalho, abreviando-lhe o suplício e poupando-lhe a longa agonia de frei Silvestre.

Então Savonarola, depois de assistir à morte dos dois companheiros, iniciou sua derradeira caminhada na vida. Subindo a rampa de madeira com os pés descalços, seu olhar percorria as multidões que outrora o haviam aclamado. Buscava o infinito, o lugar misterioso que logo conheceria. Seus lábios, que tinham sido um prodígio de oratória, permaneciam selados. Do meio do povo levantou-se uma voz: “Ó profeta, eis o momento de operar um milagre!”. Savonarola inclinou ligeiramente a cabeça e continuou caminhando, sem se dignar responder à pilhéria. Quando lhe puseram a corda ao pescoço, murmurou algo para si mesmo em voz inaudível, sem olhar para ninguém. Depois aceitou com resignação sua sorte e se encomendou aos bons ofícios do carrasco, que com a prática parecia cada vez mais hábil. Assim, em silêncio, Savonarola se despediu de Florença.

Mauricio estava enganado, pois Savonarola tinha, sim, algo a perder: sua alma imortal. O falso profeta, que desafiara o papa ao chamá-lo de anticristo, acabou por submeter-se à autoridade do pontífice com medo do Inferno.

Lorena olhou disfarçadamente para o local onde antes localizara sua irmã Maria. O primeiro rosto que viu foi o de Luca, que não apresentava um aspecto muito melhor que os dos recém-justiçados. Perdera muito cabelo e as faces lembravam um pergaminho enrugado, onde a boa aparência era só uma reminiscência de outrora. Por intermédio de seu irmão Alessandro, Lorena

sabia que Luca estava muito doente já havia um mês. No princípio, ele sentia apenas alguns leves incômodos que se transformaram em sintomas dos quais nenhum médico soubera encontrar diagnóstico e muito menos remédio. Só a duras penas conseguia falar; uma dor terrível afligia seu organismo e dificultava-lhe enormemente qualquer movimento, o que o obrigava a passar a maior parte do dia na cama, sem se mexer. Embora os serviçais da casa o ajudassem a mudar de posição enquanto jazia no leito, todo o seu corpo estava coberto de escaras. Se a informação de Flávia estivesse correta – e provavelmente estava –, Luca havia feito um esforço que beirava o sobre-humano para ver pela última vez seu idolatrado frei Girolamo Savonarola. Lorena podia compreender a decepção de quem depositara toda a sua fé num profeta que não só fora incapaz de realizar um único milagre como sequer negara as acusações em seus últimos momentos, respondendo apenas com o silêncio. Sem dúvida, não agiria assim um homem convencido de ter se portado corretamente como instrumento da vontade divina. Maria devia ser dessa opinião, pois, tomando delicadamente o braço do marido, cujos olhos desvairados pareciam não acreditar no que viam, sugeriu-lhe que o melhor seria deixarem a praça.

– Já é hora de sairmos daqui também – disse Mauricio, pousando afetuosamente a mão no ombro da esposa.

Sim, tinha razão. Há coisas, pensou Lorena, que nunca deveriam ser vistas, muito embora achasse difícil desviar os olhos dos três corpos supliciados. Lorena se lembrou de que, quando era menina, gostava de observar como as pedras caíam do alto de um precipício. Seres humanos e pedras podiam ser diferentes, porém, quando atirados no vazio, despencavam da mesma forma no fundo do abismo.

Luca sentiu como se um furacão o sugasse para dentro de um túnel escuro, onde se fundia com o nada. Quando acordou, estava em sua cama. Sozinho. Não havia ninguém ali. Custava-lhe muito mover-se e até respirar. Por instantes, receou sufocar, mas um desejo desesperado de viver permitiu-lhe erguer-se o suficiente para sentar-se na cama. Acalmou-se. O ar penetrou novamente em seus pulmões. Tinha sido apenas um sonho. Um sonho ruim em que seu amigo Pietro Manfredi lhe dava as boas-vindas ao Inferno.

Sem dúvida, a estranha moléstia de que padecia era responsável pelos pesadelos constantes. Já fazia semanas que a simples ideia de dormir o angustiava, pois suas noites eram permanentemente povoadas de visões do Averno e de abismos de aflição. Tampouco os dias lhe proporcionavam consolo, posto que às dores físicas se juntava o sofrimento moral de constatar como sua outrora solícita esposa se mostrava fria e distante naquela hora tão amarga. Por quê? Luca o ignorava. Tudo começara a desmoronar na manhã em que Maria, ignorando suas ameaças, correria à casa da mãe em vez de acompanhá-lo à praça da Signoria. No dia seguinte, sentiu-se indisposto, mas não deu a isso muita importância, mal sabendo que era o início de uma descida progressiva e vertiginosa aos infernos. A lancinante enfermidade fora ganhando terreno de maneira inexorável e nenhum médico conseguira aliviá-la.

Luca tossiu, expelindo um líquido viscoso de cor escura. Por que Deus castigava assim um de seus melhores servos? Acaso suas ideias não tinham obedecido sempre às regras mais piedosas? Não fora porventura um pai de

família exemplar? Luca sentiu que o muco continuava invadindo-o, bloqueando-lhe a garganta e tapando qualquer abertura por onde pudesse respirar. Tomado de pânico, saltou da cama e tentou dar alguns passos. Sua cabeça doía muitíssimo, como se ali também estivesse fermentando aquela substância que lhe inundava o peito por dentro. Seu cérebro, incapaz de pensar, se asfixiava.

Antônio, o mordomo, abriu a porta do quarto. Luca sentiu certo alívio. Com náuseas e uma estranha sensação de vazio, esteve a ponto de cair. E, quase sem se dar conta dos próprios movimentos, abraçou-se ao mordomo em busca de apoio. Na sequência, só percebeu então uma cor negra, sem textura, sem sabor e sem som – e Luca Albizzi deixou de existir.

Lorena sentiu como se finas agulhas se cravassem em seu estômago enquanto caminhava lentamente, tentando dissimular o tremor que a dominava. Comparecer ao velório de Luca Albizzi provocava-lhe tamanha apreensão que só a duras penas conseguira reunir coragem suficiente para ir à casa de sua irmã. Na verdade, alegrava-se por Luca Albizzi ter morrido. Por culpa dele haviam torturado Mauricio e as sequelas o acompanhariam pelo resto da vida. Lembrava-se bem de como ele havia tentado possuí-la ameaçando-a com a execução de seu marido. Somente a brilhante intervenção do advogado Antônio Rinuccini e o apoio dos membros da *Calimala* haviam livrado Mauricio de uma falsa acusação de traição. Debaixo da terra, Luca não poderia mais conspirar, e o mundo seria um lugar melhor para todos, exceto, talvez, para a viúva e seus filhos.

Maria demonstrara amá-lo, e provavelmente ele fora, a seu modo, um bom pai. Esses motivos já eram suficientes para que Lorena tentasse consolá-la, pois sabia quão desgraçada ela própria se sentiria caso Mauricio lhe faltasse. Durante o tempo em que seu marido estivera na prisão, imaginara mil vezes essa terrível possibilidade e a simples lembrança do que sentira ainda a deixava angustiada. Por outro lado, Lorena temia que a irmã a censurasse por comparecer ao velório sem seu consentimento e lhe pedisse para deixar aquela cerimônia íntima na qual apenas os entes queridos eram bem-vindos. Essa atitude não seria estranha, levando-se em conta que já fazia muito tempo que não se falavam e que os últimos conflitos tinham feito com que Lorena nem sequer presenciasse o batismo do último filho da irmã.

Lorena estava consciente de que poderiam expulsá-la, mas disposta a ser humilhada publicamente se isso deixasse uma porta aberta à reconciliação. Mauricio, ciente de seu estado de nervos, ajudou-a a entrar na casa, segurando-a galantemente pelo braço. Lorena agradeceu-lhe, já que de outro modo só com muita dificuldade teria conseguido conservar a boa postura. Vários amigos de Luca dirigiram-lhe olhares glaciais, como se recriminassem a presença, ali, de alguém que mantivera tão más relações com o defunto. A tensão era enorme, porém Flávia contornou a embaraçosa situação saudando-a efusivamente e acompanhando-a ao quarto em que Maria estava – sozinha. Lorena achou que a irmã havia preferido resguardar-se por alguns momentos dos convidados para pedir em paz pela alma do falecido e agradeceu a circunstância de aquela intimidade lhe dar oportunidade de conversarem.

– Lamento muito, irmã. Digo isso de coração.

– Ah, o coração! O meu sofre por mais motivos do que você imagina – gemeu Maria. Seu rosto revelava tristeza e cansaço, mas um halo de serenidade o envolvia, apesar das lágrimas.

Surpreendida por essa afirmação tão inesperada, Lorena não soube o que dizer. A irmã continuou:

– Luca escondia segredos diabólicos por trás de sua aparência nobre, e eu vivi enganada até poucas semanas atrás, quando descobri que foi ele o responsável pela falsa denúncia contra Mauricio. E também – acrescentou baixando a voz e desviando o olhar – que submeteu você a uma chantagem sexual. Se não tivesse ouvido essas maldades de sua própria boca, não acreditaria. Acontece que naquela noite Pietro Manfredi e meu falecido marido haviam degustado pela primeira vez um vinho exótico, recém-chegado da Borgonha. Acharam que eu estava dormindo em meus aposentos e nem suspeitaram de que eu pudesse ouvi-los por trás da porta do refeitório. No dia seguinte, não tive forças para acompanhá-lo ao juízo de Deus que seria celebrado na praça da Signoria e fui procurar consolo na casa de nossa mãe.

– Sua irmã – interveio Flávia – proibiu-me de contar-lhe o que me confidenciou naquela manhã.

Lorena refletiu imediatamente o que implicavam aquelas revelações. Venenos podiam ser disfarçados com o sabor das especiarias, e a enfermidade de Luca se manifestara pouco depois do juízo de Deus. Se não conhecesse tão bem a irmã e a mãe, suspeitaria de que uma mão bem próxima podia ter ceifado a vida de Luca; mas aquilo era impensável. A mão vingadora –

concluiu Lorena – fora sem dúvida a do destino, que livrara sua irmã da desventura de continuar vivendo submetida a alguém que só lhe merecia o desprezo. O cadáver de Luca jazia agora no ataúde e não havia mais o que perguntar nem o que responder. Contudo as interrogações sobre o silêncio que Lorena guardara até então exigiam esclarecimentos.

– Perdoe-me, Maria, por não lhe revelar as manobras pérfidas de Luca. Se não lhe disse nada, se nunca lhe falei a respeito, foi por pensar que você não acreditaria em mim e que, contando-lhe tudo, eu só conseguiria piorar a situação. Quanto a você, mãe, eu procurei poupar-lhe sofrimentos desnecessários...

– Agiu com sabedoria, minha irmã – disse Maria, que rompeu a chorar. Seu rosto se inundou de lágrimas e as palavras que balbuciava feriam a alma com mais força que as ondas de um mar furioso. – É muito angustiante constatar que minhas crenças e tudo aquilo por que tanto me esforcei se sustentavam na mentira. Não conhecia o lado sombrio de meu marido e agora sei que as prédicas de Savonarola, ouvidas com fé cega, tinham menos consistência que o vento. Minha vida é, por isso mesmo, uma falsidade, uma espécie de mentira cruel.

Flávia abraçou suas duas filhas, nenhuma das quais conseguia reprimir as lágrimas.

– Nós a amamos, Maria. E isso não é mentira.

– Parece – ponderou Maria – que só o amor é capaz de cruzar desertos sem morrer de sede, tingir-se de sangue sem deixar de ser branco como a neve e sobreviver a todas as mentiras para nos induzir a continuar lutando. Julguei-a com dureza, irmã, e muitas das minhas opiniões estavam erradas. É hora de enterrar o passado. Se eu resisti sem me quebrar em mil pedaços, como um espelho caído ao chão, foi por causa do amor imenso que sinto por meus filhos. No entanto também é uma grande ajuda você ter tido a coragem de vir aqui.

– Neste momento – disse Lorena –, não vejo nesta casa ninguém mais corajosa que você.

Lorena havia presenciado inúmeros milagres em sua vida, mas aquele lhe parecia muito especial. Era como se, de algum modo, o sangue de sua família houvesse permanecido coagulado durante gerações e, naquele instante, se regenerasse para romper a barreira que obstruía seu fluxo. Emocionada, as lágrimas lhe saltaram dos olhos em torrentes.

“A lenha é consumida e também as brasas se apagam. Mas e as cinzas? Que acontece com elas?” – Lorena havia se perguntado, tempos atrás, quando imaginara que a ruptura com sua irmã fosse definitiva. Talvez as cinzas de amor sejam sementes indestrutíveis.

– Talvez amar seja tão simples como aceitar os entes queridos da forma como são, sem pretender modificá-los – afirmou Maria, segurando docemente a mão de sua mãe.

– Estou tão orgulhosa de você, minha filha... Fico muitíssimo feliz ao ver que aceita de coração a verdade sobre nossa família. Eu temi sua reação, porém, quando Michel e eu, após a morte de Luca, decidimos viver juntos; mesmo assim decidi contar-lhe tudo.

Flávia lhe havia confessado sua história com Michel Blanch, lhe havia revelado seu verdadeiro nome, ainda que, a fim de ocultar seu passado e sua condição de sacerdote, Michel houvesse adotado uma nova identidade e o disfarce de um erudito professor de francês chamado Bertran Turlery.

– Fez bem, mãe. Estou farta de mentiras e não suportaria mais uma. Além disso, já começava a suspeitar da verdade. Os olhos de Michel são claros como os de Lorena, a fronte ampla de ambos é muito parecida e ele não consegue disfarçar o afeto que tem por ela e seus filhos. Talvez esteja aí a semente oculta de nossas diferenças, nossos ciúmes e conflitos. Agora, graças a Deus, não temos mais segredos.

Flávia refletiu por um instante, enquanto observava seu gato favorito a brincar no jardim. Maria sempre fora mais inteligente do que demonstrava, pois costumava ocultar seus pensamentos sob o véu do silêncio, embora não lhe escapasse nunca qualquer detalhe, o mínimo que fosse.

– Minha primeira reação foi indignar-me diante da traição sofrida por Francesco, meu pai amoroso e seu fiel marido. Você sabe como eu o admirava e quanto nós éramos unidos. Entretanto os últimos acontecimentos de minha

vida me revelaram como é fácil nos equivocarmos em nossos juízos sobre os outros. Às vezes, o sentido do dever é apenas uma máscara que nos impede de reconhecer a realidade, um falso guia do qual se servem os que são hipócritas para consigo mesmos. acredite-me, sei do que estou falando. Com a influência de Savonarola, eu me sentia tão virtuosa, tão superior a quem não adotava cegamente seus preceitos... Cheguei a chamar metade dos florentinos, minha irmã, de servidores perversos do mal. Porém logo meu pequeno mundo se fez em pedaços e descobri que tudo era mentira... Tudo mudou e já não posso julgar ninguém, muito menos você, minha mãe. Sei que você e Michel se amam com loucura. Ele é um bom homem, e minha irmã, uma pessoa maravilhosa. Já é hora de permitir que os mortos enterrem seus mortos. Uma parte de mim também jaz em suas tumbas. Que descansem em paz, pois a Maria que agora vive não continuará chorando. Este é o momento de começar de novo, mãe. Eu a amo e desejo que seja imensamente feliz.

Flávia rompeu em um pranto que retinha nas profundezas da alma havia muito tempo. Maria e ela se abraçaram com emoção. Aquele abraço selava para sempre o passado e abria a porta de seus corações.

EPÍLOGO

1500-1503

O que é já foi. O que será já é.
(Eclesiastes, 3, 15)

Talvez o tempo seja uma onda que possamos cavalgar.
(Mauricio Coloma)

Florença, 28 de abril de 1500

Mauricio releu suas notas sobre a execução de Savonarola sentado diante da cripta da igreja de San Miniato. Haviam se passado dois anos desde a morte do frade e, finalmente, ele se dava por contente com a descrição registrada nas páginas de seu caderno. Para Mauricio, escrever era às vezes como observar a realidade pelos olhos de outra pessoa; e uma inefável sensação de felicidade o invadia quando julgava ter transcrito fielmente esse olhar diferente do seu.

Havia tantos mundos quantos olhares, e um dos mais originais, mais clarividentes, era o de seu amigo Leonardo da Vinci – um gênio tão extraordinário que conseguira ser reconhecido como profeta até em sua terra. Com efeito, após a queda de seus protetores, os Sforza de Milão, Leonardo havia regressado à sua cidade natal após breve passagem por Mântua e Veneza. Muitos florentinos o consideravam um homem extravagante e caprichoso, mas todos eram unânimes em se orgulhar daquele pintor magistral – consagrado com sua magnífica *Última Ceia* – que voltava a morar em Florença.

Alguns anos antes, Mauricio havia passado muitas horas com o mestre, observando em silêncio as figuras geométricas de San Miniato, a igreja favorita de Leonardo. Em uma ocasião, Leonardo lhe disse com a voz de quem está refletindo, contemplando aquelas imagens circulares que pareciam mover-se como ondas quando se fixava sobre elas o olhar por tempo suficiente: “Sabe, Mauricio? Só é realista quem não descarta o impossível”.

Mauricio alimentava uma ilusão impossível de se realizar. Agora que Leonardo regressara a Florença, tinha uma oportunidade, embora remota, de transformar seu sonhado projeto em realidade. Por que não tentar?

Florença, 1o de maio de 1500

– Não há uma igreja que me agrade tanto quanto a de San Miniato – declarou Leonardo da Vinci ao sair.

Mauricio sorriu enquanto desfrutava do arvoredo e da belíssima vista da cidade que se tinha do terraço sobre o qual fora construída a igreja. Subir até San Miniato exigia ânimo e pés habituados às encostas, pois aquele era um dos diversos montes quase a pique que circundavam Florença. O dia quente teria, sem dúvida, desestimulado muitos caminhantes, mas não seu amigo Leonardo, que gostava de andar e apreciar a natureza.

– Com certeza – comentou Mauricio –, a paz que se respira aqui, longe do barulho da cidade, é extraordinária. Como extraordinários são os traçados geométricos de círculos, quadrados e triângulos que decoram a igreja.

– Você percebeu que tudo ali está disposto de modo a provocar perspectivas óticas vertiginosas? – indagou Leonardo. – Para onde quer que nos voltemos, os olhos se submergem em túneis visuais ou em explosões criadoras que, partindo de um ponto minúsculo, vão se expandindo até o infinito. Não é, inquestionavelmente, obra do acaso, como também não o é o fato de as poucas pinturas cristãs desse templo parecerem, logo à primeira vista, traços alheios à sua verdadeira ornamentação.

Mauricio contemplou Leonardo com profundo respeito. Dezoito anos antes, ele havia deixado Florença como um jovem artista promissor, original e imprevisível, e agora regressava de Milão como um mestre admirado por todos. Já havia perdido a fragrância da juventude, porém ainda era formoso,

alto e bem-proporcionado. Seus cabelos continuavam longos, encaracolados, e ele mantinha o mesmo olhar observador mais próprio das mulheres que dos homens. Os traços de seu rosto haviam amadurecido, conferindo-lhe um aspecto mais viril, realçado também por uma barba cuidada, que era outra das novidades de sua fisionomia. No mais, o estilo das roupas não se distinguia muito do ostentado pelo Leonardo que Mauricio conhecera na época de Lorenzo de Médici: túnica cor-de-rosa do linho mais fino – que agora lhe chegava aos calcanhares, em vez de deter-se à altura dos joelhos –, sapatos do melhor couro de cabra e anéis de jaspe adornando suas mãos.

– Você voltou há pouco tempo para a cidade que o viu crescer – disse Mauricio –, e considero um privilégio poder passar algumas horas a seu lado. Não por acaso, é atualmente uma figura com a qual todos desejam ser vistos. Pouco tempo atrás, porém, quando Girolamo Savonarola dominava Florença, quase todos os que agora o adulam teriam renegado sua amizade. Sabe que os dominicanos de São Marcos confiscaram o esboço a sanguina que você me deu em Milão para queimá-lo na praça da Signoria? Estavam convencidos de que seu ódio à Igreja impregnava o desenho da Virgem das Rochas, embora não pudessem prová-lo. Confesso que senti medo de que me acusassem de apostasia pelo simples fato de ter dependurado essa sua obra em meu escritório.

– E queria saber se minhas pinturas refletem de fato uma visão tão diferente da adotada pela Santa Madre Igreja? – perguntou Leonardo com um sorriso irônico.

– Sem dúvida. Refleti bastante sobre esse quadro e não pude evitar relacioná-lo com certos rumores que circulam sobre você. No entanto, compreendo que prefira não comentar nada. Existem temas sobre os quais é melhor não dizer coisa alguma.

Leonardo riu descontraidamente antes de retomar a palavra.

– Por acaso, acredita nessas maledicências segundo as quais tenho pactos com o diabo e pratico a magia negra? Eu, que como bem sabe sempre ri dos adivinhos, dos curandeiros e dos adeptos das fantasmagorias?

– Não exatamente – defendeu-se Mauricio. – Referia-me ao fato de não ficar bem claro, no quadro, quem é Jesus e quem é São João Batista, uma vez que ambos parecem gêmeos. Conhecendo você e sabendo que sempre desenha São João com o indicador da mão direita erguido, deduzi ser ele quem desempenha o papel principal e que esteja abençoando o menino Jesus, coisa que, convenhamos, não seria nada ortodoxo.

– Sua observação é muito interessante, porém improvável. E se pudesse ser provada, nenhum inquisidor ousaria interferir, pois foi São João quem batizou Jesus no Jordão. Não seria, portanto, nenhuma heresia tê-lo abençoado quando criança.

– Foi o que pensei também – reconheceu Mauricio. – Todavia...

– Todavia – interrompeu Leonardo –, você quer chegar à verdade do assunto em vez de permanecer na soleira como esses valentes monges de São Marcos. Não é assim? Disse antes que existem assuntos sobre os quais é melhor calar. Hoje, porém, abrirei uma exceção. Farei isso por nossa antiga amizade, por nossas conversas iconoclastas com Lorenzo, o Magnífico, e o velho Ficino; por você não ter se deixado arrastar pela febre de virtude de Savonarola, ao contrário do tal Sandro Botticelli e de tantos outros que mudaram de lado como folhas frágeis tangidas pelo vento; e por me agradar o que ouvi de você sobre sua vida. São todas razões suficientes para confiar em você. E a verdade é que nem sempre tenho a oportunidade de falar com franqueza.

Mauricio aguardou ansioso as explicações de Leonardo, que passeou os olhos pelos arvoredos espalhados sobre os montes, como se lhes perguntasse se devia prosseguir ou não.

– Assim como aconteceu com você – continuou Leonardo –, fui educado no catolicismo. Isso é algo que cala bem fundo, filtra-se até os ossos e sempre permanece dentro de nosso ser de uma forma ou de outra. Pois bem, desde muito jovem, descobri que a Igreja dos papas e eu éramos incompatíveis.

– Por quê? – quis saber Mauricio.

– Como não ignora, sou homossexual. Desde que me lembro, tenho fantasias eróticas com homens, e não com mulheres. Não é algo que se escolha nem contra o qual se possa lutar. Obviamente, a princípio, procurei combater esses pensamentos, que me pareciam uma perversão. Mas eu, o grande Leonardo, era incapaz de alcançar semelhante objetivo. Várias vezes mordi o pó, contorcendo-me em desejos impuros. Assim também, quando se represa a água de um rio por trás de um dique muito frágil, a corrente acaba derrubando os muros de contenção com a força irresistível da natureza. Sentia-me culpado, é claro, já que estava traindo Jesus Cristo e condenando minha alma ao Inferno. Mais tarde, quando minha razão se apurou, concluí que não podia existir um deus tão miserável a ponto de atulhar minha alma de desejos incontrolláveis para depois se vingar condenando-me, por toda a eternidade, a suplícios cruéis. Se eu, simples homem, não entregaria ninguém a sofrimentos

eternos, como o faria um deus que, segundo Jesus Cristo, é puro amor? Foi assim que resumi minha primeira dúvida religiosa: a doutrina da Igreja não será incompatível com a mensagem amorosa transmitida por Jesus Cristo?

– Essa pergunta, muitos outros antes de mim também formularam – continuou Leonardo –, cristãos que não acreditam na infalibilidade de papas tão corruptos e depravados como o Bórgia, que ocupa atualmente o trono de São Pedro. Pessoas que avaliam bem o perigo de discordar às claras da doutrina oficial da Igreja. Por isso, há séculos, o culto a São João encerra um segredo, uma forma diferente de abordar o cristianismo. Já se perguntou alguma vez por que os primeiros nove cavaleiros templários foram a Jerusalém e iniciaram sua viagem pelo templo octogonal de Salomão? Nosso batistério aqui em Florença também é octogonal e, não por acaso, foi dedicado a São João Batista. E não lhe diz nada o fato de os templários, presos, terem sido acusados de adorar uma cabeça cortada?

Mauricio conhecia perfeitamente a história de como a cabeça de São João Batista fora decepada de seu tronco por culpa da bela Salomé, embora nunca lhe ocorresse relacionar essa história com a ordem dos templários. Agora se dava conta de que eram nove os cavaleiros fundadores daquela ordem em Jerusalém – e nove os anos que permaneceram na cidade três vezes santa antes de retornar ao continente europeu. Dante Alighieri mostrou-se um aguerrido defensor dos templários e o nove era o seu número favorito por conter três vezes o três.

– A história – Leonardo disse – é um complicado quebra-cabeça que não podemos montar sem unir laboriosamente as peças do presente, mas também as do passado com as do futuro, e vice-versa... Ainda dentro do tema que nos ocupa, basta dizer que, em determinados círculos, a figura de São João foi usada para representar os ensinamentos originais de Jesus da forma como os entenderam os primeiros cristãos. Segundo essa tradição, o importante é comungar realmente com Cristo, buscando em nosso íntimo a sabedoria e o amor, algo que ninguém, nem mesmo o papa de Roma, pode fazer por nós. Muitos desses cristãos equiparavam São João Batista com o outro São João, o evangelista, cujo evangelho é essencialmente gnóstico. Por isso o discípulo amado foi o preferido pelos cátaros, que costumavam carregar seu evangelho num alforje de couro quando viajavam; e por isso também pintei, ao representar a Última Ceia, a cabeça de São João como se tivesse sido cortada pela mão de São Pedro. Desse modo, exponho, graficamente, que a Igreja de

Pedro amputou a cabeça da visão gnóstica de Jesus Cristo, ou seja, a essência de seus ensinamentos. Tudo está bem à vista, mas nada se pode provar, e assim evito o enorme risco de ser acusado de heresia perante a Inquisição.

– São muitos os seguidores de Cristo – ponderou Mauricio – que não reconhecem a autoridade do papa e cuja postura espiritual difere da adotada pela Igreja. O próprio Dante Alighieri, que pertencia aos *fedeli d'amore* e admirava os templários, denunciou o papa como ímpio e a Igreja como corrupta, não hesitando em lançar por escrito suas visões muito pessoais sobre o mistério cristão. Visões tão profundas quanto místicas, tão metafóricas quanto belas. Nesse sentido, poderíamos dizer que ele era gnóstico como os cátaros e... como você?

– Sou gnóstico, digamos assim, na medida em que só acredito nos resultados da experiência. Não me agrada seguir em manada como as ovelhas; eu me identifico mais com o leão solitário que procura reinar sobre seu próprio território. Não é fácil nos separarmos do rebanho, pois o preço a pagar é muito alto: a solidão constante, por mais gente que nos rodeie, e às vezes a ameaça da loucura.

– Posso entender a solidão da águia, mas não me venha falar de loucura. Todos nós sabemos que você tem uma das mentes mais brilhantes do mundo conhecido.

– E se eu lhe dissesse que conheci outros mundos? Você não me chamaria então de louco? Posso ter visto um mundo no qual os homens sulcam os ares em aparelhos voadores, descem ao fundo dos mares em barcos impermeáveis e percorrem a Terra em máquinas automáticas providas de rodas. Não duvidaria então, como eu mesmo já duvidei, de minha sanidade mental?

– Diria antes que teve um sonho incrível, um sonho só ao alcance de um grande criador como você.

– E se a vida for o sonho de uma realidade superior? O que é imaginário, o que é real? O gênio está separado da loucura por uma ponte tão estreita quanto frágil. Pelo que você me contou, sua consciência também pôde contemplar realidades diversas das que experimentamos habitualmente. Muitos místicos, de épocas e lugares distintos, tiveram percepções semelhantes. Em certas ocasiões, a Igreja os reconheceu como santos; em outras, condenou-os alegando que estavam possuídos por forças malignas. Como sempre, caminhamos pelo fio da navalha. Pois bem, no meu caso, consegui vislumbrar o futuro. No princípio, pensei que fossem alucinações de uma imaginação exuberante. Depois, ao

constatar que meu espírito continuava funcionando sem problemas, ponderei que talvez não passassem de visões de um mundo diferente do nosso. Agora, estou convencido de que, às vezes, tenho acesso a imagens do que está por vir. Sei que parece impossível, mas quando elas me assaltam parecem tão reais quanto aquele cipreste que vemos ali ou como aquela cotovia que alça voo neste exato momento. Por isso, ultimamente, perdi o gosto pela pintura, já que minha cabeça ferve com imagens de máquinas portentosas, inventadas pelo homem do futuro. Eu, Leonardo da Vinci, vi essas máquinas. A pergunta é: serei capaz de projetá-las para que funcionem nos tempos atuais? Eis o meu desafio, amigo. Daí que no momento as matemáticas, os parafusos e as porcas me atraíam mais que os pincéis. Poderá haver obra mais excelsa que trazer o futuro para o presente?

Mauricio observou atônito o respeitado mestre. Máquinas voadoras, barcos submersíveis, veículos terrestres movidos sem o uso de animais... Visões do futuro... Mauricio não tivera também sua tresloucada visão do futuro? Não se vira como uma entidade de luz evoluindo no cosmo ao longo de múltiplas experiências? A curiosidade e o fascínio pelas palavras de Leonardo eram mais vigorosos que as restrições da razão.

– Que outras coisas você viu, Leonardo?

– Coisas terríveis, Mauricio. Guerras espantosas em que morriam milhões de pessoas, a mesma intolerância de hoje camuflada com mil disfarces diferentes, angústia, desespero, ódio... Mas também alegria, esperança, amor, tolerância, entusiasmo, sabedoria... Parece que Pico della Mirandola estava certo ao afirmar que, de todas as criaturas, o homem é a única não sujeita a limite algum, sendo assim capaz, segundo sua livre vontade, de subir mais alto que os anjos e de precipitar-se em abismos mais fundos que os habitados por demônios.

Mauricio ponderou as palavras de Leonardo, um gênio da pintura cujo talento inigualável não o impedia de exercer as funções de engenheiro, escultor, músico, coreógrafo, inventor... Sem dúvida, uma montanha cuja altura pairava bem acima dos vales que a rodeavam, mas também um enigma crivado de surpreendentes contradições. Leonardo não comia carne e só vestia roupas de linho porque lhe parecia um crime sacrificar animais. Apesar disso, não pusera objeção alguma a desenhar engenhos de guerra para o duque de Milão. Seria compatível ter escrúpulos em cortar a carne de um animal e, ao

mesmo tempo, ser a cabeça pensante de artefatos concebidos para massacrar seres humanos?

Como se lesse sua mente, Leonardo continuou a refletir em voz alta:

– Observando a mim mesmo, cheguei a uma conclusão um pouco diferente da de Pico della Mirandola. Somos anjos e demônios ao mesmo tempo. Isso está gravado em nossa natureza. Por isso nos comportamos de maneira tão contraditória: nossa carne é um campo de batalha onde se engalfinham os opostos. Sim, eu também sou vítima das maiores contradições e voou por sobre os territórios do Céu e do Inferno com a mesma curiosidade. De manhã, sou anjo, e logo depois, demônio. Seria de estranhar? Adão e Eva, nossos pais, não comeram da árvore do Bem e do Mal? Como então negar nossa natureza se nós descendemos de sua semente? Eu, porém, acredito, como Pico della Mirandola, que podemos transcender nossa natureza dual e chegar a lugares diferentes dos percorridos por anjos e demônios. Nossas próprias dificuldades nos levam a buscar cumes que hoje nem sequer vislumbramos ainda. Sei, por experiência própria, que uma felicidade plácida pode provocar indolência, enquanto os problemas exigem o melhor de nós mesmos e forçam-nos a evoluir.

– Quando leio o Gênesis – continuou Leonardo –, imagino Adão e Eva vivendo uma vida agradável e rotineira, uma vida em que cada dia era igual ao anterior. A serpente pôs fim a tudo isso alimentando-nos com seu veneno. Paradoxalmente, o veneno pode matar ou curar. Só depende da dose. Pois bem, o homem do futuro terá à sua disposição veneno suficiente para aniquilar a espécie toda, mas também conhecimento bastante para transformá-lo no melhor dos remédios. E creio que Deus pensava nessa última possibilidade quando permitiu que a serpente tentasse nossos pais. Desde então, aguarda o dia em que possamos descobrir novos céus voando mais alto que os anjos.

Maurício admirou-se de que, por caminhos distintos, Leonardo e ele houvessem chegado a conclusões semelhantes. Também ele não descobrira que, durante a jornada humana, a consciência superior era capaz de atravessar as águas de que se achava cercada para, à maneira de Colombo, alcançar um mundo novo? E se a rebelião de Lúcifer tivesse sido permitida como parte de uma experiência na qual, nas condições mais adversas, pudessem ser forjados livremente os espíritos mais criativos? Nenhuma dessas questões seria jamais compreendida porque a vida é tão misteriosa quanto a morte. Maurício, porém, queria fazer a Leonardo uma pergunta a que ele poderia responder

com um sim ou com um não. Embora soubesse perfeitamente que, com toda a probabilidade, a resposta seria negativa, ele queria tentar. E se dos lábios de Leonardo saísse um sim?

Florença, 10 de outubro de 1503

É um raro privilégio – disse Mauricio, pondo-se de pé num gesto solene – poder celebrar com vocês o aniversário de nossos primeiros 25 anos de casamento.

O olhar emocionado de Lorena contemplou as expressões das pessoas reunidas em volta da mesa. Mauricio, seu marido; Flávia, sua mãe; Michel, seu pai; Maria, sua única irmã; Cateruccia, a ama que velara por ela desde o berço; e Bruno, que por nada perderia um acontecimento tão especial. Os laços que os uniam eram preciosos, tecidos com o fio invisível da vida, fio aplicado com uma agulha capaz de descosturar e separar para depois unir e consolidar, criando uma trama tecida ao longo do tempo. O resultado era um maravilhoso tapete multicolorido do qual, com imenso orgulho, ela fazia parte.

Lorena sentiu como se também seus filhos estivessem ali, como se suas almas houvessem deixado os quartos onde dormiam para partilhar o gozo daquela reunião familiar enquanto seus corpos repousavam das fatigantes celebrações diurnas. Alessandro, seu irmão, não pudera comparecer por estar em Milão tratando de um negócio importante, e a esposa de Bruno justificara sua ausência alegando o cansaço acumulado durante aquela jornada repleta de bailes, jogos e emoções. Lorena achou agradável encerrar um dia tão extraordinariamente emocionante com uma ceia íntima. De algum modo, sabia que ao redor daquela mesa a vida reunira os convidados certos, os membros que completavam seu círculo fechado.

– Nossa vida – prosseguiu Mauricio – tem sido muito especial. Quando cheguei a Florença, minha aspiração máxima era conquistar fortuna suficiente para me livrar da pobreza. Meu amigo Bruno me fez ver as oportunidades que tínhamos ao alcance da mão e sempre lhe serei grato por isso. No entanto, se não houvesse conhecido Lorena, continuaria sendo um homem pobre mesmo que me tornasse o cidadão mais rico de Florença.

Os olhos de Lorena se encheram de lágrimas ao ouvi-lo. Tinham superado – juntos – tantas provas... Sua louca aventura de amor juvenil, a incompreensão familiar, o medo de ser enclausurada num convento, a perda do primeiro filho, a peste, a falsa acusação de traição, o cárcere, a ameaça de ruína... De todas, haviam saído vencedores e fortalecidos. Juntos descobriram a verdade sobre seu passado e arriscaram-se a viajar para a França levando consigo a lendária esmeralda. Juntos provaram o amor pela primeira vez. Juntos se feriram e, juntos, se curaram. Juntos conceberam quatro filhos maravilhosos. Juntos prosperaram e continuariam prosperando. Lorena estava tão feliz por partilhar tudo aquilo com Mauricio... Rompeu a chorar ao lembrar-se da primeira vez que se banharam na lagoa. Tinham passado por tanta coisa... E, não obstante, tudo já estava contido no primeiro beijo, na promessa de amor que se seguira ao ato de amor...

Mauricio, em pé, apenas podia falar. Os comensais, atentos e de olhos vermelhos, guardavam silêncio, cientes de que aqueles instantes eram sagrados.

– Nunca poderei agradecer-lhe suficientemente a decisão de partilhar sua vida comigo – concluiu Mauricio, dirigindo-se a Lorena –, mas pelo menos tenho a satisfação de entregar-lhe algo realmente único para comemorar nossas bodas de prata.

A porta da sala se abriu, e Carlo, com o auxílio de outro criado, entrou trazendo com o máximo cuidado o que parecia ser uma bandeja envolta em papel de presente bordado com fios de ouro. Lorena olhou para Cateruccia, tentando descobrir por sua expressão o que poderia ser aquilo. Conheciam-se tão bem que um simples olhar quase sempre bastava para lerem o pensamento uma da outra. Seria um bolo com uma frase em letras de caramelo, encimado por duas alianças comemorativas do aniversário? Cateruccia, com os olhos fixos em Carlo, sorria feliz. Lorena se alegrava muito de ela ter encontrado o amor na pessoa de Carlo, o cozinheiro que haviam contratado anos atrás. Um calafrio percorreu seu corpo quando ela se lembrou de que a fiel Cateruccia se

recusara a abandonar a mansão quando Mauricio contraíra a peste. Sem dúvida, naquela família excepcional, o amor era mais forte que o medo.

O rosto de Lorena refletiu assombro quando um terceiro criado armou um cavalete sobre o qual foi depositada a suposta bandeja. Carlo, com uma tesoura, cortou o invólucro do presente. Então os comensais puderam ver uma tela coberta por um pano.

Lorena ficou sem fala quando o marido se levantou da mesa e descobriu a tela, revelando uma pintura que parecia obra de um anjo singular. Pintada a óleo e medindo aproximadamente um metro de altura por meio de largura, era protegida por uma elegante moldura de álamo; os traços magistrais do rosto, bem como o fascinante jogo de luzes e sombras, não davam margem a dúvidas: o autor era Leonardo da Vinci. E como se não bastasse seu marido presenteá-la com a obra de um grande mestre florentino, outra circunstância parecia ainda mais incrível: a mulher retratada era ela própria!

Lorena se levantou e correu a fundir-se com o marido num abraço emocionado, enquanto os presentes aplaudiam e gritavam “vivam os noivos!”, como se aquele fosse o dia de seu casamento. Lorena continuou abraçada ao esposo durante muito tempo, derramando lágrimas de júbilo. Aquela cerimônia era mais autêntica e feliz do que a de sua boda.

Ignorando o protocolo, todos os comensais se levantaram da mesa para abraçá-los, felicitá-los e contemplar em detalhe o quadro magistral.

Lorena se reconheceu nele imediatamente, embora a imagem revelasse um toque raro de atemporalidade. O semblante, contra um fundo de montanhas rochosas, fundia-se com os elementos ao redor de uma forma tão sutil que parecia fazer parte daquela paisagem de sonho. Nenhuma ruga sulcava seu rosto, embora ela já houvesse completado 40 anos no ano anterior. Nisso o mestre se mostrara generoso, pois era impossível determinar a idade da figura analisando sua expressão. Leonardo, fiel ao próprio estilo, tomara inúmeras liberdades ao misturar os pigmentos em sua paleta. Assim, a fronte lisa formava uma curva traçada desde o alto da cabeça por uma cabeleira ondulada e ocre que se refletia perfeitamente na cor das rochas. O artista também obscurecera os olhos e aclarara as sobrancelhas de tal modo que pareciam translúcidas. E que dizer do sorriso delicado que desaparecia quando o observador fixava exclusivamente os lábios, ignorando o resto do rosto? Bem típico de Leonardo, pensou Lorena; em se tratando do mestre, nada era o que parecia, as

interpretações variavam e, no final, tudo dependia do ponto de vista do observador.

Haveria, além disso, melhor maneira de ver que pelos olhos do amor? Havia um quarto de século que partilhavam suas vidas, e Mauricio estava mais apaixonado que nunca, de tal modo que cada detalhe, cada palavra e até cada olhar silencioso eram um cântico ao prazer de estarem juntos. Aquele amor parecia um lago misterioso que se tornara maior e mais profundo dia após dia, abastecido apenas pelo interesse na felicidade mútua. A comunhão íntima que a ligava a Mauricio permitia-lhe adivinhar habitualmente suas reações, de sorte que raras vezes ele conseguia surpreendê-la. Contudo, no dia de suas bodas de prata, Mauricio a encantara com um presente absolutamente inesperado.

– Como é possível que o grande Leonardo da Vinci tenha concordado em me retratar num quadro? – perguntou por fim Lorena, após enxugar as lágrimas de felicidade.

– É sabido – interveio Maria sem ocultar o assombro – que, desde seu regresso a Florença, o mestre mergulhou em complicados estudos de matemática e geometria, pondo de parte os pincéis a ponto de, em dois anos, só ter esboçado a *Virgem e o Menino com Santa Ana*. Nem sequer Isabel d’Este, a poderosa marquesa de Mântua, conseguiu que Leonardo aceitasse imortalizá-la num quadro, apesar de todas as pressões de que foi alvo.

– A verdade é que a sorte se aliou à ousadia para tornar possível este pequeno milagre – explicou Mauricio. – Há três anos, durante um passeio até San Miniato, roguei a Leonardo que, em atenção à nossa velha amizade com Lorenzo, cumprisse sua palavra de pintar um retrato de Lorena. Não me prometeu nada, mas garantiu que pensaria no assunto.

– Lembro-me perfeitamente – acudiu Lorena – de que Leonardo visitou nossa casa e traçou um esboço de meu rosto a carvão, assim como fizera por ocasião de nosso casamento. Senti-me lisonjeada, mas não dei grande importância ao fato, pois ele sempre toma notas do que lhe chama a atenção naqueles cadernos dos quais nunca se separa.

– Pois foi justamente quando a viu que resolveu pintá-la sozinha, sem nenhum acompanhante e sem nenhuma referência temporal ao dia de nosso casamento.

– E por que teria tomado semelhante decisão? – perguntou Lorena.

– O destino, o acaso ou as musas que inspiram os gênios – explicou Mauricio. – Ocorre que ele refletia sobre a natureza do tempo e seus mistérios.

Incapaz de encontrar uma explicação racional para isso, o mestre resolveu deixar-se dominar pelo inefável e exprimir suas intuições por intermédio de um retrato de mulher.

Era uma resposta lisonjeira, mas não explicava por que o pintor mais célebre do momento havia escolhido a ela entre todas as mulheres de Florença. Lorena pensou ter visto um sorriso nos olhos do pai. Michel afirmara, na caverna, que a esmeralda podia ajudar a consciência a viajar ao passado e ao futuro. Se o tempo era a principal preocupação de Leonardo, raciocinou Lorena, nada poderia entusiasamá-lo mais que examinar pessoalmente a esmeralda guardada por Michel Blanch. Será que Michel lhe havia facilitado o acesso à joia com todos os seus mistérios em troca da promessa de pintar o retrato? Essa última possibilidade explicaria melhor que qualquer outra a decisão de Leonardo de atender ao pedido de Mauricio. Lorena olhou de novo para Michel, que sussurrava algo ao ouvido de Flávia com uma expressão divertida. Os dois formavam um casal magnífico, em que a serenidade e a elegância andavam de mãos dadas com a ternura e a cumplicidade. Lorena desejou parecer-se com eles quando completasse outros 25 anos de matrimônio com Mauricio.

– Na verdade, este é o presente mais extraordinário que já vi! – exclamou Maria, com entusiasmo.

Lorena sentia-se grata, sobretudo, pela presença da irmã. Maria era tão generosa que, às vezes, se assemelhava a um anjo alheio à Terra. Qualquer outra mulher jovem e viúva não ficaria à vontade rodeada de casais felizes como os que ali estavam – que constituíam uma lembrança permanente do que ela carecia. A morte de seu marido e a descoberta de suas tenebrosas maquinações eram um peso difícil de tirar dos ombros. Maria havia sido suficientemente humilde para aceitar a verdade e sabia muito bem como continuar entregando seu coração aos demais. Em vários sentidos, era a pessoa mais bondosa e valente que Lorena conhecia.

– Considero um autêntico privilégio – afirmou Maria – pertencer a uma família que tem em seu seio uma pessoa imortalizada pelo próprio Leonardo da Vinci em um de seus quadros.

– E eu considero uma honra – emendou Michel, erguendo a taça com a solenidade de quem exhibia um cálice sagrado – vocês me acolherem como um dos seus. Nunca tive família e não esperava tê-la já no outono da vida. Se é certo que Deus esperou “um pouco” para me proporcionar tamanha felicidade,

também o é que não podia ter escolhido uma família melhor. Quero propor um brinde de agradecimento por terem me acolhido entre vocês com tanto carinho.

– Tê-lo entre nós é uma bênção – assegurou Mauricio em voz bem alta, por entre o retinir dos copos. – Não só compreendo sua emoção como dela partilho plenamente. Sem pais, sem avós nem irmãos apresentei-me em Florença, onde conheci numa loja esta que hoje é minha esposa. Já em nosso primeiro encontro, ela impediu que me ludibriassem. Desde então, salvou-me da peste, da prisão e de mim mesmo, dando-me quatro filhos e uma felicidade que jamais sonhei ser possível. Vocês são hoje minha família, à qual tenho orgulho de pertencer, mas nada disso seria possível sem minha amada Lorena. Por isso quero oferecer-lhe outro presente, mais modesto que o anterior, porém mais pessoal.

Lorena, graças àquela estranha qualidade mágica que cada vez mais fundia os pensamentos de Mauricio com os seus, adivinhou logo o que ele iria lhe dar.

– É o livro que há tempos vem escrevendo? – perguntou emocionada.

– Sim. Queria presenteá-la com algo mais pessoal que esse retrato, cujo valor é inestimável, mas que não deixa de ser uma encomenda realizada por outro. Creio que, de alguma maneira, as duas obras constituem o mesmo presente, pois, embora a de Leonardo seja muito superior à minha, ambas representam um passeio pelo tempo e ostentam o mesmo título.

– Qual é? – perguntou Lorena, ansiosa.

– Seu nome, mas não o escolhido por sua mãe, e sim aquele misterioso pelo qual minha alma reconheceu a sua ao vê-la pela primeira vez.

– E qual é, meu amor, esse nome?

– A Esmeralda Florentina.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



Para receber informações sobre os lançamentos da Editora Jangada, basta
cadastrar-se no site: www.editorajangada.com.br

Para enviar seus comentários sobre este livro, visite o site
www.editorajangada.com.br ou mande um e-mail para
atendimento@editorajangada.com.br

- [1]. “Bolas! Bolas! Bolas!”: referência às bolas do brasão da casa dos Médicis.
- [2]. Na época, o tempo, computado do amanhecer ao ocaso, era dividido em doze horas agrupadas em quatro períodos de três horas cada um (terça, sexta, nona e véspera), que não coincidiam exatamente com as horas concretas por causa das oscilações solares nas diferentes estações.
- [3]. Naquela época, usava-se com frequência a milha de mil passos para medir distâncias. Na sequência, para melhor compreensão do texto, será utilizado o sistema métrico.
- [4]. Tipo de tortura em que o condenado é suspenso pelas mãos amarradas às costas. O peso do corpo acaba deslocando os braços à altura dos ombros. (N. do T.)
- [5]. Veste longa e folgada, com gola grande, muito usada na época pelos florentinos. (N. do T.)
- [6]. “Pai da pátria”, em latim. (N. do T.)
- [7]. Chefe militar, geralmente de tropas mercenárias. (N. do T.)
- [8]. Bairro judeu. (N. do T.)
- [9]. Doce preparado com nata de leite, açúcar, gelatina e canela, servido geralmente com creme de frutas (por exemplo, de *fragole*, “morangos”). (N. do T.)
- [10]. Moeda de prata corrente na península Ibérica entre os séculos XII e XV. (N. do T.)
- [11]. Técnica de amaciar os tecidos de lã. (N. do T.)
- [12]. Em italiano, “porta-bandeira”. Um dos nove cidadãos, eleitos periodicamente, para compor o governo de Florença e que tinha a custódia do estandarte da cidade. (N. do T.)
- [13]. O Estreito de Gibraltar. (N. do T.)

Agustín Bernaldo Palatchi

O ANEL DO MAGNÍFICO



UMA JOIA RARA E MISTERIOSA

UMA SOCIEDADE SECRETA DE FANÁTICOS RELIGIOSOS

UM SEGREDO MILENAR QUE PODE MUDAR O MUNDO,
A VIDA DOS HOMENS E O DESTINO DOS ANJOS


JANGADA